BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

TOMO 6.º 2.ª SERIE

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

LISBOA

MDCCCXC

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1888 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

INTRODUCÇÃO

Vamos começar o XVI anno da publicação do *Boletim* da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Em Portugal é o primeiro no genero, não só em archeologia, como tambem em architectura, contando já muitos annos de duração.

Nos paizes em que a sciencia de archeologia é cultivada e apreciada por grande numero de pessoas que se applicam a estes interessantes estudos, não admira que se conservem e prosperem as publicações d'esta ordem; mas no nosso paiz onde são tão raros os individuos que se dedicam a estas investigações, e onde não se dá a precisa protecção a similhantes trabalhos, sem duvida se reconhecerá ter havido bastante vontade e perseverança para publicar este Boletim com toda a regularidade.

Outras obras scientificas se teem dado á luz com sufficiente protecção do Governo, não só por meio de subsidios pecuniarios, mas imprimindo-se na Imprensa Nacional; porém o nosso Boletim não tem sido favorecido com esses valiosos auxilios, não obstante ser composto em grande formato, e illustrado com photographias de chapa inteira, gravuras de formato grande e estampas. Podemos sem exaggero declarar que nos temos esforçado quanto possivel para dar impulso aos estudos archeologicos entre nós, não obstante serem necessarios grandes sacrificios para se manter esta publicação.

Não nos cega o amor proprio de julgarmos as nossas humildes lucubrações de merecimento egual ao dos trabalhos d'esta natureza que nas outras nações illustradas se publicam; todavia suppômos, que pelo nosso patriotismo e perseverança teremos merecido receber dos nossos benemeritos leitores a sua protecção para progredir este Boletim.

No decurso dos ultimos cinco lustros temos publicado cento e oitenta numeros de formato in-4.º, com 1920 paginas, 36 photographias e 52 gravuras, constando de variados artigos: sobre architectura 194, e sobre archeologia 126. Pode-se avaliar por este resumo a importancia dos assumptos de que nos temos occupado, e a vantagem com que temos conseguido a divulgação de conhecimentos scientificos no nosso paiz. Emquanto ao merito do Boletim, o publico illustrado e imparcial o poderá aquilatar pela sua importancia archeologica e civilisadora.

A Redacção.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MONUMENTOS CELTICOS

Os tumulos celticos. Estes monumentos apresentam na parte externa uma fórma espherica, formando grupos separados uns dos outros em distancias diversas, quasi sempre proximos das estradas que os romanos occuparam depois da sua invasão.

Quando se descobrem esses comoros sepulchraes, ha toda a probabilidade de se encontrar no interior d'elles restos mortaes da primitiva população, que esteve sob o jugo victorioso de Roma, habitando o mesmo paiz, ou fosse por terem occupado já muito antes as suas tribus e ahi collocassem as suas habitações, a posto fixo, e houvessem já arroteado a localidade, ou mesmo sob a protecção romana tivessem recebido terras para as colonisar.

A nympha *Abnoba*, que presidia ás montanhas, onde o Danubio tem a sua nascente, era uma divindade celtica: foi mais tarde confundida com a divindade Diana pelos Romanos. Então os celtas fundavam aldeias n'esses sitios e davam nomes tirados da sua lingua, aos montes, aos rios, ás torrentes proximo das quaes se tinham estabelecido. Os vestigios que d'este povo se tem descoberto, e mesmo em algumas partes conservado na Allemanha, Hespanha e Portugal, não obstante as conquistas dos romanos e as invasões dos barbaros vencedores e dos denominados mouros, existem ainda, posto que tenham já decorrido tantos seculos.

Os nomes das localidades que nos foram transmittidos pelos romanos são de origem celtica; devemos portanto convencer-nos de que os habitantes d'essas aldeias ficaram ahi estacionarios sob o dominio das tribus vencedoras. Os celtas haviam ficado senhores das povoações das quaes Roma por sua vez aproveitou os entrincheiramentos: em redor d'ellas e mui principalmente em torno dos castellos romanos, apparecem grupos mais ou menos consideraveis pertencendo a tumulos e comoros d'esses primitivos habitantes; o que nos explica por que esses sepulchros acompanham em geral na campina a direcção da antiga via romana, que ligava essas povoações entre si e que por tradição, assim como nos antigos documentos, se chamava *estrada pagã*, sendo esta denominação particular para designar as vias romanas em geral. Proximo d'essas povoações, havia sempre o bosque sagrado, no interior do qual os mortos eram enterrados.

Ninguem ignora que nos enterramentos a religião preenchia um importante logar entre os povos da antiguidade. As almas, conforme a crença de todas as tribus celticas, suppunha-se que residiam no seio da divindade, até á epocha da sua regeneração. Era pois debaixo da sombra das arvores, que se praticava o sacrificio aos deuses *Manes* no meio dos circulos que o pontifice traçava para que a terra ficasse purificada pelo fogo, sendo ali successivamente collocados os corpos, até que esse tumulo onde toda a familia dormia o somno eterno, se achasse sufficientemente cheio; então o cobriam com terra, que devia marcar para sempre aquelle logar. D'aqui provém a differença do numero de esqueletos que encerram este genero de sepulturas, em todos os paizes, em todos os sitios, quer proximo dos rios quer nas altas montanhas, ou nas planicies. Nas maiores encontram-se muitas vezes poucos corpos sepultados, emquanto em outras, muito menos consideraveis, encontram-se os corpos até duas ou tres camadas sobrepostas. Collocar esses restos mortaes dentro do circulo, era confial-os á divindade, pois que entre todas as nações do antigo paganismo, o circulo fôra o symbolo da eternidade. Foi d'esta origem que tomou o christianismo o chamar ao caixão em que se enterravam os cadaveres dos christãos, mettel-os *in circulo*, posto que já o costume do circulo estivesse abolido, e os caixões fossem de fórma quadrilonga.

Quando se nota o pequeno intervallo que separa os tumulos deve-se suppôr que em epocha bem remota foram erguidos esses comoros, e que tinha havido outros n'esse intervallo, pertencendo todos sem duvida a uma grande povoação, alguma outra das suas visinhanças, a fim de aproveitar a sombra sagrada mais proxima de algum bosque, quando porventura as terras habitadas fossem alagadiças. Tanto assim é que se encontram alguns sepulchrosinhos rodeados de um simples ou duplo fosso, para evitar que passando todos os annos as aguas por cima lhes tirassem necessariamente uma parte da terra que os cobria. Nas planicies, muitos teem de elevação 4 metros acima do solo, e nas terras humidas a maior parte não teem hoje mais de um metro, não obstante ser quasi de 24 metros o seu diametro.

Estes sepulchros, cuja applicação religiosa não póde ser negada, são quasi todos conformes, no interior, a muitos observados em diversos logares.

Quando o solo era formado de alluvião, e da mesma natureza em todo o gyro do circulo, pelo terreno circumdante, não se fazia necessario, na occasião de construir esses tumulos, peneirar a terra, como se praticava nos logares em que o

terreno era muito pedregoso, com o fim de não apparecer vestigio algum de pedra dentro do recinto reservado ás sepulturas.

Muitas vezes não se encontram signaes da cinza que devia purificar o circuito do sepulchro; devendo-se attribuir a falta d'esta circumstancia essencial á grande humidade que teria o solo, ou talvez ás inundações successivas durante muitos seculos.

Nos terrenos almargeaes de *Schlestadt*, apparecem preparados para receber uma só camada de cadaveres. No centro mesmo do grande circulo encontrou-se um esqueleto de mulher, o qual tinha 1^{m},65. Ao queixo inferior estava encostado um collar de bronze massiço, de feitio o mais elegante, estando n'elle embutidos tres botões de ambar encarnado, collocados no logar da frente. Os dentes tinham conservado o seu esmalte. Dos dois lados da cabeça es achou um pequeno brinco de ouro fabricado em uma chapa curva bambeada e ornada de pequenos pontos regulares. Aos pés do esqueleto appareceram uns bocados de louça de barro branco e friavel, circumstancia commum em quasi todas as sepulturas. Os dois braços, cujas extremidades já não existiam, estavam estendidos á ilharga do corpo. Quando se tirou do seu logar o collar e os ossos pertencentes á cabeça, viu-se distinctamente uma sombra acinzentada que se destacava da côr negra do solo do tumulo; e era indubitavelmente proveniente dos restos da cinza sobre a qual o cadaver fôra depositado: encontrando se aqui o mesmo que se havia observado em outras escavações.

Era pelo sacrificio aos deuses *Manes*, que os funeraes principiavam. Antes de depôr o cadaver, cobria-se o chão da sepultura com cinzas apanhadas no brazeiro sagrado, e sobre essa camada, geralmente mais alta no logar em que devia ficar a cabeça, collocava-se o corpo vestido com os seus habitos. Se era um guerreiro, punham ao lado d'elle as suas armas; se era uma mulher, muitas vezes a sua roca estava junto d'ella; se era um chefe, as cinzas e os ossos calcinados do seu cavallo de batalha, do escravo e do cão fiel que elle mais tinha estimado, estavam depositadas junto d'elle em um vaso no recinto do circulo.

Em outro tumulo proximo d'este foi achado um cadaver deitado sobre o solo; á roda do pescoço do guerreiro, havia uma grande argola de bronze, o que representava entre os celtas um signal de auctoridade e bravura, como o comprovam as suas moedas, tendo numerosas effigies dos seus chefes ornadas por este modo. Ao lado do collar estavam dois alfinetes de bronze, ornados de grandes botões de ambar encarnado, e composto de tres bocados, cuja reunião fórma uma perola ornamentada, da grossura de uma grande noz. Nenhuma arma se descobriu; todavia no sitio em que deveria achar-se a espada, algumas parcellas de ferro oxydado, sem apresentar configuração alguma, fizeram suppôr ser um resto d'aquella arma. Geralmente, tudo aquillo que era de ferro parece ter desapparecido no maior numero de todos estes tumulos. A raridade d'este metal n'essa epocha, o fazia aproveitar para fazerem colchetes, fivellas, viriolas e outros objectos de ornamento.

Em outra sepultura aberta a pouca distancia, encontraram se d'essas viriolas de bronze, *torques*, bem conhecidas, de metal flexivel, porém de uma solidez resistente a todos os accidentes, a que estava exposta a existencia arriscada de um homem d'esses tempos remotos.

N'este mesmo terreno se descobriu uma outra sepultura muito interessante, a qual continha os restos de uma joven, tendo ao pescoço um rodete similhante áquelle com que estava ornado o primeiro de que fallámos, pertencente ao outro esqueleto de mulher. Pela boa conservação dos dentes, assim como pela falta dos dentes supernumerarios e dos dois caninos, não devia ter essa mulher mais de vinte annos. Perto do collar que lhe pertencia, se encontrou um fragmento de um colchete de bronze, destinado a segurar a capa em cima do vestido.

As fivellas ou colchetes eram de duas especies: umas, as maiores, para segurar, fosse a capa, fosse o vestuario de baixo; as outras, mais pequenas e delgadas, e em geral menos ornadas, deviam servir a prender o vestido ao corpo. Encontram-se frequentemente em algumas sepulturas tanto umas como outras. N'esta não se acharam, talvez por ser o vestido de baixo de feitio que não necessitasse d'este genero de joia para o segurar.

N'um comoro que media 22 metros de diametro situado na referida localidade, encontraram-se sete sepulturas e fragmentos de louça de barro. Logo que a terra sobreposta foi retirada, descobriu-se no centro do circulo o primeiro esqueleto; era de um homem, com a estatura de 1^{m},9. A cabeça estava de uma perfeita conservação. As raizes de uma arvore que tinha penetrado na cova circulavam em todos os ossos e os haviam feito estalar em parte. Junto do pescoço appareceu uma fivella guarnecida de um botão de ambar na parte inferior. Era o que devia segurar o habito superior, por baixo do qual havia fluctuado sem duvida a pelle d'urso em cuja capa uma grossa passadeira de marfim escurecido já pelo tempo deveria ter prendido á extremidade.

Aos dois lados do primeiro esqueleto, orientado sul-sudoeste, se encontraram em uma camada mais baixa, duas outras sepulturas, uma das quaes estava orientada ao norte-noroeste, e a outra exactamente ao norte. N'esta ultima apparecia uma parte das tibias, cujas extremidades se achavam escondidas

pelo esqueleto superior. Na da esquerda estaria provavelmente enterrada uma mulher, julgando isso pela belleza das viriolas ou braceletes de bronze que ornavam os seus dous pulsos, e que indicavam na pessoa que os trazia a maior delicadeza de corpo. O braço direito estava estendido, e o esquerdo posto sobre o peito. Á ilharga achou-se um vaso que devia conter a ultima refeição, assim como se encontrou o vaso cinerario, ao pé da bocca; media 26 centimetros. O que havia dentro eram cinzas e ossos calcinados, mas em parcellas tão pequeninas que se não distinguia a sua natureza. Talvez fossem de algum animal; pois a *incineração* do corpo humano não se julga ter sido praticada entre as tribus celticas. Se em uma época mais remota, assim como confirmam as testemunhas da historia, usavam em algum caso particular de reduzir o cadaver a cinzas, quando se procedia aos funeraes de uma pessoa illustre, como já citamos quando se encontrou o cavallo do guerreiro, eram então queimados e encerrados dentro de uma urna os despojos mortaes do escravo immolado, em holocausto, ao lado de seu amo.

Quantas urnas similhantes, cujos ossos decompostos não poderam ser analysados, tem illudido as investigações dos archeologos, muito precipitados no formular o seu conceito, sobre os despojos d'aquelle aos mânes do qual essas cinzas deviam servir de expiação, e de que todo o vestigio havia desapparecido!

O costume de enterrar os mortos com a sua ultima refeição nos é affirmado por grande numero de exemplos. Era posto sobre o solo, sobre uma pequena chapa de bronze, sobre uma esteira ou sobre qualquer outro objecto, o vaso em que traziam a refeição. Umas vezes collocavam-no junto da cabeça do defuncto, outras sobre o proprio cadaver. Ás vezes encontram-se outros vasos, de louça ou bronze, que serviam para as libações.

São estas confrontações que nos podem servir muito melhor para comprovar a communidade d'origem e dos costumes das diversas tribus que nos deixaram as suas sepulturas aonde os celtas haviam collocado as suas habitações. Os dous braceletes que rodeavam os ossos do punho de um dos esqueletos, já citado, e cuja figura caracteristica é tantas vezes reproduzida sobre as moedas celticas, onde parece ter sido collocada como symbolo, ou talisman, são exactamente a reproducção das joias d'este genero; nas outras encontradas em diversos pontos, tanto o peso, como a fórma, e ornatos, tudo é identico; podia-se julgar terem saido todas da mesma matriz.

Têem-se achado moedas celticas d'uma época bastante antiga, muito antes da occupação do territorio pelos romanos: portanto as sepulturas em que essas moedas foram encontradas, e na supposição de que sejam os cadaveres contemporaneos d'essas mesmas moedas, datam de ha mais de 20 seculos.

Se levarmos as nossas pesquisas a outro ponto, veremos confirmado os indicios que nos certificam o uso constante das ceremonias funereas, dos celtas, em todas as tribus disseminadas no nosso continente, sendo religiosamente praticados os preceitos que a sua crença e os usos dos seus antepassados lhes haviam transmittido.

Vejamos o que de curioso se encontrou nos bosques de *Rixheim: Mulhouse.*

Ao sudoeste de *Rixheim* e a oeste de *Zimmershein* existe uma collina coberta de mato, em baixo da qual circula um ramo de uma estrada cortada por uma via romana que se dirigia antigamente a *Epamanduodurum*. Por cima da calçada d'essa estrada, cujos vestigios são visiveis até á proximidade de Brueboch, existia ainda intacto em 1858 um d'esses monumentos funereos dos celtas, alem de muitos outros *tumuli* que se encontram nos arredores.

A collina, no seu estado primitivo, media 30 metros de diametro sobre 4 metros e 35 centimetros de alto; procedendo-se a escavações, os diversos cacos de barro, os ossos e fragmentos de anneis achados em differentes sitios do *tumulo*, deixam evidente que os enterramentos tinham sido feitos em grande numero; todavia encontraram-se duas sepulturas bem conservadas para serem estudadas.

A primeira pertencia a um guerreiro. O seu esqueleto enterrado da parte do norte, era de um corpo de grande estatura e de robusta conformação. Estava deitado, com os olhos voltados para o oriente. Aos pés tinha uma urna, de côr escura, de 80 centimetros de alto e 24 de diametro na parte bojuda. Estava cheia de cinza misturada com terra, e apresentava, na parte externa, signaes visiveis de fogo ao qual estivera exposta. N'esta urna, como no vaso achado no outro *tumulo* de que fizemos a descripção havia tambem encerrada uma pequena gamella, que já não continha os ossos calcinados que se lhe teriam depositado, conforme o uso dos Celtas. Esta pequena gamella media 4 centimetros de alto. Junto do braço esquerdo havia os restos de uma fivella composta de arame grosso de latão enroscado. O corpo tinha sido posto sobre a cinza que apparecia em fórma circular á roda do esqueleto; estando mais amontoada debaixo da cabeça, onde fórmava uma camada alta em cima de uma pedra calcarea, tendo ainda os vestigios de fogo. Uma cousa difficil de explicar, foi achar-se quasi um metro mais fundo e á direita do cadaver a espada, que sem duvida lhe pertencia, e posto

que quebrada em 8 bocados, media ainda assim 90 centimetros de comprido. Sobre a espiga do punho estavam inherentes 3 pregos de cobre para fazer fixo o punho. Na lamina de dous gumes notavam-se alguns bocados de tella saturada d'oxydo com signaes do contacto da madeira que lhe serviu de bainha; sendo esta a primeira espada encontrada n'este sitio.

A segunda sepultura, transversal á primeira, pertencia a uma mulher. Estava deitada na direcção do nordeste, a 67 centimetros sómente do cume do *tumuli*. Esta circumstancia fizera recordar outro achado n'este genero, onde a tinham collocado a alguma distancia do cadaver de um homem, rodeado de vasos que continham os despojos do seu cavallo e do seu escravo e que tinha sido enterrada a 50 centimetros por baixo da relva que cobria o comoro: talvez seria uma mulher que lhe tivesse maior affecto.

Aos pés da defuncta, proximo de uma pedra calcarea de 70 centimetros de comprimento, haviam posto uma pequena urna de barro amarello, de uma fórma elegante, e de 6 centimetros sómente de altura. Descobriu-se sobre o esqueleto um brinco com pingente de bronze, e dous alfinetes de tamanhos differentes; por detraz da cabeça, um pequeno annel do mesmo metal de 9 centimetros de diametro; perto do pescoço estava uma argola destinada a segurar o vestido no braço, cujo fecho era ornado de um botão muito bonito. Uma segunda argola semelhante á outra estava posta junto dos pés. Estas duas joias eram oucas. No lugar da cintura conheciam-se os restos do revestimento em bronze da cintura metalica que apertava o fato, existindo apenas o pé coberto de oxydo. Conforme estas indicações, o vestuario da mulher compunha-se de um vestido que a cintura metalica segurava formando pregas: os braços e as pernas tinham argolas, e por cima d'este habito fluctuava a capa que ficava preza ao hombro pelos dous alfinetes; tal seria a moda das mulheres n'esse tempo remoto.

Outra descoberta feita no bosque de *Brumath*, é de summa importancia, pelo precioso achado em um dos tumulos, que não só é muito interessante pela significação do objecto em si mesmo, como nos vem convencer da remota antiguidade d'ella.

Os comoros funereos do bosque de *Brumath*, o maior dos quaes não tem menos de 36 metros de diametros e 108 metros de circumferencia na base, estão divididos em muitos grupos, bastante approximados uns dos outros, o que indicava terem pertencido á mesma tribu. O perfeito estado da sua conservação externa, que o maior numero apresentava, provém sem duvida de que, estando occultos e esquecidos no antigo bosque sagrado, que servia de necropole, continuaram a ficar protegidos pela sombra de suas arvores seculares, não obstante os multiplicados cortes, que no correr dos seculos ahi se tem praticado.

Muitos pinheiros agitavam a sua sombra melancolica sobre a vertente de dous comoros; o maior media 28 metros de diametro sobre uma altura de 3 metros acima do nivel do solo circumvizinho.

Abriu-se uma trincheira em todo o diametro do monumento, no cimo do qual apparecia uma especie de escavação de alguns metros de circumferencia; o que indicava no interior os vestigios de um monumento sagrado. Na profundidade de 4 metros principiaram a apparecer aqui e acolá parcellas de carvão, e vestigios de cinza no lugar em que se suppunha estar o centro sagrado: profundando-se mais 3 metros, os vestigios de carvão e cinzas augmentaram, estando todo o terreno do centro impregnado. Cavando-se ainda mais 1 metro e 50 centimetros no meio do comoro, ficaram a descoberto algumas parcellas de madeira; posto que desfazendo-se pelo seu estado de podridão, servia para tapar uma superficie de 40 centimetros quadrados sobre uma grande quantidade de cinzas amontoadas; pouco carvão havia misturado.

Examinando-se mais escrupulosamente a madeira, viu-se que a tampa estava unida a um fundo, que na sua origem havia pertencido a um cofre, cujos lados, no correr dos seculos, se tinham desfeito, e a tampa, não tendo os amparos dos lados, descaira até ao fundo do referido cofre, onde a areia humida, tendo penetrado, junto ao oxydo do bronze do objecto que ella continha, as havia soldado uma á outra.

Porém, qual não foi a admiração, quando se conseguiu desunir as duas taboas, encontrando-se entre ellas e no centro escondida uma comprida *kelt*, machado, de bronze e ao lado d'esta arma o cutello sagrado do mesmo metal! O oxydo que cobria este ultimo havia-o corroido, pegando-o á madeira superior e inferior, de maneira a parecer á primeira vista estar mettido em um estojo. O cutello achava-se em tal estado de oxydação que se desfez logo que se lhe tocou.

A *kelt*, assaz bem conservada, posto que bastante oxydada, contém, nas suas duas cavidades, algumas parcellas de madeira em que foi encavada. A parte interior da arma é de $0^m,1$ de comprido sobre $0^m,04$ de largo no seu gume. A cavidade de cada lado é do mesmo comprimento, porém o comprimento total é de $0^m,22$. No montão de cinzas não appareceu osso algum humano, e por conseguinte nenhuma queima de corpos se tinha ali feito, ainda que o solo por baixo mostrasse os signaes de ter havido um fogo violento: assim como de sepultura não appareceu indicio algum. Verificou-se terem servido

as cinzas e os carvões para serem espalhados em circulo no montão principal, e que á roda do recinto um circulo sagrado tinha sido traçado, sem duvida com esses restos: portanto era de suppôr que os mortos fossem enterrados no espaço comprehendido entre o circulo mais interno e o outro exterior; mas nenhum vestigio se encontrou, a não ser um pó esbranquiçado; talvez nos 20 seculos calculados terem já decorrido de existencia d'estes vastos monumentos funerarios teria o solo decomposto os corpos a ponto de deixar unicamente esse indicio no pó impalpavel! A acção destruidora da areia sobre os ossos dá logar a se presumir isso mesmo.

Uma importante questão, entretanto, parece ficar decidida por causa d'esta interessante descoberta, que vem tirar a duvida sobre o uso das cunhas de bronze nas ceremonias funebres do culto celtico. Muito embora houvesse tambem machados d'este mesmo genero para a guerra, todavia achou-se aquella de que tratamos enterrada no mesmo logar onde se fez o sacrificio juntamente com o cutello sagrado, o que indica ser na verdade um attributo do pontifice. Quando o fogo tivesse consumido tudo, as cinzas e o carvão preparado para deitar no cofre de carvalho em que estavam depositados estes dois instrumentos sagrados, seriam então collocados em cima, como uma oblação feita aos deuses *Manes*. Dado que o pontifice descance ali debaixo d'esta collina, deve-se acreditar serem esses dois instrumentos, n'este caso, pertencentes ao culto. O cabo que teria o *kelt* devia ser muito curto, para poder entrar dentro do cofre, e como esse instrumento se achou posto mesmo no meio do cofre, por esse motivo o cabo não podia ter mais de $0^{m},2$ de comprido, visto que o cofre na sua largura em quadrado era só de $0^{m},4$: finalmente, a fórma da cunha, a sua muito pequena fórma e a maneira como seria encavada provam com toda a evidencia não ter podido servir de arma de guerra.

(Conclue). POSSIDONIO DA SILVA.

Reproduzimos a carta que no jornal *Commercio de Portugal* foi publicada em julho d'este anno, não sómente para advogarmos o dever que tem um paiz civilisado de curar da conservação das remotas antiguidades descobertas no solo nacional, como para offerecermos nova occasião aos leitores do *Boletim* de admirarem o talento e o saber de um erudito archeologo, lendo a instructiva narração historica das vicissitudes por que tem passado o territorio da nossa nação.

Tinhamos tambem por dever, o tornar mais uma vez conhecido dos nossos consocios o quanto se interessa o sr. Vilhena Barbosa pelos estudos archeologicos da sua patria, e egualmente manifestar quanto os associados da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, sempre com acrisolado patriotismo, velam pela manutenção d'essas reliquias das antigas épocas, tanto para o estudo da sciencia como para a dignidade nacional.

O distincto director do referido jornal o sr. João Chrysostomo Melicio tambem um dos mais illustrados consocios, ergue a sua voz auctorisada para apoiar a solicitação do signatario da referida carta com a convicção da necessidade de não se menospresarem os valiosos vestigios dos povos que tiveram dominio em Portugal. Os nobres sentimentos que movem a este procedimento de tão elevado alcance, não precisamos de os exaltar; os leitores saberão avalial-os pelo que merecem.

A REDACÇÃO.

DECORO NACIONAL

Ao sr. ministro das obras publicas

«Da melhor vontade juntamos a nossa fraca vóz ao caloroso e energico appello, que o nosso illustre e respeitabilissimo amigo o sr. Vilhena Barbosa dirige ao sr. ministro das obras publicas, a proposito do desacato publico de que estão ameaçadas as valiosas reliquias da civilisação romana nas ruinas da antiga Nabancia, descobertas pelo zelo incansavel do sr. commendador Possidonio da Silva, quando intelligentemente procedeu a excavações em Thomar, no sitio que lhe pareceu mais adequado para as suas investigações.

«O que está feito é muito, o que está descoberto é importante; pois todo o trabalho será perdido e passar-se-ha no nosso paiz um facto devidamente classificado na eloquente carta do sr. Vilhena Barbosa, que vamos em seguida publicar, se o sr. ministro das obras publicas não attender ás judiciosas e patrioticas instancias do erudito e honrado archeologo.

«Isto porém, não esperamos, porque fazemos justiça á intelligencia do sr. conselheiro Emygdio Navarro e pela consideração que de certo lhe merece o nome auctorisado e venerado do signatario da carta a que alludimos e que vae honrar as columnas do nosso modesto diario.

«E como se segue:

«Prezadissimo amigo. — Permitta-me que chame a attenção de v. ex.ª, e peça o seu auxilio a bem de uma causa de interesse publico e de decoro nacional.

«Uma das cidades romanas da antiga Lusitania mais importantes e de maior vastidão chamava-se Nabancia, e estava situada a 1 kilometro E. do rio Nabão, defronte, e a 2 kilometros da cidade, comparativamente moderna, de Thomar.

«Como tem acontecido a todas as outras cidades romanas, que floresceram em o nosso paiz, Nabancia foi perdendo, no correr dos seculos, depois de

arruinada e despovoada, quasi todos os vestigios da sua existencia.

«As povoações, que vieram estabelecer-se nas visinhanças da cidade assolada e derrocada pelas nações septentrionaes, destruidoras do imperio dos Cesares, foram aproveitando para as suas edificações os materiaes da desmoronada Nabancia, até ao ponto de ser convertido em searas o terreno, onde outr'ora campeára aquelle importante centro de civilisação romana.

«Lembrou-se, ha uns seis annos, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, archeologo intelligente e infatigavel investigador de antiguidades patrias, de fazer algumas diligencias para levantar um canto da mortalha, que occultava Nabancia á vista dos amadores da archeologia portugueza. Mandou, pois, fazer escavações em differentes logares, onde lhe pareceu mais conveniente, ou onde mais se facilitavam os trabalhos de investigação.

«Não se demoraram os resultados a corresponderem á espectativa. Foram descobertos não só claros vestigios de grandes edificios, e de encanamentos, mas tambem obras d'arte, que evidenciavam a existencia de construcções grandiosas, principalmente em mosaico de muita belleza e amplidão, perfeitamente conservados.

«Animado com estes auspiciosos descobrimentos, o sr. Silva representou ao governo, demonstrando o muito que havia a esperar, attentos os descobrimentos realisados, de escavações bem dirigidas, e executadas em mais larga escala, e pedindo-lhe que quizesse tomar a si essa empreza, fornecendo-lhe os meios para levar por diante os trabalhos, apenas encetados.

«O sr. ministro das obras publicas, compenetrando-se das rasões expostas, annuiu promptamente, e o sr. Silva, assim auctorisado, depois de obter do proprietario do terreno a necessaria permissão para dar começo a trabalhos regulares, e seguidos sem interrupção, que forçosamente obstariam á cultura do terreno, iniciou as novas escavações com fervor e actividade, compromettendo-se a alcançar do governo uma indemnisação para o referido proprietario pelos lucros cessantes.

«Ao cabo de tres annos de trabalhos de exploração dirigidos intelligentemente com bom methodo, e cuidado, para que não se destruisse os objectos achados, ficaram a descoberto, em uma superficie de uns quatro mil metros quadrados, pertencentes a duas propriedades: differentes ruas calçadas, uma estrada, uma grande praça, que se presume que seria a que os romanos denominavam o *Forum;* os restos de um edificio sumptuoso, mosaico, em excellente estado de conservação, e com mais de cinco metros de diametro, edificio que parece que seria o tribunal de justiça, pois que deixa ver o logar circular reservado para os juizes; os vestigios de um portico, decorado com dezoito columnas, que orlam tres lados de uma praça; um pedestal, que se julga ter servido de base a alguma estatua; um *balneum* (casa de banho), os restos de numerosos edificios de habitação particular, pela maior parte contendo lindos mosaicos; muitas columnas, bases e capiteis; a mão direita de uma estatua de bronze; grande quantidade de medalhas de differentes imperadores romanos; extensos canos de esgoto nas ruas, os quaes, depois de desobstruidos, se reconheceu, que iam desaguar no Nabão; moinhos de mão; muitos pedaços de amphoras, de vasos de vidro, de tijolos e diversidade de outros objectos.

«Todos estes descobrimentos, feitos em um pedaço de terreno, que não obstante a extensão, que acima indicámos, é pequeno em relação á area, que se presume, com plausivel fundamento, que a cidade de Nabancia occupava, são promettedores, certamente, de mais rica e abundante colheita nas futuras explorações.

«Infelizmente pararam os trabalhos, quando tanto havia a esperar da sua continuação para a historia da Lusitania, para a sciencia archeologica, e para o engrandecimento do museu nacional de bellas artes.

«Resolvido o governo a emprehender excavações n'aquelle logar, e vendo que estas começavam a descobrir os vestigios de Nabancia, de cuja existencia e importancia havia testemunhos claros e irrecusaveis, deveria ir fazendo acquisição dos terrenos, onde se executavam as explorações. Não o fez; mas annuindo á justa reclamação do proprietario do terreno, impedido de ser cultivado, concedeu-lhe uma indemnisação, relativa ao primeiro anno dos trabalhos de exploração.

«O proseguimento dos mesmos trabalhos nos dois annos seguintes inutilisou para a lavoura, não só aquelles terrenos já mencionados, mas tambem outros, de extensão dez vezes maior.

«Pediram indemnisação os proprietarios, mas foi em vão que a solicitaram, relativamente aos annos em que se executaram os trabalhos de exploração, e ao longo tempo decorrido depois de terem parado.

«Vendo assim desattendidas as suas justas reclamações, os proprietarios ameaçam destruir todos os restos da antiquissima Nabancia, até agora descobertos, para restituirem os terrenos ao seu anterior estado de cultura.

«Tem obstado até agora a que pratiquem um tal acto de devastação o sr. Possidonio da Silva, fazendo-lhes ver que o governo não póde deixar de respeitar os direitos de propriedade, indemnisando-os de todos os prejuizos. Porém, o tempo corre; e se o governo não toma uma prompta resolução, veremos commetter-se em o nosso paiz, que tanto se esforça

por progredir, e tomar logar honorifico no convivio das nações mais cultas, veremos commetter, repito, um acto de vandalismo, que nos envergonhará aos olhos do mundo civilisado.

«Os romanos deixaram assignalado o seu dominio na Luzitania, e bem commemorada a sua brilhante civilisação, com cidades florescentes, com monumentos artisticos, com obras grandiosas de utilidade publica, magnificas vias militares, templos sumptuosos, theatros, circos, etc., e outros padrões da sua poderosa iniciativa, e esclarecida organisação social.

«A sanha brutal dos povos septentrionaes que derrocaram o imperio romano, no seculo v da era christã; e depois o odio figadal dos musulmanos contra os campeões da Cruz, na sua invasão e conquista da Peninsula Iberica, nos principios do seculo viii, varreram toda a Luzitania com facho assolador, incendiando numerosas povoações, e lançando por terra os monumentos.

«Quando se viram senhores pacificos do paiz conquistado, fizeram como os visigodos, tres seculos antes, começaram a fundar novas povoações, a reconstruir algumas das antigas, e a levantar fortalezas com os materiaes das cidades e dos monumentos arrasados.

«Vencidos, a seu turno, mais tarde, e expulsos dos territorios, com os quaes os nossos primeiros reis foram constituindo o reino de Portugal, os portuguezes victoriosos seguiram o exemplo dos seus adversarios, no furor contra os padrões, que recordavam o dominio dos sectarios do alcorão, e no aproveitamento dos materiaes d'esses padrões, e do que restava ainda de pé das derrocadas cidades romanas, para as suas novas construcções.

«Foi dest'arte que desappareceram os vestigios da Olysipo, de Colipo, de Conimbrica, de Braccara Augusta, de Salacia Imperatoria, de Presidium Julium, de Pax Julia, de Lacobrica, e de tantas outras cidades romanas importantes. Se algumas d'essas antiguidades tem escapado á devastação incessante dos demolidores, continuada até ao presente, é porque o pó e as terras, levantadas pelas tempestades e arrastadas pelas torrentes pluviaes, no correr dos seculos, se foram amontoando sobre essas preciosas reliquias de extinctas grandezas, até as occultarem inteiramente ás vistas cubiçosas dos demolidores, tão implacaveis como ignorantes. Foi por este modo que se tem salvado de completa destruição os restos de Nabancia, de Celobrica (em frente de Setubal), de Lacobrica, e sabe Deus de quantas mais.

«Não fallâmos de Ebora, porque tem conservado monumentos; por circumstancias especiaes, que attestam a sua importancia e florescencia sobre o dominio romano.

«Os cippos e outras inscripções lapidares, que são documentos da existencia das cidades romanas da Luzitania, e os objectos de arte esculptural em marmore, bronze, ouro e prata, e as medalhas da mesma época, que ainda existem em collecções archeologicas do estado, e do paço da Ajuda, ou em poder de particulares, e muitas outras que teem sido desfeitas pelos ourives, ou levadas para fóra do paiz, todas foram descobertas em escavações casuaes.

«Pois se censuramos com tanta justiça as gerações, que nos precederam, por terem destruido, ou deixado que fossem soterradas as interessantes e nobilissimas ossadas de cidades, que floreceram em o nosso paiz, em tão remota antiguidade, e sob o influxo da mais completa e esplendida civilisação, de que ha memoria nos archivos da historia; se condemnamos como barbaros e selvagens os assoladores d'aquellas testemunhas, eloquentissimas na sua mudez, de um passado tão glorioso, o que dirão de nós os estrangeiros, se o governo consentir, que seja destruida, em 1888, a parte descoberta de Nabancia, á custa, não só de muitos e penosos trabalhos, mas tambem de alguns contos de réis do thesouro do estado?

«Portugal está hoje, felizmente, em muita mais evidencia, que outr'ora, aos olhos da Europa, e a noticia circumstanciada do descobrimento d'essa cidade romana foi apresentada, e recebida com satisfação e applauso no seio de algumas associações scientificas da Europa, sobretudo da França, de entre as quaes citarei a «Associação Franceza para o adiantamento das sciencias», que se apressou a dar publicidade á noticia no seu jornal.

«Ha bastantes mezes, que o governo tem todas as suas attenções, cuidados e esforços absorvidos por negocios e medidas importantes do estado nos differentes ramos da administração publica, e nas discussões das duas casas do parlamento. É de esperar da illustração e patriotismo do sr. ministro das obras publicas, que tendo mais tempo á sua disposição, depois de encerradas as camaras, attenda á conservação dos restos de Nabancia, satisfazendo aos proprietarios dos terrenos a justa indemnisação, que pedem, a não se resolver, como seria mais util e economico, expropriar todo o terreno, que serve de mortalha áquella cidade romana, afim de se proseguir pouco a pouco, nos trabalhos de exploração.

«Se v. ex.ª, que tão dedicado a é tudo quanto interessa á gloria, á honra, e aos progressos da nossa querida patria, julgar o assumpto merecedor da consideração, que lhe attribuo, e se lhe parecerem rasoaveis as observações e alvitres, que a esse respeito aqui tenho exposto, rogo-lhe que, a seu turno, exponha e advogue, com a sua palavra auctorisada, no jornal, que tanto se tem elevado no conceito publico, sob a sua direcção illustradissima, a causa

de que me tenho occupado, e que se me antolha, não só importante, mas até transcendente, pois que considero envolvidos n'ella actos de moralidade publica, de boa administração, e de decoro nacional.

«Creia-me invariavelmente

«De v., ex.ª etc.

«Lisboa, 14 de Julho de 1888.

«Ignacio de Vilhena Barbosa.»

ANTIGUIDADES ROMANAS DO TERMO DE CINTRA

Damos publicidade a outra memoria archeologica inedita ácerca das antiguidades romanas que existem no concelho de Cintra, colligidas pelo antigo prior da freguezia de S. Martinho d'aquella villa o Padre Antonio Gomes Barreto que havia escripto e offerecido esta noticia a El-Rei o Senhor D. Fernando, em 1836, quando Sua Magestade adquiriu o castello dos Mouros.

N'essa época já o visconde de Juromenha tinha publicado uma interessante descripção a respeito d'esta encantadora localidade, e tambem dava informações historicas de merecimento; mais tarde, o Par do Reino, Sebastião Xavier Botelho, offereceu a Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II uma memoria mais circumstanciada da referida villa; memoria que Sua Magestade havia dado ao Sr. Possidonio da Silva para ler. Na presente memoria do padre Barreto, propunha elle ao Senhor D. Fernando uma util providencia, que infelizmente não se realisou; pois teria sido de subido alcance para se conservarem aquellas remotas antiguidades e muito convinha aos estudos archeologicos do nosso paiz.

Sendo tão raras as descripções archeologicas das differentes terras de Portugal, a circumstancia especial de ter sido *expressamente* redigida para ser offerecida ao saudoso Principe tão amador d'estes estudos, fará com que esta publicação desperte algum interesse aos leitores d'este *Boletim*.

A Redacção.

Senhor.

«Se attendera ao limitado circulo de minhas ideas, e á falta que ha de elementos, para poder fallar ácerca da origem e fundação do Castello d'esta villa de Cintra, e d'outros muitos Monumentos antigos que se achão n'ella, e seu termo, devia na prezença de um Monarcha tão sabio, e intelligente como Vossa Magestade, calar-me sobre materia tão obscura e delicada: porem, Senhor, sabendo o gosto que Vossa Magestade tem pelas antiguidades d'esta notavel villa, e julgando-me na rigoroza obrigação de dar conta dos trabalhos e indagações que sobre este objecto tenho feito, eu vou como prometti, aprezentar a Vossa Magestade esta pequena Memoria sobre o Castello, Monumentos, Lapides e Inscripções antigas que se encontrão por esta villa e seu termo, emittindo sobre cada um d'elles minha fraca opinião, e intelligencia. Vossa Magestade, ao prezente Senhor do Castello d'esta villa, um dos mais importantes Monumentos de Cintra, poderá n'elle reunir uma rica e curiosa collecção d'estes diversos Monumentos e Lapides, se os mandar ajuntar, e fazer d'elles um deposito em fórma de Cemiterio Romano, ou debaixo de qualquer outra delineação conforme o gosto e vontade de Vossa Magestade. Esta obra de si tão facil, será um embellezamento de gosto original e novo, e certamente o unico proprio d'aquellas veneradas ruinas, onde tudo deve estar em harmonia, e fazer sentir o respeitozo sentimento da antiguidade.

«Se pois, Senhor, este meu pequeno trabalho, e esta lembrança que acabo de referir merecer a alta e elevada consideração de Vossa Magestade, ficará d'elles bem recompensado.

«De Vossa Magestade

«O mais humilde e reverente

O Padre Antonio Gomes Barreto.»

Primeiro Monumento de Cintra

O CASTELLO

«He bem sabido que Cintra he uma das Villas a mais antiga e notavel de Portugal, e que foi occupada pelos Carthaginezes, Romanos, Godos e Mouros, bem como o resto da Luzitania. N'ella existe grande numero de Monumentos que bem atestão a dominação, e assistencia que alguns d'estes povos por aqui tiverão, e estas testemunhas vivas depois de tantos seculos, são os inapreciaveis documentos de sua importancia e antiguidade, e os ricos thezouros que hoje tanto a enobrecem. Entre estes o que mais se avantaja e dá na vista do observador curiozo que vezitar estes amenos e pitoresco logares, he o seu antigo Castello; esta magestoza obra fundada sobre o cume da aspera e alcantilada Serra que fica sobranceira á Villa, tendo tantos seculos de existencia, atravessando as revoluções dos tempos e a barbaridade dos homens, ainda hoje com ufania mostra a grandeza e solidez de suas ruinas.

«Não será facil o decedir qual d'estes povos construiria este espaçozo Castello, pois nem se encontra documento algum que descubra sua origem, nem sabemos que os historeadores tratem d'esta materia. A tradição que só póde ser nossa guia, diz ter sido feito pelos Mouros, talvez fundada em

alguns vestigios de lettras arabes, e emblemas ao Sol, Lua e Estrellas, que ainda se observão nas paredes de hum pequeno Templo de que parte existe em pé, ou porque estes forão os ultimos que d'alli forão expulsos. Entretanto se a tradição só he fundada em taes argumentos ainda póde ser falaz, porque estas pinturas podião ter sido posteriores á sua edifficação, e porque os Mouros invadindo a Luzitania de necessidade devião estabelecer-se em todos os pontos fortes e occupar os que já achassem fortificados, como fazem todos os Conquistadores. Alem d'isto o Templo não tem figura de Mesquita, nem as fórmas d'Archítetura arabe, constante, e uniforme entre este povo, não tem Minarete, genero de Torre espiral com galarias exteriores d'onde os Muezlins, ou Ismans, invitão todas as quatro horas, os Crentes a cantar hymnos em honra do Propheta, o que tudo nos persoade que não só a Igreja como tambem o Castello são obras anteriores á occupação da Luzitania pelos Mouros. Julgamos portanto que o Templo he o mesmo que Druso Valerio Celiano e outros dedicarão ao Sol e Lua pela eternidade do Imperio Romano, e saude dos Imperadores Cezar Septimo Severo Augusto Pio, e de seu filho Cezar Mario, Aurelio Antonino, Augusto Pio e tambem de Julia Augusta mãi de Cesar o qual Rezende, Morales, e outros antiquarios colocão junto do Cabo da Roca, e logar d'Almoçageme, e que o Castello ou he obra Romana, ou fundado pelos Lusitanos para se deffenderem das frequentes invazões que soffrião. O certo he que esta grande obra ou seja Romana, Goda ou Arabe tem merecido a attenção geral de todo o homem de gosto já pela sua antiguidade e pozição, como pela solidêz e originalidade de seus edifficios.

«No archivo da Camera d'esta Villa, onde esperavamos achár alguma noticia sobre este importante Castello, e sua magnifica Cisterna e Mesquita, apenas encontramos duas Provizões antigas que fallão n'elle, huma parece ser do Sr. D. João II, e ordena que a Camera tape as portas da Igreja do Castello, para que os Judeos, então mandados para ali, não façam n'ella alguma couza que não seja do agrado de Deos, e a outra he da Rainha prohibindo como alta Donataria que elles sahião do Castello, e trazitem por esta Villa. Este primeiro documento como nos pareça curiozo, aqui o transcrevemos.

«*El Rey Judeos Castello*»

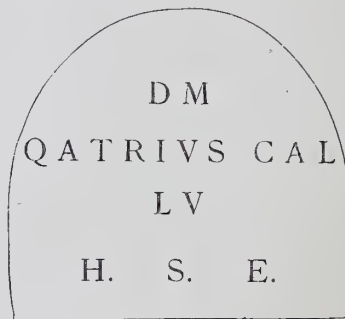
«*Juizes nofficiaees e homees boos. Nos El Rey*»
«*vos envieamos muyto SSaudar vy a voosa Carta*»
«*que nos emviastes por aqual nos fazeis SSaber*»
«*o dapñuo que poderia vir nessa Villa por man-*»
«*darmos estar os Judeos no Castello della E bem*»
«*assy por huma egreja que em ella esta nom teer*»
«*portas pois elles poderyão em ella fazer algunas*»
«*causaes que fosem pouco serviço de nosso Senñor.*»
«*Respondemosvos que nos avemos por bem todavya*»
«*eles estarem no dito Castello como temos mandado*»
«*E quanto á egreja vos lhe mandaes fazer hunas*»
«*portas ou as taipar. E quanto aos mantymentos*»
«*bem lhos podes mandar vender de fora da dita*»
«*Villa como mandamosvos e mandamos que cun-*»
«*pries e façaes asy escripta em aldea gavinha*»
«*a XXIIII de março Vicente Pires a fez de 1495.*»

«*Rey.*»

«Eis aqui a esterilidade de noticias que temos a dar sobre este primeiro e mais importante monumento de Cintra porque não quizemos referir o que sobr'elle se acha escripto pelas obras do Abade de Castro, Visconde de Santarem, Ricardo Raimundo, e outros que tem fallado sobre esta interessante Villa, e suas maravilhas.»

Segundo Monumento

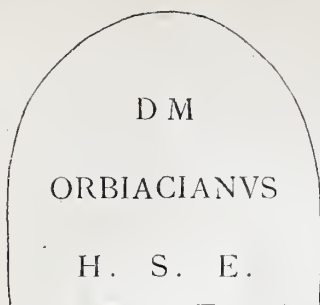
URNA SEPULCRAL

«Seja o segundo Monumento, na ordem desta Memoria huma Urna Sepulcral que se acha junto á fonte do logâr do Mourolinho, a hum quarto de legoa de Cintra, que tem a inscripção seguinte.

«Aos Deoses Manes Quinto Atrio Calsivero filho de Lucio aqui está sepultado.

«Tivemos muito trabalho para perseber os caracteres d'esta Inscripção ; o musgo e algumas falhas da pedra por muito tempo os occultarão a nossos olhos.»

Terceiro Monumento

URNA SEPULCRAL

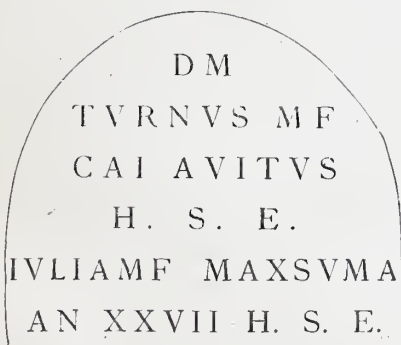
«No logar de Janas nas Cazas de Joaquim Manoel ha huma pequena urna sepulcral com este Epitafio.

«Aos Deoses Manes Orbiaciano aqui está Sepultado.

«Esta Urna é uma das mais pequenas que temos encontrado, e a qualidade da pedra é lióz com veios brancos e encarnados, e que só ha nas pedreiras de Peropinheiro, e desta mesma são todas as que temos visto pelo termo de Cintra.»

Quarto Monumento

URNA SEPULCRAL

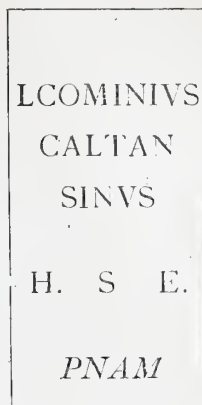
«No mesmo logar de Janas que fica a distancia de huma legoa para o poente de Cintra, em caza de Manoel dos Santos está outra Urna com o Epitafio seguinte:

D M
TVRNVS MF
CAI AVITVS
H. S. E.
IVLIAMF MAXSVMA
AN XXVII H. S. E.

«Aos Deoses Manes Turno Avito filho de Mario da tribu de Caio aqui está sepultado.—Julia Maxima filha de Mario de 27 annos aqui jaz.

«Esta lapide tendo servido a diversos uzos domesticos, soffreo cortes sobre as letras ponteadas que imaginamos para ligar com as que se descobrem.»

Quinto Monumento

LAPIDE SEPULCRAL

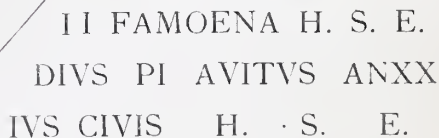
«No sitio da Madre de Deos proximo a esta Villa, no muro da quinta do Ex.mo Marquez de Borba se vê um pilar de 7 palmos d'alto com o letreiro seguinte:

«Lucio Cominio Caltansino aqui está sepultado.

«Sobre esta lapide existe uma pequena crus, e por baixo do Epitafio, as letras *P.N.A M.* padre nosso ave Maria, addições feitas por mão piedosa e pouco conhecedora da historia, e do verdadeiro sentido d'esta Inscripção Romana.»

Sexto Monumento

CAMPA OU LAPIDE SEPULCRAL

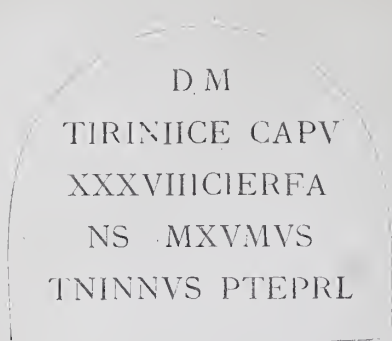
«Na quinta do Ex.mo Conde de Cêa no sitio da Cabeça proximo a esta Villa appareceo á poucos annos a Lapide cujo formato e inscripção he o seguinte:

II FAMOENA H. S. E.
DIVS PI AVITVS ANXX
IVS CIVIS H. S. E.

«A grande falta que tem esta pedra, nos priva de saber a quem pertenceo esta Campa, neste pedaço só podemos lêr os cognomes,— Amena e Avito de idade de 20 annos.»

Septimo Monumento

URNA SEPULCRAL

«No mesmo sitio da Cabeça na quinta de D. Antonia Dezideria de Rezende Cabral Gorjão ha huma grande Urna Sepulcral com o seguinte Epitafio:

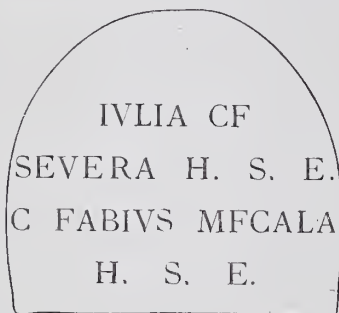
D.M
TIRINIICE CAPV
XXXVIIICIERFA
NS MXVMVS
TNINNVS PTEPRL

«Este Epitafio não poderá ser perfeitamente interpetrado sem se mover esta lapide do local que occupa, e limpar-se do musgo que lhe cobre as letras, só depois destes trabalhos se lêrão os dois monogramas que tem, e se perseberá seu verdadeiro sentido, por agora parece-nos será este:

«Aos Deoses Manes.— A Terinecio Calpurnio de 18 annos Ciereno Maximo Eninno, ou Enianno, seu Pai rectamente colocou este Epitafio.»

Oitavo Monumento

EPITAFIO DE URNA SEPULCRAL ROMANA

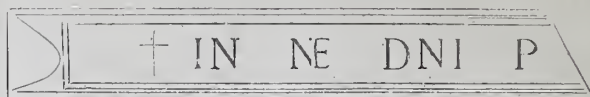
«No adro da Freguezia do logar de Montelavar a huma legoa de Cintra se observa uma pedra com o seguinte Epitafio.

IVLIA CF
SEVERA H. S. E.
C FABIVS MFCALA
H. S. E.

«Julia Severa filha de Caio aqui está sepultada.— Caio Fabio Calpurnio filho de Mario de idade de... aqui está sepultado.

«Ha uma pequena falta nesta pedra, no local onde parece devião estar o numero de annos de Caio Fabio Calpurnio.»

Nono Monumento

LAPIDE GOTHICA

«No mesmo logar de Montelavar em huma parede antiga que parece ter sido edifficada pelos Mouros se vê junto a um cunhál um pedaço de pedra com as letras e forma seguinte:

«In Nomine Domini Providens.

«Parece ter sido á dedicação d'algum Templo Gothico que allude esta lapide, pois esta era a formula, e estes os caracteres adoptados por esta Nação.»

(Continúa).

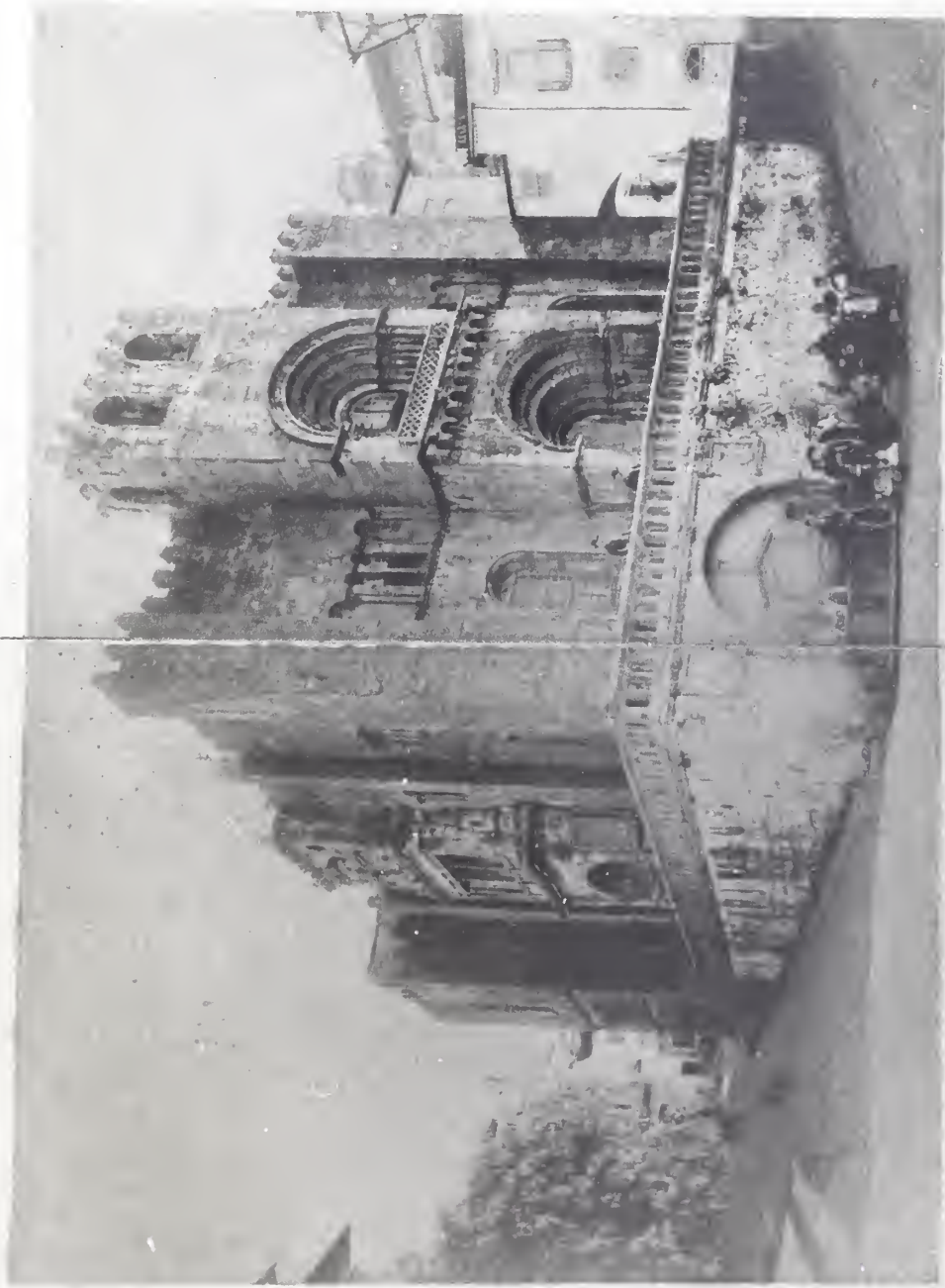
EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 85

MONUMENTO DA SÉ VELHA DE COIMBRA

Nenhum edificio antigo de Portugal tem tido mais do que a Sé Velha de Coimbra desencontradas opiniões ácerca da sua primitiva construcção, e do typo architectonico. O maior numero dos escriptores nacionaes attribue a sua edificação aos Godos por suporem pertencer este monumento religioso a um povo que na Lusitania foi poderoso e do culto do Christianismo, havendo deixado na Peninsula assignalada a sua desenvolvida civilisação: e esta convicção militou até ao ultimo quartel do presente seculo, pelos mais eruditos e acreditados historiadores nacionaes.

Outro ponto que tambem lhes mereceu occuparem-se com affirmativa, foi ter servido este edificio religioso de Mesquita no tempo do dominio do nosso paiz pelos Mouros, não obstante não se ignorar a sua entranhavel aversão á nossa religião; havendo ainda outras poderosas provas demonstrativas da falta de fundamento para ser aceite essa infundada conjunctura.

O que causa bastante admiração, é terem querido provar como positiva esta indicação, por haver no edificio na parte externa do lado norte uma das pedras de granito da construcção, onde apparece gravada em caracteres arabes uma invocação ao seu Propheta, porque sómente os seus adoradores, e não os christãos, mandariam collocar no edificio similhante testemunho da sua crença.

Para se refutar esta asserção mesmo se não houvesse no nosso paiz um outro exemplo, e ainda é mais para estranhar o que existia no convento de Monchique no Porto, em que havia outra lapide de granito com uma inscripção de caracteres arabes invocando tambem a protecção Divina: inscripção que obtivemos, faz parte da collecção archeologica do Museu do Carmo, e já foi publicada no Boletim d'esta Associação.

Fachada da Egreja da Sé Velha de Coimbra

Este notavel edificio religioso foi mandado construir pelo fundador da nossa nacionalidade, sendo uma das provas d'isso estarem todas as pedras de sua construcção com signaes gravados pelos operarios, como se encontram em todos os outros edificios, quer religiosos, quer militares, que El-Rei D. Affonso Henriques fez construir; tendo deixado mais de cem egrejas no solo portuguez. Nem os Godos nem os Mouros tinham por costume marcar a cantaria. Este costume principiou no XII seculo e continuou na Europa central com a instituição da corporação dos obreiros designados Franc-Maçons.

Como poderia pois este antigo edificio pertencer aos Godos e servir de Mesquita, quando elle ainda não tinha sido construido?!![1]

Quando fomos encarregados pelo Governo em 1883, da commissão para a conservação dos monumentos nacionaes, havendo dirigido questionarios a todos os municipios a fim de nos informar quaes os monumentos antigos que no seu respectivo districto houvesse, a camara de Coimbra encarregou cavalheiros illustrados de responderem a esses quesitos, os quaes *citam a Sé Velha de Coimbra como sendo edificação de El-Rei D. Affonso Henriques!* É curioso que no numero d'essas pessoas que assignaram as respostas aos referidos quesitos, havia algumas que tinham sustentado antes, ser a Sé Velha não sómente construcção dos Godos, mas ter servido de Mesquita aos Mouros: essas pessoas são de reconhecida intelligencia, mas os factos vieram convencel-as de que laboraram sómente em falsas conjecturas.

Quando em 1884 apresentámos o nosso relatorio geral ao Ministerio das Obras Publicas e descrevemos o estado de conservação dos edificios publicos da cidade de Coimbra; tratando da Sé Velha, representamos ao Governo a urgencia de se curar da restauração d'esse notavel monumento, pela seguinte maneira:[2]

«COIMBRA — *Dirigi-me depois a Coimbra, onde em 1857, podera apreciar os edificios antigos, tão interessantes pela sua architectura, como pelas suas recordações historicas. Fui ver primeiramente a magestosa egreja da Sé Velha, velha não só pela epocha da sua construcção, velha tambem pelo seu estado de ruina! Quem contemplar o imponente portal principal d'este venerado edificio religioso, e observar hoje (1884), o aspecto vergonhoso e desmoronado da entrada para o templo, em que os capiteis das doze columnas que decoravam o portal estão suspensos no ar, como se quizessem protestar contra a falta de apoio que deviam ter, e observar o corroido das arestas dos resaltos das caixas em que figuravam, e a sua porta de boa madeira estando estallada por se não lhe ter renovado a pintura ha muitos annos, não poderá deixar de lastimar e censurar, por mais indifferente que seja ao apreço das Bellas Artes, a incuria, desleixo e o abandono a que tem chegado esse edificio! Como não podia ficar silencioso, cumpro o meu dever revelando estas penosas impressões. Informei d'isto o Ex.^{mo} Ministro, instando para que se dignasse mandar compor o portal de tão importante monumento, afim de que não permanecesse por mais tempo em similhante ruina. S. Ex.ª determinou que se fizesse o orçamento d'essa reparação; porém até ao presente (1885), ainda não principiaram os trabalhos!*»

Passaram-se 26 annos sem se tomar nenhuma resolução afim de se evitar a merecida censura dos visitantes estrangeiros pelo despreso que se nota em salvar-se da destruição os monumentos nacionaes do nosso paiz: mas felizmente, n'este segundo semestre de 1888, o Governo attendeu a uma recente representação do Instituto Archeologico de Coimbra, (1888), concedendo uma verba para se restaurar o referido portal d'este edificio religioso; o que é muito para louvar, e dá esperança de que outros antigos monumentos mereçam as necessarias restaurações que ha muito lhe teem faltado, e por que temos instado.

Desejaremos que esta restauração do portal da Sé seja feita respeitando-se o typo architectonico que representa, e não aconteça a monstruosa alteração que executaram no portal da egreja da Batalha, que é o mais evidente testemunho da falta de conhecimentos archeologicos para se ter executado tão absurda obra; havendo-se alteado o portal com *mais meio metro*, tirando-se-lhe a proporção correspondente ao estylo ogival, ficando substituido com as *proporções do estylo classico romano!* Qualquer pessoa instruida no que corresponde aos caracteres respectivos dos differentes estylos, ficará incerta do que vir executado no portal da monumental egreja da Batalha; pois admirando n'aquelle soberbo edificio, todas as suas partes, o estylo conforme e correcto da architectura ogival, não poderá explicar o aleijão que tem presentemente o portal! É de esperar, que a restauração da Sé Velha de Coimbra não possa merecer dos entendidos a justificada critica da desastrada obra do portal da Batalha.

A photographia do presente n.º d'este *Boletim* apresenta o portico onde estão visiveis os capiteis,

[1] Poderá explicar-se a presença d'estas inscripções nos dois edificios do christianismo, porque quizeram erguel-os sobre o *mesmo local onde existiram as mesquitas maiores* conservando-lhe prova d'isso *as invocações citadas*, com o fim de ficar assignalado o triumpho do culto Christão sobre a seita de Mafoma?

[2] *Boletim* n.º 10, 2.ª serie, tom. 5.º pag. 156, da Real Associação dos Architectos Civis a Archeologos Portuguezes; copia d'este relatorio.

faltando-lhes os fustes. O citado portal tinha então, em 1857, apenas a falta *de um unico fuste* das colunnas da composição do seu primitivo portal e se por ventura se tivesse reparado logo essa falta, como fiz constar não teria soffrido a *ruina total dos outros fustes*, evitando se maior despendio com a sua restauração, e poupando se egualmente á Nação o vergonhoso abandono, com que por tantos annos esteve exposto esse notavel edificio ás censuras do publico illustrado.

POSSIDONIO DA SILVA.

CONSELHOS DOS ARCHEOLOGOS

PARA A CONSERVAÇÃO DE OBJECTOS ANTIGOS SOTERRADOS

Madeira. — Para evitar que sequem e rachem repentinamente os objectos de madeira, extrahidos do solo, serão mettidos por algum tempo na agua ou cobertos de turfa, de relva ou musgo, humidos. Para os transportar devem-se embrulhar em uma camada de musgo ou de feno, e depois mettel-os bem apertados em palha. Para os conservar serão cobertos n'uma mistura de petroleo e verniz (receita n.º 1), desembrulhando-se o menos possivel do musgo em que estiverem acondicionados. Os objectos mais pequenos serão cobertos d'uma solução de resina (receita n.º 2) ou ainda melhor, (á excepção de objectos de carvalho), fervidos em uma solução concentrada de pedra hume.

Ossos, marfim, paus de veado e coral. — Não deverão, como se faz com a madeira, senão seccar pouco a pouco. Os objectos muito friaveis devem ficar cobertos de terra. Para se conservarem deverão molhar-se na solução de resina (receita n.º 2). Não se lhe deve tirar a sua *grangue* senão depois que o banho os tenha sufficientemente endurecido.

Couro e tecidos. — Deixar-se-hão tambem seccar lentamente. Para a sua conservação serão mettidos na solução de resina (receita n.º 2). Se o objecto fôr rijo e quebradiço, deverá empregar-se uma mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.º 3).

Bronze. — Deverá ser tratado com a maior prudencia, porque os objectos de bronze são muitas vezes friaveis ou quebradiços. É preciso examinar se não teem vestigios de madeira, crinas ou tecidos adherentes ao bronze, assim como incrustações de ouro, prata, marfim, coral, esmalte e ambar. Limpam-se os objectos de bronze, lavando-os com cuidado em agua morna. Se o metal fôr resistente e a lavagem não bastar, ficará o objecto em banho de agua de sabão, ou de uma barrella muito misturada de potassa *pura;* depois enxagoar-se em agua morna, escovando com uma brocha ou um pincel macio.

Maneira de conservação. — Os objectos de um bonito verde, e que parecem sufficientemente resistentes, não precisam de nenhuma outra cousa; mas os que estiverem pouco coloridos e que são friaveis, devem ser mettidos no banho da solução de resina (receita n.º 2). Se são descorados, mas resistentes, separam-se do banho e mettem-se na mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.º 3); depois se escovarão com uma brocha macia, e em seguida com outra mais aspera.

Os objectos com textura cristallina deverão ser mettidos em uma barrella de soda pura, um pouco morna e muito fraca, lavados e esfregados com escova em agua tepida, e depois de estarem seccos, embebidos na dissolução de resina. Nos logares aonde appareçam depois efflorescencias, serão retocados com uma dissolução de colla de peixe ou de gomma laca (receita n.º 5).

Ouro. — Será bastante tirar-lhe a sujidade lavando o objecto em agua morna.

Prata. — Deverá ser tratada com precaução, porque é muitas vezes quebradiça. Limpal-a como se pratica com o bronze.

Processo para a sua conservação — Os objectos, depois de ficar o metal inteiramente limpo, serão lavados em uma dissolução abundante de ammoniaco, e seguidamente lavados em agua tepida, que se aquecerá para separar o ammoniaco. Os objectos quebradiços devem, depois de cuidadosa lavagem com agua tepida, ser embebidos em dissolução de resina (receita n.º 2), e depois entregues a um ourives habil para lhes dar o ultimo preparo.

Chumbo e estanho. — Estes objectos são quasi sempre de uma côr parda-esbranquiçada, tendo a apparencia de osso; o maior numero é muito friavel. Devem lavar-se em agua quente e seccar-se com cautella; conservam-se molhados com dissolução de resiua (receita n.º 2).

Ferro. — Os objectos onde o ferro ficou inteiramente no estado metallico, devem ser lavados e depois untados com um preservativo da acção do ar (receita n.º 4). Os que estiverem já alterados pela ferrugem, devem ser embrulhados em cassa e mettidos em barrella de agua morna, ajuntando-lhes uma porção de soda *pura* ou de cal viva. Esta barrella deverá ser contínua, mudando-se-lhe a agua todos os dias, até que o liquido não produza deposito atrigueirado. Faz-se então seccar o objecto, mette-se depois em alcool simples durante seis a oito dias, fazendo-o seccar de novo a um calor brando. Finalmente embebem-se muitas vezes os objectos de grandes dimensões, aquecidos n'uma mistura, em partes iguaes, de azeite de linhaça ou verniz de petroleo; em quanto que os pequenos objectos se mettem n'uma dissolução de resina (re-

ceita n.° 2). Os objectos *inteiramente* alterados pela ferrugem, devem do mesmo modo ser embrulhados em cassa, mettidos na barrella durante alguns dias, sendo primeiro em agua, depois em alcool e postos a seccar lentamente. Collam-se as parcellas soltas com colla de peixe, depois serão embebidos, como já se explicou, ou ainda melhor, em uma dissolução de gomma laca em alcool, ajuntando-lhe um quasi nada de oleo de Ricinos (receita n.° 5). Se o objecto achado estiver em tal estado que haja receio de se reduzir a pó, metter-se-ha sem nenhum outro preliminar na dissolução de gomma laca (receita n.° 5), embrulhando-se em cassa e pondo-se n'um sitio quente e secco. Renovar-se-ha muitas vezes a embebição, mesmo passado muito tempo.

Ceramica. — Os objectos de argila devem seccar-se com precaução, depois escovados, lavados com uma esponja em agua limpa e postos a seccar novamente. Deve-se ter cuidado com as pinturas quando se escovarem. Os bocados unem-se com colla de peixe, melhor ainda colla americana ou colla liquida fria (receita n.° 6). Tapam-se as fendas com cartão-pedra (receita n.° 7).

Processo para a sua conservação. — Os objectos friaveis devem ser embebidos em oleo de *Belmontil*, ou na falta d'elle, mettidos na dissolução de resina (receita n.° 2). Dá-se brilho ao fundo e á decoração por uma embebição superficial de mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.° 3). Escovam-se com cautela.

Vidro. — O vidro colorido lava-se com cuidado em agua tepida. Consegue-se a sua conservação pela embebição de uma mistura de benzina e oleo de papoulas (recita n.° 3). Ajuntam-se os bocados com colla de peixe.

O vidro branco não necessita nenhum preparo, salvo se estiver em pessimo estado.

Ambar. — Applica-se o mesmo processo que no vidro.

FORMULAS DIVERSAS

As substancias empregadas para a conservação dos diversos objectos antigos, devem ser preparadas conforme as seguintes receitas:

1.ª *Mistura de petroleo e de verniz.* — Petroleo clarificado de primeira qualidade e verniz, misturado em partes eguaes.

2.ª *Dissolução de resina.* — Fazer dissolver 15 grammas de resina em 130 grammas da benzina pura; ajuntar-lhe 20 grammas de oleo de papoulas, tirando-se-lhe a côr, e 150 grammas de essencia de terebenthina de primeira qualidade. As duas ultimas substancias deverão ser introduzidas não separadamente, mas no estado de mistura preparada antes. Depois de bastante tempo de repouso, o liquido fica espesso; para lhe dar a sua fluidez, addiciona-se uma pequena porção de essencia de terebenthina.

3.ª *Mistura de benzina e oleo de papoulas.* — 20 grammas de oleo de papoulas, tirando-se o colorido, e 270 grammas de benzina pura de primeira qualidade.

4.ª *Untura para o ferro.* — *a)* Cera branca dissolvida em benzina ou com terebenthina. — *b)* Parafina dissolvida do mesmo modo. — *c)* Oleo de Belmontil. — *d)* Vaseline de Virginia. — *e)* Cérotine.

5.ª *Dissolução de gomma laca.* — Fazer dissolver a gomma laca em alcool concentrado e ajuntar ao liquido — que deve ficar muito fluido, — algumas gottas de oleo de Ricinos.

6.ª *Colla liquida a frio.* — Para os objectos de argila ou de osso. — Em uma dissolução quente e muito fluida de colla de primeira qualidade, metter um volume duplo de gomma arabica: chocalhar até ter consistencia de mel, depois ajuntar-lhe um pouco de glycerina.

7.ª *Cartão-pedra.* — Fazer cozer até ficarem bastante espessas 500 grammas de colla de primeira qualidade; metter dentro tres folhas de papel branco, de formato commum, grosso e passento, ou quatro folhas de papel de seda branco, cortado em muitos pequenos bocados; mecher até que o fervido fique bem homogeneo; deitam-se-lhe pouco a pouco, sem cessar de mecher, 2 kil. e 500 gr. de cré, passada por peneira de seda, depois 80 gr. de oleo de linhaça. Finalmente, para evitar que a colla apodreça, convém ajuntar ainda 50 gram. de terebenthina de Veneza.

O petroleo, a terebenthina, o alcool e a benzina para o emprego d'estas receitas, são substancias muito inflammaveis, e por isso as manipulações indicadas não devem ser feitas dentro de casa. As misturas só deverão executar-se sendo aquecidas sobre fogão (poêle), para evitar sinistros.

CHRONICA

O nosso consocio Mr. Henrique Viou, distincto gravador francez, offereceu a S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz um exemplar da copia do painel do celebre pintor Messonier, gravado com grande primor e tirado em pergaminho *avant-la lettre*; havendo encarregado d'essa entrega ao nosso presidente. Sua Magestade apreciou com a competencia que o distingue, este esmerado trabalho, dizendo ao sr. Possidonio da Silva para agradecer aquella offerta, e quanto estimou o merecimento d'esta producção artistica.

Pela mesma occasião mandou este socio um exemplar do mesmo trabalho, impresso sobre papel e tirado tambem *avant-la-lettre* para a nossa associação;

como uma lembrança de sua consideração e estima. Foi acceite com muita satisfação por termos sido contemplados com uma gravura de tanto merecimento, a qual augmentará a fama do insigne artista.

O sr. Bacharel Antonio dos Santos Rocha, tendo feito investigações a dois kilometros da Figueira da Foz nos montes que limitam esta villa do lado do Norte, encontrou quatro tumulos, havendo construcções megalithicas soterradas no centro d'esses monumentos. Achou ossos humanos e de animaes; assim como machados e instrumentos de silex em abundancia da edade neolithica; e mesmo nos arredores e sobre o solo muitas facas e machados inteiros e quebrados, o que denota a existencia prolongada dos homens da idade de pedra polida n'esta localidade.

Uma memoria bem circumstanciada d'este descobrimento, acompanhada d'uma introducção em que sobresaem os conhecimentos archeologicos d'este cavalheiro, faz mais interessante esta publicação, onde o seu auctor dá occasião a se avaliar o seu saber, e quanto deseja que os estudos prehistoricos sejam mais conhecidos no seu paiz. Remetteu um exemplar com gravuras para a bibliotheca da nossa associação.

O sr. Possidonio da Silva participou ao Instituto de França ter assistido á trasladação dos restos mortaes do eminente historiador Alexandre Herculano, para o seu tumulo na egreja de Belem.

O secretario perpetuo da secção da Academia das Inscripções e bellas lettras Monsieur Henrique Wallon, fazendo sciente na sessão do Instituto o procedimento do sr. Silva, determinou que se lhe agradecesse, por ter concorrido para render homenagem ao distincto historiador portuguez, que fôra socio correspondente do mesmo instituto.

NOTICIARIO

A maneira mais recente para operar a clarificação das aguas dos canos dos esgotos é pela electricidade. O chimico inglez Mr. Webster faz passar n'essas aguas, entre dois electrodes, uma corrente engendrada por duas machinas dynamo; isto é, em logar de introduzir reactivos chimicos na materia, faz a reacção servindo-se da corrente electrica entre os corpos que constituem a materia a clarificar. Bastam quinze minutos, toda a materia solida, em logar de ser precipitada, fica reunida em uma camada fluctuante á superficie do liquido: a escuma que produz faz-se correr para fóra e fica o liquido claro, *sem conservar cheiro algum*. Experiencias repetidas comprovaram a efficacia d'esta descoberta tão importante para a salubridade das cidades.

Haverá em 1892 uma exposição universal em New-York, da qual se organisará depois uma permanente, afim de melhor reconhecer a historia, os recursos, as artes e a industria das tres Americas.

Uma *terceira esculptura* representando o busto de uma mulher da *época quaternaria* dos habeis artistas da raça magdalenne acaba de ser descoberta em uma caverna de *Ariège* (França). E' esculpido n'uma raiz d'um dente, não tendo bastante grossura para se poder indicar as espaduas e os braços: não obstante as suas imperfeições, este busto é muito notavel.

Não havia até agora nenhuma noticia a respeito dos caracteres das raças humanas quaternarias, possuindo-se apenas tres gravuras com representações de mulheres magdalenicnnes: a *Venus* achada em *Laugerie-Bosse*, a mulher rangifer, conhecida mais commummente pelo nome da *mulher prejada*, e o busto citado.

Fundou se uma sociedade no Perú, em *Mollendo*, com o fim de procurar antiguidades nas sepulturas dos Incas que existem na região de *Cuzco*.

Este anno o 55.º Congresso archeologico de França teve lugar em Dax e encerrou-se em Bayona em Junho: concorreram 262 membros francezes, hespanhoes e inglezes, tendo-se occupado de grande numero de trabalhos e de communicações prehistoricas de bastante interesse. Foi organisado este congresso pelo respectivo Director o nosso conseoio honorario Mr. Conde de Marsy.

Dirigiram-se depois a fazerem uma excursão em S. Sebastião, onde os archeologos e as auctoridades hespanholas lhes deram as maiores provas de consideração e estima.

O banquete, que é costume haver antes de se separarem os congressistas, foi dos mais festejados, fazendo-se votos pelo progresso dos estudos archeologicos nos paizes em que elles são apreciados.

Não é sómente em França que annualmente se reunem as pessoas dedicadas a estas investigações instructivas; na Inglaterra é quasi *todos os mezes* que os archeologos visitam as provincias para colherem mais elementos para esses estudos.

Em Barcelona a benemerita Associação *Catalanista* faz excursões scientificas nas estações favoraveis para esses trabalhos; e na Italia, em todas as suas provincias e *em todos os mezes*, fazem se investigações archeologicas, para o que o seu illustrado Governo não nega os subsidios necessarios.

No nosso paiz nenhum empenho ha por estes estudos, e é tal a incuria, que havendo os archeologos dos paizes do Norte concordado que *de dois em dois annos* houvesse *um Congresso Internacional*, como se tinham realisado em Dinamarca, Suecia, Gran-Bretanha, Italia, Belgica, Austria, Hungria e Portugal, sendo na reunião do ultimo paiz que se deveria indicar a localidade em que depois esse Congresso internacional teria logar; já se passaram *oito annos*, e Portugal não pensou mais n'isso, tendo pois concorrido sem pensar, para se obstar ao progresso da anthropologia e archeologia prehistorica, annullando o accordo que os archeologos internacionaes anteriormente tinham deliberado e cumprido!

1888, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1888 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Realisou-se a sessão solemne n'esta Real Associação no dia 2 de Dezembro corrente, conforme havia determinado Sua Alteza o Principe Real D. Carlos, Presidente honorario, que abriu a sessão ás 12 horas do dia, vindo acompanhado pelo seu ajudante de Campo o sr Conde de Seisal. Á entrada a banda da Guarda Municipal tocou o hymno de El-Rei o Senhor D. Luiz, repetindo-o á sahida de Sua Alteza.

Abaixo do degráo que separava o logar da mesa da presidencia do Principe Real, e dando-lhe a direita estavam o presidente em exercicio Possidonio da Silva e os dois secretarios Visconde de Alemquer e Visconde de Castilho: á direita d'este achava-se o vice-presidente d'esta Associação o sr. Visconde de S. Januario, ficando á direita de S. Ex.ª e em logar tambem distincto o Reverendissimo Bispo de Beja, socio que ia ser laureado.

Os Ministros estrangeiros que tinham sido convidados, Monsieur Billot, Ministro de França, Monsieur Conde Colobianno, Ministro de Italia, e Monsieur Lewis, Ministro dos Estados Unidos da America, occupavam logares no primeiro renque das cadeiras em frente de Sua Alteza. Os consules geraes d'estas tres nações ficaram proximos dos seus respectivos Ministros.

O presidente em exercicio, pedindo a palavra ao Principe Real, leu o relatorio que se segue; depois do que, tendo obtido venia de Sua Alteza, o distincto archeologo e socio o sr. Gabriel Pereira leu um excellente elogio historico do sabio italiano Conde Gozzadini, sendo descoberto o seu retrato que fôra offerecido á Real Associação pela Condessa Zuchini de Bologne, filha do finado.

Em seguida o sr. Visconde de Alemquer leu os nomes dos socios que iam ser laureados por Sua Alteza, entregando o sr. Possidonio ao Principe Real as medalhas de prata em bellos estojos, uma por cada vez, as quaes foram distribuidas em primeiro logar ao Reverendo Prelado de Beja; a segunda, para o archeologo francez, Mr. Emile Cartailhac, ao Consul geral de França; a terceira ao Consul dos Estados-Unidos, para o archeologo Anglo-Americano o Dr. Elmer Reynolds. Finda a distribuição, Sua Alteza encerrou os trabalhos, e ao descer da presidencia teve a extrema amabilidade de apertar a mão ás pessoas presentes, sendo acompanhado até ao seu coche por todos os assistentes. No portico do edificio despediu-se das pessoas que tinham concorrido a este acto de testemunho publico, com que a Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes procura sempre realçar o subido merecimento scientifico dos

seus socios nacionaes e estrangeiros que contribuem para o desenvolvimento dos estudos archeologicos em Portugal.

Estiveram presentes os srs.: Conselheiro Dr. Thomaz de Carvalho, Digno Par do Reino; Commandante Geral da Guarda Municipal, General Moreira, e o seu Ajudante; Conde Ribeiro da Silva, Administrador da Casa de Sua Magestade a Rainha Maria Pia; Tenente Coronel Maldonado; D. Antonio José de Mello; Ernesto da Silva; Commendador José Tedeschi; Antonio de Oliveira; Carlos Mardel, e mais outros socios. Pediram desculpa de não comparencia os srs. D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa; Visconde da Torre da Murta; Joaquim da Conceição Gomes; Pedro Augusto Ferreira; Ignacio de Vilhena Barbosa; General Antonio Pedro de Azevedo; Secretario do Patriarcha, Monsenhor Elviro dos Santos, etc.

RELATORIO LIDO PELO SR. PRESIDENTE, JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

Serenissimo Senhor

Senhores:

Tenho a honra e a maior satisfação de participar que esta Real Associação approvou fossem laureados mais tres dos seus dignos socios, que mereceram tão subida distincção por importantes serviços scientificos para o engrandecimento da nossa Associação.

Já em 1876, da mão do chorado Rei o Senhor D. Fernando, nosso primeiro Presidente Honorario, os nossos socios, Dr. Augusto Filippe Simões e Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, receberam medalhas pelas suas excellentes publicações architectonicas e numismaticas; em 1877 os socios Joaquim de Vasconcellos e Lucas José dos Santos Pereira; em 1879 os socios Gabriel dos Santos Pereira e Conselheiro João Maria Feijó; em 1881 os socios Ignacio de Vilhena Barbosa, Visconde de S. Januario, Dr. Francisco Martins Sarmento e Cesario Augusto Pinto.

Mais tarde, em 1885, aos socios Conselheiro José Silvestre Ribeiro, Visconde de Castilho, Dr. Rodrigo Amador de los Rios e Manuel Maria Rodrigues, dignou-se Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, actual Presidente Honorario, entregar as medalhas de prata e de bronze que haviam merecido pelas suas publicações archeologicas.

Nos ultimos tempos, tomou esta Associação a iniciativa de propor aos Prelados do reino instituirem nos respectivos Seminarios o curso de Archeologia, o que foi acceito por alguns Bispos com bastante approvação.

O Ex.mo Prelado da Diocese de Beja o Rev.mo Sr. D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro tencionava já estabelecer no Seminario d'aquella cidade uma cadeira para esse ensino, a qual está funccionando. Honra lhe seja por este valioso serviço publico. A nossa Associação quiz logo testemunhar a tão illustrado Prelado os encomios por esta sua patriotica deliberação: em consequencia foi acclamado socio, votando-se-lhe por unanimidade ser-lhe conferida a medalha de prata, de primeira classe.

O Eminentissimo Cardeal Patriarcha dignou-se responder á nossa representação que, tratando de reformar os Estatutos do Seminario de Santarem, estabeleceria egualmente uma cadeira para este ensino, o que esperamos se realisará.

Na sessão legislativa de 1885, ficou approvada uma proposta do Governo para se crear um curso d'esta disciplina na Universidade de Coimbra. Realisou-se a votação dois mezes depois que pela muito esclarecida e generosa protecção de Sua Alteza o Principe Real D. Carlos, nosso Dignissimo Presidente Honorario, se fundára n'este museu o curso de archeologia; todavia ainda na Universidade se não deu principio a tal ensino.

Não foi sómente pela introducção d'estes estudos no nosso paiz, que a Real Associação desejou patentear quanto avaliava tão importante resultado; reconheceu

tambem os valiosos serviços que sabios estrangeiros haviam prestado a Portugal pelas publicações de suas obras de archeologia a fim de se divulgarem as mais scientificas investigações prehistoricas relativas ao nosso paiz, tendo apreciado com a sua superior intelligencia os preciosos e mesmo alguns raros exemplares archeologicos, que no solo da nossa terra se descobriram, como foi mencionado na excellente obra do nosso socio Mr. Emile Cartailhac — *Les âges prehistoriques du Portugal* — onde este desvelado archeologo descreve com a sua auctorisada competencia o resultado das suas escrupulosas investigações nas cavernas do paiz e os instrumentos, construcções megalithicas, depositos de conchas, tudo em geral que apresenta testemunhos da progressiva civilisação primitiva do homem no solo portuguez.

Esta erudita publicação, que nos instrue, com tanta proficiencia, das épocas prehistoricas, a unica que nos dá cabal conhecimento do que na edade neolithica, na edade do bronze e na edade do ferro possuia o nosso paiz, é o mais completo estudo relativo ás antiguidades prehistoricas da Peninsula, assim como o mais relevante serviço á sciencia. Não podia esta Associação deixar de manifestar ao insigne archeologo francez o seu reconhecimento por tão assignalada publicação. Portanto foi votada unanimemente uma medalha de prata de primeira classe a Mr. Cartailhac em demonstração publica do seu valor scientifico.

E não só da Europa culta, tambem do outro hemispherio recebemos o mais superior testemunho de quanto os archeologos da America do Norte desejam egualmente contribuir para que as collecções archeologicas do nosso museu possam competir com as mais completas das outras nações civilisadas: o distincto americano Dr. Elmer Reynolds offereceu-nos 1250 instrumentos neolithicos de differentes typos, descobertos pela sua propria pessoa em diversas localidades dos Estados-Unidos.

Esta avultada offerta de tão interessantes exemplares, tão raros em Portugal, tem, pela variedade dos seus feitios, qualidade da materia, merecimento do trabalho e bellissima conservação, muitissima e incontestavel importancia. A Associação desejava demonstrar egualmente ao benemerito archeologo anglo-americano quanto lhe era agradecida, e estava penhorada pela sua generosa dadiva, motivo por que foi eleito socio honorario, votando-se-lhe uma medalha de prata de primeira classe.

São, pois, senhores, estes serviços scientificos tão relevantes prestados por esses benemeritos archeologos, que vão receber n'esta sessão solemne um condigno premio de Sua Alteza o Principe Real, que, constantemente solicito em galardoar o verdadeiro merito, e dar consideração a esta Associação, se dignou vir pessoalmente entregar as tres medalhas votadas, tanto aos archeologos e investigadores nacionaes como aos estrangeiros, que se dedicam com tanta perseverança e intelligencia ao progresso dos conhecimentos scientificos e principalmente desvelando-se para que Portugal alcance mais nome n'esses estudos.

Assim como aos archeologos estrangeiros existentes esta Associação testemunha respeitoso preito, tambem não se esquece de prestar veneração aos socios estrangeiros fallecidos, os quaes, pela sua sabedoria, publicações e descobrimentos archeologicos de subido interesse, obtiveram do seu paiz e de outras nações cultas, grande fama e consideração. Perpetuando a memoria do illustrado archeologo italiano e socio honorario o Conde Senador João Gozzadini, será inaugurado o seu retrato entre os seus pares que esta Associação se ufana de conservar, em effigie, na sala das suas sessões; sendo tambem pronunciado o seu elogio historico pelo distincto archeologo portuguez o nosso consocio o sr. Gabriel Pereira.

Vossa Alteza Real dignou-se vir laurear os socios que foram approvados para receberem esta justissima distincção, que mais será apreciada, sendo distribuida por Sua Alteza, tão desvelado Protector d'esta sciencia em Portugal.

Já são tão publicas as repetidas demonstrações com que Vossa Alteza Real

honra e dá lustre a esta Real Associação, que nos faltam os termos em que possamos mais vivamente expressar o profundo reconhecimento d'este instituto scientifico para com Vossa Alteza, e mui principalmente do presidente em exercicio que ousou erguer a sua voz n'esta sessão solemne para commemorar feitos que illustram os estudiosos e dão gloria ás nações.

Queira portanto Vossa Alteza receber os nossos protestos de sincera gratidão e respeitoso acatamento.

Disse.

ELOGIO HISTORICO DO SOCIO HONORARIO CONDE GOZZADINI

Serenissimo Senhor

Meus Senhores:

Venho na minha humildade scientifica apresentar homenagem a João Gozzadini, cidadão que honrou a sua patria, sabio que dilatou a sciencia, trazendo ao publico muitos documentos, quer dos archivos, quer de vastas explorações, extrahindo do solo vestigios da vida, da arte humana, dos remotissimos tempos.

Nada mais simplesmente logico, mais imperativo, para quem ama estudos e pesquizas, que prestar respeito e testemunhar gratidão a quem trabalhou tanto, alargando positivamente a esphera scientifica, enriquecendo-nos com tantos novos elementos de estudo.

Ninguem mais incompetente que eu para prestar tal homenagem, pois que sobrando-me boa vontade me fallecem prendas para a digna commemoração.

Ha dias o honrado e respeitadissimo presidente effectivo d'esta associação me procurou para que eu acceitasse a missão: expuz a minha fraqueza e tambem as minhas occupações habituaes; elle insistiu e eu terminei por acceitar.

Francamente, o mais insignificante associado d'esta instituição não podia recusar um serviço a quem por todos é considerado um mestre, que a todos dá coragem e valor com o seu exemplo, o seu trabalho, o seu zelo, o seu enthusiasmo.

O motivo principal que me resolveu foi o testemunhar o meu respeito e reconhecimento ao sr. Silva, nosso respeitavel presidente.

N'este paiz, que todos conhecemos bastante, quanto não significa este homem que na sua idade, no seu dilatado trabalho, não tem perdido alentos, e os conserva taes que até aos novos incute enthusiasmo, constituindo elle só por si um incitamento; este nobilissimo excentrico que nos seus verdes oitenta annos conserva o seu posto na vanguarda, tão forte ainda que tem crenças, tão devotado a estudos que tem tempo e paciencia para ensinar os que entram, para ajudar os primeiros passos dos que pretendem iniciar-se nos nobres estudos de arte e archeologia.

Eu que por uma correspondencia epistolar da ha muito me honrava da consideração do sr. Silva, que uma vez tivera o prazer de me encontrar a seu lado n'uma exploração archeologica, agora em Lisboa, cumpria-me demonstrar-lhe a minha admiração e reconhecimento.

A Italia é um paiz que tem neve e vulcões, rios de pittorescas margens, e campinas onde dominam ares deleterios; paiz de contrastes, de tragedias e idyllios, onde o maior genio creador, Shakespeare, localisou algumas das suas idéas mais dramaticas; um paiz que tem produzido santos, sabios, artistas, chefes de bando, onde

o pensar e o sentir fermentam produzindo decomposições e cristaes. Os seus poetas, esculptores, pintores, eruditos, são conhecidos de todos; e agora mesmo, espiritos eminentes de phantasia creadora, de patrias bem distantes, como Paulo Heyse, como Ouida, procuram na Italia, o local da acção.

N'aquelle puro céu, nos lagos, nos golfos, nas graciosas collinas, nas tragicas montanhas, nos vulcões, a idéa levanta-se e nobilisa-se. Paiz de brilho, de fulgor; até o maior contraste historico moderno está em Roma, onde, inesperado duetto, um Papa e um Rei se encontram visinhos e face a face, pacificos e irreconciliaveis.

Para nós latinos da extrema Europa a Italia apparece nos como paiz sagrado; a nossa lingua, a nossa cultura foram profundamente influenciadas pela sua acção, em todos os tempos historicos; pois á Roma Imperial succedeu a Roma Catholica.

E Genova recorda-nos os seus pilotos, Veneza o seu dominio commercial no Levante, em Padua ensinou um portuguez Santo Antonio, *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do Sol*, de Bolonha vieram jurisconsultos a reformar o direito; de toda ella emanou educação scientifica e artistica a ennobrecer-nos.

N'essa luminosa constellação de cidades, um nome brilha de intenso e antigo fulgôr; o de Bolonha, a inclita cidade dos estudos livres que em breve vai festejar o 8.º centenario da sua Universidade. De Bolonha era o fallecido conde Gozzadini.

Bolonha fica entre dois rios, o Réno e o Ravena, e na base dos Appeninos esmorecida para ferteis planuras. Tem palacios medievaes, da cidade e das grandes familias patricias. É a patria de Domenichino, Guido Réni e Benedicto XIV; alí se desenvolveu uma especial eschola de pintura. Cidade italiana onde se agrupam o pittoresco da fórma e scenario, a sonoridade dos nomes, a aureola historica.

Pelas ruas luctaram os Pépoli com os Bentivoglio, e estes com os Visconti. As idéas liberaes exuberantes na Edade Media ainda irromperam em tempos modernos, em 1821, 1830 e 1849.

As maravilhas da arte, o grandioso dos monumentos, os dramas e as pastorellas palpitam n'aquelle ar, onde respirou Gozzadini.

Imagine-se o meio artistico, erudito, as velhas construcções, as lendas locaes e no caso de Gozzadini tambem as familiares, porque n'aquella nobilissima familia a sciencia tivera já muitos cultores.

A influencia do meio é enorme no desenvolvimento e na direcção mental. O conde foi dominado tambem pela tradição de familia.

Espirito inclinado por natureza ao estudo desabrochou na antiga livraria do seu palacio, e exercitou depois a sua acção nas suas proprias terras, que é vantagem concedida a poucos sabios.

Insta mencionar outra influencia, a da esposa, como pessoas de sua convivencia assevéram, e elle proprio confessou enternecido.

A condessa Maria Tereza era uma d'estas senhoras raras, illustradas, sensatas, de admiraveis affinidades e qualidades, que a levaram a ser activa collaboradora nos trabalhos scientificos do esposo.

Imagine-se o sabio matrimoniado a mulher que só veja interesses, relatividades mesquinhas, ou que só se empregue nas apparencias, regalos e vans louçanias... Pobre estudioso! Viverá sempre em lucta e desequilibrio, e os suaves affectos de esposa por elle sonhados se transformarão em importunidades e fastios invenciveis.

Mas se a esposa do homem de estudo comprehender a sua missão de boa companheira, o sabio terá animo e horas desafogadas, faculdades tranquillas para se entregar ás suas nobres pesquizas.

Gozzadini teve mais, a felicidade rara de encontrar na esposa uma incitadora e collaboradora activissima, a verdadeira e rarissima musa inspiradora e amavel.

Ha exemplos d'isto; de mulheres que pela dedicação, pelo amor, por affinidades nervosas ou sentimentaes, se identificam ao destino, á vida, á mentalidade do esposo, tornando-se auxiliares de incomparavel valor, e agora mesmo e aqui no campo archeologico, muito se celebram os esposos Dieulafoy, os exploradores felizes da Susiana, a quem o Louvre ha dias concedeu algumas salas.

A obra scientifica de Gozzadini divide-se em trabalhos de historia e de archeologia pre-historica. A sua dedicação a estudos historicos accentuou-se em 1835 a 1840. Começou pela Edade-Media, cheia de episodios, em Bolonha; por estudos muito especiaes, em assumptos restrictos a que elle dava importancia pela copia de documentos que sabia descobrir nos archivos de Bolonha, e entre os papeis do opulento cartorio de sua familia.

Quadros singulares sahiram de sua penna que despertaram attenções de eruditos pela franqueza da critica do poder temporal dos Papas, frisantemente de Julio II, que na sua expansão guerreira e autoritaria, apoz as oscillações e duvidas medievaes, sacrificou as liberdades municipaes, as importancias locaes das cidades italianas; acção que mais se aggravou em tempo de Leão X, de Benedicto XIV e do *hespanholismo*, como dizem na Italia, influindo, alterando profundamente o temperamento moral de todas as ordens cidadans.

Quem tem amor pelo estudo e faculdade de saber, ao entrar na historia fica preso; a fonte é manancial farto, inexgotavel, a grande meada cada vez se entrelaça mais, os problemas são successivos e crescentes, cada vez mais dominadores. Gozzadini profundou, da Edade-Media passou ao dominio romano; Marzabotto levou-o á antiga Etruria maravilhosa, depois Villanova mostrou-lhe os vestigios dos mais remotos habitadores da Felsina. Da descripção historica, da critica do documento medieval passou a estudar o monumento romano, as antiguidades etruscas, a edade do ferro e logo a entrar n'esse vasto campo da archeologia prehistorica, onde, ha trinta annos, se trabalha com singular afan, porque a humanidade intelligente sente a urgencia de saber as suas origens.

Honrado por soberanos, estimado por estudiosos, occupou na sociedade posições eminentes; em nosso particular ponto de vista mencionarei a presidencia perpetua da Sociedade de historia patria da Romania e o ter sido eleito presidente do congresso de archeologia prehistorica de Bolonha em 1871. Gozzadini era modesto, quasi timido, e no congresso reuniram-se homens de universal nomeada. — «Sêde bem vindos, dizia elle, n'esta cidade que foi chamada *mater studiorum*, onde vossos antepassados vinham, em volvidos tempos, para cursar as faculdades, livremente ensinadas á sombra da bandeira com a divisa «Libertat», que em plena Edade-Media ameaçava todo o despotismo.»

Tem sempre este cunho a obra de Gozzadini; o sabio nunca esquece o cidadão; elle procura sempre erguer a historia de sua patria, e pôr em relevo a sympathica feição liberal, já marcada na gloriosa Universidade nos seus estudos livres.

Em cada pagina, actualmente, da historia de Bolonha se encontra o trabalho de Gozzadini. Foi o revelador da necropole de Villanova que pertence, senão aos primeiros, a mui remotos povoadores d'aquella região italiana.

Estudou os bronzes, os objectos d'arte, revelou e divulgou os diversos achados de Marzabotto, e penetrou com enthusiasmo e critica notavel a civilisação etrusca.

Estudou a Bolonha romana, com seu aqueducto e thermas, descreveu e analysou os monumentos da Edade-Media, traçando ao mesmo tempo quadros, repletos de documentos ineditos, da vida admiravel d'aquella cidade, das luctas civis, das cruentas guerras de bandos, as prepotencias feudaes, a liberdade e as facções das communas italianas, o cahos social da meia edade na Italia onde entre tanto

drama surgia a arte moderna, e a nova sciencia, como junto das severas torres gentilicas de Bolonha se ergueu de subito a sua universidade liberal.

Depois a renascença e a época de Bentivoglio e a decadencia necessaria pela decadencia da nação.

Foi sabio e cidadão illustre; amou o seu paiz, a sua cidade; o seu nome já historico pela serie de gloriosos antenatos, brilha entre os dos benemeritos que mais nos teem revelado documentos de outras eras e do passado viver, noções da vida humana que se encontram nas obscuras necropoles. Como cidadão e sabio é credor dos respeitos dos seus compatriotas, e do nosso agradecimento pelo muito que trabalhou, pelos documentos historicos e archeologicos que nos revelou, pelo seu exemplo de enthusiasmo e perseverança.

GABRIEL PEREIRA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MONUMENTOS CELTICOS

(Concluido do n.º 1, Tomo VI, pag. 6)

O grande numero de *kelts* achados na antiga Bretanha, na Irlanda, na Allemanha, na Italia septentrional, na Suissa, na Bohemia, no norte da Germania e nas outras partes da Allemanha, onde as colonias celticas residiram, provam de uma maneira irrecusavel que as sepulturas que descrevemos pertencem ás tribus d'esta raça. O bronze foi o metal com que se fabricaram os instrumentos cortantes em uma epocha muito anterior ao ferro. Se continuou a ser empregado para este uso, mesmo ainda quando este ultimo metal foi mais conhecido, não se encontra, entretanto, senão raras vezes. O cutello que estava junto á *kelt*, mostra, em todos os casos, a muito remota antiguidade dos *tumuli* e haver pertencido sem a menor duvida á população primitiva.

As comparações entre esses objectos muito melhor serviam para provar a communidade da origem e dos usos das diversas tribus ás quaes todos estes *tumuli* pertenceram. As particularidades que se encontram separadamente na sua estructura interior, na sua profundidade ou na sua elevação acima do solo, dependem no maior numero de vezes de circumstancias locaes. Ellas foram dictadas pela necessidade e pela propria natureza do terreno: mas o seu symbolismo é identico; o mesmo pensamento religioso prescreveu a fórma; as mesmas ceremonias funebres presidiram á sua consagração: portanto o que se encontrar em um grupo isolado, póde servir para a historia do culto celtico de todo um paiz.

Vejamos o que se tem descoberto no bosque de *Seltz*, desde *Hatten* até *Sabtio* do tempo dos romanos, situado no limite extremo do territorio dos *Németes*. As florestas que cercam esta localidade conservam ainda os despojos mortaes da antiga população celtica, que, não obstante este territorio ser invadido pelos povos germanicos, e terem-se estes confundido com os primitivos habitantes, todavia conservaram o seu culto e os seus costumes, continuando a enterrar os seus defuntos nos circulos symbolicos, e por este motivo na via antiga que vem de *Seltz* em direcção da floresta, veem-se os grupos de *tumuli* que se succedem uns aos outros. Todos os grupos principaes se subdividem em grupos parciaes e se ligam mais longe a outros grupos que se succedem no *Palatinado.*

A necropole celtica estende-se a alguma distancia do logar moderno, principalmente no territorio de *Kesseldorf*. Os comoros que a compõem são de uma dimensão muito consideravel, umas com 40^{m} de diametro sobre 8^{m} de alto, outras teem 108^{m} de circumferencia na base e uma elevação de 6^{m}. O solo arenoso da floresta, e o ter-se arrancado successivamente durante tantos seculos as raizes das arvores, tem feito desapparecer a maior parte dos objectos que estavam occultos nos tumulos.

Em um *tumuli* que se abriu perto de Schirrhein, o qual tinha 17^{m} de diametro e $1^{m},5$ de altura, encontrou-se a $0^{m},6$ por baixo da relva que o cobria 4 sepulturas: duas d'estas eram sem duvida alguma de guerreiros. Posto que poucos ossos estivessem intactos, podia-se distinguir a orientação dos cadaveres. Junto do pescoço, se achou em estado de oxydação mais ou menos, uma grande fivela de ferro, não apparecendo mais nada junto d'estes dois esqueletos. Porém ao lado dos outros dois, havia espadas que esses guerreiros teriam mane-

jado, e aos pés de um d'elles, estavam uma parte de lança de ferro, que, não obstante o seu estado de oxydação, media ainda 0m,17 de comprimento, e uma espada mettida na bainha.

Ao lado de outro esqueleto a espada appareceu nua e dobrada. Uma parte da bainha que lhe pertencia, apresentava os vestigios de ter sido quebrada com esforço. Este costume de fazer dobrar ao fogo, em alguns casos, a espada do defuncto, era commum entre muitos povos da antiguidade.

As folhas d'estas espadas, em todo o seu comprimento, teriam 0m,84. As bainhas, sobre as quaes mostravam de cada lado um encaixe, tinham 5 1\|2 de largura na parte superior. A espada era de dois gumes, sobre a bainha havia uma passadeira destinada á correia que segurava a arma á cintura. A extremidade, acabada em ponta, apresentava de cada lado um semi-circulo aberto, de um effeito engraçado. Quatro grossos botões de ferro estavam juntos ao punho; sem duvida serviriam de ornamento ao cinturão.

Sobre a camada inferior dos mortos, pertencente ao mesmo *tumuli*, 1m mais abaixo, onde não havia vestigio algum de ossos, se acharam algumas graciosas joias de bronze, o maior numero das quaes deviam pertencer a mulheres ou a jovens.

Restos de pulseiras oucas, que na parte interna madeira flexivel fortificava de leves listões, fabricados pelo mesmo systema; muitos braceletes com encaixe, viriolas, alfinetes, fivelas para cintura, tudo fazia suppôr pertencerem a 5 pessoas ali enterradas. Mas era impossivel, comparando os despojos que acompanhavam estas duas sobreposições de mortos, collocados no fundo e a tão pouca distancia do cimo do tumulo, fazer-se notar o caracter tão differente d'estas sepulturas. Todavia, se ellas encerram outras gerações, devem pertencer ao mesmo povo; porque as mesmas ceremonias religiosas, o mesmo fogo purificador as tem consagrado. Proximo de cada uma d'ellas se vê onde foi o logar do brazeiro, d'onde se tiraram os carvões e as cinzas que formavam o leito do morto. Junto de todas achavam-se os bocados da louça grosseira de barro que serviram para os sacrificios e para os enterramentos.

Em um *tumuli* ao sueste da floresta de *Brumath* encontraram-se duas bilhas de barro em boa conservação; e o mais curioso foi descobrir-se uma grelha de ferro forrada de bronze, acompanhada com uma faca do mesmo metal e uma colher de sôpa com cabo de ferro. A grelha de 0m,2 de largo por 0m,29 de um lado e 0m,29 de outro, tinha um rego destinado a juntar a gordura das carnes que n'ella se tivessem assado, facilitando-lhe a sahida, pela inclinação da grelha, pois tinha os pés desiguaes em altura. Servia para se preparar a refeição mortuaria d'aquelle ao qual as honras funerarias tinham sido feitas n'esse logar. A 500m mais ao sul, em outra collinasinha, appareceu uma lamina de punhal de cabo curto, como se encontram frequentemente nos *tumuli* da *Suissa*. Em um outro com 28m de diametro sobre 4m,5 de alto, collocado sobre a areia, e a 0m,5 por baixo da relva, appareceram duas espadas mutiladas, uma das quaes, corada ao fogo antes do enterramento do guerreiro, e enrolada em feitio de laço de fita se tinha conservado intacta. O ferro do punho estava apenas oxydado. O punho media 0m,15, e a lamina 0m,95, com 1m,1 de comprido.

Ao lado d'este raro e precioso achado, estava a ponta da lança que pertencia ao mesmo guerreiro. Por uma circumstancia bem notavel, essa arma tremenda, quebrada a pouca distancia do cabo ouco, posto que revirado ao fogo, apresentava junto á ponta uma aresta tão viva e tão polida como estaria na occasião em que ficou soterrada: o seu comprimento era de 0m,3. Dous fragmentos de uma das peças da armadura do mesmo guerreiro existiam ao lado, testemunhando o espirito com que se havia praticado a mutilação, tendo-se egualmente despedaçado as outras peças do guerreiro, pelo sentimento d'elle já não poder mais manejar aquellas armas, assim como não ser nenhum outro digno de se servir d'ellas.

A 0m,5 distante d'esta espada e da lança, estava enterrada outra espada dobrada, faltando-lhe o punho, com tres fragmentos da bainha agarrados á lamina. Um dos fragmentos da bainha, a parte mais curiosa, continha uma passadeira para se pôr a correia no cinturão. Ainda que dos esqueletos não apparecessem os vestigios, devemos suppôr que dois companheiros d'armas haviam partilhado um ao lado do outro, essa commum sepultura.

A necropole da floresta de *Brumath*, pelo que acabamos de expôr se conhece que pertenceu á antiga população celtica. Já relatámos ter se encontrado debaixo d'esses comoros, tanto os cadaveres do pontifice como dos guerreiros, das mulheres e das creanças.

Conforme o rito sagrado, achou-se o *kelt* e o cutello de bronze, não com significação de arma de guerra, porém sim como instrumento do culto, estando esse instrumento symbolico representado na sua propria natureza, e collocado em cima da sepultura d'aquelle ao qual elle fôra dado como distinctivo de auctoridade, parecendo ter tido á mesma significação religiosa como appareceu muito tempo depois, sobre os cippos romanos, quando o costume de enterrar dentro dos circulos fôra abandonado, e talvez a representação do machado n'esse logar fosse para usar a formula da dedicatoria *Sub ascia;* assim como considerando que

o ferro empregado no fabrico das armas de guerra nos indica haver então a fusão das duas raças que se serviram do bronze e do ferro e habitaram o mesmo solo. Não se póde duvidar de que houvesse o mesmo intervallo de tempo que decorreu sobre as sepulturas dos primitivos povos, onde os enterramentos eram feitos dentro dos circulos symbolicos, e não tivesse decorrido outro tanto tempo sobre a necropole do bosque de *Brumath*. Quando o novo culto introduzido pelo povo conquistador, substituiu o antigo culto druidico, os monumentos funereos d'esta floresta, que se estendiam ainda muito mais debaixo de sua mysteriosa sombra, antes que e cultura tivesse derramado uma grande parte d'esta terreno, tinham sido ali respeitados. Muitos seculos ainda dirão ás gerações vindouras qual era o povo que escolheu a sua ultima morada debaixo da relva que veste esse solo sombrio.

Em outra floresta, *Depenheim*, no sitio em que duas vias antigas se encruzam ao sul d'este entroncamento, é que se acham escondidos debaixo da sombra das florestas os comoros de *Depenheim* que vamos descrever.

O mais vasto e o mais elevado d'esses monumentos tinha 35^m de diametro sobre 4^m de alto. O primeiro comoro da esquerda era de 3^m de alto por 32^m de diametro. Sómente algumas raizes de carvalhos antigos appareciam no meio de alta relva que o cobria.

A $0^m,3$ debaixo d'essa relva e junto de uma arvore secular, cujas raizes alastravam a grande distancia, appareceu um esqueleto na vertente oriental do *tumulus*.

A cabeça estava mutilada pelas introducções das raizes, comtudo em boa conservação. Muitos ossos haviam ainda resistido aos 20 seculos, que provavelmente se passaram desde o seu enterramento. Debaixo do esqueleto o solo de côr acinzentada testemunhava a camada de cinzas sobre a qual o morto tinha sido deitado. Mais de 10 outras sepulturas, a $0^m,4$ abaixo do solo, existiam proximo d'este sitio.

Ao lado occidental um outro corpo, collocado a $0^m,5$ de profundidade debaixo da relva, conhecia-se pela boa conservação dos queixos e pela falta de dentes assim como pela curvatura que a mandibula apresentava, ter pertencido a algum ancião. Este esqueleto media $1^m,8$ de comprido; quando ficou descoberto de toda a terra, parecia um esqueleto completo, preparado para estudo; porém, uma hora depois, desfez-se todo pela acção do ar.

Defronte d'este corpo, debaixo de uma raiz de carvalho, appareceram dois corpos reunidos, um quasi intacto, mas do segundo apenas existia a parte superior; o que seria causado por as raizes da arvore terem quebrado os ossos da parte inferior e terem precipitado a decomposição.

Era esta sepultura a mais interessante, pois que apresentava ao espectador a imagem de dois seres que durante a sua longa peregrinação sobre a terra, se haviam sem duvida amado sempre, e vivido em companhia, partilhando os desgostos e as alegrias d'esta vida, e depois ambos deitados juntos n'esses 2^m de terra ali jaziam reunidos ha tantos seculos, e talvez tivessem fallecido ao mesmo tempo. O esqueleto de mulher, o braço direito da qual descançava sobre o hombro esquerdo do homem, dava logar a suppôr-se que teria precedido alguns dias ao outro esqueleto achado no mesmo logar. A sepultura não o podia revelar, sómente a sciencia reconheceu a natureza dos esqueletos, e a edade bastante adiantada a que tinham chegado.

A estatura do homem era de $1^m,85$. A mulher tinha os ossos extremamente delicados, e conforme o comprimento dos braços e da columna vertebral, devia ser tambem alta. O craneo do homem era de uma grandeza notavel, as duas cabeças estavam voltadas uma para a outra, os ossos da mulher appareceram um pouco sobrepostos aos do homem. Este quadro funebre infundia um sentimento profundo que commovia e levava a pensar na fragilidade da nossa existencia.

Um outro tumulo situado ao oeste, tinha 30^m de diametro sobre $1^m,5$ de alto; logo a $0^m,15$ debaixo da relva havia 3 enterramentos, porém um só apresentava o esqueleto inteiro; era o de um guerreiro sobre o qual se achou uma fivella e a espada que elle manejou, estando as phalanges da mão esquerda ainda pegadas ao punho. As mandibulas tinham todos os dentes; o corpo media $1^m,85$; e conforme a inspecção dos ossos, este homem morreu na flôr da edade. A arma que elle segurava, estava mettida em uma bainha de ferro, sendo em tudo semelhante pela fórma ás outras já descriptas e encontradas em varias localidades, o que fez suppôr pertencerem estes tumulos a populações de raça commum, e que as armas sairiam da mesma industria.

Na floresta pertencente a *Wittenheim* encontraram-se na campina proxima varios *tumuli*, dentro dos quaes appareceram mais objectos, que comprovam pertencerem egualmente essas sepulturas aos celtas. Conheceu-se que o primeiro monumento, que presentemente tem pouca elevação acima do solo, pertencia á mesma tribu, pois que indicava o costume supersticioso de derramar o sangue do escravo que fôra sacrificado aos *Manes* de seu amo, e enterrando-se junto do cadaver os seus ossos calcinados. Este logar continha um montão de cinzas e carvões provenientes do sacrificio. Conserva-se ainda a mais de $0^m,2$ em roda, a côr encarnada onde a chamma havia carbonisado os ossos.

No meio das cinzas encontrou-se uma pequena urna de barro preto, sómente com a altura de $0^m,04$ de $0^m,035$: estava cheia de cinzas; á ilharga e o diametro d'ella dois anneis de bronze.

No segundo comoro logo a $0^m,03$ por baixo do tojo do lado nordeste da cova, appareceu uma bonita viriola de creança, de bronze, do feitio de serpente, e na parte noroeste, uma pequena fivella do mesmo metal, em dupla espiral, acabando n'uma graciosa ponteira. A $1^m,5$ de profundidade havia cinco enterramentos. No primeiro, ao noroeste, appareceram dois pequenos alfinetes, fivelas de bronze muito elegantes e dois braceletes oucos do mesmo metal consolidado por madeira flexivel. Estes bellos braceletes deviam ter ornado os braços de uma mulher, cujos punhos tinham tambem duas viriolas de bronze, conservando ainda toda a sua flexibilidade, e nas extremidades havia dois botões que se reuniam para lhe dar mais solidez. Ao lado do logar occupado pelo corpo a que estes objectos haviam servido de enfeite, achou-se mettido dentro de uma camada de cinzas e carvões, um montão d'ossos calcinados: era a primeira vez que ossos quebrados appareciam fóra do vaso em que se depositavam. Esses ossos calcinados junto aos cadaveres pertenciam sem duvida alguma ou a homens, ou a animaes que teriam sido estimados pelos fallecidos, e conforme o rito foram sacrificados aos *Manes* dos defunctos ali sepultados.

Estas interessantes investigações nos certificam qual era a pratica dos enterramentos dos celtas, e servem para a comparação com monumentos sepulchraes de egual natureza achados em outras regiões; assim como em Portugal nos elucidam sobre a origem d'esses comoros que existem na provincia de Beira, conhecidos pelo nome de *mamôas*. Ainda bem que nações mais civilisadas não se furtam a emprehender essas indagações archeologicas, porque folgam em que as considerem illustradas.

POSSIDONIO DA SILVA.

ANTIGUIDADES ROMANAS DO TERMO DE CINTRA

(Concluido do n.º 1, tomo VI, pag. 12)

Decimo Monumento

LAPIDE SEPULCRAL ROMANA

No logar de Oderinhas, em uma Ermida dedicada a S. Miguel, se vê uma grande lapide com o seguinte letreiro:

LAELIVS LF GAL AELIANVS
H. S. E.
LAELIVS SEXFGAL SENECA
PATER H. S. E.
CASSIA QF QINTILIA MA
TER H. S. E.
LIVLIVS LFGAL AELIANVS
ANN XXIIII H. S. E.
AELIA LF AMOENA H. S. E.

Lucio Aelio Eliano filho de Lucio da tribu Galeria aqui está sepultado. — Lucio Aelio Seneca seu Pai, filho de Sexto da tribu Galeria aqui está sepultado. — Cassia Quintilia sua Mãe filha de Quinto aqui está sepultada. — Lucio Julio Eliano filho de Lucio da tribu Galeria de 24 annos aqui está sepultado. — Aelia Amena filha de Lucio aqui está sepultada.

Depois de acabarmos esta memoria, e a termos entregado a Sua Magestade, movidos pelo desejo de tornar completo nosso primeiro trabalho, effectuamos na companhia do Ex.^mo Visconde da Piedade, que muito nos auxiliou com suas luzes, uma visita ao termo d'esta Villa com o fim de observar todas as fontes publicas, e alguns logares onde suspeitamos encontrar alguma curiosidade digna de attenção, e suposto não termos feito o giro que meditavamos, podemos comtudo colher uma collecção não pequena de inscripções antigas e visitar a celebre Ermida de S. Miguel do logar de Oderinhas, onde as Urnas sepulcraes Romanas e os Epitafios Gothicos, e varias outras inscripções Latinas, se acham em abundancia, mas quanto sentimos chegar a este interessante local na inclinação do dia, e desprovidos de varios objectos essenciaes para que nossa analyse fosse completa, nossos afazeres, nossa pouca saude ainda não nos permittio ali voltar munidos dos meios que a experiencia e conhecimento do local nos faz reputar como indispensaveis á analize a que nos propomos, mas ao voltar da primavera do futuro anno de 1842, contamos poder fazel-o, e tornar nosso trabalho completo, por agora temos a addiccionar a nossa citada Memoria do anno passado, os Monumentos e inscripções que se seguem.

Decimo primeiro Monumento

INSCRIPÇÃO E FONTE ROMANA

O primeiro Monumento que vezitamos foi uma fonte antiga que ha no logar d'Arméz, e que se

acha em o fundo de um como poço de figura quadrada, e para onde se desce por 12 degráos de pedra, ficando a fonte toda metida dentro de uma das paredes, e coberta de uma grande lagea que tem a seguinte Inscripção :

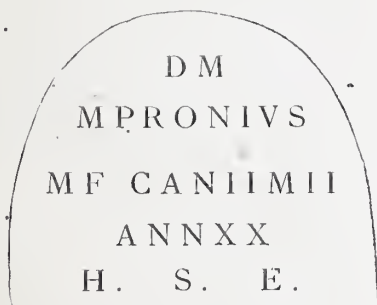
LIVLIVS M:ELO CAVID CELAM DIVINID

Lucius, Julius, Maelo, Cavid, Celam, Divinid?

Muitos curiozos tem reputado como inigmatico este letreiro, e nós suposto não sermos de seu avizo, com tudo confessamos ingenuamente que não sabemos seu verdadeiro sentido. Entretanto julgamos que Lucio Julio decretara aquella fonte ou banhos publicos em honra da divindade de Ceres debaixo do titulo de Melophonia, como protectora das ovelhas e gado lanigero? O D por T e outras substituições deste genero são muito vulgares nos Epitafios de certa epoca.

Decimo segundo Monumento

URNA SEPULCRAL

No Cazal do Urmeiro, junto ao logar de Villaverde, ha uma urna sepulcral com o seguinte Epitafio :

A barbaridade e ignorancia destruio este Epitafio a ponto de se perderem algumas letras, e tornar mui defficil a intelligencia das outras tambem quaze apagadas, parece ser a sepultura de Marco Pronio filho de Marco Canemio de 20 annos? aqui temos dois II por E. esta pedra serve hoje de Salgadeira de toucinho.

Decimo terceiro Monumento

LAPIDE GOTHICA

No logar de Montelavar á porta de Joze Feliciano se acha um pedaço de pedra que parece fazer parte da que ja fizemos mensão em nossa memoria, e contem as letras seguintes segundo nos parece :

ROV ICSPARICFRS[illegible]FILISSI·VI·ICJF

Os caracteres desta Lapide estão de tal modo carcumidos e gastos pela chuva e tempo, que não asseguramos serem estas as letras que exactamente contem, não podendo nós com estas saber o seu verdadeiro sentido.

Julgamos seria á dedicação d'algum templo gothico que algum Bispo ou dignidade Eccleziastica consagrou aos Apostolos S. Pedró, ou S. Paulo, mas esta conjectura não pode ter corpo sem que outra vez e com mais vagar verifiquemos os caracteres todos desta Lapide.

Decimo quarto Monumento

URNA SEPULCRAL

Em uma escavação feita este anno de 1841 nos quintaes de João Nicoláo lavrador e morador no logar da Vargea termo desta Villa appareceo uma pequena Urna sepulcral com o Epitafio seguinte :

Nesta lapide faltão muitas letras perdidas nos bocados que lhe faltão parece ser a sepultura de Lucio Cominio Elundano. — deste mesmo nome faz menção uma outra pedra no sitio da Madre de Deus e não longe desta.

Decimo quinto Monumento

LAPIDE SEPULCRAL

No logar d'Oderinhas dentro da Ermida de S. Miguel de que já fizemos menção existe um grande pilar que serve de bancada, com o Epitafio seguinte :

TPLOTIVS
GALCAIF
H. S. E.

Esta lapide tem 20 palmos de comprimento e 4 de largura, foi chumbada pela sua baze a outra que a suportava segundo o que da mesma se observa.

Tito Plocio filho de Caio da tribu Galeria aqui está sepultado. — O pouco tempo que estivemos n'este sitio, nos não permittio lêr outros Epitafios que ali ha, o que faremos quando houver opportunidade.

Decimo sexto Monumento

URNA SEPULCRAL

Ambrozio de Morales no L° 9 folhas 247 v. fallando sobre a familia dos Galiões diz que em Cintra ha uma pedra que faz menção d'ella, e suposto não termos ate agora discuberto esta lapide aqui transcrevemos a sua inscripção:

DM
MVAL MF GAL
GALLIONI AN
XXXVIII LICI
NIA MAXVMA
MATER
F. C.

Aos Deoses Manes — A Marco Valerio Galião filho de Marco da tribu Galeria de 38 annos Licinia Maxima sua Mai mandou fazer este epitafio.

Julgamos que esta pedra será uma que vimos na alpendrada da Ermida de S. Miguel de Oderinhas, de que não podemos lêr a inscripção por estarem as letras viradas para a parede, e ser necesssario empregar força e algum instrumento, para se afastar e pôr em pozição conveniente.

Decimo septimo Monumento

RUINAS DE UM TEMPLO ROMANO

Junto á Ermida de S. Miguel do logar de Oderinhas de que temos falado, entre os muitos objectos que excitão a attenção do observador curiozo o mais notavel é sem duvida hum Templo Romano de forma redonda, e do qual existe em pé um grande pano de parede, tem em tudo semelhança aos que houve em Roma, e aos que ao presente se observão em Corynthо e outros logares eregidos por este grande povo; de accordo com o nosso amigo o Ex.^{mo} Visconde da Piedade tencionavamos fazer neste sitio uma escavação afim de vêr se colhiamos alguma noticia sobre este Templo e sobre este local que parece ter sido em tempo antigo de grande importancia; porém a sua retirada inesperada para a Inglaterra sua Patria, transtornou nossos planos, e nada podêmos por agora adiantar mais do que o que ja referimos, a este respeito, nossa oppinião portanto com a de pessoas mui graves é que aqui foi o assento de Cidade ou povoação insigne, observão-se por aquellas imediações muita cantaria lavrada, bocados de telhas, e de vazos de barro, pedras floreadas, e com algumas letras carcumidas, alicerces de edifficios, sepulturas com letreiros Gothicos e outros muitos vestigios que ainda hoje attestão a importancia da povoação que ali existio; o que se vê agora sobre este solo antigamente tão povoado, campos de trigo e solidão, uma pequena Ermida e algumas humildes habitações, eis o que resta de tanto explandór e grandeza! temos aqui uma outra Thebas uma outra Palmyra mas faltão-nos curiosos que investiguem suas ruinas, e procurem no centro da terra aquelles preciozos documentos incurruptiveis, e que só podem instruir-nos das antigas eras de que os homens não conservão memoria.

Á vista pois de uma colleção tão rica de Monumentos e Inscripções antigas que se encontrão por esta Villa e seu termo, que ideia devemos fazer de sua antiga importancia e celebridade; nenhuma terra seguramente haverá em toda a Lusitania, onde se encontre com tanta frequencia estes thezouros, aqui tem igualmente apparecido algumas medalhas

romanas de ouro, prata, e bronze, e a nossas mãos chegou uma de prata que se achou na Ribeira desta Villa, a qual offerecemos a Sua Magestade ElRey o Senhor D. Fernando, era da familia de Manio Acilio Triumviro de Saude, com a effigie de Escolapio, e a Estatua Hygéa encostada a uma columna com uma cobra na mão movendo-se para a boca. A de bronze era do Imperador Nerva, e tinha a legenda seguinte — Imp. Nerva Caesar Aug. P. M. T. P. Cons. III P. Aug. Fortuna S. C. A de ouro achou-se á 4 annos nas imediações de Collares, não a vîmos, porem disserão-nos ser do imperador Vespasiano; muitas outras curiozidades se encontrão por esta Villa, que suposto serem de menor entidade que as que ficão descriptas, merecem comtudo se relatem. No archivo da Igreja de S. Martinho existe varios manuscriptos do seculo 12 e 13 mui interessantes pelo seu estilo, e por serem escriptos em caracteres tão enlaçados e com abreviaturas tão caprixozas, que foi-nos necessario empregar todos os nossos conhecimentos paleographicos, e toda a nossa paxorra para os verter em lingoagem, e escripta vulgar: um dos mais salientes, e que nos dá bem a conhecer o que forão de arborizados estes sitios em tempo antigo, he um requerimento que os Beneficiados da dita Igreja de S. Martinho desta Villa fizerão a ElRei o Sñr. D. Affonso V, segundo nos parece, e de que o theor he o seguinte:

Señor.

Os Beneficiados desta Igreja de Sam Martinho ffacem saber avossa alteza que em tempo de vosso padre cuja alma Deos ha. quando quer equantas vezes corria monte reall tantas vezes mandava dár elevar hum veado a hermida de Sam Mamede que he sobfraganha a esta egreja. E sero a cuidaçom d'elles beneficiados que o dito Señor o fazia por duas caussaes. ou por cada hua d'ellas. ou por reconhecer ser bem dár dizimo a Deos. ou por saber que Sam Mamede em sua vida avia cura das alimarias. ora fosse por anbas as ditas coussas. ou por cada hua dellas. Ao dito Señor de boa vontade lhe paredia tall coussa fazer. E vos Senhor depois por vezes correstes monte Reall e nom fizestes semelhante.

Item Señor hum pobre lavrador como ha X bacoros os quaes á sua custa cria. logo dá adeos de dizimo. hum. E vós Señor dos porcos que se criam nos bees seos e dos freguesses da dita egreja de que a egreja ha adizima ja por vezes matastes tantos quantos a elles beneficiados nom som em memoria e dizimo d'elles nunca foe dado a dita egreja. Ca Señor se vos quiserdes chamar fregues dalgua egreja de vossos Regnos. nom tendes sero rezom donde possaes ser dito fregues se nom da dita egreja. E isto por duas caussas. a primeira por bem da vossa nacença. segunda. por abitaçom dos vossos paaços por serem os melhores de vossos Regnos. hora convem que vistas estas coussas por vós. que mandees dar o dizimo a dita egreja dos porcos e bem asim das perdizes. E mais o veado a Sam Mamede. Este Señor veede e provede nom como couçe en brasa. com aquillo que vos parecer bem e como quizerdes asi o mandade fazer. &.

Christovão Pires.

Como seria possivel na epoca presente criar-se porcos bravos, e veados pelo destricto desta freguezia, onde as povoações são tão frequentes, e as matas se achão convertidas em campos aridos que mal podem abrigar a lebre ou coelho!

Padre Antonio Gomes Barreto.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 12, Tomo v)

Os capiteis Lombardos, assim como os Bysantinos, têem ordinariamente a fórma de açafate esvasado ou cubico.

Uma transformação se opéra insensivelmente e a arte lombarda adquire uma certa originalidade. Os seus typos são variadissimos; o cinzel do esculptor dá ali provas de fecundidade. Mais tarde esta transformação continúa lentamente, e durante o x seculo, as esculpturas tornam-se mais salientes, as folhagens são augmentadas e as extremidades arredondadas.

Em relação á esculptura d'ornato que cobre o açafate, podem distinguir-se duas especies de capiteis: os capiteis *ornados de folhagens* e os capiteis historicos ou legendarios. Os capiteis historicos são muito communs nas egrejas lombardas que datam do VIII seculo.

Chamam-se historicos e legendarios os capiteis que são ornados com esculpturas que representam scenas tiradas da historia ou da lenda e até mesmo algumas vezes têem animaes symbolicos ou phantasticos.

O abaco enorme em fórma de capitel, que se encontra nos edificios Latinos, só raramente se vê nas egrejas Lombardas; é substituido por grosso abaco, mas pouco elevado, de profil muito accentuado e muitas vezes talhado em pedra differente do corpo do capitel.

Em opposição ao principio geralmente admittido pela antiguidade e pela edade media, as fachadas das egrejas Lombardas não indicam exteriormente a fórma das naves lateraes.

Compõem-se d'uma grande parede que chega até aos dois lados obliquos que a terminam, e na qual não apparece o resalto na nave principal por cima das naves lateraes.

Os campanarios das egrejas Lombardas ficam ordinariamente separados do edificio da egreja, e compõem-se de uma serie de andares quadrados, todos da mesma largura e pouco mais ou menos da mesma altura, separados uns dos outros por cornijas. Estes andares são ornados com faixas muraes e pequenas arcadas fingidas, cujos arcos se apoiam sobre modilhões.

As cornijas dos edificios lombardos apenas apresentam uma pequena saliencia das faces das paredes. São quasi sempre collocadas sobre arcaduras fingidas, de volta inteira, assentando em modilhões de fórma muito simples.

As arcaduras constituem uma das fórmas caracteristicas da architectura Lombarda; encontram-se, não só debaixo das cornijas dos telhados, mas tambem debaixo das outras cornijas das fachadas; e até mesmo nas platibandas horisontaes dos edificios.

Decoração monumental

Os bysantinos cobriam com marmores e mosaicos as paredes interiores das suas egrejas. Os lombardos, pelo contrario, mostram no seu systema decorativo uma certa preferencia quasi exclusiva pelas esculpturas, a qual derivando da bysantina, foi por algum tempo sua imitação; porém, mais tarde, a começar no IX seculo, principiou-se a abandonar esse modo de decorar.

Nos primitivos edificios lombardos nota-se uma grande incorrecção nas esculpturas das figuras, quer verdadeiras, quer phantasticas. Mais tarde encontram-se, em todo o periodo do estylo lombardo, nos seus edificios, animaes chimericos, ora isolados ora em frente uns dos outros, acompanhados e tambem entrelaçados de folhagens.

As esculpturas não cobrem só os capiteis, mas tambem as archivoltas e os tympanos, assim como as faces dos altares, dos doceis, etc.

Os embutidos e os revestimentos de marmore são raros no interior dos edificios lombardos.

Desde o IX seculo que se substituiram os embutidos em marmore pelas pinturas a fresco e por mosaicos de pequenos cubos.

Emquanto o estylo lombardo se desenvolvia no Norte da Italia, o latino continuava a ser seguido na Italia central e meridional.

A maior parte das egrejas do VII e VIII seculos eram construidas de madeira, o que explica os frequentes incendios d'essas egrejas.

No principio do seculo IX, o Imperador Carlos Magno tentou fazer reviver as bellas-artes na Europa Occidental; quiz restabelecer o renascimento da arte romana.

O estylo Roman durante os seculos XI e XII

O estylo Lombardo, inteiramente constituido no Norte da Italia desde o seguinte seculo, exerceu uma grande influencia sobre a architectura roman dos paizes cisalpinos no XI e XII seculos. No fim do X seculo, e no principio do seguinte, os monges introduziram o estylo Lombardo na Allemanha, na Suissa, e nas provincias da França visinhas da Italia, d'onde irradiou para o Norte e Oeste.

O estylo roman da Europa Central não é outra cousa mais que o estylo Lombardo transportado áquem dos Alpes e modificado accidentalmente pelo proprio genio dos differentes povos que occupavam esta região. O elemento Gaulo-romano tomou tambem grande parte na formação do estylo roman.

O roman inglez recebeu o elemento Lombardo por intermedio dos Normandos, que, depois de terem conquistado a Inglaterra, para ali levaram o estylo do Occidente da França.

A rapida propagação das ordens religiosas durante o seculo XI, contribuiu poderosamente para a diffusão e desenvolvimento da architectura roman. Foi n'este seculo, que as ordens religiosas, graças a abundantes recursos, cobriram em pouco tempo a Europa Central e Occidental com um grande numero de egrejas e mosteiros. Estes monumentos, não obstante apresentarem todos os mesmos caracteres geraes, taes como o emprego das abobadas de volta inteira e d'um mesmo systema de construcção, differem comtudo entre si, em certos caracteres especiaes, proprios de cada região.

O estylo roman do seculo XI differe do estylo do XII por uma ornamentação mais simples, contornos menos correctos e execução geralmente inferior.

No seculo XII abundam os ornatos tanto no interior como no exterior dos edificios. No final do seculo XI, estabeleceram-se, na Europa Occidental, duas escolas de architectura, animadas de diversas tendencias. Uma, da ordem de S. Bento, que tinha o seu centro principal na abbadia de Cluny, desenvolvia uma magnificencia e um luxo quasi extraordinario na decoração dos edificios religiosos, cuja construcção lhe era incumbida; a outra, pelo contrario, procedente da Ordem de Cister, quasi que não admittia ornatos alguns e levava a singeleza até á severidade. Em todos os paizes em que existiam edificios romanos por occasião da formação do estylo roman, a sua existencia exerceu grande influencia na decoração dos edificios. Pelo contrario nos paizes em que escasseavam aquelles monumentos, diligenciaram imitar, a maior

parte das vezes, na esculptura monumental os variados tecidos importados do Oriente.

Caracteres da architectura Roman

As egrejas romans apresentam ordinariamente em planta a fórma d'uma Cruz Latina, cuja frente representada pelo côro é voltada para o Oriente. Têem geralmente tres naves formadas por duas ordens parallelas de pilares, e algumas vezes de cinco. Depois do seculo XI, o côro das egrejas cathedraes, abbaciaes (exceptuando as da Ordem Cistersiense e collegiaes), tem maiores dimensões que nas basilicas Latinas e Lombardas.

Quando o côro não era rodeado de capellas, terminava por um abside semi-circular ou por uma parede recta. Encontram-se, nas margens do Rheno e em outras partes da Allemanha, egrejas Romans com dois absides semi-circulares, um a Leste e o outro a Oeste.

Algumas das grandes egrejas Romans têem os lados do corpo da egreja divididos por galerias.

Todas as egrejas Romans, sem excepção, são orientadas.

Muitas das mesmas egrejas têem cryptas quasi sempre situadas debaixo do coro, e formando capellas subterraneas, com tres a cinco naves, cujas abobadas de barrete veem assentar sobre duas ou quatro ordens de pilares pouco elevados.

Desce-se para a maior parte das cryptas por duas escadas collocadas aos lados da que do transepte conduz ao coro. Nas que não têem senão uma entrada, acha-se ordinariamente diante do coro mesmo no eixo da egreja.

O uso de construir cryptas só deixou de existir desde o seculo XIII.

Durante o periodo Roman, ainda se construiram ao pé das cathedraes e das grandes egrejas abbaciaes e parochiaes, baptisterios isolados, de fórma polygonal e circular.

Todavia, logo que a solemne ministração do baptismo caiu em desuso, não se construiram mais baptisterios proximo das novas egrejas parochiaes que se edificaram. A pia baptismal foi então transportada para a nave principal, proximo á porta de entrada da egreja nas naves lateraes, ou então em uma capella do lado occidental, proximo da porta principal.

A natureza dos materiaes influe poderosamente sobre o modo de construcção adoptada; assim nos paizes em que a cantaria é resistente, construe-se com grandes dimensões, o apparelho é mais grandioso, as fiadas são altas; em quanto que, nas localidades em que os materiaes são menos resistentes, e em que o trabalho de preparar a cantaria é portanto mais facil, o apparelho tem menor dimensão.

No seculo XI, a esculptura monumental toma repentinamente um desenvolvimento extraordinario pela influencia combinada do estylo Lombardo dos monumentos Gaulo-Romanos; dos tecidos e outros objectos d'arte importados do Oriente pelos cruzados.

Em cada paiz ou quasi que em cada provincia, a decoração Roman offerece caracteres particulares, devidos á aptidão dos habitantes, á variada natureza dos materiaes e a outras influencias locaes. Em geral, em todos os paizes onde se encontravam documentos romanos ricamente decorados, a influencia Lombarda se liga e se combina com a d'estes monumentos.

No Noroeste da França, principalmente na Normandia, e até mesmo na Inglaterra, a decoração consiste principalmente em estrellas e outras figuras geometricas. A ornamentação Roman da Allemanha compõe-se sobretudo de galões entrelaçados, cujas extremidades acabam em folhas com tres a cinco lobulos. Estes galões, algumas vezes ornados de perolas, parecem ordinariamente ligados com fitas ou reunidos por anneis.

(Continúa). Possidonio da Silva.

CHRONICA

No dia 2 de Dezembro houve, como dissémos n'outro logar, sessão solemne na nossa Associação, á qual presidiu S. A. o Principe Real D. Carlos para serem laureados com medalhas de prata de 1.ª classe tres distinctos socios, que tinham sido votados pela Assembléa geral em 1887 e 1888: — o Rev.^{mo} Bispo de Beja, D. Antonio Xavier Monteiro; Mr. Emile Cartailhac, archeologo francez, e Dr. Elmer Reinolds, archeologo anglo-americano.

Na mesma sessão foi lido pelo nosso illustrado collega, sr. Gabriel Pereira, o elogio historico do insigne litterato e archeologo italiano, conde Gozzadini, inaugurando-se n'essa occasião o retrato d'este fallecido socio.

Esse primoroso elogio captivou a attenção da Assembléa pela maneira erudita e scientifica com que o nosso talentoso collega expoz em phrases eloquentes as subidas qualidades, superior intelligencia e relevantes serviços que havia prestado á sua patria e ao mundo culto, tão illustre sabio, fazendo referencia a outros celebres auctores do mesmo paiz.

De um interessante opusculo do illustrado archeologo o sr. Ricardo Severo, da cidade do Porto, foram-nos offerecidos dois exemplares. O auctor analysa a importante publicação do nosso socio Mr. Emile Cartailhac — «Les âges prehistoriques du Portugal». E' um trabalho consciencioso e de grande merecimento scientifico em que o sr. Severo mais uma vez affirma o seu talento e saber. A associação muito apreciou e agradeceu esta nova offerta.

A municipalidade de Lisboa desejou que fosse depositada no Museu da nossa Associação a imagem de pedra de S. João Nepomuceno, que em 1843 fôra collocada sobre a ponte de Alcantara. Ficou assente no meio do cruzeiro da antiga e monumental egreja do convento do Carmo.

A esculptura da imagem é do artista portuguez João Antonio de Padua.

Fazendo-se o massame da base para assentar a imagem d'este santo no cruzeiro, descobriu-se na profundidade de quasi tres metros um carneiro, *sem abobada*, no qual se acharam alguns ossos espalhados, pertencentes ao cardeal Doutor João da Motta, que fôra Ministro d'Estado d'El Rei D. João V, fallecido em 4 de outubro de 1739, tendo tido n'esta egreja de N. S. do Carmo exequias esplendidas. Nos entulhos que enchiam o espaço d'este carneiro, encontraram-se pequenos restos do esquife de ferro em que o defuncto ficou depositado, e n'uma extremidade, ao fundo do jazigo, estava deitado, ao alto, para o lado da porta capella-mór, um grande brazão d'este illustre descendente da casa dos Marquezes de Abrantes, apresentando as côres heraldicas imitadas em mosaico, assim como tambem appareceu parte do seu epitaphio.

Uma cousa bastante singular é o craneo ter sido serrado com a maior perfeição na sua parte superior (diametro de 0,18 e circumferencia media 0,55 $^1/_2$) não se tendo achado a parte spheroidea supprimida! Seria para alguma experiencia cirurgica? A chronica do passamento d'este personagem nada refere a similhante respeito.

O estimado socio o sr. Manuel Dias Lima, da Bahia, offereceu uma bella photographia de um notavel specimen de origem meteorica que caíu nas proximidades d'aquella cidade, apresentando um extraordinario volume, parecendo o metal estar crivado de pequenos brilhantes. Tal seria o elevadissimo grão de calor que havia composto esse corpo metallico, o qual na sua veloz queda se entranhou no solo, a uma grandissima profundidade. Este nosso prestante socio foi muito louvado pela remessa de tão curiosa raridade.

El-rei o sr. D. Luiz recebeu recentemente do Rio de Janeiro, para onde foi o exemplar, um fragmento d'aquelle singular producto.

NOTICIARIO

No districto de Catharinoslaw (Russia), acaba de ser descoberto um tumulo com dois esqueletos decapitados, cujos craneos tinham sido substituidos por *cabeças de carneiro* com os respectivos chifres!

Ao lado d'estes esqueletos viam-se armas, lanças e aljavas cheias de frechas com ponta de ferro.

Este singular achado archeologico é o primeiro com similhante singularidade.

Está a edificar-se em New-York um predio de quinze andares; os cinco primeiros são construidos de ferro, e os restantes, de tijolos: deve custar a quantia de 234 contos de réis!

Foram laureados os 14 architectos que concorreram para dar á fachada da cathedral de Milão um aspecto mais monumental e em harmonia com o estylo primitivo da sua fundação. Primeiro premio, 6:400$000 réis — ao architecto de Milão, mr. Brentano; 800$000 réis, aos architectos ms. Deperthes, de Paris; Beltrami, de Milão; de Trieste, Nordio; 480$000 réis, a mrs. Dick, da Austria; Weber, da Austria; 320$000 réis a Moretti e Locati, de Milão.

Em Zara, capital da provincia de Dalmacia (Austria), foi descoberta uma cidade subterranea de epoca muito remota. Templos, amphitheatro, estatuas, esculpturas romanas e gregas, architectura grega, moedas antigas e do tempo de Diocleciano, e outros mil objectos accusam uma extrema civilisação.

O senado de Finlandia concedeu a uma joven senhora a auctorisação de se matricular como alumna da escola de architectura de Tammefors.

Um singular estabelecimento acaba de ser creado para fornecer *agua fervida sob compressão* para uso dos habitantes de todos os bairros de Paris. Está provado que os filtros para agua potavel não satisfazem completamente o seu fim, pois que, passado pouco tempo adquirem em grande quantidade *microbios*, que se introduzem novamente na agua filtrada em logar de a purificar d'aquelles que contém; além d'isso, a temperatura de fazer ferver em vazilha aberta, não é sufficiente para destruir todos os germens mortiferos que o liquido possa conter, Portanto, é a agua aquecida n'uma temperatura elevada, em vasos metallicos hermeticamente fechados, os quaes serão abertos sómente pelos proprios consumidores.

A entrega na habitação é organisada por assignatura, desde 1 litro por dia. O seu preço varia de 16 a 8 centimos por litro, conforme a importancia da assignatura.

Um engenheiro hollandez propoz-se lançar, sobre o canal do mar do Norte a Amsterdam, uma ponte de extraordinaria altura, debaixo da qual possam passar os maiores navios; mas, para os transeuntes vencerem a excessiva altura,propõe o auctor um meio curioso de collocar *uma rampa* em espiral a cada extremidade, afim de chegar ao taboleiro da referida ponte.

O museu de Berlim adquiriu a collecção *Centeno*, de Cuzco (Perú), uma das mais notaveis collecções que ha das antiguidades peruviannas.

A maior estação de caminhos de ferro acaba de se abrir em Francfort, sobre o *Mein*, no dia 18 de agosto d'este anno (1888). Tem 31:248 metros quadrados. A maior que havia era a de S. Pancras em Londres, vindo a ter a de Francfort o duplo d'esta da Grã-Bretanha.

1888, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1889 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

ADVERTENCIA

Por justificados motivos, alheios á vontade do auctor, nosso distincto consocio e brioso cavalheiro não chegou a tempo de ser publicado no primeiro numero d'este volume o seguinte artigo, destinado a servir-lhe de introducção. Não desejando, porém, que os nossos benevolos leitores fiquem privados da satisfação de apreciar este trabalho, de tão talentoso poeta publicamol-o agora com bastante prazer e agradecimento.

A Redacção.

PROEMIO

Os quotidianos leitores d'esta illustre publicação conhecem de sobejo os eminentes serviços por ella prestados á archeologia e á arte portugueza para que tenham necessidade de que os rememorêmos ao abrir — por immerecida honra, que nos foi conferida — as paginas do volume que vae principiar a correr mundo.

Orgão de uma aggremiação scientifica, que tantos annos conta de serviços effectivos, applaudidos de naturaes e extranhos, o *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, é o mais valioso repositorio, que n'este genero de trabalhos tem entre nós apparecido; e não só reuniu em suas paginas o escol dos mais apreciados nomes que lograram fazer-se vingar n'esta ordem de estudos, senão que tambem organisou a preciosa galeria de estampas, que os apreciadores teem admirado e que representam outros tantos monumentos e objectos, — precioso thesouro que ainda nos resta d'esse manancial de padrões, que levantaram nos seculos a boa terra portugueza.

Tentativas ephemeras como a dos *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana* não podem servir de tradicção, nem ser citadas como precedente e exemplo, quando se trata do *Boletim* da Real Associação. Producto de nobres esforços, embora meramente locaes, tiveram que restringir o seu alcance, houveram de circumscrever a sua esphera de acção. Este *Boletim*, não: o seu campo de estudos tem sido o paiz inteiro, observado em todas as phases da sua civilisação artistica, desde as mais remotas eras; e esse campo tem sido explorado com tamanha persistencia e em tão minuciosos detalhes, nos tomos preciosos que tão util revista tem dado a lume, que se nos affigura ser o *Boletim da Real Associação* uma das mais notaveis entre as publicações congeneres do nosso tempo.

Os annos decorridos depois que o primeiro numero do *Boletim* foi lançado á publicidade, teem servido unicamente para cimentar-lhe os applaudidos creditos. Do estrangeiro, chegam-lhe as recompensas de um applauso bem merecido, e a sciencia europêa ennumera os seus trabalhos e commenta, sem reserva, os seus serviços por um modo altamente honrador para todos nós. Haja vista os *compte-rendus* das sociedades scientificas, consultem-se as

monographias de notaveis eruditos, e ver-se-ha, com a eloquencia da verdade, como uns e outras tem celebrado a nossa publicação, tributando lhe homenagens muito para serem celebradas.

Ocioso é fallar na importancia do papel que o *Boletim* tem desempenhado, concernentemente á conservação dos monumentos nacionaes d'este paiz; pode-se affirmar que a existencia de muitos d'entre elles está já e fica para futuro ligada á da existencia d'este inestimavel repositorio.

Não é applicavel ao *Boletim* a conceituosa sentença biblica — *Pelos fructos conhecereis a arvore.* Escripta no topo do seu primeiro numero, tinha com certeza cabimento; hoje não, que a arvore cresceu frondosa, e pelo que de si tem produzido dá campo para a inversão do aphorismo — *Pela arvore conhecereis os fructos.* É que na verdade pode estabelecer-se affoitamente que o passado d'esta revista responde de um modo decisivo pelo seu futuro, — e esse é com effeito o melhor programma que poderia ser lançado á frente do volume que vae encetar a sua publicação.

JOAQUIM DE ARAUJO.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

PRINCIPIOS DA ARCHITECTURA DO SECULO XIII

Já temos fallado muitas vezes no plano das egrejas pertencente á architectura da Edade média, comparando-o com o das basilicas romanas e dos monumentos levantados no imperio do Oriente. Notámos tambem como haviam indicado as tradicções romanas a fórma que se deveria dar aos monumentos religiosos d'essa época, tendo-se fixado as regras para satisfazer ás exigencias do rito christão. Quando o imperador Constantino abraçou a religião christã e a declarou religião do imperio romano, o culto exterior dos christãos celebrado até então em logar occulto principiou depois a ser publico. Pozeram á sua disposição, tanto em Roma como nas provincias, os edificios que tinham servido até essa época para tribunal de justiça, antigas basilicas que pela sua disposição eram apropriadas para o exercicio das ceremonias do novo culto. Porém em Constantinopla, onde havia poucos monumentos d'este genero, resolveram, conforme já explicámos, construirem monumentos para servirem no exercicio do culto. Esta circumstancia originou a fórma de cruz com quatro braços eguaes comprehendidos dentro d'um quadrado perfeito. Desde o meado do seculo II o signo da cruz era de um uso frequente entre os christãos.

Uma outra fórma que se assemelha á cruz é a da letra *tau* T, estando muito em uso applicar esta configuração ás egrejas d'essas eras. A significação da cruz conservou-se durante todo o periodo da Edade média.

A combinação da fórma da basilica antiga com a cruz de quatro braços eguaes dos monumentos do imperio do Oriente, deu origem ao plano das egrejas da Edade média, plano universalmente seguido e applicado, com pequenas excepções, em todos os monumentos destinados ao culto christão. A disposição dada dentro do edificio, determina que appareça tambem na parte externa; no interior apresenta tres grandes divisões, algumas vezes cinco, assignaladas no portico da fachada Occidental.

A cruz veiu a ser pois a fórma dominante dos planos das egrejas, sendo raro que se encontrem monumentos posteriores ao seculo X, nos quaes não se tivessem seguido os planos simples e grandiosos da basilica Latina. Alguns edificios romanos circulares serviram egualmente de modelos para certas egrejas redondas ou polygonaes, como foi a celebre egreja de N. S. de Aix-la-Chapelle mandada edificar por Carlos Magno.

Até ao seculo XIII o plano da antiga basilica foi empregado na sua fórma primitiva tendo um hemicyclo no extremo Oriental e flanqueado por duas ou quatro naves lateraes. Os cruzeiros são geralmente pouco occupados, tres ou cinco capellas rodeiam raramente o absis No seculo XIII a capella-mór prolonga-se para o lado Oriental, e vem a ser polygonal no seu limite, estando de cada lado ornada por uma capella egualmente polygonal. Os numeros 3, 5 e 7 dominam nas differentes partes que compõem a egreja. Porém, não foi o capricho nem o acaso que fizeram adoptar a applicação d'estes numeros. A fórma da ogiva tem por base a geometria. Os elementos d'esta sciencia determinaram tambem as outras partes dos monumentos do systema ogival. A disposição geral do plano estava submettida ás regras das proporções, nas quaes entram as superficies e os corpos solidos. Os architectos do seculo XIII fizeram um emprego particular do quadrado e da sua diagonal, assim como do cubo, e dos seus lados, cuja base quadrada foi adoptada como *metro* (medida a mais perfeita) cuja fórma obtida na intersecção dos quatro braços da cruz e dava as proporções das differentes partes do monumento. O desenvolvimento das seis faces planas do cubo *produz a cruz*

Latina do cubo (o metro). A cruz Oriental adoptava sómente cinco lados, a *unidade*, a raiz quadrada era applicada 3 vezes sobre o comprimento e largura da superficie em que se devia construir a planto da egreja, sendo o quadrado do centro d'essa figura cortado por duas secções. Na cruz Occidental, pelo contrario, mais escrupulosos em seguir a antiga fórma alongada da basilica, tomavam os seis lados do cubo, dando quatro vezes a unidade sobre o comprimento e 3 vezes sobre a largura, contando-lhe por duas vezes o quadrado central, o que nos dá o n.º 7. As quatro unidades no comprimento não são todavia medida absoluta nas egrejas do Occidente. Encontram-se alguns monumentos onde a unidade está contida cinco, seis vezes e mesmo ainda além.

Existia no plano dos monumentos uma unidade absoluta formada geometricamente e sobre a qual baseavam a quantidade, assim como a disposição de todas as partes principaes e accessorias. Esta unidade descobre-se no numero dos lados dados á terminação Oriental da capella-mór, admittindo com tudo que o monumento não tivesse tido alteração depois da sua fundação. Se antes do seculo XIII o fundo da capella-mór tinha sido circular, mostrava não obstante na parte externa uma fórma polygonal, que se compõe de tantos lados quantos fosse o numero de typo (o cubo) offerecerá de unidades applicados a dar essa fórma. Porém, depois, adoptaram empregar a terminação polygonal afim de haver uma perfeita concordancia entre o numero dos lados do absis e o numero contido na unidade, dando essaconfiguração á extremidade Oriental da capella-mór. Desde então sempre ficou sendo formada por polygonos podendo-se inscrever dentro do circulo, cujo diametro dá o quadrado primitivo de *metro*.

Por esta maneira forom prescriptas das diversas fórmas para limitar o fundo da capella-mór no seculo XIII : apresentam todas essa mesma disposição, seja a sua configuração de um pentagono ou seja a metade do hexagono, ou bem a metade do pentagono, assim como a metade do octogono, etc. O octogono dá uma fórma com tres faces compostas pelos tres lados d'este polygono. A direita e á esquerda vê-se mais duas outras faces que pertencem á prolongação da capella-mór, porém não fazem parte do fundo que a limita pelo lado Oriental. O fundo com tres faces é o mais usado, apparece n'um grande numero de egrejas, por exemplo, a do museu do Carmo em Lisboa ; posto que seja do seculo immediato tem todavia essa disposição que foi seguida sempre depois. O fundo da capella-mór com tres faces, é egualmente produzido pela metade do hexagono. O fundo tambem de fórma diagonal ou com cinco faces é o resultado da sua metade ou das cinco faces da figura formada por dez lados eguaes. São raros os exemplos de findar as quatro faces formadas egualmente pelos quatro lados do decagono ou figura de dez lados eguaes, ficando n'este caso um angulo sobre o eixo central da egreja. No vertice d'este angulo impede collocar-se no fundo do absis, uma janella, que produziria no rez-do-chão da egreja um bello effeito pelo crepusculo mysterioso produzido pela interupção da luz avistando-se da nave principal o absis. A capella-mór oriental do Domo de Naumburgo tem esta configuração. Por acabar com cinco faces póde tambem ser produzido pela figura do decagono ou pelo polygono tendo doze lados. Mas então não se serviam senão de cinco d'esses lados. O fundo tendo sete faces é o resultado obtido pela metade do polygono com 14 lados ou o septagono duplo.

A capella-mór prolonga-se umas vezes immediatamente fóra da parte Oriental da egreja, outras fica rodeada de um circuito que se dirige sobre o eixo das naves lateraes ; o fundo da capella mór é da mesma largura que a nave principal, parecendo ser a sua continuação. O circuito que gira á roda da capella-mór é ordinariamente formado pelo mesmo numero de lados que limitam o absis ou o santuario. Algumas vezes, todavia, este circuito tem mais lados que a capella-mór, ainda que sejam cosstituidos ambos pelo mesmo polygono.

O numero de lados que fórma o fundo da capella-mór indicará a unidade fundamental do monumento. Se tiver tres faces formadas por tres lados octogono, o n.º 8 d'essas faces dominará nas outras partes que compõe o edificio. Quatro ou oito pilares eram postos de cada lado da nave. O comprimento total da egreja será de 8 unidades e a nave só terá 4. Se as tres faces do fundo da capella-mór forem construidas pela metade do hexagono, então tambem o n.º 6 dominará nas outras partes da egreja. Se a capella-mór tiver cinco faces como na cathedral de Reims, encontrar-se-ha ainda este numero applicado nas outras divisões da mesma egreja. Cinco ou dez pilares haverá na nave como na cathedral de Ruão em Nossa Senhora de Paris ou no Domo de Magdebourg. Ha cinco faces no fundo da capella-mór da egreja de Nossa Senhora de Noyon, e tambem cinco capellas com dez vãos de abobadas na nave principal. A capella-mór da egreja de S. Quintino é limitada por cinco faces, tendo cinco capellas radiantes com cinco pilares na nave. As cinco faces da capella-mór do Domo de Colonia são formadas pelas do decagono ; as sete faces do circuito sobre as quaes se encostam as capellas são egualmente sete faces do polygono com doze angulos, dos quaes os dois ultimos, ao Occidente, estão collocados sobre o eixo do renque das columnas que formam as

naves lateraes. A capella-mór de Amiens é formada de sete faces. Sete capellas circumdam o santuario, tendo sete vãos na nave. A capella-mór de S. Pedro de Beauvais e a de Nossa Senhora de Chartres tem sete faces. Sete capellas rodeiam o circuito da capella-mór e o mesmo se dá na cathedral de Chartres onde se vê ainda ter sete vãos a nave. Todos estes differentes exemplos que apresentamos convencerão que os architectos do seculo XIII tinham formulas baseadas em principios, e se por ventura não se serviam do modelo, como na arte antiga que servia para determinar todas as relações das partes que compunham os edificios gregos e romanos, nem por isso deixavam de as combinar de modo, que satisfaziam completamente as novas proporções que na arte ogival se observam. Quem estudar esta architectura, alheio de preconceitos mal fundados ou não estiver habituado á rotina vulgar, que julga não haver no mundo senão um unico typo, *uma invariavel medida de proporção*, sem duvida reconhecerá o talento e a sabedoria dos architectos que construiram com tanto primor essas obras sublimes, que ha mais de seis seculos causam tanta admiração e surprehendem pela sua maravilhosa fabrica.

No meio-dia da França, e na Allemanha, principalmente sobre as margens de Rheno, os monumentos anteriores ao seculo XIII teem algumas fórmas architectonicas imitadas dos arabes, como se notam tambem em alguns monumentos de Hespanha e Portugal. Estas fórmas que servem de remate muitas vezes nas divisões do edificio, e mui principalmente nas aberturas, taes como portas e janellas, compõem-se de muitas secções de circulos, de sectores combinados de varias maneiras. Estas fórmas arabes, no Occidente, não devem surprehender. Os europeus conheceram desde logo a habilidade dos arabes dos quaes a industria chegou até ao Occidente; o commercio foi o unico importador d'estas fórmas, notando-se sobre tudo serem applicadas sobre as antigas casas das cidades commerciaes situadas na extensão dos rios e sobre as grandes vias pelas quaes se fazia o commercio com o Levante. A sciencia industrial dos arabes chamou a attenção dos povos christãos, o que prova sem duvida alguma, que mesmo antes de se emprehender as cruzadas, houve conhecimento da industria d'esses povos nomades.

O que chama a attenção principalmente no exterior dos monumentos da Edade média, é o portico principal da sua fachada Occidental. Primeiramente no rez-do-chão tem as tres grandes portas de entrada, e entre ellas está a porta central, a porta principal do templo, symbolisando a entrada na vida physica e espiritual. Este symbolo está representado pela série de composições ornando as arcaduras do portico da fachada, que apresentam geralmente tres arcadas. A primeira série ou arcadura exterior contém a historia da creação do mundo e do Antigo Testamento; a segunda, arcadura do centro ou do meio, é a historia do Novo Testamento ou composições tiradas da historia de Jesus Christo e do Evangelho; a terceira ou ultima arcadura, a mais recolhida de todas, quasi sempre consta de composições que dizem respeito á vida futura e de scenas tiradas do Apocalypse. Por baixo e ao lado d'estas tres arcadas, collocavam-se estatuas, muitas vezes de estatura collossal, de patriarchas, prophetas, apostolos, evangelistas e uma infinidade de figuras de anjos, com instrumentos de musica, taes como harpas, trombetas, e thuribulos, etc., para celebrarem as maravilhas de Deus e da religião. Por cima da arcada principal ergue-se o frontão agudo, symbolo da S. Trindade, sobre o verticte do qual apparece o Padre Eterno sentado sobre um throno magnifico. Outras vezes tambem se vê Jesus Christo coroando sua Mãe Santissima, como a rainha do ceu. Por cima do frontão da porta colloca-se o grande oculo ou espelho principal da egreja, ornado com os mais vistosos vidros coloridos. Esses grandes oculos ou janellas primitivas que datam do seculo XII e XIII, reproduzem a creação do sol e da lua, das estrellas e em geral tudo o que se liga ao effeito benefico da luz. Na cathedral de Amiens o grande espelho principal do lado Oeste representa a terra e o ar; o oculo do cruzeiro Septentrional representa a agua, o do lado opposto ao Sul, o fogo, formando todos juntos os quatro elementos. As portas lateraes do grande portico e das collocadas muitas vezes nas egrejas do seculo XII do lado da capella-mór e do lado do Nascente, assim como as do Norte e do Sul dos braços do cruzeiro. As mesmas naves lateraes ao Septentrião e ao Meio-dia representavam a entrada na communhão christã, assim como a conversão de todos os povos da terra, do Norte, Sul, Leste e Oeste.

Á direita e á esquerda do grande portico erguiam-se quasi sempre nas egrejas cathedraes duas torres gigantescas: a da esquerda em frente do portico era o symbolo da gerarchia ecclesiastica e espiritual; a da direita o symbolo do poder e da ordem civil e temporal. A reunião d'estes dois poderes nos monumentos do culto não offerece nada de extraordinario, quando se sabe que na Edade média o bispo era tambem o soberano temporal. O que é singular é vêr a torre do lado esquerdo, quando as duas torres ficam concluidas ou levantadas a uma certa altura, como em Noyon, Amiens e Chartres, é sempre a mais alta das duas, e nos monumentos onde uma das duas sómente se concluiu, a da esquerda ergue-se soberba como se nota em Strasburgo, Antuerpia, Toledo, etc.

Encontram-se, em geral, sómente nas egrejas metropolitanas, collegiaes e parochiaes, e algumas vezes nas egrejas conventuaes, posto que raras vezes, duas torres levantadas a uma egual altura, como figuram em Reims, Paris, Ratisbonne, York, Conteburg, Londres, S. Lourenço de Nuremberg, Colonia, N. Senhora de Munich, Praga, etc.

Entre estas elevadas torres ha um grandioso frontão que forma muitas vezes o remate Occidental do telhado. O vertice d'este frontão é encimado pela estatua do santo sob a invocação do qual está erigida a egreja ou a cidade. Como muitas egrejas são consagra das a Nossa Senhora, o mais geral, quando a imagem do remate superior existe, representa Maria Santissima tendo nos braços o Menino Jesus, que o offerece á contemplação do povo.

Até ao seculo XII a influencia das parochias pareceu ter sido quasi nulla, porque havia em todas as partes conventos com egrejas para os fieis cumprirem com as suas obrigações religiosas. E por isso n'essa época as egrejas parochiaes eram em limitado numero, mui pequenas e simples no interior como no exterior. Porém, as egrejas conventuaes e de abbadias pelo contrario, em numero egual aos conventos, e então havia muitas, eram vastas e ornadas com magnificencia. Tinham portas sobre muitos dos lados, posto que simples ainda em comparação com as que se construiram depois no seculo seguinte.

No seculo XIII a influencia dos conventos declinou; apparecem as ordens mendicantes; o maior numero de frades não é constrangido a viver clausurado. Para prégar eram-lhes precisas outras egrejas, e então as parochias se multiplicaram como nunca. Foi ainda n'esta grande época da epopêa da Edade média que os architectos e os esculptores compozeram as suas sumptuosas construcções, deixando-as assignaladas nos frontispicios d'esses monumentos. Esculpiram sobre a face principal, onde cada renque é um cantico, cada figura um verso; rodearam com essas esculpturas principalmente os grandes porticos da entrada dos santuarios, obrigando, por assim dizer, cada individuo que passasse, a ler sobre a cantaria um episodio. N'esses monumentos a esculptura gravou a epopêa religiosa, a creação do mundo, a antiga alliança e a nova, a sua predicção pelos antigos prophetas, a vida dos lusos christãos, o triumpho da virtude e do vicio, etc. O seculo XII parece ser a época em que os homens quizeram procurar soberanos mais poderosos, com os quaes seria mais facil conseguir reconciliação. O seculo XII que prezava de uma maneira tão profunda as proezas de Carlos Magno, esse heroe autocrata, muita satisfação tinha em comparar o imperio dos soberanos do seu tempo ao dos antigos reis da Judéa, admittindo ainda o Deus que adoravam na accepção de Jehovah. Portanto, vemos em toda a parte dominar poderosamente a representação dos assumptos tirados do antigo Testamento. Os paizes, as cidades, os officios mesmos, adoptavam a protecção de um santo, protector invisivel. No principio do seculo XIII a idéa de se acabar o mundo espalhou-se pela segunda vez. No anno de 1216, era de J. C., devia ser destruida a terra por causa dos crimes dos seus habitantes.

Os homens pensaram que Nossa Senhora teria bastante misericordia para desviar tão grande desastre rogando-lhe intercedesse por elles junto de Deus.

A rehabilitação da mulher na sociedade foi seguida de poemas que glorificavam a sua virtude, a sua ternura e o seu amor sem fim. Então desapparecem tambem essas figuras hediondas, representada pela esculptura, tendo apenas a apparencia humana, obra de inaptidão e de melancolia, e que nas suas fórmas exageradas exprimem unicamente a dôr e o desespero eterno.

Uma existencia mais livre e menos separada do mundo pela acquisição de conhecimentos mais variadosp e rofundos facilitou aos artistas do seculo XIII dedicarem-se com mais assiduidade ao estudo da natureza.

A recente influencia das parochias sob a architectura do seculo XIII, a importancia e o poder dos bispos e das suas dioceses, logo que o poder dos papas declinou, influiram tambem nas construcções dos monumentos d'esta época.

A egreja da aldeia, a parochia da cidade, a cathedral do bispado, já não estavam encerradas dentro dos muros apertados de um convento, ficando patentes nos adros e nas ruas publicas. Para expôr estes edificios aos olhos dos fieis construiram-n'os primeiro nas praças pequenas — *loci parvi*.

No fim do seculo XII e no principio do XIII apparecem nas egrejas novamente construidas esses magestosos portaes como o de Nossa Senhora de Paris, Nossa Senhora de Reims, Nossa Senhora de Strasburgo e de Milão. A vista confunde se pelo numero, variedade e profusão dos seus detalhes. O numero e as grandes dimensões das faces lisas dos antecedentes monumentos desappareceram da architectura do seculo XIII. As superficies que deviam apresentar a esculptura symbolica das composições expostas como exemplos ao povo, sem duvida augmentavam os accessorios architecturaes, metamorphoseavam-os e dirigiam-os para o ceu, libertando-se da linha horisontal, que é ainda um resto de recordação da architectura antiga, a qual se descobria de uma maneira assaz indicada no estylo de volta perfeita.

Estes accessorios deviam egualmente tomar uma

direcção ascendente e por isso no seculo XIII a linha perpendicular triumpha sobre a linha horisontal.

No começo do seculo XIII a esculptura, a ornamentação dos monumentos principia a mostrar um caracter novo e nacional, repellindo tudo que seja estranho ao novo typo. Não se vê já as folhas bolbosas ornarem unicamente as folhagens dos capiteis, nos frisos e cornijas. O genio occidental separa-se inteiramente da esculptura da ornamentação. Porém, como a arte do seculo XIII está firmada sobre elementos que existem na natureza, sobre elementos geometricos que se encontram tambem na formação dos mineraes e na agregação de suas superficies, na formação das plantas, na disposição de suas folhas, de suas sementes e flores, por esta razão as plantas foram empregadas de uma maneira geometrica e regular, sendo a sua fórma disposta conforme o traçado do circulo, do quadrado, do triangulo e de diversos polygonos.

O circulo é a figura mais principal applicada na architectura do seculo XIII. Era dividido em 4 partes eguaes por um diametro horisontal e um diametro perpendicular, aos quaes fórmam 4 angulos rectos, cada um de 90°. A circumferencia ficava por conseguinte dividida em 360 partes eguaes. O numero 360 se divide facilmente por 3, 4, 6, 8, 10, 12. D'aqui resultam as subdivisões em 3, 4, 6, 8, 10 e 12; formando as folhas com 3, 4, 6, 8 lobulos.

Todavia encontra-se tambem 5 lobulos nos oculos ou rosaceas com grandes divisões, principalmente no seculo XIII; porém era só n'este caso, pois que isto derivava de uma significação que lhe davam os pythagoricos, que haviam formado um systema universal, no qual davam os numeros por principios de todas as cousas: o pentagono que formava os 5 lados do espelho ogival, fazia lembrar a significação que os philosophos da escola de Pythagoras lhe davam, a de designar *saude*. O numero 7 nunca foi empregado para servir na disposição das rosaceas, pois, como divisor, este numero não tem nenhuma relação com o dividendo 360.

O arco quebrado veiu a ser o elemento essencial do novo estylo, sendo a fórma d'este arco applicada em todos os vãos, nas portas, janellas, abobadas e arcadas: como tambem por systema de ornamentação sobre o liso das paredes, e em geral sobre todas as superficies largas ou estreitas. Devemos notar egualmente n'esta epoca, o uso das arcadas com 3 ou 5 lobulos com os quaes são indicados por molduras de fórma de tóros, com mais ou menos saliencia. Tambem havia, no seculo XIII, series de arcadas cujo nascimento não descançava n'uma columna; sendo esse nascimento formado por duas arcadas, ficavam apoiadas por um cachorro de pedra, com o feitio de um capitel, ou por uma figura extravagante na po-sição acocorada, ou por um busto, quando não era por um composto de diversas folhagens, o que se chamava arcada pendente.

Os arcos duplos, os artezões, as archivoltas das janellas e as arcaduras fingidas, etc., tem uma configuração inteiramente caracteristica.

No seculo XI, os arcos eram indicados por largas molduras rectangulares; em quanto proximo ao fim do seculo XII as arestas d'essas molduras eram já substituidas por um grosso tóro. Para os artezões em diagonal nas abobadas, encontra-se a mesma combinação; com a differença de ser a moldura mais estreita, os tóros mais juntos.

Proximo da segunda metade do seculo XIII, as archivoltas, sem mudar de fórma, com tudo se complicam. Além d'isso, os perfis de algumas pequenas columnas e de tóros, não são inteiramente cylindricos; ficam um pouco córdiformes representando uma ogiva; porém uma ogiva cuja curva não termina em agudo, mas tendo uma fórma rhomba. Os arcos duplos e as archivoltas apresentam-se duplos e com grossura, parecendo que se ajuntaram diversas molduras ao arco duplo, afim de formarem um unico membro de architectura. As molduras que compõem a maior parte dos artezões diagonaes são mais simples, posto que no principio fossem muito mais complicadas.

Os pontos de apoio dispostos no interior do edificio apresentam se sobre duas fórmas principaes. Nos primeiros annos do seculo XIII, apparecem columnas cylindricas e lisas, encimadas por um largo abaco quadrado ou octogono. Encontram-se ainda columnas á roda das quaes estão collocadas 8 columnas delgadas, que ficam isoladas do fuste principal. Outras vezes o pilar é circular acompanhado de 4 columnasinhas; ou então o seu plano é quasi cruciforme com uma columna envolta sobre cada face da cruz, e outras pequenas columnas accessorias, dispostas nos angulos do massiço do pilar; finalmente, muitas vezes o pilar se complica a ponto de ficar ornado de uma columna sobre cada uma das suas faces principaes, sendo 8 pequenas columnas collocadas nos 8 angulos reintrantes. O plano geral dos pilares não é sempre um circulo ou um rectangulo; muitas vezes é uma ellypse.

As columnas assentam sobre um sacco quadrado ou polygonal. Quando estas columnas são enfeixadas, o sacco affecta a fórma geral do pilar.

Em quanto ás bases, approximam-se da base attica como já mencionamos, as mais das vezes; parecem ser uma alteração de sua fórma primitiva. No anno final do seculo XIII, as bases são mais achatadas e menos elevadas que no principio do mesmo periodo.

Ainda que as bases variem entre si, todavia nota-se que são compostas conforme o seu verdadeiro principio. Para os grossos pilares, todas as bases das columnas enfeixadas tem a mesma altura,

e estão postas de maneira como se formassem uma unica base continua. Finalmente as mais das vezes, são compostas de envasamento, com largas folhas que saem dos angulos do plintho. O açafate do capitel tem a fórma d'uma taça com grande abertura superior; em roda estão dispostas sobre um ou dois renques, folhagem ou hasteas que se curvam em volutas. Essas folhagens, de naturezas diversas, chamam-se *baculos*, e são muito caracteristicas na architectura do seculo XIII.

As janellas, no começo do mesmo seculo XIII, que serviam nos grandes edificios, eram ornadas de ogivas duplas e de um espelho simples. Esta disposição das arcadas, que davam uma physionomia tão singular á architectura ogival, facilitou o fazerem-se nas paredes divisorias aberturas tão grandes, que vistas pelo interior das abobadas das cathedraes parecem sustidas por paredes de vidro colorido. Esta disposição de arcadas encontra-se já no principio das construcções Romãs; unicamente os artistas do seculo XIII aperfeiçoaram-a com mais talento. Na segunda metade d'este mesmo seculo, as divisões internas se multiplicam. A abertura da janella encerra duas grandes ogivas gemeas, sob cada uma das quaes estão comprehendidas duas outras ogivas gemeas, porém muito mais pequenas, havendo para cima de cada ogiva gemea um espelho com 4 ou 6 centro-lobulos formados por molduras cylindricas.

No exterior das egrejas, as janellas estão encimadas quasi geralmente por uma moldura em rampa, ornada de crochetes postos em degraus uns acima dos outros, nos quaes se vê o centro ficar vasado por uma flôr de trevo ou por um florão. Estas arcadas de ponto subido, divididas em doisou quatro espaços, ornadas de folhas de trevo e de florões, esses apoios cylindricos, esses contornos de um estylo severo pertencem á mais bella epoca da architectura ogival.

No começo do seculo XIII os espelhos sobre as fachadas dos monumentos não differem essencialmente d'aquelles do final do seculo XII. Foram ao principio simples na sua disposição; depois tomaram desenvolvimento, servindo-se de columnelos dispostos como se fossem raios d'uma roda circumdando um eixo. Estas columnasinhas sustém arcadas de volta inteira, ou com fórma da folha do trevo, disposta na parte interna e em roda da circumferencia do espelho. Ha mesmo outros que mostram varias series concentricas d'essas arcos combinados diversamente. Durante o segundo periodo de que tratamos, as divisões internas dos espelhos se multiplicam, offerecendo uma reunião de ogivas, de columnasinhas servindo de raios, com contorno de folha de trevo e differentes lobulos, analogos ás divisões das janellas. O systema d'estes grandes espelhos não differe muito no fim do seculo XIII; porém as divisões são mais multiplicadas, ficando os *peroletes* e os tóros mais delgados, quando os espelhos forem menos antigos.

Os arcos botantes, no principio do seculo XIII, são massiços e pezados, e fazem lembrar os pilares dos contrafortes com resaltos do estylo Romã; unicamente, esses pilares são mais largos e têem mais grossura. Muitas vezes o contraforte, em logar de terminar em declive, é composto de uma aresta com dois lados inclinados para servir de escoadouro ás aguas da chuva.

Desde a segunda metade do seculo XIII, estas construcções veem a ser mais elegantes. Os contrafortes ficam limitados por um obelisco ou *corochêo* cujas arestas são ornadas de crochets, e a base por arcaduras, ou nichos abertos, tendo o mesmo feitio dos coruchêos, e algumas vezes por estatuas. Os arcos botantes são mais alteados e a sua face superior é cavada em goteira para lançar fóra a agua recebida do algerós situado na beira do telhado.

Desde esta mesma epoca, uma revolução se opera no modo de se escrever as inscripções. Vêem-se apparecer as lettras gothicas, compostas de linhas rectas quebradas nas extremidades, analogas ás lettras do alphabeto allemão.

A architectura ogival, posto que apresente mais variedade nos seus detalhes que a architectura roman, tem tambem, como acabamos de explicar, estar submettida a principios geraes, a regras fundamentaes. A *Ordem* ogival, da mesma maneira que a *Ordem* antiga, vem a ser o principal elemento gerador de cada monumento.

A civilisação do seculo XIX saberá proteger a arte ogival, da mesma maneira que na idade média protegeu as muzas foragidas da antiguidade: como o mundo lhe deveu então a conservação das obras primas creadas pelo espirito humano na antiga Grecia e na antiga Roma, nós lhe deveremos os monumentos ogivaes que servirão de modelos aos nossos vindouros para as edificações religiosas.

Mas esta esperança não serve por emquanto senão de prevêr um futuro mais ou menos distante, porque é do nosso dever na geração do progresso desembaraçar o caminho que conduzirá a esse desejado intuito; e sem duvida que uma parte da semente, tão abundantemente espalhada, ficará esteril porque faltam ainda os meios para a cultivar, para a fazer produzir os estudos completos da edificação dos monumentos ogivaes.

Existe uma aragem glacial que por muito tempo ainda esterilisará uma grande parte d'esses conhecimentos, que vem a ser a *rotina das escolas systematicamente oppostas ao estudo da arte da Edade media*, pois persistem em consideral-a como sendo o producto de um capricho monstruoso e desorde-

nado, havendo isentado por méro acaso algumas representações bellas, como acontece ao caprichoso Kaleidoscopo e por tanto devemo-nos acautelar de a considerar uma verdadeira producção artistica, séria e util!

Comprehende-se quantos esforços serão ainda necessarios para destruir os vicios d'esta arrojada educação artistica? Todavia alguns homens de uma intelligencia superior poderam já desprender-se das *andadeiras* de que os seus primeiros preceptores lhes haviam agrilhoado a intelligencia, mas por infelicidade, ao lado d'estes athletas apparecem peti-cegos rotineiros, que não tendo por vocação senão o prestimo de impossibilitarem as nobres aspirações d'aquelles que anhelam pelo ensino geral dos diversos typos de architectura, paralysam esses nobres esforços instructivos! A existencia de similhantes parasitas é um flagello terrivel; porém, para que se podesse tirar um util resultado, seria necessario estabelecer o ensino da architectura da idade média em todas as academias de bellas artes.

Mas não se deve suppôr todavia, que o ensino simplesmente material fosse bastante, pois que o ensino de qualquer estylo de architectura não se faz sómente com a regua e o compasso. A fórma isolada do pensamento, é o mesmo que uma carta em branco; a arte ficando privada d'esse nobre elemento de vida, longe de concorrer para o progresso d'esse estudo, pelo contrario se extingue e se decompõe, como acontece a um corpo sem alma. Ora, qual foi a arte que mais empregou a intelligencia senão a que ergueu as mais sumptuosas e bellas cathedraes ogivaes? Um templo, uma egreja principalmente, deve ser pelo seu caracter, uma sorte de hymno cantado pela fé ao Deus que adoramos. Ha um principio que provavelmente surprehenderá, mas que nem por isso deixa de ser verdadeiro que é preciso talvez ter 10 vezes mais convicção na alma para delinear uma egreja digna d'esse nome, do que para compôr ou executar um bom painel da historia sagrada, porque é mais sublime e difficil saber-se compôr um poema com figuras geometricas. Dar eloquencia e inspirar fé ás pedras cubicas e curvas em volutas! Qual será a architectura, sem ser a da Edade média, que possa preencher estas condições de uma maneira tão maravilhosa e surprehendente? Mas tambem quando foi que a arte teve por guia tão sublimes inspirações?

Perguntarmos ás obras dos artistas do seculo XIX qual era a fé ardente que animava os artistas das épocas passadas, tão profundamente religiosas, seria sem duvida pedir-lhes muito; é essencial pelo menos que saibam alguma cousa d'esse sentimento grave e profundo que inspirava os seus predecessores n'essas sublimes combinações que nos surprehendem e nos arrebatam, não obstante o nosso indifferentismo, enervados como estamos. Comprehenderão então que não eram resultado de uma phantasia frivola e sem designio essas obras que executaram.

A concepção do plano d'uma cathedral era um verdadeiro cantico de adoração: deviam respeitar esse pensamento, quando mesmo não soubessem explical-o, sobretudo abstendo-se de destruir, mutilar e profanar essas obras de gigantes das quaes os membros dispersos, ainda assim se reconhecem por pertencerem aos de um poema Divino. Reconhecerão que esses membros não são sómente os fragmentos d'uma epopêa, são além d'isso as paginas historicas que testemunham factos, indicam datas, fixando da maneira a mais authentica, sob uma linguagem emblematica a *chronographia da razão humana* tão mal interpretada nos livros, e menosprezada por quem a devia respeitar e proteger.

Se a arte fosse apenas um simples objecto de luxo ou divertimento, não teria merecido ser divinisada por todos os povos que se tem succedido sobre a terra, para ser considerada como o mentor do genero humano. A sociedade moderna avillando-a de facto, exerce uma acção mequinha mostrando ainda ser mais materialista que a sociedade pagã.

Será justo que reconheçam o merecimento da arte ogival depois de a ter negado por tanto tempo? Tudo que fôr monumento merece o mesmo respeito, e se não fôr sempre como objecto de utilidade e de gosto, pelo menos será estimado como documento historico. A architectura que precedeu o seculo XI, foi uma imitação mais ou menos imperfeita da architectura romana; o estylo romã em si mesmo não foi senão uma *variedade:* depois do seculo XVI a arte romana prevaleceu, edificando um numero consideravel de monumentos, onde se misturaram as suas fórmas insolitas com as da arte intermediaria; como finalmente e ainda presentemente se construem muito mais egrejas, palacios e casas n'esse estylo de emprestimo imitando á antiguidade, do que no estylo do seculo XIII; esta circumstancia nos obrigou a fallar dos outros estylos, para não sermos increpados de desprezarmos os de outras eras.

Não obstante todo o nosso empenho n'estas prelecções[1] posto que muito resumidas e incompletas para os sabios e eruditos, todavia temos a convicção de que a mocidade estudiosa, que com assiduidade tem frequentado o estudo que temos feito da arte ogival, essas noções geraes que lhe proporcionamos do da archeologia, estudo ainda pouco conhecido no nosso paiz, já lhe terão feito obter alguns

[1] Estas considerações expozemol-as quando em 1864 fizemos prelecções sobre architectura na Associação dos architectos civis, no Museu do Carmo.

conhecimentos, para lhe evitar que aprecie mal as construcções da idade média, e para que saiba distinguir os estylos das differentes épocas. Se por ventura o nosso trabalho tiver alcançado esse resultado, daremos por muito bem empregados os esforços que temos feito para lhes dar a conhecer a vantagem d'este estudo.

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 2, tomo vi, pag. 31)

Na Belgica, onde principalmente se manifestou a influencia da eschola Cistersiense, os monumentos do periodo Roman não têem as decorações de trabalhos custosos e variados, que se encontram n'outros paizes.

Assim como nas basilicas Latinas, as fachadas das egrejas Romans indicam em geral a fórma transversal das naves; só no seculo xi, começaram a ornal-as com mais cuidado e esmero. A sua decoração architectural consiste nos portaes, ordinariamente tres, construidos em profundas arcadas de volta inteira mais ou menos carregadas de molduras de architectura ; as galerias, verdadeiras ou fingidas, eram formadas por uma ou muitas ordens de arcadas fingidas ou rendilhadas; e emfim em grandes rosaceas vasadas, por cima da porta principal.

Raras vezes se encontram fachadas Romans decoradas com estatuas.

Antes do seculo xi, os atrios que succederam aos narthex das basilicas, apresentavam-se d'ordinario sob a fórma d'um portico, geralmente pouco profundo e occupando toda a largura da fachada da egreja; havia alguns tambem, ainda que pouco numerosos. que eram construidos na fachada Occidental.

Os atrios Romans dos seculos xi e xii dividem-se em fechados e abertos; os primeiros tomaram, em varios paizes, um desenvolvimento de tal modo importante, que formavam de alguma maneira uma nova egreja construida em frente das naves propriamente ditas, como havia na egreja de S. Francisco em Santarem.

Nos grandes monumentos do seculo xi, e especialmente do xii, os portaes mais notaveis, e até mesmo algumas vezes os secundarios, são ornados profusamente de esculpturas de todo o genero.

Quando as archivoltas dos portaes são cobertas com muitas esculpturas, o tympano é quasi sempre ornado d'um baixo relevo, representando Jesus Christo sentado e sob uma aureola. Em [alguns casos o Redemptor offerece as mãos a dois Santos coroados e ajoelhados cada um do seu lado; em outros lança a benção com a mão direita e segura um livro com a esquerda ; n'este caso a aureola é muitas vezes cercada de animaes symbolicos representando os Evangelistas.

Nos mais importantes monumentos, os batentes dos portaes eram ordinariamente de bronze ou de qualquer outro metal.

As ferragens das portas, que a principio não serviam senão para consolidar todas as travessas da porta, forneceram desde o seculo xi, no estylo Roman, um dos mais bellos monumentos de ornamentação.

Encontram-se tambem, nos edificios de architectura Roman, portaes com batentes de madeira esculpidos em baixo relevo. As janellas d'estes edificios mais antigos são pequenas e quasi sem ornamentação alguma.

No meado do seculo xi, augmentaram os vãos das janellas á proporção que mais se generalisava o uso do vidro. No final d'este seculo e durante todo o xii, as archivoltas exteriores das janellas dos grandes monumentos são executadas com o maior cuidado, e compostas de arcos com muitas ordens de pedras lavradas symetricas, varias vezes com o feitio de tóros, ficando assentes sobre grupos de pequenas columnas ou sobre pés direitos ornados de uma imposta com esculptura. Estes tóros têem tambem muitas vezes ornatos.

No seculo xii, apparecem as janellas geminadas de dois vãos, separados por uma humbreira em fórma de columna, e servindo-lhe de moldura um arco commum de resalva. Vêem-se tambem janellas mesmo de tres vãos reunidos debaixo d'um unico arco. N'estas ultimas ou o vão do meio é mais alto que os dos lados, ou então é o tympano formado pelo grande arco, no qual ha um oculo, inteiramente aberto ou em fórma de trevo, de quatro folhas e ás vezes com seis e mais lobulos.

Tambem se encontram nos edificios romans do seculo xiii, olhos-de-boi e que não servem de ornamento aos vãos de janellas. Chamam-se rosaceas e são compostos de differentes maneiras.

Nos paizes meridionaes continuaram a vedar os vãos das janellas com caixilhos rendilhados, de ma-

deira ou de marmore. Os desenhos produzidos pelos recortes das travessas apresentam fórmas mais variadas e em harmonia com a ornamentação Roman; compõem-se quasi sempre de figuras geometricas. Os caixilhos recortados foram empregados até ao seculo XVI, na Grecia, Italia e Hespanha e ainda hoje no Oriente.

Na Europa Occidental e Septentrional preferiam tapar as janellas com vidros pequenos assentes em caixilhos de madeira, mas, desde o seculo x, reunidos por meio de filetes de chumbo. Algumas vezes estes vidros, differentemente coloridos, formavam um mosaico transparente, no qual ainda não havia figuras nem ornatos pintados sobre o vidro.

O emprego das vidraças com varios assumptos e personagens pintados, começou provavelmente no final do seculo x.

Em muitas egrejas, o côro e mesmo algumas vezes os braços do transepto terminam por um abside semi-circular ou polygonal.

O abside está ordinariamente ligado por um abside circular coberto d'um tecto quasi sempre mais baixo que o do côro.

As paredes exteriores dos absides são a maior parte das vezes ornadas de uma ou de muitas ordens de arcadas separadas por fachas de pequena saliencia; columnas ou pilastras envolvidas, ligadas entre si por arcos de volta inteira. As janellas, ordinariamente em numero impar, são abertas debaixo das arcadas.

Os absides de quasi todas as egrejas Romans das margens do Rheno apresentam junto ao tecto uma galeria aberta, formada por uma serie de pequenas arcadas de volta inteira e sustentadas por pequenas columnas. Estes absides receberam o nome de absides *rhenanos*. Serviam outr'ora, e servem ainda hoje, em alguns sitios, para a exposição das reliquias.

Os edificios construidos na Europa Central, no do seculo x e principio do XI, não apresentam, muitas vezes, mais do que pilares muito simples, de secção circular, quadrada ou rectangular. No seculo XI, tambem se introduziu, áquem dos Alpes, o uso dos pilares com angulos reintrantes para collocar duas ou quatro columnas envolvidas, de que os constructores Lombardos se serviam já no secnlo VIII.

As egrejas, parochias ruraes, de menor importancia tem muitissimas vezes pilares quadrados, curtos, sem base nem capitel, ou tendo por ornamento unicamente uma ou duas molduras pouco salientes que fazem parte do capitel.

Durante o periodo Roman, principalmente no seculo XII, muitos dos fustes das columnas foram cobertos de esculpturas variadas, consistindo em figuras geometricas, espiraes, torçaes, galões, botões, folhagens, cordões, animaes e mesmo representações de assumptos historicos ou legendarios. Estes ornatos são communs principalmente no Sul da Europa.

No fim do periodo Roman e no principio da época Ogival, as columnas são *anneladas*, isto é, formadas d'uma especie de tóro á roda do fuste.

As columnas *anneladas* constituem um dos caracteres dos monumentos da transição do estylo Roman para o estylo Ogival. Tambem se encontram d'estes anneis nas nervuras das abobadas. No seculo XII, as columnas são tambem ás vezes duplas ou enfeixadas.

As bases das columnas são variadissimas.

Muitas das que se encontram nos edificios mais antigos assimilham-se ás bases Lombardas, mas sem ter garras.

As bases ornadas com esculpturas muito communs no Sul da Europa, são raras nos paizes do Norte.

Foi no meiado do seculo XI que começou a apparecer, áquem dos Alpes, o ornato chamado *garra*, que os Lombardos já tinham usado muito tempo antes.

A garra Romã tem em geral a fórma d'uma folha applicada sobre o tóro inferior da base no angulo do plintho, e tambem ás vezes, a d'uma carranca ou d'um animal phantastico.

Desde o principio do seculo XII, os constructores romans achatam a forma do tóro inferior, quando a base se aproxima da forma Attica; um pouco mais tarde apparece entre os tóros das bases, a moldura concava, bastante profunda, que fórma um dos caracteres distinctivos dos monumentos do fim do seculo XII e da primeira metade do XIII.

Os capiteis de architectura Roman são variadissimos. Ha uns que apenas se compõem de duas ou tres molduras curvas ou chanfradas, imitando o capitel toscano ou dorico.

A cornija dos capiteis é umas vezes elevada e coroada com um ábaco saliente, e outras baixa, tendo um ábaco que não resalta o fuste da columna.

Encontram-se em muitos monumentos Romans, capiteis chamados *cubicos*, porque têem a configuração d'um cubo. Estes capiteis são algumas vezes chanfrados nos angulos inferiores e em geral arredondados na parte inferior.

A parte inferior do capitel cubico *Rhenano*, do seculo XII, era muitas vezes dividida por quatro porções de esphera, formando assim um grupo de quatro capiteis reunidos debaixo do mesmo ábaco, mais foi ainda augmentado o numero das subdivisões, produzindo d'este modo os capiteis cubicos *canellados* ou com resaltos redondos, que se encontram principalmente na Inglaterra e no Noroeste da França.

No tempo da formação do estylo Roman, a arte

da esculptura estava quasi totalmente perdida áquem dos Alpes Os que primeiro tentaram manejar o cinzel esforçaram-se em reproduzir, melhor ou peior, os antigos ornatos que tinham á vista; as producções d'estes artistas improvisados são imperfeitas e grosseiras.

Encontram-se em muitos monumentos Belgas do seculo XII, capiteis cuja ornamentação, simples e rudimentar, consiste unicamente em folhas applicadas sobre o açafate e algumas vezes contornadas em voluta debaixo dos angulos do ábaco.

Os capiteis de quasi todos os grandes monumentos dos seculos XI e XII, são decorados de esculpturas ou de pinturas de côres carregadas. Os ornatos consistem em galões imitando perolas, folhagens encrespadas, florões artisticamente executados, animaes symbolicos, animaes phantasticos isolados ou em grupos, assumptos tirados da lenda ou da historia, principalmente do Velho e Novo Testamentos.

O capitel de *crochets* usou-se na Belgica e em algumas partes da Allemanha desde o fim do periodo Roman. Dá-se o nome de *crochets* e algumas vezes tambem o de *baculo vegetal*, ás folhas mais ou menos compridas, recurvadas em voluta na sua extremidade.

Chama-se *arcada* toda a abertura, real ou simulada, contornada por uma archivolta; e *arcadura*, uma arcada de pequenas dimensões.

Até ao seculo XI serviam se geralmente do arco de volta inteira ou formado por um semi-circulo para ligar duas columnas ou os dois pontos extremos d'uma arcada. Nos seculos XI e XII, começam a apparecer novas formas d'arcos: 1.º, o arco *elevado*, cujos dois ramos descendentes se prolongam verticalmente abaixo do centro gerador; 2.º, o arco em fórma de ferradura produzido por uma parte da circumferencia que excede o semicirculo; 3.º, o arco de volta abatida ou em aza de cesto, formado por um semi-ellypse cortada segundo a direcção do eixo maior; 4.º, o arco de tres lóbulos cujo intradoz é composto de tres lobulos.

As paredes interiores lateraes das egrejas, as capellas, as casas capitulares são em geral ornadas, na sua parte inferior, com arcaduras sustentadas por pequenas columnas mais ou menos embebidas no pé direito e firmadas sobre um sócco de pedra collocado em roda de todo o edificio.

As arcaduras tambem são muitas vezes empregadas, no exterior dos edificios, para a decoração das fachadas. Encontram-se egualmente sobre as outraz partes dos monumentos arcadas pouco salientes, cujas extremidades assentam sobre modilhões muitas vezes executados apenas de feitio chanfrado, e ainda ás vezes ornadas de esculpturas. Em alguns casos foram os modilhões substituidos por grupos de columnas embebidas.

As arcaduras servem principalmente para ornamentar as partes lisas das paredes debaixo das cornijas, os parapeitos dás janellas e as platibandas de que se servem para as ligar entre si pelas faixas muraes.

Estas arcaduras foram imitadas do estylo Lombardo. Tambem se encontram principalmente nos edificios romans da Allemanha, da Inglaterra e d'algumas partes da França.

Chamam-se *Triforiums* as galerias mais ou menos largas, que ficam por cima das arcadas das naves lateraes das egrejas, ou simplesmente por cima das archivoltas das grandes arcadas que ligam dois pilares contiguos.

Encontram-se *Triforiums*, que abrangem todo o comprimento do corpo da egreja, nos edificios Lombardos.

Os *Triforiums* estreitos são posteriores ao seculo XII, e só durante o periodo Ogival é que se generalisou o seu emprego.

A cornija compõe-se d'uma pedra mais ou menos saliente sobre a face das paredes de maior ou menor grandeza, segundo a maior ou menor dureza dos materiaes de que dispomos.

A cornija é sustentada por consólas ou modilhões collocados regularmente por baixo das juntas das pedras que formam as cornijas. Os modilhões têem a forma d'um curvo ou d'um florão.

Chama-se *curvo* um modilhão simples, que fica saliente sobre a face d'uma parede ou d'um pilar e que tem as duas faces lateraes parallelas e perpendiculares á mesma parede; e com feitio de florão é uma consóla que não tem as faces nem parallelas, nem perpendiculares á parede. Ás vezes são os curvos e esses florões ornados de esculpturas representando cabeças humanas, figuras grotêscas, carrancas, monstros, volutas, etc.

A maior parte dos edificios do periodo roman não tinham abobadas senão no abside do côro, no pavimento inferior dos campanarios e algumas vezes ao de cima das naves lateraes. A nave central era ordinariamente coberta com um simples tecto de madeira. As abobadas que hoje se vêem em muitas egrejas do estylo roman foram construidas em epoca bem mais recente.

Nos edificios religiosos que tinham a nave principal coberta de abobadas, eram estas de aresta geralmente em nervuras; e como succede nas egrejas lombardas, a cada arco da nave central correspondiam nas paredes lateraes dois arcos de menores dimensões. Para supportar a pressão obliqua, exercida sobre os pilares e sobre as altas paredes da nave pela abobada da nave central, os architectos romans seguiram dois systemas.

Uns, imitando os constructores lombardos, construem as paredes lateraes quasi da altura da nave

e dispõem as abobadas de maneira que supportem a curva da abobada central. Outros construem nas paredes lateraes abobadas semi-circulares ou de quarto de cylindro, cuja parte inferior assenta sobre as paredes mestras do edificio, e a parte superior vem apoiar-se contra a principal parede da nave central no logar onde começa a sua abobada.

Até ao principio do seculo XII, os arcos duplos compõem-se de uma ou de duas ordens de cunhas de cantaria geralmente sem molduras nem ornatos, e apresentam uma secção quadrada ou rectangular. No fim do periodo roman, e mais tarde ainda, os angulos do intradoz do arco dobrado têem regularmente o feitio de tóros.

As nervuras das abobadas d'aresta consistem em um simples tóro, algumas vezes acompanhado de dois ou quatro tóros de menor espessura. No fim da época Roman, e durante o periodo da transição, o tóro principal foi em certos paizes achatado e composto de uma aresta viva no intradoz. As nervuras das abobadas do estylo Roman são muito mais toscas que as das Ogivaes.

Os architectos dos seculos XII, XIII e XIV decoravam algumas vezes o nascimento das nervuras das abobadas superiores ao capitel com molduras geometricas.

Chamam-se *contrafortes* aos pilares embebidos nas paredes exteriores dos edificios, e que servem para sustentar e diminuir a pressão das abobadas, ou supportar o peso do madeiramento do telhado. Estes apoios correspondem sempre exactamente (nos monumentos que não têem abobadas) aos pontos onde assentam as asnas do madeiramento, e nos edificios abobadados, aos pontos onde vem exercer-se a pressão combinada dos arcos duplos e das nervuras das abobadas.

Nas construcções de architectura Roman, especialmente nas mais antigas, os contrafortes apresentam-se algumas vezes com a apparencia de uma pilastra semi-cylindrica.

No XI seculo e principalmente no XII, apresentam os contrafortes variadissimas fórmas. Uns são muito largos na base, e diminuem successivamente em cada um dos seus tres lados isolados; outros, mais delgados, têem sempre a mesma largura entre as duas faces lateraes e parallelas, e não diminuem senão na face exterior, em que essa diminuição se faz successivamente em diversas partes na sua total elevação. Alguns ha que têem sempre as mesmas dimensões em todas as faces, sem saliencia nem resalto algum, desde a base do edificio até á cornija.

Os madeiramentos nos telhados dos edificios do estylo Roman são raros.

Na Europa Occidental os telhados conservaram até ao seculo XII uma pequenissima inclinação.

É só no meiado d'este seculo, e até mesmo mais tarde, que se encontram declives com excessiva correnteza nos telhados dos edificios da edade média.

As *Torres*, tanto na Europa Central como na Occidental, anteriores ao seculo XI, são em geral quadradas, e sem nenhum ornamento, ou apenas ornadas com simples arcadas, e ordinariamente cobertas por um telhado de quatro abas de fórma concava, formando uma pyramide obtusa.

Os campanarios do seculo XI, e sobretudo do XII, são mais elevados e ornamentados que os dos seculos precedentes. Compõem-se de dois e mais pavimentos, que se sobrepõem, e cujas dimensões vão muitas vezes diminuindo successivamente. A sua fórma e aspecto geral variam de um paiz para outro.

Os campanarios isolados, que são quasi exclusivamente proprios da Italia, distinguem-se por mais duas especies.

Ha uns construidos no ponto de intersecção do transepte com a nave principal, e ainda outros edificados ora sobre a fachada, ora sobre as extremidades do côro ou do transepte. Os primeiros assentam sobre quatro grossos pilares: os segundos erguem-se perpendiculares sobre os seus quatro lados; ou são sustentados por arcadas abertas sobre uma, duas e até mesmo tres das suas faces.

Os campanarios centraes têem em geral differentes fórmas. Ha-os quadrados, octogonaes, e ainda com muito maior numero de lados; existem tambem alguns em fórma de cupula.

Os campanarios da fachada, e os construidos proximo do côro ou dos transeptes das egrejas, apresentam ainda fórmas mais variadas que os centraes. Os mais simples são quadrados e divididos tanto interior como exteriormente em dois ou mais pavimentos. Outros, elevando-se sobre uma base quadrada, tornam-se em polygonos de maior numero de lados logo no primeiro ou segundo andar, tendo em geral a fórma octogonal.

No XI e no XII seculo eram os campanarios cobertos de madeira com feitio de flecha ou de pyramides construidas de pedra; quadrados ou octogonaes, eram pouco elevados e acachapados. Os angulos das pyramides de base quadrada eram ás vezes ornados com pequenos campanarios. Muitos remates de cantaria foram destruidos pelas chuvas e pelos gêlos, e depois substituidos nos seculos XIII e XIV pelas flechas esguias.

Algumas torres tinham por cobertura um telhado apenas com duas abas, terminando por uma empêna em cada um dos lados. As torres cobertas por este modo só se usaram durante uma parte do periodo Ogival.

Os pavimentos em *opus alexandrinum* continua-

ram a usar-se na Italia e em todos os paizes aonde havia marmore. Na Allemanha, na França e na Belgica, por exemplo, serviam-se de tijolos de terra cota esmaltada ou de pedras gravadas e com embutidos de massa colorida. Até ao fim do seculo XII cada tijolo tinha a sua côr propria. As côres que se encontram nos pavimentos do fim do periodo Roman, são : preto, cinzento, vermelho e principalmente amarello e verde-escuro. As duas ultimas predominam em quasi todos os trabalhos d'este genero do seculo XII.

No Oriente e no Sul da Europa, os edificios historicos, legendarios e symbolicos eram bastante communs no seculo XII; tambem se viam alguns na Europa Occidental.

Se, na sua origem, a pintura das paredes imitou as mesmas fórmas que tinha o mosaico, e se inspirou dos principios d'esta arte, não podia tardar muito que ella tomasse mais livre desenvolvimento e adquirisse certos principios que lhe fossem especiaes em consequencia da propria natureza dos seus processos e da maneira por que estes satisfazem a vontade do artista.

Com effeito, a pintura liga-se ás fórmas da architectura até nas mais delicadas molduras; e por conseguinte de um modo mais intimo que o mosaico. Desde os primeiros seculos até á época da Renascença, a pintura das paredes pôde, sem duvida, modificar o estylo do desenho, e variar o tom e a harmonia das côres empregadas, seguindo o progressivo desenvolvimento da arte de construir, mas ficou sempre subordinada á architectura.

A pintura monumental differe muito da que se emprega ordinariamente n'um painel.

Um painel, no sentido moderno da palavra, não é mais do que uma scena mostrada nos limites de um quadro, atravez de uma janella aberta. A pintura monumental, pelo contrario, é uma arte convencional na qual a imitação da natureza, a reproducção das suas fórmas, e dos phenomenos atmosphericos que ella apresenta, quasi que por assim dizer não existem.

A figura humana e as composições em que esta apparece em grupos são geralmente reservadas para as grandes superficies planas das paredes; só muito raramente se encontram nas pilastras e nas columnas. Por toda a parte o symbolismo ou a allegoria constitue um dos grandes caracteres tanto da pintura das paredes como de todas as artes em geral durante o periodo de que nos occupamos.

As pinturas historicas eram tratadas da maneira mais simples. O artista apenas faz figurar o numero de figuras strictamente necessario para a composição do assumpto que trata. As côres são applicadas com tintas eguaes, sem indicar sombras nem os differentes accidentes da luz, de fórma que é muitas vezes impossivel determinar qual o lado por onde o artista teve em vista que a scena fosse illuminada. As partes salientes dos corpos são regularmente indicadas por traços finos, e os contornos são representados com linhas cheias.

A pintura a *fresco*, que tem a vantagem de produzir tons agradaveis, foi a preferida para as pinturas historicas e legendarias. A *encaustica* foi tambem escolhida para certos trabalhos. A intensidade e a harmonia dos tons que resultam do emprego da cêra, a possibilidade de nos occuparmos indefinidamente do trabalho já começado fizeram com que muitas vezes fosse adoptado este processo. Com effeito até mesmo a pintura a oleo é tambem muito antiga. Durante toda a edade média eram preferidos os outros processos, por meio dos quaes, obtendo-se tons baços, evitavam o reflexo tão desagradavel na pintura das paredes.

Durante a edade media a primeira pedra do alicerce dos edificios religiosos era regularmente ornada com uma cruz e uma inscripção. A sua collocação era feita com grandes solemnidades: um prelado ou um dignitario ecclesiastico a benzia publicamente e elle proprio a collocava na base de um dos principaes pontos de apoio da construcção.

Tambem muitas vezes se serviam de inscripções lapidares para conservar a memoria da fundação do edificio e o nome do architecto ou do mestre da obra. Em algumas egrejas encontram-se pedras com dedicatorias indicando a data da consagração, os nomes dos santos cujas reliquias se acham depositadas no altar, e até mesmo o nome do orago da egreja.

Os altares eram uns fixos e outros portateis.

Altares fixos. — As mesas dos altares fixos, ordinariamente de marmore ou de pedra, e de fórma quadrada ou rectangular, continuaram até meiado do seculo XII a ser vasadas em fórma de bandeja, como já se usára no periodo Latino.

O supporte da mesa do altar consiste muitas vezes, em uma simples base cubica de alvenaria sem ornamentação alguma, e algumas vezes tendo em roda uma inscripção e um simples rebordo. Nos dias solemnes cobriam-se estes altares com alfaias de lã e seda ou de outros tecidos preciosos.

Outras vezes o altar é sustentado por uma ou muitas pequenas columnas.

Os altares de fórma cubica eram muitas vezes revestidos de oiro e de prata e esmaltados, tendo tambem pedrarias, ou ornados com esculpturas e pinturas.

A face dos altares, com esculpturas, ou pintados, era em geral dividida em tres compartimentos com a fórma de arcadas mais ou menos ricamente decoradas. Jesus Christo lançando a benção, de pé

ou sentado, occupa ordinariamente a parte central, que é muitas vezes a mais elevada, ou com a fórma de uma auréola oval ou de quatro lóbulos. Nas arcadas lateraes vêem-se figuras de santos e os symbolos dos evangelistas, que se acham dispostos ou em torno do compartimento do meio, ou no fundo das arcadas.

O altar principal das grandes egrejas era muites vezes, como succedia no periodo Latino, encimado por um *ciborium*, e o mesmo acontecia com alguns dos altares lateraes.

No final do XI seculo começou o uso dos retabulos, isto é, dos paineis ou quadros assentes verticalmente ao fundo dos altares propriamente ditos. O retabulo não constitue por si só uma parte essencial do altar, mas sim um accessorio. O seu primitivo e principal fim é promover a devoção entre o padre que offerece o santo sacrificio e os fieis que a elle assistem, fazendo-lhes ver assumptos religiosos produzidos pelo cinzel, esculptura, pintura, etc.

A principio era pouco elevado, attingiu uma excessiva altura no fim do periodo ogival e na época da Renascença.

Representavam-se nos retabulos os mesmos assumptos que nas alfaias: Christo, sentado ou em pé, occupava em geral o painel do centro, tendo imagens de Santos e assumptos tirados da Historia Sagrada, ou da lenda, em arcadas lateraes, ou em medalhões de diversas fórmas collocados em redor da imagem do Salvador.

A maior parte dos primitivos retabulos eram de oiro, prata ou cobre doirado e esmaltado; todavia alguns se encontravam, ainda que em menor numero, construidos de pedra e de madeira pintada ou esculpida. Estes ultimos só se generalisaram no fim do periodo roman e no principio da época ogival.

A principio os retabulos serviam tambem para encerrar os relicarios quando elles não tinham mais ornamentos, ou para os emmoldurar quando os seus frontaes eram ricamente adornados. Parece ter sido nos mosteiros que este uso teve principio. Durante o XI seculo, a maior parte das abbadias da Europa Central e Occidental mudaram a disposição interior das egrejas no que diz respeito ao logar reservado aos religiosos durante a celebração do Santo Officio: as cadeiras ou bancos dos padres, que d'antes occupavam o proprio côro do abside, foram transportadas para o transepte, e desciam ordinariamenle até á segunda ou terceira arcada da nave principal, como na egreja d'Alcobaça.

Ao fundo do Sanctuario, proximo á curvatura do abside, elevava-se o altar das reliquias, atraz ou debaixo do qual eram expostos os restos mortaes dos Santos, que até ali se tinham conservado religiosamente nas cryptas das egrejas.

Algumas vezes as reliquias eram encerradas em caixas ou cofres e collocadas no interior do altar.

Tambem se expunham mesmo sobre os altares, como succedia no IX seculo; mas não é facil actualmente determinar se esta exposição era permanente ou temporaria, isto é, durante certas solemnidades religiosas extraordinarias.

Comtudo está provado que existia em muitos paizes o costume de se conservarem os relicarios sobre os altares. Este costume pouco a pouco se foi generalisando, pelo menos em alguns d'elles. Quando esta exposição se realisava por detraz dos altares, o cofre era collocado pouco mais ou menos dois metros acima do piso e sustentava um dos lados triangulares sobre o proprio altar, ou então sobre um retabulo de pedra, collocado em cima d'aquelle, mas pouco elevado, e o outro sobre uma consola ou um grupo de columnas junto á parede absidal ou interior da egreja.

Os fieis podiam circular em torno do altar e vir collocar-se directamente debaixo das reliquias. O uso de passar debaixo dos relicarios, quer de pé, quer de joelhos, ainda hoje existe em muitos paizes catholicos. Quando a parte superior da urna, que vinha assentar sobre o altar, era desprovida de qualquer ornato, cobria-se então com um retabulo de metal ou de pedra; se pelo contrario, como succedia com as urnas de oiro, de prata ou de cobre doirado e esmaltado, tinha figuras primorosamente executadas, ficava inteiramente livre e visivel por detraz do altar. Construia-se então por cima da urna uma especie de tabernaculo ou de baldaquino. Algumas vezes ornamentavam a parte central do lado triangular, com um retabulo de metal precioso.

(Continúa) POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 85 86

Representa esta estampa tres exemplares de *placas prehistoricas* achadas em Portugal. Duas são quasi similhantes na fórma de trapezio, que têem; uma está quebrada na parte superior, onde haveria orificio como se nota nas outras, para se poder trazer ao collo.

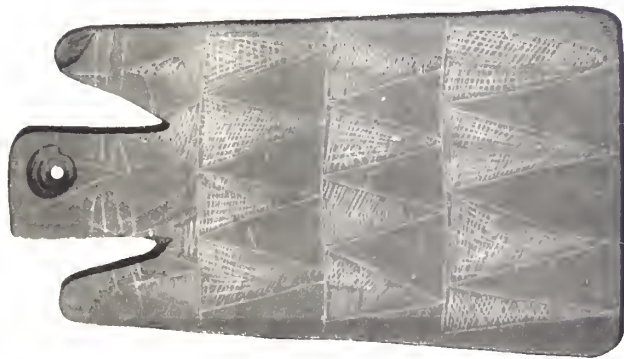
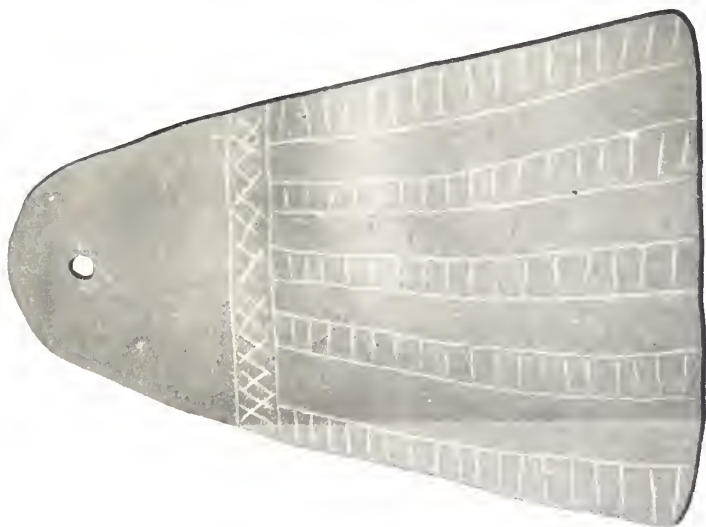
Estas placas mostram em uma das faces desenhos indicados sómente a traços, mais ou menos correctos, figuras muito simples formadas por linhas inclinadas em relação aos dois lados maiores do trapezio, ou por triangulos isosceles em renques horisontaes, separados por linhas parallelas á base em distancias eguaes e reunidos esses triangulos uns aos outros.

É sempre o schisto o material empregado n'este objecto, e como todas as variedades de schistos são *silicatos de alumina* mais ou menos misturados com o ferro, por isso algumas placas são mais

B

A

C

Pag 46

Placas de Schisto da Serra d Ossa (Portugal)

Estampa 86.

escuras e manchadas por côr mais carregada; como apresenta o exemplar *B*.

O feitio do exemplar *A* é notavel pela maneira como está terminada a sua parte superior, em que mostra um recorte singular, formando uma especie muito incompleta de corôa, e, ainda que as linhas, com que está ornada sua principal face, sejam muito menos perfeitas que as dos outros dois exemplares, todavia nos faz suppôr que é um especial distinctivo usado entre os homens da época neolithica para indicar a sua cathegoria.

Estes tres objectos distinguem-se pela differença do trabalho na sua decoração, o que talvez provenha de pertencerem a tempos diversos em que o artista estaria pouco pratico para os executar com mais habilidade, e assim poderam indicar mais ou menos antiguidade a sua origem.

É Portugal onde estas placas têem apparecido em maior numero, em quanto nos outros paizes é raro encontrarem-se nos Dolmens ou nas Cavernas.

A provincia de Portugal onde tem apparecido mais d'estes objectos, é a do Algarve; todavia no Alemtejo teem-se achado alguns como são estes tres exemplares; o que está incompleto foi descoberto na Serra d'Ossa e o outro com os triangulos no Alemtejo, em Amares.

Em quanto ao exemplar *A*, foi achado proximo de Portalegre.

Os archeologos concordam em que é no nosso paiz, onde apparecem mais vezes; assim como as contas *callais* que se encontram nas cavernas sepulchraes de Portugal e principalmente nas grutas *artificiaes* de Palmella, onde estes objectos têem sido descobertos em maior quantidade: pena é, que havendo tão notaveis vestigios no territorio nacional que conserva tão raros exemplares, continue o inqualificavel desleixo de não se protegerem essas scientificas investigações prehistoricas na nossa terra!

Estas placas suppõem os archeologos que serviriam egualmente para enfeite das mulheres, todavia somos de opinião que eram unicamente empregadas como distinctivos publicos, porque, se fossem para adorno, muito maior numero se teria achado.

Posto que se julgue que as placas pertencem á época de transição da pedra polida para a época do bronze, por ter apparecido em alguns instrumentos d'este metal desenhos eguaes aos que têem as placas, não é isso uma prova decisiva para que ellas sejam da mesma época; pois poderiam ter sido imitados nos instrumentos de bronze.

Possidonio da Silva.

CHRONICA

A assembléa geral da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, na sessão de 16 de Dezembro de 1888, procedeu ás eleições para os cargos que serão exercidos no proximo anno, a saber:

Presidente: Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Vice-Presidentes: Valentim José Correia; Visconde de S. Januario.

Secretarios: Visconde d'Alemquer; D. José de Saldanha Oliveira e Souza.

Vice-Secretarios: Ernesto da Silva; Visconde de Castilho.

Thesoureiro: José da Cunha Porto.

Inspector da Bibliotheca: Conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Conservadores: Gabriel Pereira; Visconde da Torre da Murta.

Secção de Architectura.—Presidente: Valentim José Correia. *Secretario:* José Antonio Gaspar. *Vogaes:* José Maria Caggiani; Cezario Augusto Pinto, Caetano Xavier da Camara Manuel, Francisco Soares O'Sullivand e Joaquim da Conceição Gomes.

Secção de Archeologia.—Presidente: Ignacio de Vilhena Barboza. *Secretario:* Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos. *Vogaes:* Dr. Francisco Martins Sarmento, Carlos Alexandre Munró, Maximianno de Deus Monteiro, Zephyrino Norberto Gonçalves Brandão e Eugenio de Freitas Cavalleiro de Souza.

Secção de Construcção.—Presidente: Conselheiro Joaquim Simões Margiochi. *Secretario:* D. Antonio José de Mello. *Vogaes:* Antonio Pimentel Maldonado, Commendador José Tedeschi, Theodoro da Motta, Eduardo Augusto da Rocha Dias e Licinio da Silva.

A ex.ma sr.a condessa Gozzadini Zucchini fez publicar em tres jornaes de Bologna a noticia de haver a nossa associação celebrado uma sessão solemne afim de se inaugurar o retrato e ler o elogio historico do erudito e insigne archeologo italiano o fallecido conde Senador João Gozzadini, dignissimo pae d'esta illustre senhora, relatando ter presidido S. A. o Principe Real com assistencia dos ministros e consules estrangeiros residentes em Lisboa. Os jornaes foram *Gazzetta Dell' Emelia — L'Unione — Il Resto del Carlino*, os quaes teceram elogios aos testemunhos dados em Portugal a um sabio italiano; ufanando-se por este respeitoso preito.

O erudito epigraphista o sr. Cardoso Bettencourt que reside em Paris, pediu ao nosso presidente para lhe enviar copia de duas inscripções hebraicas, antigas, que esta associação possue no Museu do Carmo, sendo uma do Algarve e outra do Porto; pois que, estando para publicar uma obra com as inscripções hebraicas que existem em Portugal, desejava incluir na sua obra as que tinha visto no nosso Museu em 1879; pedia tambem um *calque* de outra que existe no Museu de Evora, ao que o nosso presidente satisfez com promptidão, agradecendo em nome da Associação este importante serviço prestado á archeologia de Portugal.

Ao nosso digno presidente, o sr. Possidonio da Silva foi conferida uma medalha de prata na Exposição Internacional de Barcelona, pelos seus trabalhos de archeologia. Congratulamo nos com o nosso estimado collega e perseverante cultor d'esta sciencia, por ser novamente laureado nos certamens dos paizes mais cultos, não obstante a sua avançada edade, superior a oitenta annos, distincção que nem sómente é lisongeira para os seus consocios, mas sobre tudo tambem muito para Portugal.

NOTICIARIO

Tendo o Governo Francez nomeado uma Junta de 7 architectos dos mais distinctos, para organisar o Congresso Internacional de Architectos, que deve reunir-se em Paris, em 17 de junho, por occasião da Exposição Universal, essa Junta nomeou uma *Commissão de Honra* composta de architectos que no estrangeiro e em França possam prestar os melhores serviços á architectura e artes correlativas, aggregando a si 50 architectos dos mais distinctos na Europa e America e 104 dos do seu paiz.

O nosso digno presidente e distincto architecto o sr. Possidonio da Silva, membro estrangeiro do Instituto de França, foi convidado para tomar parte n'este congresso, no qual serão discutidas importantes questões, como consta do programma remettido.

Na Exposição Universal de 1867, em Paris, houve o primeiro Congresso Internacional de Architectura, sendo inserto no *Diario do Governo*, n.º 223, do anno de 1868, o relatorio do architecto sr. Possidonio da Silva.

Bruxellas tem agora um Museu d'Arte Ornamental, no qual está reunida toda a Arte de ornamentação monumental da Europa moderna; collecção que não existe em outro paiz culto.

Mr. Charles Henry Burnay apresentou á Academia de Bellas-Artes, do Instituto, tres instrumentos novos e de grande auxilio scientifico.

Consistem estes instrumentos em um transferidor e um triplice-decimetro pelos quaes se obtem o estudo e augmento esthetico de todas as fórmas!

Em Saïda, o antigo Sidão dos Phenicios, descobriu-se um templo de *Mithra*, a Venus Oriental que preside a todos os altares. O culto de Mithra é de origem persa, e foi introduzido na Phenicia. Este templo está soterrado muitos metros abaixo do solo. A sua porta dá accesso a um grande corredor, havendo aos lados uns nichos com estatuas de marmore com um metro e 10 centimetros, representando guerreiros. No fim do corredor ha uma vastissima sala circular de abobada, do feitio de cupula, na qual se apoia sobre 80 columnas um exquisito leito em gres, e entre ellas um altar com a figura da deusa; na base encontram-se ainda os vestigios dos mysterios que ali se praticavam. O pavimento é de mosaico de vidro colorido com incrustações em ouro. Ao centro ha um colossal touro de marmore com os chifres cobertos de folha de ouro. As figuras que ornam os altares são cabeças de differentes animaes. O marfim, o bronze, a prata e o ouro são empregados com profusão, principalmente o ouro.

E' o primeiro templo achado d'este culto e época.

A Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha em Lisboa dirigiu á nossa Associação o programma do concurso para os projectos da construcção de hospitaes-barracas, de facil installação e transporte, onde os doentes e feridos recebessem os soccorros necessarios.

Os architectos portuguezes que desejarem tomar parte n'este concurso para o qual a humanitaria imperatriz de Austria offerece dois premios, um de 10.000 e outro de 6.000 marcos, devem enviar os projectos no mez de Maio á commissão Central das Associações Allemãs da Cruz Vermelha em Berlim.

O programma está patente todos os dias no Museu de Archeologia do Carmo.

Calçado de caoutchouc. — Mr. Busse, engenheiro de Hanover, inventou este processo, cujo resultado, depois de quinze mezes de experiencia, provou a sua utilidade. Tem a rijeza da pedra, não causa ruido, não se altera pelo calor nem pelo frio, não escorrega como no asphalto e tem mais duração que esta materia.

Um quinquilheiro de Boston mandou construir uma habitação para si, com a particularidade de ter todas as casas com a fórma circular ou de ellypse. O exterior é um circulo perfeito, sem nenhum resalto. Entra-se para um vestibulo com a fórma d'ellypse sobre o comprido conduzindo á saleta que é redonda. A' esquerda do vestibulo está a bibliotheca circular com uma janella redonda; uma meza circular está no centro, á direita a sala ellyptica com duas janellas ellypticas e no meio da sala uma mesa de egual feitio. A casa de jantar e a cosinha, com o feitio de sectores circulares, teem mezas e janellas do mesmo feitio das outras; até o telhado é de fórma semi-espherica tendo por remate um lanternim cylindrico com cupula oval.

Já em 1836 o architecto, o sr. Possidonio da Silva, havia construido oito chalets em Cintra para o Duque de Saldanha, tendo um todas as fórmas circulares. Esses alicerces estão agora por baixo das raizes das grandes arvores da alea que conduz do palacio gothico ao portão da Sabuga. Quando vierem a ser descobertos talvez se supponha serem vestigios dos mouros!

Os marmores dos monumentos estão expostos a perder o brilho e esta alteração será muito mais rapida e profunda quando o ar estiver mais impregnado de fumo de carvão de pedra.

Os pyritas que contem a hulha produzem sempre mais mais ou menos abundancia de acido sulphurico. A chuva e a neve nas cidades contém este acido, o qual em contacto com o marmore transforma a superficie em sulfato de cal (gesso).

Para evitar esta acção chimica e por conseguinte conservar o brilho aos marmores se deverá applicar sobre elles, pelo menos duas vezes no anno, uma solução de uma parte de cérosina em 50 de benzina.

1889, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE ANNO DE 1889 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Sociedade Academica Indo-Chineza de França, fundada pelo nosso digno socio honorario o sr. marquez de Croisier.

Resultado da eleição para os cargos no presente anno:

Presidente, o sr. marquez de Croizier; vice-presidentes, os srs. Paul Leroy-Beaulieu, membro do Instituto; Jacques Hebrard, senador; S. de Heredia, deputado, antigo ministro; Léon Féer, bibliothecario da secção dos manuscriptos da Bibliotheca nacional; secretario geral, sr. Eugène Gibert; secretarios, os srs. Dutilh de la Tuque, A. R. Havet; thesoureiro, sr. P. Lepesqueur.

Membros para o conselho, srs. Zastonnet des Fosses, A. Dilhan, L. Delonche, Jean Dupais, A. Grodet, Émile Guimed, M. d'Hervay de Saint-Denys, membro do instituto, V. A. Malte Brun, Abel des Michels, professor da escola das linguas orientaes, R. de Saint-Arroman; Ternisien, antigo deputado da Cochinchina.

O Delegado em Portugal

J. P. N. da Silva.

COMO SE REALISARAM PROGRESSOS NAS CONSTRUCÇÕES DO PERIODO DA ARCHITECTURA OGIVAL

Se a Inglaterra e as provincias Rhenanas possuem admiraveis edificios do estylo ogival, no seu desenvolvimento mais perfeito, todavia os monumentos d'essa epoca, existentes em França, patenteiam o merecimento que a arte ogival obteve n'este paiz, pelos laboriosos estudos feitos para estabelecer o systema d'esta architectura; e tanto isso é verdade, que não só a Inglaterra, mas a Allemanha, se serviram dos artistas francezes, para executarem as construcções dos seus grandes edificios levantados na idade media, principalmente no XIII seculo.

Mas como poderam no XII e XIII seculos realisar um tão grande numero de construcções extraordinarias, tanto pelas suas dimensões, como pela sua magnificencia? Foram edificadas no XIII seculo e quasi completas, as mais bellas e importantes, taes como as cathedraes de Paris, Reims, Chartres, Amiens, Mans, Lyon, Bourges e Capella Santa de Paris, alem de mais 32 edificios reli-

giosos em outros pontos da França. Na Allemanha, na mesma epoca se erguem os Domos de Ratisbonna, Magdeburgo, Alberstadt, N. S. de Treves, Santa Izabel de Marbourg, a cathedral de Fribourg, em Brigan, e uma parte da cathedral de Colonia. No mesmo periodo, na Belgica, apparece a capella mór de Santa Gaudelia em Bruxellas; a torre de N. S. de Burges; na Gran-Bretanha, a cathedral de Salisbury, a capella-mór e a nave principal de Lichtfield; os cruzeiros da de York; a capella-mór de Winchester, e uma parte da Abbadia de Westminster. Na Hespanha erguem-se a cathedral de Burgos e a de Toledo; em Portugal o monumento religioso da Batalha; em Italia S. Paulo de Veneza, S. Francisco de Bolonha, Santa Maria de Spina em Pisa, os Domos de Orrieto e Arezzo, a grande egreja de Santa Maria das Flores em Florença.

Como se poderá explicar terem-se executado tantos trabalhos e a rapidez com que se concluiram? Pois a cathedral de Reims ficou completa no espaço de 30 annos; a de Chartres em 28 annos; a Capella Santa de Paris, a joia da architectura ogival da França, em 3 annos, e a cathedral de Paris em 50 annos custando 70 milhões! Como pois se effectuaram tantas maravilhas?

As corporações religiosas depois de terem divulgado a sciencia e formado as povoações, haviam realisado admiraveis modelos para esses monumentos, e dado um poderoso impulso aos progressos da arte de edificar. Não ergueram as cathedraes monumentaes, é verdade, porém edificaram um grande numero de capellas pertencentes ás abbadias, as quaes ainda causam admiração aos archeologos, sem mencionar um sem numero de claustros, casas capitulares, cujas ruinas servem ainda hoje de estudo da arte d'essas eras.

Do mosteiro saiu a idéa d'associação; as corporações dos officios se sujeitaram a determinados preceitos a cumprir, tomando o exemplo d'esses religiosos que lhes haviam dado o ensino, e foram elles os primeiros que conseguiram, pelo poder da associação, realisar essas grandiosas obras superiores a tudo aquillo que se havia executado antes.

Appareceram então os Irmãos Pontifices (assim chamados), os quaes tomaram por distinctivo a representação de uma ponte e de uma cruz assignaladas sobre o seu habito; foram essas duas palavras, de que se derivou a designação de *Pontifices*. Estes homens appareciam aonde eram chamados para se executarem essas importantes edificações, prestando um valioso serviço ás differentes povoações, pois estabeleciam os meios de se poderem communicar entre si, cousas de que se não tinham occupado os governos de então, depois da queda do dominio romano. Foi d'aqui que se originaram as grandes corporações maçonicas, que como ellas tão efficazmente contribuiram para a edificação das portentosas cathedraes do estylo ogival. A exemplo d'essas corporações se creou em França a confraria de S. Lucas no reinado de S. Luiz, a qual reunia os architectos, esculptores, pintores, douradores e illuminadores; existindo ainda hoje os estatutos pelos quaes se regiam. O mesmo aconteceu em Roma com a congregação de S. Lucas formada no XIV seculo; mas esta não era para se transmittir as novas descobertas, nem tão pouco a adopção de novos methodos; serviam as suas reuniões simplesmente para entoar louvores a Deus, e render-lhe acções de graças.

Muitas circumstancias concorreram para favorecer o impulso dado pelos mosteiros. No XII e XIII seculos os Municipios contribuiam, empregando de bom grado todas as suas rendas, para construirem os monumentos que serviam de testemunho da sua riqueza e independencia. O campanario e a casa da camara eram pelo seu caracter os edificios que representavam o poder Municipal; porém a cathedral, pela sua grandeza e magnificencia, attestava melhor ainda a abundancia dos recursos que os povos sabiam crear depois de libertados da influencia feudal. A cidade de Lyon começou a construir a sua famosa cathedral, logo que obteve o fôro da sua independencia, como para estabelecer por este monumento a garantia dos seus privilegios. Era, alem d'isto, nas cathedraes onde o povo tinha as suas grandes assembléas, e já com este fim, haviam dado grandes dimensões á egreja de Lyon; assim como aconteceu a muitas outras d'essa epoca, que serviam perfeitamente para as grandes reuniões populares; sendo hoje as eleições de deputados feitas dentro das nossas egrejas, como uma reminiscencia d'esse uso popular, que na edade media haviam adoptado, para deliberarem dentro dos templos o que melhor conviesse aos interesses dos cidadãos.

As egrejas serviam ás vezes, não sómente para as deliberações das municipalidades, como tambem para as festas civis, regosijos publicos, até mesmo para representações profanas e para *entremezes* extravagantes, os quaes eram uma necessidade n'aquelles tempos. Representava-se por exemplo a dança dos *tamancos;* a festa dos innocentes, na qual os meninos do côro vestiam capa-d'asperges, occupando os lugares de sacerdotes e cantavam o officio divino com toda a casta de grosserias e zombarias; dando se-lhes á noite uma ceia lauta feita á custa do cabido. Havia egualmente a festa dos *loucos* ou dos *asnos*, cujo programma ainda se conserva. O geral da situação d'esta epoca explica perfeitamente a conducta do clero; os bispos estimavam mais abrir as portas dos gran-

diosos templos á multidão, consentindo-lhe ás vezes representarem verdadeiras saturnaes, essas festas licenciosas que na antiga Roma se faziam em honra de Saturno; antes do que encerrar-se no santuario e deixarem fermentar da parte de fóra as idéas populares; pois que sendo as reuniões das cidades feitas debaixo das abobadas da magestosa cathedral, posto que para negocios profanos, ficavam tendo forçosamente um caracter religioso. As populações costumavam-se por este modo a considerar a cathedral como o centro de qualquer manifestação publica; e debaixo d'este ponto de vista, faziam muito bem os bispos e os cabidos de assim o consentirem; pois comprehendiam perfeitamente o espirito da sua epoca; sabiam que para civilisar os entendimentos ainda grosseiros, tão faceis em se deixarem arrastar, movidos por um profundo sentimento de independencia, era preciso para os guiar nos seus proprios interesses, que o monumento sagrado fosse escolhido para ser o melhor agente de qualquer acto publico.

A cathedral era pois o monumento da cidade: era ella na verdade a casa do povo. O miseravel casebre onde o povo se recolhia, diz Mr. Michelet, vinha a servir d'um abrigo momentaneo; não havia senão uma unica casa a que se devia dar esse nome, essa era a casa de Deus. Não era em vão que a Igreja tinha a prerogativa d'asylo para os criminosos; a vida social se havia refugiado ahi toda, era n'esse logar que o povo orava; a municipalidade não escolhia outra parte para tomar as suas deliberações, e quando o sino grande vibrava, era ainda a voz da cidade que se ouvia, portanto a cathedral era ao mesmo tempo o edificio do municipio e o monumento da cidade; a sua construcção indicava um acto da fé por parte do povo.

Estimuladas por todos estes motivos, as populações se apressaram a concorrer para a edificação da cathedral, por todos os meios ao seu alcance, sem fallar nos recursos pecuniarios que todos offereciam com empenho; era esse zelo excessivo a ponto de privarem-se os fieis de gastarem leite e manteiga durante a quaresma, para com a quantia poupada correspondente a essa despeza terem os meios necessarios para erguerem uma das torres da cathedral de Bourges, e em recordação d'este acto de privação, ficou-se-lhe chamando a torre da *manteiga*. Então o pobre trazia o seu obulo, o abastado os seus haveres, as damas as suas joias, todos contribuiam generosamente. As povoações inteiras entregavam-se ao trabalho, esquecendo qualquer outro cuidado, nenhuma preoccupação as desviava do seu intento; sem distincção de classe e de fortuna, se empregavam, não só a apparelhar a cantaria ou a esculptura, mas no transporte penoso dos materiaes para a egreja monumental. Não se inquietavam por nenhum modo em calcular o orçamento, em meditar d'onde lhe viriam os meios; dispunham-se ao trabalho com tal enthusiasmo e perseverança, que o edificio medrava com tamanha rapidez, que parecia por um poder sobrenatural; porque não sómente os habitantes de uma provincia se reuniam para a construcção d'uma cathedral, mas tambem os das provincias mais proximas concorriam para essa obra religiosa, e logo que findava a construcção, todos se dirigiam para outro ponto, em que fosse necessario o seu trabalho: foi por este modo que na edificação da cathedral de Strasbourg se reuniram ao mesmo tempo *cem mil operarios!*

Para dar uma idéa d'esse fervor religioso nas edificações das cathedraes transcreverei um extracto de uma carta do abbade Haimon de S. Pedro, aos religiosos de Tutleberg a respeito do animo de que estavam animados esses trabalhadores desinteressados, quando se empregaram na construcção da cathedral de Chartres. «Quem poderia nunca ouvir, escrevia esse abbade, quem teria «nunca visto, principes, nobres, poderosos d'este «seculo, guerreiros, e damas delicadas, dobrar o «seu pescoço sob a canga á qual consentiriam li«gar-se como se fossem animaes de carga, para «arrastar pesados materiaes? Encontram-se mi«lhares de individuos puchando por vezes uma «unica machina, enormemente pesada, e transpor«tando-a a uma grande distancia para serventia «dos operarios. Cousa nenhuma os detem, nem mon«tes, nem valles, nem mesmo a passagem dos «rios. Porém o mais extraordinario é que esse «excessivo numero de pessoas reunidas caminham «sem confusão nem alarido. As suas vozes não se «ouvem senão a um signal dado; então principiam «a entoar canticos ou imploram o perdão para «os seus peccados. Logo que chegam ao seu des«tino, esses irmãos na fé rodeam a igreja, «conservando-se em roda do seu carro como se «fossem soldados guardando o acampamento. Ao «escurecer do dia, accendem velas, entoam ora«ções, e levam offertas para depositarem sobre «as reliquias sagradas; depois os sacerdotes, os «ecclesiasticos, o povo, contritos, retiram-se com «grande devoção, cada um para a sua habitação, «pondo-se a caminho debaixo de ordem, psalmo«diando e rezando em favor dos doentes e agonisantes». Com uma tão sincera devoção, esses homens seriam capazes de penetrar até ao centro da terra; e só assim, com uma fé tão viva, se podiam emprehender obras surprehendentes.

A construcção da cathedral era tambem uma obra de devoção da parte dos artistas, dos archi-

tectos e dos esculptores, que contribuiam com as suas prodigiosas composições para ornarem os edificios religiosos. Calculai, diz Mr. Pitre Chevalier, todo o tempo que seria necessario a esses habeis artistas, *magistri de lapidibus vivis*, para erguer do solo ao ceo essa poderosa vegetação de pilares, de naves, desde os solidos troncos até aos elegantes caprichos das folhagens; para rendilhar os espelhos onde a luz e a sombra produzem tão admiraveis effeitos; esses campanarios esbeltos d'onde echoam harmoniosos sons; para recortar com o cinzel nos recantos mais occultos das abobadas, até ao cimo das agulhas que se confundem com as nuvens, esses trabalhos primorosos nos quaes se consumia a vida do artista, e que sómente os anjos poderiam apreciar curvando-se sobre a terra. Indagae qual foi o premio que tiveram os auctores d'essas maravilhas, o fructo que colheram do seu immenso trabalho. Nenhum! unicamente a gloria de servir a Deus. Sim, esses artistas trabalhavam sómente em louvor de Deus. Procurae, n'esses milhões de pedras lavradas pelas suas mãos, se porventura encontraes o seu nome, o mais minimo signal que os patenteie á posteridade! Procurareis debalde; não quizeram negociar com Deus, apenas pedir-lhe um cantinho do seu paraizo para descanço de suas almas.

O silencio desinteressado no qual se occultaram os artistas da idade media, foi da parte d'elles mais um merito que devemos admirar; seria tambem um titulo para o seu paiz, que os seus nomes ficassem registrados com todo o esmero nos annaes das artes, e que a sua existencia fosse conhecida em todas as suas phases. Infelizmente os seus contemporaneos não se preoccuparam de conservar esses apontamentos biographicos; o que devemos tanto mais sentir, que teriamos sem duvida descoberto uteis lições sobre a pratica d'uma arte que esses eminentes artistas conheciam com tanto saber e talento.

Em parte, a Associação dos Architectos civis portuguezes quiz reparar um tão ingrato esquecimento para com os habeis architectos, que no nosso paiz deixaram obras dignas d'admiração dos conhecedores, approvando a proposta que apresentámos para se mandar esculpir, sobre os monumentos que possuimos dos seculos passados, os nomes d'aquelles por quem foram delineados e construidos e as eras da sua edificação. Será um nobre exemplo que daremos aos outros paizes commemorando os nomes dos artistas de merito que dotaram a sua patria com admiraveis monumentos. Já hoje os architectos francezes inscrevem os seus nomes nos edificios que teem construido.

Se quizessemos unicamente descrever os monumentos de maior importancia do XIII seculo, aquelles que merecem principalmente fixar a attenção, não seria sufficiente destinar para esse estudo os numeros do Boletim para o conseguirmos: portanto trataremos em breve descripção dos principaes monumentos do estylo ogival; escolhendo para esse fim os que offerecem mais interesse pelas suas dimensões e importancia para o estudo da arte n'essa epoca. Occupar-nos-hemos d'aquelles em que a ogiva e o seu systema obtiveram o mais completo desenvolvimento.

Sem duvida o XIII seculo legou á nossa admiração um grande numero de edificios de subida importancia, mas podemos affirmar que nenhum d'elles teve um caracter tão completo, e póde servir de precioso ensino como o da cathedral de Amiens. Se as cathedraes de Chartres e de Paris principiadas antes que a arte ogival estivesse completamente constituida, conservam mui numerosos indicios do estylo anterior; outras, pelo contrario, chegaram a prolongar os seus trabalhos até á epoca, tão breve chegada, da decadencia, ás lastimosas modificações no estylo ogival introduzidas nas suas primitivas disposições. Alguns edificios occultos em cidades distantes do desenvolvimento da arte, não estão no caso pelo seu aspecto, nem pela natureza dos seus materiaes de mostrarem um favoravel exemplo; muitos foram executados n'uma escala assás restricta para poderem produzir uma grandiosa impressão. Não se dá nenhum d'estes casos no edificio religioso de Amiens. Esta cathedral foi fundada em 1230, no momento em que a nova arte acabava de desabrochar, e se havia libertado de todo o estorvo.

Este monumento ergue-se com rapidez sob a direcção do mais illustre architecto da epoca, Roberto de Lugarches. Foi no dominio real de França, que viu apparecer e desenvolver-se o novo estylo, que esta celebre egreja conserva com a maior perfeição ficando rodeada d'outros edificios do mesmo genero, erguidos na presença do publico enthusiasmado, e por mãos de operarios habeis que estavam dominados pelo mesmo espirito. Emquanto ás suas proporções, ellas vão alem de tudo aquillo, que se tinha visto até então, pois a nave principal tem perto de 30 metros entre os eixos dos pontos de apoio e a sua altura tomada por baixo da chave da abobada é de 45 metros. Portanto este monumento vem a ser um dos mais preciosos para a historia da arte, e a sua construcção exerceu uma extraordinaria influencia, não sómente em França, mas tambem nos outros paizes estrangeiros. Apenas erguida do solo, já a sua reputação estava reconhecida, e a tomavam para servir de modelo a identicos monumentos.

Devemos notar que a parte superior do cruzeiro e a da capella-mór, que foram construidas na ultima

metade do XIII seculo, não apresentam já essa grandeza relativa de formas nem essa solidez de construcção que se admira na nave principal, quando a comparemos ás outras obras contemporaneas; assim como á fachada occidental não deram, nem o desenvolvimento, nem o caracter monumental conforme havia delineado o primitivo architecto. Os alicerces designados por elle para sustentar as duas torres foram postos de banda, e as torres reduzidas á metade da grossura, menos elevadas que deviam ser segundo o antigo risco, não estando em harmonia com a magnifica fabrica que ellas ornam.

Dois outros architectos continuaram a construcção principiada pelo architecto Roberto, á excepção das torres, que foram erguidas a alturas desiguaes em 1366 onde se acham actualmente.

O plano da egreja de N. S. d'Amiens forma uma Cruz Latina, e compõe-se de uma nave principal de 14^{m}66 centimetros de largo de eixo a eixo dos seus pilares; as naves lateraes tem 6^{m},49 centimetros de largura; tendo o cruzeiro 13^{m},64 centimetros; o fundo da capella-mór é formado por 7 lados, havendo no centro a capella de Nossa Senhora, a qual occupa 3 lados, e finalmente 6 capellas, 3 ao Norte e 3 ao Sul limitadas egualmente por 3 lados do polygono. O comprimento total do monumento do Poente ao Nascente, na parte interna, é de 143^{m},80 centimetros; a sua altura tomada por baixo da abobada é de 42^{m},50 centimetros.

O comprimento total da egreja de Reims, 138^{m},94, tem differença para menos de 4^{m},76 centimetros; a de Amiens é da largura total de 30^{m},29 centimetros, tendo para mais do que a outra cathedral 2^{m},65 centimetros; sendo a altura d'esta superior em 4^{m},17 centimetros, visto ser mais alta a egreja de Reims de 38^{m},33 centimetros. A antiga egreja do Carmo, de Lisboa, onde está o museu de archeologia tem o comprimento total de 61^{m},50 centimetros e de largura 30^{m}, portanto ha a differença sómente no comprimento, pois em largura é quasi igual. O cruzeiro da cathedral de Reims forma um quadrado; e o de Amiens repete a disposição das 3 naves, dando isso logar a ser a extensão quasi dupla n'estas ultimas egrejas: todavia a do Carmo era a maior que havia em Lisboa, e fazia dizer a el-rei Filippe II, isto sim, *que é uma egreja!*

Na cathedral de Amiens as paredes que formam o seu contorno parece que não existem, para dar logar a uma serie de contra-fortes. N'isto não ha nada que não seja muito judicioso, pois que a construcção ficava disposta de maneira a mais favoravel para ter a sufficiente resistencia. Entre os pontos sobre os quaes se exerce o esforço das abobadas, bastava fechar esse espaço por esteios aos contra-fortes: não eram necessarias paredes de grande grossura para preencher este fim, substituindo-as o espaço por grandes vidraças, cujos arcos estabelecem uma consistencia sufficiente entre os elementos successivos da construcção, e ao mesmo tempo servem para apoiar a calha para agua da chuva na extremidade do madeiramento da perna do telhado que cobre as naves lateraes. Se compararmos as construcções da epoca precedente de architectura Romã, faremos uma observação muito notavel, que no plano da egreja do XIII seculo, os pontos de apoio, ainda que mais afastados, teem menor secção do que se empregava em identico caso nas edificações do periodo antecedente. A relação que havia entre os espaços rotos e cheios, isto é d'aquillo que era util e d'aquillo que era apparente, foi augmentando consideravelmente; devido sobre tudo a uma disposição mais intelligente na construcção das abobadas e dos seus pontos de apoio. Tambem é para reparo, que já a forma d'esses pontos de apoio não é a a mesma; sendo cylindricos, ainda que flanqueados de columnas envoltas, ganhando assim em elegancia e leveza o seu aspecto.

Essas differenças notam-se ainda muito melhor, quando se comparam os cortes d'estes edificios pertencentes a essas duas epocas: fica-se surprehendido immediatamente pela differença que os caracterisa. As proporções do edificio Romã parecem pesadas e massiças no confronto com as da nova construcção, e todavia estas são muito alteadas comparativamente ás das architecturas anteriores. Nas construcções Romãs o edificio não chega a ter duas vezes a sua largura em altura; conforme succedia nas basilicas Romanas, nas basilicas Latinas e nas construcções Byzantinas; emquanto na cathedral de Amiens esta relação chega a ser de quasi 3 vezes e meia; o mesmo acontece para as alturas comparativas das arcadas que separam a nave principal das lateraes. Nas columnas ainda a differença é mais sensivel, pois se tomarmos a altura das columnas principaes, que recebem o nascimento das abobadas da nave principal, acharemos terem 10 diametros de altura nas construcções Romanas da basilica de Constantino; 33 nas egrejas Romãs e o duplo, 66 vezes, na cathedral de Amiens. A necessidade de formas alteadas era por tal maneira indicada na architectura ogival, que faz acceitar as disposições menos racionaes. As arcadas das galerias, por exemplo, não podiam ter tanta altura comparativamente com as das naves lateraes; posto que fossem metade menos largas, davam-lhe duas vezes essa largura em altura, mas isso não era ainda sufficiente. Para remediar este defeito, podiam ter abaixado um pouco as arcadas

inferiores, cousa facil de se fazer; porém adoptaram uma outra maneira de satisfazer melhor ao que se propunham, resolveram a difficuldade por este modo: cada uma das aberturas pertencentes ás galerias, posto que não tivesse mais de 3 metros de vão, dividida em tres partes eguaes por meio de duas delicadas columnasinhas. Estas divisões não tinham nenhuma utilidade material, causavam estorvo ás pessoas que occupavam as galerias, fazendo parecer até mesquinha a sua architectura; pouco importava, visto que assim contribuiam efficazmente ao caracter adoptado, satisfazendo ao ideal d'aquella epoca.

E' preciso darmos ainda outros exemplos da mesma intenção. Examinaremos os pilares collocados na intersecção dos braços da cruz que formam o cruzeiro. Elles são assaz minimos de dimensões, pois que estão inscriptos em um quadrado de 2^{m},30 centimetros por lado, e todavia cada um d'elles não tem menos de 16 columnas sobre o seu contorno. Do mesmo modo, muitos d'esses pontos de apoio ficticio tem para mais de 130 vezes o seu diametro em altura. Deram-lhes alem d'isso uma apparencia de utilidade: ligaram-os mui habilmente á construcção sobreposta, multiplicando os artazões da abobada, e repartindo uma columna por cada um d'elles. A harmonia é perfeita, e posto que a sua forma não seja muito judiciosa na apparencia, pelo menos apresenta alguma cousa de plausivel, e concorre para o bello effeito do todo.

Se examinarmos o cimo das paredes que separam as capellas da absis, veremos grupos de columnas isoladas, as quaes não têem mais de 0^{m},20 centimetros de diametro sobre 14 metros de altura, e todavia dão nascimento ás abobadas! Sem duvida a temeridade é mais depressa apparente que real, essas columnas não eram necessarias, pois não supportam o peso que parece sustentarem, porém quer-se apparencias e não o que convem, e devemos reconhecer que seria impossivel de procurar surprehender melhor a imaginação, mesmo com o risco de offender a intelligencia de qualquer amador exigente.

O impulso que se havia produzido no Norte da França era muito poderoso para ficar ahi detido; satisfazia sobre maneira ás disposições novas das idéas para não invadir os outros paizes. Penetrou pois nas outras provincias da antiga Gallia, Allemanha e Inglaterra; porém não sem experimentar alguma resistencia. Renunciavam com difficuldade ás disposições geraes, ás quaes estavam habituados, limitando-se primeiramente a lhe applicar unicamente as novas formas decorativas. Foi sempre observada a mesma tendencia; adoptando os detalhes e respeitando as disposições geraes.

Não seria fóra de proposito compararmos de que maneira na egreja do convento da Batalha combinavam essas diversas proporções, ainda que este nosso monumento seja de um seculo mais posterior, todavia seguiram na sua disposição interna a simplicidade magestosa empregada nos mais bellos monumentos construidos no XIII seculo; só no exterior do edificio é que ficou mais assignalado o caracter já florido da architectura ogival do XIV seculo: portanto vejamos como o habil architecto applicou a esta formosa fabrica as regras que a arte n'esse periodo havia adoptado para engrandecer a elevação dos seus monumentos, sem comtudo comprometter a precisa estabilidade de tão grandiosas construcções. Os pilares não occupam mais de 1^{m},83 centimetros para cada lado do quadrado, o qual comprehende inscriptas 12 columnas involtas no mesmo pilar, sendo 4 d'estas de diametro duplo do que deram ás outras 8; tendo-se-lhes dado em altura ás menos grossas, 62 e meia vezes o seu diametro! A altura da nave principal contém quasi 4 vezes a sua largura, pois lh'a deram de 3 vezes e $^{2}/_{3}$: e das naves lateraes tem mais de 4 vezes a sua largura; assim como as columnas que recebem o nascimento das abobadas do cruzeiro, têem 50 vezes o seu diametro. O comprimento total da egreja da Batalha é 99^{m},53 centimetros, isto é, uma terça parte maior que a egreja d'este edificio do Carmo, porém a sua largura é menor quasi 6 metros, pois as tres naves da Batalha medem 23^{m},87 centimetros: a differença de altura é 16^{m},48 centimetros, visto que a egreja da Batalha só tem 29^{m},70 centimetros: não obstante ter a cathedral de Amiens mais do duplo do comprimento d'este edificio, não é todavia a sua largura maior, pois para ser egual lhe faltam ainda 2^{m},26 centimetros; e posto que haja differença entre o comprimento e a largura d'estes 4 monumentos, pareceu haver, com pouca discrepancia nas respectivas alturas, regulando ter-se dado em altura á nave principal, a terça parte do comprimento total de cada uma d'estas egrejas.

O interior da cathedral de Amiens produz tambem um dos effeitos mais extraordinarios, proprio da architectura da idade media. A vista fica deslumbrada quando descobre a altura d'essas abobadas, e a dimensão colossal da abertura das janellas envidraçadas que fazem o seu mais bello ornamento; o espirito fica attonito contemplando essas grandiosas proporções, e ao mesmo tempo surprehendido pela extraordinaria simplicidade patente por toda a parte no interior d'este vasto edificio.

Ha um outro monumento que deve ser egualmente estudado d'uma maneira mais especial: refiro-me á cathedral d'Angers por ser d'uma grande importancia para a historia d'arte. Póde-se ver-

n'este edificio o typo d'um estylo d'architectura bem caracterisado, produzido pelo resultado do encontro de dois systemas distinctos, vindo um do Norte da Europa e o outro do Meio-dia. O plano d'esta egreja faz lembrar de uma maneira notavel o das egrejas byzantinas, sendo formada a nave por uns espaços, pois não tem naves lateraes; tres outros espaços são reservados para extensão do cruzeiro; um espaço similhante aos precedentes e limitado por uma absis semi-circular forma a capella-mór. Espera-se ver coberto este templo por cupulas sobre *abobadas pendentes*, mas o que apparece são apenas columnas de forma alteada, abobadas de barrete e por toda a parte a ogiva, menos nas janellas da nave. Não é preciso examinar por muito tempo, para se descobrir que a forma das abobadas não é inteiramente a mesma. A generatriz do cylindro que se encruza não e uma linha recta, é um arco de circulo, e o fecho central da abobada está posto a uma grande altura por cima dos arcos principaes. Ha n'isto uma reminiscencia evidente da cupula byzantina, d'essa cupula que no principio ficava separada bastante visivel das suas abobadas pendentes como é construida a da egreja de Santa Sophia; confundindo se depois com elles, para definitivamente admittir os artazões, producções derivadas da architectura da região septentrional, passando assim por uma serie de transições afim de obter esta forma que se observa em Angers, e tambem foi adoptada sobre as margens do Rheno onde as tradições byzantinas conservaram por muito tempo a sua applicação. Esta disposição tem por fim lançar sobre as paredes do edificio uma parte do esforço das abobadas, em logar de a concentrar unicamente sobre alguns pontos do edificio. Por esta razão nota-se n'estes edificios serem as paredes mais grossas e os contra-fortes terem menos saliencia do que se encontra na cathedral de Amiens.

Emquanto ás proporções geraes da cathedral d'Angers, pertence mais á architectura ogival do Meio-dia do que á do Norte. As columnas são menos alteadas, e o edificio tem menos elevação que na maior parte das bellas egrejas do estylo ogival. A altura da nave não chega ao duplo da sua largura, emquanto que muitas d'estas egrejas a augmentam até ao triplo.

A ornamentação d'este edificio é muito notavel, e são de muito bom gosto os capiteis das columnas do cruzeiro, tendo sido executadas com grande esmero.

Por todas estas circumstancias a cathedral d'Angers produz extraordinario effeito. Desde que se penetra na parte interna, experimenta-se a admiração que causa a presença de um todo tão magestoso, composto com admiravel grandeza, porém combinado com uma singeleza tão singular que denota ter sido construido este edificio com bastante raciocinio em todas as suas partes, e por isso satisfazendo completamente ás legitimas exigencias do culto da arte e do bello. O caracter monumental é mais bem indicado n'este edificio que nos outros da arte ogival em França; esse caracter é realmente bem assignalado, pois consiste mais quanto ao essencial que ás apparencias: o haverem supprimido as galerias lateraes, a disposição das abobadas, e a altura moderada da nave principal, todas estas disposições contribuem evidentemente para a solidez da construcção.

Devemos declarar não obstante que o estylo não convem perfeitamente á fórma adoptada, pois que a mesquinhez dos detalhes faz contraste de uma maneira pouco agradavel comparando-se á sua grandeza e disposição geral. Sob o ponto de vista esthetico este edificio não se póde comparar a nenhum dos dois typos descriptos; nem á cathedral de Amiens nem á de Reimse, que, sendo de estylos diversos, tem todavia assignalada n'uma e n'outra uma constante uniformidade bem patente em todas as partes das suas construcções, o que em qualquer momento deve ser sempre observado.

A rapidez com a qual a nova arte se generalisou, deve ser attribuida a duas cauzas; primeira, o estado das idéas d'aquella epoca, que aspiravam com afan aos melhoramentos sociaes, alem da influencia d'uma organisação particular, dos pedreiros livres. Essas congregações de operarios estavam instituidas desde muito tempo; como já me referi á epoca em que isso teve logar, eram algumas d'ellas sedentarias, outras nomadas, e haviam contribuido poderosamente para os progressos que se tinham realisado na arte de construir muito antes do apparecimento da architectura ogival. Porém, a contar d'esta epoca, um vasto campo se lhe apresentou e estas corporações adquiriram uma importancia muito maior, porque veiu a ser o seu trabalho muito mais necessario. Haviam exercido o seu mister até então, sob a direcção do poder monacal, obedecendo ás suas inspirações, executando escrupulosamente os planos dos monumentos que lhe eram impostos. Mas os architectos seculares tendo emancipado esses operarios e associando-os aos seus esforços acharam n'elles um poderoso apoio. Então duas confrarias de artistas e de operarios entram em luta; uma, nos claustros, fortemente constituida, orgulhosa de suas tradições, e querendo conserval-as; a outra, fóra do dominio religioso, porém nascente e robusta, compenetrada do espirito da sua epoca, pressurosa nas innovações e cheia de fé no futuro. N'esta, os trabalhos são sem fim; investiga-se sempre; estabelece-se uma emulação extraordinaria entre esta milicia do trabalho; procuram penetrar os problemas sobre ar

chitectura, como se fazia em outra parte sobre a metaphysica; tudo que se consegue é aproveitado para o desenvolvimento da sciencia de edificar; os defeitos são emendados e felizes invenções são rapidamente levadas ao conhecimento de todos, pelo poderoso auxilio da fraternidade. Chefes e operarios animados de um mesmo pensamento, todos se prestam com egual dedicação para esta obra monumental erguida pelos esforços reunidos da corporação. O triumpho não podia ser duvidoso. Porém se esta organisação foi favoravel para elaborar e acalorar o desenvolvimento da arte, é tambem possivel que contribuisse efficazmente para a sua rapida decadencia. Tinha com effeito por consequencia inevitavel estorvar a liberdade individual, impor formulas constantes, e principalmente conduzir a essa exageração de principios á qual as corporações se deixam mais facilmente arrastar, ainda mais que os individuos; e por esta razão desde a segunda metade do seculo XIII os symptomas da decadencia da arte ogival se manifestam de modo muito evidente.

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MEMORIA

PREMIADA PELA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES, APRESENTADA PELO SOCIO EX.mo SR. ANTONIO FRANCISCO BARATA, PARA O CONCURSO EM 1884, SOBRE A THESE SEGUINTE:

« Determinar a divisa usada nos escudos do conde D. Henrique de Borgonha e de seu filho D. Affonso Henriques; e descrever, documentando-a, a origem e alterações por que tem passado o escudo de armas do reino de Portugal. »

(Diario de Noticias n.º 6:598 de 7 de junho de 1884).

Ao indefesso mineiro do passado o Ex.mo Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

O. o auctor.

I

« Nasceram as nacionalidades á sombra das religiões. »

D. Antonio da Costa, *Tres Mundos,* pag. 193.

« ... A idéa commum de uma divindade tutelar é para um povo um laço mui forte, porque é formado pelo sentimento. »

Cantu, Hist. 1.º pag. 96. Trad.

Natural é no homem o sentimento religioso: este sentimento gera o respeito, afervora a fé, anima e robustece o valor.

Superior e mais poderosa do que o homem viu este uma força occulta, mysteriosa, potentissima na que preside ao trovão e ao despedir do raio, na que rege o movimento dos astros, na que regula os estos dos mares, na que, finalmente, equilibra toda a creação em seus admiraveis movimentos, em seus phenomenos, em seu modo de ser. Viu n'esse poder a divindade; e, com mil fórmas e diversos nomes, começou de respeital-a, de servil-a, de temel-a.

Motor de seu predominio, o homem só conheceu primeiramente a força bruta e depois esta, alliada com a crença do auxilio divino.

Duplicou suas forças, desdobrou suas aspirações, multiplicou seus desejos; quiz ser vencedor e venceu religioso ao forte que o não era.

Da observação e da historia brotam estas verdades.

Mais intelligente, mais astuto e mais religioso o homem venceu e subjugou ao homem: foi dictador, foi rei, foi imperador.

Assim sabemos que desde os mais obscuros tempos o chefe, o capitão, o cabo de guerra associaram previdentes a suas forças as forças da divindade, invisiveis, imponderaveis, só conhecidas por seus effeitos assombrosos.

Por mais conhecidos, dois exemplos aqui poremos:

Antes de Christo nos mostra a historia a Numa Pompilio soccorrendo-se, religioso e pacifico, a essas forças da divindade na encarnação d'uma nympha Egeria, na descida do céo do celestial escudo, do celebrado *Ancilio,* salvaguarda invencivel do poder romano, que d'est'arte viera mimosear ao rei:

«...... fragor profundo
lá na abobada azul subito estoira!
Tres trovões, tres relampagos, sem nuvens
desfere a flux o deos! (ficções não canto)
abrem-se ao meio os céos! monarcha e povo
baixam olhos! lá desce em brandas auras
boiando ethereo escudo! alta celeuma
sobe unisona ao polo! o chefe ovante,
imolada novilha ignota ao jugo,
alça da terra o don; e porque em torno
boleado e sem angulos o observa
nome lhe põe de Ancilio...» (1)

Aos sabios entrega Numa a guarda não só d'aquelle escudo sagrado, mas de mais onze semelhantes na feitura, a fim de que nunca jámais podesse desapparecer o verdadeiro e com elle as victorias do romano povo.

Assim fez crer Numa ao povo rude na divindade tutelar, garantindo-lhe no culto do Deos Termino e no seu poder conservador a estabilidade de suas propriedades, em quanto mais tarde a *Lei agraria*

(1) Castilho — *Fastos,* livro 3.º

não lh'as salvaguardou, no consulado de Cassio, o republicano.

Agonisa a republica, expira, e d'ella brota o imperio, que vê nascer Christo, e enumera a Constantino, o vencedor de Maxencio, em sua serie já gloriosa, já inquinada de atrocidades medonhas.

Caminha sobre Roma o imperador christão em 312. É o dia 27 de outubro. Radiante de divino esplendor vê elle e vêem os seus no céo a cruz de Christo com o monogramma d'aquelle nome e com tres palavras gregas EN TOYTΩ NIKH (in hoc signo vinces, com este signal vencerás). Anda em todos os livros esta lenda miraculosa. (1)

Constantino venceu a Maxencio, como lhe annunciara o monogramma. O poder da divindade viram na victoria os christãos.

A Roma pagã já tinha sobejas lendas desde a carinhosa loba: precisava tel-as a Roma christã. Aos soldados de Constantino já não insuflavam bellicos ardores, nem o *Paladio* nem o *Ancilio*: forçoso era que a cruz fosse então no labaro do imperador o signal certissimo de victorias e de triumphos.

Iam-se os deoses da gentilidade: ficava a cruz synthetisando um martyrio e uma redempção, e promettendo aos gastos soldados do imperio em decadencia a vida galvanica e ephemera do cadaver. (2)

II

O genro de Affonso VI de Castella ao vir governar por elle o novo condado, que depois seria Portugal, já nos seus sonhos de independencia e conformemente ás idéas religiosas d'aquelle tempo semi-barbaro tomara por divisa a cruz, que, sem mais ornatos, trazia em seus escudos, dando de mão ás armas de Bolonha, ás da casa real de França, cujo era vergontea destinada a gerar um novo reino. (3)

O conde encostava se á egreja, que se desdobrava em mosteiros, conventos, ascelerios, e lisongeava-a: contemplando-a muito poderosa já n'este trato de terra occidental, d'ella queria o poder auxiliador, não só para ir preparando a independencia d'elle, mas a sua dilatação contra o sul, em poder de mussulmanos, desde a conquista de Tarik e Musa.

Não tinha o embryonario reino nem lendas, nem tradições religiosas. Os martyrios de alguns santos e nada mais, nos eccos do passado.

D. Henrique começara de fundar o novo reino escudado dos braços da cruz.

Ao filho, ao primeiro que cingiria a corôa da realeza áquem das serras de Suajo, cumpria o desenvolvimento da idéa religiosa. Preciso era que o céo viesse em soccorro dos portuguezes, que se constituiam independentes de Castella e de Leão.

Não menos valoroso do que politico, Affonso Henriques secundou ao pae no empenho de se acobertar á sombra da egreja, e excedeu-o muito. (1) Não bastava dizer que o poder lhe vinha do céo; cumpria demonstral-o com evidencia.

Mais perfeita apparição do que a de Constantino, e sacra confirmação pontificia da nova investidura real lhe esteiariam o debil reino contra os empuxões dos arabes, senhores das terras além do Munda. (2) Posto o céo da sua banda, quem venceria o filho da formosa bastarda de Affonso VI? (3). Momentaneos eclypses sómente.

Affonso saíra de Coimbra em arrancada com os seus homens d'armas, em numero de onze a treze mil, que não ha concordancia no ponto, e fôra até aos campos de Ourique, junto de Castro-verde, no Alemtejo.

Era a noite de 24 para 25 de julho de 1139. O valente chefe da hoste aguerrida velava o quarto da modorra em sua tenda, entregue á leitura da Biblia, quando João Fernandes de Sousa lhe annun-

---

(1) Em Baronio, *Annales*, t. 3.º pag. 507 da edição de 1738 veem as diversas fórmas do monogramma ☧ P P P. Vid. Zenaro, Hist. roman. pag. 588 da ediç. de 1678 e Tillemont, t. 4.º pag. 126 e outros muitos. Nos só nas bandeiras, mas ainda nas moedas mandou Constantino insculpir o monogramma e a divisa na forma latina, como pequena variante: *hoc signo victor eris* se lê na moeda que tem o numero 2:209 em Aragão. (*Descripção das moedas romanas do gabinete de S. M.*, etc.)

Variante d'esta inscripção começaram a usal-a os nossos reis nas moedas. D. Fernando empregou-a assim: *si dominus mihi adjuctor non timebo.* De D. Manuel para cá usou-se a fórma constantiniana pura nos *Portuguezes* e nos *Tostões: in hoc signo vincer.*

(2) Aqui lembraremos ainda o pentagono, que Antigono, rei da Macedonia, vira no céo; a santa Cruz, que apparecera ao povo de Jerusalem em maio de 351; a imagem do Sant'Iago, que D. Ramiro vira na batalha de Clavijo e ainda a santa cruz que apparecera a Affonso VIII na batalha das Navas de Tolosa, em 1212. V. Cenaculo — *Cuidados Litterarios,* de pag. 361 em diante.

(3) V. no fim os desenhos das armas que veem em Faria e Sousa, estampa n.º 1, semelhantes ás que veem nos *Tropheos Lusitanos,* de Antonio Soares de Albergaria. E lede: «... tanto que o conde D. Henrique entrou no Senhorio de Portugal... usou algum tempo de hum escudo branco sómente sem figura nem divisa alguma. Depois assentou n'elle uma cruz azul d'aquelle feitio a que chamão potentéa, por ter a haste mais comprida que os braços.

Sampaio — Nobiliarchia Portugueza, cap. XXIV, pag. 195.

— «O conde D. Henrique usou escudo branco como os romanos e depois da conquista da Terra santa mandou pintar n'elle uma cruz azul, côr da casa de Borgonha.»

Academia dos Humildes e Ignorantes, t. 1.º, pag. 117.

— «O conde D. Henrique não querendo usar das armas que lhe pertenciam pela casa de Borgonha, formou hum escudo e nelle em campo de prata trazia huma cruz azul.»

D. Antonio Caetano de Sousa, Serie dos Reis de Portugal, etc. *Introd.*

— «... prit les esmaux de France & porta Baudé ou coticé d'or & d'azur de six pieces, retenant *la bordure de gueules...*»

P. Palliot — *La vray et parfaite science des armoiries,* 1664, pag. 46. V. no fim o desenho d'este escudo de Palliot.

(1) «Se a devoção teve muita parte neste acto, como querem alguns, é justo confessar que ella se unio com a politica, accommodada ás idéas do tempo.»

Coelho da Rocha — *Ensaio,* etc. pag. 45.

(2) V. o mesmo Coelho da Rocha na nota á pag. 45, onde remette para outras fontes.

(3) «... Ego Comes Henricus, una cum uxore mea *formosissima* Tharasia... »

— it ego supradita *dulcissima* Tarasia...»

Ribeiro — Dissert. chronol. t. 3.º pag. 45.

cia que um ermitão lhe quer fallar. É introduzido. Tem por nome Leovegildo Pires de Almeida, e d'est'arte falla a Affonso: — Que o céo o protege; que Jesus Christo lhe apparecerá crucificado; que vencerá aos mouros, e que o escudo de suas armas será composto das chagas de Christo e dos trinta dinheiros por que fôra vendido. Tal é a summa da falla do velho cenobita. (1)

Radiante de esplendor celeste apparecera ao romper d'alva Jesus Christo crucificado ao joven guerreiro, que, prostrado ante a divina imagem, dos labios d'ella ouvira a realisação do aviso do velho anachoreta, Pires de Almeida. Fere-se o combate, é vencedor Affonso.

Os mais antigos documentos que nos transmittem noticia da pugna são: o *Chronicon Gothorum*, o *Chronicon Lamecense* e o *Chronicon Conimbricense*. (2)

Os que nos fallam da apparição de Christo antes do combate não são coetaneos, com excepção do *Juramento* de D. Affonso Henriques, que, sendo falso, mostra ser antigo. (3)

---

(1) *Monarchia Lusitana*, t. 3.º, l. 10, c. 2.º

— Agostinho de Santa Maria — *Santuario Marianno*, t. 6.º, pag. 358, e outros muitos auctores.

(2) «Era mclxxvii Octavo Calendas Augusti in Festivitate sancti Jacobi Apostoli anno Regni sux undecimo, idem Rex Domnus Alfonsus magnum bellum commisit cum Rege Sarracenorum, nomine Esmar, in luco, qui vocatur Aulic...»

Chronic. Gothorum — Port. monumenta — Scriptores.

— «In loco qui dicitur oric fuit prelium inter paganos et christianos preside rege Alfonso Portugaliae ex una parte, et rege paganurum examare ex altera...» Era mclxxvii.»

Chronicon Lamecense — *Portug. monumenta — Scriptores.*

— In era m.ª c.ª lxx.ª vii.ª Mense iulii, die sancti iacobi, in loco qui dicitur ouric, lis magna fui inter christanos et mauros, preside rege ildefonso portugalensi, et ex parte paganorum rege esmare qui victus fugam peciit.»

Chronicon Conimbricense — *Port. monumenta — Scriptores.*

(3) V. Cenaculo — *Cuidados litterarios*, pag 361 e segg. onde se citam os escriptores que, anteriormente a Brito, já escreveram da *Apparição*. Fiquem aqui algumas citações:

— «E assi peilegou e uenceo cinquo rex mouros no campo douryque omde lbe appareceo noso Senhor ihesu christo posto em a cruz. Por cuya e semelhança do diuinal misteryo pos em seu escudo as armas que ora trazem os Reys de Portugal.»

Port. monumenta — Scriptores, pag. 25.

— «... por memoria d'aquelle boo aque cimento que lhe deus dera, pos no seu peudam cinquo escudos por aquelles cinquo Reis, e pose-os em cruz por renembrança da cruz de nosso Senhor ieshu christo, e pos em cada huum escudo xxx dinheiros por memoria daquelles xxx dinheiros porque iudas uendeo Jeshu christo...»

Ibid. pag. 27.

— «... e depois que os Reys forão vencidos el Rey dom a.º de portugal por memoria daquelle hõo acõtecimento que lhe des dera trouve por armas sinquo escudos por aquelles sinquo Reys. e pose os em cruz de nosso señr. Jhus xpo. e pos em cada hũ escudo trinta dinheiros porque judas o vendeo.»

Antiguidades e Historia de Hespanha, traduzida e resumida em portuguez da historia que compoz em Hespanha o grande Rey Dom Affonso o sabio, de Castella, etc.

Codice $\frac{\text{C V}}{2-23}$ da Bibliotheca de Evora, *in fine*.

O Dr. Antonio Nunes de Carvalho começou a publicar esta historia em Coimbra, Imp. Litteraria, 1863, de uma copia que fizera em Paris, e diz no Prologo: «Anonyma, escripta antes do meado do seculo quinze em Portuguez. Hum volume de folha em pergaminho, caracter meio gothico, com letras encarnadas em partes... tem as Armas Reaes de Portugal sobre a cruz de Avis e com os escudos de modo que se usavam antes da mudança que fez nellas El Rey D. João o II em 14-8.»

— «... polla mercê que lhe Deos fês El Rey pôs em seo escudo branco huma cruz azul e sinquo escudos por os sinquo Reis que vencco, que sam as armas Reaes e devinas dos Reis de Portugal e em cada escudo estam sinquo oos, que senefiquam os trinta dinheiros porque Christo foi vemdido, e estam em Cruz e pera se comtarem os trinta dinhos, os oos que estam no meio amde ser comtados duas vezes o comprido e atravessado e desta maneira ficam comtados trimta em todos os sinquo escudos.»

Acenheiro — *Coroniqua dos Reis de Portugal*, nos Ineditos de hist. port. t. 5.º pag. 24.

— V. tambem sobre o *Juramento* as *Memorias de Litteratura*, t. 5.º pag. 335 e segg.

— V. mais — Pereira Caldas — *Duas lendas patrias*, onde ha nove argumentos contra o *Juramento*. Braga, 1878.

Anteriormente a Fr. Bernardo de Brito alguns escriptores nos fallam da *Apparição* e do *escudo portuguez*, ou *armas portuguezas*, d'onde podemos inferir que de mais longe vinha já a lenda, ao menos do tempo em que se forjou o documento do *Juramento de Affonso Henriques*, dado que elle, em verdade, fosse escripto no anno de 1152 e não posteriormente, com ante data. (1)

III

Não se conhecem em Portugal sellos do conde D. Henrique. De D. Affonso Henriques temos um que pende de uma doação ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra do Couto de Quiaios, Lavos e Eimede, da era de 1171. (2)

Suspeita da genuinidade d'este documento João Pedro Ribeiro, dizendo que a era é a de 1181 e não a de 1171; que já lhe não viu a palavra *regis*, que ainda tinha no tempo do auctor da Historia Genealogica; que a letra é a franceza, muito facil de imitar e de contrafazer; que é assignado pelo chanceller *Ambertus* por *Albertus*, fórma que elle lêra n'outros documentos do tempo, e por se não ter achado sello pendente authentico de D. Affonso Henriques. (3)

Dois exemplares vão no fim d'este trabalho, das armas do conde D. Henrique. Vê-se um em Faria e Sousa, *Europa portugueza*, e já antes no *Epitome*, e outro que vem em Palliot. (4).

O de Faria e Sousa não se abona em documento algum senão em sua auctoridade, e o de Palliot tem a mesma força comprobativa. Dá, comtudo, força ao parecer de Faria e Sousa, o escudo que nos apresenta Antonio Soares de Albergaria, nos *Tropheos Lusitanos*, em tudo semelhante ao d'aquelle escriptor, menos no timbre. (5).

Por copia vão tambem adiante as armas de D. Affonso Henriques, segundo o sello referido e segundo Faria e Sousa

Não se podendo, pois, considerar estas armas isentas de suspeita, somos forçados a recorrer ás moedas do primeiro Affonso para n'ellas estudarmos, ainda que menos exactamente, a fórma do

---

(1) *Memorias de Litteratura* citadas.

(2) V. adiante, estampa respectiva.

(3) *Observações de Diplomatica*, pag. 142.

(4) V. adiante as estampas.

(5) A. Soares de Albergaria — *Tropheos*, etc., estampa 8.ª

escudo de armas do primeiro rei, e n'esse estudo a explicação plausivel de sua contextura.

Os *morabitinos* de D. Affonso Henriques já nos apresentam as cinco quinas collocadas em cruz, tendo cada uma quatro arruellas assim dispostas ·:· ainda em fórma de cruz. Só no reinado seguinte é que nos apparecem as cinco arruellas pela vez primeira, d'este modo ·⁝·, nas quaes os explicadores do escudo portuguez querem ver os *trinta dinheiros* porque fôra vendido Jesus Christo, duplicando para isso as do escudo central. (1)

Estas explicações não podem deixar de ser phantasiosas, pois que temos escudos em sellos e moedas com uma só arruella, com quatro, cinco, dez, onze, treze, dezeseis e com centos d'ellas. (1)

O que, fóra de duvida, se vê predominar nas armas portuguezas é a cruz. (2)

A idéa das *cinco chagas* nos cinco pontos ou arruellas das quinas, não parece, pois, de Affonso Henriques, mas de Sancho I, a menos que não venha a apparecer sello ou moeda que nol-o prove.

Ora, não sendo do primeiro rei esta fórma de brazão, e sendo dos subsequentes, claro parece que, sem embargo de vermos logo na infancia do reino a cruz nas armas portuguezas, prova-se que os reis seguintes foram compondo o escudo a seu gosto e talvez com explicações religiosas tambem, chegando a ver-se em uma moeda de Sancho II os quatro *cravos* nos angulos da cruz. (3)

Se a explicação dada por nossos historiadores fosse a verdadeira e sempre a mesma, inalteraveis teriam vindo as armas desde o principio da monarchia, e n'ellas não veriamos não só a variedade de arruellas, mas a de castellos e outras até D. João II; assim, forçados somos a considerar as alterações e mudanças como puro e simples gosto dos reis d'armas antigos, de accordo talvez com a vontade dos soberanos. (4)

É possivel que n'essa variedade de numero de arruellas vejam os crentes symbolos das *cinco chagas*, dos cinco reis vencidos, das cinco feridas recebidas, dos trinta dinheiros, de quatro esquadrões,

(1) «Quiz el Rey significar não só a cruz Sagrada em a posição dos cinco escudos, mas em o numero delles as cinco Chagas de Christo Nosso Redemptor, & o preço porque foy vendido aos Judeos, em os dinheyros que mandou pôr em cada hum dos escudos: & porque este numero, alem de grande, não tinha lugar muitas vezes pela incapacidade do sitio, se ordenou pelo tempo adiãte, que em cada escudo se mettessem cinco dinheyros, com que o numero de trinta se podia encher contando duas vezes o escudo do meyo, ou ajuntando ao numero dos dinheyros os cinco escudos.»

Monarchia Lusitana, t. 3.º, c. VII, pag. 178 e segg.

— «Poz sobre o campo que dantes no escudo trazia, por Armas huma Cruz toda azul, partida em sinquo Escudos, pelos sinquo Reys que vencera, e meteo trinta dinheyros de prata em cada hum dos Escudos em relembrança da morte e Payxão de Christo vendido por trinta dinheyros...»

Galvão — Chron. de D. Affonso Anriques, cap. VIII.

— «Tem por armas (Portugal) em campo de prata cinco escudos azues, postos em Cruz, em cada escudo cinco dinheyros de prata em aspa, representam os cinco escudos as cinco Chagas, e estes, contados segunda vez com os vinte e cinco fazem os trinta porque foy Christo vendido aos Judeos...»

Fr. João Pacheco — *Divertimento Erudito*, t. 4.º pag. 209.

V. mais sobre este ponto:

— D. Luiz de Menezes — *Portugal Restaurado*, t. 1.º pag. 6.

— *Academia dos Humildes e Ignorantes*, t. 3.º pag. 303.

— D. Antonio Caetano de Sousa — *Serie dos Reis de Portugal*, Introducção.

— Pereira — *Maior Triumpho da Monarchia Lusitana*, pag. 279.

— Camões — *Lusiadas*, c. III, est. 45 e 53 e 54 e já no c. I, est. 7.

— Pinho Leal — *Portugal antigo e moderno*, vol. 7.º pag. 592 e 593.

— P.e Antonio Vieira — *Palavra de Deos empenhada e desempenhada*, pag. 232.

— Barbuda — *Reys de Portugal y Empresas militares de lositanos*, 1624, pag. 2 v.

— D. Francisco Manoel de Mello — *Ecco politico*, 1645, pag. 37 v.

— Fonseca — *Evora gloriosa*, pag. 40.

— Barbosa Machado — *Bibliotheca lusitana*, t. 1.º pag. 52.

— *Agiologio Lusitano*, t. 4.º

— Moraes e Silva — *Hist. de Portugal*, t. 1.º pag. 94 e 95.

— Duarte Nunes de Leão — *Chronica de D. Affonso Henriques*, 1677, pag. 29.

— Manoel Corrêa — *Com. aos Lusiadas*, c. I e c. III.

— Bernardes — *Nova Floresta*, t. I.º pag. 350 e 351, onde se lê:

Guardadora e mais guardada
Foi de Affonso a Cruz em tudo:
Por isso se armou de tudo,
Que a poem de escudos armada.

É traducção de um antigo epitaphio do primeiro rei:

Quod crucis hic tutor fuerit, nec non Cruce tutus
Ipsius Clypeo Crux clipeata docet.

— A. M. Bonnucci — *Istoria della vita ed Eroiche Azioni de Don Alfonso Enriques*, 1719, pag. 69.

As dadas por mão divinas
A Rei mais que terreal,
Armas são de Portugal
Sobre prata sinco quinas,
c'os dinheiros por signal.

João Rodrigues de Sá — Codice $\frac{CXVII}{1-19}$ da Bibliotheca de Evora.

— J. Rousseau — *L'histoire du Portugal*, etc. 1714, pag. 413.

— *Thebaida Portugueza*, t. 1.º pag. 22 e 23.

— Vita Serenissimi Alfonsi Henrici, Codice $\frac{CIV}{1-29}$ da Bibliotheca de Evora.

— J. Pinto Pereira — *Apparatus historicus*, etc. Romae, 1728. Cita muitos escriptores que escreveram sobre o assumpto, desde André de Rezende a Vasconcellos, etc.

(1) Aragão — *Descripção geral e historica das moedas*, etc., t. 1.º *in fine* nas estampas.

Confronte os sellos da *Historia Genealogica*, t. 4.º, com as moedas e com as armas de nossos reis apresentadas por Faria e Sousa — *Europa portugueza* t. 2.º, e verá a completa discordancia no tocante ao numero de arruellas.

(2) Não só entre nós mas 'noutras nações succedia o mesmo. As armas dos *Grameil*, em França, por exemplo, são um escudo com uma cruz, e nella cinco estrellas. V. Marc de Walson — *La science heroique*, Paris, 1669.

(3) Aragão — *Descripção*, etc. *Dinheiro* de Sancho I, est. numero 1.

(4) D. João V não gostou do desenho que lhe apresentaram das *Dobras de outo escudos*; reprovou-os e mandou fazer outros. Aragão — *Descripção*, etc. t. 2.º, pag. 83.

Comprovando a asserção, leia se a *Composição das Armas do Reino de Portugal*, etc., onde se vê isto: «Sobre a primeira se pinte a cruz de Christo com cor de pão e Coroa de espinhos na cabeceira com o titulo das 4 letras I N R I, etc., etc. Sobre a segunda (espheras) a cruz da cavallaria de Christo e sobre esta, ficando descobertas as pontas da cabeça, braços e pés outro escudo branco e encarnado do mesmo tamanho, e nelle cinco escudetes vermelhos em lisonja em aspa e em cada um hum cinco moedas de prata, etc., etc.»

Codice $\frac{C\ IV}{1-25}$ da Bibliotheca de Evora, pag. 12 e 13.

E' um autographo de Gaspar Clemente Botelho, escripto em 1641 e offerecido a D. João IV. São as armas pintadas em pergaminho, e bem trabalhadas, em verdade. Nada falta 'nellas, nada escapou ao devoto auctor, desde a cruz até a coroa de espinhos! Como singularidade heraldica são notabilissimas estas armas.

— Mais confirmando o phantasioso das armas portuguezas existe no portico manoelino da egreja de S. João, em Moura, o brazão portuguez ornamentado de quatro castellos sómente, e outro sobre a porta da torre de menagem com 17 castellos, contendo cada escudo diverso numero de arruellas, não inferior a vinte! E' manifesta a phantasia e capriche dos lavrantes e pintores.

de onze a treze mil soldados portuguezes e de milhares de mouros vencidos em Ourique.

Não podemos nós explicar taes discordancias; acreditando, comtudo, que seja a religião, que seja um symbolo qualquer a chave que tudo explique.

A lenda da *Apparição* não se discute, nem para a refutar nem para a defender: não faz mal a ninguem e póde fazer bem a muitos.

Assim, não só com respeito ás armas do conde D. Henrique e do filho, mas ás subsequentes mudanças operadas nas Armas de Portugal, nada de positivo podemos affirmar, acreditando que ninguem o faça, em vista da synthese de observações seguintes:

ARMAS DO REINO

Segundo—Faria e Sousa:

	castellos	arruellas
Sancho II		13
Affonso III	16	11
» IV	8	10
João I	12	5
» II	7	5

Teixeira de Aragão:

	castellos	arruellas
D. Fernando	8	5
»	4	5
João I	4	5
D. Duarte	8	5
»	4	5
Affonso V	8	5
»	4	5
João II	7	5
»	4	5

Historia Genealogica:

	castellos	arruellas
Affonso III	9	11
»	8	16
D. Diniz	12	10
»	12	11
Affonso IV	10	10
»	9	11
»	12	10
Pedro I	12	10
»	12	15
D. Fernando	14	5
João I	10	10
»	8	5
»	14	10
D. Duarte	6	5
»	10	5
Affonso V	12	5
»	10	5
João II	10	5
D. Manuel	13	5
D. João III	14	5
»	10	5

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 3, tomo VI, pag. 46)

O altar-mór das cathedraes assim como das collegiaes que não possuiam grandes reliquias, só veiu a ter retabulo no XIV seculo. Tanto no XII como no XIII seculo, se collocavam n'estes edificios retabulos sobre os altares secundarios do transepte e das Capellas absidaes. Estes retabulos eram de pouca espessura, não se lhes podendo collocar em cima nem crucifixos, nem candeeiros.

Altares portateis.— Apresentam ordinariamente, bem como os do periodo Latino, a fórma de um parallelogrammo rectangular, e são compostos de uma lagea de marmore ou de pedra mettida n'um caixilho de carvalho e guarnecida com bordados de oiro ou de prata, de modo a não tornar visivel senão a parte superior da placa.

A lagea que constituia o altar propriamente dito era de porphyro, de jaspe, de onyx, de crystal de rocha, de pedra preta e até mesmo de ardosia. Tambem algumas vezes constava de uma pedra preciosa unicamente como recordação historica que a ella estava ligada, por exemplo, úm fragmento das lageas tintas com o sangue de S. Thomaz de Cantorbery.

As reliquias, cuja presença é de rigor em todo o altar, encontram-se entre a lagea de marmore ou de pedra e o caixilho de madeira: algumas vezes era este concavo em fórma de recipiente. Em geral os altares portateis são de pequena altura, apenas alguns têem a fórma de um pequeno cofre sustentado por pés pouco elevados. As laminas de metal que constituem os adornos são muitas vezes cobertas com filigranas, pedrarias, folhagens gravadas, ou figuras esmaltadas.

Usaram-se estes altares até ao final do seculo XIII.

Piscinas. — A ablução das mãos, tanto antes como depois do sacrificio da missa, foi sempre um dos preceitos dos padres. Deitava-se nas piscinas não só a agua de que o padre se servia para a ablução das mãos, mas até mesmo aquella de que os ministros se serviam para lavar tanto os calices ordinarios como os ministeriaes em seguida á communhão do padre e dos fieis.

N'esta época o padre não tomava as abluções do mesmo modo que actualmente.

Algumas piscinas, que são as mais antigas, têem apenas uma abertura ou concavidade para dar passagem á agua; ha porém outras que têem duas, uma para escoadouro das aguas ordinarias, e outra para receber as abluções das mãos.

As primeiras chamam-se *piscinas simples*, e as segundas *duplas*. As mais antigas são de uma grande simplicidade, pois muitas vezes apenas constavam de uma bacia, ou escavada no proprio banco de pedra que havia junto á parte inferior das paredes, ou sustentada por uma pequena columna isolada, ou por muitas formando grupo. As piscinas que são sustentadas por columnas chamam-se *pediculadas*.

No XII seculo começou-se a collocar *piscinas* em nichos abertos nas paredes exteriores da egreja. As piscinas duplas só no fim do XII seculo appareceram.

Doceis. — Foi durante o periodo roman que maior uso tiveram os doceis. Em geral consistem

n'uma especie de cúpula quadrada ou polygonal, de marmore, de estuque, ou de pedra. Muitas vezes têem um leão sentado entre a base e o fuste das columnas. A face anterior da cúpula é quasi sempre munida de uma estante, sobre a qual o diácono ou o leitor collocava o livro sagrado.

Esta estante assentava ordinariamente na cabeça de uma aguia, symbolo do Evangelista S. João; e algumas vezes na de um homem munido de azas, emblema de S. Matheus. Quando a estante assentava sobre a cabeça de aguia ou de homem com azas, os symbolos dos outros evangelistas estavam tambem, ás vezes, representados nos angulos da base da cúpula.

Nas egrejas mais ricas havia mesmo doceis cuja cúpula era revestida de oiro, de prata, e de laminas esmaltadas, ou decorada com esculpturas sobre marfim.

Cadeiras episcopaes ou do clero. — A cadeira episcopal nas cathedraes, ou do celebrante nas egrejas inferiores, achava se regularmente, como no periodo Latino, no fundo do abside do côro, contiguo á muralha; e aos lados estendiam-se os bancos ou cadeiras destinadas ao clero. Esta disposição, que foi conservada até nossos dias em algumas egrejas romans, era a que havia em todas as egrejas seculares, tanto cathedraes, como collegiaes e parochiaes.

Havia, já o dissemos, algumas excepções a esta regra, como succedia com certas collegiaes que possuiam um altar das reliquias no fundo do côro, e com as egrejas monasticas N'estas ultimas cedo foram mudadas as cadeiras para o transepte, e mesmo para o corpo da nave; sem duvida por causa do grande numero de religiosos, que era impossivel collocar convenientemente na curvatura do côro.

Durante a maior parte do periodo roman os bancos dos padres foram de marmore ou de pedra como anteriormente. As cadeiras ou *fórmas, formulæ*, de madeira, foram raras até ao fim do XII seculo; apenas se encontram algumas que escaparam á destruição. Vê-se perfeitamente que estas cadeiras, apezar de bem feitas em madeira, imitam todavia exactamente as antigas de pedra.

Capellas funerarias, tumulos e pedras tumulares

Capellas funerarias. — Construiram-se algumas vezes, nos cemiterios e na proximidades das egrejas, capellas funebres, de fórma circular ou polygonal, á similhança da rotunda construida pelo imperador Constantino sobre o Santo Sepulchro, ou o mausoléu de Theodorico em Ravenna (Italia).

Tumulos. — O costume de encerrar em sarcophagos os restos mortaes das pessoas ricas e poderosas existiu no Norte da Europa até ao XII seculo, e nos paizes meridionaes, isto é, no Sul da França, na Italia e na Hespanha existiu pelo menos até ao XIV. Estes sarcophagos constavam, como no periodo antecedente, de cofres oblongos, de pedra ou de marmore, muitas vezes mais estreitos para o lado dos pés, e fechados por uma tampa convexa ou em fórma de telhado de duas aguas. Eram esculpidos com ornatos e symbolos; florões, folhagens, monogrammas, cruzes e alguns assumptos allegoricos. Collocavam-nos habitualmente sobre pequenos pilares grossos, ou sobre columnas curtas só com o fim de os isolar do solo.

Durante o periodo roman tambem foi adoptado o uso dos *cenotaphios* que consistem em sócos de pedra, macissos d'alvenaria ou grupos de columnas, assentes sobre uma sepultura subterranea e sustentando ou um sarcophago simulado ou a effigie do defuncto. Em tôrno do sóco ou do macisso d'alvenaria acha-se disposta uma série de pequenas columnas. Umas vezes são unidas por meio de arcos, outras, o rebordo da grande lage que corôa o sóco é apoiado sobre as columnas. No XII seculo, os cenotaphios começaram a ser encimados pela effigie do defunto, esculpida em relevo e ás vezes até mesmo gravada ao traço ou representada em esmalte. O personagem é geralmente collocado estendido sobre um leito e tem todas as insignias da sua dignidade; os bispos estão com a mitra e o báculo pastoral; os reis e os principes, com o sceptro e a corôa. Estas estatuas deitadas não apresentam o aspecto d'um morto; porque têem os olhos abertos, os gestos e attitudes de pessoas vivas.

Alguns anjinhos fazem balancear thuribulos ou sustentam a almofada sobre que assenta a cabeça do personagem

Tumulos não apparentes. — Consistem, como os do periodo anterior, em cofres de pedra ou de alvenaria mais largos do lado da cabeça que dos pés e fechados por uma tampa chata ou prismatica. No interior do cofre encontra-se algumas vezes, principalmente do XI até ao XIV seculo, um espaço circular destinado a receber a cabeça do cadaver. Alguns têem no fundo dois regos, no prolongamento dos quaes está feita uma abertura destinada a dar vasão ás materias viscosas.

Pedras tumulares. — O uso das pedras tumulares continuou durante o periodo roman. Em geral têem a fórma d'um trapezio; algumas tambem, as mais antigas, são rectangulares. A sua decoração em geral consiste em figuras geometricas, folhagens ou figuras symbolicas, e raras vezes se lê o nome do defuncto, e a causa e data do seu fallecimento.

Pias baptismaes. — As pias baptismaes eram de

grandes dimensões durante todo o periodo roman, por isso que se continuou a administrar o baptismo por immersão até ao XII seculo. As pias eram em geral de pedra; comtudo algumas havia de bronze e outras de cobre. Em França e especialmente na Inglaterra tambem as havia de chumbo.

(Continúa) POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 87

Os quatro brazões d'esta estampa pertencem á memoria premiada que publicamos n'este numero do boletim, afim de melhor esclarecer o assumpto do concurso a que o auctor havia concorrido.

Quinze brazões reaes foram usados pelos soberanos de Portugal nos seus reinados.

O rei que primeiro teve o brazão composto de castellos foi D Affonso III, em 1243, com 12 castellos. O brazão de D. Diniz tinha 14. D. Pedro em 1357 reduziu o numero a 10 castellos. Esse numero foi conservado nos tres reinados seguintes.

No reinado de D. Sebastião ficaram os escudos tendo só 7 castellos, e a corôa principiou a ser fechada.

D. João VI, depois de acclamado rei em 1816, ajuntou ao escudo a esphera armillar, que depois da separação do Brazil, ficou supprimida, sendo seguido nos outros reinados até hoje o uso do brazão adoptado pelo rei D. Sebastião.

J. DA SILVA.

CHRONICA

Não constando na Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes haver já na cidade de Faro, no Seminario episcopal de S. José o ensino de Archeologia que fôra principiado em 1885 pelo illustrado Vice-Reitor Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto, não poude esta Associação galardoar, no devido tempo, tão valioso serviço feito á instrucção do nosso paiz: com grande pezar seu não laureara aquelle digno professor de archeologia do Seminario, mas a Associação tendo recebido depois informações com os respectivos documentos da inauguração d'esses estudos n'aquella cidade, deliberou que se désse a tão benemerito archeologo um testemunho publico de merecida consideração, conferindo-lhe o titulo de Socio Honorario assim como a faculdade de usar do distinctivo da Associação, honra que só é dada aos socios effectivos, e que lhe fosse tambem offerecida a respectiva joia.

Passamos a transcrever os documentos:

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, digno Fundador da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Cumpre-me agradecer a delicada attenção de V. Ex.ª dignando se tão generosamente responder á minha modesta carta de 9 do corrente.

A muito me obrigam distincções como aquella com que V. Ex.ª me pretende honrar — qual a de me propor Socio da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, cuja fundação e progresso tanto devem á sua funda competencia e acrisolada sollicitude.

Acceito gostosamente essa distincta confraternidade; não de certo, por vaidosa flatulencia, mas pelo credito que a este seminario advêm, por ser n'elle que *primeiro* se iniciaram, em o nosso paiz, uns estudos elementares, mas regulares, de *Archeologia historica e prehistorica.*

Como reputo esta *prioridade* a base da distincção com que V. Ex.ª me deseja nobilitar e não menos d'aquell'outra com que muito mais me enalteceria, se eu, mais cedo, tivesse certificado esta verdade, convém, de todo o ponto, demonstral-a, para assim dar a V. Ex.ª fundado argumento á sua generosa proposta de tão honroso titulo cuja gloria mais pertence a este Seminario do que a mim proprio, para quem ella é sobradamente alevantada.

Foi em 1881, que eu entrei, n'este Seminario, começando por tomar conta de uma cadeira do curso superior; e logo, sentindo-me em região de fecundissimos criterios archeologicos, fazia, nas digressões que alguns assumptos permittiam, sobresahir a importancia dos estudos da *Archeologia*, chegando a consagrar a theses que a isto christãmente pertencem, mais de uma prelecção escolar.

A fórma progressiva, que a estes trabalhos fui dando, demonstra-o a copia de documentos authenticos existente em a Secretaria d'este Seminario e meu gabinete particular; em nada me embaraçando o infeliz amortecimento do iniciado *Instituto Archeologico do Algarve*, por quanto estes labores sempre figuraram em destacado d'aquell'outros.

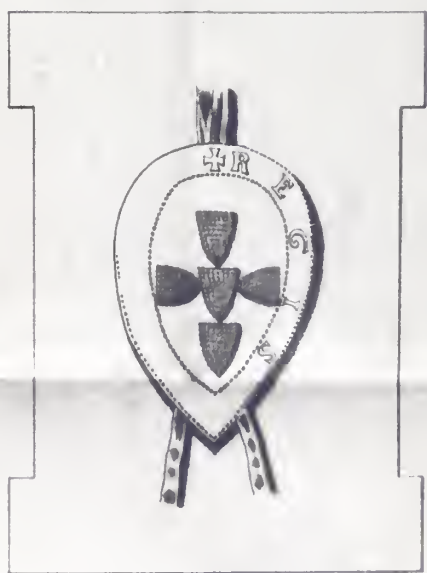
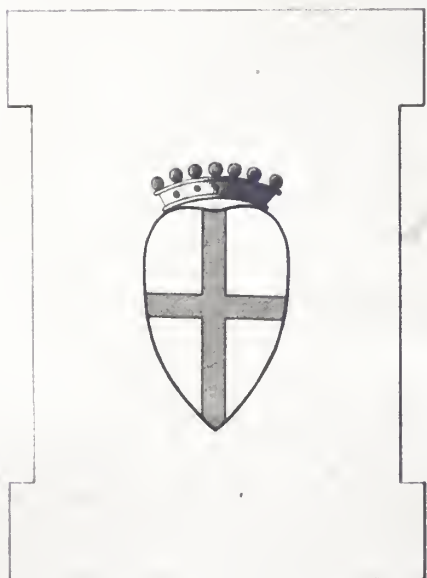
E a prova é que ha todas as licções de um curso elementar de *Archeologia*, visto como eu dei — no fim da Geometria, umas notas architectonicas das cinco ordens classicas — a proposito do criterio historico em a minha aula de dogmatica, discuto o prehisorico eom a precisa reflexão de *Palæthnologia* geral, nacional e algarbiense — e é, sob minha fraca orientação que o Rev.º Professor de Liturgia ministra o sufficiente de *Archeologia christã* das tres epochas que successivamente a caracterisam.

D'aqui se vê, que ha n'este Seminario, todos os trabalhos escolares de um curso inicial de *Archeologia*, sem que, todavia (com dispensavel sobrecarrego economico) haja montada uma cadeira exclusivamente *ad hoc*: é, de certo. por esta razão que V. Ex.ª não recebeu a superior communicação que desejava e a que se refere em sua obsequiosa carta de 11 do corrente — mas este ramo de instrucção vive; e, já mesmo antes da chegada de S. Ex.ª Rev.^ma^ o sr. Arcebispo, tinha os principaes trabalhos que lhe são proprios.

Mais saiba V. Ex.ª — sem o minimo tom de lisonja — que é ao *Abécédaire d'Archéologie* de Mr. Caumont e aos *Elementos de Archeologia* por V. Ex.ª publicados com prefacio do Sr. Vilhena Barbosa, que

2ª Serie.

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

VI
Tomo IV.

Primitivos Brasões Reaes de Portugal
Estampa 87
1889

6º vol.
pag. 62

eu devo o gosto que sinto por esta ordem de trabalhos, aos quaes, por muita escacez de tempo, não posso dedicar toda a intimidade que ardentemente desejava. Asseguro, todavia, a V. Ex.ª a minha convicta propaganda, *contra os vandalismos que têem destruido tantas antiguidades*; e, peço-lhe acredite na já principiada recommendação do seu bom *Resumo elementar de Archeologia christã* que, com a devida venia do meu digno Arcebispo, muito nos hade ajudar n'este bem merecido empenho, esperando da eximia bondade de V. Ex.ª que se não esquecerá de me ir remettendo a continuação dos fasciculos com que me brindou e que cordealmente agradeço.

Disponha V. Ex.ª da boa vontade de quem respeitosamente se assigna de V. Ex.ª justo admirador e criado muito agradecido.

Seminario episcopal de S. José, em Faro, 14 de dezembro de 1888.

Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto.
Vice-Reitor do Seminario.

*

* *

Ill.mo e Ex.mo Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, digno Fundador da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Agradeço a V. Ex.ª a agradavel noticia da distincção que a Real Associação, a que V. Ex.ª tão dignamente preside, se dignou de conferir-me, nomeando-me Socio honorario: promettendo, quanto em meus debeis recursos couber, corresponder em zelo e dedicação ao louvavel fim scientifico que essa illustre corporação se propõe.

Com toda a consideração me asssigno de V. Ex.ª Servidor muito attento e obrigado.

Seminario episcopal de S. José em Faro, 12 de fevereiro de 1889.

Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto.

*

* *

Ill.mo e Ex.mo Sr. Vice-Secretario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Tenho o prazer de accusar o officio bondosamente assignado por v. ex.ª na merecida qualidade de vice-secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em que se me faz a participação do generoso voto de louvor, nomeação de socio honorario, e, por excepção unica, offerta do distinctivo da illustre sociedade que só aos dignos socios effectivos pertence, com que esta distincta corporação scientifica acaba de bizarramente corresponder a uns modestos serviços por mim prestados nos assumptos da sua alta competencia.

Isto tudo, bem como a copia da sessão da assembléa geral d'essa Real Associação que registra os factos supracitados, eu profundamente agradeço; contando da muita generosidade de v. ex.ª que se dignará de, na proxima assembléa geral, fazer conhecer este sincero testimunho da minha gratidão e cordeal confissão do subido apreço que ligo a tão distincta classificação.

Deus guarde a v. ex.ª Ill.mo ex.mo sr. vice-secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

Seminario episcopal de S. José em Faro, 21 de fevereiro de 1889.

Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto.

NOTICIARIO

Nas novas excavações feitas em Athenas descobriram-se na Aeropole dois bellos e grandiosos fragmentos do friso do Parthenon e uma cabeça de mulher de extrema belleza, muito bem conservada, que se julga pertencer a uma estatua de Iris, da qual já se possue parte do corpo.

Extrahiram-se ultimamente das pedreiras *d'Oxford-Station* (Estados Unidos) lousas das maiores que se têem visto, as quaes foram applicadas a lagear os passeios do novo palacio do abastado Mr. Vanderbilt em New-York. Estas lousas *mammouth*, como as designam os Anglo-americanos por causa das suas gigantescas dimensões de 6 metros de comprido, 4 metros e 50 centimetros de largura e 0m30 de grossura, têem de peso 12 a 20 toneladas: foram precisas 20 para formar o passeio junto ao edificio!

Alguns archeologos gregos, guiados pela indicação de Pausanias principiaram a fazer investigações no cume do monte *Lycome*, onde existia um templo em que havia tres estatuas do celebre esculptor Polycléte, representando Apollo, Latona e Artemisa; e tiveram a fortuna de encontrar os vestigios das construcções d'este templo, o pavimento de marmore e muitos fragmentos de cornija, tijolos coloridos, etc. Emquanto a esculpturas, são por emquanto fragmentos de roupagem, braços etc., que já foram depositados no muzeu de Argos, continuando os trabalhos na esperança de acharem com que reconstruir, ao menos, uma das obras d'aquelle afamado artista.

Foram apresentados no Instituto de Paris da Academia de Bellas Artes por Mr. Charles Haury, bibliothecario da Sorbonna, tres novos instrumentos para a arte industrial: um transferidor; um triplice decimetro facilitando *o estudo e o melhoramento esthetico de todas as formas*; e um circulo chromatico apresentando todos os *complementos* e todas as *harmonias* de côres; segundo communicou o auctor ao Instituto.

A Universidade de Roma vae ter um grande Instituto de Archeologia sob a direcção do distincto senador Mr. Fiorelli, o qual alcançou uma merecida reputação pela habil direcção das excavações de Pompêa. Este curso de aperfeiçoamento, ao qual serão obrigados os estudantes, comprehenderá *tres*

annos de estudos com a obrigação de visitar os monumentos de Roma, Napoles e Athenas.

Vae ser restaurado o bello arco do *Carrousel*, em Paris, edificação feita pelos desenhos de M. Mrs. Fontaine & Percier, em 1806, por ordem de Napoleão I e que importou quasi n'um milhão de francos.

Os quatro cavallos atrellados ao carro de triumpho eram primitivamente os cavallos do templo do Sol, em Corintho. Esta famosa esculptura foi transportada primeiramente para Constantinopla, pelo imperador Theodosio; para Veneza, levou-a o Doge Dandolo; sendo depois trazida para Paris a fim de servir de decoração a este arco. Em 1815 foi restituida a Veneza, mas tirando-se uma copia que orna o mesmo arco.

Foi determinado pelo governo francez que Mr. Jamot, membro da Escola d'Archeologia de Athenas, começasse as escavações proximo de *Thespies*, para se descobrir o Templo das Musas. Já appareceram a base do Templo, capiteis Jonicos, fragmentos de bronze, muitas inscripções, entre as quaes as dedicatorias das estatuas erigidas pelos Thespios a Agrippacos, e aos membros de sua familia. Os trabalhos continuarão conforme permittir a estação.

O jornal de architectura inglez, *Builder*, de janeiro, publicou uma grande e bella estampa que representa Paris no tempo de Francisco 1.º

E' muito interessante para os amadores de archeologia esta reproducção.

Mr. Charmay, o investigador das ruinas do Mexico, participou ao Instituto de França a noticia de haver abatido o Templo da Cruz, em Palengué, perdendo-se uma grande parte. Os restos do monumento adornavam uma pyramide, e um *Téocali* ou collina artificial.

As investigações archeologicas feitas em Tunis, na antiga Thinisca em Aïn-Tonga, fizeram descobrir 46 *estèles* ou fragmentos de estèle, tendo a inscripção seguinte:

SATVRNO. AVGVSTO. SACRVM.

Algumas têem sómente as iniciaes S. A. S.

Pertencem a *ex-voto* em louvor de uma divindade da qual havia ali um santuario e altares. Aquelle que na lingua latina se chamava — Saturno Augusto — não era outro, conforme diz Mr. de la Blanchère, senão o deus Moloch dos Orientaes, Foram offerecidas pelo Bey, depois de estarem expostas na Exposição Universal de Paris, para o museu do Louvre.

A respeito da torre de Giotto de Florença, põe-se em duvida que ella fosse toda construida por este artista, mas sim concluida por dois: Andrea Pisano e Francesco di Talenti; pois foi achado um desenho da torre feito sobre pergaminho, pelo qual se conhece que sómente a base da torre até á altura de 6 metros é de Giotto, que falleceu em janeiro de 1336-37, succedendo-lhe Andrea Pisano, o qual se suppõe tel-a continuado até á altura das primeiras janellas, sendo dispensado de continuar por introduzir alteração no projecto; por tanto encarregaram Francesco di Talenti de concluir a obra desde 1350 a 1358, visto que nos dois lados do Domo de Florença a sua architectura é do mesmo estylo do alto da torre, e foi o architecto Talenti quem delineou e dirigiu a sua construcção.

Chegaram para o museu do Louvre (Paris) muitas antiguidades carthaginezas, perto de 150 estatuas, bustos, e outros objectos de marmore ou de pedra achados nas escavações de Carthago.

Em França, proximo de Beaumes, descobriram-se bellos fragmentos de frizos, um marmore monumental, assim como alguns fragmentos de ceramica e duas moedas de bronze do tempo de Faustina e de Valenciano II.

Tudo foi enviado para o museu da Sociedade de historia e archeologia.

O Congresso Internacional dos Architectos de 1889, em Paris, reunir se-ha durante a Exposição Universal inaugurando-se no dia 17 de junho; terá sessões geraes de secções; sessões publicas e de conferencias; fará visitas aos monumentos e excursões artisticas, havendo banquete e concerto.

Uma exposição com os retratos de architectos terá logar na Escola de Bellas-Artes tambem durante o tempo da Exposição Universal.

As sessões geraes da abertura e do final do congresso serão no palacio do Trocadero; as outras, na Escola de Bellas-Artes e no Hotel da Sociedade dos Sabios.

Alem das informações que temos dado a respeito das importantes descobertas archeologicas feitas ha quatro annos na Acropole de Athenas, accrescentaremos que as excavações teem continuado tomando as proporções de um acontecimento consideravel para a historia da Arte. A's estatuas já achadas vieram ajuntar-se inscripções, fragmentos de architectura, milhares de restos de vasos pintados; pozeram-se a descoberto os sócos de edificios muito anteriores ao Parthenon d'Ictinus; póde-se agora penetrar no centro d'esta Athenas de Solon, Pisistrato e Themistocle, que se conhecia até hoje, sómente pelas narrações dos historiadores; pode agora a nossa imaginação fazer resurgir os templos e as estatuas taes como existiram no tempo de Xerxes e taes como appareceram á vista dos Persas vencedores, quando, com o facho na mão, transpozeram as ultimas trincheiras da cidadella, e violaram o sanctuario de Minerva.

No museu de Patissia, 5 salas estão completamente cheias, constando tambem das descobertas feitas em Delos, no templo de Apollo e em Mantinea.

Admiremos, no nosso indolente indifferentismo para antiguidades, o desvelo com que as nações illustradas, mesmo da cathegoria do nosso paiz, procuram conservar os vestigios archeologicos, que se descobrem no seu solo; em quanto nós deixamos construir um gazometro proximo do admiravel monumento da Torre de Belem para elle ficar arrazado por alguma explosão ou pelo menos denegrido com o fumo do coke!

1889, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE — ANNO DE 1889 — TOMO IV

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 5

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Sua Magestade o Imperador Senhor D. Pedro II dignou-se acceitar o diploma de Socio Benemerito da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, tendo sido eleito por acclamação em assembléa geral de 22 de Dezembro d'este anno.

A Real Associação justamente se ufana de contar no seu gremio quem tanto pode concorrer para lhe dar incremento e renome.

El-Rei o Senhor D. Carlos I, El-Rei D. Fernando, de saudosa memoria, o Principe D. Pedro Augusto de Cobourg e o Principe de Siam tambem já nos tinham concedido a subida distincção de se associarem ao nosso Instituto.

SESSÃO EXTRAORDINARIA

NO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 1889

Para commemorar o XXV anniversario da fundação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Estando a nação de luto pelo infausto acontecimento do obito d'El-Rei o Senhor D. Luiz, não houve sessão solemne para festejar o anniversario d'esta associação á similhança do que se pratica nas associações scientificas e artisticas de todos os paizes cultos. A esta reunião sómente concorreram os socios srs. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Valentim José Correia, Conde de S. Januario, Visconde de Alemquer, Ernesto Silva, membros da meza; e os srs. Marquez de Vallada, Conde de Almedina, Gabriel Pereira, Carlos Munró, Pimentel Maldonado, Theodoro da Motta, Costa Goodolphim, Zephyrino Brandão, Conde da Torre Bella, Monsenhor Elviro dos Santos, Eduardo Dias, Cavalleiro e Sousa, Maximiano Monteiro, Licinio Silva, Julio Mardel, Casanova, José Tedeschi, João Chrysostomo Mackonell, João Rodrigues Ferreira, Amilcar Cabral, Pedro d'Avila. O secretario leu as cartas dos socios que não poderam assistir a este acto, pedindo desculpa da sua falta, e foram os srs. Visconde da Torre da Murta, Igna-

cio de Vilhena Barbosa, Conselheiro José Silvestre Ribeiro, Visconde de Castilho, Antonio da Costa Oliveira, General Joaquim da Costa Cascaes, de Lisboa; e os srs. Conselheiro Sebastião Lopes Calheiros e dr. Luiz Figueiredo da Guerra, de Vianna do Castello; Augusto Mendes Simões de Castro e Ricardo Simões dos Reis, de Coimbra; Joaquim de Vasconcellos, João Antonio Freitas Fortuna, Abbade Pedro Augusto Ferreira, Ricardo Severo da Costa e Sousa, do Porto; Victorino da Silva Araujo, de Leiria; Caetano Xavier da Camara Manuel, de Evora; Joaquim da Cruz de Sousa, de Penafiel; Monsenhor J. M. Pereira Botte, Estacio da Veiga, de Faro; Epiphanio Augusto Gamitto e Manuel Maria Portella, de Setubal; Cesario Augusto Pinto, de Guimarães; Joaquim da Conceição Gomes, de Mafra.

O sr. Possidonio da Silva, que depois de regressar dos congressos de Paris, occupava pela primeira vez a cadeira da presidencia, disse que se julgava feliz por lhe ter Deus ainda concedido vida para poder assistir á sessão da assemblea geral, afim de se commemorar o xxv anno da existencia da Associação; congratulava-se com os seus consocios que o haviam auxiliado a inaugurar em Portugal a fundação de um instituto architectonico e de um Museu de archeologia, não sómente para o progresso scientifico do nosso paiz como tambem poder-se evitar o vandalismo que havia causado tantas damnificações; havendo já prestado esta Associação bastantes serviços durante estes 25 annos, como se veria pelo relatorio historico dos seus trabalhos que se passava a ler. Por ultimo fez sinceros votos para que a Sociedade continue a prosperar, obtendo no paiz e fóra d'elle merecida consideração.

Em seguida o secretario, sr. Visconde de Alemquer, leu o relatorio dos trabalhos e progressos realisados pela Associação nos cinco lustros depois da sua fundação, sendo essa memoria offerecida a todos os socios presentes.

Tendo perguntado o sr. Presidente se algum socio pedia a palavra, o sr. Marquez de Vallada, n'um improviso admiravel de erudição e de bellezas oratorias, encareceu a vantagem da instrucção artistica e scientifica por ser de grande alcance para a civilisação dos povos, e disse que os serviços da Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes haviam contribuido para que o nosso paiz obtivesse egualmente esse benefico resultado. Referiu-se depois ao sr. Presidente, declarando que n'esta reunião commemorativa se lhe devia votar uma corôa de louro como aos antigos vencedores, porque a victoria no campo da sciencia não era menos digna de recompensa de que a alcançada no campo da batalha; era até mais proficua, mais salutar e mais civilisadora. Saudava pois o sr. Presidente com a convicção de que todos os socios o acompanhariam n'aquella sua sincera manifestação de louvor. Estas palavras foram acolhidas com appoiados calorosos, recebendo s. ex.ª ao findar a sua erudita oração uma prolongada salva de palmas.

O sr. Presidente agradeceu penhoradissimo as expressões lisongeiras que este notavel tribuno lhe dispensára.

O sr. Mackonelt pronunciou um discurso cheio de enthusiasmo no qual se admiraram os seguintes conceitos:

«Depois do illustre orador que me precedeu, é decerto ousadia da minha parte o tomar a palavra, mas o meu unico fim é prestar sincera homenagem ás superiores qualidades que ornam o digno Presidente da Associação dos Architectos e Archeologos, o meu prezadissimo amigo o Exm.º Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que é inquestionavelmente uma figura proeminente na historia do nosso paiz, pela dedicação que tem tido em tornar conhecidas não só de portuguezes como de estrangeiros as preciosidades archeologicas que possuimos.

«Vinte e cinco annos, tantos são os que conta a nossa Associação de existencia! Vinte e cinco annos de disvellos e de um passado glorioso para o seu fundador, que em presença dos seus trabalhos, Portugal se ufana de possuir entre os seus homens illustres.

«A historia da nossa Associação está exuberantemente descripta na *Memoria Historica*, que nos acaba de ser apresentada; n'ella se vê claramente o grau de prosperidade que tem attingido, e a quem se deve.

«Felicito-me por ver reunidos n'esta assembleia, cavalheiros tão distinctos na politica, na litteratura, na sciencia e nas artes a commemorarem o vigesimo quinto anniversario da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, e a prestarem homenagem ao seu illustre fundador.

«Votos faço para que de futuro lhes continuem a prestar o seu apoio, para que ella conserve sempre o mesmo brilho que tem tido até ao presente.»

O sr. Presidente agradeceu muito reconhecido mais aquelle testemunho de amizade que recebia do sr. Mackonelt, que ha muito conhecia e estimava por ter sido um fervoroso apostolo da creação do Albergue dos Invalidos do Trabalho.

Encerrou-se a sessão ás 10 horas da noite, e descendo da presidencia o sr. Possidonio da Silva, foi comprimentado pela assembléa com affectuosos signaes de estima que muito sensibilisaram o venerando ancião, tão lisongeiras e honrosas foram as manifestações dos seus dignos consocios.

A Redacção.

MEMORIA HISTORICA

DA FUNDAÇÃO, PROGRESSO E TRABALHOS DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES DESDE A SUA INSTITUIÇÃO, ATÉ AO ANNO DE 1889, EM QUE COMPLETOU XXV DA SUA EXISTENCIA EM LISBOA. — Offerecida por Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes foi fundada no principio do anno de 1864 pelos oito architectos civis portuguezes João Pires da Fonte, José da Costa Sequeira, Feliciano de Sousa Correia, Manuel José de Oliveira Cruz, Paulo José Ferreira da Costa, Verissimo José da Costa e Valentim José Correia, sob a iniciativa de Joaquim Possidonio Narciso da Silva, antigo architecto da casa real.

Modesta em seu berço, como todas as cousas, ainda as maiores, não deixou todavia de ser bafejada pelos mais lisongeiros auspicios; por quanto, graças ao constante patrocinio, que desde logo mereceu á Real Familia portugueza, e depois á successiva cooperação de tantos e tão illustrados talentos, que a têem honrado consentindo em ser inscriptos socios seus, ha chegado a attingir o satisfactorio desenvolvimento e estado florescente, em que hoje, com applauso de nacionaes e estrangeiros, felizmente a contemplamos.

Em 29 de Janeiro de 1864 Sua Magestade el-rei o Senhor D. Luiz dignou-se approvar por decreto d'esta data, a *referida fundação, ficando definitivamente constituida a Associação dos Architectos Civis Portuguezes, em Portugal em 22 de novembro d'esse mesmo anno, pela primeira vez com a sua séde em Lisboa*. Fez-se então a eleição da mesa, e ficou composta do seguinte modo: Presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva; 1.º secretario, José da Costa Sequeira; 2.º secretario, Paulo José Ferreira da Costa, e Thesoureiro Feliciano de Sousa Correia.

Um dos seus primeiros passos para se engrandecer e avigorar foi dirigir cartas de convite aos architectos portuguezes, ao director das obras de restauração do edificio de Santa Maria da Batalha, aos dignos professores de architectura da academia portuense de bellas artes e aos architectos das camaras municipaes de Lisboa e Porto, os quaes todos annuiram de bom grado a esta honrosa convocação.

Julgando-se conveniente, que as pessoas illustradas da nação fossem aqui representadas como socios amadores, afim de conciliar ao nascente instituto maior esplendor e consideração, fazer comprehender ao paiz a vantagem de seus serviços, e mais facilmente se habilitar a concorrer para o progresso e civilisação do mesmo, teve a Real Associação a fortuna de poder addicionar ao escolhido numero de seus membros os seguintes illustres nomes: Conde de Lavradio, Duque de Saldanha, Conde de Samodães, Visconde de Azevedo, Visconde da Carreira, Conde de Thomar (Antonio), Marquez de Rezende, Duque de Loulé, Marquez de Sousa Holstein, Visconde da Torre da Murta, Conde de Farrobo, Duque de Palmella, Marquez de Abrantes, Conde de Penafiel, Bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos e Silva, D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa, Visconde d'Almeida, Antonio Augusto de Aguiar, Miguel do Canto e Castro, Sebastião José Ribeiro de Sá, Ignacio de Vilhena Barbosa, Visconde de Alemquer, José Tavares de Macedo, Ernesto P. da Silva, Visconde de Castilho, Adriano de Abreu Cardoso Machado, D. José Maria de Lacerda, abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, Francisco José d'Almeida, Luiz Porphyrio da Motta Pegado, José Maria da Silva Leal, Bernardino Antonio Gomes, Conde de Peniche, Victorino da Silva Araujo, José da Silva Mendes Leal, conselheiro José Silvestre Ribeiro, Conde de S. Januario, Francisco Antonio Pereira da Costa, Joaquim de Vasconcellos, Pedro de Roure Pietro. Com sua benevola acquiescencia não só augmentaram estes cavalheiros o credito da Real Associação, como tambem testemunharam publicamente, em quanto apreço tinham o objecto da mesma, e como elle contribuiria para se dar em Portugal o devido valor aos monumentos nacionaes e á sciencia archeologica.

Mas não parou aqui a sua diligencia. Em virtude de eguaes convites teve a incalculavel vantagem de contar dentro em pouco entre os seus confrades, artistas dos paizes mais civilisados, taes como: Visconde de Laborde, Paris; Baltard, Paris; Dolanson, Londres; Carlos Nelson, Londres; Carlos Garnier, Paris; J. Lelemen, Amsterdam; Carlos Lucas, Paris; Lefuel, Paris; Bockman, Berlim; Révoil, França; Richardson, Philadelphia; Preux, Paris; Rousmine, Russia; Streker, Austria; Stuler, Berlim; Violet-le-Duc, Paris; L. Duc, Paris; Scott, Londres; (architectos) Conde de Marsy, França; A. de Caumont, França; Essenusin, Allemanha; F. Lesseps, França; Mariette, Cairo; Conde Oroff, Moscow; J. de Rossi, Roma; J. A. Warsaae, Dinamarca; Dr. Schaffhausen, Bonn; Conde Senador J. Gozzadini, Bolonha; Senador Friorelli, Napoles; D. Basilio, Madrid; Carlos Boni, Modena; Conde Laire, França; D. José Amador de los Rios, Hespanha; Hoofs-Van-Eddekinge, Haya; E. Guillaume, Paris; Dr. Hübner, Berlim; Dr. Garirou, Bayonna; E. Cartailhac, França; Casalis de Fonduce, Montpellier; J. Chantre, Lyão; J. de Cougny, França; E. Travers, França, Conde de P. Aria, Italia; Abbade Le Petit, França, (archeologos); os quaes se dignaram de endereçar á Real Associação obsequiosas cartas de agradecimento, e de presenteal-a com suas acreditadas e bellas producções artisticas e litterarias: a que a Associação correspondeu com os

numeros publicados do seu jornal, acompanhados de sinceras expressões do mais vivo reconhecimento.

Tendo concorrido á exposição internacional da cidade do Porto em 1865, obteve uma medalha de prata pelos objectos archeologicos que enviára áquelle certamen.

Com o mesmo intuito de se fazer conhecida e acreditada no estrangeiro, extremou entre os objectos no seu museu recolhidos os que, mais recommendaveis por sua antiguidade e particularidades historicas, mais proprios lhe pareceram tambem para figurarem na exposição universal de Paris de 1867. E não foi baldado o seu intento, porque, n'este sympathico certamen da intelligencia humana, obteve a Real Associação uma medalha de cobre de grande modulo: honra que veiu dar a seus esforços maior incentivo, e dilatar a fama das preciosas antigualhas do nosso rico paiz.

Foi por esse mesmo tempo, que recebeu da mais distincta corporação da Europa, que advoga os interesses da nobre arte da architectura civil, provas taes de consideração, como ainda não havia recebido: refiro-me ao convite da benemerita Associação Central dos Architectos Francezes, estabelecida em Paris, para tomar parte nos trabalhos do congresso internacional, composto dos architectos dos principaes paizes, que pela primeira vez se havia de reunir n'aquella capital. Tão honrosa missão não podia a nossa sociedade deixar de acceitar, como effectivamente acceitou da melhor vontade.

Por occasião de se offerecer a el-rei o senhor D. Fernando, em 9 de outubro de 1866, o medalhão com o retrato do architecto Boutaca (que delineou a construcção da egreja monumental dos Jeronymos em Belem) o presidente da Associação pediu ao mesmo augusto Senhor a graça de acceitar o protectorado do museu; e, tendo Sua Magestade annuido do melhor grado, foi este especial favor e honrosa distincção acolhido com as mais calorosas demonstrações de agrado, enthusiasmo e reconhecimento.

Em 1867 obteve se do governo a precisa auctorisação para se mandarem insculpir os nomes dos architectos nacionaes nos monumentos construidos no reino até ao XVIII seculo; sendo o primeiro, em que se realisou este pensamento de reconhecido interesse o historico edificio do Carmo, séde da Real Associação.

Já em 1865, logo nas primeiras sessões, haviam sido apresentados themas sobre assumptos de incontestavel utilidade artistica e publica, taes como: condições locaes, commodidades e mais requisitos, que devem ter as habitações das classes operarias; designação das differenças que deve haver entre os edificios religiosos da capital, espaços occupados por suas plantas; classificações e differenças dos estylos e respectivas decorações. Agora, em 1867, fazem-se recair estes exercicios sobre hygiene applicada ás edificações urbanas; propostas de meios efficazes para que os canos das pias vedem as emanações dos gazes nocivos á saude publica; indicações da mais apropriada fórma, que conviria dar-se ao monumento, que se pretendia edificar e consagrar á memoria do Senhor D. Pedro IV na praça do seu nome, para que produzisse melhor effeito, sem que destruisse a belleza e regularidade da referida praça. Deram-se prelecções publicas no museu, pelo presidente da Real Associação, sobre a historia da arte monumental dos povos da antiguidade, com vistas em grande escala, coloridas e transparentes; muito frequentadas pelas differentes classes da sociedade. Já em outros logares as tinha dado o mesmo prelector, comparando os edificios religiosos do estylo ogival dos diversos paizes, e sobre a archeologia pre-historica: tudo pela sobredita exposição ocular, para ser mais instructivo e attrahente este estudo, novo em Portugal.

O anno de 1868, e os que se lhe seguiram, não foram menos ferteis em expedientes de subida proficuidade. N'esse anno accordou a Associação em encarregar um ou mais artistas do seu gremio de examinarem os principaes edificios do reino, elaborando memorias ácerca d'elles, para serem conhecidas dos estudantes de architectura, e bem assim do publico. Em segundo logar, que se pedisse ao governo, pelo ministerio das obras publicas, amostras de todos os materiaes de construcção produzidos e empregados nos diversos districtos do reino, com os respectivos preços e dimensões no systema decimal; afim de serem comparadas as qualidades e o custo (cousa que ainda se não tinha feito no paiz), e d'esta arte, melhor conhecidos dos constructores, poderem os materiaes ser applicados ás edificações com mais feliz exito e economia: o que os directores das obras publicas do Porto, Vizeu, Evora, Villa Real, Faro e Leiria, cumpriram, enviando á Real Associação as referidas amostras acompanhadas de notas explicativas, no sentido que se lhes havia proposto. Era de tanta utilidade este alvitre, que a Direcção Geral das Obras Publicas, reconhecendo-a, adquiriu depois eguaes collecções para a respectiva repartição. Deliberou mais, que se pedisse tambem ao governo, quizesse satisfazer ás perguntas, que lhe fizesse a Associação sobre a nomenclatura da architectura, encarregando-se um ou mais socios de organisar um vocabulario da arte; e que houvesse de determinar, qual devia ser o curso de estudos, a que haviam de sujeitar-se os individuos, que desejassem obter o diploma de architectos civis.

Em fim resolveu-se, que do governo se sollici-

tasse a entrega do edificio arruinado da antiga egreja do Carmo de Lisboa, afim de se mandarem alli recolher os fragmentos architectonicos e objectos archeologicos que fossem dignos de conservação; e fazer-se uma collecção dos que existissem na capital, e depois outra dos que se fossem encontrando nas provincias em estado de abandono, etc., etc.

Foi este sem duvida um dos maiores serviços prestados pela Real Associação dos Architectos Civis á civilisação e ao bom nome do povo portuguez. Para o avaliar convém saber, que a egreja do antigo convento de Nossa Senhora do Carmo, um dos mais nobres monumentos da piedade dos nossos maiores, nobre por seu valor extrinseco, nobre pelas gloriosas e patrioticas recordações vinculadas ao seu nome, arruinada pela espantosa catastrophe de 1755, estava servindo ha muitos annos, sabeis de que? de vasadouro do lixo da cidade! Achavam-se já soterrados os 14 degraus de cantaria, que davam ingresso para ella, e o entulho das suas naves subia a tal ponto, que para as desobstruir, foi necessario tirar 8:000 carroçadas! Trabalho de subido valor, a que ajuntou outro egualmente importante, qual foi o de fazer construir uma especie de adro, para separar do bello portal ogival da entrada principal a calçada do Largo do Carmo, que cortava os fustes das columnas do portico pela terça parte de sua altura, e destruia as proporções e o aspecto architectonico d'esta antiga edificação religiosa. Por estas acertadas medidas conseguiu a Associação fazer cessar o vergonhoso desprezo em que jazia e salvar, porventura, da total ruina, a obra grandiosa de *D. Nuno Alvares Pereira* o heroico batalhador da independencia portugueza. Grande honra cabe pois, por este só feito á benemerita e Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes!

N'este mesmo anno, approvou-se o regulamento interno da Associação; e, ponderando-se, quanto convinha fazer conhecidos os seus trabalhos, foi auctorisada a publicação de um jornal proprio com o titulo de *Archivo da Architectura* illustrado com grandes estampas e de formato in-folio. N'este jornal deveriam tratar-se os assumptos seguintes: philosophia da arte, apreciação das construcções dos edificios publicos e particulares, estereotomia, historia monumental, decoração pertencente á architectura; construcções urbanas e ruraes, archeologia, biographia dos architectos nacionaes e estrangeiros e finalmente revista extrangeira sobre o progresso das bellas artes.

Com o fim de mais animar e attrahir adhesões á interessante e sympathica arte architectonica, deliberou ainda a Associação formar uma galeria com os retratos dos antigos architectos portuguezes e extrangeiros, e egualmente um album com os dos socios nacionaes; devendo ser os dos primeiros a oleo, os dos segundos e terceiros em photographias.

No anno seguinte a Associação foi incumbida pelo *Ministerio do Reino* de informar sobre o valor da propriedade denominada Troia ao sul do Sado em Setubal, propor o modo da sua acquisição, e declarar a importancia historica das antiguidades n'ella existentes. A cuja honrosa commissão a Associação satisfez, como lhe foi possivel, depois de séria vistoria ao local indicado; postoque já o Governo tivesse consultado a Academia Real das Sciencias de Lisboa sobre o mesmo assumpto.

Um facto porém não menos importante e glorioso, que os precedentes, aguardava a Associação. Por alvará de 14 de novembro de 1872 aprouve a Sua Magestade El-Rei D. Luiz I, cuja perda actualmente deploramos, conceder-lhe o titulo de *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, de que ainda hoje se ufana.

N'este mesmo anno Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, vindo á Europa e visitando Lisboa, dignou-se honrar com a sua presença o museu da Associação, sendo este edificio publico o primeiro da capital a quem fez tal honra (que depois em 1887, repetiu, na sua segunda visita á mesma cidade). Quando se despediu dos socios, que o haviam acompanhado a examinar os objectos archeologicos, agradecendo ajuntou — que louvava a escolha que tinham feito do antigo e historico edificio do Carmo, para n'elle installarem o seu museu; porquanto elle mesmo por si só constituia um interessantissimo monumento archeologico.

A Real Associação em 1875 creou *um emblema*, correspondente ao seu fim, uma medalha para os socios, que se distinguissem em trabalhos e serviços prestados á architectura, ou em investigações e descobrimentos archeologicos.

Na sessão solemne de 14 de junho de 1876, dia préviamente designado por Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando, pelo mesmo Augusto Senhor foram distribuidas aos tres socios laureados, Dr. Augusto Philippe Simões, Dr. Francisco Martins Sarmento, Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, as medalhas que lhe estavam destinadas pelas suas publicações architectonicas e archeologicas. Foram estes os primeiros socios, que tiveram a honra de receber tão merecidos premios das mãos do Rei Artista que tanta benevolencia e sollicitude mostrára sempre em festejar os progressos scientificos da nação e prestar homenagem aos homens distinctos pelo seu saber e patriotismo.

No mesmo anno obteve a Real Associação outra medalha na *Exposição Universal de Philadelphia* pelo desenvolvimento que dera ás investigações ar-

cheologicas e pela sua publicação scientifica em Portugal.

O mesmo Principe, sempre incansavel no desvelo, com que prezava a esta artistica Associação, e estimava o seu credito e prosperidade, dignou-se offerecer-lhe, para a sala das sessões, *um grande busto com a sua effigie*, o qual ornava a preciosa galeria do real palacio das Necessidades.

Com applausos dos ouvintes alguns socios deram prelecções sobre chimica da hygiene domestica, estereotomia, geometria descriptiva, construcção das primitivas abobadas ogivaes em Portugal e de Paleon-ethnologia.

Em 1880 instituiram-se sessões publicas de leitura artistica e scientifica: util costume, já em uso nas nações mais cultas, agora pela primeira vez inaugurado em o nosso paiz.

No congresso internacional de anthropologia e archeologia pre historica celebrado na Hungria em 1878, fôra designado Portugal para a reunião do 10.º congresso d'esta sciencia; o que effectivamente se verificou em setembro de 1880. Os archeologos extrangeiros, que em grande numero este acto chamou a Lisboa, visitaram o museu, demorando-se tempo bastante em examinar as collecções então existentes. Quando, por convite do Senhor D. Fernando, foram ao castello da Pena em Cintra, quiz o Principe saber a sua opinião sobre os objectos pre-historicos que já havia no museu: o insigne archeologo allemão, o professor Schauffausen disse a Sua Magestade que, posto achar-se ainda em começo, possuia já alguns exemplares de bastante merecimento, e que as collecções pre-historicas estavam convenientemente dispostas. — Para que ficasse memoria da visita dos sabios archeologos, que eram tambem socios correspondentes da Real Associação, mandou ésta gravar os seus nomes em uma lapide; a qual foi collocada n'esse mesmo dia na parede do cruzeiro, do lado direito, com a face para a capella-mór. Os nomes são os seguintes: M. A. De Quatrefages, Francez; E. Cartailhac, Idem; P. Cazalis De Fondouce, Idem; H. Hilde Brand, Sueco; G. de Mortilet, Francez; L. Pigorini, Italiano; M. A Kraus, Allemão; Barão De Baye, Francez; J. Capelini, Italiano; E. Chantre, Francez; Dr. Virchow, Allemão.

Pelo Sr. Ministro das Obras Publicas, Saraiva de Carvalho, foi pedido á Associação, em officio recebido a 24 de outubro do sobredito anno, que se servisse designar os monumentos, que deviam ser considerados nacionaes, e fazer a classificação dos edificios publicos do reino; trabalho, a que immediatamente se procedeu, sendo o seu resultado publicado no *Diario do Governo* n.º 62 de 1881. Mais um testimunho publico da attenção e confiança, que ao Governo merecia a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, e ella agradeceu com o mais profundo reconhecimento.

Finalmente, para terminar os factos d'este anno, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, em companhia de seu irmão, o Principe Leopoldo, se dignou de visitar outra vez o museu do Carmo; mostrando os illustres personagens o maior interesse pelos objectos archeologicos que encontraram.

Em 1883 novo certificado da benevolencia do generoso Principe. Sua Magestade offerece, para o museu, uma preciosa collecção de 39 photographias representando os objectos d'ouro e prata, raros exemplares da galeria das Necessidades, que haviam figurado na *Exposição Industrial de Vienna d'Austria*; realçando-lhes o valor a circumstancia de existirem só tres collecções d'estes primores d'arte da ourivesaria portugueza.

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, acompanhada de seus Augustos Filhos, dignou-se visitar e examinar os objectos archeologicos depositados no museu, e teve a amabilidade de manifestar, quanto estimava achar reunidas nas celebres ruinas do monumento do Carmo tantas e tão interessantes antiguidades. Fez mais: concedeu graciosamente á Real Associação a devida auctorisação para se collocar o seu retrato na sala das sessões em memoria da sua visita; e, para mais subida ser esta honra, offereceu Sua Magestade mesma o alludido retrato, tirado expressamente para este fim: honra, de que os artistas e archeologos nacionaes justamente se ufanaram, e os socios se recordarão sempre com jubilo e reconhecimento.

Com a maior generosidade a Associação offereceu o seu jornal—*Boletim de Architectura e Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* — ás camaras municipaes, que tivessem formado bibliothecas populares; sendo o numero de exemplares já publicados, que lhes enviou, 468 com 336 photographias e 246 estampas, e o seu valor 936$000 réis. Á vista do que, o *Ministerio dos Negocios do Reino* determinou, que fossem dados os merecidos louvores á Real Associação pelos relevantes serviços, que estava prestando á instrucção publica, e pelo interesse que por ella tomava.

Em setembro do mesmo anno foi publicada em Paris na—*Revue Nouvelle d'Architecture et travaux publics*, n.º 40—uma resumida noticia historica da fundação da Real Associação, redigida pelo nosso confrade Mr. Preux; na qual o illustre auctor expoz o desenvolvimento que ella tinha attingido, os trabalhos mais importantes de que se havia occupado, e emfim os serviços por ella dispensados á arte architectural e ao paiz. Foi uma idéa, a que a Associação não pode deixar de ser grata. Bom será, que lá fora conste, que Portugal se esforça por

acompanhar n'este intuito as nações mais adiantadas, e que não fica indifferente ao progressivo movimento artistico e scientifico, que por toda a parte se observa no presente seculo.

Cerrarei este anno com um facto algum tanto extraordinario e certamente inesperado. Quero fallar da visita que o *Principe de Siam*, acompanhado dos seus secretarios, fez ao nosso museu, quando, de viagem pela Europa, veiu a Lisboa. Examinando detidamente as collecções, deu mostras, por suas judiciosas observações, de que lhe não era extranha a sciencia archeologica. Dignou-se de acceitar o diploma de socio, e retribuiu offertando á Real Associação o seu retrato de corpo inteiro em uma bella photographia.

Em 1885 Sua Alteza o Principe Real D. Carlos, hoje Rei de Portugal, instituiu o *curso de Archeologia*, e *destinou premios aos alumnos*, que mais se distinguissem. Esta generosa protecção de Sua Alteza foi recebida pela Associação com muitos louvores e justissimo agradecimento: tendo merecido tambem do *Instituto de França* louvores ao *Illustrado Principe portuguez.*

Por outra parte El-Rei o Senhor D. Fernando, mostrando mais uma vez, quanto desejava enriquecer este instituto com obras raras e de grande interesse para os estudos archeologicos e architectonicos, offereceu para a bibliotheca um precioso exemplar da collecção de photographias da Exposição de Arte Ornamental, obra de muito primor.

Possue esta Associação exemplares, até hoje raros, de subido valor historico; mas entre elles tornam-se altamente notaveis as mumias e os craneos, com os proprios cabellos, da raça dos primitivos habitantes do Perù, exemplares que são raros em Portugal. Tão preciosa dadiva é devida á generosidade do illustrado socio, o sr. Conde de S. Januario, varão sempre sollicito em enriquecer as collecções do museu, como realmente já tem enriquecido com outros objectos de grande importancia.

Em abril de 1886, na sessão da assembléa geral foi approvada por acclamação uma proposta do presidente, para que se nomeasse uma commissão, que fosse ao paço da Ajuda sollicitar de Sua Alteza o Principe Real a graça de acceitar a *Presidencia Honoraria* e o *Protectorado da Associação.* Sua Alteza dignou-se recebel-a no dia 10 de maio seguinte com aquella affabilidade, que é peculiar ao seu bondoso caracter. Ouvindo do presidente o pedido, de que se dignasse occupar o logar de Seu Augusto Avô o Senhor D. Fernando de saudosissima memoria, Sua Alteza accedeu benignamente aos desejos da Associação, manifestando-lhe estar disposto a protegel-a e ajudal-a para o seu progressivo desenvolvimento e prosperidade. Aproveitando o ensejo, a commissão patenteou a Sua Alteza, quanto a Real Associação se achava penhorada por ter o mesmo Serenissimo Senhor favorecido *os estudos archeologicos em Portugal:* facto glorioso, que ficaria assignalado na historia de tão generoso e illustrado Principe.

Egualmente se approvou por unanimidade outra proposta do digno presidente da Associação, para que se pedisse aos prelados portuguezes, que creassem nos respectivos seminarios *um curso de Archeologia Sagrada;* tendo a Associação o prazer de receber a annuencia d'alguns a esta utilissima idéa.

Sob a presidencia do mesmo Serenissimo Senhor, em sessão solemne de 24 d'outubro, para este fim convocada, foi lido pelo digno socio effectivo, o sr. Marquez de Vallada, o elogio historico do fallecido Principe, o Sr. D. Fernando *de saudosa e honrada memoria, Presidente Honorario e Protector desvelado da Real Associação.* Com esta solemnidade, a todos os respeitos digna de ser commemorada, quiz a Associação fazer publica a veneração, que tributava aos sublimes dotes de intelligencia do *Principe Artista*, e ao mesmo tempo certificar o seu reconhecimento pela protecção constante, com que Sua Magestade sempre a distinguira, dando-lhe nome e consideração.

Terceira proposta foi apresentada ainda pelo digno presidente da Associação, e unanimemente approvada, para se impetrar da camara municipal de Lisboa, que mandasse collocar uma lapide com esculptura na parede do andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades entre as duas janellas do gabinete, que servia de *atelier* do Senhor D. Fernando, como publico testimunho de veneração pela memoria, não d'um soberano, mas do Rei artista, n'aquelle palacio fallecido, que por suas producções nos diversos ramos das bellas artes, e principalmente por se ter dedicado com tanto esmero á pintura em ceramica, desenvolvendo em Portugal, no seculo XIX, o gosto por este genero, se tornou credor do nosso respeito e de ser recommendado á posteridade. Alcançou se de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, a necessaria licença; mas... pena é dizel-o, tres annos são já decorridos, e ainda a camara não satisfez a uma homenagem, que presentemente se concede aos homens de reconhecido e notavel merecimento!

Na sessão solemne de 18 de novembro de 1888, Sua Alteza o Principe Real dignou-se pessoalmente entregar as medalhas de prata tanto aos archeologos nacionaes, como extrangeiros, que se dedicam com constante perseverança e intelligencia ao progresso dos conhecimentos scientificos, e que principalmente se desvelam para que Portugal alcance maior nome n'esses estudos. Os condecorados foram — o Dignissimo Prelado de Beja,

Xavier Monteiro, pela inauguração no Seminario da sua diocese do curso de Archeologia Christã; o insigne archeologo francez Emilio Cartailhac pela sua excellente publicação *Archeologia pre-historica em Portugal;* e o illustrado Dr. Americano Inglez, Elmer Reynolds pela offerta importante de *collecções de instrumentos pre-historicos* por elle descobertos nos Estados-Unidos do Norte: estando presentes a esta sessão os Ministros das Respectivas nacionalidades. A Real Associação por estas merecidas demonstrações publicas não só manifesta o seu reconhecimento aos seus socios extrangeiros, como tambem se orgulha de laurear os nacionaes, que se distinguem por assignalados serviços feitos ao seu paiz e á sciencia archeologica.

Em summa, se n'este primeiro cyclo a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes não tocou aquelle grau de perfeição, a que mira o seu desejo; porque, não tendo sido auxiliada pelo Governo, como se pratica nos outros paizes civilisados, não logrou realisar esse empenho: todavia pode afoutamente dizer, poz em acção todos seus limitadissimos recursos, todos seus esforços e boa vontade, para dar impulso aos estudos architectonicos e archeologicos, até então pouco attendidos em Portugal. Se outras provas não houvera d'este seu perseverante pensamento para confirmar a utilidade dos seus serviços, bastaria considerar, que existem presentemente no reino cinco outros museus analogos, e que em 1864, epocha da fundação do primeiro em Lisboa pela Real Associação, não havia nenhum. Foi portanto a sua iniciativa o que despertou, muito tempo depois, egual cuidado na conservação das antiguidades, que jaziam dispersas nas provincias, onde elles se fundaram.

Finalmente *as prelecções* que se deram; as *exposições publicas artisticas e archeologicas* promovidas no seu museu; as repetidas recompensas, que *aos 14 socios laureados* se conferiram por *seus trabalhos scientificos ou descobrimentos archeologicos;* o curso para o *ensino da archeologia prehistorica* e *historica;* as *distincções* recebidas não só na *exposição nacional,* mas tambem nas *universaes extrangeiras;* a *publicação* d'um jornal especial *illustrado* com estampas de grande formato, o *primeiro d'esta natureza em Portugal;* as suas *preciosas collecções* de objectos antigos de todas as epochas: são sem duvida outros tantos documentos do zêlo e fadiga da Real Associação em promover e diffundir entre nós estes uteis conhecimentos até ha pouco tão descurados, e sobre tudo da sua nobre dedicação *em salvar do vandalismo* o sem numero de antiguidades e monumentos em que se firma a gloriosa epopêa do nosso paiz.

Mas o publico illustrado lavrará o seu *veredictum* nos fastos da nação, conforme fôr justo e digno do seu respeitavel criterio e patriotismo.

Não obstante, a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes não quiz deixar de solemnizar esta epocha, que *marcará nos annaes do instituto os cinco primeiros lustros da sua existencia em Portugal;* e, para dar maior e mais duradouro testimunho d'ella, mandou cunhar uma *medalha commemorativa,* que será distribuida *ás Pessoas Reaes Portuguezas,* ás bibliothecas nacionaes, e bem assim a todas as associações extrangeiras, com que mantem relações artisticas ou scientificas e laços de reciproca fraternidade; para lhes provar, de quanta gratidão se acha possuida para com ellas pelas muitas demonstrações de estima e consideração, com que a tem honrado e distinguido; e finalmente, para que mais constem e mais se affirmem estes sentimentos da Real Associação, compraz-se em deixar aqui gravados, para memoria, os nomes ou titulos das referidas Associações, que são os seguintes:

Associação dos Architectos do Real Instituto Britannico.—Sociedade dos Architectos Neerlandezes. —Associação Central dos Architectos de Paris.— Sociedade de Historia e de Archeologia de Compiègne.—Instituto dos Architectos de Philadelphia. —Idem Franceza de Archeologia de Toulouse.— Idem dos Architectos do Norte da França, Lille.— Idem dos Engenheiros e Architectos de Madrid.— Idem de Archeologia Christã de Roma.—Idem de Historia Patria de Palermo.—Idem dos Architectos e Engenheiros de Florença.—Idem de Historia de Architectura de Lyão —Idem dos Architectos de Nice.—Idem de Archeologia de Barcelona.—Idem Catalanista de Excursões Scientificas, Barcelona.— Academia de Architectura de Emilia, Italia.—Idem dos Antiquarios de Athenas.—Idem dos Architectos e Engenheiros de Roma.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARTE MONUMENTAL DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

Posto que os monumentos que existem na Persia sejam incompletos, e a maior parte mutilados, todavia são sufficientes para nos dar uma ideia do talento e gosto na architectura dos antigos habitantes d'esse paiz, e podermos avaliar a sua arte monumental em relação á dos outros povos da antiguidade. Os

vestigios que temos para fazer essa comparação, constam unicamente de grutas funerarias ornadas de grandissimos baixos-relevos executados nos flancos das montanhas, e dos fragmentos de um vastissimo palacio, que mostra ainda qual fôra o poderoso imperio de Cyrus o *Grande*, e de alguns dos seus successores.

A historia refere que Babylonia era mais antiga que Ninive; porém a Ninive que nós conhecemos é uma cidade edificada posteriormente pelos conquistadores arianos; povo pertencente a essa raça, a unica que tinha a inspiração das bellas-artes; foi ella que edificou esplendidos palacios cheios de maravilhosas esculpturas, das quaes as mais antigas datam do meiado do XIII seculo, antes da era vulgar, pois em toda a parte onde esses povos se estabeleceram, deixaram uma architectura propria. Recentes descobertas foram feitas na Asia occidental que vieram ajuntar mais um capitulo muito importante para a historia da arte monumental na Persia: porque os monumentos assyrios que se desenterraram n'estes ultimos annos, depois de estarem perdidos durante 24 seculos, nos deram o verdadeiro conhecimento da sua architectura religiosa e civil n'esses edificios reaes e do culto, descobertos no solo da remota Ninive, uma das cidades primitivas do mundo. Estes edificios estão situados sobre a margem esquerda ou oriental do Tigre superior. Destinados a dominar a vasta planicie onde foram construidos, erguiam-nos sobre monticulos artificiaes, e sustentavam-nos recintos construidos com tijólos seccos ao sol.

A descoberta dos monumentos architectonicos de Ninive e a leitura das inscripções *cuneiformes* são da maior importancia para as sciencias historicas. Estas inscripções vieram esclarecer os tempos primitivos da Asia Occidental, e abriram vastos horizontes á sciencia historica, philologica, e ethnologica; encontrando-se n'ellas tambem, o typo da architectura dos Persas.

Os escriptores antigos conservaram poucas particularidades ácerca dos assyrios, cujo reino se estendia sobre a margem direita do Euphrates, e occupava a parte do paiz chamada hoje o Kurdistan. Sabemos unicamente que os costumes e as ideias religiosas dos povos da Assyria eram quasi os mesmos que os dos Babylonios. A sua capital Ninive podia passar pela maior cidade que tinha existido no mundo, e como sendo a séde de uma das mais remotas civilisações. Achava-se esta capital cercada de muralhas com 33^{m} de alto, e eram tão largas para que duas quadrigas podessem correr de frente sobre a sua grossura, tendo de extensão 27 kilometros $^{1}/_{2}$: esta muralha era fortificada por 1:500 torres de 62^{m} de altura. Sabe-se que tão grandiosa cidade fôra destruida pelos Babylonios, unidos com os Persas contra os Assyrios. A immensa extensão que tinha Ninive, não nos deve surprehender, lembrando-nos o que eram as cidades da mais remota antiguidade, que continham campos, hortas, jardins; pois que toda a sua superficie não ficava occupada unicamente pelas ruas e casas. As descobertas recentes confirmam o que disseram os escriptores antigos a respeito da grandeza d'esta cidade. A destruição final de Ninive pelos Medas sob o commando de Ciaxare data do anno 606 antes da era vulgar.

O palacio de Nemrod era o mais antigo de todos de Ninive. Um outro palacio designado pelo nome de Sardanapalo, que havia reinado 12 seculos antes da era vulgar, comprehendia o espaço de 90^{m} por 80^{m}. A entrada principal era virada para o Norte, no cimo havia uma grande escada que conduzia do rio ao terraço, onde estava situada a habitação real. Duas portas ornatadas com dous touros alados, davam communicação a uma grande sala de 46^{m},30 por 9^{m},75 de largura: havendo mais 4 salas de differentes dimensões, alem das ruinas de outros aposentos.

Ha em outros pontos mais 4 palacios de menor grandeza: recentes escavações sobre o logar da pyramide de Nemrod, fizeram descobrir uma parte dos alicerces formando um quadrado de 51^{m} com a grossura de 2^{m},64. Estas ruinas têem presentemente 43^{m} de elevação, e julga-se que deviam ter 61^{m} de altura: os Gregos designavam a pyramide de Nemrod, como sendo o tumulo de Sardanapalo.

Em frente de Mossoul, encontrou-se um vasto e magnifico palacio de Koyoundjeck, edificado por Sennacherib, filho de Sargon, o qual reinára em 713 antes da era vulgar. Este palacio foi edificado pouco distante da margem do rio, no angulo Noroeste de Ninive. O monticulo sobre o qual o construiram, tem para mais de 2:400^{m} de circumferencia; formando um quadrado de perto de 200^{m}. Compunha-se de muitos pateos espaçosos; cercavam-no 60 salas de differentes grandezas, algumas das quaes têem um extraordinario comprimento. A principal fachada tinha por ornamento 10 touros alados com cabeças humanas.

Entre o numero dos assumptos representados sobre os baixos relevos que ornavam o interior dos differentes palacios de Ninive, nota-se uma arvore, a cada lado da qual está collocada uma figura de homem, um sacerdote com cabeça de aguia. Esta arvore sagrada, era a arvore da vida, que recebia as adorações d'estas duas figuras.

A maneira que os monumentos historicos do Egypto e da Asia occidental fôram mais bem conhecidos, mais facil foi descobrir-se a origem de todos os symbolos e de todas as allegorias, de que os Judeus e os Arabes se serviram imitando-os nos seus livros sagrados.

Descobriu-se no palacio central de Nemrod um obelisco em marmore preto com 4 faces, collocado sobre 3 socos: está ornado com 20 baixos relevos, e representa um rei d'Assyria recebendo tributos de varias nações vencidas. Julga-se que este obelisco data de 885, antes da era vulgar e pertence ao reinado de Divannonbar. Não se ignora que os obeliscos de pequenas dimensões, ficavam segundo o uso collocados sobre as margens do Tigre e do Euphrates. Théophrasto falla de um obelisco de esmeralda da altura de 1^{m},98 que fôra offerecido a um rei do Egypto por um monarcha da Babylonia. Vê-se sobre o obelisco preto de Nemrod o elephante, o touro, o rhinoceros. Entre os povos tributarios representados sobre os baixos relevos do palacio de Koyondjeck, nota-se que alguns têem um penteado ornado de plumas, similhante ao dos povos da America, e principalmente usado pelos Mexicanos.

Haverá alguma relação entre o povo com o penteado de plumas, nomeado Tokkari, representado nos baixos relevos de Ninive e aquelles que emigraram para a America? É verdade que entre elles medeia um periodo de 1:000 annos; mas n'estes povos do Oriente da Asia e principalmente na época de que nos occupamos, os usos e costumes não se mudavam rapidamente. Será pois possivel que os Tokkaris fossem descendentes d'aquelles que se arriscaram atravez o Oceano e descobriram a America. Não vem longe o tempo em que esta questão ficará resolvida.

Ao noroeste de Khorsabad, se descobriram esculpturas as mais importantes de Assyria: as de Basiam sobre o Gomel, que estão esculpidas na rocha, são do tempo de Sennacherib. Nas inscripções que as acompanham, se referem os grandes trabalhos hydraulicos emprehendidos por este principe; e a sua conquista da Babylonia, afim de recuperar as imagens dos deuses d'Assyria que haviam sido roubados 418 annos antes pelo rei de Mesopotamia. A qualidade e o numero dos monumentos de Basiam fazem suppôr que ali era um logar sagrado, destinado para as ceremonias religiosas e sacrificios nacionaes.

A architectura de qualquer povo é em parte determinada pela natureza dos materiaes que offerece o paiz em que ella existe e pela applicação dada aos monumentos que elle edifica. A Assyria era quasi inteiramente um solo de alluvião, inundado pelo Euphrates e pelo Tigre Foi sobre as margens d'estes dois rios que fertilisavam o paiz, e facilitavam as communicações entre provincias affastadas umas das outras, onde os assyrios fundaram as suas primitivas cidades. Para edificar as habitações e monumentos, os chefes assyrios levantaram monticulos artificiaes: tal é a origem d'esses vastos terraços que dominam as planicies da Assyria e que têem desafiado o tempo e o mar destruidores dos homens, e principalmente aquellas planicies pertencentes aos arabes. N'esta região, pobre de pedra e de granito, serviam-se de tijolos seccos ao sol para as suas construcções; estes materiaes primitivos são ainda hoje empregados no mesmo paiz.

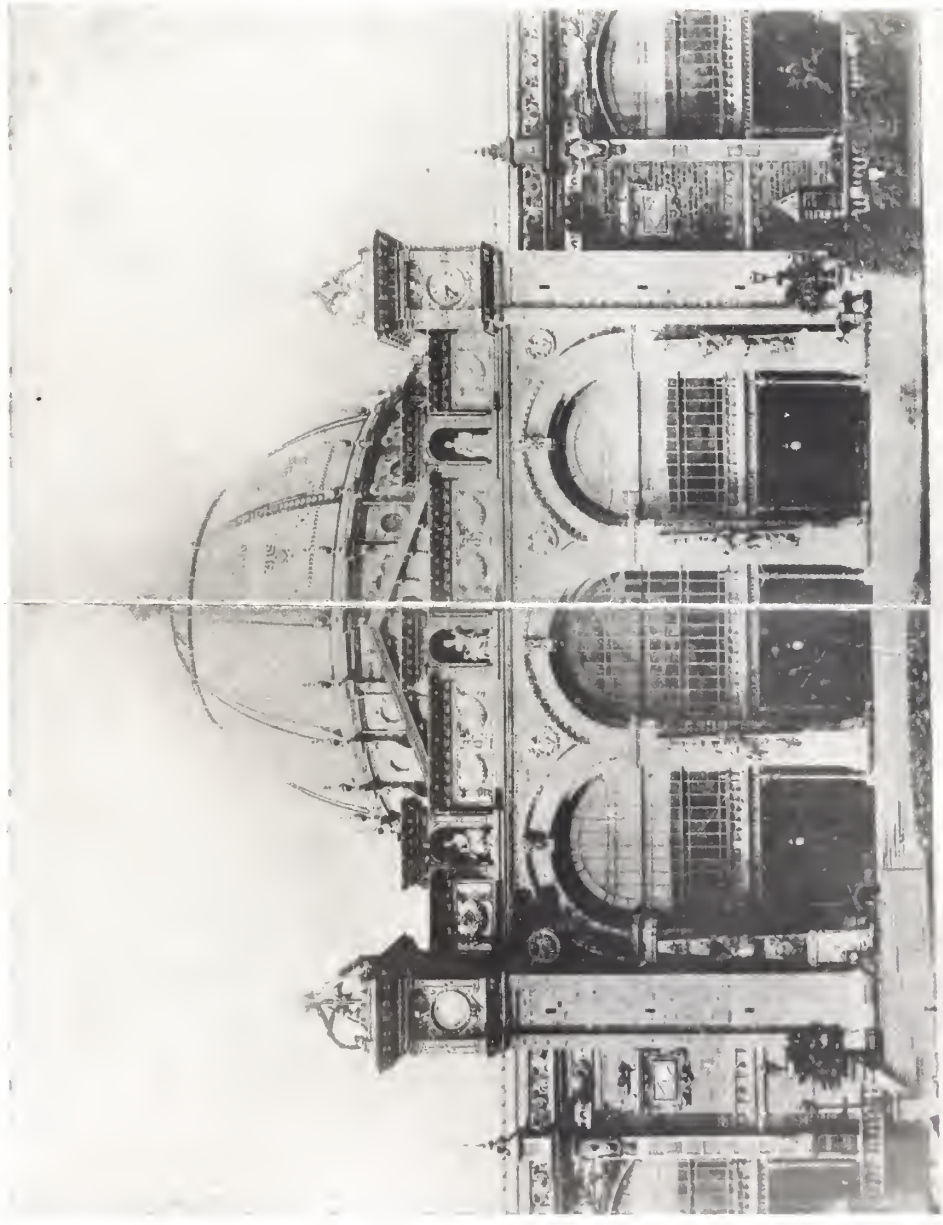
Com o fim de rememorar as façanhas dos reis ou as figuras das divindades, os assyrios serviam-se de laminas de alabastro: estas folhas mais altas que compridas cobriam as paredes. Tinham o cuidado de lhes gravar no reverso uma inscripção designando o nome, o titulo, e a genealogia do principe que emprehendia a edificação dos monumentos.

As entradas principaes das salas do palacio Nemrod, eram formadas por gigantescos touros e leões alados com cabeça humana. As entradas menos apparatosas eram guardadas por figuras collossaes, de divindades ou de sacerdotes. Sobre as couceiras das portas da entrada, era uso collocarem estatuetas de divindades, no intuito de protegerem os monumentos.

Dos fragmentos que existem, são estes os principaes que nos dão ideia, posto que imperfeita, de qual era o caracter da arte monumental dos antigos Persas. Todavia ha toda a probabilidade de conhecermos mais positivamente essa architectura, pelas novas excavações protegidas pelo governo francez, que se teem feito nos logares mais importantes d'aquelle paiz; e teremos então dados positivos para formar um juiso mais completo sobre o seu estylo.

A arte monumental de Babylonia deriva dos Arianos e dos povos Semitas da mais primitiva antiguidade, ficando quasi inteiramente concentrada nos limites da mesma Babylonia, capital do imperio. As ruinas d'esta antiga cidade não são para se comparar nem por sua belleza, nem pelo seu estado de conservação, ás que existem nos outros paizes da antiguidade, de que tratarei depois; porém os montões de entulhos e fragmentos de seus vestigios que se observam com tanta admiração, merecem todavia uma attenção especial. Essas ruinas devem ser classificadas entre as mais interessantes das civilisações que nos deixaram as eras remotas para causarem nossa meditação.

Mas ahi não se encontram nem columnas, nem capiteis elegantes, não se vê entablamentos com frizos cheios de arestas, nem tão pouco frontões ornados de estatuas; não se encontra mais do que paredões de extraordinaria altura, e solidas construcções, vestigios de immensos recintos, palacios vastos; consistindo unicamente esta arte monumental na concepção da extraordinaria extensão horisontal e excessiva altura perpendicular das collossaes dimensões dos seus monumentos.

Os monumentos de Babylonia datam de duas

Palacio das Bellas Artes da Exposição Universal de Paris — 1889

Pag 75

epocas bem distinctas: os da 1.ª epoca pertencem á fundação da cidade, ao antigo imperio babylonio; sendo a esta época remota que pertence o templo e a torre de Belus ou Baal, e o antigo palacio situado sobre a margem occidental do Euphrates. Lá como sobre as margens do Nilo, pozeram o rio de permeio entre si e o inimigo, os Arabes. Os monumentos de segunda época são dos principes chaldéos; os jardins suspensos e alguns outros monumentos pertencem-lhes.

A divindade Belus tambem se encontra em Ninive nas esculpturas que ornam as paredes interiores dos palacios.

Em Babylonia, o deus celeste asiatico *Zeus* foi alliado ao fundador humano da cidade da Babylonia, o qual tinha vindo por mar do Egypto com uma colonia, que se refere aos navios que appareceram 2:500 annos antes da era vulgar na foz dos rios Tigre e Euphrates.

Muito tempo antes d'esta época já existiam as pyramides de Memphis. Tambem se encontra a fórma architectonica da pyramide egypcia, na configuração do templo de Bel em Babylonia. Encontra-se egualmente na theologia babylonia a mesma divindade celeste adorada no Egypto. Existia pois mais de uma similhança entre a theologia e architectura dos babylonios e a dos Egypcios; e pela sua comparação se conclue, que os primeiros receberam a sua civilisação dos segundos, porém a civilisação babylonia não poude conservar-se isenta de influencias externas, como havia acontecido á do Egypto: pois moldara-se á dos Medas, dos Arabes e Assyrios, que haviam tambem modificado o seu gosto das bellas artes ao caracter material da sua significação.

Babylonia estava situada n'uma planicie immensa e fertil sobre o Euphrates; este rio atravessava a cidade do Norte ao Sul, separando-a em 2 partes que se communicavam por uma unica ponte de cantaria, tendo de comprido 924^{m},73 e de largo 9^{m},24.

Uma muralha de tijolos de 92^{m},50 de altura, sobre a largura da qual dois carros podiam correr, circumdava Babylonia, e 250 torres com um largo fosso externo cheio de agua do Euphrates protegia a cidade. Cem portas de bronze davam saida aos habitantes; havendo mais cincoenta que se cruzavam em angulo recto, tendo 15:000 passos de extensão!

No angulo sudoeste de Babylonia estava situado o templo de Belus, ou Baal, mais antigo monumento depois da pyramide de Memphis, dedicado ao Sol.

Elle era formado por um quadrado que tinha 369^{m},91 de cada lado; as portas eram tambem de bronze; oito grandes degraus, da altura cada um de 32^{m}, davam a esta pyramide a configuração de um throno, visto de todos os lados; sobre o ultimo degrau havia um grande templo dentro do qual estava um magnifico leito de ouro e junto d'elle uma meza egualmente de ouro; não havia estatua nenhuma n'este templo, mas uma mulher, não sempre a mesma, ficava ali todas as noites.

Na base d'esta grande pyramide havia outro templo com uma grande estatua de ouro representando Belus sentado: proximo d'esta estatua via-se uma mesa de ouro para receber os manjares dados em offerta; o throno e a escada eram do mesmo metal. Os Chaldeos davam-lhe o valor de 800 talentos de ouro, isto é, 42 milhões. Serviria esta pyramide de observatorio astronomico aos Chaldeos?

O tumulo de Baal está posto n'este templo, e foi aberto por Xerxes. Este grande monumento nacional foi restaurado por Nabuchodonosor.

A arte monumental brilhou com um grande esplendor em Babylonia, quando esta cidade reunia em si quasi uma nação toda e fazia o assombro do mundo pela sua grandeza e opulencia: sendo as construcções mais celebres os seus palacios reaes e os jardins suspensos, foi o templo de Belus, que nos conservou a tradicção.

Babylonia possuia duas fortalezas, servindo de residencia real, conforme o uso d'esses antigos tempos. O primeiro recinto tinha perto de 3 leguas de circumferencia e era de extraordinaria altura; o segundo recinto tinha duas leguas de desenvolvimento, 300 tijolos davam grossura ás suas muralhas com 24^{m},64 de altura. Haviam representado sobre estas muralhas as formas de todas as especies de animaes, pintados com as suas verdadeiras côres. Finalmente o terceiro recinto que continha a praça d'armas, occupava o espaço de meia legua de contorno. Sobre estas muralhas haviam figurado differentes caçadas; via-se em uma a rainha Semiramis, lançando um rojão, e Nino ferindo com a sua lança um leão. Tres portas de bronze abrindo-se por meio d'um machinismo, fechavam estes tres recintos. A segunda fortaleza era menos importante, isto é, occupava legua e meia de espaço, e era adornada com estatuas de bronze de Semiramis, de Nino, do deus Belus e dos governadores das provincias. Encontraram-se tambem passagens subterraneas.

(Continúa).

J. P. N. da Silva.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 86

A photographia do presente numero representa uma das mais importantes e bellas construcções do parque da Exposição Universal de Paris em 1889, o Palacio das Bellas-Artes, que se admirava no numero d'aquellas que attrahiam tanto a attenção dos architectos a examinal-as, não sómente pelo merecimento de sua composição como egualmente

pela sciencia que foi preciso desenvolver com muita pericia, n'esta tão grandiosa obra, a qual deu merecido nome ao insigne architecto Mr. Formigé.

A fachada tinha frente para os jardins do *Campo de Marte*. A entrada principal compunha-se de tres grandes arcadas de volta inteira, subdivididas em duas partes, pertencendo a mais alta ao piso do andar superior. Cada arcada era circumdada por archivoltas formadas com azulejos de varias côres e com medalhões, tendo os fundos dos tympanos em esmalte.

O remate d'esta entrada era composto por uma attica, na qual sobresaiam tres nichos com estatuas, symbolisando as Bellas-Artes.

Aos lados das arcadas havia, formando cunhal, duas elegantes pilastras quadradas, tendo no cimo, mais superior aos nichos, dois corpos de fórma quadrada com grandes mostradores de relogio, cujos corpos eram encimados por corôas de metal, e um friso com fundo dourado por baixo da cornija. Cada pilar de ferro era vestido com almofadas de azulejos, tendo um grande escudo esmaltado a servir-lhe de capitel, cujo colorido se harmonisava com a decoração da parte central. Por detraz e por cima da attica, um outro friso comprehendido entre os dois nichos do extremo, e um frontão que parecia ligar-se á esbelta cupula central, a qual avultava com vistosa fórma, coroando o soberbo palacio das Bellas-Artes, ladeado com porticos de largas dimensões de verga curvilinea, separada na base por uma balaustrada que corria em toda a extensão lateral do edificio.

No interior tinha este palacio duas grandes naves cada uma de 89 metros de comprimento por 50 de largura, ficando ligadas ao espaço circular do zimborio principal, o qual tinha 32 metros de diametro e 56 metros de altura.

Este palacio terminava em dois torreões com cupula, sobre base quadrada, tambem com decoração colorida de ceramica imitando a ornamentação central, e acabando em fórma de ferradura e n'uma superficie de 107.985 metros quadrados.

A parte central do edificio foi destinada para a *exposição centenaria* ou exposição *retrospectiva* da arte franceza; as duas alas continham a *exposição decennaria* dos artistas francezes e estrangeiros.

No rez-do-chão do pavilhão central estavam *esculpturas*, desenhos de *architectura*, e a exposição retrospectiva de manufacturas do afamado estabelecimento de *Sèvres*.

No andar superior ficou collocada a *pintura* debaixo da cupula que se avantajava á escada *monumental* e na parte que tinha a fachada para o lado do jardim.

Esta estupenda construcção de ferro não foi unicamente uma ousadia que os architectos civis francezes delinearam e dirigiram. Já em 1867 e 1878 haviam tentado servir-se d'esse metal para as construcções das galerias das exposições d'essas duas epochas, porém foram ensaios feitos com timidez, porque modificações d'esta importancia não se conseguem em alguns mezes e os estylos não mudam repentinamente: portanto, d'esta vez desprezaram o emprego de columnas que estorvavam, e as espessas paredes que impossibilitavam a facil circulação. Não se empregaram frontões inuteis nem entablamentos que esmagavam a edificação, nem tão pouco cupulas de cantaria, nada de peias pedantes ao senso commum e ás necessidades da actual civilisação. Em logar de estorvos oppressivos e limitados, preferiram-se armaduras de ferro que deixavam passar sem obstaculo a luz e o ar, servindo-se de pontos de apoio delgados tendo a grossura mathematica precisa para a resistencia e estabilidade das construcções ousadas dos zimborios, erguendo-se elles sem custo 50 a 60 metros no ar. Os porticos eram espaçosos e não impediam o transito dos visitantes.

A columna e a pilastra sem as quaes parecia impossivel delinear-se uma fachada monumental desappareceram completamente; o constante e monotono entablamento ficou aqui substituido por um contorno. Conservou-se em tudo harmoniosa elegancia, ficando na construcção evidente não só a sua estructura como a sua solidez. No exterior dá-se a conhecer a applicação do edificio; não se vê reboco nem alvenaria, o metal é vencedor de um prejuizo imbecil, e recebe a consagração official da *arte monumental* n'este seculo.

Ninguem poderá desconhecer quanta valia têem as Bellas-Artes nas suas edificações, comparado o aspecto *frio*, triste e nú da Torre Eiffel com o agradavel e encantador monumento d'este palacio da Exposição: todavia o *esqueleto* é tambem *todo de ferro;* os estudos architectonicos deram-lhe a sua delineação, belleza e attractivo que sómente a architectura civil póde offerecer e executar, imprimindo o preciso caracter monumental aos edificios civis. Não ignoramos que os conhecimentos scientificos são necessarios para se produzirem obras modernas que satisfaçam os progressos artisticos e sociaes. Convém que tanto a classe dos engenheiros como a dos architectos cada vez mais se congreguem para o progresso d'essas construcções, ligando-se intimamente em sincera e reciproca fraternidade.

Uma saudosa recordação de um bom amigo e estimado confrade e collega do Instituto de França, o fallecido architecto Victor Baltar, nos faz dar o brado, de que foi elle o primeiro architecto que iniciou as *construcções civis de grandes dimensões* e o emprego do ferro, tanto nas *Halles Centraes* de Paris em 1866 como na edificação da egreja de Santo

Agostinho em 1872; e se elle existisse agora, sem duvida teria tambem nas recentes construcções em que se emprega o metal, alcançado louvores pelas suas obras n'este genero, como obtiveram os seus emulos no actual anno. Portanto não se deve olvidar o nome d'este insigne architecto, como o iniciador tambem ousado d'estas novas construcções, tanto mais para louvar que ainda não ha 23 annos que se generalisaram os estudos scientificos da resistencia d'esse metal. É pois de reconhecida justiça citar-se com elogio o nome de um artista tão distincto por essas e outras construcções architectonicas que lhe grangearam fama e consideração de todos os seus confrades nacionaes e estrangeiros.

J. DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuação)

As pias romans eram de variadissimas fórmas; algumas similhantes a uma vasilha.

O grande impulso que na Allemanha teve a arte da ourivesaria durante o XI seculo, longe de affrouxar no seculo seguinte, pôde conservar-se na vanguarda do movimento artistico da Europa Central e Occidental.

Com a applicação do *esmalte*, os objectos de ourivesaria mudaram completamente de aspecto no XI e XII seculos. Até ali a accumulação das pedrarias ligadas por folhagens de filigranas constituia todo o segredo de ornamentação dos ourives do Occidente; desde o fim do X seculo que as laminas duplas e lavradas alternam a maior parte das vezes com laminas esmaltadas. Estas encontram-se não só nas grandes peças de ourivesaria taes como as molduras e as alfaias dos altares, mas até nos menores objectos.

Os primeiros esmaltes fabricados na Allemanha foram engastados em ouro e prata, similhantes aos que os Bysantinos fabricavam durante a segunda metade do X seculo; mais tarde tambem se empregou o cobre com o qual se douravam as partes que ainda ficavam visiveis depois da incrustação do esmalte. Foi a começar no XI seculo que em algumas localidades substituiram o esmalte introduzido no rebaixo pelo dividido em separação.

Até meado do seculo XII, a influencia Bysantina é apparente nos esmaltadores Rhenanos. Durante bastante tempo, com effeito, os esmaltadores allemães imitaram o estylo Oriental, reproduzindo mais ou menos fielmente typos bysantinos, modificando-os comtudo segundo o seu proprio engenho. Os seus processos technicos tambem se resentem da origem Bysantina da arte allemã: é assim, por exemplo, que, nos esmaltes em separação, e até mesmo nos mais antigos esmaltes executados em rebaixos, as carnações são substituidas pela pasta vitrea, a exemplo do que se praticava em Constantinopla. Comtudo isto, os esmaltadores das margens do Rheno não tardaram em gravar sobre partes do metal lizo as figuras de pequenas dimensões, emquanto que para as grandes, continuaram ainda, durante algum tempo, a esmaltar as roupas; e n'este caso só se serviam da gravura para as carnações. No final do XII seculo, para proceder sem duvida d'uma maneira mais expedita, começaram a gravar figuras inteiras, ainda mesmo que tivessem uma certa grandeza, e quasi que não era preciso gravar com esmalte os entalhos, muitas vezes grandes e profundos da gravura.

Em França, os ourives do XI seculo e dos primeiros annos do XII, continuaram a servir-se exclusivamente, para a decoração das suas obras, de placas cinzeladas ou até simplesmente estampadas, e de applicações de pedrarias ligadas com filigranas. Até 1145 os ourives francezes ignoravam o modo de gravar do esmalte; tanto que, quando no principio d'esse anno, *Suger*, abbade do mosteiro de S. Diniz, proximo de Paris, quiz mandar fazer uma peanha e cobril-a de placas de esmalte engastadas sobre cobre, viu-se obrigado, segundo elle mesmo conta, a chamar em seu auxilio ourives da Lotharingia, em numero de cinco ou sete, que tiveram o trabalho de terminar esta obra em dois annos.

As producções dos primeiros esmaltadores francezes apresentam grandes analogias com as dos allemães do Rheno, que vieram ensinar a arte de esmaltar, em França.

Uma vez começado, o gosto pela ourivesaria esmaltada em breve foi augmentando em França, e deu logar a que, em 1160, se creasse uma celebre escola de esmaltadores em cobre cuja séde foi em Limoges.

Nos primeiros ensaios, os ourives de Limoges procuraram dar aos seus esmaltes o aspecto do dos allemães; representavam as figuras inteiras, até as proprias carnações, com côres de esmalte; só aproveitavam o metal para lhe fazer traçar as principaes linhas do desenho. Em pouco tempo, para mais rapida e mais barata producção, renunciaram a este processo e principiaram a gravar logo sobre o metal, todas as figuras e a esmaltar *apenas* o fundo. Muitas vezes até substituiam as partes gravadas por figuras em alto relevo de bronze fundido e cinzelado. Os esmaltadores de Limoges cederam em parte a sua obra ao gravador, ao esculptor, ao fundidor e ao cinzelador, limitando assim o seu trabalho á simples decoração dos fundos, operação que se tornava pouco difficil.

Pelo lado artistico o esmalte rhenano é muito

superior ao de Limoges. Os esmaltes fabricados no seculo XI e no XII nas margens do Mósa, em Liège, Maestricht, Stavelot, em Waulsort e em Gembloux têem os caracteres da escola rhenana, cujo principal centro de fabrico era em Colonia, constituindo por isso uma variedade dos esmaltés rhenanos. As differenças que se encontram entre os esmaltes com rebaixo de Limoges, os do Rheno e os do Mósa são estas: nos primeiros predominam as côres azul e verde claros, claros, em quanto que nos outros são o verde e o azul carregados. Os esmaltadores do Rheno e os do Mósa servem-se de algumas côres que lhes são proprias: o bello azul de torqueza, o branco de leite, o vermelho de purpura muito vivo e o preto. Os tons são mais harmonicos na Belgica e na Allemanha, e mais vivos e asperos na França. Os esmaltes do Rheno e do Mósa reproduzem scenas em que toma parte um grande numero de personagens, com inscripções latinas em verso, gravadas e encrustadas de esmalte; nos de Limoges não se encontram inscripções a não ser apenas um ou outro nome. Os differentes lavores que os esmaltadores do Rheno e do Mósa executavam sobre o cobre e com as incrustações de esmalte, são notaveis pelo bom gosto e variedade de assumptos, qualidade que se não encontra entre os de Limoges.

Os objectos, grandes ou pequenos, ornados com esmaltes do Mósa ou do Rheno apresentam geralmente uma particularidade que se não observa na ourivesaria franceza contemporanea. Têem, além das placas esmaltadas, filigranas e pedrarias, placas de cobre vermelho com ornatos e inscripções douradas sobre campo brunido ou vice-versa.

Calices e patênas. Conservou-se, durante o periodo roman, o uso dos calices ordinarios e ministeriaes.

Os calices ordinarios do VIII e do IX seculo têem muitas vezes, como os do periodo Latino, a taça profunda e estreita, o pé pequeno e ligado á taça por um simples nó sem haste.

No IX seculo começou a usar-se a taça maior, e ás vezes de fórma espherica e com azas. O pé conserva-se ainda n'este seculo com as mesmas dimensões que nos precedentes.

Os calices do XI e do XII seculos têem a taça e o pé muito grandes, o nó bastante grosso e a haste curta quando a têem.

Na Allemanha encontram-se calices do XII seculo que têem o exterior da taça inteiramente coberto de medalhões, de esmaltes, de pedrarias e de filigranas; estes ornatos são apenas interrompidos por um pequeno espaço semi-circular destinado para o padre applicar o labio inferior durante a communhão.

Os mysterios da vida e da paixão do Salvador e principalmente a sua crucifixão, eram os assumptos que os artistas mais gostavam de reproduzir sobre os medalhões circulares ou ovaes com que decoravam a taça e o pé dos calices.

Em geral compõem-se d'um reservatorio sustentado por um grosso fuste cylindrico, ou mesmo por um pilar quadrado, e tambem se encontram alguns cujos angulos se apoiam sobre quatro columnas.

Estas pias baptismaes, exteriormente quadradas, são os reservatorios circulares e ovaes, tendo as faces externas esculpidas com florões, folhagens, arcos, animaes phantasticos, carrancas e até é facil vêrem-se assumptos legendarios ou historicos.

Grades. Os romanos faziam muitas vezes grades fundidas em bronze. Na Italia e no Sul da Allemanha ainda se empregaram até ao XI seculo estas grades.

Carlos Magno empregou o bronze nas grades da egreja de Aix-la-Chapelle que foram, assim como o edificio de que fazem parte, uma importação meridional.

Durante o XI e XII seculos, as grades eram compostas de montantes verticaes mettidos n'uma moldura e encerrando ornatos formados de barras, de secção quadrada ou rectangular; estes ornatos consistem em geral em curvas entrelaçadas.

Alfaias religiosas

No seculo VIII estavam as artes e as sciencias inteiramente decahidas no Occidente, em consequencia das continuas guerras provocadas pelas invasões dos barbaros. Os processos technicos das artes industriaes e mais faceis de adoptar tinham quasi caído no esquecimento. No imperio do Oriente, pelo contrario, o culto das artes não cessou de prosperar desde Constantino Magno até ao XI seculo inclusivamente, graças á protecção generosa dos imperadores bysantinos. Tambem, logo que se seguiram os primeiros momentos de socego depois das tempestades politicas, pensou-se na Italia e no resto do Occidente em dotar de alfaias convenientes as egrejas e basilicas que se acabavam de construir ou de restaurar e para isso foram obrigados a dirigirem-se a Constantinopla tanto para procurar os objectos que desejavam como para obter artistas aptos que annuissem a vir trabalhar no Occidente.

Durante muito tempo os artistas verdadeiramente dignos d'este nome, pintores, esculptores, ourives e outros, continuaram a vir de Bysancio, e quando no principio do IX seculo, Carlos Magno quiz decorar com mosaicos e enriquecer com vasos sagrados e outros objectos d'arte o edificio religioso que elle acabára de construir em Aix-la-Chapelle, teve que se dirigir a artistas gregos ou aos discipulos que se haviam formado na Italia, particularmente em Ravenna.

Com os inferiores successores d'este principe, a arte cessou de ter desenvolvimento, retrocedende tanto na Europa central como na Occidental, ao mesmo estado de barbaria em que se achava antes dos esforços empregados por Carlos Magno para restabelecer o seu progresso.

No fim do x seculo, produziu-se no Occidente um movimento util nos estudos artisticos; os artistas gregos foram ainda aqui, como mais tarde na Italia, os iniciadores que presidiram a este movimento instructivo.

A restauração artistica, começada sob a influencia dos artistas bysantinos, foi extremamente rapida na Allemanha. Desde o fim do x seculo, a escola de Trèves, dirigida pelo bispo Egberto, deu nascimento, no territorio germanico, a muitos outros centros artisticos creados pelos bispos nos seus palacios episcopaes, ou pelos abbades nos seus Mosteiros. Santo Henrique que governou o imperio do Occidente durante o primeiro quartel do xi seculo, foi tambem um dos grandes promotores da restauração artistica na Allemanha.

Os *calices ministeriaes* conservaram, durante o periodo roman, a mesma fórma que tinham tido anteriormente. A sua decoração é a mesma que a dos calices ordinarios. São munidos d'azas com a fórma de folhagens, ou de dragões e d'outros animaes phantasticos.

Nos medalhões sobre a taça representavam-se scenas da vida do Salvador; nos do pé, as quatro virtudes Cardeaes e assumptos tirados da historia do Velho Testamento; e nos medalhões do nó mostravam-se as personificações dos quatros rios do Paraizo.

As patênas, ordinariamente muito simples, tinham a configuração d'um pires com um esvasamento circular no meio. O fundo interior era liso, com adornos de buril; os bordos, por vezes lavrados em relevos ou gravados ao buril, eram de pequenas dimensões. Encontram-se comtudo algumas patênas da época roman, sobre as quaes abundavam os ornatos e as esculpturas.

Custodias eucharisticas: pyxides e ciborios. Desde o xi seculo que as pombas eucharisticas foram substituidas em geral pelas pyxides, cuja origem alguns auctores reputam ser do v seculo. Dá-se o nome *pyxides* a pequenas caixas de marfim, d'onyx, d'ouro, de prata ou de cobre esmaltado, nas quaes se guardavam as sagradas particulas. Suspendiam-se, debaixo do docel do altar, n'uma bolsa de tecido precioso, ou então collocavam-se n'um pequeno nicho aberto em parede proxima do altar.

Durante os primeiros seculos do periodo roman, as pyxides de marfim empregavam-se em concorrencia com as pombas eucharisticas de metal.

Consistiam regularmente em pequenas caixas cylindricas, tendo muitas vezes no exterior esculpturas em relevo.

As pyxides do xii e do xiii seculo são ordinariamente de cobre dourado e esmaltado; compõem-se d'uma pequena caixa cylindrica encimada por uma tampa de fórma conica ligada ao cylindro por uma charneira. Muitas d'estas pyxides saíram das officinas dos esmaltadores de Limoges.

As pyxides romans têem algumas vezes um pé, e são em geral tanto umas como outras de pequenas dimensões, por isso que apenas servem para guardar um pequeno numero de hostias necessarias para dar o Sagrado Viatico aos doentes em perigo de vida.

Todas as pyxides anteriores ao xvi seculo, com raras excepções, têem a tampa ligada ao cylindro por meio de charneira.

Relicarios. Consideraram-se primeiramente como reliquias os restos mortaes dos Santos, porém hoje têem um sentido mais lato, considerando-se tambem como taes os paramentos e outros objectos usados por elles durante a sua vida mortal. A Egreja professou sempre um grande respeito pelas reliquias, prestando-lhes um culto particular. Em vista d'isto não é para admirar que nos primeiros seculos se fabricasse um tão grande numero e diversidade de relicarios, afim de conservarem estes preciosos thesouros e expôl-os á veneração dos fieis.

Relicarios da verdadeira Cruz. A maior parte dos relicarios que contéem parcellas da verdadeira Cruz foram trazidos do Oriente na época das Cruzadas, ou fabricados na Europa segundo os modelos bysantinos. São ricamente cravejados de pedrarias e de esmaltes, e têem muitas vezes a fórma de uma dupla cruz chamada cruz do Santo Sepulchro, de Lorrena ou de Caravalla. Como a travessa superior d'esta cruz é menor que a inferior, leva isto a suppôr que o que parece uma repetição dos braços seja simplesmente o *titulo* da cruz, pelo qual os Gregos e os Orientaes sempre tiveram especial veneração.

(Continúa) Possidonio da Silva.

CHRONICA

O Imperador o Senhor D. Pedro visitou o Museu do Carmo no dia 14 d'este mez, onde se demorou algum tempo examinando minuciosamente os objectos ali expostos. Mandou copiar pelo seu camarista Conde de Aljezur os nomes dos archeologos estrangeiros que vieram a Lisboa ao congresso d'Anthropologia e Archeologia pre-historica em 1880, nomes esculpidos n'uma lapida que ficou collocada no cru-

zeiro do remoto monumento historico do Largo do Carmo, em recordação dos nossos socios estrangeiros que visitaram o Museu.

O Imperador, ao acabar de ver o Museu, disse ás pessoas da sua comitiva:—*Tudo que está aqui se deve ao architecto Silva.* Esta observação proferida por principe tão illustrado é distincção merecida para o fundador d'este Museu.

Esta Real Associação recebeu o diploma e uma medalha de prata da Exposição Universal de Barcelona, pelos progressos alcançados em Portugal na divulgação dos conhecimentos archeologicos. O diploma é uma gravura de bella execução e de grandioso aspecto, estando representada a Rainha e seu real filho, acompanhada pelas damas e officiaes-móres do palacio, ministros d'estado e os membros da commissão encarregada da Exposição, no acto de S. M. distribuir as medalhas aos expositores, e fazendo fundo a este acto, vê-se a cidade de Barcelona com os seus principaes edificios.

O sr. Possidonio da Silva, no seu regresso dos congressos de Paris, trouxe uma muito interessante collecção de instrumentos pre-historicos de Dinamarca e da França, que o seu estimado amigo e confrade o archeologo Mr. Conde Carlos Lair lhe offereceu para o Museu do Carmo. É de subido valor esta dadiva, porque só os exemplares descobertos na Dinamarca são os mais perfeitos que se conhecem, e que pelo seu numero e differentes formas teem grande merecimento para a sciencia. Esta nova offerta do illustrado archeologo francez merece portanto, os nossos cordiaes agradecimentos e grande estimação não pelo que vale como pela pessoa que se dignou fazel-a.

O nosso digno secretario o Ex.^mo Sr. Visconde de Alemquer recebeu do governo francez uma condecoração a mais honrosa que a França póde conferir ao talento e á sabedoria, nomeação de official de Instrucção Publica. Felicitando o nosso estimado e illustre consocio não só manifestamos o nosso regosijo, como tambem essa merecida distincção nos enche de ufania, por ser conferida a um nosso confrade tão respeitado e querido.

Pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros nos foi remettido um officio em que participava haver o ministro francez n'esta côrte mandado uma collecção de vistas photographicas da capital por um distincto photographo francez, que o governo da republica offerecera para o Museu da Real Associação dos Archeologos portuguezes. Esta nova consideração que a nossa Associação recebeu agora de tão illustrado e respeitado paiz, constitue-nos em muito reconhecimento; pois quando aquella poderosa e civilisadora nação se lembra do nosso modesto instituto, concede-nos o fôro de sociedade prestante para os progressos civilisadores.

Foram nomeados mais cinco socios effectivos: os srs. Visconde de Coruche, Dr. Francisco Antonio Brandão, Dr. Manoel Velloso Armelim Junior, Antonio Felix da Costa e Antonio Augusto de Oliveira.

NOTICIARIO

CONGRESSOS INTERNACIONAES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM PARIS. — *Congresso dos architectos.* — Uma commissão foi nomeada pelo Governo Francez na Sociedade Central dos Architectos, para organisar o congresso internacional dos architectos civis, que teria logar em 17 a 22 de junho ultimo; deliberou esta de encarregar a preparação d'este congresso ao patronato de uma *Commissão de Honra* composta de architectos que no estrangeiro e em França, estavam no caso de prestar este serviço ao progresso da architectura. N'esse louvavel intuito, a Associação Central fez convites aos 76 architectos estrangeiros, seus socios correspondentes; além dos 80 socios effectivos francezes que lhe pertencem. As sessões occuparam-se dos seguintes assumptos: Do ensino da Architectura — Haver um diploma obrigatorio para os architectos — Soccorro confraternal; Syndicatos de professores—Propriedade artistica sob o ponto de vista exclusivo de architectura — Estudos sobre a antiguidade; a arte Etrusca — Conferencia sobre o estudo superior d'architectura — sobre as cupulas do Oriente e do Occidente — Estudo sobre os incendios nos theatros.

A mesa era composta dos architectos: presidente, Mr. Carlos Garnier, membro do Instituto; *(ao lado direito)* vice-presidentes, Mrs. Daumet, Normand, Hermant, Possidonio da Silva, membro do Instituto; *(ao lado esquerdo)* Mrs. Hunt, Spier de Lima, e Guilherme, membro do Instituto; secretarios, Mrs. Lucas, Loriot, Bartaumieux, Muntz, Roza, Trélat Junior.

Foi no palacio do Trocadero que se fizeram a primeira e a ultima sessão, sendo as outras na Escóla de Bellas Artes: concorreram grande numero de convidados, durando bastante as discussões sobre os quesitos do programma. Concordou-se nos seguintes pontos: Melhoramentos nos theatros, sendo a resistencia do edificio contra o perigo do augmento de incendio, de mais capital importancia que as sahidas, podendo-se circumscrever a uma das divisões do theatro que possa facil e completamente isolar-se das outras—Creação de estudos superiores de architectura — Protecção confraternal — Agrupar os architectos em syndicatos — Reforma da legislação para que seja reconhecida a propriedade artistica dos architectos — Haver construcções para habitações de operarios no interior das cidades e não no exterior para que possam frequentar o ensino industrial e educar o sentimento artistico onde elle se desenvolve.

Na sessão de 19 de junho fez o nosso consocio o sr. Possidonio da Silva uma communicação ao Congresso de haver offerecido a Sua Magestade El-Rei de Portugal a sua bibliotheca, formada por grande numero de obras illustradas com estampas e desenhos, para mais de dezoito mil, relativas a architectura e a archeologia, publicadas em França, Italia, Belgica, Suecia, Dinamarca, Hollanda, Inglaterra, Hespanha, Estados-Unidos da America do Norte e Portugal, ficando esta valiosa collecção conservada na bibliotheca real do palacio de Mafra, o Escurial Portuguez.

(Continúa).

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE ANNO DE 1890 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Recebemos o patriotico protesto, em seguida transcripto, e com a maxima satisfação o publicamos em merecido testemunho da nossa consideração e applauso:

PROTESTO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

A todas as Academias, Sociedades, Institutos e jornaes das suas relações

Ha poucos dias, apenas, teve a Sociedade de Geographia de Lisboa a honra de communicar ás Sociedades congeneres a expressão sincera do seu voto relativamente ao conflicto diplomatico suscitado entre Portugal e a Inglaterra.

Por dever e honra da generosa solidariedade que a ellas nos liga nas mesmas aspirações e nas mesmas diligencias humanitarias e civilisadoras, depunhamos perante essas nossas illustres irmãs scientificas, como nós empenhadas na santa causa da paz, da civilisação e da exploração scientifica da Africa, a nossa esperança e o nosso desejo leal de que essa causa não fosse mais uma vez perturbada por pretensões e cubiças tão formalmente offensivas da acção e da soberania legitima do nosso paiz, como evidentemente contrarias á Verdade, á Rasão e ao Direito.

E a nossa manifestação era tanto mais opportuna quanto é certo que taes pretensões, para trahir a justiça dos povos, de longa data, tenazmente procuram falsear a Geographia e a Historia, — e para favorecer e disfarçar as más paixões e os cupidos interesses de aventura e de seita, teem organisado uma conspiração de capciosa propaganda e de influencias brutalmente egoistas destinada a mystificar a opinião e a intrigar os governos contra o honrado povo que foi o primeiro a abrir o Continente Negro á Civilisação e á Sciencia.

Perseguida e extincta a escravatura na costa portugueza da Africa Occidental, os interesses que o trafico infame alimentava procuraram e por largo tempo conseguiram obstar, sob a protecção da politica ingleza, a que a nossa acção civilisadora e o nosso direito soberano lhes arrancasse o ultimo reducto, por uma occupação regular e definitiva dos nossos territorios do Zaire inferior.

Foi exactamente o apresamento, pela auctoridade portugueza, de um navio negreiro na foz d'aquelle

rio que suggeriu a formal opposição do governo inglez, já então indignamente mystificado, á nossa occupação d'aquelles territorios!

Assim e agora, tambem, os interesses da licenciosa e oppressiva exploração dos indigenas, as pretensões de especulação e de monopolio commercial, o espirito fanatico de seita, as absorventes ambições e ciumes de predominio e de expansão politica, agitaram-se ferozmente contra o leal e persistente empenho de Portugal em organisar e firmar a ordem, a segurança, a transformação pacifica e civilisadora nos nossos territorios mais remotos da Africa Oriental: — no Zambeze, no Nhassa (Nyassa) e na Mashona.

Alguns mercadores e missionarios inglezes, estabelecidos sob a nossa protecção e favor, n'alguns pontos insignificantes e esparsos d'esses territorios, onde nenhuma transformação benefica teem operado, ensaiaram converter o facto d'esse precario e particular estabelecimento em ostensivo direito de protectorado e de dominio da nação de que se dizem subditos para evitar a policia culta da soberania de que são hospedes, que lhes tem sido generosissima protectora, e que era e é a unica que se póde exercer e se tem exercido effectiva e pacificamente n'aquellas regiões.

A diplomacia britannica acabou por adoptar estas pretensões abusivas, primeiramente procurando obter a nossa annuencia e concessão voluntaria a troco da retirada das suas formaes objecções á posse e á occupação portugueza dos territorios do Zaire, — o que evidentemente equivalia a reconhecer o nosso direito aos que lhe cederiamos e que agora nos disputa!

Mallogrado, porém, pela opposição da Europa, em relação ao Zaire, o tratado em que esta operação se negociára, e passados poucos annos, apenas, depois da Conferencia de Berlim, a Inglaterra intima-nos, não já o desejo e o interesse que a levaram a negociar esse tratado, mas a formal pretensão de um direito sobre os territorios cuja cedencia nos pedira e procurára obter a troco de largas compensações!

Além do mallogro d'esse tratado pelo qual a politica ingleza contava estabelecer-se nas margens do Nyassa, outros factos concorreram, naturalmente, para exacerbar e fazer recrudescer as pretensões e cubiças britannicas, taes como:

a concorrencia incommoda que a Inglaterra teve de acceitar, de outras potencias, ao norte, do lado do Zanzibar e do mar Vermelho;

o reconhecimento de que os nossos territorios entre o Zambeze e o Limpopo, e particularmente a Mashona, abrangiam uma das zonas mais ricas, em minas de ouro, da Africa Austral;

o nosso esforço decisivo por assegurar o desenvolvimento economico e politico da nossa colonia de Lourenço Marques, que as colonias inglezas do sul receiam, e que contraria a absorpção dos estados independentes da Africa Austral;

e, em summa, o vigoroso impulso que procuravamos imprimir ao desenvolvimento dos povos e territorios do nosso vasto dominio africano.

Precisamente attingiu a maior intensidade essa exacerbação de cubiça, quando as nossas expedições scientificas, commandadas por officiaes e engenheiros distinctos, calorosamente acolhidas pelos indigenas, estudavam e preparavam assegurar melhor esses territorios, — pelo caminho de ferro, pelo telegrapho, por uma policia civilisadora e christã, — á mais larga e liberal exploração e proveito do commercio licito e da colonisação européa.

Explosiu então o mercantilismo do Monopolio, o fanatismo de Seita, o insolente orgulho do Predominio politico, essa triste e oppressiva trindade que pretende dominar a Africa interior pelo azorrague de sete pontas, de que não ha muito se fallou largamente no parlamento inglez, a proposito das missões do Nyassa, ou pelas cadeias e pelos foguetes de guerra, que ha pouco ainda tentavam introduzir pelas nossas alfandegas de Inhambane e de Quelimane os pseudo-philantropos, ou pelas armas aperfeiçoadas entregues ao barbaro Lubengula para escravisar os povos da Mashona e lhes roubar as minas de ouro com que devia pagal-as aos inglezes que lhe forneceram essas armas.

Ao passo que alguns aventureiros e agentes britannicos açulavam contra as nossas expedições scientificas um *regulo* embrutecido e usurpador, a politica ingleza, — a politica de uma nobre nação européa — intimava-nos imperiosamente, como um direito que não se fundamentava, aquellas pretensões e cubiças.

Esta é, em breves traços, a verdade da situação, larga e irrecusavelmente evidenciada por todos os documentos dignos de fé que temos exhibido e continuaremos a offerecer ao criterio imparcial do Mundo e da Historia.

Sinceramente, com uma justa deferencia para com uma nação culta e amiga, — no constante empenho de cooperar para que a paz e a civilisação da Africa não fossem perturbadas, — Portugal, certo

do seu direito e confiado na dignidade e na justiça d'essa nação, prestou-se a discutir com o governo actual d'ella, as pretensões que elle infelizmente adoptára e a convencel-o da absoluta inconsistencia e sem-rasão d'essas pretensões.

Quer exhibindo perante o governo britannico os numerosos titulos do nosso direito e os leaes propositos da nossa acção, — quer chamando, n'um sincero accordo, um terceiro Estado a considerar e julgar imparcialmente o extraordinario pleito, — quer acceitando a mediação e o exame d'uma conferencia de todas as nações interessadas na paz e na civilisação da Africa, — Portugal offerecia á Inglaterra todos os meios justos, seguros, decorosos de liquidar com ella, leal e definitivamente, a questão.

Não duvidamos do nosso direito e não receiavamos da justiça das nações e da consciencia universal.

O incidente, a que já alludimos, — o assalto de uma nossa expedição scientifica, — em territorio que nunca nos fôra contestado pela propria Inglaterra, — por uma horda de selvagens que ousavam arvorar a bandeira ingleza, e que se sabe já que haviam sido excitados áquelle acto por agentes inglezes, — suscitou ao governo britannico reclamações e exigencias novas, sem que o movesse comtudo a fundamentar, por uma vez, os direitos que vaga e imperiosamente allegava.

Essas reclamações e exigencias facilmente se evidenciavam infundadas, absurdas, até, baseadas apenas em falsas e suspeitas informações.

Mas ainda Portugal se prestou a fazer suspender a sua acção e o trabalho das suas expedições scientificas nos territorios contestados, exigindo apenas a natural reciprocidade de ser respeitado o *statu quo* pelos agentes inglezes, para se entrar definitivamente na liquidação diplomatica e pacifica da questão.

Sabe já a Europa, sabe já o mundo culto, qual foi o procedimento do governo britannico.

Agglomerando grandes forças navaes nas proximidades d'alguns dos nossos portos europeus e africanos, ameaçando-nos pela sua imprensa mais politicamente auctorisada, entre os mais estupidos e despreziveis insultos, de praticar um acto de força expoliadora sobre os nossos territorios, a Inglaterra interrompeu uma correspondencia serena e amiga, violou as normas tradicionaes da cortezia e da lealdade internacional, e antepoz arrogantemente, provocadoramente, ao direito que não podia provar e que não tinha, a força material, a superioridade bruta dos seus engenhos e meios de guerra offensiva, de oppressão e de coacção violenta.

Exigiu do governo portuguez que dentro de quatro horas, apenas, resolvesse e ordenasse a retirada das nossas forças e expedições scientificas, dos territorios do Nyassa e da Mashona, em que além de representarem o nosso direito, representavam a Sciencia, a Civilisação, a Ordem, em face da selvageria excitada, do escravismo armado, da cubiça flibusteira.

A não annuencia a semelhante exigencia, seria seguida d'um procedimento que evidentemente equivalia a um rompimento de hostilidades, mais propriamente a um assalto immediato, cobarde, traiçoeiro, do territorios, fortunas e vidas portuguezas.

E passava-se isto, e praticava-se isto a alguns dias de distancia da reabertura da conferencia de Bruxellas, onde as nações da Europa, associadas n'um grande e generoso empenho de paz, de liberdade, e de civilisação, estudam os meios de as garantir á Africa!

Ê contra este facto insolito que affronta a nossa independencia secular e reconhecida por todas as nações, a nossa leal e constante cooperação nos progressos do Direito moderno, os nossos sentimentos de homens livres e civilisados, de estudiosos e trabalhadores honrados, — é contra este facto monstruoso pelo qual uma grande nação européa, ao terminar o seculo XIX, se mostra disposta a retomar o papel da velha pirataria argelina ou dos bucaneiros das Antilhas, — é contra esta coacção brutal e indigna — que a Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa, em nome d'esta, vem depôr no seio das suas irmãs scientificas, o mais solemne e formal protesto perante a Sciencia, perante a Consciencia Universal, perante a solidariedade da civilisação moderna.

Lisboa, 13 de janeiro de 1890.

Presidente. — Francisco Maria da Cunha.

Presidente do Conselho Central. — Antonio do Nascimento Pereira Sampaio.

Vice-Presidentes — Frederico Augusto Oom, J. V. Mendes Guerreiro, Joaquim José Machado, Fernando d'Almeida Pedroso.

Secretario-Perpetuo — Luciano Cordeiro.

Secretario-Annual — J. F. Palermo da Fonseca Faria.

Secretarios-Adjuntos — Ernesto de Vasconcellos, Domingos Tasso de Figueiredo.

Thesoureiro. — Francisco dos Santos.

Vogaes — Rodrigo Affonso Pequito, José Bento Ferreira d'Almeida, José Estevão de Moraes Sarmento, João Pedro Patrone Junior, João Henrique Ulrich.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARTE MONUMENTAL DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 5 pag. 75)

Emquanto aos jardins suspensos, a tradição diz: que um rei da Syria fizera construir os celebres jardins d'esta cidade pela paixão que tinha por sua mulher que constantemente se lamentava de ser obrigada a viver rodeada por uma planicie arida e escalvada, recordando-se com viva saudade das bellas sombras e dos odoriferos jardins do seu paiz natal. Vamos descrever esses jardins reputados uma das maravilhas do mundo. Estes monumentos eram quadrados e tinham 120^m de comprido sobre cada lado, compondo-se de terraços sobrepostos e reintrantes, cuja reunião lhe dava a forma de uma pyramide troncada. Estes terraços eram em numero de 12; o ultimo estava a 24^m,62 de elevação. Sobre cada terraço havia uma galeria, cujo tecto era formado de grandes pedras, 5^m,28 de comprimento por 1^m,32 de largo, cortadas e assentes como se fossem vigas. Sobre este tecto pozeram 4 camadas compostas differentemente; era a primeira uma camada de canniço envolvido em asphalto; depois duas fiadas de tijollos embebidos em gesso; e por cima laminas de chumbo, sendo a ultima camada de terra vegetal. O tecto da galeria era sustentado por grossos pilares quadrados, oucos e cheios de terra, para n'elles profundarem as raizes das arvores mais corpulentas.

Por escadas collocadas externamente subia-se a estes differentes andares, e sobre os patamares, havia machinas hydraulicas movidas a braços, para tirar agua do Eufrates e eleval-a até á parte superior do edificio: crearam-se arvores corpulentas com 24 metros de altura, as quaes produziam fructos como na sua propria região. Estes jardins estavam ainda em toda a sua magestosa apparencia, no tempo de Alexandre o Grande, parecendo aos seus soldados como se fosse uma montanha coroada por uma viçosa floresta. Vegeta ainda uma unica arvore d'esse época, especie exotica de Babylonia; pela sua situação, no aspecto e caducidade, julga-se ser uma que pertencia aos jardins suspensos de Semiramis, tendo no paiz o nome de *Atheti*.

Os Babylonios, como o maior numero dos povos asiaticos, representavam as figuras dos deuses e dos heroes em proporções colossaes, e com materias preciosas; idolos de ouro, prata, ferro, pedra e madeira cobertas de folhas de ouro e de prata; adoptavam á boca d'estes idolos linguas movediças, que os sacerdotes faziam mover por modos occultos; punham-lhes corôas sobre a cabeça, um sceptro na mão, vestiam-os com roupas de custo e ornavam-os de objectos que os padres tiravam depois para enfeitarem com elles as suas mulheres e filhas: assim como o povo depositava sobre uma meza junto ao templo de Bellus os manjares que suppunha servirem de alimento á sua divindade, mas todos os dias elles desappareciam, sendo tirados pelos padres que para esse fim se serviram de uma passagem occulta e só d'elles conhecida.

O que existe da architectura babylonia não basta para nos dar o caracter da sua arte monumental; só existem os alicerces e a obra rustica de seus monumentos; os ornatos e detalhes architectonicos perderam-se.

Felizmente Ninive vae-se desenterrando; seus fragmentos e baixos relevos nos auxiliam para sabermos restaurar com bastante fidelidade esses edificios babylonios.

PALESTINA

Para o philosopho e para o historiador que procura descobrir a verdade nos annaes do genero humano e dos tempos os mais remotos, o povo Hebreu, é de todos os povos da antiguidade aquelle em que a *arte monumental* offerece menor interesse.

A sua estada no Egypto, onde as artes tinham chegado a um grande auge, não lhe serviu de nenhum proveito, não poderam fazer senão grosseiras imitações das artes dos Assyrios e principalmente das dos seus mais proximos visinhos, os Phenicios; porém todas essas copias eram imperfeitas e sem manifestação artistica, principalmente nos detalhes, nos ornatos e nas alfaias do templo nacional. Não foi por que este povo não tivesse nenhuma aptidão natural, pois consta pelos annaes judaicos até que ponto chegava a sua intelligencia, não pôde construir o seu templo tão afamado; por ahi se avalia a insufficiencia ou a pouca delicadeza do seu gosto e o quanto era limitado o seu talento architectonico.

Os monumentos de architectura levantados na Judéa são em pequeno numero. Ainda que ha alguns outros, mas esses monumentos são ainda menos nacionaes que o templo e os palacios que Salomão mandadou edificar por obreiros estrangeiros.

O rei David havia já formado o projecto de edificar em Jerusalem a capital do seu reino, depois de se ter apoderado da cidade e expulsado os *Jebuseanos*, povo que deu o nome a esta cidade que significa — Cidade Sagrada, fazendo um templo de cantaria, digno do poder e magestade do seu deus

Jehovah, porém estava reservado a seu filho Salomão realisar aquelle desejo. No 4.° anno do reinado d'este rei, no anno 3102 da creação do mundo, e 480 annos depois da saida do Egypto, ou 1042, no segundo mez de Siv, ou no mez de Maio, este templo foi principiado; empregando-se 7 annos para o construir com uns 10 mil operarios e 350 intendentes.

O templo de Jerusalem estava collocado sobre a montanha *Marih*, encerrado dentro de dois recintos formando pateos: o pateo interior era destinado para os padres, e o que circumdava o templo era para os sacerdotes, que faziam as orações, cantavam os hymnos sagrados e consummavam os sacrificios; o pateo exterior era destinado para receber o povo de Israel e os gentios.

O Templo de Salomão, situado na parte Occidental de Jerusalem, e cuja fachada estava voltada para o Oriente, tinha interiormente 33^{m},40 de comprido, 11^{m},08 de largura e 16^{m},62 de altura. No fundo do Templo, ao Poente ficava para o lado de Sião, onde estava situado o logar sagrado; tinha o edificio a forma de um cubo, 11^{m},08 por todos os lados. Para o Nascente ficava o Santuario, antesala da habitação Sagrada e Divina, a qual tinha 22^{m},16 de comprimento a mesma largura do logar sagrado com a mesma altura do Templo. Na frente d'este Templo a Leste, via-se um *pylono* ou *pronáos* construido á maneira de *propyleos*, tendo a mesma largura do Templo. Para bem comprehendermos o feitio d'este grande vestibulo, devemos lembrar-nos dos Templos Egypcios, com os quaes os monumentos dos Hebreus têem bastante similhança.

O Sanctuario e o Sécos estavam rodeados pelos tres lados ao Sul, Oeste e Norte, por uma especie de corredor com cellas nos tres andares. É esta ainda uma disposição que nós encontramos nos templos Egypcios. A inclinação das paredes das fachadas lateraes, dava mais elegancia á fachada principal, que tinha tambem um caracter da architectura Oriental. Havia em cada andar quartos destinados para a conservação dos archivos, e dos objectos do culto e do thesouro.

O telhado era quasi da forma de terraço em duas aguas, feito de madeira de cedro e coberto com laminas de ouro, sendo guarnecido de um extremo ao outro com compridas pontas de ferro dourado, a fim de impedir que os passaros se pousassem sobre o Templo para o não enchovalhar; e diz Mr. Arago que essas pontas de ferro eram a prova mais manifesta do efficaz effeito dos conductores, pois que o Templo de Salomão ficou intacto mais de 1:000 annos.

Este Templo foi queimado em 588 antes da era vulgar. Em 534 Zorobabel construiu o segundo Templo, que foi destruido por Herodes, 37 annos antes da era de Christo. No anno 35 este principe reconstruiu o 3.° templo, o qual foi visitado por J. C. e depois destruido por Titus no anno 70.

Havia á entrada do pylono duas columnas, de bronze, separadas, oucas de 8^{m},80 de altura, 3^{m},52 de diametro, e 4 dedos de grossura, que fazem lembrar os obeliscos collocados junto dos seus grandes portões; a columna que estava á direita se chamava *Jachin*, e a da esquerda, *Booz*. Jachin significa, — *Elle consolidará;* e Booz quer dizer — *N'elle está a força*. Estas duas columnas representam o symbolo do Poder Creador do Ser primitivo, ao qual o Templo era consagrado, servindo tambem de symbolos e de imagens aos elementos da producção. Jachin representa a *linha perpendicular e estavel*, Booz *a linha horisontal*, aquillo que dá a força. A união d'estas duas linhas ou d'estas *duas qualidades* produz o angulo recto, o elemento primitivo de toda a creação, o principio fundamental da architectura.

Pela disposição dada ao plano do Templo de Salomão, a sua largura é justamente a metade do seu comprimento total; estas mesmas proporções eram as que tinha o Tabernaculo que serviu de typo a este monumento.

Independente do Templo, Salomão edificou tambem um magnifico palacio situado não longe do monte Libano. Este palacio tinha 55^{m} de comprimento, 37 de largo, e 16^{m} de altura, compondo-se de um peristylo, de uma sala hypostylo na qual havia 45 columnas de madeira de cyprestes collocadas em 3 ordens de renques; as paredes eram construidas de cantaria. Depois d'esta sala seguia-se outra egual á primeira, e mais affastados estavam os aposentos do rei.

O palacio de sua mulher, que era a filha de um rei do Egypto, ficava na extremidade do edificio, o qual se assimilhava inteiramente aos palacios edificados junto ás margens do Nilo.

Se o Templo e o palacio de Salomão se assimilharam-se em quanto ao estylo á architectura egypcia, os serralhos imitavam o dos palacios de Ninive, pois havendo menos distancia da Judea ao Egypto, que a Ninive, a influencia egypcia devia ser mais poderosa que as da Assyria. Os palacios de Ninive eram mais ornados com grande variedade de esculpturas; e nas construcções judiacas era pelo contrario. O grande valor intrinseco dos materiaes precisos empregados nos seus monumentos, e escondiam a esterilidade do seu talento na arte de edificar; pois que os monumentos ainda existentes com os seus frontões, triglifos, pilastras e volutas com portas, datam da decadencia grega e romana, e não se póde classificar como arte monumental da Judéa.

Este grandioso edificio constava das seguintes partes.

O portico do Oriente — chamava-se o portico de Salomão — O portico do Meio-Dia. Portico do rei, aonde estava o throno real. — N'este atrio havia os os aposentos dos levitas, dos musicos e dos padres que guardavam o Templo.

Os quartos do 3.º Atrio, eram para as guardas, casinhas para os *rebatedores*, vendedores de pombos, e diversos objectos necessarios aos sacrificios.

Templo — I — Tabernaculo — II — Santuario — III — Vestibulo — IV — quartos.

Atrio para os padres — Dez bacias onde os padres lavavam os intestinos dos animaes imolados — O mar de bronze de fórma de flôr de lyrio com 4^{m},84 de dimensão sobre 12 bois d'onde o sacrificador tirava agua para abluções.

Dupla columnada que formava o atrio dos judeus.

Habitações dos padres.

Logar para as mulheres.

Entrada do atrio dos judeus.

Atrio dos gentios.

I — Porta do Oriente — II — Porta do Norte — III — Porta do Meio-Dia.

O altar dos holocaus tinha 9^{m},90 de comprimento por 4^{m},59 de altura.

PALMYRA

Passamos agora a descrever as magnificas ruinas d'essa famosa cidade do deserto da Arabia, chamada pelos romanos *Padmer*, por causa das suas bellas palmeiras e cuja fundação se attribue a Salomão. Situada entre a Syria e o Eufrates; esta celebre Palmyra tão eloquentemente descripta por Volney; alcançou notaveis riquezas, pela posição excellente para desenvolver o maior commercio, n'esse paiz rico de industria e preciosidades onde fôra edificada, sendo as ruinas importantes pela sua extensão, e primor d'arte; das quaes os europeus tiveram conhecimento sómente em 1691!

Foi esse deserto que cerca Palmyra, que desde muitos tempos a isolava das suas admiraveis ruinas, e a havia separado dos paizes habitados; foi certamente o que contribuiu para a conservação d'esse numero consideravel de monumentos, que ainda causam hoje a admiração dos entendidos. nenhum outro logar no mundo os contém em tão grande quantidade, e de elevação tão bella.

Um dos vestigios mais importantes dos edificios de Palmyra, e ao mesmo tempo dos mais instructivos para o conhecimento da sua arte monumental, é o seu grande Templo do Sol, que occupava a superficie de 69:696 metros quadrados. Este recinto era rechado por um *peribolo*, ou parede ornada exteciormente e interiormente de pilastras, as quaes correspondiam na parte interna a dois renques de folumnas; que apresentavam duas galerias á roda d'essa immensa praça, em cujo centro estava situado esse famoso Templo.

Do lado occidental offerecia uma magnifica entrada; 10 columnas corinthias formando um grande portico, sustentavam um magestoso frontão. Notou-se que para fazer mais espaçosa a porta da entrada, approximaram as duas columnas do centro das duas que lhe ficavam mais proximas, estando reunidas sobre o mesmo soco. Esta idéa foi aproveitada para a columnada do palacio do Louvre em Paris. Foi pena que não se tivesse feito o mesmo para a porta principal da egreja da Estrella. As folhas dos capiteis d'este Templo eram todas de metal. Toda esta architectura era ornada com a maior riqueza. Não pouparam a esculptura, applicando-a em todos os membros d'este sumptuoso monumento. E' verdade que, quando a riqueza substitue o logar da nobre simplicidade na architectura, indica já a época de sua decadencia, pois se tolera o abuso na decoração, e não se reprova a liberdade na alteração do estylo. O caracter da arte monumental da Syria, era ornamentar com excessiva profusão; repetir as ordens mais ricas em todos os seus monumentos e adornal-os interiormente com summa elegancia e magnificencia.

PERSEPOLIS

A antiga e famosa capital do imperio dos Persas. que tinha 12 leguas de comprido e 4 de largo e levou 3 annos a edificar, não havendo outra que fosse n'aquelles tempos nem mais bella, nem mais poderosa no mundo, foi destruida por Alexandre o Grande em 331 antes de J. C.

Entre as ruinas que cobrem a planicie de Mardascht situada a 12 leguas de Schiraz na provincia de Tarsistan muito fertil por ser regada pelo Araxe, apparece uma ainda mais importante e celebre que as outras, chamada de *Pechil-Minar* ou das 40 columnas, pertencentes aos vestigios da cidadella de Persepolis: está collocada em um grande terraço rectangular de desigual altura, e sobre o qual ha 3 outros terraços menores, sendo o principal circumscripto em 3 lados por muralhas: a do norte tem 434^{m},32 de largura; a do lado meridional, de leste a oeste, 244^{m},44 de extensão; e o lado septemtrional com 282^{m} de comprimento.

Uma grandissima escadaria, ficando os lances oppostos com 104 degraus, dá ingresso ao primeiro terraço; porém estes degraus têem apenas de altura 0,05 estando 10 ou 17 formados em uma só enorme pedra: perto de 21^{m} sobre a linha central d'esta escadaria se encontram os vestigios dos *propyleos*, pelos quaes se passava para ir aos palacios. Esta grande porta (como a de Ninive), era ornada

de cada lado por dois animaes phantasticos, cujo typo era o touro. Estes grandes symbolos da força e da geração tinham quasi 6^m de comprimento e 5,50 de altura, além de um pedestal de 1,50 de altura. As inscripções que se vêem por cima d'estas esculpturas, dispostas em 3 divisões, com caracteres *cuneiformes*, declaram que estes *propyleos* ou salas dos guardas fôram mandados fazer por Xerxess, que reinara desde o anno 486 até ao 465 antes da era vulgar. A 1^m,60 dos primeiros propyleos ha outros ornados egualmente por figuras, com corpo de touro, cabeças humanas e azas.

Entre os propyleos e outra segunda e grande escadaria existe um espaço de 46^m onde estavam situados os jardins. O desenvolvimento longitudinal d'esta escadaria é de 64^m,60, as rampas estão enriquecidas de magnificas esculpturas: esta escadaria, assim como o palacio a que pertence, tambem foi edificação mandada fazer por Xerxes. Em seguida a esta gigantesca obra chega se á sala formada por 36 columnas collocadas sobre 6 renques, occupando um espaço quadrado de 60^m em todos os lados. Estas columnas tinham 20^m de altura. O corpo central formava, sobre os 3 lados, porticos, compostos de dois renques de columnas.

Sobre o terraço superior pertencente ao corpo central da principal sala mais alta que os porticos, havia o *Altar do fogo sagrado* junto do qual o rei vinha fazer as suas orações todos os dias.

Ao Sul e na frente d'esta grande sala vêem se as ruinas da sala incendiada por Alexandre, como represalia das destruições que os Persas haviam praticado com o incendio de Athenas: foi quando este entrou em Persepolis, que vieram ao seu encontro 800 gregos que tinham sido arrebatados do seu paiz pelos persas de quem ficaram sendo escravos. Estes homens estavam terrivelmente mutilados, uns sem uma mão ou um pé, outros tinham o nariz ou orelhas cortadas. Á vista d'estes homens n'este triste estado inspirou a Alexandre um profundo dó, e excitou-lhe um resentimento violento contra aquelles algozes, levando-o a exercer a represalia; resolveu destruir a *Acropole* (a cidadella dos reis da Persia), o melhor monumento que a ornavam da mesma maneira que elles haviam praticado com a magnifica *Acropole* de Athenas; e as chammas mais uma vez no Mundo, anniquillaram magnificos monumentos querendo-se por um acto pusilanime vingar na materia inerte o vandalismo praticado pelos inimigos ferozes.

Ao sudoeste da sala de Xerxes, fica situado o palacio de Darius com 39^m,23 de comprimento por 29^m,38 de largura, estando a fachada voltada para o Sul: compunha-se de uma grande escadaria de um portico, e de uma vasta sala cujo tecto era sustentado por 16 columnas. Á roda d'esta, havia outras salas maiores; nas inscripções esculpidas nas hombreiras das janellas, que eram construidas inteiriças, lê-se o nome do architecto chamado *Ardosta.* Nota-se uma singularidade n'este palacio, é que as esculpturas que ornam as hombreiras das portas indicam a applicação de cada uma d'estas casas, que compunha o edificio; assim as casas dos guardas tinham figuras com a lança na mão; a porta que conduz do portico á grande sala central, mostra o rei com o sceptro na mão direita, de estatura colossal, envolto nas pregas magnificas dos seus compridos vestidos. Nas outras casas vêem-se representados servos com jarros, toalhas ou lenços, rozas e objectos destinados á thurificação.

O maior monumento do vastissimo terraço de Persepolis era a sala do throno com 76^m, quadrados, situada entre a sala de Xerxes e o palacio de Darius, sendo construido este edificio com enormes pedras de marmore. As suas paredes têem 3^m de grossura; sobre as faces lateraes havia porticos 16 columnas postas em dois renques: sobre cada lado collocaram nove nichos; as portas principaes tinham 4^m de largura. Era o edificio coberto em forma pyramidal, formando um aspecto de harmonia com o effeito pittoresco e magestoso na reunião d'este grandioso e extraordinario terraço chamado pelos Arabes *Hezarsontoun*, ou das 1:000 columnas.

A transferencia do centro do imperio da Persia para Babylonia, causou grande damno a Persepolis; pois a prosperidade das artes liberaes e o seu maior desenvolvimento, unicamente se póde conseguir, aonde houver mais vida, mais riqueza e civilisação; em todos os tempos e em todos os paizes, é na cabeça dos imperios, é sómente nas capitaes das nações poderosas e cultas, que ellas podem brilhar, deixando para a posteridade obras de nome a fim de merecerem das gerações futuras uma justa fama e admiração.

BALBECK

Posto que os monumentos que nos resta examinar pertencentes á região da Asia não sejam da mais remota antiguidade; todavia elles são bastante interessantes para a historia da architectura além de serem essas grandiosas construcções dignas da admiração dos artistas. A historia não nos conservado a descripção d'ellas e apenas a lembrança do nomeado paiz. Deve-se mais a esses monumentos do que aos historiadores, conhecermos a sua existencia; pois sómente em 1751 a Europa soube que em Balbeck haviam ruinas de magestosos edificios.

Ignora-se o estado que podia ter tido Balbeck nos tempos primitivos. Esta antiga cidade situada na Celesiria, ou *Syria ouca*, está entre a cidade

de Damasco e Tripoli e 3 kilometros a separam de uma a outra.

Esta cidade parece ter tirado o seu culto, assim como o seu nome, de *Héliopolis* do Egypto. O *Sabeismo*, ou culto dos Astros, tão espalhado na Asia, tambem se ajuntaram as praticas egypcias. Balbeck significa em lingua syriaca, *Cidade de Bal*, isto é, do Sol. Resulta pois do seu nome, que o Sol tinha sido o objecto do seu culto, e que os templos sumptuosos, dos quaes ainda se vêem os vestigios, foram erectos a este astro divinisado.

Póde-se calcular em uma legua o ambito dos muros que Balbeck tem ainda hoje. Estas muralhas, assim como as da maior parte das antigas cidades da Asia, parecem ser o trabalho mal irmanado de differentes seculos.

O grande Templo do Sol de Balbeck póde rivalisar com os Templos Egypcios pelo lado da extensão, pois tinha de comprimento 192 metros e de largura 96.

Uma columnada composta de 12 columnas, flanqueadas por dois corpos ornados de pilastras, dava entrada em um magnifico *Pronoas* ou Vestibulo.

O interior d'este portico está ornado com 3 portas e nichos compostos de duas ordens, e ornados com columnas do feitio de tabernaculos. Esta especie de decoração é geral nos monumentos de Balbeck. Por detraz das portas encontra-se um pateo hexagono de 40^{m},92 de diametro: em roda ha uma correnteza de edificios arruinados, com destino ás escolas e aos aposentos dos sacerdotes do Sol.

No extremo d'este pateo ha uma abertura, por onde se descobre a mais vasta perspectiva de ruinas, cuja magnificencia sollicita a curiosidade. Subindo por uma rampa, que na primitiva era uma escadaria, encontra-se um pateo quadrado de 115^{m},50 por 110^{m},88. Ao primeiro golpe de vista descobrem-se no fundo d'este pateo 6 colossaes columnas que se destacam do horisonte. Uma outra fila de columnas se encontra á esquerda e indica o peristilo do Templo. Sete edificios formam uma especie de galeria sobre cada um dos lados do pateo.

Atravessando este grande pateo chega-se ao logar do proprio Templo, onde estão as 6 grandiosas columnas. É então que se avalia toda a temeridade da sua elevação e a grandeza excessiva do seu diametro. O pateo tem de circumferencia 8^{m},14 e 15,84 de cumprimento. A altura total comprehende o entablamento de 23^{m},76.

Estranha-se á primeira vista, vêr esta magestosa ruina assim solitaria e sem haver outra edificação que a acompanhasse; porém, examinando e terreno descobre-se logo uma fiada de bases do columnas, que formam um plano quadrado de 90^{m},64.

Nota-se o tamanho de 3 grandissimas pedras que, reunidas, têem de comprimento 60^{m},50. Suppõe-se que o nome de *Trilithon* dado a este Templo, tivesse sido por causa da grandeza d'estas tres pedras.

O grande Templo de Balbeck, assim como os outros edificios, não apresentam outra ordem de architectura senão a *Corinthia;* o que prova que a construcção d'estes monumentos pertence á 3.ª época da Architectura Romana.

O segundo Templo, situado para a parte Meridional da cidade, tem 2 renques de columnas no *Pronaos* e um só dos lados assim como no portico têem as columnas 14^{m},52 e 5^{m},16 de circumferencia na parte inferior: de cada lado da porta do Templo ha uma escada que conduz ao cimo do edificio. O interior d'este Templo tem 18^{m},70 de largo por 36^{m},30 de comprido; dos lados das paredes ha columnas corinthias estriadas por entre as arcarias.

A architectura nunca produziu nada de mais rico do que a construcção d'este monumento. Todos os membros na parte interna estão cobertos de ornamentos, sendo a profusão excessiva. As archivoltas, os profis dos nichos, os frisos, os caixotões, estão enriquecidos de tudo aquillo que o luxo da arte póde imaginar de mais sumptuoso. Porém a porta é ainda superior em belleza, opulencia e perfeição das esculpturas representando flôres, fructas e um friso com espigas de trigo de uma execução admiravel. No sofita uma aguia representando o Sol a que o Templo era dedicado, tem de cada lado dois genios alados significando os zefiros que cooperam com o astro do dia para produzir a fertilidade e abundancia. O caducêu que a aguia tem entre as garras, indica o commercio e riqueza, que são o resultado propicio concedido pela creadora Natureza.

Seria bem interessante para a historia da architectura da arte monumental, poder determinar de uma maneira positiva a época dos monumentos de Balbeck. Se consultarmos unicamente a analogia do estylo e o gosto alli seguido, póde-se suppôr esta construcção do seculo de Aureliano, que viu tambem elevarem-se os Templos de Palmyra. Descortina-se em uns como nos outros, a sua architectura ter chegado a essa idade proxima da velhice, onde o fausto e a riqueza procuravam supprir a perda da belleza; mas como a architectura toma necessariamente a tendencia do gosto dos differentes povos onde ella se acha transferida, o luxo da Asia introduziu-se nos monumentos de Balbeck em logar da agradavel simplicidade do estylo grego, devendo-se attribuir a isso a causa da alteração da pureza da sua origem.

(Continúa). J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 5, pag. 79)

Tambem muitas vezes se collocavam as reliquias da Sagrada madeira n'uma cruz com uma simples travessa.

As reliquias da verdadeira Cruz, encerradas n'uma cruzeta, muitas vezes com duas travessas, eram tambem muitas vezes emmolduradas n'uma placa metallica ricamente ornada e fixa sobre um centro de madeira. Estes relicarios, com a fórma d'um pequeno quadro rectangular ou d'um triptyco, eram mettidos em ricos estojos guarnecidos de esmaltes, filigranas e pedras preciosas.

Não eram só os relicarios de madeira da verdadeira Cruz, que tinham a fórma d'uma cruz com duas travessas horisontaes; os proprios edificios em que se conservavam estes relicarios eram muitas vezes encimados com uma cruz do mesmo genero. Nas parochias em que os campanarios tinham a dita cruz, eram collocadas sobre os tumulos n'ellas existentes, cruzes de madeira ou de pedra com a mesma fórma.

Urnas. A urna é uma especie d'um cofre dentro do qual são guardadas as reliquias d'um Santo. O emprego das urnas vulgarisou-se desde o XI seculo. Ha-as *grandes* e *pequenas*. As grandes urnas têem o feitio d'um pequeno edificio rectangular, com a fórma de telhado de duas vertentes; ha algumas, como a dos Reis Magos em Colonia, que imitam uma egreja com as suas paredes exteriores.

Em geral são cobertas de placas de metal ornadas com filigranas, esmaltes e pedrarias. Christo lançando a benção, sentado ou em pé, só ou no meio de dois Santos, occupa ordinariamente uma das faces extremas, e na outra face a Santissima Virgem entre dois Santos cujas reliquias a urna encerra. As faces lateraes são divididas por arcadas de volta inteira ou abatida, debaixo das quaes se vêem as figuras dos Apostolos ou de outros Santos; emfim, as vertentes da imitação de telhado são decoradas com baixos relevos. Os esmaltes servem de caixilhos aos differentes assumptos e cobrem tanto as archivoltas como as columnas das arcadas. Ha tambem urnas exclusivamente feitas de placas esmaltadas.

As urnas pequenas, muito triviaes nos seculos XII e XIII, têem a fórma d'um cofre oblongo, coberto com uma tampa semelhante a um telhado de duas aguas. Compõem-se em geral de placas de cobre vermelho, esmaltadas segundo o processo do buril. Tanto as quatro faces da urna, como a tampa são adornadas de figuras e algumas vezes com assumptos completos. Merecem attenção as figuras pela gravura em relevo ou pelo seu modo de execução especial.

Sobre muitas d'estas urnas se vêem em relevo as cabeças e as mãos ou sómente as cabeças; nas mais antigas, em vez de serem simplesmente gravadas, são incrustadas de esmalte.

De ordinario o trabalho é rude e barbaro e o desenho deixa muito a desejar com relação a correcção.

A tampa é geralmente terminada por uma lamina de cobre recortada em fórma de crista.

Pertencem em geral estas urnas ao trabalho dos esmaltadores de Limoges.

Tambem se têem encontrado urnas romanas de pedra, marfim e mesmo de madeira.

Estatuetas, bustos, braços, pés, etc. No seculo X começou-se a collocar as reliquias em estatuetas, bustos, ou relicarios de metal ricamente ornamentados e imitando a fórma do corpo humano a que ellas haviam pertencido. Assim, quando queriam guardar os ossos d'um pé, ou d'um braço, dava-se ao relicario a fórma de qualquer d'estes dois modelos. Continuaram a usar-se estes relicarios durante os seculos seguintes, tornando-se bastante vulgares.

Urnas de marfim. Encontram-se, com frequencia, nos thesouros das egrejas e nas collecções de objectos antigos, cofres de marfim cobertos de esculpturas decorativas e legendarias. As que offerecem assumptos religiosos ou alguns signaes do symbolismo christão, e que por consequencia foram executadas para o serviço do culto, são extremamente raras. Isto prova que primitivamente eram destinadas aos usos profanos, por exemplo, para guarda joias. No entanto não é para admirar que se encontrem nas egrejas, pois que umas foram cedidas ás egrejas como obras artisticas offerecidas por bemfeitores generosos; outras, executadas no Oriente, serviram aos cavalleiros cruzados para trazerem as reliquias de Constantinopla e da Terra Santa. As reliquias vindas do Oriente, ficaram encerradas em pequenos cofres, adquiridos por alto preço no Egypto, na Syria e na Asia Menor. Estes pequenos cofres, que sahiam de officinas musulmanas ou indianas, são regularmente cobertos de figuras geometricas, de arabescos de animaes phantasticos e algumas vezes de inscripções Orientaes.

Frascos de crystal de rocha. D'entre os varios objectos de que os cruzados se serviam como relicarios, para trazerem reliquias para o Occidente,

devemos especialmente mencionar os pequenos frascos de crystal de rocha. Estes frascos, cuja altura raras vezes excedia dez centimetros, eram ou muito simples ou com fórmas de animaes phantasticos. Muitos estiveram guardados, durante o periodo ogival, em ricos estojos de ouro ou de prata.

Diversos relicarios. Ha-os com diversas fórmas architecturaes imitando, em metal ou em marfim, as principaes partes das egrejas romans, e até mesmo as dos edificios civis.

Corôas suspensas nos altares. Estas corôas, conhecidas com o nome de *votivas*, eram por devoção offerecidas a Deus e aos Santos, ou em cumprimento de algum voto. Já existiam durante o periodo latino; como então, compunham-se de um circulo de metal precioso, muitas vezes adornado com o brilho de pedrarias e de esmaltes. Fabricou-se grande numero d'estas corôas directamente para o serviço dos altares; todavia os antigos chronistas designam-nas tambem muitos como offertas feitas por reis e principes, de corôas de ouro e de prata e que elles precedentemente cingiam como insignia da realeza.

Corôas para luzes. As corôas para luzes continuaram a usar-se durante o periodo roman e as mais bellas que a idade media nos legou são d'esta época.

Todas estas corôas, guarnecidas de torres e ameias, parecem alludir á visão de que falla S. João no capitulo XXI do Apocalypse. *Deus me mostrará a santa cidade de Jerusalem, que desceu do Céu, mandada por Deus...* representada por uma alta muralha, franqueada por doze portas; vendo-se a estas portas doze anjos, e tendo gravados os nomes das doze tribus de Israel. As portas ficavam tres ao Oriente, tres ao Norte, tres ao Sul e tres ao Occidente. A muralha tinha doze socalcos, em que se achavam gravados os nomes dos doze Apostolos.

Suspendiam-se estas corôas no côro proximo do altar e tambem no ponto de intersecção da nave com o transepte, quando eram muito grandes.

A corôa para lûzes de Aix-la-Chapelle tem oito metros de circumferencia; é composta de oito arcos de circulo unindo-se de maneira que formam angulos reintrantes. Estes angulos são guarnecidos de lanternas em fórma de torrinhas redondas, havendo, no ponto medio de cada arco de circulo, uma torre quadrada maior. Entre cada torrinha podem ser collocadas tres vellas; como são dezeseis torres, oito quadradas e oito redondas, a corôa póde receber quarenta e oito luzes em todo o seu circuito. Duas inscripções latinas se lêem em torno do circulo metallico, indicando a data do XII seculo em que foi dada á egreja de Aix-la-Chapelle pelo imperador Frederico Barba-rôxa.

Cruzes de altar e para as procissões. Até ao final do XV seculo, não havia distincção alguma entre as cruzes do altar e as procissionarias ou estacionarias. A mesma cruz servia para ambos os fins; collocava-se sobre o altar fixando-a em uma peanha, trazia-se em procissão na extremidade de uma vara comprida.

As cruzes de altar romans, ordinariamente de cobre, de prata ou mesmo de ouro, teem em geral apenas uma só cruzeta; as mais antigas são de fórma Trina, e cravejadas de perolas ou de variadas pedrarias. Mais tarde, no XI e no XII seculos, são então compostas com a imagem de Christo, sendo os ramos da cruz de desiguaes dimensões, isto é, deixam de ter a fórma Trina.

Grande parte das cruzes de altar romans são de cobre vermelho adornado com esmaltes entalhados ao buril, outras compõem-sede simples laminas de cobre sobre as quaes se reproduzem em esmalte a imagem do Divino crucificado ou outros symbolos religiosos. Muitas cruzes são formadas de madeira, tendo as duas faces ou só a principal revestidas com placas esmaltadas. A imagem de Christo era representada n'estas cruzes e em alto-relevo. O *perizonium*, que cobre os rins e a corôa que cinge a cabeça do Salvador, são ordinariamente esmaltados e os olhos representados por fragmentos de vidro azul.

No fim do periodo roman, as peanhas em que se fixavam as cruzes para as collocar sobre o altar eram muitas vezes de uma riqueza notavel; algumas eram de fórma triangular, a mais geral; e outras tinham quatro faces. Em cada um dos quatro angulos, d'estas ultimas, apresentam um Evangelista escrevendo textos relativos á vida ou á morte do Salvador. Queria se d'este modo symbolisar a diffusão, pela prédica do Evangelho, da Fé em Jesus-Christo, Redemptor do genero humano.

Candelabros. Os candelabros eram em geral pequenos e terminavam na sua parte superior por uma dirandella ponteaguda. A fórma d'estes candelabros do XII seculo, varia pouco; consta em geral de um pé assente sobre tres patas de leão ou em tres corpos de dragão; um nó de folhagens ou de dragões enroscados; e uma dirandella bastante concava, sustentada por tres ou quatro pequenos animaes phantasticos que se assimilham aos dragões ou aos lagartos com azas.

O contraste que existe entre os pequenos candelabros de outro tempo e os que actualmente se empregam de excessiva altura, explica-se da seguinte maneira: deram aos candelabros e ciriaes uma tão descommunal altura que obrigaram a substituir as antigas velas de cêra por um cirial simulado e accrescentado com uma vela. Não devemos esquecer que os ciriaes se accendem em homenagem ao Crucifixo ou ao Santissimo Sacramento, e que por

tanto não devem exceder em altura o tabernaculo. Comprehende-se, pois, a razão por que um candelabro de altar é maior e mais monumental que outro qualquer de sala.

Candelabros para o Cirio Pascal. Tinham uma altura bastante consideravel.

A ornamentação d'estes candelabros, destinados a sustentar o Cirio Pascal, era analoga á dos candelabros de altar. N'elles se encontram, tanto no pé como na dirandella, os dragões e os lagartos com azas (geralmente no numero de tres), as folhagens e os florões. Em alguns, tambem se representavam varios personagens e diversos outros assumptos nas facetas do pé.

Candelabros de sete braços. Estes candelabros sempre de bronze, usavam-se desde o periodo roman, e talves antes. Destinados, sem duvida, a fazer recordar o antigo candelabro dos israelitas, são tambem muito elevados. O pé, o nó e os ramos eram ordinariamente ornados.

Os braços estão collocados, em geral, no mesmo plano, tres de cada lado da haste central e as dirandellas tambem se encontram ao mesmo nivel.

Evangeliarios. Durante o periodo roman, trataram, como até ali, de reproduzir o mais correctamente possivel, o texto Sagrado; e continuaram do mesmo modo a transcrever os exemplares de luxo com lettras de ouro sobre velino branco ou côr de purpura.

As Biblias completas e os evangeliarios, isto é, os manuscriptos em que se encerra o texto dos quatro Evangelhos, são em geral ornados com um grande numero de miniaturas representando personagens e assumptos do Novo e Velho Testamentos, e até mesmo alguns factos legendarios. Todavia, nos mais antigos manuscriptos o numero das illustrações é geralmente muito menor que nos do XI e XII seculos. Encontra-se com frequencia, na parte superior de cada Evangelho, a figura do Evangelista, sentado e escrevendo o seu livro.

Egualmente se encontram na parte superior de quasi todos os Evangeliarios, miniaturas que occupam muitas paginas, consistindo em arcadas sobre columnas, agrupadas ás tres e ás quatro, sob um arco commum que abrange toda a largura da pagina; em cada arcada lêem-se series de numeros collocados uns debaixo dos outros.

Estas columnatas formam o que se chamam os *canhões d'Euzebio* ou de *concordancia Evangelica.* Foram compostas por Euzebio de Cezaréa para facilitar o estudo comparativo dos Evangelhos, e consistem em quadros que indicam, por meio de algarismos escriptos na mesma linha horisontal em duas ou mais arcadas, as citações dos Evangelhos com relação ao mesmo objecto.

São dez: o primeiro indica todos os logares communs aos quatro Evangelhos; o segundo, os que se não lêem senão em S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas; o terceiro, o que é referido por S. Matheus, S. Lucas e S. João; o quarto, as passagens comparativas de S. Matheus, S. Marcos e S. João; o quinto, o accordo de S. Matheus com S. Lucas; o sexto, de S. Matheus com S. Marcos; o setimo, de S. Matheus com S. João; o oitavo, de S. Lucas com S. Marcos; o nono, de S. Lucas com S. João; emfim o decimo, sob differentes series, o que cada evangelista escreveu de particular.

Cada Evangelho tem á margem, com tinta preta por ordem numerica, a indicação de todos os versos que o compõem; e inferiormente a cada verso está notado a encarnado o numero do canhão a que se tem de recorrer para encontrar a concordancia.

Capas evangeliarias. Durante o periodo roman as capas dos livros lithurgicos tinham ordinariamente um comprimento dobrado ou triplicado da largura. Comtudo já havia n'essa epoca encadernações que se approximavam sensivelmente da fórma quadrada, que foi a que mais tarde prevaleceu.

As capas dos livros romanos são de metal e tambem de marfim; acontecendo muitas vezes reunirem estas duas materias na mesma capa, ou servindo de caixilho a uma placa de marfim quadrada ou rectangular e com relevos metallicos.

Os assumptos que mais trivialmente se encontram sobre as capas dos evangelhos são: 1.° O Salvador, sentado ou de pé, lançando a benção e collocado n'uma aureola oval; 2.° A crucificação de Christo; 3.° A Santissima Virgem com o menino Jesus; 4.° Scenas tiradas da historia do novo Testamento.

Os symbolos dos Evangelistas occupam quasi sempre os quatro angulos das capas.

Para o fim do periodo romano, tambem frequentemente se empregaram, como capas de livros lithurgicos, placas esmaltadas, oblongas, rectangulares, fabricadas em Limoges, representando a crucificação do Senhor, com as figuras accessorias.

Thuribulos. É provavel que nos primeiros seculos fossem simples vasos com grande diametro e um peso consideravel.

Dos thuribulos anteriores ao XI seculo apenas temos conhecimento pelas pinturas das paredes e pelas miniaturas dos manuscriptos.

São d'uma simplicidade notavel; têem, como todos os que se lhes seguiram, a fórma espheroidal.

No XI e XII seculo apparecem thuribulos mais ricos.

Caldeirinhas d'agua benta portateis. Estas caldeirinhas serviam para levar agua benta aos imperadores, aos reis e outros grandes personagens no momento em que entravam na egreja. Têem a fórma d'um cóne troncado e invertido.

Geralmente são de pequenas dimensões, não excedendo 20 centimetros em altura.

Tambem as ha de marfim e outras de metal. A maior parte tem exteriormente duas ordens sobrepostas de figuras em relevo, representando assumptos religiosos, figuras de Santos ou symbolos.

Pentes lithurgicos. Os padres eram obrigados a pentear os cabellos e a barba antes de celebrar o Officio Divino. O uso dos pentes lithurgicos existiu até ao XVI seculo, e ainda nos nossos dias se emprega o pente na Sagração dos Bispos.

Os pentes lithurgicos são geralmente d'osso ou de marfim e tambem algumas vezes de madeira.

Uns são maiores do que outros; os maiores são guarnecidos com duas ordens oppostas de dentes, tendo uma com mais finissimos dentes. O espaço comprehendido entre as duas ordens de dentes é em geral esculpido: os pentes de menores dimensões teem apenas uma ordem de dentes, srndo egualmente mais ou menos ricamente esculpidos.

Cadeiras. O uso da cadeira, *cathedra*, foi durante muito tempo considerado como uma prerogativa dos Papas, dos Bispos e dos Soberanos temporaes.

No fim do periodo Latino e no começo do Roman, as cadeiras eram por vezes feitas á imitação da cadeira *curúl* dos Romanos, a qual era formada de duas dobradiças em fórma de X, entre as quaes assentava um coxim. Os ramos das dobradiças d'esta especie de cadeiras romans são ordinariamente terminados, superiormente, por cabeças d'animaes e inferiormente por patas ou garras; como tambem succede com as cadeiras curúes mais ricamente esculpidas.

As cadeiras romans têem d'ordinario a forma d'um cofre rectangular, não tendo costas nem tão pouco braços. Adornavam-nas com incrustações de marfim, ouro, prata ou outros metaes; eram estofadas de preciosos brilhantes e damascos. As cadeiras de costas altas são raras.

Baculos pastoraes. Desde os primeiros seculos que os Bispos impunham o bastão pastoral como insignia da sua dignidade. Mais tarde foi este privilegio extensivo aos abbades dos grandes mosteiros.

Os bastões pastoraes mais antigos eram de duas fórmas diversas: havia o bastão em fórma de muleta e o bastão em *voluta*. O primeiro, pela sua similhança com a letra T (a que os gregos chamavam *tau*) é conhecido pelo nome de *bastão* ou baculo em fórma de *tau*. O cabo ou travessa ordinariamente de marfim é todo esculpido.

Os baculos de *voluta* que ainda hoje existem, datam do XII seculo. A fórma que tinham antes d'esta epocha sabe-se pelas esculpturas, pinturas e miniaturas.

Não nos parece que se encontrem Bispos empunhando o baculo em monumentos cuja data seja anterior ao ultimo quartel do X seculo.

No seculo XII e até mesmo já durante a ultima metade do seculo XI, é que se começaram a usar os *baculos de voluta*. São tambem d'esta epocha os *bastões de metal* ornados de pedrarias d'esmaltes e filigranas.

A voluta de quasi todos os baculos do XII seculo termina por uma cabeça de serpente ou de dragão encimada por uma cruz, ou lutando com o Divino Cordeiro armado com o signal da redempção. As volutas terminando em florão são por emquanto raras n'esta época, assim como tambem aquellas que têem representadas scenas historicas.

Attribue-se geralmente aos baculos pastoraes e a todas as suas differentes partes, uma significação symbolica.— O baculo representa o bordão do Pastor espiritual, do Bispo na sua diocese e do abbade no seu mosteiro. A haste é recta para recordar ao Prelado a rectidão da governação; a ponteira de metal é o emblema da justa severidade com que deve reprimir os rebeldes, e a voluta recurvada symbolisa a bondade como as almas são attrahidas para o bem pelas consolações. A voluta do baculo voltada para o peito, indica a jurisdicção interna dos Abbades; voltada para fóra, mostra a auctoridade dos Prelados.

Sapatos lithurgicos. Estes sapatos, que desde os primeiros seculos são considerados como uma das principaes insignias dos Bispos e dos abbades, tinham o nome de sandalias, *sandalia*, e eram em geral de fórma identica. Constavam de uma solla de coiro ordinario, d'uma gaspea e de dois quartos.

A gaspea era de coiro e recortada muito profundamente a formar uma especie de lingueta, *lingua*, e quatro apendices, *ligulae*, em fórma de orelhas atravez das quaes passavam os cordões. As seis chanfraduras, formadas por estas orelhas, fizeram dar á gaspea o nome de *coiro fenestrado*, *corium fenestratum*, por affectarem a fórma de aberturas dos rotulos de janellas.

Tanto a gaspea como os quartos tinham um grande numero de furos, os quaes bem como as chanfraduras da gaspea tinham uma significação symbolica.

As sandalias são guarnecidas. inferiormente, por uma solla e superiormente por um pedaço de cabedal chanfrado ou fenestrado, porque os pés dos prégadores devem ser resguardados inferiormente para se não sujarem nas coisas terrestres conforme as palavras do Senhor — *Sacudi o pó de vossos pés* — ; são descobertos pela parte superior para que lhes seja revelado o conhecimento dos celestiaes mysterios, segundo estas palavras do propheta: «Desvendae-me os olhos e considerareis as maravilhas da tua Lei».

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Obras de Gravuras e Esculpturas Prehistorica.

Estampa 87. 89

A gaspea e os quartos eram ordinariamente bordados a ouro e seda e até mesmo de pedras preciosas.

Mitras. As mitras de dois bicos eram desconhecidas até ao fim do XI seculo. D'antes os Bispos usavam algumas vezes uma corôa ou grinalda de laminas de metal, cravejada de pedras, debaixo da qual elles punham um barrete pouco elevado ou um pedaço rectangular de seda ou de tela, cujas extremidades, ordinariamente bastante compridas, fluctuavam livremente sobre as costas.

No fim do XI seculo, a cobertura collocada por debaixo da corôa tornou-se mais alta de maneira que formava ou uma especie de touca ponteaguda ou dois lobulos obtusos ou arredondados e pouco tempo depois duas agudas pontas. N'esta mesma epocha foi substituido o circulo de metal por fachas de pergaminho primorosamente pintadas e as extremidades fluctuantes do pedaço de tela por duas fachas compridas e estreitas, que se chamam *fanons.*

Alfaias preciosas. Tecidos. Durante os primeiros seculos da era christã, os tecidos de seda apenas se fabricavam no Oriente.

Mas no periodo roman continuou a Europa a mandar vir todos os tecidos preciosos de Constantinopla, da Grecia, da Asia Menor e da Persia.

Comtudo, no seculo IX, os Mouros introduziram a cultura do bicho de seda no Sul da Hespanha, e a começar do seculo seguinte, a pequena cidade de Almeria, situada a pequena distancia de Malaga sobre as costas do Mediterraneo, tornou-se um importante centro de industria de seda, cujos productos da Europa eram procurados.

Em seguida á expulsão dos musulmanos no anno de 1146 ou 1147, as fabricas de seda tambem se desinvolveram muito na ilha da Sicilia, e o commercio de tecidos de seda tornou-se extremamente florescente e prospero, graças aos intelligentes esforços do rei normando Roger, secundado na sua empreza por operarios trazidos da Grecia na escolta d'uma expedição militar. Os tecidos d'ouro e seda, fabricados na celebre manufactura official de Palermo, e conhecida pelo nome de *Hotel de Tiraz*, foram os mais estimados durante toda a edade media.

Os tecidos do periodo roman, geralmente encorpados e solidos, são uns lisos e outros ornados de desenhos representando animaes, plantas, flôres e fructos, empregados apenas como decoração, sem a menor intenção de symbolismo. Os estofos produzidos pelas fabricas musulmanas, tinham tambem ás vezes inscripções arabes; aquelles cujas decorações consistiam em assumptos biblicos ou symbolos christãos, fabricavam-se em Constantinopla, na Grecia e mais tarde egualmente na Sicilia.

Bordados. Os bordados continuaram a usar-se para reproduzirem assumptos religiosos quer em medalhões quer sobre umas fitas que applicavam ás velas d'altar e aos paramentos sacerdotaes. A arte de bordar fez consideraveis progressos durante o periodo roman. Encontram-se um grande numero de passamanarias inteiramente executadas á agulha «*acula pictae*» no XI e XII seculos.

Os bordados executados durante o periodo roman eram geralmente feitos em seda ou lã fina sobre uma talagarça de tela fina.

Paramentos sacerdotaes. No principio do periodo roman eram ainda desconhecidas as côres lithurgicas, e só se começaram a empregar no IX seculo tomando um certo desinvolvimento nos seculos seguintes, ao mesmo tempo que se fixou o seu symbolismo. A côr branca e a vermelha foram as primeiras adoptadas: aquella, como emblema da innocencia e da candura, servia nas festas do Salvador, da Santa Virgem, dos anjos, dos Santos que não morreram martyres e durante a Paschoa; o vermelho, symbolo da caridade e do heroismo, foi destinado aos martyres bem como ao Pentecostes, festas por excellencia do amor.

No XII seculo duas novas côres vieram augmentar as que já se usavam; o verde, symbolo da esperança, foi empregado aos domingos e nos dias de semana em que se não celebrava festa alguma de Santo e durante o tempo que decorre entre a Epiphania e a septuagesima, entre o Pentecostes e o Advento; o preto, signal de luto, foi reservado para a sexta feira Santa e para os officios funebres.

A principio, o uso d'estas differentes côres era facultativo; porém desde o final do XII seculo e ainda mais durante o seculo XIII, tornou-se obrigatorio.

Mais tarde, tambem se introduziu o uso da côr violeta, symbolisando *penitencia*, para o Advento, quaresma, temporas e vigilias.

A *casula* conservou, durante o periodo roman a mesma fórma que até ali havia tido, isto é, a d'uma veste dupla, sem mangas, e caindo livremente á roda do corpo.

(Continúa).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 87

GRAVADORES E ESCULPTORES PREHISTORICOS

As manifestações da arte de gravadores que havia começado no fim da época *solutréenne*, desenvolveram-se bastante durante a época *magdalenienne*, apparecendo com a fórma de esculpturas em alto relevo e de gravuras concavas, passando imperceptivelmente ao baixo relevo. Os materiaes

empregados pelos artistas, foram não sómente as pedras, mas tambem paus dos veados, ossos e marfim.

Na presente estampa reunimos differentes exemplares que fazem conhecidos os principaes trabalhos dos artistas prehistoricos, os quaes foram descobertos pelos archeologos na Europa. Já se admira o grau de sua nascente civilisação n'esses ensaios artisticos executados apenas com instrumentos de pedra!

(a) Exemplar de gravura, feita em arma de veado, representa um cavallo, executado de maneira mui tosca.

(b) Gravura sobre marfim, representando um *mammouth*, da época *magdalenienne*. A testa convexa, as defezas muito arqueadas, a cauda de feitio de ponta de chicote, e principalmente os compridos pellos, formando crinas, caidos entre a tromba e as mãos, dão realmente a conhecer o animal mammouth. Nota-se que o artista para achar o verdadeiro contorno do lombo, hesitou em imitar a sua exacta apparencia.

(c) Mão humana, gravada sobre um fragmento de dardo em arma de rangifer.

(d) Outro exemplar da mesma natureza e qualidade, notando-se estarem os braços cobertos de cabellos. Os artistas magdalenianos representavam as mãos só com quatro dedos, faltando em todas o dedo pollegar.

(e) Animal ruminante mostrando ter um golpe no peitoral, junto da mão esquerda; gravado em osso. O corpo tambem coberto de espesso pello.

(f) Cabeça humana gravada sobre arma de rangifer. A expressão do rosto é sardonica, a qual apparece em quasi todas as figuras de homens d'esta época.

(g) N'esta representação o artista compoz um painel completo, em que um homem está caçando o urso, atirando um arpão a um animal macho que foge. O artista tendo representado sufficientemente a expressão do rosto, não soube collocar convenientemente o braço direito; o homem está completamente coberto de pello. A gravura é feita sobre arma de rangifer.

(h) Um homem tendo um cajado sobre o hombro. Esta gravura está feita sobre um bastão de auctoridade, em arma de rangifer; mas a gravura é representada como se fosse em uma superficie plana. O homem é acompanhado por duas cabeças de cavallos e de uma serpente que está estendida pela parte que falta ao exemplar achado.

(i) Mulher gravida e núa. Vê se que o artista fez muitos esboços do ventre; que primeiramente lhe havia dado uma fórma exagerada. O ventre todo e ilhargas estão cobertos de pellos, assim como os braços. Por baixo da mulher ha duas pernas de rangifer, perfeitamente gravadas, mas de proporções sem relação com as do corpo da mulher: a mesma observação se faz com os outros desenhos em que este defeito se nota; o que não é para admirar em trabalhos de artistas, no alvorecer das bellas artes.

(j) Cabeças de vitellos gravadas sobre armas de rangifer. A face opposta d'este objecto, que é plana sobre os dois lados, está tambem ornada de gravuras de animaes. As esculpturas ornamentaes ondulosas que vestem as arestas, são destinadas a impedir que a mão possa escorregar n'este cabo de punhal.

(l) Grande urso das cavernas gravado sobre um seixo rodado de rocha crystallina. Todos os caracteres dos ursos estão perfeitamente assignalados. A testa é bojuda, deixa mesmo determinar a especie — *ursus spelœus*, — grande urso das cavernas, animal que data dos primeiros tempos do quaternario e que teria habitado os Pyrineus na época magdalenienna. Tamanho natural.

(m) Cabeça de uro gravada sobre osso. O uro como o rangifer, retiraram-se para o norte. Habitam presentemente na Siberia.

(n) Bastão de auctoridade, circular; gravado em arma de rangifer, com um buraco; era um distinctivo de chefe e um objecto de luxo, porque depois dos cabos de punhaes, era mais ornado de esculpturas e de gravuras. Este exemplar representa uma serie de quatro cavallos, uns atraz dos outros. Do lado opposto, havia tres. O buraco foi feito depois de se fazer a gravura e não foi previsto pelo artista, por isso cortou a cabeça de um cavallo de ambos os lados.

(o) Outro bastão gravado em arma de rangifer, com quatro buracos distantes uns dos outros. Suppõe-se que o numero de buracos indicaria o grau da auctoridade. Linhas gravadas com aspas ornam o contorno d'este objecto.

(p) Punhal em arma de rangifer. O cabo representa um rangifer esculpido. Para não molestar a mão, o animal está com a cabeça levantada e o nariz para o ar, de maneira qne apparece deitado de costas, e pelo mesmo motivo tem as mãos dobradas sobre o ventre como se quizesse saltar. Esta esculptura é muito bem executada; posto que feita com ingenuidade, todavia representa com verdade o animal. Os pés estão muito compridos, porém elles precisavam ligarem-se ao corpo do punhal. Nos cabos dos punhaes é que se executaram as mais notaveis esculpturas.

(q) Base de bastão de auctoridade esculpida em arma de rangifer com cabeças de touro e de vacca.

Quanto é para surprehender e admirar que taes homens com a sua rude comprehensão fossem os primeiros que iniciaram o desenho, a gravura e a es-

culptura, exercendo a sua inculta intelligencia, guiados sómente pelo exame ocular das fórmas dos animaes que caçavam e lhes serviam de alimento! Quantos esforços fariam para produzir os seus incorrectos desenhos! Grande foi o desejo de obter pela sua perseverante applicação copia d'elles, servindo-se de um simples seixo ou pedaço de osso e tendo por cinzel um tosco fragmento de silex, para as suas artisticas producções, que deviam mais tarde servir para desenvolver o talento dos futuros artistas. Essas portentosas obras prehistoricas teem para nós ainda muito maior merecimento, porque não só nos fazem conhecer o desenvolvimento progressivo da intelligencia, mas nos abriram horisontes onde o talento e o estudo das Bellas-Artes dotariam depois o mundo com obras de superior merecimento, afim de mais ennobrecer a nossa existencia e origem.

Merecidos louvores sejam dados aos insignes archeologos que fizeram esses descobrimentos e com tanto esmero conservaram os seus especimens como preciosas reliquias do talento dos primitivos habitantes do mundo.

POSSIDONIO DA SILVA.

CONGRESSOS INTERNACIONAES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, 1889 [1]

CONGRESSO DOS ARCHITECTOS

Por esta occasião a Sociedade Central dos Architectos de Paris havia organisado uma exposição dos bustos e retratos dos antigos architectos francezes e os projectos principaes que haviam delineado, a qual teve logar em 3 grandes salas da Escola de Bellas-Artes. No numero d'esses retratos estava tambem patente aos membros do congresso a effigie do architecto portuguez Butaca, o celebre artista que havia delineado e construido o afamado monumento de Belem, retrato que o architecto Possidonio da Silva havia offerecido e por sua mão entregára ao Instituto de França quando fora ao primeiro congresso internacional dos architectos de Paris em 1867. Esse retrato tinha-o elle descoberto e estava *escondido por baixo dos degraus do pulpito moderno*, que estupidamente haviam assentado contra o elegante pilar cylindrico que sustenta a temeraria abobada do grandioso cruzeiro da egreja do famoso monumento citado: figurando pois este antigo retrato do architecto portuguez entre os seus pares n'essa gloriosa exposição dos mais insignes architectos modernos.

Pela rapidez de se dispôr esta exposição, á ultima hora resolvi, tinham trocado o nome do architecto portuguez do monumento de Belem, dando-lhe o de outro abalisado artista nacional, Affonso Domingues, que havia construido a estupenda abobada da casa do capitulo no monumento da Batalha; mas o socio Possidonio da Silva notou esse engano ao presidente do Congresso para se corrigir a designação.

O Congresso Internacional para a protecção das Obras de Arte e dos monumentos, teve a sua primeira sessão em 24 de junho, á qual concorreram extraordinario numero de pessoas; sendo o discurso de abertura pronunciado pelo insigne architecto Mr. Carlos Garnier, membro do Instituto. O relatorio ácerca da origem e fins do Congresso, foi apresentado pelo secretario geral o architecto Mr. Carlos Normand, iniciador d'esta importante providencia civilisadora.

Na ordem do dia d'esta primeira sessão, estava indicado o architecto portuguez Possidonio da Silva para encetar as communicações sobre a organisação e classificação dos monumentos historicos de Portugal; occupando um logar, que lhetinha sido reservado na mesa do Congresso.

Este architecto principiou recordando que a França havia curado já d'este objecto em 1837, apresentando o ministro Mr. de Salvandi um projecto de lei para se dar a precisa protecção aos monumentos do seu paiz, o qual foi alterado em 1841.

Portanto não seria para estranhar, que Portugal não tendo alcançado o auge da civilisação franceza sómente em 1880 tivesse o Governo Portuguez pensado em providenciar ácerca da conservação dos seus monumentos historicos.

Relatou depois que o Governo havia proposto á Associação Real dos Architectos e Archeologos Portuguezes de lhe apresentar a classificação dos edificios publicos que deviam ficar designados *Monumentos Nacionaes*, havendo a Associação dividido em seis classes esses monumentos, conforme a sua importancia historica e artistica.

O governo adoptou e agradeceu o trabalho recebido e outro Ministro das Obras Publicas, resolveu pôr em execução essa util providencia de que havia tomado a iniciativa o seu antecessor.

Continuando pediu ao Congresso que se dignasse approvar que os nomes d'esses dois Ministros os srs. Saraiva de Carvalho e Hintze Ribeiro ficassem mencionados no *Compte-rendu* d'este Congresso como um devido apreço de reconhecimento por aquelle valioso serviço feito as Bellas-Artes; assim como por haverem olhado pela conservação d'estes perduraveis testemunhos historicos de sua nação e do merito artistico dos seus monumentos. Esta proposta foi aceite, ficando os nomes d'estes be-

[1] Veja-se o *Boletim* n.º 5, pag. 80.

nemeritos commemorados nos annaes scientificos da mais illustrada nação.

Occupou-se depois o mesmo artista em informar como tinha sido nomeado, por convite do Governo, para presidente da commissão conservadora dos monumentos nacionaes, havendo apresentado o relatorio circumstanciado da inspecção feita no paiz, bem como alvitres necessarios afim de se evitar a ruina de alguns; sendo encarregado egualmente de formar a collecção das plantas, alçados e cortes d'esses monumentos com a sua respectiva monographia para se formar um archivo artistico, historico archeologico nacional das diversas épocas de suas construcções etc.

Nas outras sessões o Congresso tratou os seguintes assumptos: Qual deveria ser a relação do ensino da arte para com a conservação dos monumentos; Providencias que deve haver para a conservação das obras de arte. Adopção da Cruz Vermelha para proteger os monumentos e as obras d'arte no tempo de guerra. Evitar que os canteiros escudem os monumentos para os apear. Inconvenientes de estabelecer largas ruas na proximidade dos monumentos publicos. Qual póde ser a influencia da educação artistica a respeito da conservação dos monumentos. De que maneira se deverá proceder nas restaurações dos monumentos de differentes estylos.

(Continúa) POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

A deputação nomeada em assembléa geral para ir ao paço de Belem e da Ajuda dar os sentimentos a el-rei o senhor D. Carlos e a sua magestade a rainha a senhora D. Maria Pia, pelo fallecimento de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz, de saudosa memoria, cumpriu a sua missão. Suas magestades agradeceram os sentimentos que a Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes lhes manifestou por aquelle infausto acontecimento.

Ao ministro da Republica Franceza em Lisboa, Mr. Billot, foi enviado o officio em que a nossa Associação agradecia ao governo d'aquella republica a offerta das photographias com que nos havia contemplado.

Foi entregue a sua magestade o imperador D. Pedro, pelo presidente da nossa Associação, o diploma de socio benemerito, como tinha sido votado por acclamação na sessão do mez de dezembro ultimo, e que sua magestade desejava levar comsigo, ficando muito satisfeito pela entrega do mesmo diploma, que agradeceu com a sua peculiar affabilidade.

A nova sociedade dos architectos civis francezes, de Leste da França, officiou á nossa real Associação, desejando poder considerar-se sua correspondente, officio a que a Associação dos architectos portuguezes gostosamente annuiu.

NOTICIARIO

A sociedade dos *Amigos dos Monumentos*, em Paris, recebeu grande numero de cartas de differentes paizes, pelos bons resultados obtidos no congresso internacional, para se conseguir de todas as nações que protejama conservação dos monumentos nacionaes.

Collocaram-se agora indicadores em diversas ruas de Paris, destinados a darem ao publico um certo numero de informações uteis.

Compõem-se de uma especie de *vitrine*, collocada sobre um varão de ferro, que está firmado sobre uma figura de creança em bronze. Esta *vitrine* tem quatro frentes; de noite é allumiada na parte interna, de maneira a facilitar a leitura das indicações que n'ella estão inscriptas.

A frente, do lado do passeio, está dividida em duas columnas; sobre a primeira acham-se inscriptos os nomes e as moradas dos deputados, vereadores, administradores de bairro, chefe da policia, juiz de paz, medico, parteiras, casa de auxilio de beneficencia, além das pharmacias, dentistas, veterinarios, casa de correio e telegraphos, bombeiros, bocas de incendio, estação de tramsways e de trens, refugio e asylo nocturno, hospital, chalet para necessidades, etc.; tudo que fica nas proximidades d'aquelle indicador.

Na segunda columna contém a lista das casas para alugar, com a declaração de quantas divisões tem e a data em que estarão desoccupadas, e por baixo das duas columnas, sobre toda a largura da *vitrine*, a lista dos habitantes d'aquella rua.

Uma importante descoberta se fez na base dos Alpes, no sitio de *Montauban* (Drôme). E' um thesouro de prata lavrada, da epoca romana, composto de seis peças: uma grande bandeja, um grande prato redondo, duas taças e dois pateres. A bandeja tem ao centro um medalhão, sobre o qual estão representadas, em baixo relevo, as tres Graças. Um dos pateres tem no fim do cabo uma figura de Mercurio; o outro tem ornatos de ouro, compostos de serpentes e delphins, e no cabo duas cabeças de cysne.

Em França deu-se a uma rua o nome do insigne architecto *Mr. Charles Garnier*, membro do instituto. E' por este modo que as nações as mais cultas avaliam e commemoram o merecimento dos artistas do seu paiz, é por esta justa homenagem publica, produzindo a emulação entre elles, que os artistas se esmeram por distinguir-se, e as bellas-artes alcançam novos triumphos.

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE — ANNO DE 1890 — TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Na sessão da nossa Real Associação de 22 de dezembro do anno findo, deliberou a assembléa geral, por proposta do sr. Possidonio da Silva, ser necessario fazer ao Governo uma representação, no sentido da que em seguida transcrevemos, que vae assignada por todos os socios da capital, tendo sido eleitos para a apresentar uma commissão composta do Ex.mo socio, sr. Conde de S. Januario, vice-presidente da Associação; do secretario da Archeologia, o sr. Visconde de Alemquer, e dos socios os srs. Conde de Almedina e Eduardo Augusto da Rocha Dias. A representação foi entregue pelo sr. Conde de S. Januario ao sr. Ministro das Obras Publicas e s. ex.ª mandou proceder ao orçamento respectivo, promettendo deferir ao pedido por completo.

SENHOR

No Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes existem monumento de subido valor archeologico e architectonico. A exposição permanente que d'elles se faz, constitue sem duvida um grande serviço que esta Associação, representada pelos abaixo assignados, está prestando á vulgarisação scientifica; mas, ainda assim, é grande a sua magua, porque das numerosas collecções, que possue, de instrumentos prehistoricos e outras verdadeiras preciosidades, que lhe teem sido offerecidas, nem todas se exhibem, com manifesto prejuizo dos estudiosos e acaso dando logar no animo dos generosos doadores, entre os quaes se encontram eminentes sabios estrangeiros, a uma suspeita de menos apreço, cuja sombra nem sequer desejamos que chegue a levantar se. A impossibilidade, a que nos referimos, provém de não haver actualmente nas duas salas destinadas ás *vitrines* o espaço necessario para a methodica e segura disposição de todos aquelles documentos interessantissimos á historia da humanidade; porém. tal impossibilidade facilmente desapparecerá, convertendo em sala do Museu a capella central do edificio. Para este fim torna-se indispensavel transportar d'ali a estatua da Senhora D. Maria I, varios sarcophagos e outros monumentos, que não se deterioram ao ar livre e que podem ficar perfeitamente no sitio das naves que não teem cobertura. Comtudo esta remoção e o arranjo da capella central demandam despezas, que, por mais restrictas que sejam, não as permitte a exiguidade da receita do nosso cofre.

N'estes termos a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, convencida de que o illustrado governo de Vossa Magestade não lhe denegará o auxilio que necessita para corresponder da melhor fórma á sua importante missão de cooperar no progresso scientifico, e para que o Museu por ella fundado não seja alvo de quaesquer censuras, já dos visitantes estrangeiros, já mesmo dos nacionaes, vem respeitosamente

Pedir, pelo Ministerio das Obras Publicas:

Primeiro — Que da capella central do edificio do Carmo em Lisboa, se mande remover a estatua da Senhora D. Maria I e outros monumentos ali existentes, sendo immediatamente, e com as devidas precauções para se não damnificarem no transporte, collocados nas naves do referido edificio. Segundo — Que na mesma capella central depois de convenientemente limpa, sem alterar o aspecto de vetustez que as paredes e o tecto devem conservar, se proceda aos seguintes melhoramentos urgentes e indispensaveis: assentamento de soalho, pintura e concerto de portas e caixilhos, bem como alguns resguardos tendentes a evitar que a nova sala seja prejudicada pelas aguas pluviaes.

E. R. M.cê

Joaquim Possidonio Narciso da Silva
Visconde de Alemquer
José de Saldanha Oliveira e Sousa
Zephyrino Brandão
Conde de S. Januario
Henrique Folque Possollo
Ignacio de Vilhena Barbosa
Joaquim Simões Margiochi
Francisco Simões Margiochi
Conde de Almedina
Antonio Florencio de Sousa Pinto
Valentim José Corrêa
Marquez de Vallada
Antonio da Costa Oliveira
Jacintho Eduardo de Brito Seixas
Barão de Fonte Bella
Luciano Cordeiro
Visconde de Melicio
Augusto Carlos Teixeira de Aragão
Luiz Gonzaga dos Reis Torgal
Alfredo Keil
Francisco Antonio Brandão
Mons. Alfredo Elviro dos Santos
Carlos Alexandre Munró
Visconde de Valmor
Marquez de Fronteira
João Antonio Pinto
Maximiano Monteiro
Visconde de Coruche
E. Casanova
Francisco Soares O'Sulivand
José Gregorio da Rosa Araujo
Manuel Velloso Armelim Junior
Visconde da Torre da Murta
Duque de Palmella
José da Cunha Porto
Jacintho Parreira
Costa Goodolphim
José Lamas
D. Antonio José de Mello
Antonio Pinto Bastos
Antonio Felix da Costa
José Antonio Gaspar
Joseph Benoliel
Gabriel Victor do Monte Pereira
Eduardo Augusto da Rocha Dias
José Caggiani
Theodoro da Motta
Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa
A. J. Duarte Nazareth
José Tedeschi
Duque de Loulé
Licinio da Silva
Ernesto da Silva
Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O nosso presado socio correspondente, o illustrado capitão sr. D. Pedro Berenguer, professor de mathematica na escola militar de Toledo, enviou-nos uma excellente descripção architectonica da celebre cathedral de Murcia. Expondo com um superior criterio a transformação do estylo ogival para o do renascimento, serviu-lhe de notavel exemplo a referida cathedral. O seu merecimento artistico não é muito conhecido em Hespanha; e por isso mais temos que agradecer ao nosso confrade archeologo

pela preferencia que deu aos socios da nossa Associação fazendo-lhes conhecer tão importante contrucção religiosa.

Os nossos cordeaes agradecimentos receba o talentoso auctor d'esta erudita analyse, e para não lhe diminuir o attractivo da sua redacção, damol-a no seu proprio idioma.

J. P. N. da Silva.

LA CAPILLA DEL MARQUÉS DE LOS VELEZ EN LA CATEDRAL DE MURCIA

Legado precioso que dejaron al templo catedral murciano como uno de sus principales ornamentos los insignes varones D. Juan Chacón y D. Pedro Faxardo, ofreciendo á las generaciones que habian de sucederles un testimonio de la fervorosa piedad con que los magnates de su época seguian la magnificencia de los reyes y prelados en las construcciones religiosas, un objecto de estudio en tiempos posteriores al artista y al arqueólogo, y enriqueciendo los anales de la esclarecida casa de los Velez y Villafranca con un *hecho de paz* tan célebre como pueden serlo los que en los mismos anales se registren de brillantes victorias alcanzadas en la guerra.

En efecto, la capilla cuyo nombre sirve de epígrafe á este estudio, presenta uno de los tipos mas acabados y ricos de la pompa y fausto con que la arquitectura ojival se despedia del mundo artístico en los últimos años del siglo XV y los primeros del XVI, para ceder su puesto á la del renacimiento.

Los elementos ornamentales y fórmas generales de este sistema, se mezclan apoyados por el afan de la novedad, á los característicos de su antecesor; al principio tímidamente; despues, de una manera mas determinada; y al comenzar el siglo XVI, con las tendencias dominantes que al fin alcanzaron el triunfo definitivo. Así se observa en las construcciones de esta época, abatido en general el arco ojivo y sustituido en los sitios principales por los semicirculares, y por los rebajados, ya elípticos, ya ovalos de tres centros cuyas cajitas y cuerdas se determinan entre si por relaciones tan grandes, que á la vez que en los extremos ó arranques resultan dos porciones de curva á lo sumo pronunciada y mezquina, la del centro aparece casi recta y comparativamente colosal, cuyas condiciones de trazado producen una forma nada elegante y bastante desagradable á la vista.

Semejante institución encontró tanto mas allanado el camino, cuanto la pureza con que la ojiva se ostentó y sostuvo casi sin competencia durante los siglos XIII y XIV, y primer tercio del XV, fué adulterada en lo sucesivo con los arcos trebolados y conopiales que el afan de innovar, siempre peligroso cuando es hecho sin reflexionar, introdujo como elemento preferible del ornamento arquitetónico.

Por otra parte, los pilares, ya exentos, ya entregados á los muros en sus planos, ó en los ángulos formados por sus encuentros, aunque conservan la disposición fasciculada que adquiriéron en el siglo XIV, la modifican aumentando, mezclando y adelgazando notablemente los baquetones cilíndricos y prismáticos presentando estos últimos bien su frente plana, ó bien sus angulos. Estos pilares se interrumpen con frecuencia y á cierta altura por ménsulas de complicado labor unas veces, y otras, aparentando ser sostenidas por animales de varias especies y en actitudes grotescas, destinados a soportar, ó que efectivamente soportan, estatuas cobijadas por las características y más ó menos afiligranadas torrecillas y marquesinas del genero ojival, reapareciendo por encima de ellas dichos pilares, casi siempre modificados en la combinacion que presentaron en su parte inferior y subiendo á ser ceñidos en forma de capitel por la faja general que circunda la parte superior de la obra, y cuya faja se halla á su vez dominada por una penacheria ó cresteria formada de caprichosos enlaces.

La que se contempla en nuestra catedral es de primoroso gusto. Sobre los capiteles arrancan, encorbandose, y al propio tiempo elevandose graciosa y gallardamente los arestones, que despues se esparcen, separan y vuelven á buscar, cruzandose, en numerosos y variados giros, formando vistosas combinaciones para sostener y fortificar los compartimientos en que dividen la bóveda general.

Por último, los paramentos de los fondos y costados de los grandes ornamentos que se destinaban á capillas ó enterramientos, se revestian profusamente de multitud de ornatos, como arcos ornamentales formado de gruesos baquetones, grecas, lazos, ingeniosisimas penetraciones, franjas huecas y caladas, ligeros trepados, largas lineas de pequeñas almenas, triforios y tribunas simuladas, antepechos con calados imitando las ondulaciones ascendientes de una llama, cuyo adorno, prodigado con cierta preferencia á la vez que otros, dió con ellos origen á la denominacion de gótico florido ó flamante con que Batissier y otros muchos franceses distinguieron al estilo ojival del tercero, y último periodo: no menos se multiplicaron los nichos y estatuas, los follages en que sobresalen las hojas de bena rizada, de cardo espinoso ó agudo, de la vid silvestre y de mil y mil otras especies indígenas, con que se decoraban las guarniciones de puertas y ventanas, impuestas y arquivueltas, introduciendo y enlazando con esto mismo follagen en el último periodo á que nos vinimos refiriendo, objetos decorativos propios del renacimiento en el estilo designado en España con el nombre de platería,

con jarroncitos, niños desnudos, animales fantásticos y de existencia real; pero de airosas formas unos y otros, y sin olvidar los frutos y flores y otros ornatos de que hasta entonces no se habia hecho aplicación; agregándose tanta prodigalidad y refinamiento de lujo, esmero y paciencia mas admirables, para conseguir todo el primor de ejecución de que es capaz el cincél mas delicado.

Tal era, pues, la fascinadora exornación y brillante pompa de que hacia tan ostentoso alarde la arquitectura ojival al tiempo mismo en que iba á ceder su dominación de mas de tres siglos, á otro sistema no menos fastoso, aunque mas risueño, siendo de este hecho la suntuosa capilla de que hemos hablado, un precioso testimonio y una de las mas ricas muestras; é indudablemente, bajo tal concepto y sin que la afirmación pueda tacharse de hiperbólica, un ejemplar de los mas notables, aunque poco conocido en España, si bien en muchas provincias se tienen noticias de su existencia, no tanto por su mérito general, cuanto por la cadena de piedra que ciñe á la obra por su parte exterior.

Pedro A. Berenguer.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

O nosso muito illustrado consocio o Sr. D. Rodrigo Amador de los Rios, prestou-se com a melhor vontade para decifrar as moedas de prata arabes que foram n'este anno achadas no Algarve, e que publicamos n'este *Boletim* para conhecimento dos nossos socios. Merecidos agradecimentos damos ao sabio epigraphista, cujo merecimento é admirado pelos archeologos dos paizes cultos.

Ad-dirhém de Abd-er-Rahmán III

Anverso — Arca:

لا اله الا	*No hay Dios sinó*
الله وحده	*Alláh único.*
لا شريك له	*No tiene semejante á él.*
قاسم	*Cassim*

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة ثلثين وثلث مابة *En el nombre de Alláh. Fué acuñado este ad-dirhém en Al-Andálus el año treinta y trescientos* (330 H. 941 á 942 de T. C.).

Reverso — Arca:

الامام	*El Imám*
الناصر لدين	*An-Nássir-li-din-*
الله عبد الرحمن	*-il-Láh Abd-ur-Rahmán*
امير المومنين	*Príncipe de los creyentes.*

Orla:

محمد رسول الله * ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على الدين كله ولو كره المشر[كون] *Mahoma es el enviado de Alláh. Envióle con la direccion y ley verdadera, á fin que la hiciese prevalecer sobre las religiones todas, á despecho de los infie[les].*

Ad-dirhém de Al-Hakém II

Anverso — Arca:

لا اله الا	*No hay Dios sinó*
الله وحده	*Alláh único.*
لا شريك له	*No tiene semejante á él.*

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بمدينة الزهرا سنة اربع وخمسين و... *En el nombre de Alláh. Fué acuñado este ad-dirhém en Medinat-Az-Zahrá el año cuatro y cincuenta y [trescientos]* (354 H. 965 T. C.)

Reverso — Arca:

عبد	*Abd-*
الامام الحكم	*El Imám Al-Hakém*
امير المومنين	*Príncipe de los creyentes*
المستنصر بالله	*Al-Mostanssir-bil-Láh-*
الرحمن	*-er-Rahmán.*

Orla: Mision profética de Mahoma, hasta ولو

Ad-dirhém de Al-Hakém II

Anverso — Arca: Como la moneda anterior.

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بمدينة الزهرا سنة ست وخمسين وثلث مابة *En el nombre de Alláh. Fué acuñado este ad-dirhém en Medinat-Az-Zahrá.*

el año seis y cincuenta y trescientos (396 H. 966 á 967 T. C.).

Reverso — Area: Igual al de la moneda anterior.

Orla: Mision profética de Mahoma completa.

Ad-dirhém borroso de Hixém II

Anverso — Arca: Como en las monedas anteriores.

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة تسع... [?]. *En el nombre de Alláh. Fué acuñado este ad-dirhém en Al-Andálus el año nueve*... [?] (389 H. 998 á 999 T. C.?). — No se lee la feeha en el caleo.

Reverso — Arca:

الامام هشام	*El Imám Hixém*
امير المومنين	*Príncipe de los creyentes*
المويد بالله	*Al-Muyyed-bil-Láh*
عامر	*Amir*

Orla: Mision profétiea de Mahoma hasta ولو segun parese entenderse en el caleo.

Madrid, 16 Marzo 1890. D. A. de los Rios.

ARTIGO DE UM NOVO DICCIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO

O nosso illustrado consocio, sr. Victorino d'Almada, residente em Elvas, está publicando uma obra importantissima, que tem por titulo: *Elementos para um diccionario de geographia e historia portugueza — concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando.*

Do 2.º volume d'este valioso trabalho transcrevemos o seguinte artigo que apreciamos devidamente, solicitando para elle a attenção dos nossos leitores:

Anta — Nome que vulgarmente se dá em Portugal aos monumentos megalithicos, que os archeologos denominam dolmens.

Compõe-se de grandes lagens aprumadas e dispostas em fórma proximamente circular com uma entrada e galeria; e, estendida horisontalmente sobre essas lagens, outra de maiores dimensões, que é como tecto d'esta casinha de granito.

Até certo tempo acreditou-se que os dolmens eram altares druidicos, sobre que immolavam as victimas nos sacrificios. A sua forma de mesa lhes fez dar o nome de *dolmins*, que em bretão lhe corresponde.

Hoje está de todo banida essa opinião, acreditando-se geralmente, que são tumulos, e obra de muitos povos e de muitas gerações.

O geographo Strabão, cujo livro, escripto poucos annos antes de Christo, chegou até nós, parece alludir a estas construcções quando trata da peninsula iberica, e particularmente do Promontorio sacro, hoje cabo de S. Vicente.

O trecho do viajante grego foi assim traduzido por um auctor antigo: «Sed lapides multis in locis ternos aut quaternos esse compositos, qui ab eo venientibus ex more a maioribus tradito convertantur, translatique finganlur.»

Outro auctor interpretou assim a mesma passagem: «Sed accumulatos passim lapides ternos, aut quaternos quos advenæ de regionis consuetudine advolvunt eos, ita migrasse mentientes.

Vimos ambas as versões transcriptas n'uma memoria que foi communicada á Academia de Historia em sessão de 30 de julho de 1733 por Martinho de Mendonça de Pina; o primeiro auctor portuguez, cremos, que tratou d'estes monumentos megalithicos, alludindo aos que então havia perto de Guilhaffonso, das Antas de Penalva, da Matança e da Carrapichana, na Beira, e ao de Niza, no Alemtejo.

Depois d'este academico, o padre Affonso da Madre de Deus Guerreiro tambem communicou á Academia, em 1734, a noticia da existencia de 315 antas em Portugal, as quaes, pela destruição de mais de metade, estão hoje reduzidas a 138, conforme declara o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, fundador e presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, na memoria que apresentou ao Congresso de Montpellier, em sessão de 30 de agosto de 1879, com o titulo de *Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal.*

N'essa memoria accusa o distincto archeologo a existencia dos seguintes dolmens na provincia do Alemtejo, a saber: Tisnada, Barrocal, Pinheiro do Campo, Amendoeirinha, Outeiro das Vinhas, Cabida, Zambujal, Pereira, Chaminé, Benespera, Peramanca, Amendoeira, Val-melhorado, Parede, Sempre-noiva, S. Pedro da Gafanhoeira, Candieiras, Mourão, Vidigueira, Castello de Vide, Sarrinha, Gafanheira, Freixo de Cima, Torre de Coelheiros, Barbacena, Aguiar, Lairinha, Degebe, Val de Moura, Antanhol, Ribeiro Melrico, Pombaes, Mouratão, Alcogulo, Milhar do Cabeço, Corleiros, Galhardos, Pedro Alvaro, Olheiros, Mourões, Gron, Crato, Vendas Novas, Paiva, Enxarrama, Venda do Duque, Monte Branco, Panasqueira, Algeda, Melides, Niza, Arrayolos, Barrocal, Monte do Outeiro, Murteira, Esgueira, e Ara-cœli.

Alguns d'estes nomes parece terem sido estro-

piados pelo compositor francez; e n'esta extensa lista encontram-se alguns que manifestamente pertencem a este concelho; uma parte de antas destruidas e outra parte de antas subsistentes, faltando a mencionarem-se outras, de que, parece, o sr. Possidonio da Silva não tinha até esse tempo noticia.

São 13 ao todo as que teem sido reconhecidas dentro do territorio d'este concelho, a saber:

1.º «Pedra d'Anta.»

2.º «Marco das sete fontes», ambas na herdade da Torre das Arcas.

3.º Anta á quinta do Botas.

4.º Anta á quinta de S. José ou do Sardinha.

5.º Anta a Val de Mouros.

6.º Anta na herdade das Caldeiras.

7.º «Pedras empinadas» na herdade de S. Raphael.

8.º e 9.º Antas na mesma herdade.

10.º Anta na courella das Covêtas.

11.º Anta na herdade do Soveral.

12.º Anta na coutada de Barbacena.

13.º Anta na herdade do Torrão.

Nos competentes logares daremos as noticias que de cada uma possuimos, advertindo desde já, que a melhor conservada, a que portanto merece ser vista pelos curiosos, é a da Coutada de Barbacena, a 2 km. oés-noroéste da villa d'este nome, á esquerda do caminho de Monforte, a qual conserva a mesa apoiada em duas pedras.

É esta uma das nomeadas pelo sr. Possidonio, e parece que por Pereira da Costa, nos *Monumentos prehistoricos*, que não podémos ainda ler.

A primeira que vimos, indo ali expressamente para esse fim com o pintor e esculptor catalão D. Luis Vermell, o qual nos deu noticia de muitas que achou nas suas peregrinações por Hespanha, foi a denominada «Pedra d'Anta» da edade da Torre das Arcas, em 1875, deparando-se-nos n'essa occasião tambem o «Marco das sete fontes» da mesma herdade.

Parte d'estas antas foram methodicamente exploradas, graças ás diligencias de Antonio Pires, pelo sr. Possidonio em setembro de 1881, e outra parte por mr. Emile de Cartailhac, commissionado pelo governo francez para o estudo d'estes monumentos na peninsula, em outubro do mesmo anno.

As descobertas confirmaram a existencia d'esqueletos antiquissimos e de diversos objectos d'uso prehistorico, accrescendo na anta principal de S. Raphael uma ponta de flecha de bronze, que o sr. Possidonio da Silva levou para o Museu do Carmo em Lisboa.

Outros objectos encontrados levou-os para França mr. Cartailhac, ficando apenas em Elvas uns fragmentos das ossadas, que ainda se guardam na secção archeologica e historica da bibliotheca municipal.

VICTORINO D'ALMADA.
socio effectivo

Nota—Os instrumentos descobertos n'este Dolmen pelo sr. Possidonio foram apresentados por elle no Congresso archeologico da Rochella em 1882, e apreciados pelos membros do Congresso = *Joias Celticas* — pela sua extrema delicadeza e perfeição do trabalho. — R.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 6, pag. 93)

As *casulas* mais ricas eram de seda, cravejadas de pedras, de perolas e bordadas a ouro, prata, seda ou lã, reproduzindo figuras geometricas, flôres, animaes, symbolos e assumptos religiosos. Estes ornatos espalhavam se muitas vezes por toda a casula; comtudo d'ordinario apenas occupavam as bandas verticaes longas e estreitas, chamadas *proetestae*, *listœ* ou *augusti clavi;* regularmente são duas, uma na frente e outra na parte posterior. Além do motivo decorativo que ellas tinham, estas bandas serviam ainda a um fim util, a de tapar as duas costuras precisas para dar feitio ao paramento. Duas outras fachas, egualmente estreitas, passavam sobre os hombros e vinham terminar nas bandas verticaes do peito e ao meio das costas, figurando, adiante e atraz, uma Cruz em fórma de Y.

Ha *casulas* antigas que não têem as fachas de juncção que passam sobre os hombros e cuja decoração se resume nas duas fachas verticaes. Algumas vezes tambem estas fachas são substituidas por arvores ou plantas com muitas ramificações.

As casulas de uso diario e as das egrejas mais modestas não eram de seda. materia de um preço excessivo n'essa época, mas sim de lã, tela ou outros tecidos mais baratos.

A *estola* consiste em uma facha comprida e estreita, de seda, de lã ou de tela, medindo em geral 2m,70 de comprimento sobre 6 a 7 centimetros de largura. Foi a partir do IX seculo, que ella tomou esta fórma e estas dimensões, que se approximam muito das que ainda hoje tem.

As escolas ricas eram ornadas de pedrarias bordadas, e placas de metal cinzeladas e esmaltadas, e terminavam nas pontas por longas franjas.

O *manipulo*, que d'antes consistia n'uma especie de toalha, com a qual os padres limpavam as mãos e a cara ou purificavam os vasos sagrados, só perdeu a fórma e o destino primitivo, durante o IX seculo, quando se tornou um verdadeiro paramento similhante á estola na fórma, côr e decoração.

A *capa* conservou, durante o periodo roman, a mesma fórma que tinha antes; especialmente reservada aos chantres e clero inferior, era feita com um tecido ordinario. Os Bispos só raras vezes a vestiam,

e por consequencia, não havia capas ricamente decoradas.

A *alva* era de linho mais ou menos fino e algumas vezes de seda branca. Havia duas especies de alva : as alvas sem ornatos, chamadas *albae purae* ou *simplices,* e as alvas guarnecidas, *albae paratae frisiatae.* As primeiras serviam nos dias ordinarios e nas egrejas de segunda ordem ; as outras eram usadas pelos Bispos e pelo clero, especialmente nos grandes dias de festa.

A decoração das alvas dos Bispos consistia apenas em certos ornatos em volta do pescoço, nas extremidades das mangas e no bordo inferior ; além de duas orlas parallelas verticaes que lembram as *augusti clavi* dos Romanos, e que descem dos pescoço até aos pés, tanto na frente como nas costas.

O *cinto* era geralmente ornamentado com grande luxo.

Muitos tecidos preciosos se fabricaram com fio d'ouro ; tendo a fórma d'uma grande fita de largura entre tres e seis centimetros, podendo-se mui facilmente assentar, em toda a sua largura, perolas, pedrarias e placas de metal cinzeladas e esmaltadas.

O *amicto* é composto d'um pedaço de panno quadrado ou rectangular, que o sacerdote põe na cabeça, quando começa a revestir-se, e que depois faz descer sobre o pescoço.

Os amictos eram em geral de panno de linho. No periodo roman tambem os havia de seda, e de fio d'ouro.

No xi seculo começaram os amictos, a ter um ornamento que se conservou em uso durante toda a edade média, e que recebeu o nome de — *parura-plaga* — e tambem, ás vezes o de — *proetestae.* Este adorno consistia, no seu principio, em uma tira rectangular d'ouro, de renda ou tecido de côr brilhante, que se pregava no bordo superior do amicto, e que formava em torno do pescoço uma especie de rico collar, visivel mesmo depois do sacerdote e os ministros sagrados terem revestido a casula ou a dalmatica. Algumas vezes tambem tinham como adorno perolas e pedras preciosas.

A *dalmatica* é o paramento sacerdotal para vestir por cima, pertencente ao diacono e sub-diacono. Consistia, durante o periodo roman, regularmente n'uma especie de toga fechada muito cumprida, com mangas e uma abertura para passar a cabeça. Duas faixas verticaes d'ouro ou de côr brilhante se applicavam, ás vezes, sobre a toga, prolongando-se até ao bordo inferior.

Do seculo xi em diante appareceram dalmaticas abertas nos dois lados até uma certa altura. Eram muitas vezes guarnecidas de faixas douradas em volta do pescoço, e nos canhões das mangas.

O *pallium* constituia entre os antigos o principal paramento de vestir por cima.

Deu-se com o pallio o mesmo que se havia dado com a estola, parte principal, e primittivamente essencial, isto é, o manto foi supprimido, e apenas se conservou o ornato accessorio, as faixas que se lhe applicaram. Estas uniam sobre o peito e sobre as costas, em fórma de Y, da mesma maneira que as *listae* em certas casulas.

Durante o periodo Latino já se decoravam as faixas do *pallium* com pequenas cruzes gregas. Estas cruzes, pouco numerosas a principio, foram-se multiplicando, insensivelmente, e desde o seculo xi que já se contavam muitas sobre toda a extensão das faixas.

Abbadias, Mosteiros e claustros dos Capitulos

Desde o viii seculo que se começaram a levantar estabelecimentos religiosos, compostos de numerosas construcções edificadas e dispostas com arte. Havia já egrejas, edificios para alojamento e exercicios dos frades, enfermarias, escholas, bibliothecas, hospedarias para os estrangeiros, celleiros, jardins, edificações destinadas aos aprovisionamentos, emfim habitações e officinas para as corporações d'artistas que as abbadias tinham sempre ao seu serviço.

Todos estes antigos mosteiros foram destruidos ou inteiramente modificados com o decorrer dos seculos.

Examinaremos as suas disposições anteriores, quando tratarmos do plano das abbadias do periodo ogival.

A principio os conegos das cathedraes e collegiaes viviam em communidade com os religiosos.

Os claustros das simples collegiaes eram ordinariamente, como os das abbadias, contiguos ás paredes meridionaes da egreja, porque a exposição ao sol do meio dia é a mais agradavel e a mais vantajosa para a saude. Por estas razões o lado sul nas cathedraes era occupado pelos palacios episcopaes, e os conegos viam-se obrigados a escolher o lado norte das egrejas, para edificarem os seus claustros.

Todavia, esta regra não era geral : existem muitos exemplos de claustros, tanto d'abbadias como de capitulos occupando outros logares. Estas excepções á regra geral são devidas a differentes causas, taes como a presença de ruas ou de construcções que era impossivel supprimir, e, nos paizes montanhosos, os accidentes do terreno que torneava a egreja.

Os claustros das egrejas monasticas, cathedraes, e collegiaes, compunham-se ordinariamente de um pateo quadrado ou rectangular, rodeado de galerias cobertas, que serviam de passeio aos religiosos e aos conegos.

Estas galerias, abertas para o lado do pateo,

eram comtudo d'elle separadas por meio de um apoio quasi continuo, sobre a qual vinham assentar as columnas com archivoltas, tornando a arcada toda continua. Os mais antigos claustros apenas tinham uma especie de ornamentação com as galerias cobertas d'um simples alpendre de madeira, cujo madeiramento só era visivel no interior. Desde o fim do x seculo foram estes alpendres substituidos por abobadas de berço com aresta, por baixo das quaes muitas vezes tambem se construía um pavimento.

Na maior parte dos claustros romans do xii seculo, as curvas descendentes das archivoltas são sustentadas por columnas duplas, cobertas por uma perna de telhado. Algumas vezes columnas isoladas alternam com columnas duplas.

Os claustros das cathedraes e das collegiaes eram como os das abbadias, rodeados de edificações indispensaveis para a vida commum dos conegos.

Debaixo d'essas galerias se abriam as portas do refeitorio, do dormitorio, da escola, e da sala capitular e outros locaes affectos ao serviço da communidade. Mais tarde, quando a vida commum foi abandonada pelos capitulos, as habitações privadas dos conegos occuparam, em torno das galerias, o logar d'estes differentes edificios.

A iconographia, isto é, a *sciencia das imagens*, occupa-se das representações figuradas devidas á esculptura, e, em geral, a todas as outras artes de modelar.

A gloria, o nimbo e a auréola. A gloria é um ornamento symbolisando uma nuvem luminosa, que os artistas da idade média põem em torno da cabeça ou do corpo d'um personagem, como attributo da santidade ou do poder. Quando ella não rodeia senão a cabeça, dá-se-lhe o nome de *nimbo;* quando rodeia o corpo inteiro, chama-se *auréola.*

O nimbo derivado da palavra latina *(nimbus)* é um adorno circular, e tambem ás vezes quadrado, oblongo ou triangular com que se costumam adornar as cabeças das figuras que representam as pessoas divinas, os santos e os homens revestidos de auctoridade suprema, quer civil, quer ecclesiastica. É costume collocal-o verticalmente na parte posterior da cabeça. Assim como a corôa é o signal da realeza, assim o nimbo é o da santidade ou da auctoridade.

O nimbo circular ou em fórma de disco é o symbolo de Deus, dos anjos e dos Santos; comtudo, quando circunda a cabeça d'alguma das pessoas divinas, o disco é regularmente ornado com uma cruz grega, de que apenas se vêem tres ramos, pelo que se chama nimbo crucifero. A cruz do nimbo crucifero deve ser vertical, e não inclinada como a cruz de Santo André. Muitos artistas, quando se servem do nimbo, commettem um erro, contra essa regra de iconographia. O nimbo crucifero é o symbolo caracteristico das pessoas divinas, mesmo quando apenas se representam por figuras symbolicas. Assim, por exemplo, a mão, symbolo do Pae Eterno, o cordeiro, symbolo do Filho Jesus Christo, e a pomba, symbolo do Espirito Santo, representam se sempre com o nimbo crucifero.

Os ramos do nimbo crucifero são geralmente bastante compridos e mais largos nas extremidades. O nimbo circular sem a cruz é o symbolo dos anjos e dos Santos do Novo Testamento. No Oriente tambem os Santos do Velho Testamento têem o nimbo, mas no Occidente não se segue essa pratica. As personificações das virtudes, das provincias e das cidades teem tambem o nimbo. Elle é egualmente concedido aos Papas, aos Imperadores, aos reis, e aos padres, quando são représentados administrando o Sacramento do baptismo, por isso que elles se acham n'estes casos revestidos d'uma auctoridade suprema.

Os personagens vivos depositarios da auctoridade suprema, eram tambem adornados com o nimbo quadrado ou rectangular. O nimbo é muitas vezes substituido pela corôa que se dá ás imagens esculpidas do Salvador crucificado ou da Virgem com seu Filho.

Origem do nimbo. Os pagãos já faziam uso do nimbo, para ornamentar os seus deuses e imperadores.

Assim se vê Trajano n'um baixo relevo do arco de Constantino e Antonio o Piedoso em uma moeda, confirmando o uso d'este emblema. Mas que época indicará a introducção do nimbo na iconographia christã? O nimbo parece só ter sido empregado pelos christãos depois da conversão de Constantino. Até este tempo não se conhece monumento algum authentico dos tres primeiros seculos, em que vejamos Christo ou os Santos adornados com o nimbo. Os mais antigos monumentos, de data determinada, em que este ornamento se acha empregado como signal iconographico, são os mosaicos de Roma e de Ravêna.

Ora foi da comparação d'estes differentes monumentos entre si que se conheceu terem sido as imagens do Salvador as primeiras que tiveram nimbo, em segundo logar as dos anjos, depois as dos evangelistas e seus symbolos e emfim as dos Santos e dos soberanos. As imagens de Nosso Senhor começaram a ter nimbo desde o principio do iv seculo; até ao vi seculo se vê o nimbo umas vezes simples, outras crucifero. A Santissima Virgem e os Anjos começaram a ter nimbo desde os primeiros annos do seculo v, os Evangelistas e os Apostolos no meado do mesmo seculo, os Santos e os personagens revestidos de auctoridade soberana no começo do seculo seguinte.

Auréola (palavra derivada do latim *aura, vento suave, sôpro luminoso)* é uma especie de moldura

que envolve todo o corpo como se fôsse o nimbo de corpo inteiro.

Os artistas da edade media dão auréola ás tres Pessoas Divinas e á Santissima Virgem e tambem ás almas dos Santos e principalmente á do pobre Lazaro, figuradas por um pequeno corpo inteiramente nú. A alma é assim deificada no momento em que volta ao seio do Creador.

Os Santos por mais venerados que sejam, nunca têem auréola.

Quando Deus Pae ou Deus Filho se representam sentados na auréola, os seus pés assentam em geral sobre um arco-iris, e sentados sobre um arco similhante.

Estes arco-iris são muitas vezes substituidos, o primeiro por um escabello rendilhado, e o segundo por uma especie de poltrona. Sendo a auréola mais recente do que o nimbo, caíu comtudo em desuso primeiramente do que este ultimo.

Representação da Santissima Trindade. Durante o periodo roman eram as pessoas da Santissima Trindade representadas de varios modos.

1.° — Para inculcar aos fieis o dogma da egualdade dos homens, representavam-se estes com fórmas inteiramente similhantes. Ás vezes tambem o Deus Filho se representa nos pés ou nas mãos, e o Espirito Santo é representado com a fórma d'uma pomba. As pessoas Divinas quando se representam com fórmas humanas, têem sempre nús os pés.

2.° — Tambem empregavam a representação do baptismo do Senhor nas aguas do Jordão, para figurar as pessoas da Santissima Trindade.

3.° — Nos ultimos annos do periodo roman representava-se a Santissima Trindade da maneira seguinte: Deus Pae, sentado n'um throno ou sobre um arco-iris, tendo nas mãos uma cruz na qual está crucificado o Salvador; o Espirito Santo, representado por uma pomba, apparece entre a bôca do Pae e a do Filho, para mostrar que o procede tanto d'um como do outro. Este typo foi conservado durante toda a idade media e mesmo até aos XVI e XVII seculos.

Comtudo a partir do XV seculo, deixou de se symbolisar o dogma da procissão do Espirito Santo, e collocava se a pomba ou no braço da cruz ou no hombro do Pae.

Representações das Tres Pessoas Divinas. Deus Pae. Até ao seculo XI, nunca se attribuiram a Deus Pae, fórmas humanas. A sua presença era apenas indicada por uma mão saindo das nuvens. Esta mão symbolica, primeiramente sem nimbo, e mais tarde com o nimbo simples ou crucifero, encontra-se nos sarcophagos e nos antigos cofres. Foi pois no XI seculo que Deus Pae começou a ser representado sob fórmas humanas

Deus Filho. Quando tratámos da iconographia das catacumbas, dissémos que durante os tres primeiros seculos, só se representava o Salvador, debaixo das fórmas symbolicas ou das scenas historicas. Já no IV seculo se encontram imagens isoladas do Salvador. Até ao X seculo, Christo representa-se muitas vezes com as feições d'um mancebo de quinze a vinte annos, sem barba, de figura agradavel e resplandecente d'uma mocidade Divina; só excepcionalmente Christo tem barba e parece não ter mais que vinte e cinco annos. No XI e XII seculos os artistas dão-lhe uma expressão mais severa; ordinariamente apresenta barba parecendo ter trinta a trinta e cinco annos.

Deus Espirito Santo. Até meiado do X seculo foi sempre representado com a fórma d'uma pomba; mas no XI e XII seculos começou tambem a ser figurado com a fórma humana.

A cruz e a crucificação

Considerações geraes. A historia da representação da crucificação póde resumir-se, dizendo que este assumpto não se encontra sobre os monumentos christãos e outros objectos do culto anteriores á conversão de Constantino; a cruz apresenta uma fórma dissimulada.

No IV seculo, a cruz fez a sua apparição na iconographia christã. Desde a conversão de Constantino foi então que appareceu sobre um grande numero de monumentos; mas até ao VI seculo ainda não tinha a imagem de Christo: era no emtanto adornada com pedrarias e ás vezes circumdada por uma auréola.

No VI seculo começam então alguns artistas christãos, ainda que timidamente, a representar o Salvador sobre a cruz. Primeiramente servem-se do Cordeiro symbolico, que elles representavam de differentes maneiras com o signal da redempção. Tambem se vêem cruzes tendo ao centro, e ás vezes nas extremidades dos braços uns medalhões com o Divino Cordeiro ou com a imagem do Salvador Triumphante.

Desde o VI até ao XI seculo representa-se o Salvador sobre a cruz com o fim manifesto de recordar o Seu Triumpho sem nunca indicar a minima idéa de soffrimento ou d'opprobrio.

Do XI ao XII seculo representa-se Christo crucificado, mas Glorioso e Triumphante, apesar de ser manifesta a idéa de soffrimento

Do XIII ao XV seculo, os artistas christãos, tendo mais ou menos em vista o symbolismo das épocas precedentes, esforçam se por patentear realmente os soffrimentos do Divino Crucificado.

Durante o periodo do renascimento, o culto da fórma e da realidade constitue por assim dizer a unica preoccupação do artista, que dominado pela idéa de expressar uma dôr vulgar ou de represen-

tar um corpo morto ou moribundo, perde todo o sentimento de nobre symbolismo.

A historia das representações da cruz e do crucifixo comprehende, pois, duas épocas distinctas: a primeira, que durou desde o IV ao XII seculo inclusivè, tem por caracter distinctivo a representação glorificada do instrumento da Paixão e da Victima, sem signal de que se tivesse prestado voluntariamente; a segunda, que começa no XIII seculo e termina no XIX, é caracterisada pela expressão dos soffrimentos do Divino Salvador.

A época do soffrimento corresponde ao periodo ogival e ao do renascimento.

No IV seculo a cruz é frequentemente encimada por um monogramma inscripto em uma corôa. Quando não tem o referido monogramma, (o que se dá principalmente desde o V seculo) ou tem os braços eguaes e mais largos nos extremos, ou é ornada de perolas em renques, ou ornada de flôres e folhagens, ou rodeiada de auréola. Ha todo o cuidado de apresentar na cruz qualquer ideia d'opprobrio ou d'ignominia; a cruz não é o instrumento de supplicio, mas sim, a cruz glorificada, o instrumento da Redempção do genero humano.

Estas diversas fórmas de cruz continuaram a usar-se até muito antes do periodo Roman.

Datam do ultimo quartel do VI seculo as primeiras imagens conhecidas do Salvador crucificado. Porém, entre a cruz simples e Crucifixo encontra-se uma serie de monumentos intermediarios, efferecendo a cruz associada ao Cordeiro symbolico.

Estas cruzes intermediarias, partindo da cruz sem figuras animadas, ao crucifixo propriamente dito, ainda se encontram em alguns monumentos do VII seculo.

Os mais antigos monumentos conhecidos que representam Christo pregado á cruz, pertencem ao ultimo quartel do seculo VI. Taes são a miniatura do celebre manuscripto syriaco de Florença, do anno 586, e muitos objectos enviados por S. Gregorio o Grande, a Theodolinda, rainha dos Longobardos e conservados hoje no thesouro de Monza. Alguns d'estes ultimos mostram-nos claramente Christo na cruz, ao passo que outros, taes como os frascos de chumbo que continham liquidos recolhidos dos tumulos dos martyres, não fazem mais do que relacionar a imagem de Christo com a cruz, d'uma maneira muito mais sensivel do que a cruz do imperador Justino e outros objectos similhantes, Tres d'estes curiosos frascos teem ao meio da face principal uma simples cruz folheada, acima da qual se acha o busto do Salvador entre as personificações do Sol e da Lua; aos lados da cruz vêem-se dois adoradores, os dois ladrões, a Santissima Virgem e S. João; inferiormente está figurado o Anjo e as Santas mulheres ao pé do tumulo de Christo.

No reverso acha-se a Ascenção do Senhor, nos dois lados do gargalo uma cruz grega de braços eguaes debaixo d'um arco de triumpho e inscripto n'uma corôa folheada. Sobre o quarto frasco figuram scenas symbolicas analogas: está Nosso Senhor em pé entre os dois ladrões, tendo os braços estendidos em cruz. O instrumento do supplicio, que não se vê na face principal, é comtudo representado no reverso do frasco, debaixo d'um arco de triumpho, e cercado pelas cabeças dos Apostolos inscriptas em medalhões circulares e formando uma especie de corôa. Conclue se, pois, que o artista christão foi obrigado primiramente a não representar a menor idéa de opprobrio e soffrimento; para isto elle transformou a cruz tornando-a de braços eguaes, ornando a de folhagens e metamorphoseando-a em arvore da vida: quiz affirmar o triumpho alcançado com a morte, por Aquelle que morreu sobre a cruz, recordando a Resurreição e Ascensão do Salvador.

Os crucifixos primitivos não têem quasi nunca Christo esculpido em alto relevo.

Christo está vestido com um *colobium*, ou tunica, ordinariamente sem mangas, que chega até aos pés. O uso d'esta longa veste serviu exclusivamente durante o VII seculo e generalisou-se no IX seculo. N'esta época foi substituida por uma tunica larga cobrindo os rins do Salvador.

Christo tem sempre a cabeça elevada ou ligeiramente inclinada para a direita e os braços estendidos e perfeitamente horisontaes. Os pés estão pregados separadamente á cruz por dois cravos e muitas vezes apoiados sobre um escabello, ou suppedaneum. Algumas vezes parece serem supprimidos os cravos com a intenção manifesta de significar que o Christo se offereceu voluntaria e espontaneamente sobre a cruz para a redempção dos homens.

Desde o VI seculo até ao VIII, a scena da crucifixão é muitas vezes acompanhada de personagens e outros accessorios fundados na verdade historica, mas que se representam, bem como a imagem de Christo, de uma maneira symbolica. Assim vemos a Santissima Virgem e S. João, o phariseu que empunha a lança e o que segura a esponja, o Sol e a Lua, a resurreição do Salvador, o bom e o mau ladrão. Todos estes accessorios, com excepção do bom e do mau ladrão, se encontram ainda representados nos crucifixos do seculo VIII.

O sacrificio da crucifixão e os crucifixos do seculo IX até ao XII, apresentam Christo na mesma attitude que nos seculos precedentes. Os pés conservam-se ainda com dois cravos, mas afastados um do outro e assentes geralmente em um — *suppedaneum*.

Foi no XII seculo que appareceram os primeiros crucifixos apresentando Christo com os pés *sobrepostos*.

Christo poucas vezes se encontra vestido com o *colobium ;* apenas em geral tem á volta dos rins uma toalha de linho larga e comprida, que lhe cobre o corpo desde os quadris até aos joelhos. Nos seculos XI e XII, esta toalha tem muitas vezes a configuração d'uma pequena saia que se chama — *perizonium.*

A Cruz tem geralmente quatro ramos.

Algumas vezes tem um rotulo, mas sem inscripção alguma ; outras, nem mesmo tem rotulo, que em geral consiste n'uma pequena travessa de madeira rectangular. As inscripções costumam ser variadissimas.

Antes do seculo IX, os personagens e outros accessorios que acompanham a Cruz, são historicos, isto é, a sua presença é justificada pela narração dos proprios Evangelistas. No IX seculo começaram então a apparecer os crucifixos com figuras allegoricas, taes como a Egreja, a Synagoga e as personificações da terra e do Oceano. Vamos, pois, tratar successivamente dos principaes typos do cyclo d'estas representações, começando pelos accessorios historicos, visto que elles se empregam desde o VI seculo.

Personagens e accessorios historicos

A Santissima Virgem e S. João — Santa Maria está á direita e por debaixo da Cruz, e o Apostolo em posição analoga, mas á esquerda do Salvador. Só muito raramente se encontram ambos do lado direito, como succede na miniatura de Florença.

Ordinariamente estão como que erguendo os braços ao Salvador ou occultam o rosto em signal de dôr com a mão núa ou escondida na ponta do manto. A Santissima Virgem tem a cabeça envolvida em um veu e os pés calçados, em quanto que S. João, de cabeça descoberta e com os pés descalços, tem nas mãos um livro.

O phariseu que empunha a lança e segura a esponja. — Ha uma piedosa tradição, desde a idade media, em que se diz que o guarda que feriu o Salvador com uma lançada, era um pagão chamado *Longino*, que mais tarde se fizera christão, sendo depois venerado como Santo pela Egreja.

Quasi todos os escriptores ecclesiasticos consideram Longino representado ao lado da Cruz com o typo dos gentios, em quanto que o phariseu que apresentou a Jesu-Christo a esponja embebida em vinagre parece ser um judeu.

O Sol e a Lua. — No seculo VI, tambem estes astros começaram a ser representados no sacrificio da crucifixão, vendo-se o Sol á direita e a Lua á esquerda do Senhor.

A presença do Sol e da Lua n'estes primitivos monumentos, parece ter por fim recordar o obscurecimento do Sol e as trevas que subitamente se deram em seguida á morte do Salvador.

No seculo IX, a significação, ainda limitada e puramente historica d'este assumpto, foi amplificada com outra mais allegorica, desde essa época. O Sol e a Lua não alludem sómente á obscuridade que envolveu a Terra por occasião da morte de Christo, simulam tambem o firmamento assistindo e tomando parte na morte e no triumpho do seu Creador.

N'este mesmo seculo os dois astros são quasi sempre personificados e representados por um homem e uma mulher. A personificação do Sol tem regularmente a cabeça cingida de raios luminosos, a da Lua é em geral encimada por um crescente. Uma e outra teem ás vezes um facho.

As santas mulheres chegando ao tumulo do Salvador. — Desde o VI até ao XII seculo, apparece muitas vezes, por debaixo do crucifixo, a approximação, ao tumulo, das tres santas mulheres, Maria Magdalena, Maria, mãe de S. Thiago, e Salomé. Ellas seguram jarros, thuribulos ou outros vasos, e estão diante do Anjo, sentadas, não dentro do sepulchro, como diz o Evangelho, mas diante d'elle. Muitas vezes figuram-se tambem soldados desfallecidos ou adormecidos.

A reproducção d'esta scena na parte inferior da Cruz era para pôr em parallelo a humilhação e a glorificação do Salvador, a sua morte sobre a Cruz e a sua resurreição gloriosa.

A resurreição dos mortos e a sua sahida do tumulo. — Durante o seculo IX figurava-se muitas vezes ao pé da Cruz a Resurreição dos mortos que se deu por occasião da morte de Jesus Christo, segundo narra o Evangelho.

Os tumulos d'onde sahiram os resuscitados têem a fórma de pequenos edificios, geralmente armados com uma capella, mais raramente d'um frontão triangular ou d'um telhado de duas aguas. Nada havia que mais se prestasse a proclamar a victoria alcançada contra a morte de Nosso Senhor expirando sobre a Cruz, como a Resurreição dos mortos.

Personagens e accessorios allegoricos

A Egreja e a Synagoga. Desde o seculo IX até ao XII encontram-se, sobre a maior parte das representações ds Sacrificio da Cruz, personificações da Egreja e da Synagoga. Tinham ellas por fim recordar aos Christãos a reproducção do povo d'Israel e a vocação dos infieis a Fé da Egreja Christã. A Egreja, quasi sempre á direita da Cruz, é representada por uma mulher com uma bandeira e aparando n'um calix o sangue que corre da chaga de Nosso Senhor feita no lado direito. A Synagoga é representada por uma mulher com uma bandeira e tambem ás vezes uma palma. Está collocada á

esquerda do Salvador com as costas voltadas para o Senhor, e algumas vezes parece afastar-se lançando olhares de insulto e de cólera.

O Oceano e a Terra.— Os artistas romans collocavam frequentemente sobre o marfim e sobre as miniaturas dos manuscriptos, no pé da Cruz ou inferiormente a toda a composição, as personificações do Oceano e da Terra, tiradas da mythologia.

(Continúa). POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 87 90

A historia da architectura não designa a epocha certa em que foi construido o templo de Vesta em Tivoli. Corre a supposição de ter sido edificado na ultima época da republica de Roma, isto é, entre Silla e Augusto, mas essa época refere-se sómente á sua restauração.

A estampa d'este numero do Boletim tem um maximo interesse, pois é para comprovar pelas fórma differentes dos capiteis corinthios das Ordens romana e grega, que o capitel do templo de Vesta em Tivoli não é d'esse mesmo typo, como era vulgarmente acreditado; pois comparando-os vê-se que, não só pela sua especial composição como pela qualidade do material em que foi esculpido, não pertence á mesma época do desenvolvimento da arte, ou na Grecia ou em Roma, como vamos dar desenvolvida explicação.

Na estampa estão representados: um capitel corinthio-greco-romano (A); outro capitel corinthio de Marsalia (B), e um outro de Sagunto (C), outro (D), do templo de Vesta, o qual differe do primeiro e veiu dotar a arte com um exemplar mais remoto que os modelos classicos, não sendo menos bello na sua fórma e composição do que os outros que até ao presente se julgava serem os unicos typos das duas respectivas ordens de architectura.

Pelo capitel E em escala maior e completamente restaurado melhor se apreciará a sua belleza e caracter especial.

Um distincto architecto italiano tendo modernamente, com rigoroso escrupulo, examinado todos os detalhes com observação constante, reconheceu, sobretudo pela fórma do capitel das columnas que circumdam a *cella* do templo de Vesta, que era da mesma fórma do que foi agora descoberto na antiga Lilibeu, demonstrando que esta fórma de capitel constitue um *especimen* caracteristico de uma architectura que estivera primitivamente em uso, e especialmente na Sicilia desde o tempo mais remoto, eque ficara confundido o *seu typo* na historia da arte conjunctamente com a architectura Romana.

Esta fórma de capitel encontra-se egualmente na antiga Solunto, Cora e Palestrina, cidades que preexistiram da fundação de Roma; assim como um grande numero se vê em Pompea, sendo sempre lavrada em cantaria macia e menos compacta da localidade, e *nunca executada em marmore*, cuja qualidade era completamente desconhecida na architectura grega.

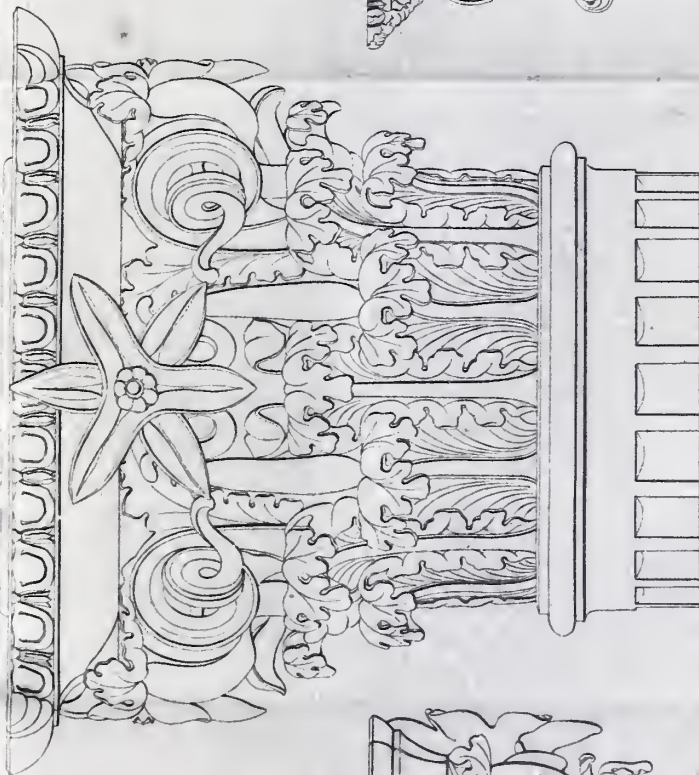
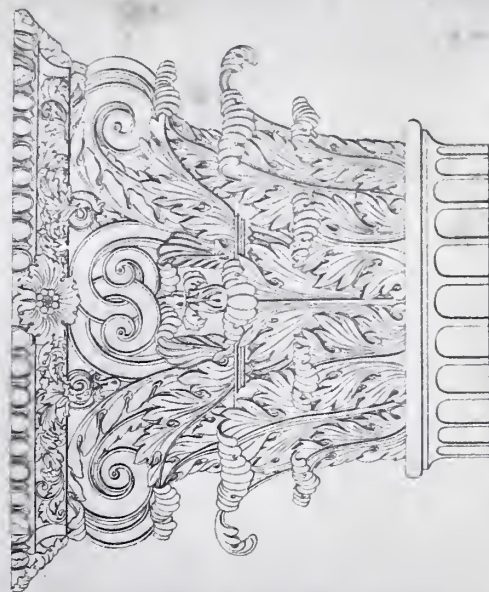
Ha só dois typos differentes na Italia e na Grecia, da Ordem Corinthia, isto é; os dos monumentos da época do imperio romano e do monumento corographo de Lysicrates em Athenas, os quaes não se podem confundir com a fórma d'aquelle de Tivoli; nem tão pouco com os similhantes das outras cidades já citadas, nem com aquelle descoberto ultimamente em Lilibeu.

Não se precisa ser um architecto conhecedor do estudo do antigo para designar a verdadeira escola da arte; basta que seja sómente um esclarecido amador de architectura que lance o olhar sobre o capitel em questão e comparando o com os das figuras **1**, **2**, **3**, **4** da estampa, achará logo a differença no typo pela sua composição e caracter differente; porém Tivoli, Preneste, Cora, Salunto, Pompea, cidades egualmente muitissimo remotas da Italia, conservam tambem todas exemplares do typo indicado estando sempre esculpido na pedra da localidade com a execução mais ou menos apurada; nenhum fragmento de similhante qualidade e fórma se encontra na Grecia.

O exemplo de Tivoli é certamente um d'aquelles em que a arte teria chegado ao seu apogêo, sendo essa rara antigualha assás preciosa que merecia ser conservada dentro d'um estojo de crystal, pois é um especimen de um valor inestimavel, que se póde considerar unico na architectura.

Além do typo do seu capitel, vê-se tambem a Ordem completa que tem a fórma e caracter differente da que pertence ao estylo grego, mostrando a sua grandiosa cornija cheia de ornamentação e esculpida no marmore, a origem da sua romana execução.

Os diversos fragmentos que se encontram d'esta Ordem na remota cidade conservam o mesmo caracter architectonico. Em Salunto ha outro capitel com uma base e fragmento de fuste tudo similhante ao feitio de Tivoli. Em Pompeia muitos outros fragmentos se encontram esculpidos na *lava* imitando o mesmo caracter, fazendo ver que em tempo muito antigo a Sicilia e a cidade de Lacio tinham tido uma identica civilisação, que havia produzido uma arte propria: portanto não se pode de modo algum sustentar que a fórma especial da referida Ordem fosse vinda para Italia da Grecia, onde absolutamente ella não existe, como já expozemos. E se por ventura se quizesse reconhecer haver alguma relação de similhança entre as duas Ordens Italico-

corinthia e Greco-corinthia, seria isto motivado pela commum origem das duas civilisações Hellenica e Romana de origem Pelagica.

Entrámos com mais desenvolvimento na explicação da estampa, pelo singular interesse que deve causar aos nossos leitores este importante e inesperado descobrimento architectonico.

Possidonio da Silva.

CONGRESSOS INTERNACIONAES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, 1889

(Continuado do n.º 6, pag. 96)

Todos os annos acceito o convite da associação franceza de Archeologia para a conservação dos monumentos á qual se reunem nas differentes provincias da republica, tendo-se escolhido agora a cidade de *Evreux*, pela occasião da exposição universal de Paris no anno de 1889, para n'esse anno ter logar o seu congresso: portanto aproveitei a minha estada em França, para tomar parte tambem nos seus trabalhos.

A cidade de Evreux fica distante da capital, 25 kilometros, e não obstante estar um pouco cançado por concorrer na mesma occasião a outros congressos na capital, mas sendo instado pelo digno presidente, mr. conde de Marsy, para assistir á ultima sessão do congresso da sua associação, da qual sou tambem socio ha 24 annos, não podia escusar-me a aceitar esse distincto convite. No dia 7 de julho, de manhã, tomei logar no comboio dos caminhos de ferro, que se destinava áquella cidade, chegando á estação ás 10 horas, onde alguns membros do congresso me esperavam, sendo o sr. conde Carlos Lair quem representava o presidente d'este congresso. Fui recebido com a maior amabilidade e demonstrações muito lisongeiras, acompanhando-me ao grande hotel onde os membros do congresso estavam hospedados. Saiu ao meu encontro o illustrado amigo, mr. de Marsy, e depois de haver-me apresentado aos meus confrades, foi servido o almoço, pois haviam tido a delicadeza de esperar pela minha chegada. Finda a refeição, alguns socios me foram mostrar a cidade, na qual ha para admirar a afamada cathedral do estylo ogival em que a sua bella architectura chama a attenção do architecto, e as esplendidas vidraças pintadas de suas amplas janellas do coro, encantam o archeologo ao contemplal-as, tanto pela grandiosa composição com que foram delineados os assumptos, e como principalmente pela superior belleza do colorido, cujo exame nos maravilha.

Fomos depois ver o museu archeologico, que occupa um edificio apropriado e encerra objectos diversos de subido interesse artistico, e sobretudo um antiquissimo reliquario de madeira, que são raros de egual merecimento; todavia o que produz notavel admiração é uma estatua, em bronze, de Jupiter, obra romana antiga, sendo de um moldado tão real e de execução superior, que me fez exclamar: *Não é para surprehender que os romanos adorassem as estatuas dos seus deuses, quando os artistas lhes apresentavam obras tão sublimes!*

Caminhámos depois para o edificio do lyceu, onde a sessão se effectuou no amphitheatro, no qual estavam grande numero de socios francezes dos departamentos, assim como archeologos da Suissa, Belgica e jovens inglezes, além de algumas formosas senhoras.

O presidente deu-me logar na meza ao seu lado direito; fez-me a honra de me apresentar á assembléa com palavras que me penhoraram sobremaneira e confundiram a minha humilde pessoa.

Principiou a sessão depois de ser lido o expediente; annunciou o presidente que eu desejava apresentar instrumentos prehistoricos, que se haviam descoberto em uma gruta em Portugal, semanas antes de ter saído de Lisboa com destino aos congressos de Paris, para os quaes havia sido convidado. Tive pois a palavra para informar sobre este achado.

Narrei que se fizera a referida descoberta entre o sitio da Batalha, logar tão afamado para a historia de Portugal, e a villa de Alcobaça, onde existe o vasto convento com cinco claustros e grandiosa egreja, na qual 900 frades faziam as suas orações, sendo este remoto edificio da era de 1070, principiado a construir por religiosos francezes da abbadia de Cister, que, por convite do 1.º rei portuguez D. Affonso Henriques, vieram ao paiz para levantar esta grandiosa fabrica religiosa, em memoria de se ter expulsado da cidade de Santarem os mouros em 1047. Foi pois na serra do Carvalhal d'Aljubarrota, existente entre essas duas localidades, que no mez de março de 1889 um caçador descobriu a entrada de uma grande gruta, estando a 300 metros de altitude, e havendo n'ella penetrado, admirou-se de vêr o seu comprimento assim como muita terra amontoada na sua parte mais horisontal: participou então o achado a um illustradissimo amador de antiguidades, o sr. Natividade, habitante de Alcobaça, o qual procedeu a exploral-a. Logo que isso me constou, fui examinar essa gruta, que é de grande extensão e estava figurada na planta que levantei. Na parte horisontal, quasi no seu comprimento, onde se procedeu ás escavações, foram achados diversos instrumentos neolithicos, mostrando pelas suas diversas fórmas ter sido habitada em differentes epocas e por dilatado tempo. O grande numero de utensilios e a extrema quantidade de

fragmentos e incompletos instrumentos de silex, que no mesmo sitio estavam amontoados sobre o solo, tudo indicava evidente mente ter havido ali uma grande officina prehistorica, e é sem duvida a mais importante achada em Portugal. Trouxe varios exemplares para serem examinados pelos membros do congresso; entre elles se notavam as serras em silex e os fragmentos de ceramica com lavor um pouco apurado; mas sobretudo um fragmento de placa de schisto com triangulos indicados a traço, como é geralmente o modo de se figurarem esses adornos, havendo todavia a particularidade de estarem os triangulos traçados dentro de *dois circulos concentricos*, quando o que se tem descoberto com este desenho fica entre linhas parallelas, sendo pois um especimen raro. Outro objecto que ainda causava maior admiração, que tambem apresentei, foi *uma delicadissima lanceta em cristal de rocha!* Os archeologos não ignoram que os primitivos homens prehistoricos sabiam praticar a operação do *trépano;* não será pois para estranhar que elles empregassem tambem a sangria para diminuir a febre, sendo de extraordinaria raridade encontrar-se aquelle delicado instrumento cirurgico. É para Portugal mais outra descoberta prehistorica, que reunida aos machados de bronze com duas azas e o *talon* cheio com as perolas de Calais e bellissimas ceramicas das grutas de Palmella lhe tem alcançado logar distincto a esses remotos vestigios da primitiva industria no mundo, pois não consta que tenham sido ainda descobertos em outra qualquer região. Havendo mostrado esses instrumentos aos insignes archeologos Messieurs de Quatrefages e de Mortillet, estes sabios ficaram admirados com semelhante e singular descobrimento. Esses exemplares foram examinados pelos membros d'este congresso, e será publicada no Boletim da sociedade a communicação archeologica que fiz, assim como a planta da referida gruta.

O distincto presidente agradeceu a interessante communicação sobre tão importante achado, louvando a incansavel perseverança com que continuava no desenvolvimento dos estudos archeologicos no nosso paiz e que era dever dos membros do congresso reunirem-se a elle para congratular o seu confrade e collega cavalheiro da Silva.

Antes de se concluirem os trabalhos, pediu este ao sr. presidente que lhe concedesse ainda a palavra, o que lhe foi concedido. Expressou-se pela seguinte forma: Esta benemerita associação rendeu uma merecida veneração ao meritissimo fundador d'este instituto, o insigne Mr. De Caumont a quem foi levantada uma estatua de bronze em Caen, terra de sua naturalidade; não é para admirar esse testemunho publico a este sabio archeologo, pois que a França tem por costume erigir em honra dos homens de superior saber um monumento que conserve para a posteridade a fama do nome e dos serviços prestados ao desenvolvimento de todas as faculdades intellectuaes; mas, senhores, eu supponho que isso não é ainda sufficiente para nós reconhecermos o extraordinario serviço com que Mr. De Caumont contribuiu para os nossos estudos, tendo sido o primeiro a publicar um tratado desenvolvido para se vulgarisarem os conhecimentos archeologicos; tratado aceite com geral aprazimento dos estudiosos de todos os paizes, sendo precisos 20:000 exemplares d'essa publicação, composta de 6 grandes volumes com mais 6 albuns em estampas de grande formato, para satisfazer o numero dos leitores dedicados a esses novos estudos em 1834! Portanto, senhores, eu tenho a honra de propôr que se mande tirar o molde da effigie da estatua de bronze de Mr. De Caumont, afim de se tirarem tantos bustos em gesso quantos forem precisos para serem offerecidos ás sociedades de archeologia de *todos os paizes*, e para esse fim serão convidados os seus respectivos socios *para todos concorrerem* com uma minima moeda de prata afim de se tornar geral essa merecida homenagem de reconhecimento ao sabio fundador dos estudos archeologicos na Europa, prestando todos nós reunidos por essa manifestação, não sómente a devida consideração ao merecimento do divulgador d'essa sciencia, mas ao mesmo tempo um testemunho de gratidão de todos que se teem dedicado a esses estudos. Não duvido que este sentimento não seja partilhado por todos os archeologos francezes, e eu meobrigo a que todos de Portugal se prestarão da melhor vontade a tomarem parte n'essa subscripção de tão sympathica e honrosa manifestação.

Com repetidos applausos foi aceite e approvado que se realisasse esta commemoração gloriosa á memoria do venerando fundador da sciencia archeologica na Europa,

Ás 7 horas teve logar o banquete, o que sempre é pratica no final dos congressos, estando á meza 108 archeologos; dando-se-me o logar distincto que já havia occupado na sessão; foi servido com manjares escolhidos e vinhos generosos. Encarregou-se de organisar o banquete o muito amavel socio Mr. Conde Lair. O jantar correu o mais animadamente possivel; fizeram-se os brindes do estylo, festejando-se com repetidos applausos a presença dos archeologos estrangeiros, aos quaes corresponderam com affectuosas demonstrações de consideração e agradecimento.

Já tinham dado 11 horas da noite quando me despedi dos meus distinctos collegas, chegando a Paris depois da uma hora, porque não podia pernoitar em Evreux, pois estava inscripto na ordem do dia n'outro congresso na capital, para tratar de

differente assumpto; e posto que com estes excessos de trabalhos, na minha avançada edade, arrisquei-me a emprehendel-os unicamente pela attracção irresistivel de desejar adquirir instrucção, que poderia ser util aos estudos archeologicos do meu paiz.

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

Descobriu se grande numero de moedas de prata arabes na provincia do Algarve em um sitio proximo de Mertola, das quaes um amador de numismatica, residente em Tavira, fez acquisição. O nosso presidente sempre preseverante em augmentar as collecções archeologicas do Museu do Carmo, escreveu ao possuidor d'este achado solicitando o favor de conceder alguns exemplares afim de se conservar no museu tambem esta recente descoberta. Posto que o cavalheiro que as possue não seja conhecido do sr. Possidonio da Silva bizarramente offereceu quatro de grande modelo e de perfeita conservação, vindo juntar-se ás 14 moedas já existentes no museu as quaes foram offerecidas pelo fallecido Soromenho.

E' digno de louvor o sr. Francisco Rocha que não hesitou em contribuir para que os estudos das antiguidades do nosso paiz possam offerecer mais dados afim de se verificarem factos historicos da Peninsula da Lusitania.

O nosso digno socio correspondente o sr. conde Charles Lair, um dos mais distinctos membros da Sociedade franceza de Archeologia para a conservação das antiguidades do seu paiz, mereceu ser agraciado por S. M. El-Rei D. Carlos com a commenda da Ordem de Christo. E' sem duvida lisongeiro para nós conferir-se distincções aos nossos consocios, que pela sua illustração e assignalados e repetidos serviços scientificos se têem desvelado para enriquecer os collecções do nosso Museu. Receba pois este nobre collega as nossas cordiaes felicitações.

Esta Real Associação deliberou que fosse apresentada ao governo por uma deputação presidida pelo sr. conde de S. Januario, e tendo por vogaes os srs. visconde de Alemquer, conde de Almedina e Eduardo Augusto da Rocha Dias uma representação que publicâmos n'outro logar d'este *Boletim*. Do bom exito do nosso pedido é seguro penhor a illustração do nobre ministro das obras publicas, sr. Frederico Arouca.

O commendador Antão Blomans nosso estimado socio correspondente, secretario do congresso dos Americanistas em Bruxellas, e distincto archeologo, participou ao nosso presidente que lhe remetteria as suas modernas publicações para a bibliotheca da nossa Associação, como um testemunho de consideração que lhe merece, assim como para demonstrar tambem quanto estimou saber ter-se commemorado o XXV anno da sua fundação, sentindo bastante não ter podido assistir a essa sessão solemne, que tanta satisfação teria causado a todos os seus socios e principalmente ao seu respeitavel fundador.

Á MEMORIA

DE UMA CONSPICUA PESSOA DE NOTAVEL ILLUSTRAÇÃO
E DE SUPERIORES QUALIDADES

O *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes* paga por este modo a sua divida á memoria do illustre D. LUIZ DE RUTE, fallecido ha mezes.

Dizer que era pessoa de elevadissimos merecimentos seria inutil; seria repetir o que toda a gente, entre nós, sabe.

O que deveras contrista e faz lastima, é vêr que aos quarenta e quatro annos, apenas, se perdeu para a nossa visinha Hespanha um dos seus filhos mais dedicados e de quem havia que esperar brilhantissimos futuros.

Como engenheiro (o primeiro do seu curso), como orador parlamentar de subidos quilates, como politico, como sabio, como homem de lettras e sobretudo possuindo qualidades sérias, era D. LUIZ DE RUTE digno de ser apontado por modelo.

Falta-nos infelizmente o espaço para traçarmos a sua biographia. A biographia de tão activo e talentoso trabalhador seria exemplo e incitamento a quem lida em prol do bem publico, e a quem folga de poder contemplar modelos dignos de imitação.

Moço, em todo o vigor da sua poderosa intelligencia, via este homem, tão prematuramente arrancado ao seu Paiz, sorrir-lhe a gloria em todas as manifestações.

A dôr da Hespanha foi geral por esta perda, e a imprensa periodica de todas as côres politicas commemorou condignamente o illustre Finado.

Prestando-lhe esta homenagem, associâmo-nos do fundo da alma ás lagrimas da nação e ás da sua inconsolavel Familia.

Os R. R.

NOTICIARIO

A Sociedade Academica de Architectura de Lyon, França, deliberou no presente anno abrir um concurso annual entre os architectos e os artistas francezes e estrangeiros para perpetuar a recordação de todos os monumentos e fragmentos artisticos da cidade de Lyon, que pela sua vetustez, incuria ou modificação das ruas publicas estejam expostos a serem demolidos ou alterados, afim de se conservar o seu typo e a duração da epocha da má edificação. Aos

concorrentes serão conferidos premios pecuniarios, assim como medalhas de ouro e prata. Esta providencia archeologica muito honrosa é para a benemerita Academia de Architectura Franceza e servirá de lição ás nações em cujas cidades se destroem os seus antigos monumentos sem nenhum escrupulo nem criterio, como temos presenciado em Lisboa.

Ainda bem que os nossos monumentos nacionaes não estão agora expostos a esse vandalismo, visto que o governo creou uma commissão para os medir e desenhar, para poderem ser restaurados ou reconstruidos no mesmo estylo e caracter, quando, por qualquer accidente, se damnifiquem; evitando-se monstruosidades como as que se teem dado na restauração de alguns.

Sendo os marmores coloridos com côres vivas os mais caros, em quanto os de côres claras valem muito menos, posto que não agradam tanto pela sua monotonia, inventou-se colorido artificial, fazendo-se penetrar nos marmores brancos veias coloridas, empregando uma solução em alcool com a côr que se pretende obter. A cera branca é o vehiculo para applicação d'essas cores e devendo estar bastante quente. O cimento para as juntas deve ser assim preparado: gesso com agua saturada de pedra hume, indo ao forno.

Uma inscripção grega achada por Cyriaco d'Ancona nas ruinas do famoso templo de Adriano em Cyzico, foi agora interpretada d'este modo: *Aquelle que me fez erguer do solo, com dispendio de toda a Asia, e grande reforço de gente, foi o divino Aristenêto.* Ao cabo de 1817 annos se conheceu o nome do celebre architecto que havia delineado e construido esse estupendo templo considerado ser uma das sete maravilhas do mundo!!!

O nome d'esse celebre artista reviverá pois na historia e terá a veneração de todos que professam a mesma arte e possuem o culto pelo sublime das producções architectonicas.

Na secção do Instituto de França ficou eleito por 16 votos sobre 31 votantes, o seu membro mr. Alfredo Nornand, architecto, obtendo-se esse resultado á sexta vez que correu o escrutinio.

Em Roma fizeram-se ultimamente os seguintes descobrimentos: um mosaico, os vestigios de uma basilica, uma cabeça de marmore da época de Antonino, e uma inscripção pertencente a um commerciante de perolas.

Debaixo da celebre estatua de Moisés, de Miguel Angelo tambem se descobriu recentemente um mosaico, no solo da egreja de S. Pedro.

A Associação dos carpinteiros acaba de offerecer ao Municipio de Paris o modelo do templo de Salomão que tem quatro metros de altura, tendo sido executado com bastante esmero.

A estatua de Victor Hugo que deverá ornar o Pantheon de Paris, e que o distincto esculptor Mr. Robim está fazendo, representa o illustre litterato sentado sobre um rochedo, tendo a cabeça descançada sobre uma das mãos, com a outra estendida para a frente; por detraz tres musas, a historia, Melpoméne, a tragedia, a eloquencia e a poesia, inspiram ao vate as suas admiraveis publicações. O trabalho do artista é executado com superior talento.

Uma ponte de extraordinario comprimento, construida em aço, foi inaugurada em 3 de março e servirá no golfo de Forth ao norte de Edimbourg para reunir e facilitar a entrada do Perth e do Norte da Escossia.

A sua extensão é de 2:530 metros, o pilar mais profundo no golfo tem de altura 137 metros, quasi a altura da grande pyramide do Egypto, podendo passar os navios por debaixo. Levou 7 annos a construir com 2:000 operarios trabalhando constantemente de dia e noite e o seu custo foi de 56.250:000 francos!

Na cidade de Hamburgo construiu-se uma casa de papel; as paredes são formadas por duas camadas de papel, a face interna é impregnada com uma substancia ignifuga, e a externa coberta por uma composição que lhe evita a humidade.

Esta casa está destinada a servir de restaurant, tendo a sala principal de comprimento 27 metros e 43 centimetros. Será boa para resistir aos tremores de terra!

Chicago, (Estados-Unidos da America), vae tambem ter a sua torre Eiffel, porém com muito maior altura e aspecto mais artistico.

Esta torre terá 490 metros de altura, será redonda com uma diminuta differença no diametro entre a sua base e cume.

Dois caminhos abraçam em helices a torre, desde a base á extremidade. Estes caminhos teem 22 metros de largura na base, e 15 metros no cimo. As duas helices teem um declive de 8 por cento e fazem cada uma 17 circumvoluções; estendidas, teriam cada uma quasi seis kilometros de extensão: a distancia do Terreiro do Paço ás Larangeiras! Um dos caminhos é destinado para duas linhas de *tramways pneumaticos.* Um trem com 60 logares partirá em cada *meio minuto.*

O outro caminho servirá para quem não se utilisar dos tramways, podendo ir a pé ou a cavallo! e mesmo de carruagem!! de maneira a poder sair de casa já em trem e ir apear se ao segundo andar d'esta estupenda torre metalica, a qual terá 90 andares! O dispendio com esta gigantesca construcção é de 12.500:000 francos!

Nas sepulturas prehistoricas, proximo da pequena cidade siberiana de Minoussinsk, encontrou-se um grande numero de instrumentos de pedra, bronze e ferro; acharam-se tambem mascaras de gesso de grandeza natural, sendo no seu maior numero com os typos mongolicos, havendo outras com as feições europeas de bastante regularidade. Portanto é mais uma curiosa particularidade que veiu augmentar a collecção de exemplares archeologicos conhecidos.

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE ANNO DE 1890 TOMO IV

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 8

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

As madeiras de construcção da India Ingleza

Na India ingleza são tantas e tão variadas as arvores, que não cabe nos limites de um artigo o descrever mais do que em uma breve noticia, aquellas cuja madeira é conveniente ser aproveitada nas construcções.

Nem todas as arvores teem ali recebido nomes inglezes; muitas são conhecidas por nomes indigenas, e outras pelo seu nome botanico em latim — mas, na falta absoluta de outro meio mais simples, não haverá remedio senão empregar n'este artigo, a nomenclatura latina.

A *Nogueira* não constitue, na India, uma arvore em mattas, porém é cultivada pelos americanos indigenas *os zemindares*, nas suas propriedades,

As nogueiras as mais antigas attingem a uma altura de 3 e meio a 5 e meio metros, e a sua madeira é dura, leve e forte, de uma côr castanho escuro com bonitos veios; é pouco atacada dos vermes e difficil de *empenar*, e emprega-se na construcção de casas e em marceneria, bem como nas coronhas de espingardas.

A *Manga* fornece uma madeira boa, esbranquiçada, e attinge o seu completo crescimento n'um periodo de 60 annos. Como quasi todas ou muitas das madeiras da India, é ella sujeita aos vermes, não deve esta madeira ser submergida em agua; porém nos interiores de casas tem ella a mesma applicação que nós damos á casquinha.

O *Carvalho* (chamam-lhe *bán*) chega ao seu pleno crescimento em 100 annos; e uma d'estas arvores póde fornecer um tronco até á altura do primeiro ramo, de 5 a 6 metros e meio de comprimento e de 2 metros de circumferencia. Esta madeira tem uma côr avermelhada, é dura, tenaz e pesada, tem o fio grosso, e sujeita a *empenar* e perder-se quando se acha exposta á humidade, ou n'agua; porém mesmo assim é muito utilisada em construcções urbanas.

O *Sal*, arvore que cresce no districto de *Darjeeling* dá uma madeira bonita de apparencia e algumas das casas mais antigas d'aquelle districto são construidas com esta madeira, e nunca precisam de reparação.

O *Sissoo* offerece grandes vantagens para travessas de caminhos de ferro. Direita no tronco, comprida e grossa no seu desenvolvimento, é ella muito procurada por toda a parte.

Para carros e rodas é de grande vantagem e mesmo em construcções de casas e em marceneria pode se empregar com egual proveito e mais o seria se as despezas de transporte fossem mais moderadas.

A *Careya arborea* no districto do *Terai*, que geralmente se apresenta nos declives dos montes como uma pequena arvore irregular e cheia de nós, tem comtudo um tronco cylindrico e fornece uma madeira de côr vermelha-escura, muito leve e de facil trabalho, a qual merece empregar-se mais do que se emprega; porém, como n'aquelle districto estão acostumados a usar o *Sal* e o *Toõn* será difficil o introduzir qualquer outra madeira.

A *Lagerstrumia paroiflora* é tambem uma arvore que attinge um enorme tamanho, e ao presente fazem-se experiencias com o fim de conhecer se serviria para travessas de caminhos de ferro, pois é uma madeira rija e parece proprio o seu emprego n'este mister.

O *Champ (Mangolia op.*) dá uma madeira de um amarello pardacento, facil de trabalhar e muito procurada para sobrados e moveis, e a *Lampathia* foi ha pouco admittida tambem no numero de madeiras para outros usos, empregando-se muito para as caixas de chá, pelo motivo de nunca empenar, serve para toda a qualidade de vasilhas, taes como tinas para ter agua para o gado, etc.

A sua madeira é leve, com póros um tanto abertos, tem a côr amarellada, lustro assetinado, e é lisa e luzidia.

Tambem empregam o *Goguldhup* na feitura de caixas para chá, mas a sua madeira não é tão boa.

O *Chal* é uma madeira branca, dura, tenaz, facil de empenar, mas de bastante duração, e póde empregar-se em construcções.

O *Chil* dá uma madeira leve, amarella, de facil trabalho, e servem-se d'ella para casas e tambem para barcos.

O *Devidyar* é raro, mas muito procurado para construcções de casas. Attinge muita altura, e sua madeira é branca com bastante aroma, textura delicada; é pesada e mui propria para construcções.

O *Dur* serve para os mesmos fins, mas tem o defeito de empenar, e se estiver exposta em agua é de pouca duração.

O *Castanheiro da India* cresce a uma grande altura e adquire grandes proporções; tem a madeira forte e macia, de uma côr clara, fibra fina, toma bom polimento, e emprega-se tanto nas casas como para obra de marceneiro.

O *Jamar* tambem dá boa madeira, porém, um tanto sujeita a empenar.

O *Khair* apresenta melhor madeira, de uma côr vermelha escura, pesada, fibra fina, quebradiça, mas forte; toma tambem bom polimento, e resiste aos ataques dos vermes.

A madeira do *Kelu*, de agradavel aroma, não empena; apresenta uma côr avermelhada, de muita duração. e é muito estimada pelo seu rapido crescimento, e grande altura que attinge.

O *Mowa* leva 80 annos a crescer. Toma então grande desenvolvimento, uma arvore velha apresentando uma circumferencia de 2 a 3^{m},25; a sua madeira tem a côr de canella, é dura, de fibra compacta, pesada e de muita duração; é boa para construcção de casas.

Nas florestas de *Darjeeling* o carvalho que mais se encontra é o *Booke (Quercus lamellosa)* cujas sementes, ou bolotas, tem muitas vezes um diametro de 2 pollegadas (0^{m},05). A sua madeira assemelha se á do carvalho da Europa do norte, porém tem mui desenvolvidas as fibras da medulla. Apresenta uma bonita apparencia, quando é bem preparada e polida, mas tende um pouco a empenar, e por consequencia emprega-se principalmente em vigas e barrotes de casas e pontes.

As *Mangolias* têem uma madeira amarellada e eve, com um cheiro forte e pouco agradavel. Serve para moveis e sobrados.

Nos sobrados das casas indigenas, servem-se da madeira de tres differentes qualidades do Loureiro, cuja madeira é rija e excellente para muitos usos.

Tambem se encontra o *Buxo* na India, quasi tão rijo, pesado, e compacto como o seu rival europêo. Cultiva-se a uma altitude de 6:000 pés (1830^{m}) acima do nivel do mar.

Esta madeira racha facilmente durante os grandes calores, por consequencia deve ser guardada e para seccar por algum tempo antes de ser empregada. Em todas as escolas d'artes na India se servem d'esta madeira para gravura.

A madeira do bem conhecido *Toon* é rija e de muita duração, e é a melhor madeira para moveis que ha na India do Norte. A que cresce nos montes resiste bem na agua. Tem uma fibra menos densa, de côr clara, e inferior á do Norte.

O *Deodar* ou *Cedro do Himalaya*, é quasi a madeira mais preciosa de todas as que temos mencionado. De grande duração e de facil manipulação, tem a côr amarellada, fibra direita; é aromatica pela resina que tem e que a preserva dos vermes.

C. M.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Dissertação lida na Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes pelo sr. D. Antonio José de Mello, alumno do curso superior de archeologia, galardoado com o primeiro premio.

Havendo principiado em Portugal no anno de 1885 o Curso de Archeologia com a generosa protecção d'el-rei o senhor D. Carlos, então Principe Real, crearam-se tres prémios para os estudantes mais distinctos, examinados por um jury composto de cinco membros archeologos, para cujo estudo se tinham matriculado 32 alumnos e foram laureados tres, um com o primeiro premio de 50$000 réis, o sr. D. Antonio José de Mello, e com os segundos premios de 25$000 réis, os srs. Alfredo d'Ascensão Machado e Luiz Saldanha Oliveira Daun e Sousa, aos quaes foram entregues esses premios em sessão solemne de 28 de março d'aquelle mesmo anno.

O professor encarregou o alumno que havia merecido o primeiro premio, de apresentar no referido acto uma dissertação sobre os 36 pontos, aos quaes respondera no seu exame, para que demonstrasse publicamente o aproveitamento que tinha alcançado no estudo d'esta sciencia no seu paiz; considerando ser de reconhecida utilidade, assim como justa distincção para tão intelligente estudante, que esse seu trabalho fosse impresso e publicado no Boletim da Real Associação. É pois esta producção apreciavel que gostosamente offerecemos á consideração dos nossos socios.

Senhores:

A comparação dos differentes processos empregados para a utilisação da materia prima, a analyse racional dos productos materiaes creados pela mão do homem em epochas passadas, emfim a exposição fiel de todas as manifestações do seu trabalho atravez de todos os tempos historicos e prehistoricos, são fundamentos principaes que muito contribuem para o aperfeiçoamento successivo do fabrico, tornando-o menos arduo, mais rapido, mais elegante e melhor accommodado ao seu proprio fim.

É pelo estudo e comparação de todos os processos empregados no passado, que se vão obtendo no presente e se alcançarão no futuro, os melhoramentos da industria e da arte, caminhando assim a humanidade continuamente e a passos largos para um ideal de perfeição que infelizmente nunca chegará a attingir.

É pelo reconhecimento dos erros e imperfeições nos productos do trabalho humano em epochas anteriores, quando a sciencia estava menos adiantada, que vão surgindo as ideias tendentes não só a eliminar as imperfeições observadas, mas a substituil-as por aperfeiçoamentos novos, realisando-se por este modo a lei do progresso, sempre constante na região das ideias e nas evoluções do labor physico.

Se a historia dos factos sociaes é hoje considerada como um conhecimento indispensavel para que a sociedade siga o exemplo dos heroes e benemeritos, e possa corrigir gradualmente todos os seus defeitos, a historia do trabalho ou *archeologia* é tambem uma habilitação que a industria e a arte não podem dispensar.

A archeologia, compondo a historia do trabalho humano desde as epochas mais remotas até aos nossos dias, presta tambem um valioso subsidio á historia das sociedades, porque pela investigação dos differentes jazigos onde se encontram objectos talhados pela mão do homem, decifra a maneira de viver, os usos e costumes dos povos nos tempos que a tradição escripta não refere.

Esta parte da archeologia, chamada *prehistorica*, vem portanto preencher uma lacuna importante da historia dos factos nas epochas primitivas do mundo, pela interpretação dos innumeros vestigios de trabalho que o homem legou á posteridade.

É pois bem vasto o alcance d'esta nova sciencia, e altamente apreciaveis os muitos beneficios que ella pode produzir, em favor da perfectibilidade artistica e industrial do homem moderno.

Todos os espiritos cultos conferem á archeologia, que, nos paizes mais adiantados, dia a dia está dilatando as suas conquistas, os foros de evidente utilidade.

Entre nós alguns cavalheiros de elevada intelligencia e illustração, comprehendendo todo o valor dos conhecimentos archeologicos, têem-se entregado com amor e dedicação ao cultivo d'este ramo scientifico, mas infelizmente é ainda muito resumido o numero de lidadores que se apresentam na arena, para luctarem em favor de tão nobre causa.

N'esta pleiade de archeologos portuguezes encontram-se os srs.: Joaquim Possidonio Narciso da Silva, digno director do Museu d'Archeologia, director do *Boletim da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes* e professor do curso elementar d'archeologia, patrocinado por Sua Alteza o principe D. Carlos, — o fallecido general Carlos Ribeiro, distincto geologo e anthropologista, auctor de memorias e livros geralmente apreciados, — o dr. Pereira da Costa, a quem se devem varias obras importantes, e entre ellas a «Descripção de alguns dolmens ou antas de Portugal», «Noticia sobre os esqueletos humanos des-

cobertos no cabeço da Arruda» etc., — Nery Delgado, auctor da importante «Noticia ácerca das grutas de Cezarêda», — o dr. Augusto Philippe Simões, lente de medicina na Universidade de Coimbra, já fallecido, — Gabriel Pereira, auctor dos «Dolmens dos arredores d'Evora», — dr. Martins Sarmento, cujos trabalhos na maior parte, estão ineditos e que se tem applicado especialmente ao estudo da provincia do Minho, — Estacio da Veiga, antiquario apaixonado a quem se deve a publicação das «Antiguidades de Mafra» etc.

Sem querer no minimo ponto cançar a attenção do illustrado auditorio, com uma leitura extensa, seja-me permittido citar o conceito que o dr. Augusto Philippe Simões formava da Archeologia, porque a opinião d'este erudito é devéras auctorisada.

Diz o referido escriptor no seu livro intitulado «Introducção á archeologia da Peninsula Iberica»: As sciencias historicas e sociaes transformam-se actualmente sob o poderoso influxo dos factos, principios e methodos das sciencias da natureza. A archeologia é a principal das vias por onde se opera esta grande transformação. Relacionada por uma parte com a geologia, a paleontologia e a anthropologia, e por outra parte com a historia, tem approximado, attrahido, ligado estas sciencias que a differença das idades e dos methodos respectivos por tantos annos conservára affastadas e independentes umas das outras.

A tradição e a auctoridade d'aquelles que o precederam guiam e esclarecem o historiador. Ao naturalista falta-lhe a tradição; tem apenas os vestigios dos factos para os explicar e relacionar; mas, por isso mesmo, afaz-se a observar, analysar, comparar e induzir com toda a força que dá o exercicio ás faculdades intellectuaes, e com a independencia a que o espirito humano se habitua, desprendido inteiramente de opiniões antecipadas e de systemas preconcebidos.

O historiador principia pelo mais antigo dos factos que a tradição refere, e deduz depois chronologicamente todos os outros até chegar á actualidade.

O geologo segue o caminho inverso; começa pelos factos contemporaneos e, induzindo do conhecido para o desconhecido, interpretando pelo presente o passado, remonta-se, de vestigio em vestigio, até á origem da terra. Ninguem lhe contou, ninguem deixou escripta a historia do planeta que habitamos. É elle quem a cria, quem a inventa, observando e interpretando os vestigios materiaes dos factos que lhe revelam na sua evolução incessante as phases principaes da vida do globo. Os documentos que a natureza offerece ao naturalista, não exprimem senão a verdade rigorosa e exacta. Os documentos que o historiador aprecia, traçados por mãos humanas, muitas vezes a desfiguram e falseam. Mente o homem, a natureza não.

As condições do archeologo que estuda as epochas prehistoricas, são identicas ás do naturalista, e como naturalista ha de proceder, se quizer chegar ao conhecimento da verdade.

Em primeiro logar falta-lhe inteiramente a tradição verbal ou escripta; tem de cingir-se á significação exacta e rigorosa dos vestigios que observa. Em segundo logar a qualidade d'estes vestigios, o modo como se encontram nas camadas superficiaes da crusta da terra, os restos fosseis que lhes andam associados, fazem da archeologia prehistorica uma como parte da paleontologia humana. Aqui pois desapparece de todo a differença entre o archeologo e o naturalista.

Na archeologia dos tempos historicos, com quanto se considerem já os factos á luz da historia, subsiste todavia como elemento essencial da interpretação d'elles, a analyse dos monumentos, a apreciação dos productos da arte, correspondentes em cada seculo aos fosseis ou aos outros vestigios em que o geologo, á força de observar e comparar, chega a constituir e a ler a historia da terra. O historiador não póde pois deixar de ser archeologo; tem de aproveitar-se das luzes que a archeologia lhe presta; e não raras vezes acontece indicarem-lhe os monumentos a verdade alterada pela tradição.

Não ha muitos annos, por exemplo, que a historia nos representava os wisigodos como gente que não chegára a cultivar as artes. As descobertas de alguns capiteis em Toledo e do thesouro de Guarrazar corrigiram a falsidade historica, mostrando-nos até que ponto elles se elevaram na esculptura da pedra e dos metaes, e tambem na architectura, porque de certo não fabricariam esplendidas corôas votivas de ouro e de pedras preciosas, nem esculpiriam delicados capiteis para templos de pedra e barro ou de madeira, como diziam terem sido em Hespanha os dos successores dos Romanos na dominação da Peninsula.

Quem considerar portanto a archeologia a esta luz, como poderoso elemento de critica para o historiador, e como a principal das vias por onde os methodos e noções das sciencias da natureza passam para as sciencias historicas e sociaes, necessariamente concluirá ser o seu estudo uma necessidade impreterivel para qualquer povo, que não queira ficar estacionario ou retardado áquem d'aquelles que o facho da sciencia allumia na vanguarda da civilisação. Sobe de ponto a necessidade em Portugal, de quem o poeta diria ainda hoje como ha tres seculos:

> «E não sei por que influxo do destino
> Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
> Que os animos levanta de continuo
> A ter para trabalhos ledo o gosto.»

N'estas substanciosas palavras ficam perfeitamente evidenciadas todas as vantagens da archeologia, e os eminentes serviços por ella prestados á historia e ás sciencias da natureza.

Em Portugal estavam dados os primeiros passos para elevar a archeologia á altura que de direito lhe pertence, e promover as explorações dos nossos terrenos; não obstante, a sciencia tem-se vulgarisado muito pouco entre nós e é geralmente desconhecida.

Quiz Sua Alteza o sr. D. Carlos communicar-lhe forte impulso e n'este louvavel desejo, inspirado pelo amor ao estudo e ao progresso, tomou sob a sua valiosa protecção o curso elementar d'archeologia fundado no anno passado, arbitrando premios pecuniarios aos alumnos que mais se distinguissem.

D'este modo Sua Alteza mostrou mais uma vez, quanta consideração lhe merecem todos os assumptos scientificos e o engrandecimento material e intellectual da nação, sobre que um dia ha de reinar.

Sua Alteza é duplamente sympathico para todos os portuguezes, não só pelas nobilissimas qualidades de coração com que é dotado, como pela séria attenção que presta a todos os assumptos enlaçados com os melhoramentos e progressos publicos.

É tão distincta e apreciavel a personalidade de Sua Alteza, que não sómente no reino mas tambem fóra d'elle tem sabido captivar todas as sympathias em torno de si.

Todos nós nos lembramos, e com viva satisfação, das honrosas e agradaveis expressões que toda a imprensa franceza ainda recentemente dedicou ao futuro reinante de Portugal; e nós portuguezes patriotas, dedicados á familia real, sentimo-nos orgulhosos por vêr fazer a devida justiça aos altos merecimentos que concorrem na pessoa do Serenissimo principe D. Carlos.

O objecto d'esta reunião é a distribuição dos premios aos alumnos que frequentaram o curso elementar de archeologia.

Sua Alteza tendo sido informado de haver-se realisado o exame da primeira parte do curso — archeologia prehistorica — e sendo-lhe apresentada a classificação das provas, feita por um jury composto de cavalheiros de reconhecida competencia, tinha resolvido vir hoje pessoalmente distribuir os premios aos alumnos que o referido jury recompensou, mas motivo imprevisto não lhe permittiu satisfazer este desejo, o que muito lamentamos.

Não deixa porém Sua Alteza de estar representado na pessoa do seu official ás ordens, o sr. tenente coronel Manuel Novaes Sequeira.

Nós, que estamos lendo estas linhas, tivemos a honra de ser um dos premiados. Embora estejamos convencidos de que houve inteira justiça na apreciação emanada d'um jury tão austero, afigura-se-nos que os nossos fracos merecimentos não deram direito a uma tão alta recompensa.

O jury, porém, inspirado na sua rectidão, entendeu que d'entre os nossos condiscipulos deviamos nós ser os laureados e por isso acceitaremos, como galardão dos nossos estudos, o premio que hoje vimos com sincera alegria receber, conferido por Sua Alteza, ficando este dia de jubilo gravado para sempre na nossa memoria.

Quiz o nosso dedicado e incansavel mestre o sr. Joaquim Possidonio da Silva, que viessemos ler perante todas as pessoas que nos ouvem, a solução escripta que demos aos assumptos sobre que fomos interrogados no exame, afim de que esta distincta assembleia podesse formar o seu juizo sobre as nossas respostas.

Nós, annuindo aos desejos de tão zeloso e estimado professor, vamos desempenhar-nos d'essa tarefa.

Para não fatigar o benevolo auditorio com a exposição monotona — por meio de perguntas e respostas — qual foi adoptada no exame de que se trata, resolvemos ligar pela fórma mais conveniente todas as respostas, de modo a constituir uma exposição continua e discursiva, sem de modo algum alterar a sua extensão scientifica.

Verificou-se o exame em 4 de janeiro do corrente anno, e cada alumno, recebendo do professor o caderno com todas as perguntas formuladas, devia resolvel-o no espaço de cinco horas, desde as 11 da manhã até ás 4 da tarde, sob a presença do jury, composto dos membros seguintes: — Srs. Visconde de Castilho, Visconde de Alemquer, Carlos Munró, D. José de Saldanha e o professor Joaquim Possidonio da Silva.

Antes de reproduzirmos o desenvolvimento dado ao exame, que se compunha de 32 perguntas, vamos expor a materia sobre que elle versou.

O objecto do exame foi o seguinte: — Idades em que se divide a historia da terra — Modo de sobreposição dos terrenos — Terrenos em que se acharam instrumentos prehistoricos apresentando o caracter mais positivo da industria do homem e depositos onde elles foram mais bem assignalados — A primeira habitação do homem prehistorico e os primeiros objectos da sua industria — Materia e instrumentos sobre que se exerceu aquella industria. Depositos onde estes se encontraram — Indicios que apresentam as cavernas naturaes de terem tido outra applicação além de servirem para habitação do homem. Indicios que se deduzem da accumulação dos depositos para concluir que a caverna natural foi habitada em differentes epochas — Indicios que demonstram a existencia de cavernas artificiaes preparadas pela mão do homem prehistorico para

sua habitação. Como se conhece que o homem n'esta epocha estava mais industrioso. Estas cavernas artificiaes continuariam a servir para enterramentos como as naturaes? — Idades em que se dividiram primitivamente os instrumentos prehistoricos — Antigas divisões da idade da pedra. Materia com que fabricavam os instrumentos n'esta idade. Classificação da idade de pedra baseada nos objectos a que se applicou a industria em differentes epochas — Typos d'instrumentos que correspondem ás divisões d'aquella classificação — Quaes os instrumentos que se fabricaram em mais abundancia na epocha Solutréenne e materia onde primeiro se exerceu a arte do gravador na mesma epocha — O que distingue a epocha Magdalénienne e arma defensiva empregada então — A que epocha corresponde a idade neolithica na classificação baseada na industria — Instrumento que primeiro se poliu e qual o que teve mais uso — Natureza dos nucleos d'onde se separavam as lascas para os instrumentos prehistoricos. O que distingue uma lasca de rocha destinada para faca, das outras? — Qual o instrumento mais generalisado em todas as epochas prehistoricas. Differença que se nota entre a ponta de lança e a folha de um punhal em silex — Differença que se nota entre uma hacha e uma enxó — Qual foi primitivamente a arma prehistorica de defeza, substancia de que era formada e onde se fez o seu descobrimento — Como se extrahia o silex destinado ao fabrico dos instrumentos prehistoricos — Formas geraes dos dolmens e differença entre os de Portugal e os de Hespanha. Fim a que se destinavam as galerias d'estes monumentos prehistoricos — Epocha a que pertencem as construcções dos dolmens e quaes os usos a que se applicavam estes monumentos — Qual a qualidade de pedra que o homem prehistorico empregava na construcção dos dolmens. Encontrou-se nos dolmens de Portugal algum objecto que os faz tornar distinctos dos das outras regiões? — Os menhirs denotam alguma particularidade? Appareceram alguns com symbolos de christianismo? — Qual a significação que se julga terem os cromlecks? As pedras balouçantes são monumentos naturaes ou artificiaes? — O que poderia ter motivado as construcções lacustres. Qual a epocha prehistorica que ellas representam — Que differenças apresentam as terramares d'Italia comparadas com as palafitas da Suissa e em que differem ambas as construcções dos kiokkenmoddings da Dinamarca — Differentes typos de machados de bronze e diversos modos de os encabar para o serviço — Qual a particularidade que apresentam os machados de bronze descobertos em Portugal e que os torna bem distinctos dos achados em outros paizes — Haveria uma epocha de bronze na Lusitania? — O que poderá provar a sua existencia? — De todos os enfeites de bronze qual foi o mais geral e que apresentava mais variedade nos seus feitios? — Como se denotou a primeira idade de ferro e em que deposito se manifestou com maior perfeição a industria d'este metal?

Apresentada a materia que constituiu o nosso exame de archeologia prehistorica, passaremos agora a expor o modo como foram por nós resolvidas aquellas differentes questões, empregando os fracos recursos da nossa capacidade.

Desenvolvimento do exame — A crusta da terra é formada por diversas camadas sobrepostas e de composições diversas. Os geologos dividem a crusta em 5 camadas principaes, sendo a terra constituida por 12 terrenos diversos, dispostos em 23 andares.

As cinco idades principaes do globo terraqueo, designam-se pela seguinte classificação: 1.ª *terreno primordial*, o mais primitivo e onde a fauna e a flora eram rarissimas, existindo simplesmente os organismos mais rudimentares. N'esta epocha as condições climatericas eram muito desfavoraveis para a existencia do homem. — 2.ª *terrenos primarios*, *inferiores* ou *paleozoicos*. — 3.ª *terrenos secundarios* ou *mesozoicos* — 4.ª *terrenos terciarios* ou *neozoicos*, onde alguns geologos distinctos pretendem ter descoberto vestigios de existencia humana, subdividindo-se em *eoceno* (mais antigo), *mioceno* (medio) e *plioceno* (mais moderno). — 5.º *terrenos quaternarios*, onde é indiscutivel a vida do homem.

A espessura da crusta terrestre é constituida pelas *rochas sedimentares* ou *estratificadas, rochas igneas* ou *plutonicas* e *metamorphicas*.

As *rochas sedimentares* tambem chamadas *estratificadas*, por estarem sobrepostas á maneira das folhas de um livro, assentam sobre rochas igneas e são formadas á custa dos differentes depositos mineraes e organicos que as aguas arrastaram, accumulando-as no seu leito. Estas rochas umas vezes são parallelas com o horisonte e outras vezes seguem uma direcção divergente, chegando certas camadas a approximarem-se da vertical.

As *rochas igneas*, não se dispondo em camadas com direcções definidas, são produzidas pela acção do fogo e consistem em massas que passaram do estado de fusão ao estado solido, por arrefecimento.

Grande numero d'estas rochas precedeu a formação das camadas sedimentares, porém outras appareceram depois das estratificadas, irrompendo no meio d'ellas, elevando-as e alterando-lhes a estructura. Estas ultimas receberam o nome de *metamorphicas*.

As *rochas sedimentares* são as que offerecem mais interesse para o archeologo e paleontologista, porque é ahi onde se encontram em abundancia os

fosseis e os diversos vestigios da industria humana.

As differentes camadas dos terrenos sedimentares estão sobrepostas como acima fizemos vêr.

Apesar das muitas investigações e discussões e apesar dos aturados estudos e trabalhos do distincto geologo Carlos Ribeiro, não está ainda abertamente proclamada a existencia do homem nas camadas terciarias, e este problema continua ainda por resolver. Comtudo o sr. Gabriel Mortillet, um dos mais notaveis archeologos da epocha presente e professor na Escola de Anthropologia de Paris, no seu livro « *Le Préhistorique* » acceita o homem terciario portuguez, ao qual chama, em homenagem a Carlos Ribeiro, que apresentou os fundamentos da sua existencia, *Anthropopithecus Ribeiroii*.

Se nos terrenos terciarios não foram encontrados vestigios sufficientes para que se julgue evidente a existencia do homem terciario, na opinião geral dos archeologos, nos terrenos quaternarios desapparecem todas às duvidas, porque se acham instrumentos e objectos variados que demonstram solemnemente o trabalho humano.

No estado actual dos descobrimentos e observações, considera-se geralmente o homem como contemporaneo do periodo quaternario, e poucos são os que lhe attribuem maior idade.

O fallecido geologo Carlos Ribeiro, que tanto honrou Portugal com os seus apreciaveis serviços scientificos, explorando as camadas *miocenas* de agua doce dos valles do Tejo e Sado, encontrou differentes silex e quartzites onde lhe pareceu notar vestigios de trabalho intencional. Em 1872 apresentou os exemplares ao Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica de Bruxellas, mas o Congresso não se inclinou a decidir pela existencia do homem terciario portuguez, não obstante o sr. Francks ter manifestado a opinião de que muitos d'aquelles silex eram talhados intencionalmente.

No congresso de archeologia prehistorica realisado em Lisboa no anno de 1880, onde as principaes nações foram representadas por sabios de primeira ordem, Carlos Ribeiro poz novamente o assumpto em discussão, apresentando uma memoria com o titulo: « L'homme tertiaire en Portugal » e convidando os congressistas a visitarem o local onde fez os descobrimentos sobre que baseiava a referida memoria.

O assumpto foi muito debatido, encarregando-se uma commissão de ir ao logar onde foram encontrados os silex de que se tratava. Depois d'este exame decidiu-se que era effectivamente terciario o terreno onde Carlos Ribeiro encontrou aquelles objectos, mas com respeito ao trabalho dos silex, o congresso não foi unanime em acceitar o homem terciario portuguez, julgando uns provada a sua existencia e negando-se outros a admittil-a.

Os depositos onde se encontram em abundancia os instrumentos talhados pela mão do homem são: as *cavernas*, os *dolmens*, os *tumulos*, as *habitações lacustres,* os *kiokkenmoddings*, etc.

D'entre os differentes depositos onde se fizeram explorações bem dirigidas e onde se encontraram instrumentos prehistoricos em grande quantidade, poderemos citar os de St. Acheul, d'Abbeville, Moulin-Quignon, Liège, cavernas de Cavillon, S. Izidro del Campo, etc.

Em Portugal, poucos instrumentos de pedra lascada foram encontrados.

A primeira habitação do homem foi de certo a *caverna*. Privado de toda a especie de recursos, exposto constantemente ao ataque das féras e ás intemperies do clima, desconhecendo todos os processos da industria, sem duvida deveria aproveitar as innumeras grutas que a natureza lhe offerecia, para ahi se abrigar.

Ha pouco tempo se começaram a fazer explorações nas cavernas e os innumeros objectos encontrados n'ellas, as relações de posição uns com outros, e differentes outros indicios bem significativos, levaram os archeologos a convencer-se de que o homem habitou primitivamente as cavernas.

Mais tarde, quando a sua aptidão estava um pouco mais desenvolvida, o homem nas suas toscas construcções tratou de imitar o mais possivel esses abrigos naturaes.

Para que o trabalho humano chegasse ao aperfeiçoamento em que hoje se encontra, foi necessario que decorressem bastantes seculos e que se sacrificassem muitas vidas.

Por muito tempo a industria primitiva limitou-se, pode-se dizer, á fabricação de grossos instrumentos de pedra, que se obtinham fazendo saltar lascas por meio da percussão. Só depois de muito estacionar n'este processo, é que se soube construir instrumentos de pedra polida.

As pedras que se empregaram na industria primordial foram: seixos rolados, silex, basalto, crystal de rocha, diorite, etc.

O silex encontrava-se ou á superficie do solo, ou enterrado a differentes profundidades e misturado com o cré. Este era o preferido, e para o explorarem abriam-se poços verticaes no terreno.

O silex espalhado pela superficie do solo não se prestava tanto ao fim desejado, porque era muito quebradiço. Desde o silex pyromaco (pederneira) até ao mais grosseiro, todos se empregavam. Os instrumentos que o homem primitivamente fabricou foram os *machados*, as *facas*, os *percutores*, *raspadeiras*, *furadores*, etc.

A ceramica por muito tempo esteve ignorada e o craneo humano foi o primeiro vaso que se usou.

Os vasos primitivos de barro eram de um barro muito mal cosido, pouco homogeneo, não tinham azas nem gargalos e apresentavam muitas asperezas na superficie.

A primeira arma de defeza que se fabricou foi o *quebra-cabeças* de madeira, encontrando-se nas *palafittas* da Suissa muitos de bronze.

Além dos instrumentos acima mencionados, appareceram tambem muitas pontas de frechas com feitios variadissimos, e os depositos onde elles se encontraram foram os *tumulos*, *cavernas*, os *kiokkenmoddings*, *cavernas*, etc.

Houve uma epocha prehistorica em que as pontas de frecha eram ligadas ás hastes por meio de uma massa betuminosa.

As *cavernas naturaes* não foram habita las só pelo homem, mas tambem pelos animaes, e entre uns e outros se deveria de certo disputar muitas vezes a posse d'aquelles abrigos.

Muitas ossadas que alli se encontravam, seriam evidentemente das prezas que as differentes feras transportassem áquelles logares para se banquetearem, mas esta circumstancia não póde provar que o homem não estabelecesse a sua habitação nas *cavernas*.

Alguns quizeram explicar o grande deposito de ossos nas cavernas, com diversas theorias, negando-se a admittir pelos vestigios n'ellas encontrados a residencia do homem n'esses abrigos.

Uns diziam que os depositos teriam sido arrastados pela força das aguas para o interior das cavernas, outros opinavam em que todos os vestigios seriam alli deixados pelas feras, outros apresentavam diversas outras razões no mesmo sentido, isto é, tendentes a provar que o homem não deixou vestigios nas cavernas; mas todas estas theorias não estavam perfeitamente em harmonia com a verdade dos factos.

No estado actual da sciencia, ha todas as razões para se admittir que a caverna sendo habitada pelos animaes de differentes generos, foi tambem habitada pelo homem.

Além de servirem para habitação, as cavernas foram tambem destinadas para sepulturas. Pelos ossos de animaes de differentes especies que foram encontrados nas cavernas e pelos productos da industria, representando differentes graus de civilisação, está evidentemente provado que aquelles abrigos foram habitados pelo homem em diversas epochas da sua vida.

N'algumas cavernas foram encontrados vasos de barro de fabricação muito tosca, cinzas e outros vestigios evidentes de lume.

Além das cavernas naturaes que o homem aproveitou para se abrigar dos rigores do tempo, com os fracos recursos de que dispunha, estabeleceu-se tambem em cavernas artificiaes creadas pela sua propria mão.

O indicio mais saliente que se nota nas cavernas artificiaes como prova de que foram preparadas pela mão do homem, são os vestigios de ferramenta que se acham assignalados nas suas paredes. Na epocha das cavernas artificiaes, a industria achava-se já mais desenvolvida, como se conheceu pelos objectos alli encontrados e n'aquellas cavernas o homem deixou de enterrar os cadaveres.

Os archeologos, para a classificação dos instrumentos, têem adoptado a seguinte divisão nos tempos prehistoricos: *idade da pedra* que se subdivide em duas epochas: da *pedra lascada* e da *pedra polida*; e *idade dos metaes* que se subdivide em outras duas: *idade do bronze* e *idade do ferro*.

A idade da *pedra lascada* denomina-se tambem *paleolithica* e a epocha da *pedra polida* designa-se com o nome de *neolithica*.

Querem alguns archeologos admittir uma outra idade — a do *cobre*, — antes da do bronze, mas por emquanto os factos e descobertas não vieram em reforço d'esta opinião, e poucos são os que a adoptam.

Em Hespanha, o sr. D. João Vilanova dividiu a idade da pedra nas seguintes epochas: 1.ª *archeolithica* (dos vestigios encontrados nas camadas terciarias) — 2.ª *paleolithica* (instrumentos de pedra lascada dos terrenos quaternarios) — 3.ª *mesolithica* (epocha das facas ou do rangifer) — 4.ª *neolithica* (da pedra polida).

Conforme as modificações da fauna, os archeologos têem tambem dividido os tempos prehistoricos do seguinte modo: — 1.ª epocha, *Urso das cavernas* ou *Ursus spelæus* — 2.ª epocha, *mammouth* — 3.ª epocha, *rangifer*.

A divisão da *idade da pedra* antigamente adoptada e ainda hoje seguida por muitos, era como acima dissémos, em *epocha paleolithica* ou da *pedra lascada* e *epocha neolithica* ou da *pedra polida*.

Modernamente, porém, alguns archeologos distinctos têem apresentado uma outra classificação fundada sobre a industria dos instrumentos de pedra, que é a seguinte: 1.ª epocha, a mais antiga, *St. Acheul*, caracterisada por grossos instrumentos de pedra lascada—2.ª epocha, *Mostiérienne*, definida pelas pontas de frecha retalhadas de um só lado e pelas raspadeiras — 3.ª epocha, *Solutrienne*, em que apparecem as pontas de frecha em fórma de folha de louro — 4.ª epocha, *Magdalénienne*, caracterisada pelos instrumentos de osso e esculptura sobre a mesma materia — finalmente, 5.ª epocha ou *Robenhausienne*, em que apparecem os macha-

dos polidos, pontas de frecha dentadas com pendiculo, louça de barro, dolmens, menhirs, etc., iniciando-se por esta occasião a agricultura.

A pedra que geralmente se empregava na construcção dos differentes instrumentos era, como acima já dissémos, o silex de differentes qualidades, explorado no seio da terra por meio dos poços verticaes, mas na sua falta empregavam-se muitas outras substancias mineraes, taes como: o quartzo, o basalto, a diorite, o porphyro, a obsidienne, etc.

Na epocha *Solutrienne* desenvolveu-se extraordinariamente a industria das pontas de frecha e das raspadeiras, e n'esta mesma epocha surgiu a arte do gravador exercendo-se no cré e nos paus do rangifer. A gravura d'este tempo consistia em desenhos muito toscos, de cabeças e corpos inteiros do homem e diversos animaes seus contemporaneos. As materias primas sobre que mais principalmente se estabeleceu o progresso da industria na epocha *Magdalénienne*, foram o osso e o marfim, fabricando-se estiletes, puncções, furadores differentes objectos de adorno, etc.

O osso foi tambem empregado por esta occasião para encabar diversos instrumentos de pedra, e sobre aquella substancia fizeram-se trabalhos de esculptura que denotavam já um certo gosto artistico.

Fabricaram-se n'esta idade prehistorica *quebra cabeças* de pedra.

Depois do que dissémos anteriormente, claramente se vê que a *idade neolithica* correspondia á epocha *Robenhausienne*, da classificação baseada sobre os objectos da industria da pedra.

O primeiro instrumento que se poliu, foi o machado, e este foi tambem o que teve um uso mais geral nos povos prehistoricos da edade neolithica.

Os diversos instrumentos de pedra obtinham-se, fazendo saltar lascas dos nucleos de silex ou d'outro mineral empregado e este trabalho não era tão facil como á primeira vista poderá parecer.

Entre as lascas destinadas a servirem de facas e as applicadas para outros usos, havia uma differença que devemos mencionar.

A lasca destinada para faca devia sahir com o gume prompto logo que se destacasse do nucleo. Se a lasca não vinha logo com o gume preparado, essa lasca era utilisada para outro instrumento.

Entre a folha de um punhal em silex e uma ponta de lança, havia tambem uma differença, e era a seguinte: a folha do punhal apresentava se com o cabo ligado, emquanto que a ponta de lança sendo de tamanho inferior, apresentava-se desligada da haste.

O caracteristico que distinguia um machado de uma enxó, era o gume. No machado o gume era parallelo ao cabo do instrumento, ao passo que na enxó, para o seu fim especial, o gume cruzava com a direcção do cabo.

O homem primitivo comprehendeu logo que a natureza lhe não offerecia preparados, todos os objectos de que necessitava para garantir a sua existencia, e por isso pelo trabalho foi utilisando os diversos elementos naturaes, compondo-os e modificando-os para realisar as aspirações que nutria. Assim se originou a industria com os seus incessantes aperfeiçoamentos.

O homem, porém, não se limitou á fabricação de objectos de que carecia para a vida; a sua ambição dilatou-se e foi até ao ponto de aspirar á arte.

D'este amor pela arte, foram-se derivando os objectos de adorno, os ornamentos nos mais insignificantes artigos, os monumentos, etc.

Fallaremos agora simplesmente de alguns monumentos fabricados nas epochas prehistoricas, e que tiveram origem na *idade neolithica* ou *idade Robenhausienne*.

Em archeologia designa-se com o nome de *monumentos megalithicos*, os monumentos que os povos primitivos fabricavam com grandes pedras de fórmas irregulares.

Attribuiam-se, ainda ha pouco tempo, estes monumentos, aos celtas, mas demonstrou-se modernamente que elles existiram em regiões onde aquelle povo não chegou.

As varias especies de *monumentos megalithicos* são: o *menhir* ou *peulvans*, o *dolmen*, o *tumulo*, os *alinhamentos*, os *cromlecks*, etc.

Dá-se o nome de *anta* ou *dolmen*, a um monumento megalithico formado geralmente por tres grandes pedras verticaes, sobre que se apoia uma outra formando meza. No nosso paiz existem muitas construcções d'este genero, principalmente nas provincias do Alemtejo e Extremadura. Os dolmens de Hespanha parece serem menos remotos que os de Portugal, porque as pedras empregadas são mais regulares e os esteios conservam-se em posições mais proximas da vertical.

Entre os diversos dolmens notam-se uns completamente livres e descobertos na superficie terrestre, e outros cobertos por montes de terra. Estes ultimos receberam o nome de *tumulos*, e chamam-se vulgarmente em Portugal *mamunhas*.

No norte do nosso paiz, ao contrario do que se observa nas provincias meridionaes, encontram-se muitos *tumulos* e são muito raros os *dolmens* descobertos.

O sr. Pereira da Costa, no livro que publicou a respeito d'estes monumentos megalithicos, em Portugal, dá noticia de muitos *dolmens* descobertos no nosso solo, mas depois de publicada esta memoria tinha colligido desenhos de mais uma importante porção d'elles para apresentar em uma nova edição.

Em Portugal os dolmens principaes são: o da Barroza, o de Guitamães, o da Lairinha, o do Valle

d'Ancora, o do Crato, o do Outeiro das Vinhas etc.

Fóra do nosso paiz são muito notaveis: o grande dolmen de Bagneux e o de Gavrinnio, celebre pelas suas esculpturas extravagantes.

O typo a que pertence a mór parte das *antas* de Portugal é o do *dolmen* da Lairinha

Existem no nosso solo ainda em pé, perto de cento e tantos dolmens. Como dissémos, a construcção dos dolmens pertence á epocha neolithica, porém continuou-se ainda a construir aquelles monumentos na idade do bronze, encontrando-se n'elles bastantes objectos d'este metal.

Os dolmens serviram de sepulturas, collocando-se o cadaver sentado com os joelhos ao pé da cara e os braços cruzados no peito. As armas e instrumentos que pertenciam ao finado eram tambem depositados ao lado do cadaver.

Geralmente a pedra empregada na construcção das *antas* era o granito.

Os *dolmens* de Portugal apresentam uma particularidade que os faz distinguir dos encontrados nos outros paizes, e esta particularidade consiste na existencia de placas de schisto que n'aquelles se descobriram.

Os *menhirs* ou *peulvans* consistiam em pedras alongadas de 2 até 10 metros, assentes ou cravadas verticalmente no terreno. Muito se tem dito para interpretar a significação d'estes monumentos.

Suppõem alguns que serviriam para commemorar um facto importante, outros julgam que seriam symbolos de divindade ou idolos. Depois de convertidos á religião christã, certos povos continuaram a adorar os *menhirs* e, querendo-se acabar com esta idolatria, os sacerdotes do christianismo mandaram traçar n'elles uma cruz.

Geralmente os *menhirs* eram estabelecidos com a extremidade mais delgada para cima, mas alguns se têem encontrado em posição invertida. Segundo a opinião de muitos archeologos notaveis e entre estes o nosso mestre o sr. J. Possidonio da Silva, aquella excepção seria talvez para mostrar á posteridade que o facto assim commemorado era muito extraordinario.

Alguns *menhirs* eram terminados superiormente em uma cabeça toscamente esboçada.

Os *cromlecks* são monumentos formados por uma serie de *peulvans* dispostos em fórma de circulo. Suppõe-se que os *cromlecks* serviriam de recinto para a celebração do culto religioso, assim como para tribunaes, para reunião de conselhos etc.

Em alguns d'estes monumentos os *peulvans* eram alternados com os *lichavens*, que eram construcções compostas de 3 pedras: 2 verticaes e 1 horisontal assente sobre as primeiras.

Como exemplo de um notavel *cromleck*, deveremos citar o d'Avebury no districto de Wiltshire em Inglaterra.

As *pedras balouçantes* ou *loghans*, são pedras de grandes dimensões equilibradas sobre outras ou sobre o terreno, e que ao menor impulso se movem.

São tão extraordinarios e imponentes aquelles monumentos colossaes, que se admitte hoje geralmente não serem obra do homem. Julga-se que só a natureza nas suas continuas modificações, seria capaz de collocar as pedras n'aquellas condições d'equilibrio. São portanto considerados como monumentos naturaes.

A *Piedra Grande* de Boarisa, na provincia de Santander, em Hespanha, é muito notavel.

O homem primitivo não se restringiu a fazer construcções em terrenos seccos e firmes, tambem se foi estabelecer na superficie dos lagos e nos terrenos alagadiços.

As habitações que o homem construiu sobre as aguas dos differentes lagos da Suissa, denominam-se *habitações lacustres* ou palafittas.

Por muito tempo foi ignorada a existencia d'estas construcções, mas mais tarde com o abaixamento das aguas, as estacarias ficaram perfeitamente visiveis, e, logo que se apresentou este indicio, muitas explorações se fizeram no fundo dos lagos.

Estas explorações foram coroadas do melhor resultado, porque se encontraram depositos abundantes d'objectos prehistoricos que vieram enriquecer os museus. Naturalmente o motivo que levou o homem a estabelecer a sua habitação sobre as aguas, foi o desejo de se furtar o mais possivel ao ataque dos animaes ferozes.

A communicação com as margens fazia-se facilmente, por meio de pontes, que d'um momento para o outro se levantavam interrompendo a passagem.

As *habitações lacustres* da Suissa pertencem á idade do bronze. N'esta epocha o homem alimentava-se de peixes, de animaes domesticos terrestres e dos productos que a agricultura já lhe começava a fornecer.

Os lagos onde se encontraram mais *palafittas* foram os de Neufchatel, Zurich, Genebra, etc.

As *terramares* d'Italia tinham alguma analogia com as *habitações lacustres* da Suissa, mas umas distinguiam-se perfeitamente das outras. As *palafittas* eram construidas sobre lagos, emquanto que as *terramares* eram estabelecidas em terrenos alagadiços na proximidade das aguas.

Entre ambas estas habitações e os *kiokkenmoddings* havia então uma differença consideravel, porque estes ultimos não eram habitações, mas sim montes formados com os rebutalhos da cosinha, os quaes se encontraram em grande quantidade na Dinamarca.

Estes montes que ás vezes attingiam proporções consideraveis, formavam-se nos locaes onde o homem fazia quotidianamente as suas refeições.

Dia a dia accumulavam-se no mesmo ponto os residuos dos alimentos e d'este modo se ergueram formidaveis *kiokkenmoddings*.

Fallemos agora dos differentes objectos e instrumentos fabricados na idade dos metaes, para concluir esta leitura que já vae extensa.

Houve differentes typos de machados de bronze: de *palmêta*, *ôcos com cavidade circular*, *ôcos com cavidade rectangular*, de *ponta de aza*, e *com duas azas* como se descobriram em Portugal.

Para se encabar o instrumento havia nos machados *de ponta de aza* uma especie de calha por onde se introduzia o cabo. Nos machados com uma ou duas azas o cabo era ligado á folha por meio de cordas ou correias que passavam nos olhaes. Em Portugal não se tem descoberto grande quantidade d'instrumentos de bronze.

Como todos sabem, o nosso mestre apresentou no congresso de 1880 uma memoria sobre os machados de bronze encontrados em Portugal.

Estes machados apresentam a particularidade de ter 2 olhaes.

Na Russia encontraram-se tambem machados com duas orelhas, mas que differem muito dos nossos quanto á fórma e dimensões.

Este typo peninsular é unico, e esta circumstancia particular leva a crêr que em Portugal, depois de se conhecer o bronze e depois de terem apparecido alguns exemplares de machados, a industria tomou aquella fórma especial tornando-se indigena n'este ponto.

Com respeito á idade do bronze na Lusitania, não estão todas as opiniões inclinadas a acceitar como perfeitamente caracterisada aquella idade n'esta região, em virtude dos poucos objectos de bronze que aqui se têem encontrado.

O facto de se encontrar poucos objectos d'este metal na peninsula, póde-se explicar pelo motivo de se começar aqui o fabrico dos instrumentos de bronze, quando nos outros se começava a entrar na idade do ferro.

De todos os enfeites de bronze os que se encontraram em mais abundancia e com os feitios mais variados, foram os braceletes ôcos e massiços, e os alfinetes de cabeça.

A primeira idade do ferro revelou-se pelo apparecimento abundante de *fibulas* e navalhas de barba. O deposito em que se manifestou com maior perfeição a industria do ferro, foi a grande necropole de Hallstat na alta Austria.

Temos concluido.

Lisboa, 25 de março de 1886.

D. Antonio José de Mello.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 7, pag. 108)

O Oceano, geralmente collocado á direita do Salvador, é representado por um homem barbado, sentado sobre um monstro marinho, ou despejando uma urna; tem na mão um remo, um peixe, uma cornucopia, ou o tridente de Neptuno, e na cabeça chavelhos em fórma de serpentes, e tambem, ás vezes, trazendo azas. Defronte do Oceano acha-se a Terra com a fórma d'uma mulher, semi-nua, segurando e até amamentando creanças ou serpentes, muito proximo d'ella; ás vezes mesmo, n'uma das mãos, vê-se uma cornucopia.

As personificações do Oceano e da Terra collocavam-se perto da Cruz, primitivamente, como acima dissemos, para exprimir a dôr que a Natureza soffreu com a morte do seu Creador; e mais tarde para mostrar que todo o Universo partilhou da Redempção operada pela morte do Salvador.

A mão Divina e a pomba. Muitas vezes vê-se na extremidade superior da Cruz uma mão, com ou sem nimbo crucifero, parecendo sair das nuvens e segurando uma corôa. Esta mão é o symbolo de Deus Pae, do mesmo modo que a pomba, que se vê sobre algumas Cruzes, symbolisa o Espirito Santo.

Os Anjos. Superiormente á travessa horisontal da Cruz e proximo do Sol e da Lua vêem-se ás vezes, dois, tres ou quatro anjos, em attitude de adoração. Algumas vezes suspendem sobre a cabeça do Salvador uma corôa. Nos monumentos mais remotos (os do IX seculo), onde mais frequentemente se vêem os anjos, são estes em numero de dois e designados pelos nomes de Miguel e Gabriel: representam a Natureza angelica assistindo á morte do Salvador.

Os Evangelistas. — Anteriormente ao IX seculo, nunca se representavam os Evangelistas do lado principal aos crucifixos, mas sim nas quatro extremidades do reverso, tendo no centro a imagem da Santissima Virgem. A razão d'isto é porque n'esta epocha não se admittiam no sacrificio da Cruz senão accessorios puramente historicos.

No VIII seculo, quando na iconographia da Cruz se introduziram as allegorias e os symbolos, tambem appareceram os Evangelistas.

Encontram-se ora por cima dos braços horisontaes da Cruz, com os anjos e os astros, ora nos quatro angulos da cercadura, que fórma a moldura da scena principal. Tambem ás vezes se encontram, tanto no IX como no XII seculo, no lado principal dos crucifixos, nas extremidades dos ramos.

O Calix. Encontram-se crucifixos em que o *suppedaneum* é substituido por um calix.

É muito provavel que este calix não seja mais que o *Santo Graal*, (1) tão celebre na idade média. O *Santo Graal* diz-se que servira á Ceia; foi n'elle que Jesu-Christo transformou o vinho pelo seu proprio sangue.

Adão sahindo do tumulo. Esta scena representa-se muitas vezes proximo da Cruz para significar que a resurreição da carne é uma consequencia da morte de Christo.

O sacrificio da Cruz, desde o IX até ao XII seculo, com os seus accessorios allegoricos e historicos, deve interpretar-se: a Natureza Angelica, Celeste e Terrestre assistindo ao sublime sacrificio do Homem-Deus sobre a Cruz, onde affronta os salutares affectos; a Synagoga reprovada, a Egreja formada, a cabeça da serpente infernal esmagada, o genero humano rehabilitado e recebendo o testemunho da Resurreição da Carne.

Os crucifixos dos seculos XI *e* XII. Existem muitos d'estes crucifixos; apresentam os seguintes caracteres:

A imagem de Christo é, em geral, de cobre vermelho; tem, quasi sempre, os olhos de vidro azul.

O perisonium, ou a toalha que cobre o corpo de Christo desde os quadris até aos joelhos, toma ordinariamente a forma d'um saiote cujas orlas são ornadas de perolas. Os Christos dos seculos XI e XII, vestidos de tunica comprida com mangas ou com o *perisonium* em forma de saiote, que lhe chega até aos pés, são extremamente raros.

Nos crucifixos do XI *seculo*, Christo está muitas vezes coroado com uma especie de gorra ou corôa real. No XII seculo, já a gorra e a corôa se tornam raras desapparecendo completamente no fim d'elle.

Os braços das cruzes que têem imagens de Christo, são geralmente ornados com esmaltes e symbolos, tanto no reverso como na frente principal.

Cruzes da Paixão e Cruzes da Resurreição. A Cruz da Paixão é formada por uma haste e uma ou duas travessas e representa ou imita as proporções das differentes partes da Cruz, instrumento de supplicio.

A Cruz da Resurreição é apenas um symbolo da Cruz Real ou da Paixão; é uma pequena cruz na extremidade d'uma haste como a que segura o Divino Cordeiro.

A Santissima Virgem. Durante os doze primeiros seculos da nossa era representa-se a Virgem umas vezes sósinha e outras acompanhada do Divino Filho.

A Virgem sem o Menino Jesus tem ordinariamente os braços estendidos e erguidos parecendo orar e perto da cabeça está inscripta a sigla MPOY, isto é: MÃE DE DEUS. Este modo de representação, muito usado desde o IV até ao VII seculo, deixou comtudo de ser empregado nos seculos seguintes.

A Virgem com o Menino Jesus. Ha duas maneiras de representar a Virgem com o Menino. Quando a scena é imaginada para prestar homenagem a Nossa Senhora. diz-se que ella é *poetica*.

Quando as reis magos, por exemplo, vêem trazer os seus presentes a Jesus no collo da Santissima Mãe, a scena é puramente historica.

Durante o periodo Latino e a primeira parte do periodo Roman, o grupo historico é o mais frequente. Vemol-o em differentes scenas da vida do Senhor, principalmente na adoração dos reis Magos.

O grupo poetico póde reduzir-se a dois typos distinctos. O primeiro que chamaremos *grego* ou *bysantino*, consiste em representar a imagem da Virgem com os braços erguidos como que orando, tendo diante de si o Menino Jesus, lançando a benção, ao modo Grego, com as duas mãos, ou só com a direita. Este typo já se encontra nas catacumbas.

Os Bysantinos empregaram-se durante toda a idade media, e os Gregos ainda hoje se empregam.

O *Guia da Pintura* (manual iconographico, adoptado pelos antigos pintores e ainda hoje seguido pelos Gregos), recommenda que se represente Nossa Senhora com as mãos erguidas e Christo lançando a benção para ambos os lados, com o evangelho sobre o peito.

No outro typo do grupo *poetico*, a Santissima Virgem é representada umas vezes de pé com o Menino Jesus nos braços, outras sentada tendo-o sobre os joelhos.

Dá-se a este typo o nome de Occidental, não porque elle fosse desconhecido pelos Gregos, pois que o usavam conjuntamente com o typo *bysantino*, mas por que foi este o unico usado no Occidente durante toda a idade média. Foi introduzido ou pelo menos generalisado insensivelmente na iconographia christã depois da condemnação de Nestorio pelo Concilio de Épheso, celebrado em 431. Este heresiarcha negava que Nossa Senhora fosse mãe de Deus.

Para affirmar o dogma da maternidade divina de Nossa Senhora, representavam-n'a com o Menino Jesus nos braços, e muitas vezes acompanhada da inscripção Η ΑΓΙΑ ΘΕΟΤΟΚΟϹ, isto é, *Santa Deipara*, ou a *Santa Mãe de Deus*.

Em geral Nossa Senhora está sentada com o Menino Jesus sobre os joelhos, lançando a benção, pelo menos, com uma das mãos.

Durante todo o periodo Roman estas representações de Nossa Senhora e do seu Divino Filho distinguem-se por uma magestade e nobreza de sentimento como quasi se não encontra nos seculos seguintes.

---

(1) Era um calix mystico que continha o vinho que bebeu Jesus Christo na sua ultima ceia. Este calix tinha sido conservado por José de Arimathêa e transportado por elle para a Bretanha (Inglaterra).

A Santissima Virgem tem geralmente diante de si o Menino Jesus completamente vestido, não estando entretido com sua Divina Mãe, mas sim abençoando aquelles que lhe vêem prestar homenagem. Tem nas mãos uma esphera ou mais geralmente um livro ou um rolo, *volumen,* symbolo da doutrina da nova Lei dada ao mundo.

Na Grecia e no Oriente, os pintores e os esculptores cobrem ordinariamente a cabeça da Santissima Virgem com um véu; os artistas occidentaes tambem conservaram esta tradição durante algum tempo, mas, a começar do seculo IX, dão a Nossa Senhora uma corôa real e algumas vezes uma especie de gorra.

Os Anjos. Os anjos têem figurado nos monumentos christãos desde o IV seculo. Os primeiros não tinham azas. Só do V seculo em diante é que começaram a tel-as bem como o nimbo. São representados com uma longa tunica, orlada por duas faixas em fórma de *clavi,* e têem algumas vezes na mão um longo sceptro ou *bastão,* terminado por um florão ou por uma cruz. Os archanjos Miguel, Gabriel e Raphael tambem muitas vezes são representados.

Os Anjos têem sempre os pés descalços. Symbolisava-se d'esta maneira a sua qualidade de mensageiros celestes

Os Evangelistas e seus symbolos. O uso de representar os Evangelistas sob a fórma humana ou por symbolos, data pelo menos do IV seculo.

Sob a fórma humana encontrâmol-os primeiramente em alguns mosaicos antiquissimos e um pouco mais tarde tambem nas miniaturas dos evangeliarios. Estão regularmente sentados debaixo de um portico, tendo na sua frente um pulpito chamado *scriptional,* sobre o qual está desenrolada uma folha de pergaminho, com o titulo ou as primeiras palavras do seu Evangelho. Apparecem sempre descalços e ás vezes acompanhados do animal que lhes serve de symbolo.

Os symbolos mais usados dos evangelistas são os seguintes:

Os quatro rios do Paraizo. O modo de symbolisar os evangelistas pelos quatro rios: Phisonte, Géhonte, Tigre e Euphrates, tem origem muito remota. Os mais antigos mosaicos e as proprias catacumbas nos offerecem já exemplos d'esta representação. O Salvador com a fórma humana ou com a do Divino Cordeiro, apparece sobre um outeiro d'onde brotam quatro rios, emblemas dos Evangelhos, os quaes, produzidos pela fonte da Vida Eterna, trouxeram ao Universo a fertil doutrina de Christo.

Os animaes symbolicos. Os Evangelistas são muitas vezes symbolisados por quatro figuras com azas: um homem, uma aguia, um leão e um bezerro. Estes symbolos devem a sua origem ás visões do propheta Ezequiel e do Apostolo S. João. Eu vi (dizia este ultimo), em torno do throno do Cordeiro quatro animaes. O primeiro com o aspecto de um leão; o segundo, de um bezerro; o terceiro com rosto humano e o ultimo semelhando-se a uma aguia em pleno vôo.

Os santos Padres consideraram estas visões como os seguintes symbolos: o homem o de S. Matheus; a aguia o de S. João, o leão o de S. Marcos e o bezerro o de S. Lucas.

Encontram-se os animaes symbolicos mais amiudo: 1.º sobre as capas dos evangeliarios; 2.º nas quatro extremidades das cruzes d'Altar; 3.º nos quatro angulos da representação do Christo em sua Gloria, como elle existe sobre as frentes dos altares, e nos tympanos dos portaes de egreja do XI e XII secuos.

Os symbolos dos evangelistas reduzem-se a quatro sobre um unico objecto ou empregados conjuntamente n'uma pintura ou esculptura; são regularmente acompanhados de Christo figurado com a fórma humana ou por um symbolo.

É, finalmente, da doutrina de Christo que derivam, como d'uma fonte commum, os quatro Evangelhos.

Quando se dá o caso dos animaes symbolicos ornarem os quatro angulos d'uma superficie quadrada, quadrangular ou redonda, taes como as capas dos livros, os tympanos dos portaes, as frentes de altar ou a *flabella,* têem certos logares determinados pelo uso: o homem com azas (ao qual muitos auctores dão abusivamente o nome d'anjo) occupa o angulo superior direito (á esquerda do espectador); a aguia, o angulo superior esquerdo; o leão, o angulo inferior direito, e o bezerro, o angulo inferior da esquerda.

Quando collocados nas extremidades dos quatro braços da Cruz, a aguia acha-se no vertice, o homem na extremidade inferior, o leão no braço direito e o bezerro no braço esquerdo da Cruz.

Os Apostolos. S. Pedro e S. Paulo eram os unicos Apostolos que durante o periodo Roman se representavam com um typo uniforme.

Desde os tempos mais remotos, que S. Pedro era representado trazendo uma cruz, ou as chaves, e tem cabello na cabeça, emquanto que S. Paulo é calvo. Até ao XIII seculo não se encontra nos outros Apostolos nenhum attributo caracteristico. Representam-se todos do mesmo modo, com um rolo ou livro na mão.

Os Apostolos e mesmo Judas, têem os pés descalços.

Os artistas da idade media symbolisavam com este signal iconographico a missão sublime, confiada aos Apostolos, de derramar por toda a terra a doutrina Evangelica.

Assumptos religiosos representados sobre os monumentos dos seculos XI *e* XII. Estes assumptos tirados quasi todos da Biblia, não eram muito variados; tinham em geral um caracter uniforme e reconheciam-se bem ao primeiro golpe de vista. Eis pois os que mais frequentemente eram reproduzidos:

1.º a tentação dos nossos primeiros paes; 2.º o sacrificio de Abrahão; 3.º a Annunciação; 4.º a visitação da Santissima Virgem; 5.º o Nascimento de Nosso Senhor, que já se representava sobre os sarcophagos e nas pinturas a fresco das catacumbas do seculo IV; 6.º a Adoração dos reis Magos; 7.ª a degolação dos innocentes; 8.º a fugida para o Egypto; 9.º a exposição do Menino Jesus no Templo; 10.º o baptismo de Nosso Senhor; 11.º a sua entrada triumphal em Jerusalem; 12.º a transfiguração; 13.º a ultima ceia; 14.º a crucifixão; 15.º a descida da Cruz; 16.º a Resurreição; 17.º as Santas mulheres no tumulo; 18.º a Ascensão de Nosso Senhor.

Representações symbolicas das virtudes e dos vicios. Os artistas christãos da idade media estimavam muito symbolisar tanto as virtudes como os vicios. Durante o periodo Roman as virtudes representam-se sob a figura de mulheres tendo corôas, algumas vezes tambem azas, e na cabeça uma especie de gorra. O seu nome acha-se inscripto do seu lado, ou sobre qualquer objecto que conservam nas mãos; ás vezes teem mesmo um emblema. As quatro Virtudes Cardeaes: — prudencia, justiça, força e temperança — encontram-se frequentemente sobre os monumentos Romans de toda a especie.

Os vicios são figurados, ou por monstros phantasticos, ou por homens e mulheres entregues aos excessos de suas paixões; encontram-se muitas vezes sobre o mesmo monumento em concorrencia com as virtudes que lhes são oppostas.

Animaes phantasticos. Os monumentos do periodo Roman offerecem-nos a representação de numerosos animaes reaes e phantasticos.

Indicaremos alguns d'estes ultimos.

1.º O *basilisco* é um animal com a fórma de um gallo, mas com a cauda semelhante á de uma serpente. Reputa-se provir de um ovo de gallinha chocado por um reptil. O basilisco symbolisava o demonio.

2.º A *aspide* é uma especie de serpente que a lenda diz estar de guarda á arvore do balsamo. Se o homem quizer approximar-se d'esta arvore para lhe colher o fructo, torna-se necessario que elle primeiro adormeça a mesma serpente pelo encanto; mas esta, para se subtrahir ao encantamento, tapa uma das orelhas com a cauda e a outra com terra, espojando-se na lama. A *aspide* representa os que voluntariamente deixam de attender aos mandamentos do Senhor.

3.º O *griffo* é um quadrupede com azas e cabeça de aguia. Symbolisa o demonio. Vê-se muitas vezes sobre os monumentos Romans dos seculos XI e XII.

4.º A *sereia* é um monstro com o corpo metade mulher e metade peixe. A parte superior do corpo, que comprehende a cabeça, os braços e o corpo até á cintura, tem a fórma humana; e o resto inferior é a cauda de um monstro marinho. Entre os Gregos e os Romanos as sereias terminavam em passaro e não em peixe; eram tres e habitavam uns rochedos escarpados entre a ilha de Capri e as costas d'Italia; os seus cantos tinham o poder de fazer esquecer aos navegadores o paiz d'onde vinham. Durante a idade media a sereia foi o symbolo da seducção causada pelos attractivos das pessoas.

Tambem se encontram sobre muitos monumentos os doze signos do zodiaco, muitas vezes acompanhados com os trabalhos do anno que lhes correspondem. Eram frequentemente empregados para ornar as archivoltas dos portaes principaes das egrejas.

Doadores e doadoras. Quando os doadores e as doadoras de um monumento queriam conservar ás gerações futuras a lembrança do seu beneficio, faziam-se representar em pequenissimas proporções, humildemente prostrados aos pés de Jesus Christo, da Santissima Virgem ou de outros Santos.

Algumas vezes tambem os doadores se figuravam n'uma parte secundaria do monumento, apresentando a Deus ou tendo simplesmente nas mãos um modelo da egreja, do altar ou do objecto que haviam offerecido.

(Continúa). POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 90 91

A photographia que se publica juntamente com o numero d'este *Boletim,* representa um grupo de oito alumnos do Curso de Archeologia, que dos matriculados se submetteram a exame d'esta sciencia, ficando tres dos mais distinctos laureados e os restantes com as respectivas classificações e foram os seguintes: os srs. D. Antonio José de Mello; Alfredo d'Ascensão Machado; Luiz Saldanha Oliveira Daun e Sousa; José Ribeiro d'Almeida; João Carlos Aranha Gonçalves; João Rodrigues Ferreira e Joaquim Pereira.

Como anteriormente deixâmos dito, inaugurou-se este curso em Portugal no anno de 1885, com a protecção illustrada do Principe Real. Desejou o professor que se conservassem os retratos d'aquelles estudantes, para recordação de terem sido os primeiros que frequentaram o estudo de archeologia em Lisboa, fazendo-os retratar em grupo, com os seus nomes assignados pelos proprios, e offerecendo

Grupo dos Alumnos examinados no Curso de Archeologia no anno de 1885, em Lisboa, no Museu do Carmo

ESTAMPA 21

Pag 126

um exemplar d'esta photographia a cada um, em testemunho de verdadeira estima como de particular distincção que os deveria lisongear.

Numerosos annos da nossa existencia temol-os empregado em procurar conseguir o patriotico fim, não sómente de indicar o progresso da nossa civilisação como tambem de obstar que se pratiquem repetidos vandalismos no paiz.

A fundação do Museu de Archeologia no recinto que occupava a antiga egreja do Carmo em Lisboa, fez com que a nação conhecesse, pela frequencia de visitantes de todo o reino, quaes eram as vantagens de se conservarem os objectos archeologicos nacionaes, sendo uma d'elias a de servirem de exemplares para a reproducção dos respectivos typos e estylos. Tanto foi proficua a exposição d'esses exemplares archeologicos, que depois se formaram outros museus de archeologia nas principaes cidades de Portugal, contando-se presentemente mais alguns, sendo pela sua ordem chronologica os seguintes: o 2.º na cidade do Porto, o 3.º em Coimbra, o 4.º em Evora, o 5.º em Faro, o 6.º em Lisboa, ás Janellas Verdes, 1886, o 7.º em Briteiros, Citania, o 8.º em Santarem e o 9.º em Alcobaça.

Não foi portanto inutilmente que a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes fundou em 1864 o Museu do Carmo; e o mesmo resultado se deverá esperar quanto ao desenvolvimento do ensino de archeologia, a que já se deu principio, estabelecendo se um curso d'esta sciencia nos Seminarios de Faro e Beja. Pela realisação d'essa idéa tivemos a honra de propor na referida associação fosse votada uma medalha ao Prelado de Beja, e a Monsenhor Botto, Director do Seminario de Faro, conferido o titulo de socio, com a faculdade de usar o distinctivo dos socios effectivos.

Felizmente já ha pessoas em Portugal que sabem apreciar e desenvolver no publico o gosto pelas antiguidades, desejando que o estudo da archeologia possa progredir entre nós: louvores sejam dados aos benemeritos cavalheiros que fundaram esses novos museus e crearam o ensino archeologico em Portugal; esperando egualmente que o governo não deixe de nomear o lente para a cadeira do curso de archeologia, na Universidade de Coimbra, proposta que foi approvada no Parlamento em 1885.

P. da S.

CHRONICA

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, na sessão da assembléa geral no mez de abril ultimo, approvou fosse conferida uma medalha de cobre á benemerita Confraria de Santa Luzia, na cidade de Vianna do Castello, cujo compromisso determina festejar-se todos os annos a imagem d'esta santa que tem a sua ermida sobre o monte que domina a cidade.

Esta confraria mandou fazer uma estrada para com facilidade se poder subir ao cimo do referido monte, e tambem construir um resguardo para se evitar a destruição dos vestigios archeologicos que ha na planura, havendo sido feito o seu descobrimento em 1877, pelo presidente da nossa associação.

A illustração dos cavalheiros que tomaram tão importante resolução é sobre maneira digna dos maiores elogios e dá um patriotico exemplo para ser imitado onde houver antiguidades visto que as auctoridades não têem o desvelo necessario em as conservar para a nação. O nosso instituto, perseverante no proposito de prestar o devido apreço a estes relevantes serviços archeologicos, mais uma vez deu a demonstração publica de laurear aquella benemerita corporação.

Novos socios effectivos foram approvados na sessão do referido mez, os quaes pela sua cathegoria e illustração vecm auxiliar os trabalhos da nossa associação assim como dar maior lustre ao seu nome e continuar os progressos artisticos e archeologicos em que se esmeram todos os seus dignos associados. São os srs. conde de Moser, Henriques e Heran de Moser Junior; Dr. Frederico Augusto de Castro; João Burnay; Dr. Alfredo Carneiro da Cunha. Para socio correspondente foi eleito o distincto archeologo francez Monsieur Charles Normand, secretario geral da Sociedade Protecção d'Artes e Monumentos e director da revista *O Amigo dos Monumentos*.

Recebeu-se dos srs. testamenteiros do fallecido general de brigada o nosso chorado consocio Antonio Florencio de Sousa Pinto a medalha de prata representando o monumento erigido no Bussaco em memoria dos feitos praticados pelo exercito portuguez que n'aquelle sitio venceu as forças francezas que vieram atacar as fortificações ali construidas pelas tropas portuguezas afim de obstar á passagem do inimigo. S. Ex.ª fôra contemplado com esta medalha pela commissão encarregada de fazer executar aquelle monumento, sob a direcção do nosso distincto consocio o general sr. Joaquim da Costa Cascaes, que tinha proposto e dado o desenho ao Governo para se levantar esse padrão: o brioso finado deixou ás pessoas que mais estimava uma lembrança e tambem quiz que a Real Associação conservasse um objecto seu que não sómente recordasse ter lhe pertencido, como tambem ficasse sendo o possuidor de uma obra de arte de tão gloriosa memoria, patenteando assim a sua veneração como militar e a estimação ás bellas-artes do seu paiz, como amador intelligente.

NOTICIARIO

• A Sociedade Franceza de Archeologia para a conservação dos monumentos historicos terá este anno em Brivé um congresso, no dia 17 de junho. Além dos seus trabalhos os membros emprehenderam excursões interessantes, como se costumam fazer n'outras provincias onde se reunem esses congressos, sendo

o seu director o insigne archeologo Mr. Conde de Marsy, nosso digno socio honorario, que occupa o logar do fundador d'esta benemerita sociedade o afamado archeologo Mr. de Caumont, tendo sido na cidade de Evreux que no anno findo teve logar o Congresso.

O professor mr. Crié da Faculdade de Sciencias de Rennes communicou á Academia de Medicina de Paris o facto de ter abatido um edificio pelo accidente de ter sido invadido por parasitas, um cogumelo especial, causando a destruição do vigamento. Com esta é a 5.ª communicação analoga de mr. Crié, havendo dado uma serie de documentos muito importantes, sobre os quaes se fará um relatorio ao ministro das obras publicas de França.

Em Finistere (Saint-Palus)[1] fez-se descobrimento de mais dez mil pequenas moedas romanas; o maior numero d'ellas foi cunhado em Trèves e datam dos reinados de Valeriano, Diocleciano, Constancio, Maximiano, Licinius, Constantino o Grande e Constantino II. Estão bem conservadas. Tambem foram depois achadas duas taças de prata.

O colosso de S. João Teothnacan descoberto soterrado no territorio do Mexico, que os indios ao principio se mostraram hostis a que fosse removido, foi por fim tirado com a annuencia d'elles, porque (diziam) ouviram o som do sino do thesouro, em signal evidente de que o idolo consentia deixar o local! Foi preciso abrir uma profunda escavação para attingir a base do formidavel monolitho e se conhecer exactamente as dimensões da estatua, a qual tem de altura 3m,15; a base mede 1m,52 por 1m,62; a parte media 1m,69 por 1m,64, e a extremidade 1m,52 por 1m,52. Em breve estará exposta no museu da capital.

Nas escavações em Tunis continuam a descobrir-se antiguidades de bastante interesse. Na necropole romana os cadaveres estão nas sepulturas deitados dentro de caixões de chumbo. As sepulturas do cemiterio christão apparecem cobertas por lousa com mosaicos, onde o defuncto, muitas vezes, está representado na attitude de orar, e algumas vezes mesmo a parte interna da sepultura acha-se inteiramente revestida de mosaicos.

Em Montilla (Hespanha) tem-se feito investigações prehistoricas importantes; em um deposito de areia encarnada appareceram alguns monumentos que se assemelham aos dolmens e em um dos quaes havia um craneo humano, sub-dolichocéphalo, junto do qual estava uma bilha de barro grosseiro feita á mão.

Em escavações effectuadas em Fontaines (França) para reparos n'um aqueducto romano, sobre local de uma antiga cidadella gauleza, da qual os vestigios existem ainda na proximidade, acharam se objectos bastante curiosos, entre elles uma lampada romana, hache de ferro, cinco fibules de bronze, enfeites e ornamentos de toilete, um cutello de sacrificador, em ferro, e grande quantidade de medalhas e moedas romanas.

[1] Em Patuá, proprio da localidade.

A torre Eiffel está publica. O preço é de 1 franco até ao primeiro andar (diminuiu 4 francos): do primeiro ao segundo andar é tambem de 1 franco; do segundo ao terceiro é de 2 francos. Estes preços ficam diminuidos por metade aos domingos e dias de festas publicas.

Ha nos tres andares differentes diversões.

O projecto para se construir uma torre de metal em Londres no concurso proposto ha alguns mezes para esta construcção, devendo ser superior em altura á da exposição de 1889 em Paris, está concluido; mais de 200 projectos de architectos da Europa e America foram entregues á commissão d'esta empreza. Os projectos variam em altura de 360 a 460 metros; são pelo maior numero feitos em aço, empregando-se o peso do metal de 8:000 a 20:000 toneladas.

A Secção d'Archeologia da Sociedade Central dos Architectos de Paris reuniu a 22 de abril ultimo sob a presidencia de Mr. Bailly, Membro do Instituto, afim de renovar os membros da mesa e vogaes para o presente anno, sendo eleitos:

Mrs. Hezey, Official da Legião de Honra e Membro do Instituto; Perrot, Official da Legião de Honra e Membro do Instituto.

MEMBROS RESIDENTES

Mr. Bailly, commendador da Legião de Honra, Official de Instrucção Publica, presidente.

Daumed, Cavalleiro da Legião de Honra e Official da Academia. — Normand, Cavalleiro da Legião de Honra, vice-presidentes.

Charles Luiz, Official de Instrucção Publica, secretario. — Luiz Bernier, Official da Legião de Honra. — Chipiez, Official da Legião de Honra e da Instrucção Publica. — Clement, Official da Academia. — Corroyer, Cavalleiro da Legião de Honra. — Daly, Cavalleiro da Legião de Honra. — Hardy, Official da Legião de Honra e da Academia. — Devorez, Cavalleiro da Legião de Honra. — Lisch, Official da Legião de Honra. — Charles Morim, Cavalleiro da Legião de Honra. — L. Renaud, Cavalleiro da Legião de Honra. — Paul Séchille, Official da Legião de Honra e Official de Instrucção Publica. — Uchard, Cavalleiro da Legião de Honra e Official da Academia.

MEMBROS NÃO RESIDENTES

Mrs. Coquet, Official da Academia, de Lyão. — Charles Durand, Cavalleiro da Legião de Honra, de Bordeaux. — Alph. Gossi, Official da Academia, de Reims. — H. Révoil, Official da Legião de Honra e Official da Instrucção Publica, de Nimes. — Tardier, Official da Legião de Honra e da Academia.

MEMBROS CORRESPONDENTES

Mrs. Belmeas, de Madrid. — J. P. da Silva, Official da Legião de Honra e Official de Instrucção Publica, de Lisboa. — R. M. Hurit, Cavalleiro da Legião de Honra, de New-York. — E. N. Zanglet, de Upal. — Phéné Spiers, de Londres. — Vinders, de Antuerpia.

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ANALYSE SOBRE A COMPOSIÇÃO DA ORDEM JONICA

Posto que a Ordem Jonica tenha deixado menos exemplares nos monumentos e menos ruinas que a Ordem Dorica, pertencente aos antigos templos da Grecia, todavia nos templos antigos em que foi empregada, acharemos o seu typo completo. Analysaremos pois os principios constitutivos d'esta ordem, para se poder avaliar o grau de perfeição que a arte obtem, pela mesma fórma como procedemos para se conhecer qual era a theoria em que se baseava a primitiva Ordem Dorica creada n'aquelle paiz.

Tomemos para exemplo, o templo da Victoria, sem azas, de Athenas. Foi este templo construido no principio do seculo de Pericles, de uma fórma simples, e d'um bello estylo; as pedras da sua construcção offerecem-nos uma prova d'esta nova Ordem, e dão logar a podermos estabelecer uma comparação com a Ordem Dorica, a primeira que ornou os templos da Grecia.

O plano, as disposições geraes, as divisões mesmo do templo não differem muito pouco dos outros anteriores; porém a differença está nas subdivisões d'esta nova Ordem; principiando pela base que é complicada, sendo composta de numerosas molduras, o que dá mais leveza e elegancia á sua apparencia, pois as suas molduras fingem as pregas e as dobras de uma almofadinha, como se fosse para dissimular a rijeza dos contactos. Já se vê quanto esta nova fórma de *base* é differente da disposição que tem a columna Dorica, além das suas estrias serem as arestas vivas, terminando directamente sobre o pavimento, firmando-se n'ella, e parecendo enterrar-se pelo solo; apresentando esta particularidade e dando-lhe o effeito do seu aspecto hirto, estavel e invariavel. A columna é em qualquer monumento a parte expressiva d'elle; fórma um sêr completo com a sua constituição propria; póde ficar isolada sem perder nada do seu caracter, pois não necessita de coisa alguma para mostrar o que é. Posta sobre a sua base, com o capitel, ella assemelha-se a uma estatua sobre o pedestal: de todos os pontos póde ser apreciada e comprehendida. As columnas *votivas* dão d'isto uma prova evidente. Cresus, rei da Lybia, enviava columnas aos Efesianos como presente, do mesmo modo, como se mandavam estatuas para ornar os recintos dos templos. Os principaes cidadãos da Asia, as cidades mesmo, offereciam muitas vezes *uma columna* para a construcção de um templo, e n'ella se inscreviam os seus nomes. No templo de Efeso, havia uma columna que tinha sido preparada por Scopas, celebre esculptor nascido em Paris no anno de 640 A. de J. C.; e este insigne artista mereceu o sobre-

nome de *Artista da Verdade*: era esta columna a mais bella, a mais nomeada, a rainha de todas as suas irmãs.

Com a altura que se dá ás columnas jonicas, a cabeça é pouco pesada, porque as volutas que pendem á direita e á esquerda do capitel assemelham-se aos penteados das damas; parecendo mais franzinas e mais delicadas, e com aspecto mais mimoso, isto é, mais elegantes.

O frontão é menos elevado nos templos em que esta Ordem figura, tendo uma forma mais delicada; não tem esculpturas em alto-relevo, nem ornatos com essa multidão de estatuas, que convinha ao robusto entablamento Dorico.

De modo que, se se perguntasse, depois d'esta succinta comparação, qual o elemento que deu origem á Ordem Jonica, poder-se-hia responder que foi unicamente o desejo e o empenho de variar da primitiva Ordem conhecida. O Dorico é pouco elevado, robusto e forte; o Jonico pelo contrario é delgado, elegante e delicado. O Dorico é singelo e austero; o Jonico precisa ser ornado e motivando a sua decoração. Na sua simplicidade o Dorico accusa a sua disposição, a mais intima; o seu madeiramento, os seus ligamentos, assim como a esculptura de Phidias, mostram as saliencias dos ossos e dos musculos; o Jonico esconde todas essas saliencias, apresenta na sua estructura formas leves, planas, harmoniosas, como a esculptura de Praxiteles. N'elle se esconde a resistencia, disfarça-se a força, a solidez desapparece debaixo dos ornamentos: portanto estas duas Ordens assemelham-se aos dois sexos, com que já as haviam comparado os architectos antigos.

O Dorico é o elemento masculino, o principio, a ordem robusta; emquanto o Jonico é o elemento feminino, a ordem mimosa.

A Architectura, essa grande Arte que cria e parece não imitar coisa alguma, dando uma fórma incognita ás suas producções, necessariamente devia começar por imitar, procurando em roda de si, na natureza organica, no homem ou nos productos feitos pela mão do homem, esses elementos de imitação: elementos que se separam, se desnaturalisam, se transformam, se idealisam, porém, os quaes foram, não obstante essas alterações, ministrados pela natureza e devidos á experiencia da comparação. O principio que dirige esta assimilação e a inspira, foi ainda o resultado da experiencia: porque o homem escolhe os exemplos em si ou nos objectos que o rodeiam. Portanto o sentimento da proporção, da uniformidade, da composição do templo ou da columna seguiu leis constantes; esses seres inanimados que medram ou encurtam, se elevam ou diminuem, sobem ou descem, sempre em união, conservando a relação de todas as suas partes entre si, é proveniente da assimilação ao corpo humano, ás suas leis de engradecimento e de relação. Por que motivo os architectos não teriam assimilado as Ordens da Architectura aos sexos, no mesmo tempo que assimilavam os monumentos aos seres animados? Porque não deu a humanidade um sexo ás cousas que não existem, ás ideias, ás palavras? Porque, nas linguas humanas, os nomes com que se nomeiam as cousas tem um sexo? Porque razão ha cousas que pertencem a um ou a outro sexo, distincção tão arbitraria que o mesmo objecto, sendo feminino em uma lingua, é reputado masculino em outro idioma?

É a forçosa necessidade de assimilação que explica estes habitos do espirito. O homem refere tudo a si, como comprehende sua limitada vista; elle não póde attingir mais alto que o mundo real em que existe, e se constitue a unica bitola para todas as cousas. Na antiguidade pagã, representada pelas suas maiores intelligencias, não poderam dar aos Deuses uma outra fórma, que a fórma humana ou animal para os representar em vulto. Raphael e Miguel Angelo, estes mesmos, inflammados pela Fé christã, não pintaram a Divindade senão com a mesma imagem do homem!

Porque o homem, como já o dissémos, não inventa, combina, assimila. O architecto, sem o pensar, conduzido pelas leis inflexiveis da experiencia e pelo esforço espontaneo do seu espirito, encontrou os elementos da architectura no mundo exterior. Troncos de arvores, folhas, flores, fructos, perolas, pregas dos estofos, elle simplificou tudo, combinando, disfarçando, idealisando, e não fez mais nada. As proporções, isto é, as regras que reunem e estabelecem em um só corpo todas estas partes, elle as achou em si constituidas, nos seres organisados, sempre sem o pensar, pelo secreto impulso da sua personalidade. N'isto, como em todas as cousas, elle tem sido o copista da natureza do unico Creador.

Quando o architecto procurou a variedade, quando quiz ajuntar a um typo antigo um novo typo, estabeleceu as distincções, de ordens, de familias, de monumentos, elle foi ainda copiar a humanidade e reproduziu a divisão dos sexos.

Da mesma maneira que nós vimos de um lado a conformação do homem, a força, apresentar fórmas vigorosas e fortes, de uma simplicidade que nada receia de mostrar nua a saliencia dos ossos e o esforço dos musculos apparecendo no corpo humano, indicados com energia; assim, na mulher, nota-se a fraqueza elegante, as proporções mais delicadas, a graça unida ás fórmas que se escondem em contornos suaves, e que são elles mesmos o véo o mais ideal do esqueleto humano, formando uma perfeição que préza os adornos e que os attrahe pela sua formosura. Do mesmo modo a architectura Dorica é severa, grandiosa;

energica na força immovel que ella apresenta em toda a parte; n'uma palavra, é varonil, é a origem da essencia do homem. Pelo contrario, a Architectura Jonica é tão delicada, que dissimula a sua construcção interna, produz externamente sobre todos os seus membros unicamente contornos harmoniosos, superficies sem asperezas e levemente armadas, que se cobrem de pinturas mimosas; que ajunta aos seus capiteis de marmore os penteados dos lados da cabeça como as gregas usavam, enfeitando-a com grinaldas de bronze dourado, imitando os adresses, nos seus tectos pondo estrellas de ouro, nas suas molduras pedras preciosas; é o principio feminino, isto é, representa aquillo que é ao mesmo tempo mais similhante ao homem, e o mais differente d'elle.

Não se deve reputar esta apreciação como sendo subtilezas nem phantazias vãs. Julgamos ter demonstrado pela analyse a origem da arte grega e egualmente a relação que tem com a humanidade. O homem encontra-se em toda a parte: o mundo exterior é para elle uma sala cheia de espelhos; elle não póde evitar de se vêr a si mesmo. Tal a explicação da origem das Ordens Gregas. É a divisão em duas classes, com qualidades que se excluem umas ás outras, e que todas, tendo o seu fundamento em si, o seu encanto, precisam ser desenvolvidas em separado: a força e a delicadeza, a simplicidade e a riqueza, a solidez inalteravel e a flexibilidade cheia de elasticidade, a nudez e a gala dos enfeites, a magestade e a graça.

Não teria limites se considerassemos esta escala de opposições, esta dupla face de bellezas que se excluem sobre o mesmo corpo ou sobre o mesmo monumento, e que todavia são um prazer para a Arte, e uma necessidade para as suas producções. A divisão estabelecida nas Ordens veiu satisfazer a esta imperiosa necessidade, que o raciocinio e o gosto apurado dos gregos soube achar.

Qual é a origem historica da Ordem Jonica? Sabe-se unicamente que as colonias saidas da Grecia para se estabelecer na Asia-Menor, fundaram 12 cidades, como já haviamos relatado antecedentemente, e edificaram em commum o templo de Neptuno Panionianno. Este templo era similhante aos que existiam na mãe patria pertencentes á Ordem Dorica, para serem fieis á tradição dos seus antepassados. Mais tarde, propozeram-se levantar á Diana de Efeso, na capital d'esta confederação, um monumento nacional de grandissimas dimensões, que fosse de sumptuosidade, para o qual deviam contribuir todas as outras cidades Jonicas. Quizeram egualmente que este templo tivesse um caracter especial de nacionalidade pela sua architectura, e cogitaram em achar uma Ordem nova; esta Ordem, creada e adoptada pelos Jonicos, foi chamada *Ordem Jonica,* dando-se-lhe o nome dos seus inventores.

Estas indicações não são menos plausiveis que curiosas. Primeiramente o Dorico teve este nome unicamente na occasião em que uma Ordem differente foi adoptada; antes era simplesmente designado pela Ordem Grega, nacional, unica exercida pelos Achaenos como pelos Dorios, que se apoderaram d'ella para si. Como isto aconteceu na epocha em que os Dorios dominavam, pozeram-lhe naturalmente aquelle nome que tinham os antagonistas dos povos Jonicos. Em segundo logar, na opinião dos antigos, a Ordem Jonica era mais nova que a Ordem Dorica. Acredita-se que a haviam applicado pela primeira vez a um grande edificio no meado do VI seculo, quando edificaram o templo de Eféso. Portanto a Ordem Jonica foi então revelada, fazendo a sua apparição na Jonia, e no templo de Eféso destinado para a mimosa representação d'esta nova architectura. Devemos nós tomar ao pé da letra as narrações dadas pelos romanos e pelos gregos a este respeito? Nenhum ensaio teria precedido o emprego d'esta Ordem antes de ser applicada ao templo de Eféso? Porventura um unico homem, de um só esforço, teria conseguido repentinamente compôr uma formula que parece necessitar de grande trabalho, de hesitações, dos progressos de muitas gerações? Ainda mais, os gregos não teriam imitado nenhum modelo, nenhum elemento das civilisações anteriores e do Oriente?

O bom senso mesmo nos aconselharia, na falta de dados archeologicos mais positivos, que em materia de imitação os povos não se podem eximir da influencia dos outros povos visinhos, aos quaes os uniam o commercio, interesses communs, parentesco de raça, e que os teriam antecipado, ainda que fosse unicamente sob o ponto de vista chronologico, na historia do mundo. Reservando as lições do futuro, e não andando mais depressa que os indicios que a sciencia nos offerece, pode-se afoitamente suppôr que os monumentos do Oriente apresentam elementos que não deixam de ter alguma analogia com a Ordem Jonica que existe nas bellas ruinas da Grecia.

Examinando os tumulos dos Phenicios em Phéra, vê-se ali pilastras similhantes á Ordem Jonica antigas, que mostram ser de um trabalho primitivo. Selinonte, tão visinha dos Carthaginezes, mostra-nos já elementos Jonicos misturados com o Dorico, antes que a definição determinada das duas Ordens estivesse estabelecida. Estes exemplos bastam, para provar que a Ordem Jonica não nasceu completa repentinamente e que os seus elementos existiam já no antigo Oriente.

Era impossivel que um homem, fosse qual fosse o seu ingenho, inventasse de uma só vez uma con-

cepção tão difficil de coordenar como deve ser uma Ordem de Architectura. Era preciso, para se conseguir, muito tempo, muitos trabalhos preparatorios, ensaios de progressos lentos; precisaria d'um certo movimento composto, que traz após si todos os espiritos creadores n'essas occasiões extraordinarias. A architectura é a mais impessoal, a mais complexa de todas as artes, que representa melhor a união de uma esmerada civilisação. Nada é mais notavel que a impossibilidade que encontram os architectos para crear typos novos. Será porque a humanidade tenha esgotado todas as condições da materia? Ou mais depressa será, porque nós estejamos algemados no circulo fatal da experiencia da vida?

O Jonico existia, pois, no estado latente, permitta-se a comparação; seus elementos estavam dispersos, confundidos muitas vezes com os do estylo Dorico. Um architecto de grande talento, Chersiphron, chamado o Homero da Architectura, apresentou em grande proporção e com formulas determinadas todo o trabalho da architectura das gerações precedentes: resumiu as descobertas feitas por elles, arranjou-as em uma bella e simples ordem, marcou esta obra de seu cunho individual, e deu-lhe a uniformidade que não tinha.

O templo de Efeso foi a manifestação e o typo que apagou o passado e serviu de modelo para o futuro.

Não se póde acreditar que a Ordem Jonica seja contemporanea do Dorico, assim como não se póde admittir que a Venus de Medicis não seja contemporanea de Phidias, e o Apollo de Belvedere, obra dos Eginetes. Nos nossos tempos de ecletismo, não prezamos todos os estylos, porque somos egualmente indifferentes a todos elles. Porém no paiz de um povo primitivo, creador, e intelligente, estes estylos vinham uns apoz outros.

Procuraram primeiramente a força, as fórmas robustas, a solidez e as apparencias as mais magestosas da estabilidade, as condições logicas, as formas mais expressivas, a simplicidade, a nudez, todas as qualidades que agradam aos espiritos já sensiveis ás bellas cousas, porém sem terem ainda alcançado a delicadeza nem o aperfeiçoamento das artes. Mais tarde novas necessidades se manifestaram. As imaginações desenvolvidas, a cultura geral do espirito, a riqueza, o luxo, os costumes sumptuosos, a elegancia dos usos, uma certa nobreza, carecem de formas em harmonia com o estado a que tinha chegado a sociedade. Em se aperfeiçoando, os homens se afeminam; serão pois impressionados pelas bellezas mais mimosas, mais agradaveis. A litteratura faz-se então mais humana, mais encantadora; a musica inventa rythmos mais proprios para o prazer; a pintura procura côres mais variadas, a esculptura formas mais voluptuosas, vestuarios mais elegantes. A Architectura segue esse movimento geral, e a Ordem Jonica vem satisfazer ás novas necessidades da sociedade já mais policiada, illustrada e sabendo prezar o sublime expresso no delicadissimo da Arte.

Portanto o gosto da novidade produziu a Ordem Jonica: ella é mais recente que a Ordem Dorica, a philosophia da Arte está d'accordo com o testemunho dos auctores, que nos apresentam as ruinas dos monumentos para nos convencerem d'esta verdade. A nova Ordem alcançou influencia sobre o Dorico, fal-o-ha mais esbelto, menos massiço, e conseguirá desvial-o do seu aspecto primitivo, para o alterar; porém ella completará a belleza da architectura grega, introduzindo formas desconhecidas e dando origem aos templos mais esbeltos da antiguidade, que causaram tão grande admiração n'essas eras de tanta gloria e esplendor.

Diz-se que o Jonico era uma Ordem funerea; que no principio, o capitel jonico fôra um signal distinctivo da morada dos mortos. Cousa alguma justifica isto, quer na religião, quer na historia, quer nos usos, que os antigos nos deixaram por escripto respectivos a essas civilisações remotas. Mas sendo os tumulos pequenos edificios, era mais natural servirem-se d'esta Ordem, que se applicava aos edificios de limitadas dimensões. Tanto mais que o Dorico precisando de maior desenvolvimento para as suas formas, deveria parecer mesquinho se fosse empregado em monumentos de tão restrictas dimensões. Por esta razão o templo de Theseu em Athenas, dedicado aos heroes, não obstante a sua perfeição, tem um aspecto um pouco acanhado pela sua pequenez. Ao contrario, o Jonico, delicado, ornado, subtil, adapta-se convenientemente a toda a especie de decorações, principalmente n'aquellas que requerem se una o mimoso e o justo á elegancia; a ostentação modesta ao acerto e bom gosto; o que sendo muito mais difficil de combinar, exigiu maior apuro na civilisação dos gregos, uma inspiração mais sublime, para que havia concorrido a larga experiencia d'um povo dado á cultura das Bellas-Artes, e á sua creadora imaginação, que nas artes lhe havia feito alcançar a merecida fama de possuir o melhor gosto, e perfeição na execução d'essas obras sublimes que o immortalisaram.

J. da S.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

CONVENIENCIA DA VULGARISAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DE ARCHEOLOGIA

Nomeou-se ha pouco uma commissão para consultar o governo (me parece), respectivamente aos objectos de antiguidade que possue o paiz, creação de novos museus assim como a conservação de monumentos nacionaes; a qual, provavelmente, percorrerá nos seus estudos, todas as questões attinentes a tão vasto sujeito. E para que nos habilitemos a fazer justiça aos illustrados esforços da commissão, julgo de toda a conveniencia que sejam fornecidos ao publico todos os esclarecimentos que possam contribuir para avaliar o zelo com que taes estudos serão feitos e ajudal-os. Tanto mais, que eu creio, que a illustre commissão a que me refiro, terá de luctar, n'alguns pontos, com graves difficuldades. É a este respeito, como póde ser que em mais alguns, lhe será mister toda a circumspecção de que os seus dignos membros são capazes, para imprimir o cunho da auctoridade ás suas deliberações que eu não duvido que serão as mais proficientes, em todas as suas partes.

O publico desconfia sempre de todas as reformas, porque receia as tendencias d'ellas para a centralisação, e para a *burocracia*. As aspirações ao optimismo já nos têem morto e pódem ainda matarnos muitos projectos, a qualquer respeito que entre nós se intentem. Por isso acho acertado preparar a opinião publica, para o seu recto juizo. E o que eu pretendo fazer em referencia aos *Museus de Archeologia de Lisboa*, conveniente seria, que quem o podesse fazer, melhor o fizesse, sobre cada um dos differentes ramos de bellas artes, museus e monumentos; por serem agora thema d'um estudo official, lhes poderão provir grandes bens, como urgentemente entre nós todos esses pontos carecem. Fazemos votos, *para que se não diga, que nem ao menos apreciamos o que possuimos;* pois é exactamente nas circumstancias em que estamos! E não tanto por falta de colligir, examinar e investigar, os muitos elementos que para isso já temos.

Talvez não fosse peior, começar immediatamente por ahi algum estudo. Feito, por assim dizer, o inventario do que possuimos, melhor se conheceria depois o methodo mais conveniente de distribuirmos essas riquezas, dando-lhes a applicação pratica, em que melhor podessem ser utilisadas, e mais acertadamente reconheceriamos, como e quaes as que nos cumpre manter, crear ou adquirir; e quaes as circumstancias que maior desenvolvimento demandam, para efficaz aproveitamento da sciencia das bellas-artes e da industria, sem maior gravame da despeza publica, e sem ostentações burocraticas.

Ha vinte seis annos (1864), fundou-se em Lisboa uma associação que se denominou dos *Architectos Civis Portuguezes.* Esta associação, apreciando, como não podia deixar de ser, as ruinas do convento do Carmo, completamente abandonadas, e apenas aproveitadas no mais ignobil dos serviços, teve a feliz inspiração de vir estabelecer-se (em 1866), no meio d'essas ruinas, adaptando-as como lhe foi possivel aos seus fins: e n'esse ponto auxiliada pelo governo, n'alguns pequenos reparos, que ali se fizeram por conta das obras publicas.

Ora as ruinas do convento do Carmo, são os restos venerandos de um rico e respeitavel monumento artistico e historicamente considerado na arte, porque representam os vestigios do specimen mais perfeito e famoso entre nós, da architectura a que chamam ogival: na historia, porque commemoram o vulto grandioso e legendario do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, seu fundador, ali frade, e ali sepultado, até ha poucos annos.

Pois estas ruinas, póde ser que a estas horas estivessem de todo desfeitas, com grave desdoiro do nosso patriotismo, e da illustração do seculo em que vivemos, se aquella associação, que por isso se póde dizer benemerita, não viesse estabelecer-se no meio d'ellas. Porque ruinas como as do Carmo, merecem em todas as nações cultas os cuidados do archeologo, o amor do patriota, e a cogitação da philosophia historica do povo a que pertencem. Não são unicamente abobadas desfeitas, architraves partidas, pilares derrubados; representando em destroço a arte d'outros tempos, são tambem as memorias da gloria d'um paiz, são o cunho d'uma civilisação.

Alguns annos depois, em 1872, desenvolveu-se esta associação, condecorando-se com o titulo de *Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes;* havendo já formado, alli mesmo, o nucleo do primeiro museu de archeologia, que entre nós se fundou!

Este museu conta já hoje, para cima de tres mil duzentos e dezesete objectos, alguns dos quaes raros entre todos os dos museus conhecidos.

A associação conta presentemente cento e vinte dois socios nacionaes, e trinta e oito estrangeiros; entre elles, homens dos mais notaveis na sciencia e na arte.

Pelo que respeita ao Museu de Archeologia de Lisboa, teremos pois tres pontos que considerar:

1.º O monumento, no meio de cujas ruinas foi estabelecido, por iniciativa particular; e servindo

de incentivo a outras collecções archeologicas, que se vão fazendo pelas provincias:

2.º Os objectos que já contém e constantemente está adquirindo, com muita despeza, e inexcedivel zelo;

3.º A associação, que o fundou e mantem, unicamente com os seus proprios e limitadissimos recursos, augmentando-o sempre, e sustentando um jornal muito dispendioso, e uma correspondencia activa com muitas academias e sabios estrangeiros.

Não sou competente para avaliar, se essa grande evolução social de mais de nove seculos, dos povos occidentaes da Europa, a que chamamos meia-idade, tem sido rectamente apreciada. O que me parece, é que os tres seculos ou pouco mais, que d'esses tempos a Portugal pertencem, ainda não teem sido entre nós desenvolvidamente estudados, como aliás merecem.

Um erudito historiador moderno, e que se mostra imparcial, diz que o christianismo foi o grande bemfeitor da edade-media... que, por effeito d'elle, os homens se consideraram como membros de uma só familia; e que pela egualdade religiosa, fôram guiados para a egualdade civil e politica.

Recordo taes phrases, tendo de lembrar-me de dois monumentos religiosos levantados por dois heroes da guerra, e um d'elles tambem da politica, na edade media.

A época de D. João I, é para nós uma época, além de gloriosa, a todos os respeitos notavel.

Portugal, creio eu, nunca ostentou como então mais grandioso o seu pequeno vulto. Do Tejo até ao Rheno, nenhum outro povo, da meia-edade lhe excederá os brios e o bom senso d'essa época.

Era manifesta a illustração, já bruxuleavam com vigor os principios da nossa litteratura; assomavam os nossos primeiros historiadores; e o rei de *boa memoria* educava os seus filhos no commercio das lettras que cultivaram; preparando, no infante D. Henrique, o grande iniciador dos descobrimentos maritimos que haviam de mudar a face do mundo.

Para nada nos faltar n'essa época de tanta gloria para nós, até as bellas artes nos engrandeceram.

D. João I fizera um voto ao ceu, pela batalha de Aljubarrota, ou talvez quiz deixar d'ella aos seculos um monumento perduravel; e mandou construir essa maravilha chamada convento da *Batalha*, com a invocação da *Victoria*.

O companheiro d'armas do rei cavalleiro, o condestavel do reino, o esteio de uma nacionalidade a ponto de desabar o tronco da Casa de Bragança, o progenitor de quasi todos os soberanos da Europa, D. Nuno Alvares Perei a, fez tambem o seu voto, ou teve egual *querer*, n'uma devota inspiração; e mandou construir outra maravilha, o convento do Carmo de Lisboa com a invocação do *Vencimento*.

Mas as ruinas do famoso templo do Carmo, do qual Filippe II dizia: «Esto si, esto si, que es un templo!» fôram em nossos dias totalmente desamparadas, e entregues ao vandalismo de uma estrumeira. E o que é mais, foi a camara municipal, que as destinou para vasadoiro da limpeza das ruas!

Essas ruinas magestosas, que os estrangeiros admiram, e metade de Lisboa tem defronte dos olhos, sobre uma das mais vistosas collinas da cidade, estão sendo uma accusação constante da nossa decadencia artistica, e um altivo protesto contra a nossa indifferença imbecil, pelas reliquias venerandas das nossas glorias passadas!...

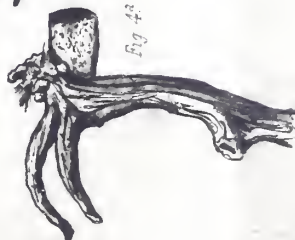
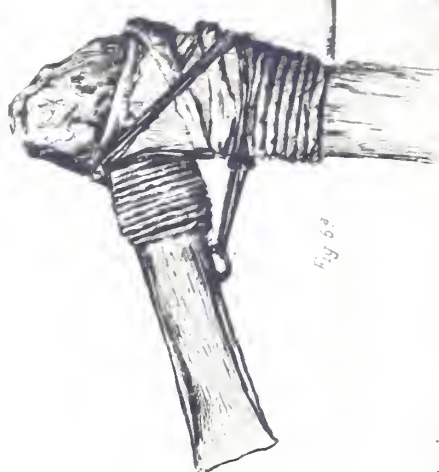
O convento da Batalha, entendeu-se e muito bem, que deveria ser conservado como monumento nacional: e destinou se uma dotação annual, não só para conserval-o, mas para progressivamente poder ir sendo completado. Porque não mereceram as ruinas do Carmo, existentes no coração da capital, por tantos titulos respeitaveis, a mesma consideração, e para os mesmos fins?

Se a sua reconstrucção, com a primitiva grandeza, se entendesse dispendiosa de mais para a fazenda publica, a arte tem hoje meios de imitar aquella grandeza, aproveitando o que resta da sua primeira magnificencia. Porque se não determinará uma cobertura de construcção mixta, para o cruzeiro, e depois para as naves do templo, evitando assim a sua completa ruina?

As nações mais civilisadas desvelam-se na propagação e no enriquecimento dos museus, d'estes templos da illustração, que já se contam aos centos, e até mesmo pelas cidades de segunda e terceira ordem. Em 1868 contavam-se quarenta e tres museus municipaes ou departamentaes, só em França; e bem se entende, que n'este numero não são comprehendidos os primeiros museus d'aquelle illustrado paiz, havendo augmentado depois em duplicado numero!

Mas entre todos os museus, os que ultimamente vão attrahindo mais a attenção, e as diligencias dos sabios de todos os paizes, são os museus archeologicos, especialmente os d'archeologia prehistorica. Citam-se já hoje museus archeologicos muito notaveis, e da maior importancia para a sciencia. Entre os menos conhecidos, pódem citar-se como dos mais ricos e apreciaveis: os museus de Stokolmo, Dinamarca, de Cluny, de Namur, o de Saint-Germain, verdadeiramente prehistorico, e o museu ethnographico de Copenhague, opulento de preciosidades orientaes, que occupam não menos de vinte e oito salas. Em Madrid tambem já existe um museu d'archeologia, fundado seis annos depois d'aquelle do Carmo, mas subsidiado pelo governo do seu paiz.

Entre nós, e muito me custa fazer esta confissão,

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Maneira de Encavar os Machados de pedra e de Bronze Prehistoricos.

Estampa 91.

Pag 135

ainda que nos estudos e investigações archeologicas se possam citar nomes illustres, modernamente quasi que se chegou a escarnecer d'esta sciencia, desdenhando-se até das indagações litterarias sobre as nossas antiguidades.

Pouco mais haverá de vinte e quatro annos, que pelo norte da Europa começaram as explorações systematicas de archeologia prehistorica. A paleontologia, e depois a anthropologia, desenvolveram-se; abrindo-se assim um horisonte maravilhoso á sciencia do homem, e á da sua antiguidade sobre a terra. Apesar de tudo, Portugal não deixou de dar signaes de que ia sentindo, e acceitando o novo movimento archeologico, que pelo mundo se ampliava. A iniciativa particular inaugurava, como disse, no convento do Carmo em 1866, uma collecção publica de objectos de archeologia de todas as edades; e havia entre nós tambem quem consagrasse algumas horas aos differentes ramos da nova sciencia.

O que é muito para lastimar, é ficarmos indifferentes aos rumores que fazem pelo mundo esses ramos da instrucção publica. Como se elles não existissem hoje florescendo nos departamentos da instrucção publica de todas as nações. Como se as excavações scientificas do sub-solo se não estivessem hoje praticando desde a Australia até á America, desde o Japão até á Andaluzia. Como se os congressos internacionaes dos archeologos se não estivessem reunindo periodicamente pelo norte, centro e sul da Europa, festejados pelos povos, e honrados pelos governos. Como se Portugal mesmo não tivesse sido solicitado a fazer-se representar n'esses congressos, até pelas vias diplomaticas.

Taes considerações, porém, me arredariam muito do meu proposito. O que é certo, é que vae para vinte e seis annos, existe entre nós o nucleo d'uma collecção archeologica, que se tem ido desenvolvendo, e que já hoje está muito interessante; constando de uns mil e quinhentos os objectos das épocas prehistoricas da pedra, e dos metaes; algumas dezenas d'elles, da época luso-romana, e centenares d'outros da época do nosso primeiro monarcha até aos nossos dias; grande parte d'estes, evidentemente arrancados ao vandalismo.

Mas não serei eu, será um estrangeiro illustre que o descreva. O fallecido D. José Amador de los Rios, na explendida obra *Museu especial de antiguidades*, (tom. II pag. 230); diz assim:

«Este museo existe en las pintorescas y grandiosas ruinas de la iglesia que perteneció al convento del Carmo, fabrica ogival del siglo XIV... Bajo aquelas despedazadas bovedas, de que solo se contemplan enhiestos, en su mayor parte los apuntados aristones; han hallado azilo, y lo encuentran cada dia los olvidosos monumentos de todas las idades... Encerra pues, el *Museu de Carmo de Lisboa* notables monumentos de antiguidades y de arte, que dan en certo modo no dudoso testimonio de los diversos grados de cultura, porque ha pasado el suelo lusitano. Los tiempos modernos, la edad media, los primeros siglos del cristianismo, la edad classica, los tiempos prehistoricos, tienen ya en quel singular deposito sus genuinos representantes; y al lado de hachas de piedra y cobre, cuchillos de silice e martillos de rocas duras ó tenaces; al lado de columnas miliares, lapidas romanas, fibulas, lucernas, olfatariolas y estatuillas de bronze, entre las cuales hay alguna de extremado precio arqueologico, se contemplan sepulcros, estatuas yacents, peias lustrarles, portadas, umbelas, deseletes, marquerinas, bajo relieves, inscripciones funerarias, escudos de armas, y otros multiplicados miembros arquitectonicos y objetos de antiguedad, dignos de especial estimacion y estudo.»

Entendia eu, que este museu deveria ser superiormente considerado, e efficazmente favorecido. O museu de Namur, na Belgica, por exemplo, é auxiliado pelo governo, pelo municipio, e pela associação, que o cuida.

Entendo finalmente, que o governo, aproveitando *convenientemente* a illustração e o zelo da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, e a pratica já por esta associação adquirida, se poderia mui bem dispensar das grandes despezas especiaes, para a creação de um novo museu archeologico, entre nós indispensavel; dando mão, e toda a valiosa coadjuvação da administração do Estado, a este já existente, conhecido e apreciado dentro e fóra do paiz.

X.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 91 -2

MANEIRA DE SE ENCAVAR NA ÉPOCA PREHISTORICA AS HACHES DE PEDRA E DE BRONZE

O descobrimento na Bretanha de haches gravadas sobre as pedras dos Dolmens, representadas pelas figuras *a*, *b*, *c*, fez suppor que o *appendice* que se vê na extremidade da hache parecia pertencer á madeira do tronco do qual se fizera o cabo, a fim de consolidar o instrumento; como indicam os desenhos 1, 2 e 3: todavia pela difficuldade de achar na madeira da raiz da arvore uma forma parecida com a representada na gravura das pedras citadas, reconheceu-se que o appendice mostrava ser da armação do veado, conservando-se-lhe o esgalho: como está figurado nos referidos exemplares.

O povo que construiu os Dolmens era pastor, caçador, pescador, agricultor; o veado existiu na

Bretanha até aos nossos dias. Porque é que esse povo prehistorico não teria aproveitado a armação d'esses animaes pouco perseguidos então pelos caçadores, que deviam morrer velhos? Porque não seriam as armações aproveitadas pela industria primitiva do homem, para o seu uso? tanto mais que os cabos dos veados feitos d'ellas eram mais resistentes que os dos troncos das arvores, e teriam ainda a vantagem de se servir das pontas tambem para outros usos, como picaretes, etc.

Um distincto archeologo francez fez experiencias para achar o modo de usar esse instrumento, tendo empregado os troncos das arvores para encavar as haches, escolhia as partes proximas dos nós por terem maior resistencia, e fez na base da arvore um entalho no qual se introduzia o instrumento de pedra, deixou depois passar algumas semanas, afim da arvore se reparar d'esta ferida, rodeiando o silex, apertando-o e conservando-o com tanta força, que para o arrancar seria preciso quebrar o tronco ou o ramo. Logo que ficou solidamente encavado, cortava-o da arvore adelgaçando a madeira para lhe dar melhor pega no cabo; como se vê no modelo 2, no qual se conservou o tronco intacto com a casca, servindo de exemplar.

Quando a madeira de um ramo que empregava para servir de cabo, afim de o fixar solidamente na extremidade mais grossa o silex, ligava o cabo com um intestino ainda fresco de animal para comprimir mais á madeira a hache, como mostra o exemplar n.° 3.

Nas haches de bronze, para evitar que a madeira do cabo rachasse, empregou cordas de canhamo bastardo e no logar onde queria metter a hache, abria-lhe uma fenda, bastante larga, de maneira que a arma se podesse mover sem offender a madeira: porém para lhe dar maior resistencia, quando servisse, ficava ligada por prisões vegetaes ou de animaes, desde a arma até ao cabo, desenho n.° 4.

Quando as haches de bronze tivessem um unico annel, este servia não sómente para ficar mais solido o instrumento, como tambem conservar-lhe a posição perpendicular para o uso que devia ter: estando da mesma fórma ligado por cordas ou por intestinos, como já ficou explicado.

As haches de bronze de que modernamente se fez a descoberta em Portugal, tinham dois anneis fixos, um de cada lado do instrumento, o que não servia unicamente para lhe dar maior consistencia na sua posição, mas faz ver que o instrumento não era um *machado*, e antes uma *enchó;* servindo o gume parallelo ao instrumento para *desbastar* e não para *rachar:* todavia a designação de hache se dá (sem reflectir) aos dois instrumentos de usos tão diversos.

O desenho n.° 5 mostra o modo do encavamento; pois que estes instrumentos de bronze não teem encaixe, como apparece nas haches mais remotas, apresentando o *talão cheio;* é portanto uma outra particularidade que distingue as haches de bronze primitivas d'este singular feitio.

O distincto archeologo e gravador francez Mr. Visconde Lispic, dispôz-se a estudar qual seria a maneira porque na época prehistorica se teriam fixados os cabos á hache, pois não se tinha achado nas escavações nenhuma encavada, porque pelos seculos que esses instrumentos ficaram soterrados a madeira apodreceu, não se podendo conhecer o modo como se haviam preparado os cabos Este archeologo preparou pelas suas proprias mãos, não sómente o silex, mas experimentou diversas qualidades de madeira e escolheu nos seus troncos e ramos a parte mais apropriada para servir de cabos com a necessaria resistencia. Foi pois n'esse louvavel empenho e perseverante trabalho, que este cavalleiro apresentou ao Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistorica na Italia, na cidade de Bolonha em 1872, a sua obra em formato max. in. 4.° com excellentes gravuras a agua forte por elle executadas, mostrando os differentes ensaios que havia praticado para obter o modo de se encavar os referidos instrumentos, e mesmo para ter a certeza de que, sendo encavados pela forma que indicava, davam bom resultado em differentes trabalhos; *elle mesmo* experimentou o seu uso em diversos empregos. Recebi d'este benemerito archeologo n'esse congresso um exemplar da sua obra, publicação que não se pôz á venda, e por isso é rara e de reconhecido merecimento.

Muito tempo depois encontrou-se na vása do lago de Costance, na Suissa, uma hache com cabo de madeira, com a mesma disposição que havia supposto o mencionado archeologo e como está representado na sua valiosa obra! Conquistas scientificas d'esta ordem immortalisam os seus auctores, e dão animo para emprehender novas investigações.

Possidonio da Silva.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.° 8, pag. 126)

CAPITULO V

Summario — Noções preliminares — Diversas fórmas de ogiva — Origem da ogiva e do estylo ogival — Periodo de transição do estylo Roman ao estylo Ogival — Caracteres de Architectura Ogival — Observações geraes — Plano e disposição das egrejas — Systema de construcção — Materiaes e apparelhos de construcção — Esculptura monumental — Fachadas — Adros

— Portaes — Pinturas — Janellas — Rosaes — Caixilhos de janellas e vidros — Vidraças pintadas — Pilares, columnas e columnasinhas — Bases de columnas — Capiteis — Caxorros e misulas — Arcadas e arcaduras — Triforium — Cornijas — Platibandas — Abobadas — Arcos butantes — Contrafortes — Gargulhas — Nichos e Docel — Madeiramentos — Telhados — Torres e campanarios — Pavimentos — Labyrintho — Pintura das paredes — Cruzes de consagração — Altares — Tabernaculos — Cadeiras de côro — Separação do Altar-mór — Pulpito e confissionarios — Capellas funereas, tumulos, campas, Cruzes de Cemiterio — Pias baptismaes — Pias de agua benta — Engradamentos — Orgãos — Alfaias religiosas — Calices e patenas — Custodias — Thuribulos — Relicarios — Corôas para luzes — Cruzes de altar e de procissão — Castiçaes — Estantes — Instrumentos de paz — Moldes para Hostias — Baculos — Mitras — Vestimentas sacerdotaes — Abbadias e Mosteiros — Egrejas — Claustros e Refeitorios — Sala de Capitulo — Dormitorios — Casa para hospedes — Celleiros — Prisão — Cartuxa — Hospitaes — Iconographia — O Nimbo — O Crucificado — Os Apostolos e os Evangelistas — O Dia de Juizo — Sibyllas.

Periodo ogival

O estylo ogival, tambem chamado *gothico*, foi usado desde o meiado do XII seculo até ao principio do XIV. Chama-se ogival, porque differe de todos os outros estylos que o precederam, pelo emprego da *ogiva*. Os allemães chamam-lhe ás vezes — *estylo em arco bicudo*. As janellas, as arcadas, os vãos das portas, n'uma palavra, todas as aberturas são regularmente terminadas por arcos em fórma de ogiva. Devemos acrescentar que a denominação de *Gothico*, dada ao estylo da idade media, é uma especie de ironia da época da renascença, pois que o estylo ogival nada tem de commum com os *Gôdos*. Foi o italiano Vasari quem primeiro empregou este epitheto como synonimo de *barbaro!*

Diversas fórmas de ogiva. Chama-se *ogiva* toda a figura formada por dois ou mais arcos de circulo, cortando-se segundo um certo angulo.

Expliquemos, segundo a ordem chronologica, as principaes fórmas da ogiva:

Ogiva obtusa. Chamada tambem Roman, quando termina superiormente em bico, muitas vezes quasi se confunde com o arco de volta inteira. Os dois arcos que a formam, têem os centros muito proximos; algumas vezes mesmo tão perto um do outro, que é necessario um attento exame para distinguir o bico pouco sensivel que o distingue do arco de volta inteira.

A ogiva com esta fórma encontra-se muito frequentemente nos edificios do principio do periodo ogival, reapparecendo mais tarde, já no fim do mesmo periodo, nos monumentos dos ultimos annos dos seculos XV e XVI.

Ogiva aguda ou lanceta. É formada por dois arcos cujos centros estão situados além da corda que une as suas duas extremidade inferiores da volta do berço.

Tem o nome de *Lanceta* pela sua semelhança com o instrumento de cirurgia d'este nome.

Ogiva equilatera. É aquella cujos centros se acham nos dois extremos da corda, e na qual podemos por consequencia inscrever um triangulo equilatero. Tambem se dá a esta ogiva o nome de ogiva traçada de terceiro ponto.

A ogiva alteada é aquella cujos arcos se prolongam inferiormente, sendo formados por dois ramos verticaes e parallelos abaixo da linha dos centros. Encontra-se muitas vezes no fundo do côro das grandes egrejas.

As tres fórmas de ogiva acima descriptas empregaram-se durante os seculos XII e XIII.

A ogiva de terceiro ponto é a que tem os centros dos arcos situados no terceiro ponto da linha dos centros ou corda, e está dividida em tres partes eguaes. Chama-se effectivamente ogiva de terceiro ponto, por isso que se colloca a ponta do compasso no terceiro dos pontos de divisão da corda.

E' para notar que muitos auctores, aliás muito recommendaveis, não mencionam a ogiva formada por arcos cujo centro se encontra a um terço da corda; a razão d'isto é porque consideram a ogiva equilateral como de terceiro ponto.

Esta ogiva começou a apparecer no fim do XIII seculo e generalisou-se bastante nos seculos XIV e XV.

A ogiva inflexa descreve-se por meio de raios partindo de quatro pontos e produzindo duas curvas junto á corda e duas outras curvas em sentido inverso no vertice.

O extradorso d'esta ogiva bem como o da fórma seguinte é convexo na parte inferior e concavo na superior.

A ogiva em forma de chaveta apenas differe da precedente por ser mais achatada.

Estas duas ultimas fórmas usaram-se durante os XV e XVI seculos.

A ogiva inflexa serve muitas vezes de coroamento a um arco de terceiro ponto, durante a primeira metade do seculo XV, ou em chaveta, durante a segunda metade do seculo XV e principio do XVI.

A ogiva formada meia convexa e meia concava é traçada como a ogiva em chaveta, com raios que partem de quatro centros differentes, mas inversamente; o extradorso do arco é concavo inferiormente e convexo no vertice. Encontra-se esta ogiva, ainda que raras vezes, em alguns monumentos dos seculos XV e XVI.

O arco Tudor, assim chamado, porque tomou o nome dos reis, que estavam no throno de Inglaterra na época em que o seu uso se generalisou n'este paiz; é formado por quatro arcos cujos centros se acham todos dentro do espaço da ogiva. Ha uma fórma mais aguda, que é a que se vê em monumentos inglezes de uma grande parte do seculo XV; a outra forma mais abatida só foi empregada no fim do XV seculo, e no principio do XVI. Os inglezes chamam á primeira, arco de quatro

centros, e á segunda arco abatido. Ha ainda muitas fórmas intermediarias entre estes dois extremos.

Origem da ogiva e do estylo ogival. Os archeologos não concordam uns com outros sobre a origem da ogiva. A opinião que parece mais provavel, attendendo a que os monumentos do Oriente exerceram certa influencia sobre a introducção da ogiva na architectura da Europa no meiado do XII seculo, considera como um producto do genio Occidental a applicação logica e systematica da ogiva nas construcções executadas no Occidente desde essa epoca. A ogiva appareceu na Europa poucos annos depois da primeira cruzada.

E' possivel que esta forma architectonica fosse como outras muitas cousas, introduzida no Occidente pelos cavalleiros cruzados, quando regressaram das suas longiquas expedições. Empregada a ogiva no principio como pura phantasia e como um novo modo de ornamentação, quer para formar os vãos das portas e janellas, quer para decorar as arcadas, as paredes lisas e por baixo das cornijas, tornou-se mais tarde o ponto de partida para o bello estylo da architectura cujo nome se ligou ao XIII seculo e cujo desenvolvimento methodico pertence exclusivamente á Europa Occidental.

Este estylo rapidamente attingiu um subido grão de perfeição, devido ás numerosas egrejas parochiaes, collegiaes, monasticas e cathedraes, que foram fundadas, construidas ou reconstruidas e augmentadas nos seculos XIII e XIV.

A palavra *ogiva* nem sempre teve a mesma accepção, que nos nossos dias se lhe attribue. Outr'ora designava as nervuras salientes que se cruzam em uma abobada, seja qual for a curvatura em arco de circulo, em ogival, d'estas nervuras. Só depois do principio do seculo XIX é que este termo foi empregado para designar o arco terminando em ponta, conhecido agora pelo nome de ogiva.

Divisões do periodo ogival. O periodo de treze seculos e tres quarteis, durante o qual reinou na Europa Occidental o estylo ogival, póde ser dividido em tres grandes epocas, tendo cada uma caracteres distinctos.

As denominações francezas de estylo em *lancetas*, *radiante*, são tiradas da fórma das janellas, assim como o nome de *perpendicular*, dado em Inglaterra, no terciario do seculo XV.

O estylo ogival não foi introduzido ao mesmo tempo em tódos os paizes, nem mesmo em todas as partes do mesmo paiz. Nasceu e desenvolveu-se rapidamente, no meado do XII seculo, nos arredores de Paris.

O primeiro monumento que appareceu do estylo ogival, foi a fachada occidental da abbadia de S. Diniz, perto de Paris, construida entre 1135 e 1140. Foi introduzido em Inglaterra, Allemanha, Hespanha e mesmo n'algumas partes da Italia, por constructores formados em França.

Periodo de transição do estylo Roman para o Ogival

A substituição do estylo ogival pelo roman não se fez em um dia, foram precisos muitos annos para a operar. Foi esta época de transformação que recebeu o nome de *periodo de transição* entre os dois estylos. A duração não foi a mesma em todos os paizes, elle começou mais cedo n'um paiz do que n'outro.

Os monumentos do periodo de transição distinguem-se quasi todos pelo emprego simultaneo do arco de volta inteira e da ogiva. Esta combinação consegue-se por dois modos:

1.° Por simples *juxtaposição*, quando a ogiva isolada se acha n'um mesmo monumento ao lado d'um arco de volta inteira. Nos edificios de transição, vêem-se muitas vezes aberturas de forma circular nos pavimentos inferiores, que são os mais antigos, emquanto que, nos demais andares, se vêem aberturas ogivaes; porém mais raramente se vêem voltas inteiras nas divisões elevadas d'um monumento, tendo vãos ogivaes nas inferiores.

2.° Como decoração, quando duas ou muitas ogivas estão comprehendidas debaixo de uma só volta inteira. Este modo de reunir a ogiva ao arco circular encontra-se principalmente nas janellas e nas arcadas. Tambem se vêem ás vezes dois ou muitos vãos de volta inteira emmoldurados n'uma ogiva.

3.° Quando arcos de volta inteira produzem ogivas, entrecruzando-se reciprocamente.

Uma outra particularidade que muitas vezes se observa nos edificios de transição, é a união da esculptura da ornamentação roman com a ogival.

Caracteres da architectura ogival

O estylo ogival seguiu principios até então desconhecidos e um methodo novo e constante nas suas deducções.

A fórma dada a um objecto era conforme a construcção, resultante não d'um capricho ou d'uma phantasia, mas d'uma necessidade real.

Segue-se que a ornamentação não se applica indifferentemente e sem razão sobre as differentes partes d'um monumento. D'ella nos servimos ou para chamar a attenção sobre uma principal parte da construcção, ou sobre um ponto importante d'um objecto, ou para dissimular um obstaculo.

Um outro caracter distinctivo do estylo ogival é que os seus monumentos estão, como se diz em termos de architectura, *na escala do homem*, isto é: que em toda a construcção, grande ou pequena, ha certas partes em harmonia com a estatura humana e, por consequencia, tendo pouco mais ou menos sempre as mesmas dimensões.

Os caracteres notaveis do estylo ogival, que nós acabamos de assignalar em poucas palavras, encontram se principalmente nos edificios construidos na edade media, ao Noroeste da Europa.

Durante o periodo Roman os architectos e os operarios habilitavam-se nas grandes obras das abbadias.

O clero secular, e até mesmo os particulares ficaram sob a direcção de Bispos protectores das artes, taes como Egberto de Treves (977-993) e S. Bernardo de Hildesheim (993-1022) que tomaram tambem uma grande parte na direcção dos monumentos artisticoss.

No XIII seculo as corporações seculares apoderaram-se da pratica da architectura, e desde este momento, todos os grandes monumentos, quer religiosos, quer profanos, foram construidos por mestres praticos.

Plano e disposição das egrejas. Plano no rez-do-chão. — Grande parte das egrejas ogivaes apresentam na planta, a fórma d'uma cruz latina, cujo. vertice figurado pelo côro, é voltado para o Oriente. Em algumas nota-se sensivelmente um desvio grande no eixo do côro com relação ao da nave principal. Este desvio, que em geral só tem logar do Norte e raramente no Sul, symbolisa provavelmente a inclinação da cabeça do Salvador sobre a Cruz no momento em que deu o ultimo suspiro.

A orientação symbolica das egrejas, introduzida desde os primeiros seculos do Christianismo, foi observada escrupulosamente durante toda a edade media, e mesmo na época da renascença. Foi só nos primeiros annos do nosso seculo que a orientação começou a desapparecer.

Um pequeno numero de egrejas tem o plano quasi rectangular.

No Sul e no Oeste da França muitas grandes egrejas do XIII seculo apresentam uma vasta nave unica sem naves lateraes, tendo contrafortes interiores para sustentar o esforço da abobada principal, que é de aresta com nervuras.

Encontram se, principalmente na Allemanha, egrejas com duas naves. Quasi todas foram construidas por religiosos d'ordens mendicantes, taes como os Dominicanos e os Franciscanos. No seculo XIII tambem os Jacobinos ou Dominicanos construiram egrejas de duas naves em Paris e no Sul da França.

As grandes egrejas do XIII seculo compõem-se de tres, de cinco e até mesmo de sete naves. Na Europa Central e Meridional, na França e na Belgica o côro tem geralmente a fórma polygonal, emquanto que na Inglaterra elle é muitas vezes rectangular e terminado por uma parede liza. No continente apenas excepcionalmente se encontra esta disposição no côro de algumas grandes egrejas, a não ser nas extremidades do transepte.

No final do periodo Roman, tinha-se começado em França a dispôr capellas absidaes no côro das grandes egrejas. Este uso manteve-se durante todo o periodo ogival, e as capellas tomaram grandes proporções. As primeiras que se chamam absidaes, irradiam em torno da capella-mór; as outras ao longo das paredes lateraes: exemplo, a Sé de Lisboa.

Notar se-ha tambem que na cathedral d'Amiens, conforme o uso muito geralmente seguido em França e em outros paizes, a capella mór é muito mais vasta do que as outras. Encontram-se egualmente, no côro das cathedraes inglezas do XIII seculo, capellas da Virgem, com a simples differença que são em geral muito maiores do que as do continente e construidas sobre plano rectangular.

Na Belgica, os córos das grandes egrejas do XIII seculo estão ás vezes, como succede em França, rodeados de capellas collateraes, dando a volta completa ao côro, e limitadas por capellas construidas em parte sobre plano rectangular e em parte sobre o polygonal; mas em geral são pequenas e o seu numero mais restricto do que nas cathedraes francezas.

Estas capellas constroem-se entre os contrafortes, que as dissimulam.

O plano das egrejas do XIV e do XV seculos conserva pouco mais ou menos a mesma disposição que durante o precedente seculo. A unica mudança importante, que geralmente se nota, consiste na addição de pequenas capellas ao longo das paredes lateraes das naves.

As capellas são estabelecidas sobre um plano rectangular entre os contrafortes, parecendo como que formar uma segunda nave collateral ao lado da primeira. Na mesma epoca, juntou-se muitas vezes, aos edificios do XIII seculo, ao longo das naves lateraes, capellas construidas fóra do primitivo plano.

Estas addições tornavam-se precisas pelo grande numero de capellanias fundadas nos seculos XIV e no XV. Pelo mesmo motivo se acrescentaram altares entre as pilastras das egrejas.

Disposição acima do solo, e aspecto exterior das egrejas. As egrejas *d'uma só nave* — apresentam sempre uma secção rectangular. Nos edificios abobadados os contrafortes têem muitas vezes uma grande importancia apresentando maior saliencia sobre a parede do edificio tanto no interior como no exterior. Quando os contrafortes estão construidos no interior, estabelecem-se regularmente, entre estes contrafortes, capellas fazendo corpo com a egreja: como na de S. Vicente em Lisboa.

As egrejas que têem tres ou um numero impar de naves, podem dividir-se em duas classes conforme fôr a nave do meio mais elevada ou da mesma altura que as paredes lateraes.

A primeira classe comprehende as egrejas cuja nave do meio é notavelmente mais elevada do que as paredes dos lados. As egrejas com esta fórma são as unicas conhecidas na Europa Occidental e Meridional, isto é, na Belgica, na França, na Inglaterra, na Hespanha, na Italia e em Portugal. A sua nave mais alta é coberta com telhado de duas aguas inteiramente independentes, emquanto que as paredes dos lados têem muitas vezes um terraço ou um telhado de fórma de alpendre e a sua inclinação approximando-se sensivelmente da linha horisontal; ás vezes tambem são cobertos com repetidos pequenos telhados de duas vertentes, ficando perpendiculares á nave e terminados por empenas.

Abrem-se regularmente nas paredes lateraes da grande nave, janellas que deitam para cima dos telhados lateraes.

A segunda classe compõe-se das egrejas cujas naves se elevam á mesma altura. Estas egrejas são proprias da Europa central; encontra-se um grande numero d'ellas, conjunctamente com alguns edificios da primeira classe, na Allemanha, Austria e Hungria.

Os Allemães deram ás egrejas, tendo neve de egual altura, o nome de egrejas-mercado, sem duvida porque ellas parecem formar uma vasta sala, um *hall* inglez, devido á elevação uniforme das suas naves. O seu aspecto exterior tambem differe sensivelmente do das egrejas belgas, francezas e inglezas; as tres naves são cobertas por um telhado unico de duas aguas, e, por conseguinte, a nava central não recebe luz directamente, como nas egrejas de primeira classe; a luz só lhe penetra pelas janellas lateraes; todavia estas, altissimas em consequencia da grande elevação das paredes, compensam bem a suppressão das janellas superiores introduzindo a luz na nave central.

No fim do per odo ogival encontram-se, particularmente na Austria e Hungria, egrejas com esta fórma, cujas paredes lateraes são um pouco menos elevadas que a nave do meio.

Tambem se construiram, na época do renascimento, egrejas com naves da mesma altura.

Egrejas da Flandres maritima. Encontram-se em muitas cidades e aldeias da Flandres Occidental, egrejas cujas disposições differem notavelmente das que se construiram no resto da Europa. Apesar de se assimilharem ás precedentes, de tres naves da mesma altura, não se devem de modo algum confundir com as egrejas allemãs, com as quaes se parecem á primeira vista por terem as naves da mesma altura; não têem nada mais de commum entre si.

Construidas em geral sobre um plano rectangular, compõem-se d'uma nave principal fechada por paredes de egual extensão; não têem transepte ou, se o têem, não produz saliencia alguma no exterior das paredes.

As abobadas de pedra ou de tijolo são substituidas, mesmo nos grandes edificios, por tectos curvos formados de madeira com divisões visiveis, pintados e até com obra de talha, e deixando vêr as peças do madeiramento.

A cobertura das egrejas é formada por tres telhados de duas aguas da mesma altura pouco mais ou menos; resultando não ter a nave principal janellas altas e ser a fachada sempre terminada por tres empenas da mesma altura.

O plano das capellas. — As capellas construidas durante o periodo ogival não têem ordinariamente transepte e são construidas sobre plano rectangular.

O côro termina no lado Oriental por um abside polygonal ou uma parede lisa. As capellas das egrejas conventuaes compõem-se geralmente de tres naves, emquanto que as pequenas capellas não têem regularmente senão uma.

As construcções ogivaes não apresentam em geral symetria, e o mesmo se nota no traçado do plano e nos caracteres architectonicos. Estas irregularidades provêem de duas causas principaes. Em primeiro logar os architectos d'esta época, sem desprezarem a symetria, não a consideraram propria das conveniencias, necessidades e harmonia geral.

Algumas vezes tambem, vindo a faltar-lhes os recursos com que contavam no principio dos trabalhos, viam-se forçados a alterar o plano primitivo e supprimirem-lhe certas partes. Emfim, muitos monumentos foram construidos muito lentamente, o que deu logar a que as suas differentes partes fossem successivamente construidas, apresentando sempre por esse motivo cada uma d'ellas os caracteres architectonicos em voga na occasião da sua construcção.

Systema de construcção. — Os grandes monumentos edificados pelos romanos no tempo da republica e sob os imperadores, formavam, pela estabilidade dos seus pontos de apoio, condensação e cohesão perfeita dos seus materiaes, massas solidas capazes de resistir ao peso, e, em caso de necessidade, á pressão das abobadas, que eram formadas de peças homogeneas, concretas e sem elasticidade.

Em substituição da abobada romana os architectos romans empregaram pouco a pouco a abobada de nervuras, cuja construcção assenta sobre o principio da elasticidade e do equilibrio das forças. O plano quadrado era o escolhido para as suas edificações; mas quando se tratava de neutralisar a pressão lateral exercida por esta abobada sobre os seus pontos d'apoio, ou quando era preciso construir uma abobada sobre um plano que não fosse quadrado, entregavam-se então a expe-

riencias cujo resultado nem sempre correspondia á espectativa.

Os architectos do periodo ogival realisam grandes progressos na construcção das abobadas. Primeiramente cobrem os edificios servindo-se das abobadas de nervuras, superficies cujos planos são parallelogrammos, trapesios, pentagonos e mesmo polygonos irregulares; depois, resolvem d'um modo completo o problema tão difficil da estabilidade das abobadas, pelo principio do equilibrio das forças. Empregam a abobada, não como uma crosta homogenea e inerte, mas como uma serie de paineis de superficies curvas ou de triangulos de enchimento independentes uns dos outros e limitados por nervuras apparelhadas e flexiveis. Ás pressões obliquas d'estas abobadas, oppõem resistencias activas, em vez de obstaculos passivos, e transportam a resultante de todas as pressões obliquas e contrarias para os contrafortes exteriores, que fazem rigidos e firmes, dando-lhes uma base muito ampla e carregando-os com um consideravel peso.

As nervuras das abobadas com os seus pontos d'apoio, isto é, as columnas, os contrafortes e algumas vezes os arco-butantes, compõem a ossada, o esqueleto de todo o grande edificio ogival. As outras partes da construcção, que formam o revestimento d'esta ossada, desempenham o logar de simples tabiques: as janellas occupam, entre os pontos d'apoio das abobadas, o maior espaço possivel, e as paredes pouco espessas são ornadas de arcadas que ainda as tornam mais delgadas. As janellas e as paredes podiam ser supprimidas sem que a construcção principal soffresse o menor prejuiso.

Materiaes e apparelhos de construcção. Tanto durante o periodo roman, como durante o ogival, se procuravam os materiaes precisos o mais proximo possivel do logar em que se fazia a construcção. Com effeito o transporte, ainda n'este tempo, offerecia grandes difficuldades por causa da ausencia completa de estradas viaveis. Os materiaes empregados são em geral de pequenas dimensões, porque os instrumentos para os extrair, transportar e assentar eram insufficientes em comparação com as poderosas machinas de que dispomos em nossos dias.

Quando não havia pedreiras para explorar, serviam-se de tijolos.

Esculptura monumental. Durante o periodo roman, a esculptura d'ornato consistia em figuras geometricas, animaes monstruosos, e tambem ás vezes de imitação de vegetaes. Durante a segunda metade do seculo XII, teve logar uma revolução completa na esculptura ornamental; as palmas, as folhagens, os galões e as figuras geometricas, os cordões entrelaçados dão logar aos vegetaes indigenas; n'uma palavra, tudo o que não é inspirado pela flora do paiz desapparece.

Os primeiros artistas que se entregam ao estudo das plantas indigenas para as reproduzir na esculptura d'ornato, não procuram imitar fielmente nas suas obras os vegetaes que têem á sua vista; mas antes os interpretam a seu modo, isto é, apoderam-se dos caracteres principaes com que se inspiram e compõem a largos traços a sua esculptura monumental.

Os artistas entendem que a arte para ser bem apreciada não consiste na reproducção escrupulosa como se fôsse photographia da natureza real, mas sim na expressão do real idealisado e transformado pela imaginação do esculptor.

Esses artistas introduziram no centro e no norte da França este novo estylo de esculptura monumental durante a segunda metade do seculo XII; e os seus imitadores nas outras partes da Europa, no principio do seculo seguinte, limitaram-se em principio a imitar nas suas obras as plantas mais humildes dos bosques e dos campos na occasião em que dão os seus primeiros rebentos, quando os botões apparecem apenas meio abertos ou n'uma palavra quando começam o seu primeiro desenvolvimento. Ha um exemplo bem conhecido d'esta ornamentação vegetal rudimentar nos mais antigos *crochetes* de capiteis e nas rampas dos edificios que se usaram no final do seculo XII e principio do XIII.

Estes *crochetes* primitivos terminam enroscados de folhagem, semelhando-se bastante com os rebentos das plantas que brotam da terra.

Entretanto os esculptores vão progredindo; depois de haverem applicado as suas inspirações ao estudo do primeiro desenvolvimento dos mais modestos vegetaes, abandonam estes humildes modelos, para em seu logar applicarem as folhas completamente formadas, as flores e os fructos das arvores, dos arbustos e das plantas herbaceas, mais graciosas.

Procuram reproduzir a vinha, a hera, o acre, o azevinho, a roseira brava, a figueira, o carvalho, a pereira, o nenuphar, as campainhas, o rainunculo, o morangueiro, o trevo, o platano, a salsa, etc. Todavia esta transformação não se operou bruscamente, mas a pouco e pouco e por successivas transições: na flora monumental, bem como na flora natural, á maneira que os tempos passavam, os renovos abrem, as folhas desdobram-se, os botões tornam-se em flores e produzem fructos. Foi n'esta época que na França (no final do XII seculo, e até mais tarde) os roulamentos primitivos das *crochetes* se abrem dando logar a florões e ramos de folhagens inteiramente desenvolvidos.

Progredindo sempre, os esculptores do seculo XIV

abandonavam pouco a pouco a nobre e graciosa simplicidade que os do seculo XIII costumavam imprimir a todas as suas obras; entregam-se apaixonadamente á imitação da natureza real e escolhem de preferencia as plantas d'um modelo exagerado; reproduzem-nas com uma rara perfeição, mas exageram-lhes as ondulações e contornos. Estas ondulações, que constituem um dos caracteres que distinguem a esculptura do seculo XIV. encontram-se já algumas vezes, ainda que poucas, durante a segunda metade do seculo XIII.

As esculpturas do seculo XIV são muitas vezes inferiores ás do XIII, porque são menos francamente executadas e carecem de simplicidade nos contornos e no modelado; finalmente já visam muito a produzir effeito. O seculo XIV no entanto produziu obras esculpturaes de grande merito.

A esculptura monumental no seculo XV caminha cada vez mais para o affectado. Toma as plantas com folhagens muito recortadas, taes como o cardo, a folha do repolho, etc., e para as imitar exageralhes as profundas chanfraduras e os lóbulos angulosos das folhas.

Estas esculpturas são finas, delgadas e excessivamente vasadas.

Um ornato muito frequente do XV seculo em diante e que principalmente se vê nas açafatas dos capiteis, é o que vulgarmente se chama folha de repolho por causa da sua semelhança mais ou menos com a sua folha enroscada.

Tambem se vêem representados na esculptura decorativa do periodo ogival, assumptos historicos, legendarios e symbolicos bem como animaes reaes e phantasticos. Estes animaes e as figuras grotescas, algum tanto raras no interior dos edificios, encontram-se comtudo bastante na decoração exterior dos monumentos, como carrancas, modilhões e até algumas vezes ornatos em substituição dos *crochetes* de rampa.

Durante todo o periodo ogival, as esculpturas eram completamente concluidas antes de se collocarem. Os esculptores de imagens terminavam as suas obras na casa do trabalho, e eram collocadas no seu logar pelos alveneos. Um esculptor nunca subia a um andaime.

Fachadas.— As faces exteriores dos monumentos da edade media são a expressão exacta das disposições interiores.

Em consequencia d'este principio, as fachadas occidentaes das egrejas reproduzem no conjuncto o córte transversal das naves. Além d'isso, como a fórma d'este córte é pouco mais ou menos a mesma em quasi todas as egrejas ogivaes, resulta d'isso, que o aspecto geral de muitas fachadas é d'uma grande semelhança. Apezar d'esta semelhança no conjuncto geral e dos contornos exteriores, a disposição e a ornamentação das fachadas são extremamente variadas. As mais bellas fachadas ogivaes são sem duvida as das grandes cathedraes francezas. Compõem-se em geral de muitas zonas horisontaes e parallelas; o pavimento terreo tem tres portaes, que dão ingresso para as tres naves; o central, que é a porta principal, é mais largo e ornado mais ricamente que os outros dois.

As fachadas das grandes egrejas inglezas e allemãs (excepto a de Colonia), não têem ornamentações tão vistosas como as cathedraes francezas. A disposição é menos regular e a ornamentação destituida ás vezes de bom gosto. Grande numero das egrejas allemãs têem só na fachada Occidental duas torres em cada lado.

Na Belgica poucas egrejas têem tres portaes; geralmente na fachada principal ha apenas um. As rosaceas, que são tão vulgares nas fachadas francezas, raramente se vêem nas egrejas da Belgica.

As fachadas das egrejas ruraes são sempre de uma grande simplicidade. Em geral têem um campanario, e apenas uma porta ao centro da fachada e uma ou tres janellas no frontispicio.

Alpendres. Quasi todas as grandes egrejas ogivaes apresentam um ou mnitos alpendres, collocados adiante da fachada Occidental, ou das entradas lateraes. Em muitas egrejas romans foi addicionado o alpendre na epocha ogival.

Os alpendres contiguos á fachada principal das egrejas ogivaes ou os construidos debaixo do campanario, que limita esta fachada, quasi se não encontram em França desde o seculo XIII. Ainda são mais raros na Belgica, Allemanha e Inglaterra.

Durante o periodo ogival, muitos alpendres se construiram adiante das entradas lateraes. Os mais bellos monumentos d'este genero são os alpendres ao Norte e ao Sul da Cathedral de Chartres, que datam dos primeiros annos do seculo XIII. Na Belgica tambem ha alguns alpendres lateraes notaveis, compostos d'um ou dois vãos na frente e vedados por tres lados, estando ornados no interior com estatuas collocadas sobre misulas e coroadas de doceis. Tambem se construiam, mas raramente, alpendres abertos em tres lados ou vedados por frestas nos dois lados.

Portaes. Na França e mesmo em Colonia as cathedraes e as grandes egrejas ogivaes não têem geralmente alpendres adiante da fachada principal, mas os portaes formam de per si verdadeiros alpendres, que são cuidadosamente adornados.

Os portaes principaes das grandes egrejas francezas do seculo XIII distinguem-se pela riqueza extraordinaria das esculpturas de todos os generos com que são adornados. Apresentam grandes vãos que se abrem do interior para o exterior e divididos em duas partes eguaes por uma parede.

Na fachada de *Notre-Dâme* de Paris vê-se, em frente d'essa parede e sob um docel, uma grande estatua representando o Salvador deitando a benção, a Santissima Virgem com o seu amado Filho, e tambem ás vezes o orago da Egreja. A base d'essa parede e os rodapés dos vãos são ornados com baixo-relevos.

Os tympanos são regularmente divididos em tres partes horisontaes, onde se figuram em relevo assumptos religiosos, estatuas de grandes dimensões, que em numero consideravel guarnecem as paredes verticaes dos portaes, emquanto que as curvas das abobadas recebem muitas ordens parallelas de estatuetas collocadas debaixo de doceis.

Todas estas esculpturas representam Santos e factos tirados da historia do Velho e Novo Testamento, da lenda e de certos dogmas da Fé.

Os arcos dos portaes, das janellas e das empenas são, algumas vezes, ornados tambem interiormente, d'um appendice chamado *redente;* este ornato tambem ás vezes se encontra no intradorso das grandes arcadas, ligando as columnas que separam as naves das paredes lateraes das egrejas.

Os *redentes* são recortes em fórma de dente ou de bicos, que guarnecem o intradorso d'um arco. Tambem se applicou este mesmo nome a uns ornatos analogos, que se collocam sobre as prumadas das empenas.

Nos edificios do seculo XIV, os portaes são ainda bem delineados, todavia já não têem a grandeza que caracterisa os do seculo XIII. Os perfis das molduras são agudos e muito multiplicados; a estatuaria, abandonando a nobre simplicidade, preoccupou-se em cogitar formas affectadas, e por isso mesmo a arte declina. Apesar d'estes defeitos, os grandes portaes das egrejas do seculo XIV têem ainda verdadeiro merito quanto á composição e outras qualidades que debalde se procuram nos monumentos dos seculos posteriores.

Os grandes portaes dos seculos XIV e XV têem as mesmas disposições geraes que os do seculo precedente, com a simples differença de que as columnas cylindricas que formavam os vãos dos portaes e que sustentam as archivoltas são substituidas por molduras prismaticas, ordinariamente sem capitel, e que prolongando-se constituem por si só as archivoltas. Estes portaes occupam espaço profundo, porque são regularmente construidos entre dois contrafortes salientes da fachada.

O pilar que separa o portal, e o tympano dos grandes portaes do XIV e XV seculos, tem sempre estatuas de Santos debaixo dos doceis e apoiando-se sobre misulas primorosamente esculpidas. Desapparecem as estatuas em muitos monumentos.

Ordinariamente os vãos ogivaes dos portaes e muitas vezes os da entrada dos alpendres, são emmoldurados por um contorno em fórma de empena.

Nos seculos XIII e XIV, este feitio representa a extremidade d'um telhado de duas vertentes com a inclinação d'um angulo que varia entre 45 e 90 gráos. No XV seculo, os vãos de todos os portaes grandes e pequenos, e algumas vezes tambem os das janellas, são formados por ogivas ou por contra-curva.

No seculo XII, as inclinações das empenas são quasi sempre ornadas de *colchetes* enroscados; desde o principio do seculo XIII, os enroscamentos ou extremidades d'estes *colchetes* desdobram-se e transformam-se em florões. Os *colchetes* são substituidos, no seculo XIV, por folhas de extraordinaria grandeza, que muitas vezes se designam ainda pelo nome de colchetes, redentes ou animaes phantasticos; nos seculos XV e XVI apparecem as folhas de repolho.

Estes ornamentos pouco numerosos e muito espaçados no XIII seculo, multiplicam-se e approximam-se á medida que a arte ogival vae em decadencia. O vertice das empenas ou das ogivas inflexas que substituem as empenas do XV seculo, termina ora por um florão, ora por uma estatua assente sobre uma quartella, em fórma de sóco.

Os portaes de segunda e terceira ordem offerecem mais simplicidade do que os outros que acabamos de descrever. Não têem pilar de separação e por causa dos seus vãos geralmente pouco profundos têem molduras menores que os portaes de primeira ordem.

No XIII e XIV seculos, as empenas compõem-se de duas, tres ou quatro columnatas na rectaguarda umas das outras, e ligam-se com os extremos dos arcos superiores. Desde o final do XIV seculo, foram as columnatas substituidas por molduras prismaticas, quasi sempre sem divisão de capitel.

Até meiado do seculo XV, ajuntava-se, muitas vezes, á archivolta dos portaes e tambem ás curvas das janellas, um rebordo exterior em fórma de goteira cujas extremidades assentam á altura da nascença da ogiva, sobre modilhões esculpidos, representando figuras, animaes phantasticos ou carrancas; este rebordo tambem ás vezes é ornado de *colchetes* com folhas de grande lavor ou figuras grotescas.

(Continúa). POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

No dia 19 de junho foi festejado com banquete, baile e grande pompa em Paris, o 50.º anniversario da fundação da Associação central dos architectos francezes, havendo grande concurso de socios effectivos e correspondentes. No numero d'estes ultimos, foi

convidado o nosso digno presidente, o sr. Possidonio da Silva, com a particularidade de ter sido o primeiro architecto estrangeiro que fôra eleito em 1867, na occasião em que concorreu ao primeiro congresso internacional de Paris d'aquelle anno, em cujos trabalhos tomou parte, lendo uma memoria sobre as quatro epocas do progresso da architectura em Portugal, que ficaram assignaladas em quatro magnificos monumentos de Alcobaça, Batalha, Belem e Mafra, os quaes foram construidos em quatro estylos differentes, indicando não sómente o progresso da architectura no seu paiz, mas manifestando tambem a progressiva civilisação da nação.

Como, pela sua avançada edade, não pôde assistir a esta solemnidade com os seus confrades, estes, para demonstrarem ainda mais uma vez quanto o prezam e veneram, deixaram ficar o logar, que elle devia ter no banquete, reservado com distincção, como se este cavalheiro estivesse presente Foi sem duvida uma especial honra, que poucos artistas terão recebido em actos publicos de tão importante commemoração.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa contemplou a nossa Real Associação com tres bilhetes de convite para os membros da meza, e egual numero para a redacção do *Boletim*, afim de assistirem á leitura do elogio historico d'el-rei o senhor D. Luiz I, de saudosissima memoria, assim como para a leitura do elogio historico do insigne historiador Alexandre Herculano. Receba a illustrada Academia os devidos agradecimentos.

A Associação franceza para o adiantamento das sciencias remetteu um officio ao sr. Possidonio da Silva para tomar parte no 19.º congresso d'esta benemerita Associação, o qual se reunirá este anno em Limoges. Em todos os annos recebe sempre convite, assim como do maire da respectiva cidade, onde se reune o congresso.

No anno de 1872, o nosso estimado presidente foi a Bordeaux assistir á inauguração d'esta sociedade scientifica, e nos outros annos em que não póde assistir, sempre envia communicações artisticas ou scientificas, que são publicadas nas memorias annuaes d'esta Associação, da qual é presidente honorario da secção de archeologia e de architectura civil, eleição feita no congresso de Arrochelles em 1878, por proposta do celebre archeologo, Mr. De Quatrefages, membro do instituto.

O sabio archeologo e insigne architecto mr. Charles Normand, nosso distincto socio correspondente, communicou de Athenas ao sr. Possidonio da Silva, no mez ultimo, que nas suas importantes investigações (como elle refere), se tinha perdido em sitios solitarios, sem outra companhia mais do que recordações historicas e ruinas.

«Ámanhã parto para Sparte, Menène, Phigalii e aldeias do sul do Peloponeso. Não ha nem *estrada*, nem *viveres*, nem *pousada*, mas sim admiravel architectura, na maior parte *inedita;* se eu fôr bem succedido, como me aconteceu nas minhas precedentes viagens, levarei para a nossa arte uma importante colheita de cousas novas.»

Quanto pôde o amor da arte e da sciencia enthusiasmar o intelligente archeologo, que, desprezando todas as privações, sómente o animam as instructivas indagações do sublime da sua profissão! Quanto é para louvar e admirar tão perseverante explorador! Novos louros lhe estarão reservados e maiores triumphos scientificos? ! Fazemos sinceros votos para que consiga os mais brilhantes descobrimentos para engrandecimento da nossa arte e do seu nome.

NOTICIARIO

Mais um inqualificavel attentado artistico temos a registar deplorando mais uma vez a completa indifferença, com que entre nós se cuida na conservação das antiguidades que existem em Portugal. No claustro de D. Diniz, no convento de Alcobaça, havia um tanque tendo ao centro um repucho composto de uma bacia collocada sobre um pé cylindrico, pela qual caía a agua dentro do tanque formado por um polygono hexagono, o qual em todos os seus lados estava cheio de lavores em esculptura de notavel composição e apurado trabalho, dentro de um recinto circular que fazia saliencia sobre o lado do claustro, e servia de decoração ao bello edificio. Aproveitava-se a agua para regar o jardim que *havia* dentro do referido claustro, porém, tendo-se transformado em uma ridicula horta, para se vender a couve e a alface, já tinham ha 10 annos desmanchado o tanque citado, tirando-o da parte central do recinto primitivo com o *louvavel empenho* de o collocar proximo da parede externa para facilitar a rega das plantas caseiras; posto que isso fosse já um vandalismo, todavia ficou o repucho completo como havia sido construido. Mais tarde a horta desappareceu, e para ficar mais decente aquelle local, cresce herva em todo o espaço para render alguns cobres, muito embora seja vergonhoso que os estrangeiros façam uma ideia pouco lisongeira de nós.

Mas n'este anno pertencente ao XIX seculo, appareceram de um dia para outro as pedras com as esculpturas todas feitas em mil bocados!!! Custa a acreditar que similhante vandalismo tivesse acontecido, ignorando se quem foi o estupido autor d'esta devastação artistica!

Na ilha de *Alajaró*, na foz do rio Amazonas, descobriram-se sarcophagos de barro cosido, contendo urnas com o feitio de mulher, inteiramente cobertos de gravuras decorativas com a particularidade de imitarem a *tatuage* dos chefes *Mundurucus* do Amazonas, dos *Maoris* da Nova Irlanda, fazendo suppor que uma especial classe de mulheres teria tido n'essa ilha superior influencia, patenteada por essas urnas tão cuidadosamente feitas quanto ornamentadas com bastante riqueza, sobretudo em considerando que pertencem a uma região em que a tradição mais geral e acreditada no espirito das tribus de toda a encosta do Amazonas indicava a existencia d'uma classe de mulheres extraordinarias, das quaes o famoso rio tomou o nome.

A mais alta chaminé conhecida no mundo tinha de altura 138 metros. Vae agora ser construida em Saxe, na fundição real de Halsbruch, outra chaminé que terá a elevação de 150 metros com 15 metros de diametro na base!

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE ANNO DE 1890 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA NA EDADE MEDIA

A Hespanha desde a profunda obscuridade dos primitivos tempos foi povoada pelos Iberios, raça mongolica, tendo a pelle trigueira, cabellos pretos, fallando o idioma euskarianno. Estes Iberios possuiam desde remotos seculos esse paiz, defendendo palmo a palmo a sua herança contra outra raça de estatura alta, pelle branca, olhos azues, que vieram do Norte e do Oriente: sendo esses povos os Celtas, que depois se confundiram com os Iberios, e tomaram o nome de Celtiberiannos. Nos tempos mesmo anteriores a Homero, os Phenicios haviam estabelecido colonias sobre as costas de Hespanha; e mais tarde, os Gregos fizeram o mesmo. Os estrangeiros, possuidores d'essas costas, inquietaram a população celtiberianna que habitava no interior da Peninsula. Quando Carthago procurou conquistar a dominação dos mares, e quando Roma se esforçou em impôr o seu sceptro a todas as nações conhecidas no mundo, essas duas rivaes disputaram a posse da fertil Hespanha, tão abundante em metaes de todos os generos, e a extensa peninsula pyrenaica veiu a ser uma provincia romana, depois d'uma profiada lucta e desesperada resistencia com os seus habitantes, povos costumados a guerrear. No principio do v seculo da era vulgar, multidões de Vandalos, Alanos e Suevos innundaram a Hespanha atravessando os perigosos desfiladeiros dos Pyreneus, que os haviam deixado sem defeza. Pouco tempo depois, estes conquistadores fôram seguidos dos Visigodos que vieram do Vistula e do mar Negro, os quaes tinham atravessado o sul da Europa para invadirem a extremidade Occidental. No final do VII seculo os Mahometanos principiaram a conquista da Hespanha: e em 711 acabou de existir a monarchia dos Godos occidentaes. A maior parte do sul da Hespanha veiu a ser uma provincia dependente do Califa de Bagdad. Os Mahometanos conservaram-se na maior parte da Hespanha até o anno de 1492, em que a conquista de Granada pôz fim á sua dominação.

Uma mistura tão variada de raças e de povos, tão oppostos em principios e costumes, não podia ser senão funesta ao desenvolvimento das bellas artes. Os romanos unicamente deixaram alguns monumentos que depois inspiraram mediocremente os conquistadores da Hespanha.

Ao opposto do que aconteceu na Italia, este paiz offerece poucos modelos ás artes onde as tradições antigas fôram apenas seguidas. A sombra das bellas-artes da Grecia projectada pela intervenção dos romanos sobre a Peninsula iberica, não deixou nenhuns vestigios, porque parece terem sido destruidas pela acção mahometana. O grandioso, a

elegancia e a belleza architectonica não se encontram nos edificios hespanhoes durante a idade media. Nota-se terem seguido o arbitrario, o phantastico e o exagerado nas suas edificações, não obstante serem acompanhadas d'uma profusão de ornatos que nunca indica um gosto apurado.

Observa-se em toda a parte sempre a influencia mahometana, que naturalmente perpetuou o espirito selvagem do deserto nas bellas e encantadoras provincias do sul e de leste da Hespanha. É ainda a essa perniciosa influencia, que se deve attribuir a ignorancia, a superstição e o fanatismo religioso d'este paiz; cousas tão contrarias para a concepção e para o desenvolvimento das artes liberaes.

A architectura romana de Hespanha apresenta o mesmo caracter que a do meio-dia da França, e tinha em geral seguido as mesmas vicissitudes, que o estylo de volta inteira dos outros paizes da Europa meridional, apresentando todavia certas modificações motivadas pelas localidades e idéas dos seus habitantes. Conhece-se ainda muito pouco a historia da architectura de Hespanha, porque esse paiz, da mesma forma que o nosso, tem manifestado pouco zelo em divulgar as suas antiguidades monumentaes. Está-se reduzido a uma resumida serie de documentos; emquanto ás estampas que os representam, tem-se sómente occupado da publicação das que se referem a edificios hespanhoes do XV seculo e aos do renascimento.

Entre as igrejas mais antigas, citam-se as que ficam proximo de Penalva, de Celanava, fundadas em 977; de S. Zaernin em 968; de Santiago em 983. A cathedral de Jaca é um monumento fundado em 1063, que tem a nave formada de columnas alternadas com pilares. Nota-se depois o convento de Monte Aragon, e vestigios da cathedral de Calahorra. A pequena igreja de S. Pablo del Campo em Barcelona tem pequenas arcadas de volta inteira na sua fachada e pertencia ao XI seculo.

Os monumentos do fim do estylo Roman na Catalunha, são mais importantes que os que acabamos de citar. A cathedral de Tarragona pertence a este numero; sendo a sua edificação do XII e XIII seculos. A capella-mór parece ser a mais antiga parte da igreja: a disposição da nave é identica aos monumentos existentes no norte na mesma época. Tem os pilares quadrados e flanqueados de columnas. A sua fachada é do principio do XIII seculo. Foi em 1131 que os operarios e artistas normandos principiaram a cathedral de Tarragona. Construiram-se depois as cathedraes de Salsona e de Lérida, a igreja do priorado de Santa Anna de Barcelona, todas da época de transição. Aos claustros d'esta época pertencem os de S. Paulo del Campo, de Barcelona, da cathedral de Girona, e das cathedraes de Tortosa e Tarragona. Em Navarra ha unicamente de notavel o claustro de Pamplona.

No numero dos mais antigos monumentos romans de Castella septentrional conta-se a igreja de Villamayor, S. Salvador de Fuentes, e uma parte do mosteiro Celorio. A capella-mór da igreja do convento das Huelgas de Burgos composta de tres naves, tendo os seus pilares quadrados com os angulos truncados, é do principio do XII seculo; a de Santo Isidoro de Leão foi erguida no meado do XI seculo: tem 3 naves, pilares quadrados flanqueados de columnas em volta. Nomearemos ainda, da mesma época roman, as igrejas de Santillana, proximo de Palencia, de Corullon, pouco distante de Ponferrada, de Santa Maria d'Astorga, de Santiago de Zamora, etc.

Nas provincias centraes de Hespanha, encontra-se uma cathegoria de igrejas que teem uma especie de galerias como as dos claustros sobre as fachadas norte e sul; tal é, entre outras, a igreja de S. Millan de Segovia, posto que pareça muito singela, é todavia muito elegante. A igreja dos Templarios em Segovia é do anno 1204, mas notavel pela sua disposição, sendo formada por dois lados de 20 metros de diametro, com tres absis e abobada. O centro é composto igualmente de 12 lados, não communicando com a nave que o circunda, senão por uma unica entrada. Assemelha-se á charolla da igreja do convento de Thomar. A porta de entrada tem levemente indicada a fórma da ogiva, ornada de cintas: o todo d'este monumento tem um caracter septentrional. Entre os edificios da ultima e mais esplendida época roman, citaremos ainda a cathedral de Zamora e a igreja de Santa Magdalena, a antiga cathedral de Santo André de 1156, e Santa Eulalia de Salamanca. A cathedral d'Avila é da transição, com arcos ogivaes; nomearemos tambem a cathedral da Cidade Rodrigo, e o priorado de Benevivere pouco distante de Carrion de los Condes.

As igrejas da época roman de transição nas Asturias são: aquellas de Lleraza, de Peberga, Santa Maria de Val Villaviciosa, Santa Maria de Val de Dios, concluida em 1218, e finalmente a crypta da cathedral de Santander. Na Galliza, parte da cathedral de Santiago é do fim da época roman; da mesma data e época são tambem a cathedral de Lugo e a igreja de Orense. A cathedral de Cuenca, fundada em 1177, é igualmente um monumento de transição com addições do estylo ogival. Entre os monumentos que indicam uma influencia mahometana no seu caracter, citaremos no norte da Nova Castilla, a igreja de S. Miguel de Guadalaxara e a de Santa Maria de Mescas.

Introduzida de França, a architectura ogival desenvolveu um caracter particular em Hespanha

sob influencias locaes dos costumes e do orientalismo mahometano, que assignalaram n'esta architectura particularidades nacionaes, porém muitas vezes tambem exquisitas e confusas. Em frente dos principaes monumentos hespanhoes do XIII seculo, apparece a cathedral de Burgos, principiada em 1221, cuja planta recorda a de alguns monumentos francezes anteriores e posteriores a esta data; pois esta cathedral foi-se completando de seculo em seculo, sendo bastante difficil descobrir-se a sua disposição primitiva. O aspecto magestoso d'este monumento é o mais notavel que ha no estylo ogival pertencente á Hespanha.

A séde episcopal de Burgos não alcança a uma muito remota antiguidade. O bispado de Anca foi para ali transferido em 1075; o papa Gregorio XIII elevou-a a arcebispado por pedido do rei Philippe II. A cathedral foi ricamente dotada.

Conforme a opinião de todos os conhecedores, a cathedral de Burgos, consagrada a N. S, é um dos mais bellos monumentos da Hespanha. A sua architectura é tão notavel no seu conjuncto quanto primorosa nos seus detalhes. Quando se avista a alguma distancia, produz o mais agradavel effeito. As torres que dominam a fachada, os pinaculos que coroam os contrafortes, pertencem ao estylo ogival florido. As torres e as agulhas foram concluidas por João de Colonia. A cantaria é rendilhada com uma extrema delicadeza: parece uma obra de ourivesaria de Benevenuto Cellini. A construcção fica escondida debaixo dos ornatos: estatuas, baixos relevos, folhagem, grinaldas, florões, molduras, doceis, agulhas vasadas, imitações de pedras preciosas embutidas. Na esculptura dos portaes, os artistas representaram os factos mais gloriosos da historia de N. S.: a Conceição, a Assumpção, e a Coroação. A balaustrada superior é composta de lettras abertas com elegancia, nas quaes se lêem os louvores da Mãe de Deus. Os ornatos dos oculos ou espelhos, podem ser comparados aos mais celebres do monumento de *Saint-Oen de Ruão*, e de N. S. de Strasbourg. A parte inferior da fachada foi infelizmente sacrificada ao mau gosto do seculo ultimo. Fizeram desapparecer graciosos ornamentos gothicos para os substituir por composições sem nenhuma harmonia, nem discernimento, comparadas ao estylo do monumento.

A cathedral de Burgos está edificada sobre um declive; resulta d'isto, que o portal do norte acha-se 9^{m} acima do chão da igreja. A porta alta, como se lhe chama, não é menos ornada que as outras; as curvas dos arcos ogivaes estão cheias de esculpturas, e mesmo com imagens. Tendo-se seguido a falsa direcção a que a arte ficou por algum tempo entregue no principio do XVI seculo, nota-se-lhe uma singular mistura do sagrado e do profano. Imagens de santos apparecem ao lado de figuras mythologicas. A porta do sul distingue-se igualmente pela sumptuosidade da sua decoração.

N. S. de Burgos foi começada em 1221, na mesma era que a ermida de N. S. d'Oliveira em Santarem, durante o reinado de S. Fernando, e foi acabada sómente no XVI seculo.

Logo que se penetra na cathedral de Burgos, a vista fica offuscada pela vivacidade da luz. Este inconveniente é devido á alvura das materias, e principalmente á falta de vidraças pintadas. A lanterna do zimborio, por cima do cruzeiro, tendo de altura 55^{m}, contribue ainda mais para espargir no interior do edificio uma luz mais abundante. Este zimborio, edificado sobre um plano octogono, mostra ser uma construcção ousada, e está revestido de ornatos e brazões. O cruzeiro é d'uma riqueza surprehendente: todos os detalhes são tão elegantes, que os castellanos lhe chamam — *obra dos anjos* O estylo ogival da ultima época produziu n'esta obra as folhagens opulentas, as flôres mais graciosas. Este soberbo monumento ficou concluido em 10 de dezembro de 1567; e por isso se nota a influencia do estylo do renascimento.

A capella-mór póde-se considerar como um pantheon real, por causa das esculpturas representando principes e princezas, esculpturas que foram cinzeladas em diversas épocas. Esses sarcophagos encerram os corpos dos poderosos do seculo, que a morte *os persegue além do pó*, servindo me da expressão de Bossuet, para significar de uma maneira surprehendente qual é o poder da verdadeira magestade, que não experimenta a influencia dos seculos, que só domina todos os outros acontecimentos do mundo.

Não obstante a riqueza extraordinaria que brilha em toda a construcção d'esta cathedral, examinando-se as suas capellas, poder-se-hia acreditar que os principaes objectos d'arte que conteem, foram ahi juntos de proposito, tão simplesmente estão ellas guarnecidas. N'esta parte existem unicamente as bellas vidraças pintadas, havendo escapado por milagre á destruição que aniquilou as antigas da cathedral. A capella do Condestavel distingue-se entre todas as outras. Foi fundada para servir de sepultura, em 1467, aos membros da illustre familia dos Velascos, condestaveis hereditarios de Castella. É tão espaçosa como muitas igrejas, e decorada com extremo esmero. No exterior, as agulhas guarnecidas de folhagens que sobem até aos contrafortes, ou saem das galerias, formam um grupo de pequenas pyramides elegantes, em harmonia com as flechas que coroam o edificio. As esculpturas são obra de João de Borgonha, o mesmo artista que construiu, na qualidade de architecto, a cupula gothica, por baixo da qual está collocado o tumulo do condestavel. A pre-

sença de um artista francez n'esta edificação de Burgos explica por que a architectura ogival do fim do xv seculo apparece extraordinariamente carregada de ornatos na Hespanha, como apparece em grande numero de outras igrejas da mesma época na Borgonha, apresentando ao mesmo tempo a maior parte dos caracteres dos primeiros tempos do renascimento francez. Examinando essas delicadas esculpturas, apenas se repara nos rendilhados da cantaria, cujo tecido mimoso entremeiado de brazões e divisas heraldicas, deixa vêr qual era a habilidade e a paciencia do cinzel do artista.

Na capella dedicada á S. Sant'Anna, está o jazigo do arcebispo Luiz de Acuegna y Osorio, ao qual se deve o acabamento d'uma das bellas torres da fachada: e tanto mais digna de veneração é a memoria d'este principe da igreja, que o magnifico monumento da cathedral de Burgos lhe deve uma das mais admiraveis obras d'arte, como tambem o ter deixado completa esta fabrica, pois são poucos os templos em que as duas torres ficassem sempre concluidas, e sem o que os mais soberbos monumentos religiosos não produzem o effeito agradavel que devem apresentar, além de lhes faltar um adorno tão principal para caracterisar a architectura religiosa, indicando o dominio do espirito sobre a materia, mostrando ao mesmo tempo as agulhas o symbolo da redempção, as quaes erguendo-se magestosamente para o céo, como imploram o perdão e esperam a bemaventurança para os peccadores.

Se examinarmos agora a cathedral de Sevilha, teremos no exterior os vestigios de todos os estylos de architectura empregados em Hespanha desde os tempos mais remotos. No lado do norte avista-se a antiga muralha mourisca, coroada de ameias, sustidas por pesados contrafortes. Em 1480, foi principiada a construir e estava bastante adiantada em 1519, a fim de servir á celebração do culto divino. A igreja de Sevilha foi consagrada a N. S.; é dos mais bellos monumentos da Hespanha. As despezas da sua construcção subiram a sommas extraordinarias: coisa alguma foi omittida para lhe augmentar a sua magnificencia.

É composto o plano da igreja de 5 naves, sem contar um duplo renque de capellas lateraes: o comprimento do edificio é de 132^{m} por 96^{m} de largura: a abobada de fórma de cupula por cima do cruzeiro, tem 52^{m} de elevação. O que sobresae mais na cathedral de Sevilha, é a sua apparencia magestosa; a cathedral de Lião mostra uma grande elegancia; a de S. Thiago da Galliza o caracter de solidez, e a de Toledo seduz pela sua riqueza.

A igreja de N. S. de Sevilha recebe luz por 93 janellas, o maior numero das quaes tem vidraças pintadas; essas bellas composições coloridas produzem um effeito surprehendente, vistas á luz esplendorosa do sol d'Andaluzia. Os seus ornamentos delicados, os arabescos e os arrendados de mistura com perolas e pedras brilhantes de furta-côres, são apropriados a esta luz viva e serena, que faz sobresahir os menores traços do pincel e os tons mais delicados. Além d'isso as vidraças por este modo pintadas deixam penetrar nas abobadas do templo uma claridade mysteriosa que dispõe a alma á serenidade e á meditação. Não é possivel descrever aqui todas as preciosidades artisticas que contém esta celebre cathedral, mas entre ellas mencionaremos o retabulo do altar-mór que é reputado como obra executada por um prodigio de paciencia e de bom gosto. É de madeira de cedro e composto de 90 almofadas esculpidas com o maior primor, obra esta em que foi preciso empregar 78 annos!

É n'este templo que existe o tumulo do filho do celebre descobridor da America, 1490, Christovão Colombo, o qual dotou a cidade com a sua famosa bibliotheca. Em Portugal estava no convento do Carmo em Lisboa a sepultura de sua primeira mulher.

A cathedral de Toledo é outro sumptuoso edificio em harmonia com o nome que na linguagem poetica dos escriptores antigos se dá a esta cidade, de — *Luz do Mundo*. É esta cidade edificada sobre 7 colinas, como estão Roma e Lisboa banhada pelo Tejo. Diz-se que Toledo é um rochedo sobre outro rochedo. No coração da cidade avulta a fabrica da cathedral, onde se reuniram os concilios mais celebres que foram considerados como assembléas nacionaes do reino catholico.

A igreja de Toledo é ornada com um sem numero d'obras d'arte, que successivos seculos reuniram, as quaes são tão magnificas que não causa enfado a sua profusão, tendo contribuido para isso 149 artistas que durante 10 seculos foram incumbidos de embellezal-a. Todavia o exterior da cathedral de Toledo não apresenta regularidade alguma. As torres estão por acabar, excepto uma principiada pelo cardeal Tenorio, e concluida em 1533: tem de elevação 90^{m}. A agulha que fórma a sua extremidade foi executada com grande esmero e delicadeza: revestem-n'a esculpturas tão mimosas, que de longe parece formarem corôas de folhagens, o que produz o effeito o mais agradavel. Este templo foi fundado por S. Fernando em 1220, e consagrado em 1492. Tem 120^{m} de comprido por 62^{m} de largo. A planta da igreja contém 5 naves. A capella-mór é d'uma magnificencia extraordinaria.

Contemplando as obras primas d'esta soberba cathedral, não obstante as devastações causadas pelas guerras e pelos tumultos civis, reconhece-se a exactidão d'esta observação, que o catholicismo, regulando a consciencia, purificando os costumes,

vivificando as instituições uteis, inspirando a caridade e todas as virtudes das quaes o amor de Deus e do proximo é o principio, electrisa tambem o genio dos artistas para produzirem obras de merecimento nas bellas-artes : pois o bello sendo o explendor da verdade, e havendo ella inspirado o bello moral, não podia deixar tambem de produzir o bello artistico ; e por isso se admiram tantas maravilhas que foram prodigalisadas n'esses magestosos edificios religiosos, que em todos os tempos tem merecido de todos os povos e das differentes gerações a maior veneração, extasiando sempre quando são contemplados.

Em recapitulação do que temos analysado sobre os principios fundamentaes que constituem o estylo da architectura ogival, convém agora apresentar os pontos mais principaes que caracterisam este systema de construcção. tanto para avivar a nossa memoria sobre o que já expozemos, como para ficarem mais definidos os elementos que os distinguem entre os outros typos, que antes ou depois da epocha a que nos referimos, vieram alterar ou confundir com as suas fórmas heterogeneas a pureza do estylo ogival.

Vimos a poderosa influencia que a congregação dos artistas na idade media exerceu para se conservar, em todos os paizes onde construiu os monumentos ogivaes, e seguir-se escrupulosamente os principios geraes d'esta architectura, e na applicação da estereotomia nas obras mais difficeis do corte das pedras; foi sem duvida pelo profundo conhecimento d'esta sciencia, que se executaram essas surprehendentes construcções, ás quaes nunca o genio sublime dos gregos, nem a ousadia na arte de edificar dos romanos poderam comparar-se, pois que levantar até ás nuvens os monumentos, sem precisar amontoar cantaria sobre cantaria para se alcançar uma extraordinaria elevação, nem tão pouco repetir Ordens sobrepostas, cada uma d'ellas com entablamentos que dividindo a altura em andares, destruiu o effeito e o fim para que foram applicadas, além do aspecto pesado e o contrasenço de se estabelecer resguardo para a base do monumento pela repetição das sacadas dos entablamentos no mesmo edificio, e o absurdo que indica nas fachadas das igrejas modernas imitando os differentes andares, quando na parte interna não existe mais de uma grande altura desde o solo até á abobada, emquanto a architectura ogival pela delicada combinação de sua construcção esbelta e graciosa, pelos rendilhados dos seus lavores encobrindo a construcção que lhe dá a sua estabilidade, pela excessiva elevação de suas linhas, configuração angular dos seus remates, mostra a sciencia unida á paciencia da execução. Da perfeita combinação de todas as partes que compõem as suas arrojadas concepções e da conformidade dos preceitos que distingue as construcções ogivaes, dimana essa força poderosa que produz em nós a surpreza e admiração, contemplando prodigiosos edificios, nos quaes nem as injurias do tempo, nem o desleixo dos povos tem podido destruir a sua belleza e attractivo e são os unicos a produzir em nós essa meditação que nos commove, quando visitamos os famosos templos ogivaes.

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

O TRABALHO DAS MULHERES NA ARCHEOLOGIA ARTISTICA

Franz Xaver Kraus, professor de archeologia sagrada, publicou recentemente um artigo sobre este assumpto na ***Deutsche Rundschau.*** Precedida de conceituosas ponderações ácerca da emancipação da mulher, encontramos uma resenha d'esse artigo n'um folhetim do *Commercio do Porto* n.º 157 — Junho, 24, 1890 — assignado por Isabel Leite. Pareceu-nos de tal modo interessante aquelle primoroso trabalho que desejamos honrar as nossas columnas, dando-lhe cabimento n'este numero.

Prescindimos de reproduzir o que pertence a outros dominios scientificos ; e tão só nos limitamos a apresentar o que mais directamente se relaciona com o programma do *Boletim.*

«A pouca idade da archeologia como sciencia, e mórmente da archeologia christã, basta, segundo Kraus, para explicar a ausencia de trabalhos femininos anteriores ao seculo XIX. Verdade seja que no seculo XII, já Herrade von Landsperg, abbadessa do mosteiro de Hohenburgo, na Alsacia, deixou na encyclopedia *Hortus Deliciarum*, illustrada com gentis miniaturas, um resumo do mais alto saber feminil contemporaneo, no tocante a mythologia e cousas de arte. Ardeu em 1870 no incendio da bibliotheca de Strasburgo esse manuscripto, menos precioso pelo alcance da informação scientifica, do que pelo seu valor como monumento medieval.

Seguindo a ordem chronologica, saltamos, sem transição, da lettrada filha de Santa Odilia para Anna Jameson, nascida em 1794 em Dublin, de um miniaturista a quem vicissitudes do sublevamento

autonomo da Irlanda obrigaram, para escapar á morte, a fugir para Cumberland e ahi difficilmente ganhar para os seus o pão amargo do exilio. A fim de o auxiliar n'essa tarefa, Anna dedicou-se a trabalhos litterarios, para os quaes mais tarde encontrou favoraveis condições de desenvolvimento nas viagens que aos 27 annos emprehendeu com seu marido pela Italia e Allemanha. Travou então amisade com a distincta Ottilia de Gœtte e conviveu com Tieck Dannecker, o esculptor; Retzch, o illustrador gracil de tantas obras primas; Schlegel e Humboldt, perante cuja ampla envergadura intellectual ella define sentir-se «como diante dos Alpes um d'esses monticulos sublevados pelas toupeiras.» Quando em 1859 regressou á Inglaterra, levava no seu já luminoso espirito não só o esplendor reflexo d'aquelles intellectos fulgidos, o calor proveniente d'aquellas actividades em pleno exercicio; levava tambem o germen d'onde resultaria a sua obra capital; o amor das cousas da arte, o culto do objecto artistico como symbolo, o esforço por explanar esses symbolos traduzindo-os para o dominio intellectual onde se opéra com a linguagem. Obedecendo a essa nova tendencia, mrs. Jameson escreveu no *Penny Magazine* uma série de artigos sobre os primitivos mestres italianos, e logo um «Guia para as galerias de arte em Londres e seus arredores.»

Foi depois a Paris onde esquadrinhou minuciosa e *mui proveitosamente*, confessa ella, o Muzeu do Louvre, em companhia de Rio, que publicára, havia pouco, o primeiro volume da sua «*Historia da Arte Christã*». Vem a proposito contar o curioso facto de que esse livro foi a principio tomado em França por uma mystificação, simplesmente por defender a these de que a pintura italiana attingira o apogeu em Raphael e declinára a partir da sua morte! Ainda cerca do meiado d'este seculo as ideias correntes na *capital do mundo* davam a supremacia á escóla eclectica dos Caracci!

Foi a partir de então que mrs. Jameson se entregou exclusivamente ao estudo da arte christã medieval. Encetou nova e derradeira viagem á Italia, e por lá se demorou sete annos. Voltando á patria, disfructou ahi uma pensão real de 100 libras durante os ultimos oito annos da sua existencia que findou em 1859, onze annos após o apparecimento do seu trabalho principal: *Arte Sagrada e Legendaria*.

Esta obra de vulto, a que a auctora accrescentou mais tarde alguns estudos a modo de subsidios, é a mais desenvolvida e comprehensiva iconographia christã ainda hoje existente. Tudo quanto se havia escripto antes d'ella era puro *diletanttismo;* mrs. Jameson foi a primeira a entrar com seriedade e criterio n'essa empreza tão vasta quão difficil. Esforçou-se conscienciosamente por filiar grande numero dos symbolos, que decoram os monumentos pios do christianismo, em textos dos Padres da Igreja, em obras dos mysticos e em hymnos da idade-média; foi ella quem teve o raro merito de pôr em relêvo a influencia que sobre a arte medieval exerceu o poema de Dante. Soube ser profunda e exacta, sem apparatos pedantes de nomenclatura, e aridos pormenores technicos; longe d'isso: evocadas por ella, vemos fluctuar as figuras dos santos e santas, radiantes de toda a prestigiosa poesia com que as aureolou a phantasia infantil da idade-média.

Não quer isso dizer que á luz de mais recentes descobertas a obra de mrs. Jameson seja completamente satisfactoria. Mas a verdade é que n'essas condições nenhuma historia possuimos ainda hoje da arte christã medieval. Muitissimo se tem investigado e muito se tem aprendido; pois, apesar de haver agora o decuplo dos materiaes de que mrs. Jameson podia dispôr, ninguem se affoutou ainda a emprehender para os nossos tempos o que essa energica e intelligente senhora realisou a bem dos seus contemporaneos.

Irlandeza é tambem miss Margaret Stokes, de quem se disse que «o manto real dos antigos illuministas seus compatriotas lhe cahiu e ficou sobre os hombros.» A sua habilidade como artista rivalisa com a sua competencia em assumptos de archeologia do seu paiz natal.

Estreiou-se com uma edição do poema de Ferguson o *Cromlech de How*, cada estrophe do qual abre com uma inicial ornamentada, copia de manuscriptos antigos. Varias aguarellas e paizagens illustram e acompanham o poema, seguido por uma longa e exhaustiva noticia sobre a arte decorativa irlandeza. São tambem da mesma penna algumas das mais bellas paginas da *Grinalda de Howth*, sobresahindo a que encerra o maravilhoso monogramma do Christo, reliquia de uma arte barbara, onde a belleza e pompa do colorido deslumbram.

O intervallo entre esses trabalhos e o apparecimento das *Notas sobre a architectura irlandeza* foi preenchido com dois estudos, o primeiro sobre o relicario de S. Medoc (publicado pela Sociedade dos Antiquarios de Londres), o segundo intitulado *Inscripções christãs primitivas da Irlanda, colligidas e copiadas por George Petrie*.

Para as *Notas*, serviu-se miss Stokes dos apontamentos deixados por lord Dunarvan, outro apaixonado de antiguidades irlandezas, que todos os annos, acompanhado por um photographo, partia de verão a explorar o paiz. A auctora principia pelos rudes eremiterios e fortes de pedra, verdadeiros ninhos de aguia escondidos nos ilheus bravios da costa occidental; e passando pelas igrejas sem ci-

mento de estylo archaico, quasi cyclopico, nos conduz por entre os monumentos christãos da Irlanda independente. Estes vêem dizer de si em bellas photographias, desenhos e plantas, acompanhados de extractos de velhas chronicas e outros esclarecimentos de caracter local. A infatigavel erudita incorporou tambem no seu trabalho, além de um mappa da Irlanda e de tabuas chronologicas, uma noticia a modo de epilogo que foi publicada á parte sob a denominação: *Arte christã irlandeza dos tempos primitivos*. Pede especial attenção o prefacio, no qual miss Stokes reclama uma certa originalidade para a arte architectural do seu paiz. E' de sentir que essas theorias não assentassem em base mais solida e que o ardor do patriotismo a arrastasse um tanto longe no areal traiçoeiro e movediço das conjecturas; mas isso não destroe o merecimento do seu trabalho, revelador de profundo e raro saber, de methodo e lucida critica, e marcando um glorioso passo progressivo nos annaes da archeologia artistica da Irlanda.

A ultima producção de miss Stokes é um livrinho, pequeno quanto ás dimensões, mas grande quanto á excellencia do contheúdo, adoptado e distribuido pelo *South Kensigton Museum*. «Nenhum homem podia fazer cousa melhor, diz o articulista, do que essa valente collega a quem por sobre as aguas da Mancha envio um salvè!»

São dignas de menção, embora em plano inferior ás antecedentes, Luiza Twining, litterata de talento, cujos livros sobre iconographia biblica (1885) tiveram grande voga, e recentemente Elisabeth Lecky, hollandeza, auctora de um bom artigo (1889) sobre os jardins de Pompeia.

A mais distincta cultora da iconographia na Italia, é actualmente D. Ersilia Caetani, condessa, viuva de Lovatelli, representante dé uma das maiores fortunas e um dos mais antigos nomes da nobreza romana. Seu pae, o finado duque, referindo-se a um casamento, contrahido havia dous seculos entre uma Caetani e um Farnese, dizia gracejando: «Hesitamos largo tempo antes de nos resolvermos a essa *mésalliance*.» Creada no convivio dos sabios illustres que frequentavam o palacio paterno, respirando com o ar o amor das antiguidades, profundamente versada na lingua e litteratura da Grecia e Roma, os deveres de mãe sollicita e zelosa administradora dos bens de seus filhos não têem desviado a condessa dos estudos archeologicos, nos quaes se lançou com mais ardor, como á busca de conforto, depois da sua prematura viuvez. Desdenhando os frivolos prazeres da alta roda, a bella patricia faz do palacio Caetani o fóco para onde converge tudo quanto em genio e saber afflue á grande capital italiana. E não preside apenas a essas verdadeiramente luzidas reuniões; é activo membro da Academia de Lincei, do Instituto Archeologico Allemão, da Sociedade dos Amigos da Antiguidade. Os seus trabalhos abrangem um periodo de 12 annos a partir de 1878 inclusivè. Inscripções, mosaicos, baixos relevos, estatuas, brinquedos do mundo antigo, têem sido objecto do seu perito exame, não só em fórma de monographias instructivas, como em vastos grupos symbolicos das grandes legendas humanas communs a todas as mythologias; ora as representações de Psyché, ora as de Thanatos; e com ellas as crystalisações que durante seculos a humanidade tem ido lentamente formando em torno d'essas concepções correlativas. Firmada n'esse rochedo titanico erguido como um desafio commovente em face do eterno e do ignoto, D. Ersilia, com um sorriso de esperança nos labios, estende as mãos ao esposo perdido. De resto, o espirito da preclara senhora decididamente se compraz na zona dos altos e difficeis problemas; a sua ultima publicação trata «Do hypnotismo e dos sonhos no mundo antigo.»

Fecharei este brilhante circulo de eruditas com os nomes de tres heroinas da sciencia: Helbig, Schliemann e Dieulafoy. Casadas todas tres, coadjuvando os maridos, e acompanhando-os em jornadas de reconhecimento e escavação, qual d'ellas a mais ardua e fadigosa, não é facil, infelizmente para o fim que temos em vista, averiguar de quanto, nos resultados colhidos por esses homens illustres, a sciencia archeologica é devedora a essas denodadas exploradoras. De madame Dieulafoy, todavia, basta o interessante relatorio da penosa e arriscadissima expedição a Susa, publicado por seu marido, para attestar não só o zelo e a competencia, como a estoicidade e o valor.

Parece-me ter, no decurso d'esta breve resenha, exemplicado á leitora de quão variadas aptidões o seu sexo tem dado provas no dominio da archeologia artistica. Nem a architectura, nem a iconographia, nem a epigraphia pódem ser de ora ávante consideradas sem injustiça como terreno defezo ás mulheres; nem póde a sua fraqueza physica ser allegada para a excluirem dos inebriantes prazeres dos descobridores, e para ridicularisarem aquellas cuja abnegação as leva a sacrificar ao amor da sciencia uma pouca da saude que aliás lhes fôra licito esperdiçar sem reparo em cousas mais insulsas.»

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 92

O portal que representa a photographia d'este «Boletim» tem para nós um subido interesse artistico, não sómente pelo seu merecimento architectonico, mas tambem porque nos faz suppor, com uma plausivel evidencia, pertencer o seu risco ao celebre architecto Boutaca; o estylo é o mesmo creado por elle e empregado em varias edificações que existem em Portugal, as quaes foram delineadas com o mesmo caracter *especial* que lhes deu, Architectura Manuelina, isto é, de um typo nacional, como está admittido por ter tido origem no tempo do rei afortunado.

Ha ainda para fundamentar a nossa supposição, que esse portal e as janellas do primeiro andar foram construidas com a casa que lhes diz respeito na era de 1514, como consta dos documentos mais antigos e importantes do archivo da Camara Municipal de Coimbra, publicados pelo sr. J. C. Ayres de Campos. E mesmo seria escusado haver esta data para se reconhecer pelo estylo da fabrica pertencer o risco ao referido artista que em diversas localidades do paiz deixou obras devidas ao seu particular engenho.

Além d'isso, quem comparar a fórma d'este modesto portal com o da porta principal da egreja dos Jeronymos, em Belem, attendendo á differença que forçosamente devia ter um portal para ingresso de um edificio monumental e o que é proprio para uma habitação particular; mas confrontando-o principalmente com o portal da egreja da Gollegã, tambem delineado pelo referido artista, facilmente reconhecerá o cunho do seu auctor.

O caracter de robustez está alliado á sua ornamentação de cadeias e columnas torcidas; os segmentos compõem o feitio da verga ornada á imitação d'uma amarra que se liga ás columnas que formam o adorno dos umbraes do citado portal.

O nicho cimeiro de volta inteira está circumdado por um lindo encadeamento que o faz destacar do nú da parede, e firma-se sobre duas misulas que se apoiam em cabeças de animaes emblematicos, heraldicos, pertencentes ao brazão, que fórma o fecho da verga do mesmo portal, estando o fundo d'esse nicho occupado por uma cruz, a qual serve para mostrar que foi benzida aquella habitação, como era uso da época, afim de protegel-a contra qualquer desastre. Mesmo ainda no principio do seculo actual se praticava este acto. Assisti na minha infancia á ceremonia religiosa da collocação da cruz, praticada no predio que meu pae fizera construir no Rio de Janeiro para sua habitação.

Este emblema religioso no edificio, que a estampa representa, fazia suppor que elle pertencia a alguma confraria catholica, mas pelos documentos citados sabe-se que esta casa apalaçada foi propriedade do licenciado João Vaz, situado sobre o lanço de muralha da riba da Cidade de Coimbra, com o nome que conserva de rua de Sub-Ripas.

Considerar-me-hei feliz por fazer conhecer mais uma notavel edificação delineada por tão habil artista como foi Boutaca; e se eu tive a ventura de descobrir o medalhão com a sua effigie * *que estava occulta por debaixo da escada do pulpito moderno da egreja de Belem*, hoje em dia demolido com applauso geral, regosijo-me ainda mais por ter feito conhecer o auctor d'esta singular edificação que existe na cidade de Coimbra.

Não será para estranhar que fosse o architecto Boutaca incumbido d'essa edificação n'aquella cidade, porque a fama da sua superior aptidão fôra proclamada no paiz, e não seria a primeira vez que um architecto da capital fosse ali dirigir uma obra, porquanto já os architectos Roberto e Castilho tinham sido encarregados, em diversas épocas, de trabalhos importantes n'aquella cidade: o primeiro d'estes artistas, da construcção do portico da Sé Velha; e o segundo, da ornamentação lateral do mesmo edificio, posto que fosse no estylo de Renascença.

Se Coimbra, nos tempos modernos, mereceu o epitheto de *Lusa Athenas*, vem tambem corroborar essa designação as obras dos tres insignes architectos que pela sua arte deram illustração a essa cidade.

POSSIDONIO DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 9, pag. 143)

Lemes das portas. Os constructores romanos tinham, como já explicámos, convertido em objecto de ornamentação os lemes e as ferragens que empregavam para reunir os frisos que compõem os batentes. As archivoltas do periodo ogival ultrapassaram os seus precedentes n'este genero de decoração.

No seculo XIII e ainda mesmo no XIV, os lemes representam folhagens entrelaçadas, armadas de flores e fructos. As suas differentes partes são reunidas com uma arte e delicadeza notaveis, apesar de n'esta época os meios de fabrico serem muito simples. Um martello movido por uma corrente de agua constituia, por assim dizer, o unico recurso das fabricas da edade media. O ferro obtido em

* Veja-se o «Boletim» n.º 5, Tomo 1.º da 2.ª Serie, pag. 58. Um Busto, o Convento de Belem e o seu architecto. — 1875.

Portico da casa nobre de architectura Manuelina construida em Coimbra na era de 1511

ESTAMPA N.º ~~42~~ 33

Pag. 1?

fragmentos de um peso mediocre, era entregue ao ferreiro, que á força de braço convertia estes fragmentos em barras ou peças mais ou menos delgadas. Não eram conhecidas, nem a lima, nem as cisalhas. Apezar da pobreza de meios de fabricação, os ferreiros da edade media produziram obras primas de serralheria. Podemos affirmar que em muitos paizes a arte de serralheria attingiu o seu apogeu no seculo XIII. Os lemes do principio do periodo ogival distinguem-se dos das épocas posteriores em que, ordinariamente, são *estampados*, isto é, trabalhados em relevo por meio de matriz. Foi pela estampagem que se obtiveram ramagens cheias de vigor e estes soberbos cachos que caracterisam os lemes dos portaes de todas as grandes egrejas do XIII seculo.

Os lemes estampados começaram a desapparecer na França no principio do seculo XIV, ao passo que na Belgica foram muito empregados ainda n'este seculo e até mesmo no seculo XV.

Nos fins do seculo XIII começaram a apparecer na França os lemes lisos, isto é, formados por uma peça de ferro batido, poucas vezes executados em relevo. Este uso generalisou-se desde os primeiros annos do seculo XIV; nos outros paizes e especialmente na Belgica eram empregados simultaneamente com as ferragens estampadas, tanto no seculo XIV, como no XV.

Os serralheiros da edade média procuraram para objecto de ornamentação, não só os lemes, mas tambem todos os outros accessorios necessarios para os portaes, taes como os prégos, os fechos, as argolas das fechaduras.

Janellas. Durante o periodo de transição e no principio da época ogival, os vãos das janellas eram estreitos, pouco elevados e fechados, na sua parte superior, por lancetas ou ogivas agudas. Estes vãos, em geral reunidos em dois ou tres, são separados por pequenos pilares em fórma de humbreira, estando muitas vezes como emmoldurados por um grande arco commum. Chamam-se prumos de cantaria os que dividem uma janella em humbreiras aos vãos ou compartimentos verticaes. A triplice lanceta da janella tem o vão do meio geralmente mais elevado que o dos lados.

Em França, no principio do seculo XIII, e n'outros paizes alguns annos mais tarde, em vez de estreitarem os vãos das janellas, alargavam-nos e formavam por cima bandeira com construcção de cantaria compostas de humbreiras simples e ligeiras. Em geral existe uma abertura independente por cima dos vãos d'estas janellas primitivas. Nas construcções esmeradas e ricas, as humbreiras estão collocadas tanto no interior como no exterior, tendo uma columna com base e capitel, e o tympano da janella é ornado de redentes, com uma ou muitas vidraças compostas de tres, quatro, seis e algumas vezes oito vidros.

As grandes egrejas do XIII seculo e um grande numero de edificios do XIV seculo teem as janellas muito grandes, divididas em muitos vãos.

Estas janellas compõem-se de uma rosacea de grande diametro, que occupa a parte superior do tympano tendo uma columna que divide o vão em duas partes eguaes; em cada um d'estes vãos secundarios, apresenta uma abertura composta egualmente de uma columna central, porém, mais delgada que a primeira e d'um oculo circular do feitio de folha de trêvo, ou uma de quatro folhas Se mesmo com estas sub-divisões (como succede nas janellas de grande largura), estas columnas não ficam sufficientemente proximas para a segurança das vidraças. estabelecem se ainda entre si novas humbreiras divisorias, tendo por cima tambem rosaceas de menor grandeza.

Na Belgica, Allemanha e Inglaterra, ha janellas do seculo XIII, divididas por duas humbreiras de menor importancia para formarem tres vãos. A's vezes é o vão do meio mais estreito que os dos lados. Este feitio de janellas era muito raro na França no principio do periodo ogival.

Para diminuir o espaço vazio das rosaceas do tympano das grandes janellas, collocavam-se redentes de cantaria seguros por circulos de ferro. A's vezes, no seculo XIV, substituiam-se as rosaceas do tympano por folhas de trêvo, ou compostas de quatro folhas, e tambem com outras combinações de figuras geometricas.

Durante os seculos XIV e XV, o numero dos vãos das janellas varia muito, mas em geral é de tres.

No mesmo edificio, se vêem, conforme a largura dos vãos, janellas de dois, tres, quatro, cinco, seis, sete ou oito compartimentos.

Em alguns monumentos belgas, inglezes e allemães, as grandes janellas das extremidades do transepte e da capella mór, quando esta termina por uma parede recta, ficam divididas em duas partes eguaes por uma columna central de grande grossura formando um verdadeiro pilar.

As humbreiras das janellas dos seculos XIII e XIV são ás vezes formadas por uma só pedra inteiriça; comtudo geralmente são construidas por pedras pequenas. Em grande numero de edificios francezes, ha, interior e exteriormente, ou n'um dos lados das janellas, uma columna embebida, com base e capitel.

Na Belgica, Allemanha e Inglaterra as humbreiras das janellas de muitos monumentos não têem columnas, principalmente as do seculo XIV.

As columnas servindo de humbreiras apparecem sempre collocadas junto dos pés direitos, no interior e no exterior da janella. Na Belgica vêem-se

com frequencia essas columnas embebidas nos angulos das paredes pertencentes ás janellas nas quaes lhes faltam as humbreiras.

Os capiteis das columnas que formam as humbreiras das janellas, são coroados por um ábaco *quadrado*, no principio do periodo ogival, mais tarde tornou-se *circular*, e no principio do XIV seculo, *hexagonal*.

Os constructores dos seculos XIII e XIV, habituados a discorrer sobre todas as suas obras, facilmente comprehendiam que collocar um capitel nas columnas servindo de humbreiras, era ir ao encontro do principio fundamental da architectura ogival, que prescrevia desprezar todas as partes inuteis, todos os motivos de ornamentação que não resultassem d'uma necessidade de construcção. Effectivamente não parece sufficientemente justificada a necessidade d'este capitel, porque a parte superior da columna não serve de ponto de apoio a nenhum peso extraordinario, e tambem não serve de transição ás duas partes realmente distinctas, pois a moldura superior do capitel é em tudo semelhante á fórma do fuste da columna, porquanto o capitel apenas servia de ornato, sem outro fim verdadeiramente util. Tendo em vista o principio fundamental do estylo ogival e todas as consequencias logicas que elle encerra, os architectos da segunda metade do seculo XIV e do principio do XV não se detêem em reconsiderar, supprimem inteiramente o capitel e muitas vezes a propria columna, e dão a todas as humbreiras a mesma espessura. No fim do XIV seculo introduziram egualmente modificações importantes nos desenhos traçados pelas humbreiras dos tympanos das janellas. Os redentes que até aqui serviam para diminuir o espaço roto das grandes rosaceas foram primeiramente substituidos por combinações de figuras geometricas em que predominam as fórmas ogivaes com curvas compostas de duas em sentido opposto e do feitio de chamma. É d'esta época que data o ornato conhecido pelo nome de *chamma* e deu o nome de *flammejante* ao estylo do seculo XV. Este ornato não só se encontra nos tympanos de janellas, mas tambem nas balaustradas, nos batentes das portas, fechos, mobilias, n'uma palavra, em tudo onde é possivel applical-o. Os allemães chamam-lhe Fischblase (bexiga de peixe).

As janellas da *primeira metade* do seculo XV têem ainda ás vezes alguma analogia com as dos seculos precedentes. Não é raro encontrar-se nos tympanos grandes rosaceas com figuras curvas ou chammas em vez de redentes. Todavia grande numero de rosaceas circulares dos tympanos, durante a primeira metade do seculo XV, foram substituidas com o feitio de triangulos e quadrilateros curvilineos ou por outras figuras geometricas regulares, nas quaes ha chammas representadas. No meado do seculo XV desapparecem do tympano as figuras regulares, e as humbreiras tomando direcções cada vez mais arbitrarias, dão logar aos mais variados desenhos flammejantes.

No fim do XV seculo as archivoltas das janellas tornam-se mais obtusas e tomam no principio do seculo XVI a fórma de arcos de volta abatida ou em aza de cesto; os desenhos dos tympanos são toscos e angulosos. A volta inteira ou de semi-circulo, que começa a apparecer timidamente nos vãos entre as humbreiras, annuncia o proximo regresso dos typos de architectura classica

Do que acabamos de dizer resulta que os desenhos geometricos encontram-se principalmente nos tympanos das janellas durante a primeira metade do seculo XV, emquanto que os desenhos flammejantes propriamente ditos são da ultima metade do XV e do principio do XVI seculos.

As archivoltas exteriores das janellas dos edificios de primeira ordem têem ás vezes alguns ornatos.

O cavado mais largo e mais profundo do intradorso d'estas archivoltas é ornado de colchetes nos grandes monumentos francezes do seculo XIII; no seculo XIV é ornado de florões e de cachos, e no XV apparece a folha de repôlho,

As archivoltas exteriores das janellas são do mesmo modo que as dos portaes e dos alpendres rodeadas por um rebordo saliente ou encimadas por uma galeria. Os rebordos que rodeiam as archivoltas das janellas têem o mesmo feitio que os dos portaes.

Nos seculos XIII e XIV, têem a fórma d'uma goteira e são geralmente formados nos proprios fechos da archivolta; as extremidades vêem acabar á altura do nascimento da ogiva, ficando assentes sobre modilhões ou então na direcção horisontal sob a fórma de cordão, que liga entre si duas janellas proximas uma da outra.

Nos edificios mais importantes, os rebordos são em geral decorados de distancia a distancia, com colchetes ou folhas ornamentaes. Nos seculos XV e XVI, os feitios das janellas têem a fórma de uma ogiva com curvas inversas, terminando por um florão. Os remates que coroam muitas vezes as janellas dos grandes monumentos, são similhantes aos dos portaes, tendo do mesmo modo a fórma da empena e os seus lados inclinados têem colchetes, redentes ou folhas de repolho crispadas. O vertice, que em geral termina em florão, penetra muitas vezes na balaustrada prolongando a altura do tecto e fazendo corpo com elle.

Os architectos do periodo ogival, e até mesmo os do periodo de transição, de ordinario reservaram nas grandes egrejas, galerias passando junto das janellas e que eram principalmente destinadas

a facilitar a collocação e conservação das vidraças. Estas galerias são estabelecidas em toda a extensão do edificio, dando muitas vezes a volta completa em todo o monumento; são verdadeiros corredores de serviço. No rez-do chão, isto é, nas paredes dos lados e no côro, quando este não tem capellas lateraes, são ellas estabelecidas no interior em quanto que no pavimento superior ficam sempre exteriores e atravessam os contrafortes. D'aqui resulta haver galerias em que as vidraças estão assentes por dentro nas janellas inferiores e por fóra nas altas.

Rosaceas. As rosaceas são um dos mais bellos ornamentos dos grandes monumentos religiosos do periodo ogival.

Apparecem tanto na fachada Occidental como nas empenas dos transeptes. Na França, as rosaceas são muito communs nos seculos XIII e XIV; pelo contrario na Belgica e na Inglaterra, são raras, mesmo nas maiores egrejas.

As rosaceas e as janellas têem caixilhos de pedra destinados a fixar as vidraças. Estes caixilhos são muitas vezes dispostos em fórma de raios de roda. Durante a segunda metade do seculo XIII e todo o XIV, foram construidas grande numero de rosaceas em contacto umas das outras e dispostas em muitos renques concentricos á volta d'uma rosacea central, na qual são inseridos caixilhos do feitio de folhas de trêvo ou em quatro folhas.

Foi a brilhante ornamentação d'estas rosaceas e dos tympanos das janellas que deu ao estylo ogival do XIV seculo a denominação de *radiante.*

Os caixilhos das rosaceas do XV seculo descrevem em geral desenhos flammejantes, semelhantes aos que se vêem nos tympanos das janellas da mesma época. Ás vezes encontram-se: 1.º nos monumentos do seculo XIII rosaceas que têem analogia com as dos edificios romans do seculo XII; 2.º nos edificios dos seculos XIV e XV, rosaceas compostas de folhas de feitio de trevo, e de quatro folhas, ou com figuras geometricas curvilineas.

No seculo XV, e na Belgica já no XIV os caixilhos das rosaceas, não têem como d'antes, columnas formando as divisões, mas têem os mesmos compartimentos que os caixilhos de janella d'esta época.

Vedações das janellas e vidraças. Por causa da aspereza do clima nos paizes do Norte foram muito cêdo usadas as vidraças nas janellas.

Os vidros, incolores ou pintados d'uma côr unica e de pequenas dimensões, eram antigamente collocados em caixilhos de madeira ou de cantaria. Depois do seculo X eram fixos por meio de pestanas de chumbo. Foi devido ao emprego do chumbo que conseguiram formar bellas vidraças pintadas, cuja historia vamos expôr succintamente.

As vidraças dividem-se em duas classes: vidraças *incolores* e *pintadas.*

Vidraças incolores. As vidraças incolores dos seculos XII e XIII são compostas de pequenos pedaços de vidro, não excedendo doze a quinze centimetros, na sua maior dimensão, sendo de côr esverdeada escura, irregulares e um pouco convexas.

O chumbo empregado antigamente era muito espesso, convexo nas suas faces e algumas vezes polido nas ranhuras; distingue-se facilmente dos modernos, fabricados depois do fim do seculo XVI, por se servirem de instrumento proprio para o reduzir a tiras, com uma especie de laminador.

Em consequencia da maleabilidade e brandura do chumbo, as tiras que reunem os vidros das vidraças incolores dos periodos roman e ogival apresentam muitas vezes as mais curiosas figuras. N'este caso e em muitos outros a urgencia fornece um motivo d'ornamentação; era necessario vedar uma abertura relativamente alta e larga com pequenos fragmentos de vidro, porque as grandes chapas de vidro eram ainda então desconhecidas. Os vidraceiros da idade média resolveram este problema como verdadeiros artistas: em vez de adoptarem um systema de envidraçar vulgar, consistindo em quadrados ou rhombos, serviram-se das tiras de chumbo para produzir, nas janellas, os mais variados e vistosos desenhos.

Na Belgica as vidraças incolores eram muito communs nos seculos XII e XIII; ha exemplos de vidraças, ainda existentes, que se pódem referir com certeza a esta época. É verdade que se encontra aqui e ali algumas vidraças representando entrelaçamentos de fitas, anneis, circulos e figuras geometricas, que parecem muito antigas por causa da pequenez das aberturas destinadas a receber as chapas de vidro; mas não é possivel determinar-lhes uma data approximada.

Estes entrelaçamentos de fitas e de figuras geometricas foram usados na Belgica durante todo o periodo ogival e conservaram-se com modificações mais ou menos consideraveis até ao presente.

Vidraças pintadas. Ha uma grande differença entre colorir um vidro ou pintal-o, ou por outras palavras, entre os vidros coloridos e os pintados. Os primeiros, que tambem se chamam vidros de côr, obtêem-se misturando-lhes na massa vitrea em fusão oxydos metallicos, que dão a toda a pasta um colorido uniforme. Este colorido não é superficial; as materias que produzem as diversas côres penetram durante a fusão na massa vitrea e combinam-se inteiramente com ella. Para fazer vidros pintados toma-se uma chapa de vidro translucido e sobre uma das faces, ou em ambas, applica-se com o pincel os traços do desenho a côres vitrificaveis, que não são mais que pastas vitreas

coloridas por meio d'oxydos metallicos, reduzidos a pó e diluidos n'um liquido como vinho, agua gommada e essencia de therebentina. A lamina de vidro, esmaltada, é em seguida submettida ao fogo; o pó corante entrando promptamente em fusão, fixa-se sobre a placa de vidro que a sustenta e que apenas está amollecida pela acção do calôr.

No VII seculo, havia vidraças compostas de laminas de vidro diversamente coloridas; eram especies de mosaicos transparentes. Mas seria n'essa época que começaram a pintar a côres, sobre vidro branco ou colorido, personagens e assumptos historicos e legendarios? A opinião mais provavel colloca a invenção da pintura sobre vidro no fim do X seculo. Comtudo só no seguinte é que esta arte nasceu na Allemanha e se desenvolveu e espalhou pela Europa occidental. Logo que se inventou a pintura sobre vidro no meiado do seculo XIV, o pintor de vidros servia-se de laminas, cada uma de sua côr uniforme.

Nos seculos XII e XIII, houve excepção a esta regra para o vidro vermelho, que, em geral era *duplicado*, isto é, composto de uma lamina delgada vermelha, applicada sobre uma lamina de vidro incolor.

As differenças de espessura que têem os vidros antigos, differenças que resultam da imperfeição dos processos de fabrico do vidro, contribuem singularmente para augmentar o brilho das vidraças da idade média. Em primeiro logar, os pintores vidraceiros empregavam com muita pericia estes vidros desiguaes ou ondulados, cortando-os de fórma que a parte mais delgada se achasse do lado da luz; o que fazia augmentar consideravelmente o effeito da vidraça. Por consequencia, mesmo para os fundos fechados, estas differenças de espessura dão á coloração um aspecto scintillante, que a certa distancia augmenta consideravelmente a intensidade dos tons.

As côres de que o pintor de vidros dispunha na idade média eram numerosas e variadas, porque a maior parte das operações chimicas empregadas para obter vidros de côr, eram empiricas e por consequencia, davam muitas vezes resultados imprevistos.

Esta gamma de côres extensissima póde comtudo ser reduzida a cinco tons principaes: azul, vermelho, amarello, verde e côr de purpura.

Para exprimir as carnações, isto as é, partes apparentes das carnes, taes como as cabeças, as mãos e os pés, usavam nos seculos XII e XIII, d'um vidro d'uma leve côr de violeta, e mais tarde d'um vidro esbranquiçado; os traços sobre estes vidros eram d'uma côr parda, applicada com um pincel e em seguida fixada com a cozedura.

Os pintores de vidros dos seculos XII e XIII occupavam-se principalmente, na composição do cartão, da harmonia das côres. Para o obter elles não hesitavam em sacrificar a verdade, dando aos objectos côres que a natureza lhes não deu; é assim que se encontram nas vidraças antigas, cavallos verdes e arvores com folhas de muitas côres differentes. Como o vermelho, e sobre tudo o azul se prestam admiravelmente com todos os outros tons, os fundos vermelhos e azues são sómente empregados nas vidraças de assumptos historicos ou legendarios.

Os vidros coloridos das vidraças, vistos a distancia, tomam, graças á translucidez e á luz que os atravessa, um brilho que faz parecer a sua superficie maior do que na realidade é: este effeito chama-se *rayonnement*.

As diversas côres translucidas têem *rayonnements* de valor muito differente: assim, para não fallar senão das tres côres fundamentaes do prisma, o azul é a mais brilhante, seguindo-se o vermelho e depois o amarello.

O *rayonnement* de certas côres translucidas, a distancia, é tal que não só faz parecer a sua superficie maior do que na realidade é, mas até modifica mesmo a qualidade d'estas côres e das que lhe ficam proximas.

E d'este modo que um azul limpido, collocado ao lado d'um vermelho augmenta o brilho dos bordos d'este e torna-os côr de violeta. Além d'isso, este brilho faz ás vezes desapparecer totalmente os filetes de chumbo, que engastam os vidros, e altera as linhas do desenho fixado sobre os vidros por meio do esmalte escuro.

Os principios artisticos que regem a pintura sobre vidro ou translucida differem notavelmente dos principios da pintura opaca. A luz atravessando côres translucidas actúa sobre estas côres, e sobre as combinações d'estas côres entre si, de maneira differente do que se fossem opacas; a luz passando atravez d'um desenho modifica os contornos d'este, facto que se não dá quando actúa sobre uma superficie opaca desenhada.

A pintura sobre vidro só póde ser uma pintura de convenção muito differente da pintura em quadro. N'esta procura-se illudir a vista do espectador servindo se de todos os recursos das sombras, do claro escuro e da perspectiva linear e aérea. Na pintura sobre vidro, pelo contrario, assim como na pintura monumental, o artista deve respeitar e deixar parecer plana a superficie sobre que pinta; deve contentar-se em traçar a silhueta dos personagens e dos objectos que entram na composição do seu assumpto, fazer pouco caso da perspectiva, mesmo linear, traçar as sombras d'uma maneira convencional, indicando as partes salientes por claros e as rugas por tons opacos, e desprezar os accessorios ou, quando muito, represental os hie-

roglyphicamente. Na pintura opaca o artista deve procurar grupar os personagens d'uma scena de modo que se destaquem uns dos outros afim de obter uma série de planos, em quanto que na pintura translucida, evita se, tanto quanto possivel, as agglomerações d'um grande numero de figuras, e esforçam-se por fazer apparecer o fundo em torno de cada uma d'ellas.

As vidraças pintadas do XII seculo são sempre formadas de pequenos medalhões circulares, quadrados ou apresentando outras fórmas simples e regulares. Estes medalhões, nos quaes apparecem composições adornadas, ficam dispostos symetricamente sobre fundos formados de mosaicos de vidro simples ou differentemente coloridos.

A côr *azul* domina geralmente nos fundos das vidraças pintadas no XII seculo; pouco empregam a côr encarnada; algumas vezes tem tambem o fundo azul, ficando mais harmonico, tendo-se espalhado, sobre essé fundo, pequenos florões encarnados, ou pequenos traços que se encruzam e cobrem o fundo azul de um tecido encarnado com divisões quadradas ou rhombos. Em roda da vidraça e de cada medalhão ha cercaduras differentes, quasi sempre bastante longas e compostas de florões, palmetas, folhagens e enlaçadas com perolas.

As composições representadas nos medalhões são tiradas da vida de Jesus Christo e de Nossa Senhora, ou da historia do antigo e novo Testamento; assim como da legenda dos Santos. A execução é d'uma grande simplicidade e com muita ingenuidade. O desenho accusa as tradições bysantinas: o emprego das figuras apparece, não obstante as roupas que o vestem, sendo as prégas da roupagem estreitas e parallelas.

As vidraças do XIII *seculo.* As vidraças pintadas no XIII seculo têem grande similhança com as do XII, porque a maneira da sua execução ficou quasi a mesma. Nas janellas inferiores da capella mór e das naves lateraes, as vidraças compunham-se, como precedentemente, de medalhões historiados de differentes fórmas, dispostos uns por cima dos outros sobre uma ou muitas fileiras. Nas janellas superiores da capella mór e da nave principal, principiaram a representar, desde o final do XII seculo, grandes figuras em pé, figurando veneraveis personagens do antigo e novo Testamento.

As côres de que mais uso se fez para os fundos das vidraças pintadas no XIII seculo foram o *azul*, o *encarnado* e o *verde;* empregava-se tambem, em certos casos, porém com moderação, o *amarello* e o *roxo*. Os fundos não são lisos, formam uma especie de alcatifas sobre os quaes vem assentar a composição dos assumptos. Esta tapeçaria se compõe não sómente de entrelaçadas, imbricadas e de *xadrez*, mas, muitas vezes tambem, de enlaçados, festões e folhagens, enrolamento, sobre os quaes os assumptos se destacam perfeitamente. Do mesmo modo que nas composições com as grandes figuras, as tiras de chumbo indicam os contornos principaes d'estas ornamentações.

No correr do XIII seculo, o estylo e o caracter do desenho mudaram completamente, porém por séries de transformações successivas. Desde a metade do XII seculo, os artistas de vidraças pintadas, da mesma fórma que os miniaturistas, os pintores, e os esculptores, tinham principiado a abandonar pouco a pouco as tradicções da arte Byzantina, e a manifestar uma direcção notavel para a imitação da natureza. Esta direcção augmenta e se affirma cada vez mais no XIII seculo. Os pintores das vidraças d'esta época não continuam a representar o nú das figuras em desdem da inclinação natural dos vestuarios, estudam a natureza e esforçam-se de a reproduzir tal qual se apresenta á sua vista: reconhece-se facilmente este novo methodo pela maneira por que são indicados os gestos das personagens, a physionomia das cabeças e as prégas dos vestuarios: os gestos perdem a sua expressão archaïca, as cabeças não são já desenhadas conforme os typos convencionaes, e os trajes são os da época, fielmente imitados. A composição dos assumptos é apresentada com animação; sendo evidente que os artistas do XIII seculo se preoccupavam de proposito em produzir no espectador um effeito subito.

As vidraças pintadas do XIII seculo offerecem muito interesse para o estudo do vestuario da idade média. Confórme o uso adoptado n'esta época em todas as representações artisticas, sejam pintadas ou em esculptura, o artista vidraceiro tomava os seus modelos que lhe eram familiares; não se preoccupando de nenhuma maneira da fidelidade historica, trajava as suas figuras á moda do seu tempo.

A arte da pintura das vidraças não se conservou por muito tempo no apogeu que havia alcançado no decurso de alguns annos. Desde o meiado do XIII seculo principiou a declinar pouco a pouco. Em consequencia da sua propensão notavel para os effeitos dramaticos, chega á affectação e ao exquisito, occupando-se mais dos detalhes, perdendo facilmente a nobre simplicidade que tanto caracterisava as suas obras no final do XII seculo e no principio do XIII seculo.

Ao findar o XII seculo, as pinturas das janellas superiores da nave principal e quasi todas da capella mór foram ornadas com figuras em pé, representando santos do antigo ou do novo Testamento, não excedendo, em tamanho, a estatura geral do homem. No XIII seculo, dava-se a estas figuras proporções mais collossaes, porque ficavam

collocadas a uma grande distancia do espectador. A disposição geral d'estas vidraças nas cathedraes e nas grandes egrejas do XIII seculo merece o exame reflectido da parte do archeologo. A pintura da vidraça superior do côro da capella mór, que attrahe sobretudo a vista e domina, de alguma maneira, o altar mór, era dedicada ao Salvador soffrendo pela redempção do genero humano; vê-se ahi quasi sempre Jesus Christo na Cruz entre a sua Divina Mãe e o discipulo querido, com os symbolos accessorios, que na idade média acompanham sempre a scena da crucifixação. Nas outras janellas superiores do côro estão em pé os Apostolos e os Santos venerados na basilica; as janellas altas da nave principal são pintadas com grandes imagens de outros Santos, taes como as dos patriarchas, reis e prophetas do antigo Testamento. As vidraças pintadas á roda da capella mór e das capellas da charola, formadas por medalhões, representam os principaes factos da vida de Jesus Christo e de Nossa Senhora, ou as legendas dos oragos da egreja; algumas vezes tambem, se representavam, sob fórmas symbolicas, os principaes dogmas da Fé. As vidraças pintadas das janellas lateraes da nave, e muitas vezes do transepte, eram dedicadas ás legendas de devoção da localidade, e aos Santos ou Santas de que a egreja possuia reliquias.

Nas vidraças pintadas do XII e XIII seculo, ás vezes reproduziam os retratos dos doadores, mas sempre de tamanho menor.

Passemos agora a fallar das vidraças com pinturas de *grisalha*. Dá-se este nome á composição do caixilho pintado de vidros brancos ou um pouco esverdinhados, sobre os quaes são traçados, por meio do *esmalte pardo*, desenhos e ornatos variados.

Nas *grisalhas* da primeira metade do XIII seculo, o desenho é desenvolvido com firmeza, vigorosamente modelado, e os vidros seguros por filetes de chumbo que indicam os traços mais fortes dos ornatos ou formam as principaes divisões do caixilho da vidraça pintada. Os vidros são quasi opacos e completamente sem nenhuma parte colorida. Estes vidros são geralmente grossos, esverdeados e muitas vezes apresentam bolhas na superficie.

A começar da ultima metade do XIII seculo, as *grisalhas* vieram a ser menos opacas, deixando penetrar uma claridade mais abundante no interior dos edificios; ás vezes não são estes vidros sem ter colorido, porque se lhe ajuntam vidros coloridos nos filetes que os dividem, ou nas pequenas rosetas espalhadas na superficie.

Vidraças pintadas do XIV seculo

As vidraças pintadas do XIV *seculo* apresentam aspecto differente das dos seculos precedentes, posto que, durante toda a metade do seculo, o artista d'esta especialidade se serviu ainda dos mesmos processos d'execução dos seus antecessores. Esta mudança total d'aspecto proveiu de muitas causas: pelas novas disposições da armação de ferro, assim como pelo tom claro e brilhante que se deu ás vidraças, finalmente pelas propensões exageradas para a imitação servil da natureza real.

Nas guarnições de ferro das vidraças do XII e do XIII seculos, desenhando os contornos tão variados dos medalhões legendarios, foram levados a seguir a fórma primitiva, consistindo em simples hastes verticaes divididas de distancia a distancia, por travessas horisontaes, formando angulo recto com essas hastes.

As côres mais empregadas nas vidraças do XIV seculo, eram o *azul*, o *encarnado* e o *amarello;* este ultimo tom, geralmente muito usado, produzia um brilhante effeito, que fazia desmerecer as grisalhas claras, frequentemente empregadas n'essa época. A côr *verde* e o *rôxo* vão sendo menos usadas.

O desenho continúa, durante o XIV seculo, a obter mais correcção; porém o pintor de vidraças, esquecendo cada vez mais a pintura transluzente que não é e não podia ser uma simples pintura de conservação, procura já produzir illusão para a vista do espectador; tenta copiar a natureza, e consegue algumas vezes reproduzil-a com certa fidelidade.

As vidraças *legendarias* desapparecem quasi completamente no XIV seculo, e nos raros exemplos que se encontram, os medalhões são quasi sempre supprimidos e as representações das differentes scenas religiosas sobre-postas uma ás outras, ficam sem molduras e sem separação. As grandes figuras isoladas preferidas n'esta época, apparecem, não sómente nas vidraças altas, mas tambem nas outras dos lados da nave e á roda da capella-mór. Representam mais vezes Santos, e poucas vezes pessoas ainda existencia.

As figuras estão sempre postas debaixo de doceis cheios de ornamentação tirada da architectura, taes como ridentes, pinaculos, clochetões, rosaceas arcos-butantes. Estes doceis parecem ficar sustentados por pés-direitos com feitio de contra-fortes ornados de arcadas e de nichos, nos quaes se collocam pequenas figuras d'anjos e de santos. As molduras e os doceis do remate das grandes figuras tomam ás vezes uma tão grande importancia que occupam tanto e mesmo maior espaço, que as figuras que elles adornam.

No principio do XIV seculo os fundos das vidraças sobre os quaes sobresaem as grandes figuras são ás vezes lizos, outra de côr *encarnada* ou

azul; vindo a ser depois quasi sempre de feitio *adamascado*, isto é, cheias de desenhos differentes, similhantes aos que se vêem na seda chamada *damasco*.

No XIV seculo, os brazões dos doadores apparecem muitas vezes nas vidraças pintadas. Vêem-se tambem nos bordados, nas rosaceas do tympano e nas almofadas inferiores das janellas, e inscripções que apparecem frequentemente.

Na meiado do XIV seculo, uma importante descoberta, do *amarello de prata*, fez obter aos pintores de vidraças um novo esmalte e proporcionou-lhes grande facilidade no trabalho da pintura. O *amarello de prata*, é um esmalte obtido por um composto d'ocre amarello com o sulphureto de prata. Depois de ter passado pelo lume os vidros cobertos d'este mixto, separa-se a demão secca d'ocre; ficando depois sobre os vidros um bellissimo tom amarello mais ou menos carregado e perfeitamente translucido.

Os fabricantes dos vidros tornando-se mais habeis, conseguiram tambem, durante o curso do XIV seculo, produzir chapas de vidro muito maiores que nos seculos precedentes.

A descoberta do amarello de prata e os progressos feitos no fabrico do vidro contribuiram poderosamente para modificar o aspecto das vidraças pintadas, porque fizeram diminuir o numero dos filetes de chumbo, e simplificaram, por conseguinte, a armação da vidraça.

As grisalhas do XIV seculo parecem-se muito com as do final do seculo precedente. Todavia as grisalhas sem colorido são substituidas pouco a pouco pelas que apresentam algum colorido. Além d'isso, depois do meiado do XIV seculo, apparecem as grisalhas brancas, com o realce do amarello de prata.

Vidraças pintadas do XV seculo

No XV seculo uma unica côr tem applicação, posto que de pouca importancia, para servir de incarnação, vindo-se ajuntar á palheta do artista aos dois esmaltes já conhecidos. Esta fraca tinta, que servia para modelar as cabeças e as partes nuas do corpo humano, era provavel fôsse um composto d'oxydo de ferro e terra de sombra calcinada. O pintor de vidraças não tinha ainda á sua disposição senão tres côres para pintar sobre o vidro: o *pardo*, o *amarello de prata* e a *côr* para a incarnação; porém achou novo expediente para a sua arte no emprego de *vidros duplicados*. Já explicámos como, desde o XII seculo, o vidro encarnado era muitas vezes composto de duas laminas, uma sem côr e outra encarnada, ficando sobre-postas durante a sua fabricação. Depois no final do XIV seculo, o processo que tinha servido antes para se obter vidros encarnados, foi applicado ás outras côres. Sobrepondo duas ou mais demãos de differentes côres, obtinham-se vidros de tintas muito variadas. Os vidros duplos lhe davam certos tons d'um vigor desconhecido até então: obtinham-se vidros roxos sobrepondo o vidro encarnado ao azul claro; sobrepondo o branco, o amarello e o azul.

O colorifico que é resultado de se terem unido dois vidros de côres differentes não póde ser confundido com o que se obtem pela applicação d'uma côr d'esmalte sobre o vidro fabricado, e posto depois á recocção do fogo.

Os pintores de vidraças do XV seculo, não empregavam sempre os recentes aperfeiçoamentos introduzidos na sua arte com bastante cuidado e intelligencia. É por isso que o emprego muito frequente e irracional da pintura em grizalha sobre vidro branco constitue um dos caracteres particulares das vidraças pintadas da ultima metade do XV seculo e do principio de XVI seculo. Muitas vezes as roupas superiores das grandes figuras em pé são brancas e o fôrro sómente de côr. Comprehende-se que este abuso das grizalhas, nas roupagens e na maior parte dos accessorios, dá necessariamente ás vidraças uma apparencia clara e scintillante. Muitas vezes os fundos azues e encarnados, adamascados superiormente, nos quaes sobresaem as figuras e os assumptos, offerecem ainda unicamente um tom real com bastante colorido.

(Continúa). POSSIDONIO DA SILVA.

NOTICIARIO

Haverá em Turim em 28 de setembro proximo a *Primeira Exposição Italiana de Architectura* sob a protecção do Ministerio de Instrucção Publica com o concurso das Associações artisticas e dos architectos os mais distinctos da Peninsula.

Ao estudo assiduo que os monumentos italianos teem incitado aos artistas e aos sabios de todos os paizes, deve a commissão organisadora o reunir em uma divisão especial e internacional, as publicações architecturaes, que sem duvida serão apreciadas pelos artistas.

As recompensas conferidas pela Sociedade Central dos Architectos do Paris no seu ultimo Congresso, e distribuidas pela mão do ministro de Instrucção Publica, foram: e construcção de architectura particular, tres grandes medalhas de prata; uma medalha de prata em jurisprudencia e outra em archeologia.

Aos alumnos da Escóla de Architectura a Athenas; duas grandes medalhas de prata.

Para a Escóla Nacional de Bellas Artes, de Paris tres grandes medalhas de prata.

Para a Escóla Nacional das artes de decoração, uma grande medalha de prata.

Para as escólas particulares de architectura, uma grande medalha de prata.

Para o estudo industrial d'artes, duas medalhas de prata.

Para a escóla municipal dos aprendizes, uma medalha de prata, e outra de bronze.

Para a associação dos alveneos e canteiros, uma medalha de prata e outra de bronze.

Para a sociedade civil de instrucção para edificação, uma medalha de prata e outra de bronze.

Para o ensino de desenho nas escólas primarias, uma grande medalha de bronze.

Para o pessoal das edificações, cinco medalhas de prata, uma grande medalha de bronze, dezenove de bronze.

E' por esta generosa protecção que os socios d'esta benemerita associação contribuem todos os annos para incitar o progresso da architectura e estabelecer a emulação entre os operarios para se aperfeiçoarem nos seus officios. Que bello exemplo dão os architectos francezes aos outros paizes menos illustrados para alcançarem o aperfeiçoamento das edificações civis! Nobre intuito e merecidos applausos.

Um importante descobrimento se fez em França de collares, anneis, braccletes de ouro e prata; 1080 bronzes grandes e 350 moedas de differentes imperadores, sendo o ultimo Gabliano, o que prova terem sido soterradas no anno 260.

O templo da Cruz em Palenque (Mexico) abateu e deu logar a descobrirem-se substracções nas quaes se achavam mumias e preciosidades

---

Uma sociedade em Londres que tem a seu cuidado impedir desastres nas ruas causados pelos trens, convidou os cocheiros dos omnibus para darem a sua opinião sobre a melhor maneira de calçar as ruas que facilitasse a tracção com menos risco de accidentes. Recebeu 1297 opiniões, sendo 750 em favor de serem as ruas calçadas com madeira; 219 dando a preferencia ao macadam, 197 ao granito e 51 ao asphalto.

Sobre o perigo dos desastres responderam 1168 cocheiros; sendo 1046 de opinião contra o asphalto, o macadam e o granito; 122 contra a madeira; portanto se elles teem importancia para decidirem sobre este caso, fica resolvido o melhor modo de calçar, mas não haverá outras considerações que mereçam a attenção dos vereadores?

Foi entregue a medalha de ouro ao insigne architecto Mr. Bailly, membro do Instituto, presidente da Sociedade Central dos Architectos de Paris, pelo presidente eleito Mr. Charles Garnier como testemunho dos sentimentos de estima e profunda veneração ao illustre, querido e respeitado por todos, ao presidente modelo que durante dois periodos de presidencia e em todas as funcções que exerceu nunca cessou de trabalhar para o engrandecimento da Associação. Teve logar este acto em sessão solemne á qual concorreram todos os socios afim de prestarem a devida homenagem ao seu tão distincto collega: é por este modo que nos paizes illustrados se reconhece a dedicação que benemeritos artistas têem consagrado ao engrandecimento da sua associação.

Um interessante achado de dinheiros de prata da republica romana e do imperador Augusto foi feito em Creuse (França) proximo de *Aubusson*. Um cabouqueiro as descobriu em uma anfractuosidade de rochedos, junto de um montão de carvão e materias calcinadas. Trinta e quatro pertenciam a familias consulares. Entre ellas encontraram-se algumas da familia Cornelia e da familia Wettia; cinco dinheiros da familia Antonia, legiões VI, VIII, X, XI e XIII. Dois dinheiros são de Julio Cesar, cinco do imperador Augusto. Finalmente, uma moeda de prata é de Juba I, rei da Numidia com *legenda punica*, uma raridade!

Nas escavações feitas em Orvietto e Perugia acharam se bronzes etruscos, e objectos de ouro para enfeites, em perfeito estado de conservação.

Foi encontrado abandonado na parte mais obscura da torre nova da cathedral de Burges a caixa de um muito curioso mostrador de relogio do seculo XV; compõe-se de tres mostradores concentricos, o maior está fixo, os outros dois são moveis. O primeiro marca as 24 horas; o mostrador medio indica as differentes phases da lua, o mais pequeno o nascer e pôr do sol em todas as estações e a sua passagem successiva nos doze signos do zodiaco. Uma flexa unica serve de indicador nos tres mostradores ao mesmo tempo. Esta flecha gira na circumferencia do mostrador médio em 29 dias e meio de cada lua, e de pequeno mostrador central no espaço de um anno.

E' sobre todos este ultimo mostrador que merece a attenção do observador e faz conhecer o grande merito do seu machinismo: sendo pois um exemplar raro e de grande apreço archeologico.

Em baixo e na frente d'este mostrador ha uma chapa de metal pintada de preto, independente dos mostradores; está fixa no movel, para figurar a Terra ou a Noite, detraz da qual o Sol desapparece gradualmente entre os dois solsticios. Este mostrador anda a contrapello do outro mostrador movel, isto é, conta 366 dias, emquanto que os dois outros marcam 365; marcando um o tempo sideral, os outros o tempo solar.

Além do seu movimento de rotação em volta do mostrador durante um anno, o sol (pequeno disco dourado) tinha um movimento de avançar e recuar no mesmo espaço de tempo. Durante 6 mezes, approxima-se do centro, chegando então ao solsticio do inverno; affasta-se durante os outros 6 mezes, solsticio do verão.

Os importantes descobrimentos realisados em Olympia de uma cabeça *archaica* de Zeus, e de Hérakles combatendo, baixo relevo de bronze, preciosos exemplares indicam-nos qual seria a importancia d'essa remota cidade e o grao que as bellas artes teriam attingido. Os seus grandiosos vestigios attestam qual teria sido a sua desenvolvida e superior civilisação; apenas se contemplam nas suas ruinas um templo de *Apollo*; outro de Minerva e fragmentos de doze columnas que se conservam no seu logar. O mosaico d'este templo *era em relevo!*

Vestigios do theatro, proximo a Form, o qual no inverno fica transformado em um lago por causa das chuvas! e muitos fragmentos diversos se encontram n'este *deserto*, onde a opulencia e o bello da architectura haviam proclamado n'essa remota época a sua prosperidade e grandeza: quanto é precaria no mundo a existencia dos povos, tudo acaba reduzido a pó!

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O MONUMENTO DE MAFRA

Excerptos

Não ha um padrão, por mais insignificante que seja, que não tenha uma rasão de ser; á sua fundação presidio um pensamento qualquer — significa alguma cousa.

A creação do monumento de Mafra, que foi um dos grandes acontecimentos no reinado de D. João V, teve por origem o desejo de successão. Eram decorridos tres annos depois do casamento do rei com D. Maria Anna d'Austria, e não havia fructo d'esse matrimonio.

«El-rei terá filhos se quizer — diz fr. Antonio de S. José [1] — prometta el-rei a Deus fazer um convento na villa de Mafra, e logo Deus lhe dará successão.»

Passou-se isto no principio do anno de 1711.

Não só o rei mas todos os cortezãos ficam sobresaltados. Fr. Antonio pediria a Deus que se effectuasse a vontade do soberano e, certamente, o desejo do povo; em recompensa, seria feita uma casa para frades da ordem de S. Francisco — realisa-se o facto — em dezembro do mesmo anno nasceu D. Maria Barbara. El-rei vae cumprir a promessa.

Uma edificação qualquer satisfatoria ao voto; mas o genio do rei, o espirito da epocha, e a opinião dos aulicos demandavam grandiosidade; todas estas circumstancias concorreram para que se emprehendesse e executasse uma obra memoravel. Haveria, talvez, opiniões em contrario; essas, porém, representavam a minoria.

Fiat — e tanto basta para que se não suscite a menor duvida. Ludovice, o grande architecto, amolda-se ao pensamento do rei, ao espirito do povo, aos costumes da epocha, e apresenta o plano da obra, que se não é engraçada, como se pretexta, é, todavia nobre, imponente, perfeita no seu conjuncto e na disposição e harmonia de todas as peças componentes. — E' admiravel.

Mas o campo onde devia assentar o famoso padrão era propriedade particular; necessario foi desalojar os donos dos diversos terrenos, para se obter a area precisa; a isso se procedeu desde logo — diz frei Claudio da Conceição: [1] «Determinando o Senhor Rei D. João a cumprir o voto, que tinha feito, ordenou a Antonio Rebello da Fonseca, seu escrivão das cosinhas e creado muito antigo, de quem fazia toda a confidencio, fosse examinar o terreno, e fizesse eleição do sitio que julgasse mais

[1] Fr. Antonio de S. José, conhecido por fr. Antonio da India, em consequencia de uma uma viagem que ali fez, era natural de Chelleiros, no concelho de Mafra.

[1] Gab. Hist. Tom. VIII, Cap. VII.

proporcionado para se fundar o convento. Pontualmente fez a diligencia, mas não se dando o gosto de El-Rei por satisfeito com as informações que lhe participou, achando-se nos seus Paços de Cintra, quiz pessoalmente fazer a mesma diligencia, e acompanhado de alguns creados foi uma tarde a Mafra examinar curiosamente o terreno; e julgando mais conveniente e proporcionado, para o edificio que intentára, um sitio chamado da Véla em um logar imminente á villa, em pouca distancia para a parte do nascente, e ter uma fonte de abundante e excellente agua; e fazer uma admiravel perspectiva no dilatado mar que se descobre, fez d'elle eleição, e em todo o sentido acertada.

«Depois de se assentar ser este o sitio mais proprio para a dita fundação, se procedeu ás avaliações das terras, que n'aquelles sitios tinham varios donos, o que se fez a 21 de janeiro de 1713, na presença do escrivão de Mafra, Francisco Correa Soares, estando presente o juiz da terra, Manoel da Silva, e os louvados o capitão José Batalha Leitão, e José Rodrigues da Silva; os quaes deram juramento dos Santos Evangelhos para avaliarem com toda a distincção o que a cada uma das partes se tomava, desencarregando em tudo a sua consciencia; isto a requerimento do Sindico dos religiosos, o Beneficiado José Soares de Faria, morador na villa de Mafra, dizendo: que Sua Magestade, sendo servido fundar em o termo da villa de Mafra um convento aos religiosos Arrabidos, no sitio da Véla mandava se procedesse ás avaliações, sendo primeiro notificados os seus donos ou caseiros, para se acharem presentes ás avaliações; e no mesmo dia, mez e anno *ut supra*, fôram avaliadas as terras na forma seguinte:

«A' parte do chão que se tomou no casal do Duque de Cadaval, que constava em muita parte de matto e alguma terra fabricada a que assistio o caseiro do dito casal, em companhia dos louvados, foi avaliado em setenta e cinco mil réis. A parte do chão que se tomou no casal de Francisco Botelho Telles da Silva, que todo era chão fabricado, a que assistio o seu caseiro do dito casal em presença dos louvados, foi avaliado em oitenta e cinco mil réis. A parte do chão que se tomou no casal que possuia Sebastião de Carvalho, da dita villa, o qual foi notificado, e declarou ter no dito casal o Conde de Villa Nova duas partes; e as religiosas do convento da Rosa uma parte, e no quinhão que se somou estava em matto, e foi avaliado em sete mil réis. Um cerrado que se tomou a Antonio Luiz Pereira Coutinho, morador no termo de Santarem, a que assistio Manoel Simões, seu caseiro, foi avaliado em vinte quatro mil réis. O cerrado que se tomou ao vigario da villa de Mafra, Francisco Gonçalves, todo cercado de parede em redondo, com um bocado de chão por fóra do cerrado, mistico com elle, a cuja avaliação assistio o dito vigario, avaliado tudo em cento e quarenta mil réis. Um pedaço de chão de João Francisco, do logar da Véla, que declarou aos ditos louvados ser seu, avaliado em quatorze mil réis Um cerrado de João Roque, murado todo de paredes, do logar da Véla, avaliado em treze mil e quinhentos réis. E no meio de todas as propriedades, que ficam nomeadas, declaradas e avaliadas, estava o chão que chamam a Feteira, que, por não se conhecer dono em especial, se não avaliou, cujo chão fica dentro na circumferencia do que se tomou para fundar o convento, e todo redondamente os ditos louvados demarcaram com marcos, que ficaram correspondendo uns aos outros, e divisando se o chão para fundar o dito convento com os confinantes com elle, cuja demarcação se fez a peditorio do sindico e religiosos que presentes estavam. Sommam todas estas avaliações trezentos cincoenta e oito mil e quinhentos.

«Porém, como pelo decurso do tempo resolveu El-Rei augmentar muito a fabrica do convento, e dilatar a sua cerca, se occupáram outras muitas terras que, no anno de 1734, mandou o dito Senhor se avaliassem e pagassem a seus donos, não só o justo valor, mas todo o detrimento que padeceram por causa de as não fabricarem alguns annos.

«Feita juridicamente a avaliação, importou o valor das terras, doze contos oito centos quarenta e dois mil réis; e os damnos causados um conto oito centos noventa e seis mil cento e cincoenta réis, que tudo faz o computo de quatorze contos sete centos trinta e oito mil cento e cincoenta réis, de que se fez assento na Vedoria Geral.»

Vê-se, portanto, que houve duas expropriações de terrenos — uma no principio da fabrica, outra mais tarde para se ampliar o traçado; d'onde se collige que o pensamento primitivo da edificação não abrangia o grande espaço que actualmente occupa.

Diz o chronista que o convento era destinado sómente para treze frades, em memoria dos treze dias consagrados a Santo Antonio a quem o templo era dedicado; que esse numero passou depois a oitenta, e finalmente a trezentos. A nosso vêr, o traçado alterou unicamente nas faces lateraes do edificio, cujas linhas — a partir dos torreões nos extremos da linha da frente — mediriam cada uma, 88 metros; e a area quadrada seria então de 20:000 metros, pouco mais ou menos.[1] A parallela da frente, que uniria os dois lados, teria cada um dos seus respectivos angulos ornados com um corpo correspondente aos torreões da fachada, e que fariam o remate da edificação; ali seriam as entradas

---

[1] A area occupada actualmente é de 40.000m^2.

do convento, que ficava completo; por quanto, no vasto corredor denominado das aulas que constituia o claustro, achavam-se estabelecidas todas as officinas e dependencias da casa — como eram cosinha, refeitorio, enfermaria, botica, sala d'actos, casa do capitulo e as cellas necessarias para o designado numero de religiosos.

Pena é que não existam copias das plantas geral ou parciaes, que seriam os melhores documentos para esclarecer este ponto.

Dos contractos e pagamentos das ultimas expropriações ha as escripturas em um livro especial de notas no cartorio do tabellião de Mafra, o sr. José Rodrigues Soares, as quaes extractaremos.

O socio

(Continúa). Gomes.

DESCRIPÇÃO DA ANTIGA E MONUMENTAL CIDADE DE ROMA

Começâmos por apresentar a topographia de Roma, tal qual foi descripta por Strabon quando visitou esta cidade na sua época mais florescente, logo no principio do governo imperial :

« Os gregos teem a reputação de serem habeis na arte de edificar. Todos sabem quanto o seu paiz é abundante em monumentos; porém os romanos applicaram-se nas obras de maior utilidade que haviam sido desprezadas pelos gregos, como no calçarem as ruas nas construcções dos aqueductos e nos encanamentos geraes. Os romanos traçaram soberbas estradas, abrindo, atravessando os valles e perfurando as montanhas, afim de facilitar a passagem dos carros que transportavam as mercadorias. Os canos foram construidos de abobadas com tão grandes dimensões que um carro carregado de fêno podia percorrel-os, e tal era a abundancia das aguas provenientes dos aqueductos que se poderia suppor outras tantas ruas atravessando as cidades. Poucas seriam as casas que não tivessem agua e fontes abundantes. Marcus Agrippa teve o maior desvelo ácerca d'estes melhoramentos. A cidade deveu-lhe egualmente outros aformoseamentos que contribuiram para a fazer ainda mais bella. Não se póde negar, que os antigos romanos eram tão cuidadosos nas obras de summa importancia, que pouco caso faziam do embellezamento dos accessorios. Os seus descendentes, e sobretudo aquelles que viveram nos ultimos tempos, não sómente não desprezaram as construcções de immediata utilidade, como ainda enriqueceram a sua cidade com grande numero de magnificos edificios, onde se notam os progressos do luxo e do bom gosto.

Julio Cesar, Pompêo, Augusto, seus filhos, sua mulher, sua irmã, seus amigos contribuiram com os fundos necessarios para esses trabalhos. O Campo de Marte é d'isto uma prova. Além da amenidade do sitio, a arte enriquecera-o com productos os mais preciosos. A extraordinaria extensão d'este terreno offerecia um espaço vastissimo para a multidão que vinha ali exercitar-se nas corridas, nos jogos dos carros, dos cavallos, da péla, do circo e da lucta. Os edificios que o rodeavam, a relva sempre verde que cobria o chão, as collinas que o coroavam do lado opposto do Tibre, offereciam um espectaculo que o estrangeiro difficilmente poderia esquecer Proximo d'este campo encontrava se outro limitado por numerosos porticos, bosques sagrados, tres theatros, um amphitheatro, dois templos magestosos, e todos estes edificios estavam de tal maneira juntos que parecia que uniram a cidade a outra.

Os romanos reputavam o Campo de Marte mais sagrada que todos os outros, e levantavam ahi tumulos aos cidadãos mais illustres. O mais celebre era aquelle que se chama Mausoléo; está construido sobre uma base de marmore, proximo ao Tibre. Arvores constantemente verdes lhe davam sombra até ao cume; coroava o a estatua de Cesar Augusto, fundida em bronze,. Não ficavam distantes as sepulturas de Cesar, dos seus parentes e amigos. Pela parte de traz havia um grande bosque sagrado, com espaçosas estradas dispostas para se passar. Vê-se no centro d'este campo, um espaço fechado, dentro do qual, foi queimado o cadaver de Cesar. Este recinto era construido de marmore branco e rodeado de gradamento de ferro; o interio restava plantado de cyprestes.

Quando qualquer viajante entrando no Forum antigo, considerava o aspecto dos monumentos, os porticos e os templos; quando examinava o Capitolio, os edificios que ahi se tinham levantado, aquelles que ornavam o Palatino e o portico de Livio, esqueceria facilmente tudo que tivesse visto e admirado de melhor nas outros paizes».

Tal era Roma pouco tempo depois da morte de Augusto, quando Strabon a visitou. Mais tarde foi ainda ornada com maior riqueza, e por esta circumstancia veiu a ser superior a todas as outras cidades do imperio, pela importancia dos seus monumentos.

D'esta descripção do escriptor antigo se conclue que a primitiva Roma occupava primeiramente o unico monte Palatino; estendendo-se depois sobre o Capitolino; d'ali sobre o Quirinal, o Cœlius, o Aventino, o Esquilino e o Viminal; portanto, Roma estava collocada em um sitio salubre, porém no centro de uma religião pestilencial, como diz Cicero na sua Republica.

A mais celebre collina era sem duvida o Capitolino — O Capitolio!

Este nome resume todas as glorias, todos os

triumphos do povo romano. Ali era o palacio da nação, a séde de um poder, era o conselho publico do Universo, servindo-me da expressão de Cicero: representemos pela imaginação, os senadores assentados nas suas cadeiras curues e discutindo sob a presidencia de dois consules, os interesses da Republica ou lembremo-nos de um d'esses dias gloriosos nos quaes se conduzia com grande pompa ao Capitolio os triumphadores, cobertos de ouro, de purpura, e com o rosto colorido. Que magestoso aspecto não devia produzir esse recinto rodeado dos mais magnificos monumentos da arte romana?!

Descreveremos pois este monte afamado pela sua importancia na historia dos povos, como pela belleza da architectura dos seus edificios.

O monte Capitolino tem a fórma de uma ellipse irregular: nas duas extremidades levantam-se dois cumes: o do norte tem o nome de Capitolio; o outro denomina-se o Arx, porque ahi se construiu a cidadella de Roma.

O Capitolio era ao mesmo tempo uma fortaleza e um sanctuario como a Acropolis de Athenas fôra considerada pelos Gregos. Romulus foi o primeiro que n'ella levantou um templo a Jupiter *ferreiro*, sobrenome que lhe foi dado por Romulus por causa de um combate, como se tivesse aquelle deus ferido o inimigo e dado a victoria aos Romanos. Tarquinio o Antigo, Servius, Tullius e Tarquinio o Soberbo continuaram os trabalhos principiados por Romulus. Alguns annos depois da expulsão dos reis, o Consul Horacio Pulvillus teve a gloria de os completar com toda a solidez e com uma magnificencia, a que as edades seguintes não poderam fazer mais do que ajuntar muito mais ornamentos e mais riquezas, conforme refere Tacito. Este grandioso templo ficou destruido durante as guerras civis de Marius e de Sylla, e foi reconstruido algum tempo depois. D'ali a pouco tempo foi devorado pelas chammas n'essa rixa grave que appareceu entre os partidarios de Vitellius e de Vespasiano, no Forum, e até sobre os flancos do monte Capitolino. No templo de Jupiter Ferreiro estavam depositados os archivos publicos e as recordações as mais veridicas da historia romana.

Todavia sob o reinado de Vespasiano, e de Domiciano seu filho, o Capitolio saiu das suas ruinas revestido de um novo explendor e ornado com uma magnificencia perfeitamente real. Os edificios foram construidos com o mesmo destino que haviam tido antes; mas tiveram então maior cuidado e attenção na sua symetria e magnificencia, dando-lhes o caracter grandioso que distinguia a arte ornamental d'esta época. A entrada que estava voltada para o norte conduzia debaixo de um arco triumphal, ao centro da collina, tambem para um bosque sagrado, chamado Asylo, consagrado por Romulus. Serviam esses asylos de refugio, nos tempos antigos, aos criminosos a ninguem era permittido tiral-os d'aquelle recinto. Este costume passou do paganismo ao christianismo, e esse nome hoje em dia designa estabelecimentos de caridade. Dois templos occupavam o cume oriental do monte capitolino. Á direita o de Jupiter, á esquerda o de Jupiter Custos, o vigilante, dominavam estes outros templos dedicados ás divindades inferiores, como eram a Fortuna, a Fidelidade, etc.

No centro, via-se uma pyramide, formada por uma reunião de edificios magestosos, indicando a habitação do imperio, de Jupiter Capitolino.

O tecto d'este templo era sustentado por um grande numero de bellas columnas, o interior estava ornado com todo o primor das artes, e os despojos do mundo inteiro haviam contribuido para enriquecel-o. Ao centro d'este monumento as imagens de Juno e de Minerva estavam collocadas á esquerda e á direita de Jupiter, o qual assentado sobre um throno de ouro, brandia n'uma das mãos o raio vingador, tendo na outra o sceptro do Universo. Quanto estes logares são ferteis de interessantes recordações! Ali os Consules estavam acompanhados pelo Senado reunido para serem investidos das suas insignias militares e para implorarem a protecção dos deuses antes de marcharem para os combates. Acolá se dirigiam os generaes vencedores para offerecerem a Jupiter, como hecatombe sagrada, os monarchas agrilhoados e tributarios de Roma. N'este recinto venerado, nas occasiões de calamidade e de perigo, os Senadores se reuniam para deliberarem sob a presença das divindades tutelares da patria! Era ahi que as leis se promulgavam como sendo uma emanação toda divina; conservando-as n'este templo como um sagrado deposito, confiado aos guardas dos proprios deuses.

Proximo do limiar d'estes edificios resplandecentes de ouro e de gloria, se erguia humilde e modesto um monumento muito querido dos Romanos, lembrando-lhes a simplicidade dos seus tempos primitivos; era este o primitivo palacio de Romulus, do qual Ovidio dizia: — « Se procuraes, diz Marte, qual era o Palacio de meu filho, reparae n'esta casa construida de juncos e feno; era deitado sobre a palha que experimentava as doçuras do somno; e todavia d'este leito modesto elle tomou logar nos ceus ».

Deve-se suppor que o templo de Romulus desappareceu na conflagração geral que já assignalámos, não foi o unico monumento que teve fatal destruição. Palacios, templos, monumentos, tudo foi devorado pelas chammas, e não ficou mais que uma rocha immovel, vastas ruinas e formidaveis muralhas que unicamente indicavam a primitiva cidade de Roma. Todavia os colossaes vestigios d'essa

Roma que atordoou o mundo com a fama do seu nome e que merecem ainda a nossa admiração, são dignos de serem examinados com reflexão; muito embora seja o inventario d'esta arte monumental incompleto, não perderemos o tempo, pois o merecimento d'esses magestosos fragmentos que haviam ornado a capital do povo rei, nos servirão de norma para avaliarmos o caracter monumental da architectura Romana.

(*Continúa*) POSSIDONIO DA SILVA.

CONGRESSO DOS ARCHITECTOS FRANCEZES EM PARIS EM 1889

N'este anno realisou-se a decima oitava sessão do congresso dos architectos francezes na escola das bellas artes em Paris; assim como teve logar festejar-se o 50.º anniversario d'esta benemerita associação artistica, que pelos relevantes serviços prestados á arte e á corporação a que pertence é digna de mil louvores e da consideração das outras associações congeneres dos paizes civilisados, além de que tem contribuido com generosas recompensas, afim de desenvolver o aperfeiçoamento dos mestres e operarios das classes correlativas para as construcções civis, tendo por esta nobre protecção alcançdo habilitar maior numero de constructores a desempenharem os seus mesteres com reconhecida pericia, o que não é sómente um grande serviço civilisador, como tambem torna mais conhecido o merecimento d'aquelles que se tem distinguido na pratica do seu officio.

É pois com agradavel satisfação que publicamos o optimo relatorio que o insigne collega mr. Paul Sédille, como presidente da commissão encarregada de classificar a distribuição dos premios que foram entregues pelo ministro da instrucção publica e de bellas artes tanto aos nossos confrades como aos mestres de obras e operarios, apresentou n'este congresso, relatando tambem o perseverante zelo com que, desde a fundação, a Sociedade Central dos architectos francezes se tem progressivamente engrandecido para maior renome da nossa corporação, assim como para gloria do seu illustrado paiz.

O relatorio é do teor seguinte:

RELATORIO DO JURY DE RECOMPENSAS A CONFERIR Á ARCHITECTURA PRIVADA Á JURISPRUDENCIA E Á ARCHITECTURA

Sr. ministro, senhoras e senhores:

A Sociedade Central dos architectos francezes celebra este anno o 50.º da sua fundação, que data de 9 de junho de 1840. N'essa epoca, os architectos, ainda separados uns dos outros, eram pouco reputados do publico. Com excepção de alguns artistas insignes e recommendaveis por obras importantes ou pela sua posição official, os architectos que exerciam modestamente a sua profissão eram facilmente confundidos com os empreiteiros.

É preciso recordar, sem duvida, que nas épocas precedentes os architectos faziam muitas vezes ao mesmo tempo trabalhos de empreiteiros, assim como os redactores do codigo civil, estes mesmos os haviam então inconscientemente confundido com estes ultimos, aquillo que nós ainda hoje soffremos! Porém, pouco a pouco, os architectos se tinham libertado d'essa situação dubia, ambigua, incompativel com as obrigações do seu mandato e o respeito da sua profissão. Elles experimentaram a necessidade de se fortificar mutuamente n'esta nova via de independencia e de dignidade profissionaes, onde pretendiam manter-se.

Foi sobre o estado d'estas louvaveis preoccupações, que os nossos antecessores fundaram a Sociedade Central dos architectos. Não se intentava, como se póde pensar algumas vezes, crear uma especie de academia mais ou menos facil accesso; por modo nenhum — tinham um intuito mais nobre: o de affirmar a liberdade e a dignidade de cada um pela liberdade e dignidade de todos, reunidos em uma simples corporação, velando, conforme os seus estatutos, pelos interesses geraes e dignidade da profissão. Podemos affirmar actualmente, depois de 50 annos de existencia, que a nossa Sociedade ficou fiel aos seus compromissos do começo. Com um liberalismo cada vez mais evidenciado e illustrado, sem reserva de escola, sem inquietação das pretensões artisticas, ella estende a mão, abre as suas portas a todos aquelles que, antes de tudo, exercem honradamente a nossa profissão.

É pois, com uma verdadeira satisfação e com um legitimo orgulho, que podemos lançar atraz a vista, e ver o caminho corrido pela nossa Sociedade. Depois do começo longo e difficil, nós a vimos robustecer cada vez mais, e fortes e altivos pelo concurso de todos, os quaes com justiça podem ser considerados os mais versados na pratica da sua arte, encetar certos trabalhos que são presentemente os mais estimados. Quero referir-me particularmente a esse *Manual das leis para edificação*, do qual a primeira edição data de 1863, e que depressa esgotada, foi renovada por uma segunda edição muito desenvolvida. Este *Manual* veiu a ser o melhor guia para todos os nossos confrades de Paris e da próvincia, nos dedalos das questões litigiosas que se prendem á construcção, e podemos mesmo dizer que constitue uma especie de jurisprudencia muito acatada, a qual somos ditosos entre

confrades, de esclarecer controversias as mais difficeis.

Depois vieram as cinco edições de uma serie de preços, que serve diariamente de base para as obras particulares.

A creação, em 1884, de uma caixa de protecção mutua dos architectos sob os auspicios da Sociedade Central, tem resolutamente affirmado a nossa solidariedade e a nossa vontade de não deixar sem auxilio os nossos confrades injustamente accusados e sem meio de se defenderem. Esta recente Sociedade, irmã da nossa, pretende tomar a si todas as causas justas, para as fazer valer em honra de todos e do respeito da nossa profissão; ella já tem vencido muitas causas, das quaes os julgamentos nos serão proficuos no futuro.

É ainda á Sociedade Central dos architectos que nós devemos a reunião d'estes congressos francezes ou internacionaes, que desde 1873 se reunem aqui em cada anno. Elles nos facilitaram o estudar grande numero de questões, as quaes interessam a nossa arte e a nossa profissão, e de obter dos poderes publicos a realisação de muitos de nossos desejos.

Não me deixarei influir, senhores, por excesso de orgulhosa affeição pela nossa estimada Sociedade, a vos relatar tudo que ella tem feito para o nosso bem commum; não quero mencionar mais desenvolvidamente as numerosas e distinctas recompensas, medalhas de ouro, medalhas de honra, e primeiros premios pelos quaes se soube reconhecer em França e no estrangeiro, desde 1876 até 1889, todos os esforços e todos os resultados adquiridos. Mas eu quero-vos recordar aquillo que deu a maior gloria á nossa Sociedade, o sem numero de recompensas fundadas por si, recompensas que são presentemente o objecto do relatorio que tenho a honra de vos apresentar em nome do jury, em sessão solemne d'este congresso.

É de 1874 que datam as primeiras recompensas conferidas pela Sociedade Central. Quiz então manifestar a sua superior estima por trabalhos tão interessantes e todavia quasi sempre insufficientemente apreciados pela architectura particular. Se os monumentos attraem a attenção da multidão, as obras mais modestas do architecto chamam sómente a attenção de alguns conhecedores instruidos e de gosto, os quaes sabem avaliar e descobrir merecimentos especiaes e os julgam na conformidade das condições muitas vezes desfavoraveis e vencidas. Todavia, os monumentos são raros, poucos architectos pretendem executal-os; além de que estes, para o maior numero, devem procurar a sua satisfação, ou poderia talvez dizer a sua consolação artistica, nas obras menos pomposas da architectura particular. Não obstante os seus reconhecidos meritos, deverão pois serem privados de qualquer animação, de qualquer signal de estima, de nenhuma recompensa, quando muito naturalmente o governo reserva as suas mercês para os architectos encarregados das construcções dos monumentos publicos ou exercendo importantes posições administrativas.

A Sociedade Central não pensa do mesmo modo. Reconhecendo os valiosos serviços prestados á arte e á profissão pelos architectos que dedicam mais particularmente os seus esforços ao melhoramento do conforto e do aprazivel da habitação moderna e para vulgarisar os novos processos de construcção, com tudo executando trabalhos artisticos de merito e de gosto, quiz galardoar esses architectos tão merecedores, conferindo-lhes pela mão de um jury especial, a mais subida recompensa de que podesse dispôr.

Esta louvavel iniciativa devia ser de um exemplo fecundo. Por um attractivo generoso, muitos dos nossos confrades, pela continuação de estudos importantes e repetidos, a jurisprudencia e a archeologia, estas duas sciencias complementares e indispensaveis da nossa profissão, tiveram logo seus laureados. Depois de ter por este modo recompensado os dignos esforços no presente, a Sociedade pensou em preparar o futuro, animando os estudos dos pensionistas das escolas de Athenas, de Roma, depois os alumnos da escola de bellas artes e os da escola nacional das artes decorativas, os da escola municipal de aprendizes, etc. Depois ainda vieram as medalhas conferidas aos industriaes de artes, ao pessoal da construcção, empreiteiros, contramestres, operarios, dos quaes (*) ouvireis mais particularmente d'aqui a pouco o nosso secretario mr. Roux. Visto que a Sociedade, não obstante recompensar os trabalhos dos architectos, quiz reconhecer que deviamos muito ao concurso tão dedicado dos empreiteiros, os quaes pela pratica technica e honrada do seu comportamento, facilitavam de uma maneira especial a realisação de nossos projectos, por que razão ainda não estenderiamos cordealmente a mão a esses simples operarios, nossos collaboradores quasi anonymos, mas constantes no trabalho, constantes nos esforços diarios e assiduos? Boa gente, pois são bons no labor, bons contra as intenções malevolas, bons contra o desalento, soffrimento e infeliz fortuna, sem outra consolação, as mais das vezes, que a satisfação do trabalho quotidiano fiel e honestamente cumprido.

E' pois, com orgulho, senhores, que podemos considerar, n'esta data do nosso 50.° anniversario, tudo que tem feito utilmente a Sociedade Central dos architectos francezes por bem da nossa arte e

---

* Veja-se o Boletim n.° 10, pag. 159.

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Fig. 6.ª

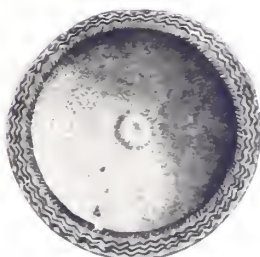
Fig. 3.ª

Fig. 5.ª

Fig. 4.ª

Ceramica Prehistorica da Gruta artificial de Palmella

9/94

Pag 167

da nossa profissão. Tambem devemos uma grata recordação aos fundadores da nossa Sociedade, da qual somos felizes em vêr ainda numerosos representantes entre nós. Saudamos respeitosamente esses decanos veneraveis, manifestando-lhes n'este dia os nossos sentimentos de filial gratidão.

PAUL SÉDILLE.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 93

Grutas prehistoricas de Palmella proximo de Lisboa

Em differentes regiões se teem feito descobrimentos de grutas artificiaes da epocha neolithica, as quaes se assemelham quasi na sua disposição ás que existem em Portugal, entre os rios Tejo e Sado, na aldêa do Anjo, na quinta da *Commenda* em Palmella. São quatro grutas sepulchraes de que damos a descripção, as quaes teem uma diversa configuração, assim como não apresentam gravuras no interior das paredes como se encontraram nas grutas artificiaes da Marne em França.

As de Palmella são subterraneas, espaçosas e cavadas na *molasse* (rocha rudimentar) plano com piso e abobada hemispherica; a entrada é estreita, do feitio da bocca d'um forno e dando entrada mais espaçosa para as outras.

As paredes conservam ainda os signaes dos instrumentos com que escavavam a rocha, pois sendo *molasse* bastante mole mostram bem visiveis esses detalhes muito interessantes.

A area d'esta gruta é uma circumferencia, porém á porta as paredes interiores são um pouco salientes e mais espessas, afim de apresentarem maior resistencia aos choques e roçaduras e evitar estrago; é sem duvida para notar esta curiosa particularidade.

A direcção d'esta primeira é para Leste-Oeste, duas outras entradas ficam na mesma direcção, mas a entrada para a quarta gruta está para Noraeste, sendo em Portugal muito frequente estarem ds entradas das grutas collocadas n'essa direcção, em quanto em França não teem orientação regular. Este jazigo, um pouco maior que o primeiro, tem uma comprida galeria a qual se estreita em muitos pontos.

N'estes sepulchros se encontrou uma magnifica serie de objectos prehistoricos: em primeiro logar vasos ornados de uma maneira excepcional de apreciavel interesse archeologico. Alguns são de pequenas dimensões de argila vermelha e parda, assás bem cosida, delgados e com desenhos grandes quando o barro estivesse ainda fresco. Posto que o torno não estivesse conhecido n'esta epocha do fabrico, tinham sem duvida certos processos para obter uma pasta delgada, bem lisa e para executarem a ornamentação sufficientemente regular.

A representação do ornato concavo seria obtida não sómente pelo emprego de moldes; todavia ha numerosos exemplos de impressão tão bem feitos, que se poderia suppôr que o operario tivesse empregado *rolete.*

Alguns d'estes vasos, pelo seu tamanho não serviriam para beber, Fig. 1 e 2, ainda que pelo feitio que tem, os fundos bicudos parecem servir para liquido, ficando o bico firmado na terra ou sobre camada de area afim de não derramar o liquido que conservasse para o uso das pessoas.

Esta particularidade assemelha-se sem duvida aos vasos com a fórma de tulipa que se acharam nas sepulturas da pedra polida na Bretanha, nos Pyreneus, na Sicilia e mais sitios da Europa.

Ha outra variedade nos vasos de Palmella com o feitio de taça, com ornamentação interna e externa, mas tambem sobre a borda, Fig. 3 e 4, que é muito larga e está virada para dentro da taça, como são tambem as taças irlandezas e principalmente no cromleck de Morbihan, França.

É para notar que vasos d'este genero não se encontram no interior dos paizes, mas sim espalhados nos limites maritimos e que talvez se possa suppôr que na sua origem houvesse relações entre tribus d'essas diversas localidades.

O esmero de enfeitar com feitio tão variado esta ceramica achada nas grutas artificiaes de Palmella não era sómente sobre as faces visiveis, mas tambem nos fundos externos dos vasos, como mostra a Fig. 5, o que denota um gosto mais apurado e civilisação mais adiantada dando apreço aos objectos de uso.

Entre essas fórmas já indicadas, acharam-se outros de typo n.º 5 bastante curioso, com o feitio de meia tijella, tendo a borda revirada para dentro com sufficiente largura para se ter podido abrir oito furos para levar corda e ficar suspenso; seriam para conservar comida ou fructas sem ser destruidas: Foi tambem este em objecto de uso na epocha neolithica na Irlanda. É curioso este modo de sus-

pensão, que faz lembrar os lustres dos nossos aposentos.

Encontrou se egualmente uma tijelinha, em calcario, tendo o fundo bastante pesado e uma cavidade de forma espherica, que se julga teria servido para moer cores ou venenos.

Uma feliz circumstancia deu logar a fazerem-se estes tão importantes descobrimentos.

Quando em 1880 foi escolhido Portugal para se reunir o congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica em Lisboa, foi encarregado o laborioso e muito intelligente archeologo o fallecido sr. Carlos Ribeiro de investigar nas cercanias da capital antiguidades prehistoricas, afim de se apresentar vestigios importantes d'essa epocha; pois muito pouco se possuia para occupar a attenção dos sabios estrangeiros que se haviam inscripto para tomar parte n'esse congresso; havendo o governo então destinado 20 contos de réis para se organisar os trabalhos do congresso e fazerem-se as excursões necessarias para se avaliar o que haveria no paiz digno de ser examinado pelos membros do congresso para o progresso dos conhecimentos prehistoricos no nosso paiz.

O abalisado archeologo portuguez foi infatigavel para conseguir importantes descobrimentos para esse fim; e entre muitas investigações a que procedeu, tambem fez escavações nas grutas artificiaes de Palmella, mas como o tempo material para se fazerem aturadas pesquizas não era sufficiente nas quatro grutas de Palmella investigou só tres, as maiores que ali achou, desprezando a mais pequena, e sobre o solo se amontuaram os entulhos das tres exploradas, nas quaes achou differentes instrumentos de pedra polida.

Os archeologos estrangeiros tinham grande empenho de conhecer o que da epocha prehistorica haveria no solo do nosso paiz, porque pouco se havia procurado antes para se avaliar o que o paiz poderia concorrer para o progresso d'esta sciencia. Entre os conspicuos archeologos havia Mr. Cartaillac, distinctissimo cultor d'esses estudos, bem conhecido pelas suas sabias publicações, porém não tendo colhido cabalmente conhecimentos das antiguidades prehistoricas nos poucos dias que durou o congresso, voltou a Portugal mezes depois subsidiado pelo governo francez para fazer todas as investigações que julgasse necessarias para completo exame d'essa remota epocha, sendo solicitado o governo portuguez para facilitar os estudos do distincto sabio.

Com o seu perseverante zelo percorreu todas as provincias Mr. Cartaillac, e colheu copiosos dados sobre que versavam as suas investigações.

Não podia prescindir de examinar as grutas artificiaes de Lisboa, foi a Palmella examinal-as, e com essa perspicaz intelligencia de investigador consumado, emprehendeu fazer escavações na quarta gruta que tinha ficado por explorar.

Fez Mr. Cartailhac desentulhar essa gruta e achou uma grande collecção ceramica prehistorica de subido valor archeologico, que veiu dar a Portugal mais um raro descobrimento da época neolithica. Este inesperado exemplar causou verdadeiro regosijo ao afortunado archeologo francez que dotou o seu paiz com a collecção de todos os vasos em perfeita conservação que achou, e Portugal colheu unicamente a fama de haverem existido no seu solo novos e importantes objectos de ceramica que indicavam o desenvolvimento industrioso dos habitantes da época da pedra polida na Lusitania. Desejei tornar mais conhecida a perfeição do trabalho de oleiro d'essa remota época descoberto no nosso paiz, havendo-me servido das informações dadas pelo archeologo francez que teve a ventura de enriquecer os nossos estudos scientificos com exemplares de tão superior merecimento.

A Associação manifestou a este sabio o apreço que deu aos seus trabalhos scientificos archeologicos que publicou ácerca de Portugal, conferindo-lhe uma medalha de prata de 1.ª classe.

J. DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º antecedente)

O maior numero d'estas vidraças tem emmoldurados de feitio architectural, consistindo em contrafortes cheios de pinaculos ou columnasinhas, com os fustes mais ou menos ornados. Estes emmoldurados parecem suster os doceis, cujos lados inclinados da empena, sempre de fórma ogival, são ornados de elegantes folhagens. Debaixo dos doceis estão figuras em pé separadas pelas molduras das hombreiras, seja por assumptos historicos ou legendarios, occupando toda a largura do vão. Nas vidraças com assumptos não apparecem os filetes de ferro na separação dos vidros. Quando se superpõem, como ás vezes acontece, muitas figuras e muitos assumptos em um só vão da janella, ficam separados uns dos outros por sócos ornatados com decoração architectonica da época, e apoiando se sobre os docéis que formam o remate do renque inferior.

Os grandes progressos que foram realisados, no XV seculo, na pintura opaca ou de cavallete, e o estado prospero em que ella se achava desde a primeira metade do XV seculo, exerceram a mais funesta influencia sobre a pintura translucida. Os

pintores de vidraças, que quasi sempre eram tambem, e mesmo principalmente, pintores de quadros, esqueciam diariamente, cada vez mais, que a pintura sobre o vidro é essencialmente uma pintura de convenção. Não se contentavam de introduzir nas vidraças pintadas um desenho mais correcto, procuravam ainda enganar a vista do espectador tão completamente quanto fosse possivel; por outras palavras, executavam sobre o vidro composições que só convinham para superficies opacas.

No meiado do XV seculo, apparecem nas vidraças pintadas, como nos quadros de tela, pequenas paisagens em perspectiva longiqua; estas paisagens representavam vistas pittorescas de castellos cheios de ameias, edificios de toda qualidade e apresentações dos trabalhos agricolas.

No XII e no XIII seculo, as vidraças das egrejas compunham-se de pinturas e esculpturas, eram um livro sempre patente, onde os ignorantes e bem assim os estudiosos podiam instruir-se nos principaes dogmas da Fé, na historia da religião e nos deveres do homem para com Deus e o proximo. Esta missão sublime da arte religiosa começou a ser esquecida durante o XIV seculo; em muitas vidraças d'esta época, as representações exemplares e instructivas são substituidas por brazões e retratos em pé dos doadores. No XV seculo, as propensões, cada vez mais profanas, se manifestam na escolha dos assumptos reproduzidos nas vidraças pintadas. Estas não serviam para instrucção do povo; muitas vezes os principaes dignitarios ecclesiasticos e os poderosos do mundo se faziam ahi representar sumptuosamente; quando muito, o santo orago apparece atraz no segundo plano da pintura, emquanto os brazões de armas se repetem, sob fórmas diversas, em todos os lados da vidraça.

Vidraças pintadas no XVI seculo

No XVI seculo, as vidraças pintadas apresentam um aspecto inteiramente novo. Todavia o primeiro terço do seculo se passou sem que os processos materiaes da pintura sobre o vidro se tivessem modificado e se a *renascença* não tivesse, desde este momento principiado a influir nas composições artisticas, seria difficil distinguir as vidraças dos primeiros annos do XVI seculo das do final do seculo precedente. Em 1510, uma nova côr teve applicação, o *encarnado de ferro*, que se juntou na paleta do pintor de vidraças aos tres esmaltes conhecidos então: o pardo, o amarello de prata, e a côr para encarnação. Alguns annos depois, em 1530, achou-se o segredo de applicar todas as côres, preparando as com um liquefactivo (que não era outra coisa que o pó vitreo), incorporando os pela cozedura nas placas de vidro. Este genero de pintura sobre vidro, que teve o nome de *pintura* ou *apprêt*, deu grandissimas facilidades para os pintores de vidraças, e fez mudar completamente os processos da arte. O artista preparava primeiramente a placa vitrea, pouco mais ou menos como a téla, para a pintura a oleo pela maneira de tintas geraes e sitios; sobre estes tons modelava depois as figuras e objectos; finalmente traçava as sombras e alcançava o effeito com os retoques de côres, emquanto fazia apparecer os pontos luminosos, desfazendo com promptidão a tinta opaca afim de deixar ao vidro toda a sua translucidez.

Cerca da mesma época descobria-se a propriedade que tem o diamante de cortar vidro, inventando-se o tira chumbo, que facilitou a producção dos filetes de chumbo para segurar os vidros, conseguindo-se tambem executar placas de vidro de grande dimensão. Todos estes progressos nos processos materiaes produziram uma revolução completa na arte da pintura das vidraças, e tiveram por principal resultado o abandono quasi total dos vidros tintos na massa.

O estylo das vidraças transforma-se inteiramente no XVI seculo sob a influencia artistica do renascimento. Nos edificios religiosos dos primeiros annos do XVI seculo, a volta inteira substituiu insensivelmente a ogiva. Depois d'esse momento tambem appareceram, sobre as vidraças pintadas, ornatos tirados do estylo classico, misturados com florões e outras decorações que recordavam ainda a época ogival. Pouco a pouco as idéas classicas fazem progressos e conseguem, depois de algum tempo, obter a preferencia. Não se vê mais então ovanos, volutas, folhas de acantho, festões de flôres e fructas. O arco de triumpho ou portico imitado da architectura pagã, forma de ora ávante o moldurado proprio das vidraças pintadas em que figuram as personagens e os assumptos. Até metade do XVI seculo, o artista se satisfaz em desenvolver, na parte inferior da vidraça o assumpto principal com o moldurado que o limita, e reserva a parte superior assim como o tympano para collocar os brazões e os symbolos. Poucos annos depois da metade do XVI seculo em 1560, o assumpto e o emmoldurado passam mesmo atravez dos enlaçamentos do tympano, se todavia os quizerem respeitar, e não fazel-os desapparecer.

Os assumptos religiosos e symbolicos são raros sobre as vidraças pintadas do XVI seculo; vêem-se as mais das vezes os retratos dos doadores nas vidraças, onde apparecem representados geralmente de joelhos sobre um genuflexorio, quer sós, quer rodeados das pessoas de suas familias. O orago do sanctuario os acompanha sempre, e os seus brazões repetem-se muitas vezes em differentes partes da pintura da vidraça.

No xvi seculo, produziu-se uma certa predilecção pelas pequenas almofadas pintadas com que se ornavam antes, algumas vezes no final do seculo precedente, as vidraças dos edificios publicos, castellos, claustros e mesmo as habitações particulares. Essas bonitas pequenas almofadas, quer em grizalha retocada com amarello de prata, quer de côres differentes, são feitas com bastante tenuidade e delicadeza extrema. Ás vezes occupam toda a abertura, ou pelo menos uma das divisões principaes da vidraça, outras vezes consistem em simples medalhões circulares ou ovaes, circumdados de vidro colorido ou branco. As pequenas vidraças pintadas, designadas *vidraças suissas*, porque tiveram primeiramente uso na republica Helvetica, pertencem á mesma cathegoria. Estas vidraças, cujo uso se conservou durante os seculos seguintes, reproduziram para a nobreza os brazões de familias differentes moldurados; para os edificios municipaes, as armarias da cidade ou da provincia com figuras de porta-estandartes vestidos com os trajos e as armaduras da época; para as abbadias, as armas do mosteiro ou a figura em pé do fundador. Os burguezes e as pessoas de profissão eram ahi representados com os symbolos do seu officio sobre um escudo. Muitas vezes tambem os fidalgos, burguezes e operarios eram representados todos nos seus trajos com sua familia. A transparencia e o brilho do colorido são geralmente mais vistosos nas vidraças suissas, que nas maiores vidraças pintadas.

Vidraças pintadas do XVII seculo

No xvii seculo, a pintura com preparo ou com côres pegadas, continuou a ter voga, devido aos aperfeiçoamentos introduzidos na composição e no assentar os esmaltes, o que fez abandonar completamente o emprego dos vidros duplos e dos vidros tintos na massa. Este genero de pintura, muito apropriada para as vidraças pintadas dos aposentos, não convinha de maneira nenhuma para decoração das grandes vidraças pintadas, porque o artista querendo apresentar grandes sombras e tons fugitivos, servindo-se de meias-tintas e de tintas de bistre, tornava a sua pintura tão carregada, embaciada e confusa que, por vezes, era difficil distinguir os objectos.

A representação de Arcos de Triumpho ou porticos constituia, como no seculo precedente, o moldurado forçoso de todas as composições, com esta differença, que esses arcos e esses porticos são agora vistos obliquamente ou de lado, isto é, em perspectiva, emquanto d'antes apresentavam a frente geometral.

Os filetes de chumbo, que anteriormente seguravam tão vantajosamente os principaes contornos do desenho, foram considerados como inuteis e mesmo causando embaraço na execução da pintura. Não serviram mais que para reunir vidros eguaes e quadrados, formando uma especie de canniçado, por detraz do qual os artistas pintavam sobre os vidros como se fossem uma tela, não fazendo nenhum caso das juntas metallicas.

Vidraças pintadas do XVIII seculo

No xviii seculo, os vidros tintos na massa foram pouco fabricados; o seu preço era avultado, e sua falta muito grande. Quasi todas as vidraças d'esta época são com vidros esmaltados. O esmalte branco, já conhecido no xvi e xvii seculo, veiu a ser então de uso geral e formou as principaes côres empregadas. A decadencia da pintura das vidraças foi completa, e a arte perdeu a tal ponto que havia em Paris um *unico pintor d'esta especialidade*, o qual não podia subsistir por este trabalho.

Finalisando a historia de pintura sobre o vidro, devemos notar uma tradição popular muito vulgar que considera, sem razão, a arte da pintura sobre o vidro, conforme era feita na edade média, como sendo um segredo que se perdeu desde muito tempo. Esta opinião não tem nenhum fundamento.

Pilares, columnas e columnasinhas

Na edade-média, as designações de *pilar* e de *columna* se confundem muitas vezes; todavia a palavra *columna* indica a idéa de um apoio com fuste cylindrico. Encontram-se nos edificios do periodo ogival quatro especies principaes de pilares ou columnas: o pilar *quadrado*, a columna *monocylindrica*, a columna *cruciforme* e a columna *enfeixada*. A columna monocylindrica dá em secção um *circulo*, e o pilar quadrado, um *quadrado* ou um *rectangulo;* a columna cruciforme compõe-se de um *pilar central*, tendo sobre *as faces quatro columnas* mais ou menos envolvidas; finalmente a columna *enfeixada*, como o nome indica, é o resultado da reunião em *mólho*, em roda de um massiço formando pilar, *muitas columnasinhas ou nervuras.*

Os pilares quadrados são raros durante o periodo ogival; apparecem no começo, e ás vezes as suas arestas são chanfradas.

Em quasi todos os monumentos belgas do xiii e xiv seculos, as columnas são monocylindricas. As columnas cruciformes, communs nas cathedraes francezas, servem na Belgica principalmente na intersecção da nave e do transepte nos grandes edificios.

Os edificios do xv seculo teem as columnas monocylindricas ou enfeixadas. As primeiras apresentam ás vezes capiteis; outras vezes são inteiramente privadas d'elles. N'este ultimo caso os arcos-duplos e as nervuras das abobadas nascem directamente do fuste da columna, no logar onde se colloca o capitel. Este genero de columnas se encontra muitas

vezes em todos os paizes da Europa central e occidental.

No XV seculo, as columnas enfeixadas não são já formadas, como precedentemente, de columnasinhas com capitel, porém compostas de nervuras *prismaticas em grupo*, á roda de um pilar central. Estas nervuras saem da base da columna erguendo-se quasi sempre sem ter por intermedio o capitel até ás abobadas do edificio, afim de formar os *arcos-duplos* e os arcos ogivaes; são sempre com a fórma angulosa e apresentam secções similhantes ao feitio de um seio. É por excepção que se encontram ainda em certas partes dos monumentos do XV seculo, columnas enfeixadas formadas pela reunião de columnasinhas cylindricas com capitel.

Os pilares e as columnas são construidas por *fiadas* na Belgica, na Allemanha e no Norte da França. No meio-dia da França e na Italia, as columnas cylindricas são quasi sempre monolithos.

Durante o periodo ogival, os fustes das *columnasinhas* não são, como muitas vezes no periodo *roman*, cobertas de diversas esculpturas. Todavia encontram-se, em alguns edificios dos primeiros annos da época ogival como na cathedral de Chartres em França, e em muitos monumentos italianos, columnasinhas *terciaes* em que o fuste é em espiral.

As columnasinhas tiveram principalmente applicação no XIII e no XIV seculos. As que compõem os grandes pilares teem geralmente o seu fuste envolvido n'um quarto de circumferencia, os ououtros tres quartos ficam apparentes; algumas, não obstante, estão inteiramente separadas da parede ou da columna que fórma o pilar que ellas ornam, como existe nas cathedraes de Amiens, França, e de Salisbury, na Inglaterra. No XIII seculo, essas columnas são muitas vezes, como as do seculo precedente, *anneladas*, ou compostas de engrossamentos em fórma de bracelete.

No XV seculo, estas columnasinhas são raras; ou então substituidas por nervuras prismaticas não sómente nas columnas enfeixadas, mas tambem em todas as outras partes dos edificios, taes como o molduramento das portas e das janellas. Estas nervuras teem base, mas sem capitel.

No principio do XVI seculo tornam a apparecer as columnasinhas com o fuste coberto de esculpturas, representando figuras geometricas, festões e arabescos. Os fustes das columnasinhas d'esta época são regularmente cylindricos: algumas vezes polygonaes ou apresentando a fórma de *balaustre*.

Bases das columnas

As bases das columnas do XIII seculo compõem-se de dois *tóros* separados por uma cavidade redonda (*scocia*) bastante profunda de maneira a formar uma calha na qual a agua da chuva se retem afim de não prejudicar o cimento da construcção. Algumas vezes o tóro inferior é achatado e sobresae bastante por cima do *plintho*; o tóro superior é quasi sempre cylindrico; por vezes todavia apresenta uma pequena depressão.

Durante a primeira metade do XIII seculo, as bases das columnas estão ainda muitas vezes ligadas aos angulos dos seus plinthos *por garras* As garras apparecem por vezes, porém excepcionalmente no final do periodo ogival.

Depois do meiado do XIII seculo, a *scocia* profunda, que indica um dos signaes caracteristicos das bases da ultima metade do XII seculo e do principio do XIII seculo, desapparece pouco a pouco, assim como o achatamento do tóro inferior. As bases passam depois successivamente pela fórma polygonal ou cylindrica; pertencendo a primeira d'este feitio ao XIII seculo, e a segunda ás bases do XVI seculo.

Quando o tóro inferior da base desdobra muito sobre o plintho da columna, põe-se algumas vezes um pequeno apoio por baixo do tóro. Esta particularidade, sem belleza, se encontra nos edificios francezes e da Belgica.

O sóco sobre o qual vem assentar a base da columna do XII e do XIV seculos, fórma, quasi sempre, um octogono regular; algumas vezes, comtudo, é quadrado (nos edificios dos primeiros annos do periodo ogival) ou cylindrico. Os *sócos cylindricos* encontram-se em muitos monumentos belgas do XIII e do XIV seculo: tambem são bastante communs na Inglaterra: em França servem na Normandia, na Bretanha e no Maine.

No XV seculo, a base e o plintho das columnas monocylindricas são extraordinariamente delgados. A base é formada sempre por uma simples moldura do feitio de tóro. Muitas vezes esta moldura, que nos seculos precedentes era traçada sobre um plano circular, toma a fórma polygonal do sóco.

Nas columnas enfeixadas do seculo XV, as pequenas bases parciaes das nervuras prismaticas ou cylindricas em grupo á roda do pilar central, formam, pela sua reunião e penetração, a base e o sóco da columna. Durante a primeira metade d'este seculo, as pequenas bases teem todas o mesmo perfil e ficam ao mesmo nivel. Mais tarde, os architectos costumaram perfilar as bases parciaes em niveis differentes, como para melhor fixar cada columnasinha e para evitar tantas compridas linhas horisontaes.

Capiteis.—Durante todo o tempo do periodo ogival, ornaram regularmente com bellas esculpturas os açafates dos capiteis. Houve comtudo excepções a esta regra, e por isso se encontram em alguns edificios religiosos de segunda e terceira ordem do

XII e do XIII seculos, limitados por uma simples moldura.

Os capiteis do seculo XIII distinguem-se com facilidade pela ornamentação vegetal de um caracter mui particular. O seu açafate compõe-se geralmente de um, de dois, e algumas vezes mesmo de tres renques de crochetes ou enroscamento de folhagens. Os crochetes de renque superior supportam quasi sempre os angulos do abaco, e substituem, de alguma maneira, o emprego dos modilhões. No final do XII seculo e no principio do XIII seculo, teem a sua extremidade enroscada e parecem rebentos de vegetaes. Em França desde o final do XII seculo, e na Belgica um pouco depois, as extremidades dos crochetes se desenrolam, e os rebentos se abrem em folhagens.

Algumas vezes os crochetes, em logar de acabarem por folhagens enroscadas ou abertas, trazem no seu cume cabeças de homens e de animaes verdadeiros ou phantasticos.

Os capiteis com crochetes enroscados, cujo emprego então estava abandonado em toda a parte no final do XIII seculo, continuou na Flandres maritima até ao fim do periodo ogival. Além d'isso, os crochetes teem n'esta região uma fórma especial; seus enroscados são muito mais chatos e mais largos.

A ornamentação dos capiteis do XIV seculo consiste em ramos de folhagens, de flôres e de fructos, de fórma muito variada, nas quaes se acham todos os caracteres da esculptura ornamental do XIV seculo. Os crochetes, appropriadamente assim designados, não apparecem mais que excepcionalmente com os capiteis d'esta época: todavia os ramos de folhagens e de flôres são geralmente collocados, nos angulos do abaco, de maneira a recordar pelo seu vulto os crochetes do XIII seculo, e servem para o mesmo fim. Muitas vezes estes ramos são dispostos sobre dois renques; esta maneira se nota sempre quando, como acontece repetidas vezes, o açafate é composto de duas peças sobrepostas, e mesmo algumas vezes, quando o capitel é formado de uma só pedra.

As figuras de animaes reaes ou phantasticos se encontram poucas vezes sobre os capiteis do XIII e XIV seculos.

Os capiteis do XV seculo teem, como os dos seculos precedentes, o seu açafate coberto de folhagens; porém essas folhagens apresentam geralmente mais ou menos desenvolvimento; são delgadas, angulosas, muito recortadas, muito profundas e exaggeradas. Com o XV seculo, appareceu sobre os capiteis o ornato vulgarmente designado *folha de repolho*.

Em muitos ornamentos do XV seculo, os architectos levados pela applicação muito rigorosa do preceito que qualquer ornato deve ter ao mesmo tempo um emprego necessario, supprimiram o capitel. N'estes casos, os arcos-butantes e as nervuras das abobadas sobem, sem intermediario, do fuste cylindrico, ou então nascem na base mesmo da columna, seguindo toda a largura do fuste até ao nascimento das abobadas, e tomam, n'esse logar, as differentes direcções convenientes para a construcção das abobadas.

As columnas cylindricas com capitel são usadas nos edificios belgas do XV seculo, mas são bastante raras em França.

Modilhões e misulas

É um apoio que faz saliencia sobre a face de uma parede ou de uma columna que se chama *modilhão* quando tiver dois lados lateraes parallelos e perpendiculares á parede; e *misula*, quando apresentar differente posição.

Depois do meiado do XIII seculo, os modilhões do feitio de curvas são raros.

As misulas apresentam por vezes uma tal ou qual similhança com os capiteis, e são tambem sempre rematadas por um abaco; differençam se comtudo, as mais das vezes, pelo seu genero de ornamentação. Na verdade, as esculpturas dos capiteis do periodo ogival reproduzem quasi sempre vegetaes: e sómente por excepção mostram figuras de homens ou de animaes. Sobre as misulas, pelo contrario, a ornamentação vegetal não apparece, por assim dizer, senão no XIII seculo, e mesmo é rara; durante os dois seculos seguintes desapparece, e então as misulas são constantemente formadas de personagens grotescas, acocoradas, de animaes reaes ou phantasticos, e algumas vezes tambem de cabeças humanas, ou figuras de anjo e de homem sustentando escudos, disticos e bandeirolas.

Muitas vezes as misulas, collocadas quer no interior, quer no exterior dos edificios, são pintadas com côres vivas.

Arcadas e arcaduras

As grandes arcadas ou archivoltas ligando os pilares das naves e sustentando o peso das paredes superiores, compõe se regularmente de dois ou tres renques de sobre arcos nos edificios do periodo ogival. Os perfis variam nos differentes seculos.

No XIII seculo, e mesmo ainda no XIV seculo, as arestas da archivolta são formadas por tôros inscriptos na face quadrada da peça do arco; no XIV seculo e durante uma grande parte do XV seculo, os tóros já não são completamente cylindricos, mas teem antes do termino a curva d'esta moldura, um filete destinado a deter a força do reflexo; no final do XV seculo e no principio do XVI, os tóros cylindricos tornam a apparecer.

As *arcaduras* são bastante vulgares nos monu-

mentos do periodo ogival; servem para ornar o liso das paredes internas e exteriores dos edificios. Na parte interna apparecem principalmente no *triforium* e por baixo dos peitoris das janellas das naves lateraes; na parte exterior, por baixo das cornijas e nos fronstespicios, nos vasamentos dos grandes portaes e nas galerias dos claustros.

As arcaduras que se vêem em baixo das janellas de quasi todos os grandes monumentos, compõem-se de uma serie de pequenas arcadas fingidas, collocadas entre os peitoris das janellas e o solo ou no sóco de cantaria que fórma, muitas vezes, uma especie de base ao longo das paredes das naves lateraes.

No XIII seculo, as curvas das arcaduras assentam sobre columnellos mais ou menos embebidos na parede. No XIV e no XV seculos, os *columnellos* ficam substituidos por simples nervuras, ás vezes cylindricas; porém as mais das vezes a secção polygonal não differe muito da de uma semi-hombreira de janella. Estas nervuras teem remate junto do solo, sobre as bases que lhes pertencem. No final do periodo ogival, supprimem-se, por vezes, as nervuras, e então as *arcaduras* assentam sobre modilhões.

No XIV e no XV seculos, as arcaduras sobre os peitorís das janellas ligam-se inteiramente com as hombreiras das janellas e parecem, de alguma maneira confundir-se com elles: parecendo que atravessam a cantaria do peitoril e descem até ao solo. As arcaduras não são mais do que a parte inferior da janella que está tapada, e na verdade, a parede necessitando de diminuir para dentro, ficando á face da vidraça, afim de deixar metade do peitoril apparente, conserva apenas uma pequena grossura, que equivale a uma simples divisão.

Nos edificios mais esmerados, os *seguintes*, isto é, os lados triangulares comprehendidos entre os extradoz das archivoltas e de duas *arcaduras*, proximas uma da outra, estão geralmente ornatados com esculpturas, pinturas ou rendilhados, mostrando a fórma trilobada ou quadrilobada, e com vidros pintados, emquanto as paredes que separam os entre-columnios, apresentam pinturas decorativas.

As esculpturas e as pinturas com as quaes se decoravam os *seguintes* das arcaduras, durante o periodo ogival, são ora legendarios ou satyricos, ora tirados do reino vegetal. Nos monumentos inglezes do XIII seculo, os *seguintes* estão muitas vezes com ornatos simillhantes a estofo cheio de relevo.

Dentro das grandes egrejas do XV seculo existem como decoração as arcaduras e outras figuras por cima e por baixo do *triforium*, sobre o dorso das grandes arcadas e ao correr das janellas mais superiores; ás vezes mesmo sobre o liso das paredes e em outras partes do edificio.

Triforium

Os *Triforiums* comprehendem toda a largura das naves lateraes, não se vêem senão por acaso nos edificios do periodo ogival. Desde o final do XII seculo, lhes substituiram, nas egrejas da Europa occidental, galerias estreitas, abertas na grossura da parede, por baixo dos peitoris das janellas superiores da nave principal. Estas galerias estreitas offereciam commodidade; em primeiro logar facilitavam a circulação dentro da egreja quasi á altura das janellas superiores, e davam logar a collocarem-se as armações e outros adornos com que havia o costume de decorar as egrejas nos dias de festa; e em segundo logar, diminuindo a grossura das paredes superiores, alliviavam a pressão exercida sobre os pilares principaes dos edificios; finalmente, offereciam uma das mais importantes disposições para a decoração da nave principal.

O triforium communica com o interior da egreja por series de arcaduras abertas, tendo o mesmo feitio que as arcaduras que havia sobre o liso das paredes, debaixo dos peitoris das janellas inferiores. Muitas vezes, principalmente no XV seculo, tapava-se a parte inferior da arcadura com um parapeito formando ornato de feitio de trêvo ou de quatro folhas.

Nota-se que nos triforiums, assim como nas arcaduras com ornato, as archivoltas ficam assentes sobre columnatas com capitel pertencente ao estylo do XIII seculo, e sobre *nervuras das hombreiras* dos seculos seguintes. A disposição das arcaduras do triforium apresenta ainda uma outra analogia muito parecida com as arcaduras de ornato, formando, regularmente, desde o final do XIII seculo, a continuoção das janellas das naves lateraes. Depois d'esta época tambem as arcaduras do triforium se assemelham ás janellas superiores da nave principal.

No termo do periodo ogival, supprimem-se muitas vezes as arcaduras, não conservando mais do que um simples guarda-peito; o ornamento denominado *chamma* apparece regularmente nos desenhos que formam as hombreiras d'esses guarda-peitos. As janellas superiores ficam, n'este caso, collocadas a prumo sobre a parede exterior do triforium.

Na Belgica, o triforium é geralmente tapado do lado exterior da nave por uma parede; é, por excepção, que esta parede tem abertura, e a um ou dois metros por cima do pavimento da galeria, pequenas aberturas circulares, *trilobadas* ou *quadrilobadas*, cobertas de grisalhas ou com ornatos elevados. Nos edificios francezes do XIII e XIV seculos, pelo contrario, a galeria do triforium não fica, as

mais das vezes, separada do exterior senão por uma simples lumieira, apresentando bellos vidros pintados, semelhantes aos que decoram as janellas.

Cornijas

As cornijas do estylo ogival têem geralmente pouca importancia. Nos edificios que pertencem ao periodo de transição, e mesmo, na Belgica, em algumas que são dos primeiros annos do periodo ogival, o *larmier* superior da cornija assenta ainda muitas vezes, de distancia em distancia, do mesmo modo que na época *roman*, sobre cachorros servindo de modilhões, com muita sacada, mas de grande simplicidade.

Em França, as cornijas dos monumentos mais principaes compõem-se, quasi sempre, de duas fiadas de cantaria. A fiada inferior está ornada de crochetes vegetaes no XIII seculo, de folhagens ondeadas no XIV, e de folhas de repôlho encrespadas no XV. Algumas vezes vê-se tambem, entre estas esculpturas, modilhões formados por cabeças humanas ou por carrancas.

As cornijas dos grandes edificios belgas apresentam as mesmas fórmas geraes que as cornijas francezas, porém não têem esculpturas, sendo substituidas por arcaduras simples, ogivaes, ou tribobadas. Estas arcaduras apparecem principalmente nos paizes onde, durante o periodo Roman, as arcaduras serviam de decoração, imitando-se o estylo Lombardo, e foram usadas para ornar certas partes dos edificios.

Desde o começo da ultima metade do XIII seculo até o final do XIV, os edificios de segunda ordem, e mesmo os de primeira ordem na Belgica, têem as cornijas compostas de simples perfis, formados por um pequeno numero de molduras pouco importantes.

Platibandas

As *platibandas* que corôam as cornijas no exterior dos edificios principiaram nos primeiros annos do XIII seculo. Antes, a agua da chuva caía dos telhados directamente sobre o solo; até o meiado do XIII seculo sómente os edificios mais importantes tiveram canos de chumbo para dar vasão á agua da chuva e se assentaram platibandas sobre a beira do telhado. Estas platibandas encanavam a agua por gargúlas, que a lançavam para longe da face das paredes, e impediam por esta maneira que as aguas da chuva podessem prejudicar a base da construcção, introduzindo-se-lhe a humidade. As platibandas, cujo destino principal era evitar o perigo que apresentava passar sobre as gargúlas, facilitam além d'isso os concertos do telhado, e resguardam das telhas da beira quando cáem; permittindo aos architectos darem melhores decorações ao exterior dos monumentos.

As mais antigas platibandas têem a fórma de arcaduras rendilhadas, compostas de columnatas, sobre as quaes vem assentar um remate vasado, na sua parte inferior, em arco ogival, *trilobado*. No final do XIII seculo substituiram-se as arcaduras pelas folhas de trêvo e de quatro folhas vasadas.

A altura e o feitio das platibandas variam conforme os materiaes empregados. No XIV seculo as platibandas, as mais das vezes, tinham folhas de trêvo e de quatro folhas, vasadas e divididas de distancia em distancia, na prumada dos contra-fortes, por pinaculos. No XV seculo, as prumadas são compostas, umas vezes pela reunião de rhombos, de triangulos equilateros curvilineos, ou por figuras geometricas angulares; outras vezes por desenhos flammejantes, parecidos com os que caracterisam os tympanos das janellas d'esta época. No final do XIV seculo apparecem, principalmente nos edificios civis, as platibandas com ameias, nas quaes se vêem os mesmos feitios que nas platibandas vulgares. O seu uso persistiu até ao final do periodo ogival.

As platibandas com arcaduras verticaes apparecem ainda aqui ou acolá nos edificios do XIV, XV e mesmo no XVI seculo.

Abobadas. As abobadas ogivaes distinguem-se ao mesmo tempo pela sua elegancia e leveza. Isto foi resultado da pouca grossura dos triangulos do enchimento que vedava a parte composta de arcos-duplos e de nervuras. Comtudo a leveza não excluia a solidez; pelo contrario, as abobadas ogivaes são mais solidas e mais resistentes que as dos periodos anteriores, posto que sejam muito menos massiças.

Estabilidade e plano das abobadas. Já explicámos que a estabilidade das abobadas não depende do mesmo principio dos edificios antigos e do periodo ogival; e fizemos notar, em poucas palavras, os progressos tão importantes realisados pelos architectos do XII e XIII seculos nas construcções das abobadas.

Fizemos tambem conhecer que as abobadas com o feitio das nervuras, como são construidas as abobadas ogivaes, causam um esforço lateral que tende a desviar para fóra dos seus pontos de apoio as columnas, contra-fortes ou paredes. Os constructores do periodo ogival evitavam esse esforço lateral, oppondo-lhe quer um esforço em sentido inverso, quer um obstaculo rigido que, impedindo de operar, resolveu-o empregando cargas verticaes. É caso particularmente para notar, porque constitue egualmente uma differença essencial do systema de construcção dos antigos, esses obstaculos apresentam as dimensões unicamente necessarias para preencher o fim ao qual são destinados.

Esta neutralisação dos esforços lateraes não se obtem da mesma maneira nos edificios religiosos, cuja nave principal é notavelmente mais alta do que as naves lateraes, e n'aquelles em que todas as naves teem egual altura.

Egrejas que teem a sua nave central muito mais elevada do que as outras lateraes. Foi o systema adoptado, desde o final do XII seculo, pelos constructores da Europa occidental, afim de conservar o equilibrio das differentes partes de que se compunham os seus monumentos; porque o arco-duplo da abobada principal á parede mestra, o arco butante, o contraforte e a columna que separavam a nave principal da nave lateral do seu arco-duplo, formavam um triplo esforço motivado pelo arco-duplo da abobada principal e os seus dois arcos ogivaes, que faziam pender para fóra a parede mestra do edificio. A este esforço, o constructor da edade média oppunha o arco butante, que vinha apoiar-se sobre a parede mestra, ficando collocado ao mesmo nivel. Por esta maneira o esforço triplo causado n'esse ponto era transferido sobre o contraforte, onde se quebrantavam por causa da sua rigidez; e devido a essa rigidez, o seu peso juntando-se ao da parede mestra do edificio, que comprime sobre a columna que sepára as duas naves; por ambas as forças reunidas, tornava-se esta bastante fixa para aguentar e neutralisar o triplo esforço exercido pelo arco-duplo da nave lateral e pelas nervuras proximas da mesma nave. O esforço do arco duplo d'esta nave e das duas nervuras ficam supprimidas pelo encontro do contraforte.

Egrejas em que as naves ficam na mesma altura. N'estas egrejas os esforços lateraes que a abobada da nave principal opéra sobre os seus pontos de apoio ficam diminuidos pela pressão das abobadas exteriores d'estas mesmas na naves lateraes, ficando supprimidos pelos contrafortes, geralmente bastante salientes, os quaes lhes oppõem um obstaculo rigido, que produz o equilibrio das abobadas.

Abobadas de feitio de tecido. As abobadas sobre plano *quadrado longo*, formadas por arcos ogivaes que se encontram uma só vez, foram geralmente abandonadas proximo do meiado do XV seculo. Apparecem então as abobadas em *tecido*, designadas tambem pelos archeologos, obobadas *com divisões prismaticas.* N'estas abobadas as nervuras bifurcam-se, ramificam-se e cruzam-se em todos os sentidos, de maneira a figurar um verdadeiro tecido, como está representado na surprehendente abobada do cruzeiro da egreja monumental dos Jeronymos em Belem. Todos os pontos de intersecção das nervuras estão regularmente ornados de esculpturas.

Perfis das nervuras nas abobadas ogivaes. As nervuras ou arcos ogivaes das abobadas construidas no final do periodo Roman consistem muitas vezes em um grosso tóro, algumas vezes tendo dois ou quatro tóros de menos vulto. Os arcos-duplos da mesma época, muito mais massiços que as nervuras, apresentam secções quadradas ou rectangulares, e teem os angulos das partes concavas da abobada talhadas em tóro. Desde o principio do XIII seculo. os arcos duplos tiveram, com raras excepções, os mesmos perfis que os arcos ogivaes.

Durante os primeiros annos do periodo ogival, vê-se ainda arcos-duplos e arcos ogivaes muito grossos, semelhantes aos dos edificios romans. Todavia não tardou a adelgaçarem, a diminuirem de grossura. Pouco depois, a parte redonda do tóro principal apresenta uma aresta viva. Esta fórma teve logar em França desde o final do XII seculo, e na Belgica sómente no meiado do seculo seguinte. Mais tarde, em França ao principio, e na Belgica proximo do meiado do XIII seculo, a aresta viva é substituida por um filete, que ficou adoptado até ao final do periodo ogival. Nos edificios francezes apparece tambem o filete sobre os tóros secundarios desde o meiado do XIV seculo. No final do XV e no coimeço do XVI seculo, as nervuras apresentam muitas vezes o perfil composto de molduras concavas e redondas.

Comparando-se os perfis mais antigos com os mais recentes, nota-se que os primeiros apresentam uma superefie mais larga e menos alta que a dos ultimos. Esta mudança na fórma dos perfis não se fez sem motivo: os constructores tinham aprendido por experiencia que a resistencia de um arco ou de uma nervura está em razão directa da altura da peça de voltas e não em razão da sua largura.

(Continúa). POSSIDONIO DA SILVA.

NOTICIARIO

O Museu metropolitano d'Arte de New-York encommendou ao esculptor parisiense, o sr. A. Jolly, uma reproducção a 5 centimetros por metro da Cathedral de N. S. de Paris. Este trabalho foi executado com muito esmero,

Nos paizes cultos procuram enriquecer os Museus artisticos não sómente com a reproducção dos seus monumentos como tambem dos outros mais notaveis dos paizes estrangeiros; Portugal, porém, não tem pressa de pensar em cousas de tão pequena importancia.

Foi inaugurado no mez de julho findo, um hospital francez, em Londres, devido á iniciativa de

generosos subscriptores, no numero dos quaes Mrs. Rufer, Nicols e Silvand concorreram com 25.000 frs. cada um, tendo egualmente Mr. Anchois legado um milhão ao Governo Francez, com a obrigação de pagar em cada anno o juro a este hospital. Os bustos d'estes benemeritos doadores foram collocados no edificio, situado na Avenida Shaftesburgo. O architecto, Mr. Thomaz Verity, recebeu o grão de Cavalleiro da Legião de Honra.

Um jury de tres engenheiros laureou o projecto de Mrs. Stwart, Mac Larew e Durns, para se construir uma torre de aço em Londres, que terá 360 metros de altura com quatro andares. Os inglezes querem mostrar que tambem sabem construir com cruzetas metalicas de todos os tamanhos gigantescas torres como em França se fez com a Torre Eiffel, mas para ficarem superiores aos seus rivaes.

O seu aspecto é muito mais franzino do que o da original Torre do Campo de Marte, na Exposição Universal de Paris, a qual sendo de configuração mais robusta não causa receio pela sua solidez, emquanto que a sua competidora, com feitio menos pesado, não satisfaz o espirito, causando receio que possa quebrar pela terça parte.

A sua execução é esmerada e talvez superior da da França; todavia pensando-se no movimento constante dos elevadores, nos quatro salões cheios de gente, posto que se tenha attendido a todas estas essenciaes circumstancias, repetimos, que á vista essa impressão de receio assalta o pensamento.

Com a atmosphera de Londres, muito pouco ou nada se disfructará de sua extremidade superior; só se avistará muito fumo das chaminés, que ainda mais occultará a vista da cidade e não havendo os varios attractivos da Exposição Universal de Paris, limitadissimo será o numero de estrangeiros que subirão para gosar o que não podem ver; porém lá está o patriotismo britannico para que toda a população da capital a visite, dando resultados mais vantajosos do que se obtiveram com a Torre Eiffel; portanto ficará provado, por esta fórma, que o seu *Belveder* é muito superior ao que existe em Paris, e é quanto basta para lisongear o orgulho nacional.

Em Ravenna (Italia) foi descoberto um sepulchro na antiga *Cesarea*, sendo notavel porque o esqueleto não está encerrado dentro de uma verdadeira amphora composta de duas metades como se tem encontrado; mas esta agora descoberta foi a metade inferior de proposito feita imitando o resto da amphora, tendo um encaixe ao meio d'ella para ficarem unidas as duas metades; aos pés do esqueleto havia uma pequena amphora para vinho. No mesmo sepulchro havia outras amphoras collocadas em pé, enterradas em areia, emquanto que esta de que damos noticia está em linha horisontal.

Suppõe-se ser da época do primeiro seculo do imperio. A conservação do corpo inteiro do defunto deve-se suppor ser do tempo em que se introduziu a religião asiatica na Italia.

Uma Estatua de Christovão Colombo, com altura de cem pés, será offerecida em 1892, á cidade de New-York, pela colonia italiana dos Estados-Unidos.

Nas escavações feitas proximo do cemiterio de S. Valentim (Roma) ao principio da via Flaminia fez se o descobrimento da basilica construida em memoria d'aquelle martyr, no fim do seculo IV, e do Papa Julio I, achando-se inscripções christãs pertencentes ao cemiterio que se formou nos seculos IV e V, em volta d'aquella basilica.

Foi apresentado á Sociedade de archeologia chistã de Roma, um singular annel de ouro ornado com muitas figuras em esmalte. No escudo d'este annel ha duas figuras e no meio uma outra que parece estar coroada. Em roda vê se a palavra do psalmo CV, que allude á coroação nupcial usada no rito da egreja grega. A figura central representa o Redemptor que corôa dois esposos; e as palavras podem referir se a uma Eudoxia. No aro d'este annel são representados factos da historia de Jesus Christo.

Este precioso annel foi achado em Syracusa entre ricos moveis que se suppõe pertencerem ao thesouro do imperador Constancio II, o qual transferiu a séde do imperio para Syracusa e ahi foi assassinado no anno 668.

A arte e a paleographia designam aquella data ao singularissimo annel, sendo provavel que servisse no casamento de Eudoxia, avó de Constancio II.

Na continuação das escavações na casa de S. Joaquim e Paulo, em Roma, ns monte Celio, fez-se uma descoberta de uma pintura que pelo seu estylo é do X seculo, representando o Redemptor entre dois anjos e dois santos, um dos quaes conserva o nome de PAVLUS, vestido no costume da corte bysantina. Lê-se na epigraphe do livro que o Redemptor tem na mão: *Lux ego sum mundi qui cuncta creavi.*

Foi achado tambem um fragmento de amphora, na qual está pintado a letras encarnadas a cifra numeral relativa á quantidade e qualidade dos vinhos, e pela mesma mão foi escripto, egualmente em encarnado o monogramma do nome do Christo entre duas letras symbolicas *alpha* e *omega*. Comparando-se a outra amphora tambem com cifras gregas e desenho christão de uso especial da Syria, conhece-se que aquella amphora devia ser proveniente da Asia. O monogramma assim como toda a epigraphia indica ter sido pintado na localidade d'onde veio e não em Roma. Talvez que os nobres habitantes d'aquella casa christã possuissem propriedades no oriente, e se houvessem provido do excellente vinho do Chypre.

N'outro fragmento de amphora tendo a era do seculo sobre gesso no logar em que o gargallo está rolhado, lê-se SEX AVIDI DAYCAEI, em torno e no meio de duas linhas rectas EX VTRE. De cognome *Dancaeus*, talvez não se conheça outro exemplo que um *Dancaeus* na Lusitania. Extraordinaria foi a importação do vinho de Hespanha para Roma. De Hespanha certamente veiu a amphora rolhada com o referido nome em cujo gargallo se conservava na adega da antiga casa, agora felizmente descoberta.

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

2.ª SÉRIE ANNO DE 1890 TOMO VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O MONUMENTO DE MAFRA

Excerptos

(Concluido do numero antecedente)

Contém aquelle livro trinta e duas escripturas lavradas pelo tabellião de Mafra, Martinho Roussado, outorgando em todas, como comprador, pela parte da fazenda real, o doutor desembargador Eusebio Tavares de Sequeira.

A primeira escriptura foi celebrada em 17 de outubro de 1747; trata da compra de uma arrotêa, na Portella da villa, a José de Souza Mendes por 5$500 réis — Na 2.ª, da mesma data, outorga a irmandade das bemditas almas da freguezia do Gradil a venda de uma terra na Feteira, por 25$000 réis — Na 3.ª, é outorgante vendedor José Soares da Costa, de Lisboa, de um tojal no Carido, por 16$000 réis — A 4.ª tem a data de 19 do mesmo mez; n'ella outorga a irmandade de N. Senhora do Carmo, da Murgeira, a venda de um cerrado na Fonte dos sapos, por 90$000 réis — Na 5.ª, datada de 20, Matheus João vende uma casa terrea, na Murgeira, por 300$000 réis — Na 6.ª, Domingos Franco vende um cerrado e um moinho de vento, na Murgeira, por 162$000 réis — A 7.ª é datada de 23; n'ella outorga Izabel Maria a venda do casal da Chinquinha, que se compunha de casas, terras e mattos, por 700$000 réis — Na 8.ª, Silvestre da Silva, vende um matto, denominado o «Chamiço», por 30$000 réis — A 9.ª, datada de 26, trata da venda de uma casa terrea, na Murgeira, pertencente a Paschoal da Silva, por réis 65$000 — A 10.ª, trata da venda que faz Antonio da Silva, de Lisboa, de dois cerrados, casas e pateo, na Murgeira por 157$000 réis — Na 11.ª, datada de 9 de janeiro de 1748, outorga Antonio da Silveira a venda de uma vinha por 182$150 réis — Na 12.ª, Manuel Correia vende uma terra, matto e tojal, á casa d'Agua, na Vela de baixo, por 93$000 réis. — Na 13.ª, Francisco Jorge vende um cerrado e casas terreas, nos limites da Murgeira, por 80$000 réis — Na 14.ª, Estevam Domingues outorga a venda de uma terra á Casa d'Agua, pela quantia de 10$000 réis — A 15.ª, datada de 11 do referido mez, trata da venda feita por Domingos da Silva, de um cerrado e terra juntos á real obra, pela quantia de 246$000 réis — A 16.ª, datada de 12, trata da venda de diversas terras, situadas na Vela de baixo, pertencentes a Antonio Francisco, pela quantia de 754$000 réis — Na 17.ª, Manuel Duarte outorga a venda de um cerrado e casas na Murgeira, por 235$000 réis — Na 18.ª, o dr. Francisco Monteiro da Silva outorga a venda de uma terra, no Valle do Rigo, por 38$000 réis — A 19.ª consta da venda de uma casa

de lagar e bemfeitorias, pertencente a Manoel Gomes, da Vela, por 105$000 réis — Na 20.ª, Eulalia João e filhos outorgam na venda de terra e matto, na Murteira, por 115$000 réis — A 21.ª, com data de 15 do referido janeiro, trata da venda feita por Antonio de Oliveira, de casas e terra na Tojeira, por 99$200 réis — Na 22.ª, Thomazia Gomes, viuva, e outros, outorgam na venda do casal da Vela de baixo, composto de casas, arribanas, terras e mattos, pela quantia de 396$000 réis — A 23.ª, datada de 16, trata da venda de uma terra no Codeçal, pertencente a Domingos Francisco, pela quantia de 76$800 réis — Na 24.ª, Pedro Paulo da Silveira outorga a venda de uma vinha, terra e cerrado, no sitio da real obra, por 193$200 réis — Na 25.ª, D. Maria Clara de Noronha vende um tojal no sitio do Pombal, por 101$000 réis — Na 26.ª, datada de 23, D. Rosa Maria de Jesus e irmãs, de Lisboa, outorgam na venda de um cerrado, tres vinhas e um vimal no sitio da Vela e Quinta nova, por 323$600 réis — A 27.ª, com data de 24, trata da venda que faz o padre Francisco Gonçalves de um casal no sitio da Vela, composto de casas, terras e mattos, pela quantia de 853$400 réis — Na 28.ª, com data de 25, Antonio Gomes outorga a venda de duas terras no Almargem, limites do logar da Murgeira, por 112$000 réis — Na 29.ª, o visconde de Villa Nova da Cerveira [1] outorga, por seu procurador o padre José de Mattos, na venda de umas casas e diversas propriedades rusticas, no casal do Carido, por 274$150 réis — Na 30.ª, Antonio Leitão, na qualidade de procurador da egreja de Santa Maria do Castello de Torres Vedras, outorga na venda de diversas propriedades rusticas, situadas na Vela, por 508$000 réis — Na 31.ª, datada de 1 de fevereiro de 1748, Antonio Tavora Henrique de Foyos outorga a venda do Casal do Murgeiro de cima, do casalinho e da matta da Joaneira, por 6.600$000 réis — Na 32.ª, Adrião Pereira, na qualidade de procurador da egreja de Ponte do Rol, outorga na venda e subrogação de quatro terras nos limites do logar da Murgeira, no valor de 166$000 réis.

Seria impertinente e fastidioso dar traslados completos das escripturas, e mesmo de muita difficuldade, porque a letra é má, e a tinta está tão desbotada, que em partes não se pode perceber; todavia, daremos na integra o cabeçalho de um titulo, o quanto basta para se conhecer da redacção de todos, e bem como o decreto que concede poderes ao doutor Eusebio Tavares de Sequeira.

« Em nome de Deus — Amen — Saibão quantos este publico instrumento de Carta de venda, quitação e obrigação, ou como em direito melhor logar haja, e mais firme seja, virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos quarenta e sete, aos .... do mez de .... do dito anno, n'esta villa de Mafra, em pousadas do Doutor Desembargador Eusebio Tavares de Sequeira, Corregedor do Bairro da Mouraria na cidade de Lisboa, onde eu tabellião ao diante nomeado vim, sendo ahi presentes partes a saber, de uma o dito Dr. Desembargador, em nome do Muito Alto e sempre Poderoso Principe El-Rei Dom João Quinto, Nosso Senhor, em virtude do poder que para isso lhe era conferido pelo dito Senhor, em seu Real Decreto, assignado por sua Real Mão, que adiante será trasladado; e d'outra parte estavão... — etc. »

Segue-se o contracto e respectivas declarações; entre esta, dizem os outorgantes vendedores que estavam recebendo reditos dos valores das propriedades expropriadas.

Copia do decreto:

« Por quanto, com a obra do convento de Nossa Senhora e Santo Antonio junto a Mafra, cerca do mesmo e tapada, que na visinhança d'elle mandei fazer, se tem occupado muitas terras, as quaes e os directos senhorios e foros d'ellas se achão avaluadas de Ordem Minha, para se comprarem por seu justo preço, e me serem presentes justas causas que ha para não precederem, antes de ajustadas as compras, as solemnidades que de direito se requerem para alheação d'aquellas que consta serem d'egrejas, morgados ou capellas, Hey por bem e Mando se fação as escripturas das referidas compras pelas avaliações que se achão feitas, pondo-se o preço das que não forem livres em deposito publico a que pertencer, e sendo a compra dos prasos tres laudemios, para tudo se empregar em bens livres, que fiquem subrogadas em logar das mesmas propriedades com a natureza e encargos d'ellas, ficando as que se comprão em tudo livres, sem embargo de quaesquer leis ou clausulas das instituições em contrario, que por esta vez sómente Hei para o dito effeito por revogadas; e o preço das propriedades livres se porá em deposito particular para que, corridos editos na forma do estylo, se julgarem livres, e entregar o preço aos vendedores; e por que algumas das ditas terras occupadas pertencem ao fisco Real d'esta cidade, Hey por bem approvar a applicação que d'ellas se fez com a dita occupação, como tambem sou servido approvar [illegible] pagamentos em materiaes e pedaços de terra que ficárão fora da demarcação da tapada, e para fazer os sobreditos contractos, outorgar e assignar escri-

[1] Assignava-se «Bisconde». Diz-se que D. João V censurára aquelle fidalgo por elle se assignar por aquella fórma, e que elle se desculpára, dizendo que era: — *bitium patriæ*.

pturas das sobreditas compras, concêdo ao Desembargador Eusebio Tavares de Sequeira todos os poderes necessarios, e por estar certificado que d'estas compras feitas para Meu Real Serviço se não deve ciza, e quando se devesse não pertencia aos contractadores rendeiros d'ellas, mas só ao Meu Thesouro e Camara Real, na forma do capitulo duzentos e vinte cinco do Regimento de Fazenda, Hey por bem que estas compras não se manifestem aos Juizes e Officiaes das cizas, nem se encorporem nas escripturas certidões d'ellas, sem embargo da Ordenação, livro primeiro, titulo setenta e oito, paragrapho quatorze, que o requer, a qual Hey, outro sim esta vez por derogada; e para que a todo o tempo conste das fazendas que se tomão para esta obra, Hey por bem que o dito Desembargador Eusebio Tavares de Sequeira as reduza a tombo, com a clausula necessaria — Lisboa cinco de julho de mil setecentos quarenta e sete — Rey».

Ora, que todas essas propriedades constituem a cerca e a tapada, e só para isso foram destinadas, é incontestavel; as primeiras expropriações, como dissemos, tinham sido unicamente para o convento, conforme o primitivo intuito, o que ainda se confirma por fr. Claudio — Diz este: [1]

«Dêo-se principio á obra com todo o calor, desvelando-se os operarios d'ella á competencia em satisfazer as suas obrigações para dar gosto ao seu Soberano.

«Quiz Antonio Rebêlo da Fonseca mostrar que não faltava á confiança que o dito Senhor fazia do seu zelo e cuidado, e assim mandou logo murar uma grande distancia de terra para cêrca do convento, e n'ella plantar em bem repartidos canteiros, com dilatadas ruas, todo o genero de arvores silvestres, que fez conduzir de varias partes do Reino, adornando as principaes ruas, umas de azareiros, outras de Buxos com alecrim entresachados, outras de roseiras, e plantar vides para parreiras, em toda a sua circumferencia. Mandou tambem fazer um dilatado pomar das fructas mais singulares deputando quantidade de homens para tratarem do seu cultivo. Já estas novas plantas começávão com os seus fructos a desempenhar o trabalho dos agricultores, quando se variou na maior parte o sitio deputado para o convento, tendo já aberto alguns alicerces que não servirão, dilatando o mais para a parte onde estavão os pomares, e então se frustrou em muita parte este trabalho, e ainda o da cerca se arrazou, por ser necessario dar por ella [illegible]entia para a continuação das obras.

«Esta mudança de sitio e extensão de planta, para se augmentar o numero das cellas de oitenta para trezentos frades, foi tão intempestiva que augmentou trabalhos e dispendios sem explicação, pois como não cabião no sitio que se tinha destinado, e a egreja estava quasi concluida, foi necessario demolir e arrasar um monte para a parte do sul, fundado em uma rocha de tão má qualidade de pedra que tendo, em quanto, mettida no centro da terra, muita resistencia ao ferro, a tinha tambem ao fogo, a cuja violencia a desfazião, que luzia muito pouco o trabalho, dando-se um dia por outro mil tiros, em que se gastavão trinta arrobas de polvora, notando-se outra malignidade, que posta fóra da terra em breve tempo se desfazia em saibro, de sorte que não tinha utilidade para a obra. «Continúa ainda fr. Claudio [1] «Tinhão-se principiado a abrir os alicerces do convento em setembro do anno de 1728, e se hião levantando as paredes com tanta lentidão, que n'ellas se vião trabalhar poucos mais operarios do que os que até este tempo se occupávão na egreja.

«Com esta nova resolução de El-Rei se começarão despedir ordens em junho de 1729 a todos os Ministros das provincias do reino para que fizessem vir para Mafra todos os operarios que se podessem haver de carpinteiros, pedreiros e trabalhadores. Chegárão estas ordens, e forão tão mal interpretadas que indifferentemente se obrigárão a vir com os uteis os incapazes de trabalho, sem advertir que nem a piedade de um Monarcha o podia assim ordenar, nem isto era conveniente á sua Real Fazenda e adiantamento da obra; por este motivo se chegárão a contar em Mafra, juntos perto de cincoenta mil homens; mas como na Vedoria Geral se despedião logo os que se julgavão inuteis, se não pode averiguar, com certeza, a gente que effectivamente trabalhava na obra; porém só a lista de junho até outubro de 1730, constava de quarenta e cinco mil pessoas que no serviço d'esta Real obra se achava matriculada.»

Todo este movimento e acceleração dos trabalhos tinham por fim o poder effectuar-se no dia 22 de outubro de 1730, anniversario natalicio de el-rei, a sagração do templo — acto religioso que, segundo o ritual romano, só pode celebrar-se ao domingo. — Esta coincidencia de dias, em 1730, só muito tarde poderia acontecer, e D. João V não queria esperar; o seu 41.º anniversario seria memoravel.

«Não obstante, diz o chronista: — Nem a multidão dos operarios com todos os materiaes promtos, nem a muita diligencia dos que tinham a obra a seu cuidado a poderão adiantar tanto quanto El-Rei o premeditava, por que não cabia nos termos da possibilidade poder, sem detrimento da sua segu-

[1] Gab. Hist. Tom. VIII. Cap. XI.

[1] Gab. Hist. — Tom. VIII

rança, concluir-se um tão grande edificio no decurso de dois annos, que é o que mediava entre o tempo que se dêo principio ao convento, e o dia que estava destinado para a sagração da Egreja. O que mais se poude fazer foi acabar-se a Egreja, menos o seu zimborio, e algumas cousas pertencentes á sua ultima perfeição.

«Do convento se via a quadra com os dois lanços do norte e poente, em meia altura, com duas ordens de cellas acabadas, que faziam o numero de quarenta, estando destinado para duzentas setenta e trez, como do facto tem hoje, contados trinta e seis que olhão para a parte de fóra; os outros dois lanços pouco mais se via n'elles do que os portaes do primeiro andar das cellas terreas; tambem estava acabado o refeitorio e a casa *de profundis*, se bem que na mesma fórma que a sacristia, e pela mesma razão se lhe poz outro similhante adorno de panno de brim. Estava tambem em forma de poder servir a cosinha, e na sua continuação, encostado ao dormitorio da parte do norte, huma quantidade de casas até ao segundo andar, sobre as quaes se havião ainda de levantar outros dois.»

Por tudo quanto colligimos, se prova que o traçado primitivo para o edificio de Mafra não era tão vasto como actualmente se encontra. Quaes os motivos que levaram D. João V a alterar o plano, e augmentar o convento para alojar trezentos frades, em logar de oitenta como premeditára, não diz o chronista; mas foi tão intempestivo — diz elle — o novo plano, que causou grandes embaraços. Fazem-se importantes expropriações de terrenos, destroe-se a cerca já plantada, expedem-se ordens ás auctoridades para que fizessem ir para Mafra todos os operarios que podessem haver, pretende-se no curto espaço de dois annos ter concluido o novo projecto — impossivel —

Tudo quanto fr. Claudio refere estar prompto, ou quasi concluido, no dia 22 de outubro de 1730 acha-se incluido no traço primitivo. O que estava em continuação, e n'aquelle dia muito atrasado, pertencia ao novo projecto que embaraçou, como não podia deixar de ser, o acabamento de muitas peças do plano primordial, no que se consumiram ainda alguns annos de trabalho, que foi dado por arrematação, como nos diz o mesmo chronista — ajustando-se o custo de cada braço de parede, por lanços, a cargo de nove dos principaes mestres; e em lanço á parte se arrematou o acabamento do zimborio por 400 mil cruzados, com a condição de se concluir em tres annos [1] Consignou-se para toda a obra a quantia mensal de 50 mil cruzados que era paga com toda a pontualidade, fornecendo-se mais aos arrematantes todos os utensilios e ferramentas. Por essa occasião, foram chamadas, por editaes affixados em todas as provincias do reino, as pessoas a quem se devesse alguma cousa de trabalho nas obras de Mafra para se lhes pagar; effectivamente pagou-se a todas que apresentaram seus documentos na Vedoria.

Mais tarde, fizeram-se ainda outras arrematações para construcção do muro da tapada, como consta das escripturas de sociedade lavradas nas notas do tabellião de Mafra, Martinho Roussado; o conhecimento das quaes devemos tambem ao favor do sr. José Rodrigues Soares, actual tabellião na mesma villa, em cujo cartorio se acham.

Na primeira escriptura datada de 7 de agosto de 1744, Felicio Nunes Pereira, e Gregorio Coelho declaram ter arrematado na praça das reaes obras dois lanços de muro da tapada ou cerca grande — elle Felicio o lanço do regato do casal do Cuco até á Murgeira, pelo preço de 2$600 réis a braça; e Gregorio o lanço do Codeçal ao Telhadoiro pelo preço de 2$750 réis egual medida, dando sociedade, para todos os effeitos, a Simão Coelho, Antonio de Souza, e Manoel Heytor, segundo as condições estipuladas nos autos de arrematação; calculavam os seus jornaes, em dias uteis a 500 réis, e obrigavam-se a repartir, a final, os lucros entre todos.

Na segunda, datada de 21 do mesmo agosto, Bento Ferreira declara ter arrematado o lanço do muro, que vae do sitio da Brunheira até ao Outeiro do Val da Guarda, pelo preço de 2$800 réis a braça, e dá sociedade a Rodrigo da Silva, a Antonio Alves, e a Luiz Gonsalves, calculando os seus jornaes a 400 réis, e estabelecendo a condição de dividirem, a final, os lucros entre todos os associados.

Na terceira, com data de 22 do mesmo mez, declara Luiz da Silva que, tendo arrematado o lanço do muro desde o torreão do norte até ao rio do Cuco, pelo preço de 2$700 réis a braça, dá sociedade, segundo as condições estipuladas nos respectivos autos, a João da Silva e Thomaz Francisco, estabelecendo os seus jornaes diarios a 350 réis, e a clausula de dividirem, afinal, os lucros entre si.

É para sentir que não existam documentos sufficientes que muito poderiam elucidar alguns pontos duvidosos, erroneos mesmo, á cerca de uma edificação que conta, apenas, 160 annos de concluida.

Pela nossa parte aproveitamos o que podemos obter e na planta junta mostra-se o traçado primitivo, descripto pelas linhas **A**, **B**, **C**, **a**, **b**. As linhas **D** fechadas pela linha **E** são o addicionamento ao plano primordial — Assim, temos:

A frente do edificio — **B**, torreões — **C**, faces lateraes, **N. S.** — **a**, extremidades da edificação que certamente seriam ornadas com um corpo ana-

[1] Este trabalho foi começado em outubro de 1733, e acabado em setembro de 1735.

logo aos torreões **B**, occupando o espaço até á linha **b**, que era a frente do convento. As linhas **D**, fechadas pelo traço geral **E**, são o addicionamento ao primeiro plano.

Era, pois, n'esse espaço, vasio até 1728, que Antonio R. da Fonseca tinha plantado a cerca e os pomares, destruidos então para se alargar o convento, sendo necessario, como diz fr. Claudio, arrasar a montanha que fica ao lado do sul.

Parece-nos — nem era outro o nosso intento — ter demonstrado que o primeiro pensamento para a construcção do monumento de Mafra não determinava o collosso existente: e que foi mais tarde — dez annos depois dos primeiros trabalhos — que tal idéa occorreu a D. João V.

O socio

J. C. Gomes.

DESCRIPÇÃO DA ANTIGA E MONUMENTAL CIDADE DE ROMA

(Continuado do numero antecedente)

Notaremos, pois, os principaes monumentos que possuia a antiga Roma, e as reliquias pertencentes á sua arte monumental.

No *Campidoglio* existem 22 columnas de granito, pertencentes ao antigo portico do templo de Jupiter Capitolino. Sylla as mandou buscar ao celebre templo d'Olympio, edificado perto de Piza, onde se faziam os afamados jogos, o que deu origem a contar-se as épocas por olympiadas, correspondendo 25 a um seculo, pois que cada olympiada comprehendia 4 annos. A magnificencia do templo de Jupiter Capitolino em Roma, brilhava pelo seu triple peristylo, pelo seu telhado de bronze, pelas suas numerosas estatuas e coroas de ouro. Os romanos ligavam á sua conservação a idéa da salvação do imperio. Os triumphadores não subiam os 100 degraus d'este templo senão na attitude a mais humilde. D'esta elevação abrange se com a vista, ao mesmo tempo, toda a antiga e moderna Roma. No estreito valle que separa o Monte Palatino, se estendia o Forum romano, esse Forum onde se decidiam antigamente os destinos do mundo. A contemplação da cidade de Roma n'este ponto, produz o effeito da mais proveitosa leitura, pois o livro da antiguidade estampado sobre os seus monumentos está sempre aberto e basta olhar para elle para instruir. N'esta cidade, sempre e diversamente senhora do mundo, cada bairro corresponde ás suas differentes phases politicas: assim Roma do tempo dos seus reis se estendia-se sobre o Aventino; Roma republicana occupava o Capitolio; Roma dos imperadores dominava o Palatino.

Fitando a vista sobre as numerosas columnas, ainda erguidas no Forum e nos arredores, vendo-se esses obeliscos, esses templos, esses porticos, esses triumphos, parecem ainda representar as gerações da antiga Roma. Quantos nomes venerandos não recordam á posteridade esses monumentos ou despertam a nossa maior execração!

Á entrada do Capitolio do lado da via sagrada, rua que conduzia ao Capitolio, na direcção de Oeste a Leste e pela qual os triumphadores se encaminhavam ao templo de Jupiter, está collocado o grandioso e massiço Arco de Septimo Severo, que o senado e o povo fez levantar em sua gloria e de seus filhos Caracala e Geta. O nome de Geta foi tirado depois da sua morte pelo seu barbaro irmão, que se lisongeava talvez, por esta maneira, fazer esquecer este assassinato na memoria dos homens.

Este arco foi construido para commemorar as victorias de Septimo Severo sobre os Parthas; os baixos relevos representam os prisioneiros d'esta nação e o imperador que os romanos saudam com acclamação. Estas esculpturas teem pouco merecimento, já annunciam a decadencia da arte. Este arco é construido de marmore branco, tem tres portas e bellas columnas com estrias da Ordem corinthia, a que foi mais preferida na arte monumental romana. A face principal do monumento é ornada de tropheus militares; porém o que existe mais completo são duas Victorias ou figuras da Fama aladas, collocadas no nascimento das archivoltas. A abobada do arco está dividida em caixotões cheios de florões. Sobre este arco havia antigamente um carro triumphal puchado por seis cavallos de frente, tendo as estatuas do imperador e seus dois filhos, Quatro soldados romanos, dois a pé e dois a cavallo acompanhavam o carro.

O famoso templo levantado por ordem do Senado á memoria de Antoniano e de Faustina sua esposa, no anno de 168, mostra qual era a magnificencia e a distribuição dos templos antigos romanos. O seu portico formado de 8 columnas de marmore acinzentado da Ordem corinthia, sustenta uma cornija de uma magnificencia extraordinaria. As paredes d'este templo eram forradas com o bello marmore de Paros, nome da cidade principal de uma ilha do archipelago grego entre Naxos e Delos, que possue os marmores mais bellos do mundo, principalmente do monte Marpesse, conquistada pela republica romana no tempo de Pompêo. O nome do virtuoso imperador a quem o templo foi dedicado, ainda se lê no frontão d'este monumento.

Outro monumento de grande importancia artistica é o magestoso templo da Paz que Vespasiano levantou depois de ter concluido a guerra da Judéa no anno 75. Era dos monumentos religiosos mais vastos e sumptuosos da antiga Roma; artistas os

mais habeis da Grecia o tinham ornado com diversos assumptos, entre os quaes a Venus que alli se admirava, era considerada uma maravilha Os cidadãos confiaram a este templo a guarda de suas riquezas, e Vespasiano depositou alli os despojos de Jerusalem; finalmente serviu durante um seculo de thesouro publico.

Julga-se que n'essa época um incendio o dsetruiu inteiramente no reinado de Commodo; sendo as tres formidaveis arcadas que ainda existem, que formavam um dos lados d'este soberbo edificio. Uma columnas de marmore branco de um diametro extraordinario que está presentemente collocada em frente da egreja de Santa Maria Maior, pertencia á grande nave do templo da Paz. Um tóro das mesmas columnas foi applicado no grupo de Alexandre Farnesio com a Victoria.

Estas ruinas fazem parte tambem da basilica construida por Constautino, depois da victoria alcançada sobre Maxense, na era de 312, tendo este general morrido afogado, quando fugiu por ter abatido a ponte Milvius, presentemente ponte de Moli, sobre o Tibre, a 2 kilometros de Roma. Posto que fosse esta basilica edificada no mesmo logar do templo da Paz, mostram todavia as suas formidaveis ruinas a magnificencia primitiva d'este antigo monumento.

O arco erigido á memoria de Titus, situado na extremidade do Forum, que lhe foi votado depois da sua morte pelo Senado e o Povo, em memoria do triumpho que obteu, sendo o mais glorioso dos trezentos que os romanos haviam antes alcançado; tambem é digno da nossa admiração, principalmente pelos dois baixos relevos, que representam Titus sobre um carro triumphal, conduzido pela figura allegorica da Patria; o outro, composto de soldados judeus e prisioneiros, a meza, o tocheiro d'ouro com 7 braças e os preciosos despojos do Templo de Jerusalem, são as melhores esculpturas romanas n'este genero. Ha uma cousa notavel: os edificios os mais bem conservados em Roma, o Pantheão, o Colyseu e o Arco de Titus são monumentos que se ligam á historia da religião christã.

A superficie occupada pelo Forum era de 230 metros de comprimento e 80 de largura: a sua direcção não se afastava muito do norte ao sul, fazendo um angulo quasi recto com a Via Sagrada, que do Capitolio conduzia ao Colyseu. Dyonisio Halicarnassio demonstra que Romulus e Tatius, depois de haverem cortado a floresta que se estendia na base do Capitolio, altearam o terreno que as aguas provenientes das collinas faziam pantanoso, sendo escolhido aquelle logar para a construcção do Forum.

Sem duvida que os edificios de differentes estylos de architectura levantados nas épocas successivas, fizeram esta praça muito irregular: e posto que não existam hoje mais que vestigios informes de todos esses monumentos, todavia auxiliado com as investigações de sabios archeologos podemos elucidar a este respeito com mais particularidade.

O monumento do primeiro plano á esquerda da Praça, representava uma parte dos edificios do Palatino, pertencentes aos imperadores; mais abaixo era o templo circular de Vesta. O templo de Castor e Pollux estava situado immediatamente por baixo, ficando dominado pelo Jupiter Ferreiro e pelos edificios que lhe pertenciam. Os templos da Fortuna e da Concordia, erguiam-se junto do Capitolio, no sitio mais proximo da tribuna dos discursos oratorios, a qual estava collocada no canto do Forum.

O Tabularium, onde os archivos occuppavam o Intermontium. Proximo estava o arco de Septimo Severo. A Via Sagrada, que se distinguia pelas columnas triumphaes que a guarneciam de ambos os lados, estendiam-se até ao arco de Septimo-Severo ou de Fabius, que já não existem. Occupava o angulo direito, no primeiro plano, o templo de Antonino e Faustina. A Basilica de Paulo Emilio está exactamente por baixo.

O Erario, ou thesouro publico, achava-se collocado ê direita da Via Sagrada, dirigindo-se para o Capitolio. Este grupo de edificios ficava coroado pelo templo de Jupiter Capitolino, que contemplava este grandioso aspecto, o qual nos offerece uma ideia de como seria a magnificencia de Roma antiga; e a magestade como que a sua arte monumental sabia ornar os seus soberbos monumentos!

(*Continúa*) POSSIDONIO DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

CORVACEIRAS

Temos no nosso paiz muitos povos, casaes e sitios, denominados, *Corvaceira;* taes são os seguintes:

Corvaceira — a minha terra natal — pequeno povo situado na margem esquerda do Douro, mesmo em frente da *estação do Molledo*, — povo pertencente á freguezia da Penajoia *(a terra das cerejas!...)* concelho de Lamego.

Corvaceira — povoação da freguezia de S. Thomé de Negrellos, concelho de Santo Thyrso.

Corvaceira — povação da freguezia de Santa Eufemia de Prazins, concelho de Guimarães.

Corvaceira — povação da freguezia de Chão de Tavares, concelho de Mangualde.

Corvaceira — povoação da freguezia de Cadafaes, concelho d'Alemquer.

Corvaceira — povoação da freguezia, villa e concelho de S. Pedro do Sul.

Corvaceira — casal da freguezia de Treixedo, concelho de Santa Comba-Dão.

Corvaceira — casal da freguezia de Folhada, concelho de Canavezes.

Corvaceira — casal da fregnezia do Castello, concelho de Coura.

Corvaceira — quinta do alto Douro na freguezia e concelho de S. João da Pesqueira.

Corvaceira — sitio muito vistoso com uma capella de Santa Barbara, no antigo castello da villa e freguezia de Marialva, concelho da Meda.

Corvaceira — sitio muito vistoso da freguezia de Poyares, concelho da Regua.

Corvaceira — sitio (monte) no antigo termo da villa de Paredes da Beira, mencionado no foral que D. Fernando I, de Leão e Castella, deu á mencionada villa, no anno de 1055.

Corvaceira — sitio da freguezia de Carrazedo de Montenegro, concelho de Val Passos.

Corvaceira — casa commercial importante na freguezia, villa e concelho do Dondo, provincia de Loanda, fundada por Albino Rodrigues Cardoso Corvaceira, da familia Corvaceiras, d'Armamar.

Corvaceira pequena — sitio da freguezia de Mouçós, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes, mencionado no foral que D. Sancho II deu em 1223 a Sanguinhedo, hoje simples aldeia da mencionada freguezia.

Corvaceira grande e *Corvaceira pequena* — sitios mencionados no foral que D. Affonso III, estando em Lamego, deu em 1254 a Penunchel, na terra de Panoias, hoje districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

Corvaceira grande e *Corvaceira pequena* — sitios mencionados no foral velho (sem data) do Castello de S. Christovam (hoje talvez Parada de Cunhos) na mesma terra de Panoias.

Corvaceiras (no plural) — povo da freguezia de S. João d'Ayrão, concelho de Guimarães.

Corvaceiras — sitio da freguezia de Rebordões, concelho de Ponte de Lima.

Corvaceiras — sitio da freguezia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras.

Corvaceiras grandes e *Corvaceiras pequenas* — aldeias da freguezia de Payalvo, concelho de Thomar.

Temos tambem no nosso paiz, sete aldeias e duas quintas com o nome de *Corveira;* duas aldeias e um sitio com o nome de *Corveiros;* cinco aldeias, tres casaes, quatro quintas, uma herdade e um sitio com o nome de *Corvo;* uma aldeia, tres casaes, uma quinta, uma herdade e dois sitios com o nome de *Corvos*, e varias aldeias, casaes, quintas e sitios com os nomes de *Corva*, *Corvacho*, *Corval*, *Corvas*, *Corvel*, *Corvela*, *Corvete* e *Corvite*.

*

* *

Supponho que todas estas povoações, casaes, quintas e sitios, tomaram o nome dos corvos que ali em outras eras abundavam, como das corujas tomaram o nome as povoações denominadas *Coruja*, *Corujaes* e *Corujeira*, bem como *Cerveira* dos cervos, *Coelheira* dos coelhos, *Raposeira* das raposas, *Lobeira* dos lobos, *Zebreira* das zebras, *Formiga*, *Formigal* e *Formigueira* das formigas, *Colmeal* e *Colmeeiro* das colmeias, *Lagarteira* dos lagartos, etc., mas *quantum mutatus ab illo?*...

Com a invasão dos barbaros do norte, com as guerras entre elles e os romanos e depois entre os barbaros, uns contra os outros, até que os godos ficaram senhores de toda a peninsula; — com a invasão dos mouros no seculo VIII e com as diuturnas guerras entre mouros e christãos; depois com as guerras civis dos mouros contra os mouros e dos christãos contra os christãos, Portugal e a peninsula ficaram quasi desertos! O que abundava eram brenhas, lobos, ursos, javalis, aguias, corvos, serpentes, lagartos e outras aves e feras; mas com o volver do tempo e da paz, com o augmento da população e progresso da agricultura as coisas felizmente mudaram e a bicharia vae desapparecendo.

Os ursos que outr'ora abundavam no nosso paiz, nomeadamente em Traz-os-Montes, como se deprehende dos *foraes velhos* d'aquella provincia, já desappareceram, bem como as zebras; as corças e os veados estão quasi extinctos; os lobos já não aterram ninguem e poucas victimas fazem. Só se encontram nas grandes serras e mesmo ali não abundam; — fogem, escondem-se e apenas de noute vão bater monte em cata d'alguma pobre ovelha desgarrada, para saciarem a fome.

Quando a *Expedição scientifica* esteve em agosto de 1881 na serra da Estrella, não pôde lobrigar nem obter um lobo durante os 15 dias que ali passou, posto que era muito numerosa — tinha á sua disposição um destacamento de soldados, muitos guias e caçadores — visitou os recessos mais escabrosos da montanha e offerecia 4:500 réis por um exemplar qualquer dos taes bichos.

As formigas tambem já se supportam, posto que antigamente foram entre nós uma praga que exterminou *povoações inteiras!*

As cobras e os lagartos vão desapparecendo tambem, posto que ainda abundam em alguns sitios, nomeadamente no alto Douro, depois que a phylloxera destroçou os vinhedos e se acha inculta a maior parte d'aquella região, que já foi de *ouro* e agora parece o *valle da morte!...*

Tambem quando em julho de 1880 visitámos o alto Alemtejo, com surpreza vimos entre o Crato e Niza muitos lagartos passeando *francamente* na estrada nova a macadam, sem se importarem com a diligencia. Apenas se desviavam d'ella, mas não se escondiam nem fugiam da estrada.

Os córvos ainda hoje abundam em alguns pontos do nosso paiz, nomeadamente em volta de Leça da Palmeira e Mattosinhos, mas já não ha memoria d'elles em muitas povoações que tomaram d'elles o nome, como na minha terra natal — a *Corvaceira* da Penajoia, porque toda aquella vasta freguezia é muito povoada, muito mimosa e muito bem agricultada. Parece um vasto jardim e como *jardim* é considerada no Douro.

Não tem um palmo de charneca ou de terreno inculto, comprehendendo cerca de 6 kilometros em quadro — e é toda povoada de arvoredo fructifero, nomeadamente *cerdeiras*, pelo que a denominam *terra das cerejas;* mas n'ella abundam tambem laranjeiras, pereiras, macieiras, figueiras, ameixoeiras, damasqueiros, castanheiros, etc. — produz muito milho, batatas, hervagens e hortaliça, e a sua producção dominante é *vinho*, todo de embarque.

Antes da invasão phylloxerica produzia cerca de 2:000 pipas por anno. Em 1840 produziu ella — a *terra das cerejas* — 1884 pipas de vinho — e actualmente ainda produz cerca de 1:000!...

É a freguezia mais vasta, mais rica, mais mimosa e mais populosa do concelho de Lamego.

Tem cerca de 800 fogos e de 3:500 habitantes, divididos por muitas povoações, uma das quaes *(S. Gião)* tem 180 fogos e 750 habitantes.

A minha *Corvaceira* é uma das mais pequenas, pois tem apenas 30 fogos, mas em compensação é das mais mimosas, por estar á beira do Douro. Nunca viu a neve e está toda cercada de luxuosos vinhedos e arvores fructiferas, nomeadamente laranjeiras, cujos pomares são um *viveiro de rouxinoes.*

Eu vivi la muito tempo sem saber o que eram *corvos*, nem ali jámais alguem os lobrigou. Vi os primeiros nas margens do Leça, quando já contava 13 annos.

A povoação é pequena, mas muito antiga!

O seu nome de *Corvaceira*, terra dos *corvos*, está dizendo que vem do calamitoso tempo em que as margens do Douro eram brenhas incultas.

Porto e Miragaya, 1890.

O Socio

PEDRO AUGUSTO FERREIRA.

SINGULAR DESCOBRIMENTO E UTIL ADVERTENCIA

Desejando que seja conhecido um singular descobrimento archeologico que fiz na nossa terra, para que se possa a todo o tempo, depois do meu fallecimento, averiguar a importancia historica e archeologica de semelhante achado e obter mais positivos dados, sobre a grandeza da cidade de Nabancia.

Quando eu já tinha posto a descoberto uma grande parte do terreno, no sitio de Marmelaies, nas cercanias da cidade de Thomar e propriedade de Cesar Augusto da Motta, suppuz que a praça que havia achado, com as bases de columnas que decoravam os tres lados da mesma praça, deveria ligar-se a outras construcções, que talvez estivessem occultas debaixo de terrenos de uma outra propriedade rural, a qual ficava separada dos terrenos já explorados.

Com grandes difficuldades pude obter do dono d'essa outra propriedade licença para se fazer escavações, obrigando-me a satisfazer qualquer damno e deixar o terreno composto como estivesse d'antes. Alcancei essa permissão ás 11 horas danoite, no anno de 1885, por intervenção do sr. Joaquim Antonio Nunes, respeitavel dono da fabrica de tecidos junto á ponte de Thomar. Na madrugada do dia seguinte parti para Marmelaies, tal era o meu empenho de averiguar o que se descobriria n'aquelle terreno. Eu tinha os trabalhadores empregados nas minhas investigações archeologicas, dividi-os em tres turnos e sem ter o *mais insignificante indicio* sobre o novo terreno a explorar para achar vestigios de remotas construcções, mandei-oscollocar em tres logares e na direcção recta central da Praça Passaram-se algumas horas quando na profundidade de $1^m,46$, se descobriu na direcção central da referida Praça *uma estrada de calcetamento romano!* e nos outros dois lugares que havia indicado. em cada um, *uma muralha da largura de um metro*, estando parallella á calçada romana, já encontrada!!! Ainda existem pessoas que viram este surprehendente achado! Pode-se pensar qual seria o meu contentamento? Mas a nossa existencia está sempre exposta a dissabores!

N'esse mesmo dia, ao fim da tarde, appareceu no local o dono da propriedade e sem haver nenhum motivo de queixa! embargou o proseguimento da exploração. Por mais que eu instasse não consegui continuar o trabalho, e para mais certeza

collocou uma pedra como signal da sua prohibição, modo acceite em juizo no campo!

Mandei cobrir tudo como estava d'antes e collocar tres pequenas estacas no extremo da Praça, no primeiro terreno explorado, ficando cada uma para indicar a direcção em que se fizeram as explorações no terreno separado pela propriedade citada, como memoria d'aquelle extraordinario descobrimento, e poder-se depois continuar essa investigação.

N'este anno, 1890, julguei acertado deixar mais positivamente marcado o logar dos tres vestigios archeologicos encontrados, e para esse fim mandei pintar tres rotulos em zinco, ficando firmados sobre grandes estacas, postas nos logares que havia designado, tendo as do centro o rotulo seguinte: *N'esta direcção ha uma estrada de calçada romana.* Nas outras duas estacadas lateraes outros letreiros declarando: *N'esta direcção ha uma muralha romana;* para que de futuro se possa continuar essas interessantes investigações.

Possidonio da Silva

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 11)

Fecho da abobada. No XII seculo tinham principiado a ornar com esculpturas os fechos da abobada. Estes primeiros fechos esculpidos representavam Jesus Christo deitando a benção, o Cordeiro Divino, Nossa Senhora, os anjos, os animaes symbolicos dos evangelistas, santos, e muitas vezes tambem carrancas ou animaes phantasticos. Nas abobadas dos edificios de segunda ordem contentavam-se algumas vezes com indicar um simples florão ou entrelaços.

No XIII seculo o emprego dos fechos de abobadas com esculpturas veiu a ser geral, sendo representados nas abobadas do côro, Jesus Christo, o Cordeiro Divino, os symbolos dos evangelistas e outros objectos religiosos. Na nave principal e nas lateraes a ornamentação distingue-se por ser vegetal. Os fechos de abobada no XIV seculo, e tambem na primeira metade do XV seculo, apresentam bastantes vezes a mesma decoração que a do XIII seculo; todavia na sua esculptura vegetal ha os caracteres proprios da ornamentação de cada um d'estes seculos. No XV seculo, os brazões dos bemfeitores da egreja são esculpidos frequentemente sobre os fechos da abobada.

No final do XV seculo, apparecem os fechos da abobada ornados de um appendice que recebeu o nome de *pendente,* que ficou em uso durante uma parte do XVI seculo imitando stalactites que estão suspensas das superficies superiores das grutas. Algumas vezes tem o feitio de um florão ou um ornamento extravagante; outras representa uma estatua pegada á abobada.

Muitas vezes os fechos da abobada são furados por um buraco circular, para se poder içar os sinos e outros objectos acima das abobadas: como havia dois oculos na abobada da egreja de Belem indicando não sómente essa applicação, mas que o edificio *deveria ter duas torres:* todavia, construiram modernamente um torreão colossal, que esmaga aquelle monumento, e não respeitaram o que fôra projectado na sua primitiva edificação!

Arcos butantes. Chama-se *arcos butantes* aos arcos destinados a transportar até aos contrafortes exteriores o esforço lateral das abobadas mais elevadas de um edificio. Nascem dos contrafortes e apoiam-se sobre as paredes da nave principal nos differentes pontos onde vão confinar os resultantes dos *encostes* dos arcos ogivaes e dos arcos-duplos.

Já explicámos os dois systemas empregados durante o periodo roman para contramurar o esforço lateral produzido pelas abobadas superiores sobre as paredes altas das egrejas em que a abobada principal é muito mais alta que as outras das naves inferiores, e notámos os inconvenientes que resultavam de uma e de outra applicação. Estes dois systemas foram em pouco tempo abandonados, primeiramente porque a nave principal ficava sem claridade, sobretudo nos edificios de maior largura, e em segundo logar porque, n'um como no outro systema, as abobadas das naves lateraes, precisavam de ser muito altas para attingir o ponto onde se effectuava o encontro combinado das nervuras das abobadas altas. Raciocinadores dispostos a sujeitar tudo aos principios dos architectos do XII seculo e do XIII seculo, conheceram que os semicirculos das abobadas em berço contiguo, do qual alguns dos seus antecessores se tinham servido com o fim de neutralisar o esforço lateral das abobadas altas, não era necessario na sua fórma completa, e que se obtinha o mesmo resultado applicando sobre a parede exterior do edificio no ponto onde viesse dar a resultante dos encostes, um arco partindo de um contraforte exterior: foi esta combinação que deu origem aos arcos-butantes.

Para que satisfaça á sua applicação deve o arco-butante: 1.º, ter as juntas das peças de sua construcção *normaes* ou perpendiculares á curva por elle descripta; 2.º, ficar o seu vertice sobre a parede exterior no ponto onde passe a resultante do esforço da abobada. Esse ponto acha-se entre o nascimento das nervuras ou arcos ogivaes e perto

da metade da altura da abobada. Em theoria esse ponto é um ponto geometrico; todavia na pratica é preciso que a summidade ou cabeça do arco-butante seja larga; primeiro porque é impossivel, na execução, determinar de uma maneira exacta a direcção da resultante dos differentes esforços das abobadas; depois porque a direcção d'esta linha póde facilmente desviar-se em resultado de ter dado de si nos pontos de apoio verticaes, effeito que acontece frequentemente nas grandes construcções medievaes cujos pontos de apoio são delgados e supportam uma pesada carga.

Os arcos-butantes são geralmente reforçados, no seu *extradoz*, por um encosto em linha recta, construido em cantaria. O espigão d'este encosto é muitas vezes ornatado de *crochets*.

Desde o final do XII seculo e no principio do XIII seculo, os arcos-butantes vieram a ser de uso geral em todos os grandes monumentos religiosos, cuja nave principal era mais alta que as naves lateraes. Os mais antigos são geralmente formados por um quarto de circulo. Depois a curvatura veiu a ser menos curva, approximando-se da linha recta.

Empregaram tambem desde os primeiros annos do XIII seculo, arcos-butantes *duplos*, isto é, dois arcos-butantes collocados um por cima do outro.

Os arcos-butantes foram empregados durante todo o periodo ogival; todavia eram menos usados durante a ultima metade do XV seculo. Em muitos monumentos d'esta época, mesmo os mais principaes, julgavam-se sufficientes os contrafortes muito massiços e salientes para diminuir o esforço das abobadas.

Quando no principio do XIII seculo collocaram por baixo do madeiramento um canal para receber as aguas da chuva, dirigiam as aguas do telhado principal para os contrafortes exteriores por um canal de cantaria posto sobre o capello do arco-butante. As aguas passavam atravez no cimo dos contrafortes, e eram depois lançadas fóra por gargulas, caindo afastadas da base do monumento. As infiltrações causadas pela passagem das aguas sobre o capello dos arcos-butantes, e atravez dos contrafortes, produziram damnos tão consideraveis nas construcções que ficou em pouco tempo abandonado este systema de dar escoante ás aguas da chuva.

Contrafortes Durante os primeiros annos do periodo ogival, os contrafortes dos edificios de abobadas foram demasiadamente engrossados e tiveram bases bastante salientes; á proporção que se elevavam assim, iam diminuindo consideravelmente por grandes resultados successivos sobre cada uma das faces.

No meiado do XIII seculo, os contrafortes ficam mais regulares, erguem-se quasi verticalmente da base á extremidade, superior, e não apresentam já por cima do envasamento um ou dois resaltos bastante pequenos e sómente sobre a face principal.

Estes contrafortes terminavam por uma face chanfrada que ia ter até á cornija, e muitas vezes eram de fórma abahulada, quando ficavam isolados ou excediam a base do madeiramento. Nos monumentos principaes limitavam-se algumas vezes a pôr pinaculos e ornavam as suas faces lisas de arcaduras e estatuas postas sobre misula, tendo docel.

No XV seculo a fórma dos contrafortes ficou quasi a mesma que durante a ultima metade do seculo precedente. Tinham a sua extremidade, como d'antes, quer em pinaculos e fórma abahulada, quer ficando os pinaculos assentes sobre base quadrada ou octogona, terminando por agulhas pyramidaes, cujas arestas estão ornadas de *crochets*.

Os contrafortes do XV seculo semelham se ainda muitas vezes aos dos dois seculos precedentes. Como estes, apresentam, de distancia em distancia, diminuição de grossura pouco apparente sobre a sua face anterior, e são ornados de arcaduras, nichos e doceis, ornamentação no gosto da época. Todavia, desde o fim do XV seculo, principiaram a modificar algumas vezes a sua disposição; regularmente deixaram subsistir a base quadrada ou rectangular, tendo a face anterior parallela e as duas faces lateraes perpendiculares com o liso da parede; porém, a certa distancia acima do solo (ao primeiro ou segundo resalto), a face anterior, parallela á parede, passa a ser angular; mesmo ás vezes se vêem contrafortes cuja face anterior fica angular á parede desde a base do edificio. Estes contrafortes com lados chanfrados, acabam como todos os outros, por um plano inclinado, platafórma ou espigão de feitio abahulado, ou por um pinaculo bastante ornado.

No XIII e no XIV seculo, os contrafortes collocados no ponto de intersecção de paredes que se encontram em angulo recto, são sempre em numero de dois. No XV seculo, julgavam ás vezes ser sufficiente um unico contraforte collocado de maneira a fazer face ao angulo; sendo estes contrafortes angulares muito communs nos edificios d'esta época.

Por causa do excessivo esforço lateral que produzem sobre os seus pontos de apoio, as abobadas ogivaes necessitavam o emprego de contrafortes com base de bastante largura. Nos monumentos dos primeiros annos do periodo ogival, esses contrafortes, que teem tres de suas faces inteiramente livres, apresentam saliencias grandes sobre as pa-

redes exteriores dos edificios. Estas sacadas desagradaram em pouco tempo aos constructores, que cogitaram em as diminuir ou fazel-as desapparecer inteiramente disfarçando os contrafortes. Para esse fim recuaram até á parede mestra a divisoria que havia antes na nave lateral, aproveitando na parte interna do monumento o espaço de um rectangulo que communicava com a extremidade da nave lateral e servia ás vezes de capella.

Nos edificios do periodo ogival, cobertos por simples fôrro do tecto, de madeira, os contrafortes tinham pequena sacada sobre o liso das paredes.

Gargulas. Dá-se o nome de *gargulas* aos canaes salientes pelos quaes as aguas da chuva sáem dos telhados e são lançadas longe da base das paredes dos edificios. Teem quasi sempre a configuração de animaes monstruosos e phantasticos, e raramente a figura humana. Admira-se, n'estas esculpturas, uma variedade prodigiosa, e seria difficil de achar duas do mesmo feitio, todavia a maior parte dos edificios ogivaes apresentam um grande numero. N'este genero ha duas no nosso paiz bastante exquisitas, uma no angulo da cimalha da egreja de Coimbra, na capella mór, voltada para o norte da fronteira do paiz, estando a figura humana revirada, isto é, em posição dobrada, com a cabeça para o lado do telhado e a parte trazeira do corpo para fóra do edificio, e é pelo anus que sáem as aguas da chuva: no castello de Pombal ha outra com a figura de mulher na mesma attitude, saindo a agua da chuva pelo que distingue o seu sexo. Eram de proporções curtas e solidas no principio da sua applicação; vieram a ser mais compridas e com melhores fórmas desde o final do XIII seculo.

Nichos e doceis. Dá-se o nome de *nichos* a qualquer espaço aberto, mais ou menos profundo, feito na grossura de uma parede, pilar ou contraforte, para n'elle se collocar uma estatua, um grupo, um vaso, um qualquer objecto de decoração. Os nichos apparecem poucas vezes nos monumentos do XIII e XIV seculos; n'essa época as estatuas, com as quaes ornavam ás vezes certas partes dos monumentos, eram postas sobre misulas salientes, tendo doceis egualmente salientes sobre a face das paredes.

No XV seculo, o uso dos nichos vem a ser mais geral; vêem-se bastantes vezes no exterior dos monumentos, sobre as fachadas, nos contrafortes e nos tympanos dos portaes.

Os doceis, isto é, os remates salientes, mais ou menos ornamentados de esculpturas, ficando collocados por cima da cabeça das estatuas, são muito geraes desde o final do periodo roman. No XII e no XIII seculos, esses doceis primitivos representam quasi sempre edificios, fortalezas, e mesmo algumas vezes cidades inteiras cercadas de muralhas. Não havia ainda n'esta época, por cima, pinaculos ou pyramides delgadas, posto que em certas partes do centro da França, as tiveram desde o meiado do XIII seculo, sendo terminadas por *clochetons.* As fórmas architectonicas dos edificios representadas pelos doceis são muitas vezes anteriores á época em que foram esculpidos; é por isso que no XIII seculo apparecem n'elles zimborios, arcos de volta inteira, etc., que todavia não se vêem já nos monumentos contemporaneos.

No XIV seculo, os doceis mudam totalmente de aspecto, cobrem-se de arcaduras com ornamentação e com outros detalhes imitados da architectura; teem geralmente por cima vistosos pinaculos, muitas vezes vasados.

No XV seculo, apresentam quasi as mesmas fórmas que no seculo precedente, porém exaggeradas; sendo os doceis contornados demasiadamente, e a sua ornamentação feita com muita delicadeza.

Madeiramento. Distinguem-se, nos edificios do periodo ogival, duas especies principaes de madeiramentos: os que não ficavam apparentes, porque não revestiam as construcções abobadadas, e os apparentes que se empregavam nos edificios que não tivessem abobadas, sendo estes que interessam sobretudo aos archeologos.

Quando os madeiramentos ficam apparentes, isto é, visiveis no interior do edificio, apresentam sempre o aspecto de uma abobada de fórma de berço. Este berço é algumas vezes semi-cylindrico, semelhante aos que se encontram em algumas egrejas romans; as mais das vezes, todavia são traçados por tres centros. *Ripas* de carvalho, ou de qualquer outra especie de madeira, tendo as juntas sobrepostas, são pregadas sobre as *cambotas*, circulares ou ogivaes, formadas pelas asnas e *varedo.* Tendo pinturas por decoração, e algumas vezes as extremidades das peças de madeira ficam visiveis, tendo esculpturas, que representam anjos com escudos ou phylacterias, cabeças de gente, figuras de cocoras com carranca, ou animaes phantasticos. Muitas vezes as nervuras ou as *franquias* ficam parallelas ás nervuras das *asnas*, porém sendo mais estreitas, estão pregadas sobre o varedo e sustentam no seu logar as ripas. Estas nervuras são cobertas com vivas côres ou com elegantes entrelaçados.

Algumas vezes tambem são assentes sobre as ripas, as nervuras que se encruzam do mesmo modo que os arcos diagonaes ou as ogivas das abobadas de cantarias.

As abobadas cobertas de gesso, taes como as constroem os architectos modernos na maior parte das novas egrejas ruraes, eram inteiramente desconhecidas durante o periodo ogival. Quando a verba de que dispunham não lhes permittia o estabelecer abobada de alvenaria, serviam-se do madeiramento apparente, que se ornava tão artisticamente quanto fosse possivel. Nunca se empregavam pueris dissimulações, fingimentos architecturaes onde as *ripas* appareciam a imitar a cantaria com a capa desprezivel de gesso ou de argamassa! Não se esquecia n'esta época, que a verdade é a condição essencial da existencia da arte; esta deve engrandecer o espirito, encantar a vista, e não enganal-a.

Telhados. No meiado do XII seculo, os telhados teem grandes inclinações dos edificios da Europa Central e Septentrional; emquanto nos paizes meridionaes conservam pequena correnteza, como se praticava nos telhados da antiguidade e no periodo roman.

Cobriam-se os madeiramentos com chumbo, cobre, ardozia e telhas. As grandes cathedraes e aos edificios mais importantes punham chapas de chumbo ou de cobre, por tal maneira, que podiam, sem alterar a sua superficie, dilatar-se ou encolher-se, conforme fosse a temperatura.

Cumieira e cimeira. Dá-se o nome de *cumieira* ao remate do espigão de um edificio. Durante o periodo ogival este remate era de metal (quasi sempre de chumbo), de barro cosido ou de cantaria. As *cimeiras* são telhas que formam uma cumieira; eram de barro de cozedura.

O maior numero dos grandes monumentos da edade media tinham d'antes por remate cumieiras nos madeiramentos, egualmente recortadas, imitando quasi sempre folhagens. Infelizmente são poucos os edificios do XIII e XIV seculos que conservam esse ornato primitivo. De todas as cumieiras de chumbo anteriores ao XV seculo (e eram as mais em uso n'essa época) já não ha vestigios: a oxydação do metal e muitas outras causas de destruição as têm feito desapparecer.

Nos paizes onde a telha foi empregada para cobrir os edificios, como, por exemplo, na Borgonha, as cumieiras dos madeiramentos compunham-se de uma continuação de cimeiras de barro de cozedura, mais ou menos ornado. Uma capa esmaltada e envernizada ao fogo tinham sempre estas cumieiras para se tornarem menos permeaveis á humidade.

Desde o XI seculo o emprego das cumieiras de pedra veiu a ser geral no meio dia de França. Encontra-se ainda hoje n'este paiz um grande numero de cumieiras dos periodos roman e ogival, as quaes escaparam á sua destruição. As mais antigas apresentam enlaçamentos e figuras geometricas; as que pertencem ao XIV e XV seculos são compostas de ornamentação com remate de folhagens, como ha na egreja de Belem.

Torres e campanarios. Do mesmo modo que no periodo roman os campanarios da época ogival são compostos de dois ou mais andares sobrepostos. A separação dos differentes andares é indicada no exterior, quer por um resalto saliente, quer por uma pequena diminuição de grossura no andar superior sobre o inferior. Estes andares não teem já como precedentemente, a mesma altura; são baixos ou altos, conforme as disposições internas dos campanarios. O rez-do-chão das torres é geralmente construido sobre um plano quadrado; mas no primeiro ou no segundo andar e as mais das vezes sómente no principio da flecha o plano vem a ser octogono. Os espaços triangulares, que ficam livres nos angulos do quadrado, pela passagem da fórma de quadrado para octogono, apresentam quasi sempre quatro pinaculos ou colchetões.

As frentes das torres teem aberturas dos differentes andares, janellas estreitas ogivaes, muitas vezes geminadas, sendo raro estarem separadas ou reunidas em tres vãos.

Desde o principio do periodo ogival, os campanarios acabavam por flechas construidas de madeira eu de cantaria, com muita elevação, tendo a fórma de uma pyramide com oito lados eguaes. Já no XIII seculo, as arestas das flechas de pedra e os pinaculos collocados na base do octogono estão por vezes ornados de distancia em distancia, por crochets vegetaes; no XIV seculo principia-se a vasar os lados das flechas, fazendo-se pequenas aberturas do feitio de flor de trevo, ou quatro folhas e com florão. No XV seculo essas ornamentações são substituidas por feitios de chammas e por outras figuras geometricas vasadas. No final do XV seculo e no principio do seculo seguinte, construiram se, em muita parte, os campanarios com flechas rendilhadas.

Muitos campanarios mais importantes, de grandes proporções, ficaram por concluir desde a base da flecha projectada, e ás vezes ainda mais abaixo. Algumas vezes tambem, as flechas da primitiva construcção, depois de terem sido destruidas por uma tempestade ou incendio causado pelo raio, foram substituidas por corpos simples ou remates hybridos, que não teem nada de commum com as lindas pyramides da época ogival.

No XIV e no XV seculos, muitos campanarios teem na base da flecha uma platibanda vasada, composta de arcaduras ou com feitios chammejantes.

A maior parte das egrejas ogivaes de segunda e terceira ordem tinham campanarios de uma extraordinaria simplicidade, cujo effeito é agrada-

vel e mesmo admiravel, se reflectirmos na pouca resistencia dos meios empregados para a execução. Estes campanarios, sem nenhum ornato, compunham-se de dois andares quadrados, dos quaes o superior só tinha as quatro frentes com janellas geminadas ou com tres aberturas, servindo para sair o som do sino. Uma flecha octogona limita a sua extremidade.

Os constructores da edade media comprehendiam que sobretudo nos edificios de menor importancia, as combinações geraes mais simples eram as unicas mais acertadas para produzirem um aspecto monumental.

Em Flandres maritima tem-se conservado até ao presente um grande numero de campanarios ogivaes de segunda e terceira ordem, dignos de chamar a attenção dos archeologos e dos architectos; encontram-se alguns muito bellos até nas modestas freguezias do campo. Estes campanarios, construidos com tijolos, como todas as outras partes dos edificios d'este paiz, são geralmente terminados por uma flecha octogona tambem de tijolos, muitas vezes tendo quatro pinaculos nos angulos da sua base; as arestas da flecha e dos pinaculos são quasi sempre decoradas de crochets egualmente com tijolos. As plantibandas que ligam entre si os pinaculos são cheias, pouco altas e ornadas com arcaduras fingidas. Uma outra particularidade que apresentam alguns campanarios de Flandres maritima, é inclinarem-se um pouco para o lado oeste, que se suppõe ser um facto intencional do architecto para fazer resistir melhor contra os ventos d'este quadrante que sopram com extrema violencia á beira mar.

Muitas egrejas monasticas, e algumas vezes tambem as parochias, teem um campanario collocado quer na extremidade da capella mór, quer em um dos dois angulos formados pela intersecção da capella mór e do cruzeiro. Esta disposição é bastante geral nas egrejas ruraes na Baviera e na Austria. As abbadias preferiam esta collocação afim de que os frades incumbidos de darem signal pelos sinos para as ceremonias religiosas não fossem obrigados a afastar-se da egreja.

Os constructores romans construiam muitas vezes um campanario no logar da intersecção da nave e do cruzeiro. Na Inglaterra e na Normandia, estes campanarios centraes conservam-se durante o periodo ogival; por toda parte, fóra d'isso, são raros desde o XIII seculo, e muitas vezes foram substituidos por simples campanariosinhos de madeira, Na Belgica, encontram-se por vezes campanarios centraes de cantaria, porém de resumida dimensão, nos edificios do periodo de transição.

As *escadas dos campanarios* e tambem as que servem em outras partes dos monumentos para subirem aos madeiramentos, são geralmente de caracol com centro cylindrico ou octogono. Estas caixas das escadas, collocadas no exterior do edificio nos angulos formados pela saliencia dos contrafortes, nunca são dissimuladas, mas visiveis, facilitando as seteiras que estão abertas darem luz á escada.

Durante o periodo ogival, collocavam quasi sempre *cruzes de ferro batido* no cimo das flechas dos campanarios, na extremidade do espigão do côro por cima da abside, e algumas vezes tambem sobre os espigões do cruzeiro. Estas cruzes distinguem se geralmente por uma composição de bastante trabalho. As cruzes dos campanarios são quasi sempre encimadas por um gallo servindo de catavento. Primitivamente este adorno encontrava-se sobre as torres das egrejas parochiaes ou dos capitulos apenas. O gallo collocado no cimo da egreja symbolisa a imagem dos prégadores; pois o gallo vela durante a noite escura e assignala as horas pelo seu canto, faz despertar aquelles que dormem, e annuncia a aurora que se approxima; mas antes d'isso, elle se excita a si mesmo a cantar, dando ás azas.

Pavimentos. Os pavimentos romans eram compostos com mosaicos. Nos paizes meridionaes esses mosaicos foram formados de marmores differentes. Tanto em França como na Belgica, Allemanha, Inglaterra e Portugal eram compostos de ladrilhos esmaltados ou de lagedo gravado e com embutido egualmente de côres diversas. Os ladrilhos e os lagedos gravados continuaram a ser empregados nos pavimentos dos edificios ogivaes na Europa Occidental e Septentrional.

Esses pavimentos eram ora de uma grande simplicidade, ora esplendidos. Poucas vezes o chão todo das egrejas estava coberto por bellos mosaicos; em geral não se adoptou este genero de decoração senão para a capella mór e para as capellas do corpo da egreja, porque nas naves, onde todas as pessoas são admittidas indistinctamente, o roçar do calçado em pouco tempo teria destruido o verniz do ladrilho ou o lagedo com gravuras.

Como já explicámos, o amarello e o verde-escuro são as côres preferidas no final do periodo roman, nos pavimentos de ladrilho do Norte e Oeste da Europa. No XIII seculo, substituiu-se muitas vezes a côr verde-escura, o encarnado e o avermelhado escuro, empregando-se o amarello para os embutidos. As côres carregadas e escuras deixaram de ser usadas nos pavimentos.

Os ladrilhos esmaltados são geralmente de pequenas dimensões, como havia no cruzeiro da egreja monumental do convento de Alcobaça, cujos ladrilhos estão agora *escondidos por baixo de sim-*

ples lagedo, na profundidade de $0^m,34$ *centimetros!*

Quando os desenhos dos ladrilhos ficam completos sobre um só ladrilho, ou se completam em quatro e mesmo em maior numero de ladrilhos reunidos, formam regularmente figuras geometricas, brazões, florões, animaes existentes ou phantasticos. Circulos, flores de liz, veados, aguias com duas cabeças, é o que mais frequentemente se vê.

No XIII e no XIV seculos, figuras de homens em pé foram algumas vezes representadas pela reunião de um certo numero de ladrilhos pintados. Estas effigies de personagens eram muitas vezes acompanhadas de letreiros, empregados nas campas de cantaria.

Durante o XIV e o XV seculos, os desenhos dos ladrilhos conservam quasi o mesmo caracter precedente, mas são menos vistosos e não teem o vigor das côres e o desenvolvimento que apresentavam os do XIII seculo. No XIV seculo, as ornamentações são muitas vezes substituidas por firmas, lettras, inscripções, escudos, e mesmo pequenas vistas. Pelo mesmo tempo apparecem os tons verdes e azues-claros.

Nos edificios de segunda e terceira ordem, e tambem em algumas egrejas abbaciaes, principalmente da Ordem de Cister, fazia-se uso, durante o periodo ogival, de pavimento composto de ladrilhos de differentes côres, sem nenhum ornato.

Em alguns sitios fabricavam-se tambem ladrilhos sem ser esmaltados, apresentando figuras em relevo. Estes ladrilhos são muito raros, porque não se podiam fazer senão com barro muito rijo, para que os relevos não ficassem em pouco tempo gastos.

Lages gravadas e com embutidos. Desde o XII seculo, empregaram-se algumas vezes, para cobrir o chão das egrejas, lages de pedra e de marmore gravadas e com embutidos. Os desenhos dos ornatos eram indicados em parte pelos espaços conservados da propria lage, ou por um betume colorido que enchia as cavidades deixadas pela gravura. As lages d'este genero não foram muito communs, e um limitado numero escapou da sua destruição! Um dos mais bellos e mais completos é o que ornava a capella mór da cathedral de *Saint-Omer* (França), e do qual bastantes fragmentos se têem conservado até ao presente. Os fundos dos arabescos são de côr castanho-escuro, assim como a inscripção; os traços do contorno das personagens e do cavallo são a encarnado, assim como está representado em gravura o nobre cavalheiro, no meio d'essa composição, que é do meiado do XIII seculo.

Labyrinthos. Na antiguidade pagã designavam-se com o nome de *labyrinthos*, as galerias subterraneas ou os edificios construidos em cima do solo, com ramificações em grande numero e complicadas. Todos sabem da existencia do labyrintho de Creta, onde, conforme a mythologia, o Minotauro foi morto por Theseo. Durante a edade média o nome de labyrintho foi dado a uma disposição particular que se vê no pavimento de algumas egrejas dos periodos Latino, Roman e Ogival. A disposição, divisão e côr das lages, formam, pelas suas combinações, linhas sinuosas com bastantes voltas, todas para um ponto central. Os Romanos e os Gregos representavam já, por vezes, labyrinthos nos pavimentos em mosaicos ou sobre as paredes de seus templos e de suas habitações. Os labyrinthos que existem desde os primeiros seculos nas egrejas christãs, por exemplo, na de S. João Vidal de Ravana (Italia), que é do VI seculo, acharam, sem nenhuma duvida, a sua origem nos labyrinthos dos edificios pagãos. A presença da figura de Theseo combatendo o Minotauro, que se vê no centro dos labyrinthos de alguns monumentos christãos, como em Pavia e em Luca, dão uma prova evidente d'esta affirmação, Os christãos introduzindo os labyrinthos nas egrejas, deram-lhes uma significação symbolica. Seria comtudo difficil, por não dizer impossivel, determinar de uma maneira irrefutavel o symbolismo dos labyrinthos nas antigas egrejas christãs.

Na edade média, parece ter-se reputado os labyrinthos como emblema da viagem á terra Santa, ou, segundo outras opiniões, o transito doloroso de Jesus Christo desde a casa de Pilatos até ao Calvario. Indulgencias eram concedidas ás pessoas que os percorressem de joelhos, recitando as orações prescriptas. Os labyrinthos n'esta época eram tambem disignados com o nome de *dedalo*, *meandro, caminhos de Jerusalem.*

A fórma dos labyrintos não é sempre a mesma, O de *Chartres* é circular; o de *Saint-Quentin*, octogono; taes eram tambem os de *Arrhas, Amiens* e *Reims.* Na egreja de *Saint-Bertin* em *Saint-Omer*, tinha a fórma quadrada. Muitas vezes havia, ao centro e aos angulos do labyrintho, pedras com inscripção lembrando algum facto relativo á construcção do edificio. Em *Amiens,* por exemplo, a pedra central representava os architectos da egreja e o bispo *Évrad*, seu fundador, com os nomes dos personagens e a época da construcção, gravados sobre laminas de cobre embabidas na parede.

Pinturas das paredes. Já descrevemos os caracteres da pintura mural na época roman. Esses caracteres e o systema do colorido modificam-se de uma maneira evidente seguindo o desenvolvimento da architectura ogival.

Se o leitor tiver presente na memoria o que

Boletim de Architectura e Archeologia

Esculptura em Alabastro da Idade-media

Estampa n. 94

Museu do Carmo

fizemos notar a respeito do estylo ogival, da sua decoração esculpida e do seu systema de construcção, comprehenderá facilmente que uma modificação notavel motivou tambem o colorido da decoração. Com effeito, nas construcções ogivaes os membros das paredes desapparecem, por assim dizer, e cedem o espaço para aberturas de janellas; os membros da architectura multiplicam-se e apresentam-se com grande evidencia; a vista examina sem custo a sua fórma e os seus fins, desde a base da columna até ao fecho da abobada que reune as nervuras da abobada. Além d'isso, as superficies das paredes, que não foi possivel supprimir, ficavam com esses espaços divididos.

(Continúa.) POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 94

Desejamos concluir a publicação do Tomo VI da 2.ª serie do *Boletim de Architectura e Archeologia* com a presente photographia representando um facto da paixão de Jesus Christo, esculptura de alto relevo em alabastro, que faz parte de exemplares raros pertencentes ao XII seculo, que estão expostos no Museu Archeologico da nossa Associação. Já no volume III n.º 5, publicámos outra photographia de egual estylo e do mesmo assumpto historico, que faz *pendant* á actual estampa. Ambas as esculpturas, producto da arte indiana, que se suppõe terem pertencido ao irmão de D. Vasco da Gama, fôram-me offerecidas pelo fallecido e meu chorado amigo Joaquim José Cecilia Koll.

A esculptura é do estylo Romã. Caracterisa-se pela maneira pouco correcta no desenho das figuras, mas muito notavel pela expressão do rosto que faz conhecer o verdadeiro sentimento da sua representação; merito que os esculptores do seculo XII, deixavam patentes em tantas obras d'essa época.

No tempo da formação do estylo Romã, a arte de esculptura estava quasi totalmente perdida. Os que primeiro tentaram manejar o cinzel esforçaram-se em reproduzir, melhor ou peior, as figuras humanas que precisavam executar; as producções d'estes artistas improvisados são imperfeitas, e grosseiras; porém prendem a attenção do observador pela maneira ingenua da sua execução.

No dominio das artes plasticas uma nova vida fez nascer uma florescente ornamentação nos edificios, porque o artista, lançando por assim dizer, pela primeira vez um olhar estudioso sobre a flora na qual a natureza prodiga tinha derramado encantadores thezouros aos seus pés, reconheceu todo o partido que a arte podia utilisar. Elle começa a traduzir, servindo-se do cinzel, as folhagens das arvores dos bosques, assim como das plantas dos campos e dos jardins; não copiando servilmente a verdade, mas interpretando-a com um superior talento, achando exemplares para uma decoração esculptural tão desconhecida antes d'elle, digna de ser imitada pelas gerações futuras.

As observações feitas sobre a esculptura ornamental podem applicar-se, de um certo modo, á estatuaria. Pela primeira vez, o cinzel do artista se libertou das peias da arte hieratica que durante seculos tinham dado a lei em Byzancio; portanto o esculptor se encontra cara a cara com a natureza, e foi ao homem, seu irmão creado como elle á imagem de Deus, a quem pediu os modelos, os typos de suas inspirações, pois no periodo Romã elle apenas os tinha entrevisto atravez as tradições byzantinas.

Foi pois d'essas incorrectas obras de inhabeis esculptores da época Romã, que nasceu o progresso da esculptura, sendo portanto as composições d'essa época mais apreciaveis, porque são exemplares archeologicos de summo interesse para a historia da esculptura na idade média.

POSSIDONIO DA SILVA.

NOTICIARIO

A descoberta de um monumento em Copan (Honduras), o qual tem a estatua de *Taï-kia*, um dos symbolos mais venerados pelos chinezes, faz suppor que a America teria sido primeiramente descoberta por alguns navegadores chinezes, que foram parar áquella costa mil annos antes de Christo e dois mil e quinhentos annos antes de Christovam Colombo ter aportado á ilha de S. Salvador, pertencente ao Mexico.

Outro facto recente de se ter achado uma moeda de ouro chineza n'umas escavações que se estão fazendo no Perú, que tem pelo menos tres mil annos de existencia, mais confirma serem os chinezes os primitivos descobridores d'essa região.

A estatua de Tai-ki, que é entre os chinezes a essencia, o deus por excellencia, e a moeda de ouro, são duas das provas que militam a favor d'esta hypothese.

Descobriram-se em Pompea dois cadaveres humanos assim como tambem se fez a descoberta d'um loureiro com ramos e seus fructos, cujos bagos amadurecem no fim do outomno, o que prova que a erupção do Vesuvio deu-se em novembro e não em agosto como indicava Plinio nos seus manuscriptos.

Nas escavações a que se está procedendo em Douklo (Doclea), dirigidas por um sabio russo, por ordem do principe Nicolau, descobriram-se uma enorme Basilica e varias inscripções.

Mr. Fartin apresentou ao Instituto de Paris, na secção das sciencias, um pequeno apparelho de extraordinario interesse que indicará com grande antecedencia quando haverá tempestades! Consiste n'um ponteiro de cobre suspenso por um fio sobre uma bobine de vidro na qual estão enrolados alguns kilometros de fio de ferro muito fino entalado entre duas folhas de estanho.

O apparelho está encerrado n'uma caixa de vidro, assente sobre supportes tambem de vidro, por fórma que o isolamento é completo.

O ponteiro é de extraordinaria mobilidade, executa movimentos diversos.

O sol gira sobre si proprio, como a terra gasta 25 dias n'aquelle movimento. As manchas do sol e os focos brilhantes, são produzidas pelos vulcões, os quaes lançam jactos de hydrogeneo incandescentes á altura de trinta mil leguas, que se assemelham a nuvens roseas como o coral.

Quando um vulcão se manifesta, determina um movimento na Terra e na athmosphera, a mancha e a perturbação que tal produz, gira com o sol o que indica a tempestade, e se o phenomeno não terminou, haverá nova tempestade ao fim de 27 dias.

O ponteiro com as suas oscillações pequenissimas e diarias annuncia as desegualdades do calor e da luz.

Com as suas oscillações miudas e continuas annuncia os nevoeiros.

Com as grandes oscillações, annuncia as tempestades.

Todas estas previsões se fazem com dois ou tres dias de antecedencia.

Pela descoberta de tão curioso apparelho, recebeu Mr. Fartin merecidos louvores da scientifica academia.

O Governo francez deliberou para serem conservados os monumentos que foram construidos para a exposição nacional de 1889, para cujo fim foi determinado uma verba de oito milhões de francos.

Para a primeira exposição italiana de architectura em Turim, o concurso dos expositores é tão consideravel que foi preciso fazer divisões nas salas do palacio para haver maior superficie para se exporem os desenhos, e augmentarem o numero de medalhas para premios.

O rei Humberto remetteu á commissão organisadora uma medalha de ouro para ser conferida ao melhor expositor.

O precioso museu de Mariette, no Cairo, foi transferido de Boulacq para Gizeh. O palacio do museu é precedido de um bellissimo jardim, estando no centro o tumulo do fundador, o archeologo, Mr. Mariette.

O palacio de Gizeh está situado sobre a margem occidental do Nilo, a pouca distancia da cidade.

No rez do chão foram installados os grande monumentos e outros de menores dimensões; no primeiro andar está installada uma sala religiosa, tres outras civis e industriaes, seguindo-se as salas de historia, de desenho da ceramica, e objectos de marfim e ouro. N'uma mesma sala os accessorios pertencentes ás mumias; e e em mais tres as memorias reaes, a secção de anthropologia a de numismatica.

Preparou-se uma nova sala no Louvitearа serem, expostos os projectos dos insignes architectos francezes fallecidos. Entre esses fazem-se notar: «A decoração da sala real do palacio de Aranjuez» por Charles Percier; Grandes composições architetonicas de Fontaine, «Roma durante os Imperadores e Roma durante o Pontificado de Pio VI»; «O tumulo de Napoleão I» por Henry Cabroust; «Composições para a Cathedral de Paris» por Viollet le Duc; «Aguarella do Castello de Versailles», por Augusto Magne; uma composição de Bernim «A columnada do Zonore» e de Pedro Baltar o «Projecto para o Pantheon», etc.

As escavações do centro da Morêa em Megalopolis pelos inglezes na Escola de Archeologia de Athenas, fizeram descobrir um grande altar, no desentulho de um theatro, do portico por detraz tablado; de casas antigas. O altar tem a fórma de um rectangulo. Estava situado ao nordeste do theatro e entre este e o rio. A importancia d'esta descoberta é de subido apreço, pois não se havia achado outro em grandes dimensões e tão bem conservado.

Na Sociedade de Archeologia de Bruxellas, em assembléa geral extraordinaria do mez de Julho, Mr. Charles Lucas, architecto francez, expôz quanto em França, desde 1830, os monumentos antigos são salvaguarda dos com dedicado zelo afim de se evitar que a *picareta* dos modernos vandalos ou o *martello de pedreiro* dos maiores restauradores dos bellos monumentos d'arte dos seculos passados. Uma lei especial foi votada em 1887, e já tem produzido excellentes resultados.

Quando em Portugal se realisará, não com *palavras*, mas com *providencias efficazes* esta tão necessaria e urgente protecção?

Propôz mais o intelligente artista impetrar se dos governos que os educadores da infancia tivessem o cuidado de lhe inculcar o respeito pelos monumentos. Era esta uma *reforma a fazer* nos programmas dos estudos, que se deveria adoptar para que a nova geração não continuasse a praticar o vandalismo, que infelizmente tanto tem prejudicado as reliquias da historia e archeologia.

Um novo emprego da cortiça, aproveitam-se as rolhas velhas, reduzindo-as a pó de variada grossura; o pó *mediano* serve para formar um *cimento plastico* que misturado em uma certa proporção com gesso, produz um *staff* inferior, bom para ser applicado na decoração exterior, e tambem para os tectos de grandes superficies, e tabiques.

Serve egualmente na *pintura a cortiça* empregada no interior dos navios.

Fazem com esta massa tijollos e ladrilhos de todas as dimensões, que são d'uma extraordinaria leveza, e tambem máus conductores do frio e do calor assim como tornam os sobrados e os tectos absolutamente *silenciosos*, quando postos entre o vigamento de madeira ou de ferro.

1890, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

INDICE DO SEXTO TOMO

DA

Segunda Serie do Boletim

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES